



Kate
MORTON
AMORES SECRETOS





AMORES SECRETOS

Kate Morton

Tradução de
ALICE ROCHA



A Selwa,
amiga, agente, campeã

Primeira Parte

LAUREL

Capítulo 1

Inglaterra rural, uma quinta perdida no meio de nenhures, num dia de Verão do início da década de 1960. A casa é modesta: estrutura de madeira, com a tinta a descascar ligeiramente no lado virado para poente e clematite a trepar pelo reboco. Pelos tubos da chaminé sai fumo e, só de olhar, percebe-se que há qualquer coisa saborosa a cozinhar no fogão por baixo dela. Algo do género dos vegetais da pequena horta, plantada com desvelo nas traseiras da casa; o brilho ténue e orgulhoso das janelas iluminadas; os remendos esmerados das telhas.

Uma vedação rústica circunda a casa e um portão de madeira separa o jardim do prado que fica do outro lado e para lá do qual se estende o bosque. Através das árvores entrelaçadas, um regato corre delicadamente sobre as pedras, esgueirando-se por entre a luz do sol e a sombra, como faz há séculos; mas o seu som não chega de parte alguma. Está demasiado distante. A casa encontra-se isolada, aninhada ao fundo de um caminho longo e poeirento, invisível da estrada rural cujo nome partilha.

Para além de uma ocasional brisa, tudo está sossegado, tudo está tranquilo. Há um par de *hula hoops* brancos, a moda do ano anterior, encostados à arcada de glicínias. Um ursinho de peluche com um olho vendado e um ar de tolerância solene está de sentinela no seu ponto de observação dentro de um cesto de molas em cima de um carrinho verde para a roupa lavada. Uma barrica cheia de vasos espera pacientemente junto ao telheiro.

Apesar da calma, ou talvez por causa dela, todo o ambiente tem um ar expectante, carregado, como um palco no momento em que os actores se preparam para entrar em cena. Quando todas as possibilidades se abrem diante de nós e as circunstâncias ainda não selaram o destino, e depois...

— Laurel! — A voz impaciente de uma criança, a uma certa distância. — Lau-rel, onde é que tu estás?

E é como se um feitiço se tivesse quebrado. As luzes da casa atenuam-se; a cortina levanta-se.

Um bando de galinhas aparece sabe-se lá de onde para debicar entre a tijoleira do carreiro, um gaio arrasta a sua sombra pelo jardim, um tractor começa a cirandar num campo próximo. E, sobranceira a tudo isto, estendida de costas no chão de uma casa de madeira empoleirada numa árvore, uma rapariga de dezasseis anos empurra contra o céu da boca o chupa-chupa de limão com que tem estado entretida e suspira.

*

Era uma maldade, considerava ela, deixá-las continuar a andar à sua procura, mas, com a onda de calor e o segredo que acalentava, a canseira das brincadeiras — brincadeiras infantis, ainda por cima — era de mais para ela. Além disso, tinha tudo que ver com o desafio e, como o pai não se cansava de repetir, era uma questão de justiça, e, se nunca tentassem, nunca haveriam de aprender. Não era culpa de Laurel se tinha mais jeito para desencantar esconderijos. As irmãs eram mais novas do que ela, lá isso era verdade, mas também já não eram nenhuma bebês.

Fosse como fosse, ela não estava particularmente interessada em que a encontrassem. Não hoje. Não agora. Tudo o que lhe apetecia era ficar ali estendida e deixar o fino algodão do seu vestido ondular contra as pernas despidas, enquanto imagens dele lhe inundavam a mente.

Billy.

Fechou os olhos, e, ao longo das pálpebras escurecidas, esboçava-se o nome dele em estilo cursivo. Néon, néon rosa-incandescente. Sentiu um formigueiro na pele e virou o chupachupa, deixando o orifício no centro ficar em equilíbrio na ponta da língua.

Billy Baxter.

A maneira como ele fixava o olhar nela por cima dos óculos escuros, o sorriso esguelha, o cabelo preto de *teddy boy*...

Fora uma questão de segundos, tal como ela sabia que seria o verdadeiro amor. Ia a descer do autocarro com Shirley, há cinco sábados atrás, e deparara com Billy e os amigos a fumar nos degraus do salão de baile. Os olhares de ambos tinham-se cruzado, e Laurel dera graças a Deus por ter decidido que o par de meias de *nylon* novo valia uma semana de salário.

— Anda, Laurel. — Agora era Iris, a voz mortiça de tanto calor que fazia. — Vê lá se jogas limpo, está bem?

Laurel fechou os olhos com mais força.

Tinham dançado todas as músicas juntos. A banda acelerara o ritmo do *skiffle*, o cabelo soltara-se-lhe do coque que ela copiara com todo o cuidado da capa da revista *Bunty*, doíam-lhe os pés, mas nem assim parara de dançar. Só se dera finalmente por vencida quando Shirley, ofendida por ter sido ignorada, se pusera a seu lado com ar de tia e a avisara de que o último autocarro para casa estava quase a partir, se é que Laurel estava interessada em chegar a horas decentes a casa (ela, Shirley, estava certa de que isso pouco ou nada lhe importava). E depois, enquanto Shirley batia o pé e Laurel se despedia afogueada, Billy agarrara-lhe na mão e puxara-a para junto dele, e algo no íntimo de Laurel percebera com uma clareza ofuscante que aquele momento, aquele momento lindo e divinal, estivera toda a vida à sua espera...

— Ah, faz como quiseres! — O tom de Iris era agora abrupto, zangado. — Mas depois, se já não houver bolo de anos, não me

venhas deitar as culpas para cima.

Já passava do meio-dia, e um feixe de calor penetrava pela janela da casa na árvore, encadeando o interior das pálpebras de Laurel num tom de *Coca-Cola*-acerejado. Sentou-se, mas não fez menção de abandonar o esconderijo. Era uma ameaça conveniente — a predilecção de Laurel pelo pão-de-ló Vitória da mãe era lendária —, mas inútil. Laurel sabia muito bem que a faca de cortar o bolo ficara em cima da mesa da cozinha, esquecida por entre o caos enquanto a família reunia as cestas do piquenique, as mantas, a limonada com gás, as toalhas de banho, o transístor novo, e saía de rompante de casa, rumo ao regato. Laurel sabia porque, quando voltara atrás sob o pretexto de jogar às escondidas e se esgueirara para dentro da casa fresca e escura a fim de ir buscar a encomenda, vira a faca ao lado da fruteira, com uma fita vermelha atada em volta do cabo.

A faca era uma tradição — cortara todos os bolos de anos, todos os bolos de Natal, todos os bolos para alguém que estivesse a precisar de ânimo e consolo na história da família Nicolson —, e a mãe era picuinhas no que dizia respeito à tradição. Por conseguinte, até alguém ficar encarregado de ir buscar a faca, Laurel sabia que estava livre. E porque não? Numa casa como a deles, onde os momentos de sossego eram mais raros do que os dentes das galinhas, onde havia sempre alguém a passar por uma porta e a bater com outra, desperdiçar a privacidade equivalia a um sacrilégio.

Hoje, em especial, precisava de tempo para si própria.

A encomenda destinada a Laurel chegara com o correio da quinta-feira anterior, e, num golpe de sorte, fora Rose quem recebera o carteiro, e não Iris ou Daphne ou — Deus a livrasse — a mãe. Laurel adivinhara logo de quem era. Sentira o rubor subir-lhe às faces, mas, sem saber bem como, conseguira tartamudear uma desculpa acerca de Shirley, uma banda e um disco que esta lhe emprestara. O esforço de evasão passou ao lado de Rose, cuja atenção, pouco fiável na melhor das hipóteses, já se deslocara para uma borboleta pousada num poste da vedação.

Mais tarde, ao serão, quando estavam todos amontoados diante do televisor a ver o programa musical *Juke Box Jury*, e Iris e Daphne se entretinham a comparar os méritos de Cliff Richard e Adam Faith e o pai se lastimava do falso sotaque americano deste último e, a um nível mais geral, do desperdício de todo o Império Britânico, Laurel afastara-se sorrateiramente. Trancara-se na casa de banho e deixara-se deslizar para o chão, as costas a fazer força contra a porta.

Com os dedos trémulos, rasgara uma das extremidades do embrulho.

Um pequeno livro envolvido em papel de seda caíra-lhe no colo. Lera o título através do papel — *A Festa de Anos*, de Harold Pinter — e sentira um frémito percorrer-lhe a coluna. Laurel não fora capaz de conter um guincho.

Desde então, dormia com o livro debaixo da almofada. Não seria a mais confortável das posições, mas gostava de o sentir por perto. *Precisava* de o sentir por perto. Era importante.

Havia momentos, Laurel estava realmente convencida disto, em que uma pessoa chegava a uma encruzilhada; em que algo acontecia, sem mais nem menos, vindo alterar o curso da sua vida. A estreia da peça de Pinter fora um desses momentos. Ela lera algo a seu respeito no jornal e sentira um impulso inexplicável para a ir ver. Dissera aos pais que ia visitar Shirley, obrigara Shirley a jurar que guardaria o maior dos segredos e em seguida apanhara o autocarro para Cambridge.

Fora a sua primeira viagem sozinha e, sentada no Arts Theatre às escuras, enquanto via a festa de anos de Stanley mergulhar num pesadelo, vivenciara uma elevação de espírito como nunca antes lhe fora dado sentir. Era o género de revelação de que as Meninas Buxton, de faces ruborizadas, pareciam desfrutar todos os domingos de manhã na igreja, e, apesar de Laurel suspeitar de que o entusiasmo delas tinha mais que ver com o jovem pároco recém-chegado do que com a palavra de Deus, sentada na beira do seu

lugar barato como se a alma do drama que decorria em palco lhe penetrasse o peito e lhe insuflasse a própria alma, sentira as faces ruborizarem e compreendera. O quê, não sabia ao certo, mas compreendera em absoluto; a vida era mais do que aquilo e esperava por ela.

Acalentara o segredo no seu íntimo, sem saber ao certo que destino lhe haveria de dar, sem fazer a mais pequena ideia de como haveria de o explicar a alguém, até que naquela noite, com o braço dele à sua volta e o rosto encostado com firmeza ao seu blusão de cabedal, confessara tudo a Billy...

Laurel retirou a carta dele de entre as páginas do livro para a ler uma vez mais. Era breve, dizia apenas que estaria à espera dela ao fundo do caminho, na sua motorizada, no sábado à tarde, às duas e meia — havia um sítio que lhe queria mostrar, o seu local preferido ao longo da costa.

Laurel lançou uma olhadela ao relógio de pulso. Faltavam menos de duas horas.

Billy assentira com a cabeça quando ela lhe falara acerca da representação d'*A Festa de Anos* e das emoções que lhe despertara; ele falara-lhe de Londres e do teatro e das bandas que vira em clubes nocturnos obscuros, e Laurel vislumbrara possibilidades brilhantes. Em seguida, ele beijara-a, o seu primeiro beijo a sério, e a lâmpada eléctrica dentro da sua cabeça explodira, inundando tudo de um branco-incandescente.

Chegou-se para junto do pequeno espelho de mão do estojo de maquilhagem que Daphne lá deixara pousado e mirou-se, comparando os riscos pretos que desenhara com todo o cuidado nos cantos de cada olho. Satisfeita ao ver que condiziam, alisou a franja e tentou apaziguar a sensação incomodativa e nauseante de que se esquecera de qualquer coisa importante. Lembrara-se da toalha de praia; já levava o fato-de-banho por baixo do vestido; dissera aos pais que a Sr.^a Hodgkins precisava de que ela fizesse umas horas extraordinárias no salão de beleza, a varrer e a limpar.

Laurel virou o espelho e pôs-se a roer uma falha numa das unhas. Não era do seu feitio andar a escapulir-se, de forma alguma; era uma boa rapariga, toda a gente dizia isso — os professores, as mães dos amigos, a Sr.^a Hodgkins —, mas que alternativa lhe restava? Como haveria de explicar uma coisa daquelas à mãe ou ao pai?

Tinha quase a certeza de que os pais nunca se tinham amado; independentemente das histórias que lhes aprouvesse contar acerca de como se tinham conhecido. Oh, eles tinham amor que chegasse um pelo outro, mas era o amor seguro da velhice, do género que se expressava apenas quando os ombros de ambos se tocavam e nas infindas chávenas de chá. Não — Laurel soltou um suspiro acalorado. Podia afirmar com segurança que nenhum dos dois alguma vez tinha sentido outro tipo de amor, o tipo que chega com fogo-de-artifício, corações assolapados e desejos — corou — físicos.

Uma rajada de vento quente trouxe consigo o som distante do riso da mãe e a percepção, embora vaga, de que se achava perante um abismo na sua vida fez despertar o afecto de Laurel. Querida mãe. Que culpa tinha ela de a sua juventude ter sido desperdiçada na guerra? De ter perto de vinte e cinco anos quando conhecera e se casara com o pai? Que ainda desencantava os seus dotes para fazer barcos de papel quando algum deles precisava de ânimo? Que o ponto alto do seu Verão fora ganhar o prémio do Clube de Jardinagem da aldeia e ter a sua fotografia no jornal? (E não apenas no jornal da localidade — o artigo fora vendido à imprensa londrina, no âmbito de um grande especial acerca de acontecimentos regionais. O pai de Shirley, que era advogado, fizera questão de o recortar do seu jornal e de o levar lá a casa para lho mostrar.) A mãe fingira embaraço e protestara quando o pai afixara o recorte no frigorífico novo, embora com fraca convicção, e o deixara lá ficar. Não, ela estava orgulhosa dos seus feijoeiros anormalmente altos, muito orgulhosa mesmo, e era precisamente a esse género de

coisas que Laurel se referia. Cuspiu uma fina lasca de unha. De uma forma difícil de explicar, parecia-lhe menos cruel enganar uma pessoa que estava orgulhosa dos seus feijoeiros do que obrigá-la a reconhecer que o mundo tinha mudado.

Laurel não tinha grande experiência em enganar os pais. Eram uma família unida — todos os amigos dela salientavam isso. À sua frente e, ela sabia, nas suas costas. Quanto aos estranhos, os Nicolson tinham cometido o pecado profundamente suspeito de demonstrar genuíno afecto uns pelos outros. Ultimamente, porém, as coisas estavam a mudar. Embora Laurel fizesse a sua vida de sempre, fora-se apercebendo de um estranho distanciamento da família. Franziu ligeiramente o sobrolho à medida que a brisa estival lhe atirava madeixas de cabelo para a cara. À noite, quando se sentavam em volta da mesa de jantar, e o pai dizia as suas piadas patetas, sem graça nenhuma, e eles se riam de qualquer maneira, sentia-se como se estivesse a assistir de fora; como se os outros estivessem na carruagem de um comboio a partilhar dos mesmos ritmos familiares de sempre e ela se achasse sozinha na estação a vê-los partir.

Com a diferença de que era ela que os estava a deixar, e não tardaria muito. Já fizera as suas indagações: a Central School of Speech and Drama era o sítio para onde precisava de ir. O que haveriam os pais de dizer quando os informasse de que queria sair de casa?, perguntava-se. Nenhum dos dois era particularmente mundano — a mãe nem sequer ia Londres desde que Laurel nascera — e a mera sugestão de que a filha mais velha estava a considerar mudar-se para lá, ainda por cima para abraçar uma existência duvidosa no teatro, era bem capaz de os deixar à beira de um ataque de nervos.

Lá em baixo, a roupa molhada era sacudida com indiferença no estendal. Uma perna das calças de ganga que a avó Nicolson tanto abominava («Ficas com um ar ordinário, Laurel, não há nada pior do que uma rapariga que anda por aí a exhibir-se») esvoaçou e bateu

contra a outra, assustando a galinha de uma asa só, que se pôs a cacarejar e a andar às voltas. Laurel empoleirou no nariz os seus óculos de sol de armação branca e deixou-se cair contra a parede da casa da árvore.

O problema era a guerra. Acabara havia dezasseis anos — a sua vida inteira — e o mundo seguira em frente. Agora tudo era diferente; as máscaras antigás, as fardas, as senhas de racionamento e tudo o mais existiam apenas no grande e velho malão de lona que o pai guardava no sótão. Infelizmente, porém, algumas pessoas pareciam não ter noção disso; a saber, toda a população acima dos vinte e cinco anos.

Billy avisou-a de que ela nunca haveria de encontrar palavras capazes de os fazer compreender. Disse-lhe que se chamava «fosso entre gerações» e que tentar explicar as suas razões aos pais era inútil; que era tal e qual como no livro de Alan Sillitoe, andava sempre com ele no bolso: não era suposto que os adultos compreendessem os filhos e, se o fizessem, era porque tinham algum problema.

Uma veia habitual em Laurel — a de menina bem-comportada, leal aos pais — preparara-se de imediato para discordar dele, mas ela não. Ao invés, os seus pensamentos tinham-se dirigido para os últimos serões, quando conseguira esgueirar-se de junto das irmãs, quando saíra para o crepúsculo ameno, o rádio transístor enfiado dentro da blusa e, com o coração acelerado, trepara até à casa da árvore. Lá em cima, sozinha, apressava-se a sintonizá-lo na Radio Luxembourg e a deitar-se no escuro, deixando que a música a rodeasse. E, à medida que esta inundava o silêncio do ar campestre, cobrindo a paisagem antiga com as canções mais recentes, Laurel sentia um formigueiro na pele provocado pela sublime intoxicação de saber que era parte de algo mais vasto: uma conspiração mundial, um grupo secreto. Uma nova geração de pessoas, todas a ouvir aquele mesmo posto naquele preciso momento, que compreendiam que a vida, o mundo e o futuro

estavam lá fora à sua espera...

Laurel abriu os olhos e a recordação esvaiu-se. O seu calor, porém, manteve-se e, com uma espreguiçadela de satisfação, ela acompanhou a rota de uma gralha que se arrojava através de um pasto de nuvens. Voa, passarinho, voa. Assim faria ela, logo que acabasse a escola. Continuou a observá-la, permitindo-se pestanejar apenas quando o pássaro era uma picadela de alfinete no azul distante, dizendo para consigo que, se conseguisse alcançar aquela proeza, os pais seriam obrigados a ver as coisas do seu modo e o futuro acabaria por se desenrolar com naturalidade.

Os olhos inundaram-se-lhe de lágrimas triunfantes e Laurel deixou o olhar dirigir-se novamente para a casa; a janela do seu quarto, a margarida-de-são-miguel que ela e a mãe tinham plantado sobre o pobre corpo morto do gato *Senhor Polícia*, a fenda nos tijolos onde, embaraçosamente, costumava deixar recados às fadas.

Tinha vagas recordações de uma época anterior, de ser ainda muito pequena, andar a apanhar caramujos numa poça à beira-mar, de todas as noites jantar na sala virada para a rua da pousada que a avó tinha no litoral, mas eram como um sonho. A quinta era a única casa que algum dia conhecera. E, embora não quisesse uma poltrona a condizer para si própria, todas as noites gostava de ver os pais nas respectivas; saber, à medida que adormecia, que eles estavam a murmurar um com o outro do outro lado da parede fina; que lhe bastava esticar um braço para incomodar uma das irmãs.

Iria sentir-lhes a falta quando se fosse embora.

Laurel pestanejou. Iria sentir-lhes a falta. A certeza foi rápida e pesada. Assentou-lhe como uma pedra no estômago. Elas pediam-lhe roupa emprestada, partiam-lhe os batons, riscavam-lhe os discos, mas iria sentir-lhes a falta. O barulho e o calor das irmãs, o movimento, as brigas e a alegria avassaladora. Eram como uma ninhada de cachorros, aos trambolhões pelo quarto que partilhavam. Eram as miúdas Nicolson, Laurel, Rose, Iris e Daphne; um jardim de filhas, como o pai declamava quando tomava uma cerveja para lá da

conta. Terrores ímpios, como a avó proclamava depois das visitas das férias.

Ouvia-lhes agora os gritos e guinchos ao longe, os sons distantes e aguados do Verão à beira do regato. Sentiu um aperto dentro dela como se alguém tivesse puxado por uma corda. Parecia que estava a vê-las, como um quadro vivo de uma pintura muito antiga. As saias entaladas dos lados das calcinhas, a correr atrás umas das outras pelos bancos de areia; Rose procurava refúgio nas rochas, os tornozelos finos a baloiçar na água enquanto fazia desenhos com um pau molhado; Iris encharcada e furiosa por isso mesmo; Daphne, com os seus caracóis de saca-rolhas, dobrada pela barriga de tanto rir.

A manta de piquenique axadrezada estaria bem estendida na margem relvada, e a mãe haveria de estar por perto, com água pelos joelhos, na curva onde a correnteza era mais rápida, a pôr o seu último barco a navegar. O pai estaria a observar à parte, as calças arregaçadas e um cigarro a pender-lhe dos lábios. Na cara — Laurel estava mesmo a imaginá-lo — teria a sua habitual expressão de leve surpresa, como se ainda lhe custasse acreditar que a vida o tivesse levado logo para aquele sítio, logo para aquela época.

A chapinhar aos pés do pai, a guinchar e a rir enquanto as mãozinhas rechonchudas tentavam agarrar o barco da mamã, estaria o bebé. A luz da vida de toda a família...

O bebé. Ele tinha um nome, claro, era Gerald, mas nunca ninguém lhe chamava assim. Era um nome de adulto, e ele ainda era tão bebé. Fazia dois anos naquele dia, mas ainda tinha a cara redonda e cheia de covinhas, os olhos cintilantes de travessuras, e umas pernas brancas deliciosamente gorduchas. Havia ocasiões em que Laurel tinha de se conter para não lhas beliscar com força. Todas se debatiam por ser a preferida dele e todas reclamavam vitória, mas Laurel sabia que a cara do irmão se iluminava mais ao olhar para ela.

Era, então, inconcebível que ela perdesse um segundo que fosse

da sua festa de anos. Qual seria a ideia dela, tanto tempo escondida na casa da árvore, sobretudo quando mais tarde tencionava sair sorrateiramente para ir ter com Billy?

Laurel franziu o sobrolho e resistiu a uma onda quente de recriminações que depressa acalmou até se transformar em determinação. Iria redimir-se: desceria da árvore, iria buscar a faca do bolo de anos à mesa da cozinha e levá-la-ia imediatamente para a beira da água. Seria uma filha exemplar, a irmã mais velha perfeita. Se concluísse a tarefa antes de passarem dez minutos no seu relógio de pulso, acumularia pontos de bónus na folha de registo imaginária de que se fazia sempre acompanhar. A brisa soprou-lhe quente contra o pé descalço e bronzeado à medida que pisava apressadamente o último degrau.

*

Mais tarde, Laurel haveria de se perguntar se o resultado teria sido diferente, caso ela tivesse andado um pouco mais devagar. Se, eventualmente, aquele acontecimento trágico se poderia ter evitado se tivesse sido mais cuidadosa. Mas não foi, e a tragédia deu-se. Estava com pressa e, por conseguinte, haveria sempre de sentir um certo peso na consciência pelo que se seguiu. Na altura, porém, não se conseguira conter. Com a mesma intensidade que anteriormente ansiara por estar sozinha, agora a necessidade de se ver no centro dos acontecimentos pressionava-a com uma urgência de cortar o fôlego.

Ultimamente, as coisas andavam a correr-lhe muito assim. Era como o cata-vento no alto do telhado de Greenacres, as emoções a mudarem repentinamente de direcção ao sabor dos caprichos do vento. Era estranho e por vezes assustador, mas também tinha o seu quê de empolgante. Tal como fazer um passeio de automóvel à beira-mar.

Naquele caso, era também prejudicial. Pois, com a sua pressa

desesperada para se reunir ao grupo à beira-rio, raspou o joelho no chão de madeira da casa da árvore. O arranhão ardeu-lhe e Laurel contraiu-se, lançando-lhe uma olhadela e vendo aparecer sangue fresco, surpreendentemente vermelho. Em lugar de continuar a descida, voltou a trepar para a casa da árvore a fim de inspeccionar a ferida.

Estava ainda sentada a ver o joelho a sangrar, a perguntar-se se Billy iria reparar no lenho grande e feio, como haveria de fazer para o disfarçar, quando deu conta de um barulho vindo do bosque. Um restolhar, natural e, não obstante, suficientemente distinto dos outros sons da tarde para despertar a sua atenção. Laurel espreitou pela janela da casa da árvore e viu *Barnabé* a avançar pachorrentamente por entre a erva alta, as orelhas a adejar como asas de veludo. A mãe vinha um pouco mais atrás, a atravessar o prado em direcção ao jardim, com o seu vestido de Verão de fabrico caseiro. Trazia o bebé confortavelmente instalado na anca, as pernas despidas debaixo dos calções em deferência para com o calor do dia.

Apesar de ainda virem a uma certa distância, por algum estranho capricho do vento, Laurel ouvia nitidamente a melodia que a mãe estava a cantar. Era uma canção que cantara a todos os filhos à vez, e o bebé ria-se de satisfação, a gritar: «Mais! Mais!» (embora soasse «Ma! Ma!»), enquanto a mãe lhe trepava com os dedos pela barriga para lhe fazer cócegas no queixo. A concentração de ambos era tão absoluta, a sua imagem juntos no prado banhado de sol, tão idílica, que Laurel se sentiu dividida entre a alegria de observar a interacção íntima e a inveja de não participar dela.

Enquanto a mãe abria o portão e se encaminhava para casa, Laurel apercebeu-se, com desânimo crescente, de que ia buscar a faca dos bolos.

A cada passo que a mãe avançava, a oportunidade de redenção de Laurel retrocedia. Ficou amuada, e esse facto impediu-a de chamar pela mãe ou de descer da árvore, arreigando-a, ao invés, ao

chão da casa da árvore. E ali ficou sentada a ferver em lume brando e ameaçador de uma forma estranhamente agradável, à medida que a mãe chegava a casa e transpunha a porta.

Um dos *hula hoops* caiu silenciosamente ao chão, e Laurel viu na queda um sinal de solidariedade. Decidiu deixar-se estar onde estava. Eles que sentissem a falta dela outro bom bocado; só iria para a beira-río quando muito bem lhe apetecesse. Entretanto, iria ler *A Festa de Anos* outra vez e imaginar um futuro longe dali, uma vida em que era bonita e sofisticada, adulta e sem mazelas.

*

O homem, quando apareceu, pouco mais era que uma mancha indistinta no horizonte, mesmo ao fundo do caminho. Laurel nunca soube dizer ao certo, mais tarde, o que a levou a olhar para ele. Por um instante terrível, quando reparou que ele se dirigia às traseiras da casa da quinta, Laurel julgou que se tratava de Billy, que chegara mais cedo e a viera buscar. Só quando a sua silhueta ganhou nitidez e ela constatou que a roupa que trazia não condizia nada com o estilo de Billy — calças escuras, em mangas de camisa e com um chapéu preto com uma aba fora de moda — é que se permitiu respirar de alívio.

O alívio não tardou a ceder lugar à curiosidade. As visitas eram raras na quinta, a pé, então, mais raras ainda, embora, à medida que via o homem aproximar-se, Laurel tivesse noção de uma vaga lembrança, uma estranha sensação de *déjà-vu* que, por mais que tentasse, não conseguia identificar. Laurel esqueceu-se de que estava amuada e, gozando do luxo do esconderijo, rendeu-se à observação.

Apoiou os cotovelos no parapeito, o queixo nas mãos. Não era mal-apeçoado para um homem de idade, e havia algo na sua postura que sugeria confiança de propósitos. Ali estava um homem que dispensava pressas. Não era seguramente alguém que ela

reconhecesse, um dos amigos do pai da aldeia ou um dos agricultores. Havia sempre a possibilidade de se tratar de um viajante perdido à procura de indicações, mas a quinta era uma opção improvável, escondida como estava e tão distante da estrada. Talvez fosse um cigano ou um vagabundo? Um daqueles indivíduos que aparecia ocasionalmente por ali, em maré de azar ou grato por qualquer trabalho que o pai tivesse para lhe dar. Ou — Laurel deleitou-se com esta ideia terrível — talvez fosse o homem acerca de quem tinha lido no jornal da região, aquele a que os adultos se referiam, num estado de tensão nervosa, que andava a intrometer-se nos piqueniques e a assustar as mulheres que percorriam sozinhas a curva escondida a jusante.

Laurel estremeceu, tomada por um receio momentâneo, e em seguida bocejou. O homem não era um malfeitor; via-lhe agora a pasta de cabedal. Era um vendedor que iria divulgar junto da mãe a mais recente enciclopédia em volumes, sem a qual não poderiam passar.

E, assim, desviou o olhar.

*

Passaram uns minutos, não muitos, e o barulho seguinte que ouviu foi *Barnabé* a rosnar baixinho aos pés da árvore. Laurel gatinhou até à janela, espreitou pelo parapeito e viu o *cocker spaniel* em posição de sentido no meio do acesso de tijoleira. Estava voltado para a estrada, atento ao homem, agora muito mais próximo, que tentava forçar o portão de ferro que dava acesso ao jardim.

— Está calado, *Barnabé*! — gritou-lhe a mãe de dentro de casa. — Nós não nos demoramos. — Saiu do corredor escuro, detendo-se junto à porta aberta para sussurrar qualquer coisa ao ouvido do bebé, beijar-lhe a bochecha rechonchuda e fazê-lo rir.

Nas traseiras da casa, o portão próximo da capoeira rangeu (a

dobradiça estava constantemente a precisar de óleo), e o cão tornou a rosar. O pêlo eriçou-se-lhe ao longo da crista do lombo.

— Já chega, *Barnabé!* — insistiu a mãe. — O que foi que te deu?

O homem contornou a esquina e ela lançou-lhe uma olhadela de viés. O sorriso esvaiu-se-lhe do rosto.

— Ora então, boa tarde — disse o desconhecido, parando para levar o lenço de assoar a cada têtpora. — Mas que belo dia que temos hoje.

O rosto do bebé rasgou-se num sorriso, deleitado com o recém-chegado, e ele estendeu as mãos rechonchudas, abrindo-as e fechando-as num gesto estusiástico de saudação. Era um convite que ninguém seria capaz de recusar, e o homem voltou a guardar o lenço de assoar no bolso e acercou-se dele, erguendo ligeiramente uma mão, como se quisesse ungir a criança.

A mãe agiu então com uma precipitação alarmante. Afastou o bebé o mais depressa que pôde, pousando-o bruscamente no chão atrás dela. Havia gravilha por baixo das suas pernas despidas e, para uma criança que não conhecia senão amor e ternura, o choque foi de mais. Aturdido, desatou a chorar.

Laurel sentiu um aperto no coração, mas estava petrificada, incapaz de se mexer. Os cabelos eriçaram-se-lhe na nuca. Estava atenta ao rosto da mãe, com uma expressão que nunca antes lhe vira. Medo, constatou ela. A mãe estava com medo.

O efeito em Laurel foi instantâneo. As certezas de uma vida inteira desfizeram-se em fumo e foram levadas pelo vento. O pânico gélido avançou para ocupar o seu lugar.

— Ora viva, Dorothy — cumprimentou-a o homem. — Há quanto tempo.

Sabia o nome da mãe. Afinal, o homem não era um estranho.

Ele tornou a falar, demasiado baixo para que Laurel o conseguisse ouvir, e a mãe assentiu ao de leve com a cabeça. Continuou a ouvir o que ele dizia, inclinando a cabeça de lado. O seu rosto virou-se para o Sol e os seus olhos fecharam-se por um

mero instante.

O segundo acontecimento deu-se repentinamente.

Foi o clarão líquido prateado que Laurel haveria de guardar para sempre na memória. A forma como o sol incidiu na lâmina de metal, um momento de uma beleza perfeitamente efêmera.

Então, a faca precipitou-se, a faca especial, cravando-se fundo no peito do homem. O tempo abrandou; depois acelerou. O homem soltou um grito e o rosto contraiu-se-lhe de surpresa, sofrimento e horror; e Laurel ficou a vê-lo levar as mãos ao cabo de osso da faca, onde o sangue lhe empapava a camisa; a tombar no chão; a brisa amena a levar-lhe o chapéu e a fazê-lo rebolar pela poeira.

O cão ladrava com fúria, o bebé gemia na gravilha, a cara corada e reluzente, o seu coraçãozinho desgostoso, mas, para Laurel, estes sons estavam a esmorecer. Ouviu-os por entre o galope aquoso do seu próprio sangue a correr pelas veias, o ruído áspero da sua própria respiração entrecortada.

O laço da faca desfizera-se, a ponta da fita foi arrastada para as pedras que bordejavam o canteiro das flores. Foi a última coisa que Laurel viu antes de a vista se lhe encher de estrelinhas cintilantes e de tudo ficar turvo.

Capítulo 2

Suffolk, 2011

Chovia em Suffolk. Nas suas recordações de infância nunca chovia. O hospital ficava no outro lado da cidade e o automóvel avançou devagar pela High Street, cheia de poças de água, antes de virar para o acesso e parar ao cimo da pequena rotunda. Laurel puxou da caixa da base, abriu-a para se ver ao espelho e puxou a pele de uma das faces para cima, observando calmamente as rugas a formarem-se e depois a desaparecerem à medida que a soltava. Fez o mesmo do outro lado. As pessoas adoravam as suas rugas. Pelo menos, era o que a agente lhe dizia, os directores de *casting* lhe entoavam em tom sentimental, as maquilhadoras lhe sussurravam enquanto brandiam os seus pincéis e a sua juventude desconcertante. Um daqueles jornais *on-line* lançara um concurso havia uns meses, convidando os leitores a votar no «Rosto Preferido do País», e Laurel ficara em segundo lugar. As suas rugas, constava, transmitiam segurança às pessoas.

Uma coisa que, para os outros, era fácil de dizer. Quanto a Laurel, faziam-na sentir-se velha.

Ela *era* velha, pensou, fechando a tampa da caixa com força. E não no sentido da Sr.^a Robinson. Fazia agora vinte e cinco anos que participara no elenco d'*A Primeira Noite*, no National Theatre. Como fora que aquilo acontecera? Alguém deveria tê-la apanhado distraída e ter acelerado o malvado do relógio, só podia ser isso.

O motorista abriu a porta e acompanhou-a, abrigando-a sob um

grande chapéu-de-chuva preto.

— Obrigada, Mark — agradeceu-lhe Laurel quando chegaram ao toldo. — Já tem a morada onde me deve ir buscar na sexta-feira?

Ele pousou a pequena mala de viagem e sacudiu o chapéu-de-chuva.

— A quinta do outro lado da povoação, pela estrada estreita, no caminho mesmo ao fundo. Sempre fica combinado para as duas horas?

Laurel respondeu-lhe que sim e ele assentiu com a cabeça, correndo debaixo de chuva até à porta do condutor. O automóvel arrancou e ela ficou a vê-lo partir, ansiando subitamente pelo aconchego e pela sonolência agradável de uma longa viagem para nenhum sítio em particular ao longo da auto-estrada molhada. Por ir para qualquer sítio, na verdade, que não aquele.

Laurel levou a mão à porta mas não entrou. Ao invés, puxou dos cigarros e acendeu um, dando uma passa com mais prazer do que a decência recomendava. Passara uma noite péssima. Sonhara de forma intermitente com a mãe e aquele sítio e as irmãs, quando eram pequenas, e Gerry, em rapaz. Um rapaz baixo e sério, com uma nave espacial de estanho na mão, um brinquedo feito por ele, a dizer-lhe que um dia haveria de inventar uma cápsula do tempo e usá-la para voltar atrás e pôr as coisas nos eixos. Que espécie de coisas?, perguntara-lhe ela no sonho. Ora, todas as coisas que lhes tinham corrido mal na vida, claro — ela poderia ir com ele, se quisesse.

Laurel queria.

As portas do hospital abriram-se com uma rajada de vento e duas enfermeiras saíram de rompante. Uma delas olhou para Laurel de relance e os olhares de ambas dilataram-se em sinal de reconhecimento. Laurel assentiu com a cabeça à laia de vaga saudação, deixando cair o que restava do cigarro à medida que a enfermeira se inclinava para a amiga a fim de lhe segredar qualquer coisa.

*

Rose estava sentada num banco corrido no átrio e, por uma fracção de segundos, Laurel olhou para ela como quem olha para um estranho. A irmã estava embrulhada num xaile de croché roxo que apertava à frente com um laço cor-de-rosa. Tinha cabelo rebelde, agora grisalho, preso numa trança lassa que lhe caía para um dos ombros. Laurel sentiu uma pontada de afecto quase insuportável quando reparou no atilho de plástico que segurava a trança.

— Rosie — disse ela, escondendo a emoção atrás de uma alegria forçada, forte e robusta, que lhe causou uma leve aversão a si própria. — Santo Deus, parece que foi há séculos! Temos andado desencontradas.

Abraçaram-se, Laurel estranhou o aroma a alfazema, familiar mas deslocado. Associava-o a férias de Verão e tardes no melhor quarto da pousada Mar Azul da avó Nicolson, não à irmã mais nova.

— Ainda bem que conseguiste vir — disse-lhe Rosie, apertando as mãos de Laurel e conduzindo-a pelo corredor fora.

— Não perdia este momento por nada desde mundo.

— Não tenho a mais pequena dúvida disso.

— Se não fosse a entrevista, teria vindo mais cedo.

— Eu sei.

— E se não fossem os ensaios, demorar-me-ia mais tempo. A rodagem do filme começa daqui a duas semanas.

— Eu sei. — Rose apertou a mão de Laurel com mais força ainda, como a servir de ênfase. — A mamã vai ficar encantada por te ter aqui, por pouco tempo que seja. Ela tem tanto orgulho em ti, Lol. Todas nós, aliás.

Os elogios vindos da família causavam-lhe incómodo e Laurel fez por ignorá-los.

— E os outros?

— Ainda não chegaram. A Iris está presa no trânsito e a Daphne

chega esta tarde. Segue directamente do aeroporto para casa. Diz que telefona pelo caminho.

— E o Gerry? A que horas ficou de vir?

Era uma piada, e até Rose, a irmã Nicolson boazinha, a única que por norma não alinhava em brincadeiras, não conseguiu conter uma leve gargalhada. O irmão era capaz de elaborar calendários de distâncias cósmicas para calcular a localização de galáxias longínquas, mas bastava perguntarem-lhe a que horas pensava chegar para o deixarem desnortado.

Contornaram a esquina e deram com uma porta que tinha uma placa a dizer *Dorothy Nicolson*. Rose levou a mão ao puxador, mas logo de seguida hesitou.

— Tenho de te prevenir, Lol — disse ela —, a mamã tem piorado muito desde a última vez que cá estiveste. Tem altos e baixos. Tanto é capaz de estar a mesma pessoa de sempre como, de um momento para o outro... — Os lábios de Rose tremeram enquanto apertava o seu colar comprido de contas. — Fica confusa, Lol, perturbada, às vezes, põe-se a falar no passado, coisas que eu nem sempre compreendo... As enfermeiras dizem que isso não tem importância, que é frequente isso acontecer às pessoas... quando se encontram no estado da mamã. As enfermeiras têm uns comprimidos que lhe dão nessas ocasiões; eles acalmam-na, mas deixam-na terrivelmente atordoada. Eu não esperaria muito dela, hoje.

Laurel assentiu com a cabeça. O médico dissera-lhe o mesmo quando lhe telefonara na semana anterior para saber da mãe. Ele empregara uma litania de eufemismos enfadonhos — «uma vida bem vivida, tempo de atender a derradeira convocatória, o longo sono» — num tom tão enjoativo que Laurel não se conseguira conter. «O doutor quer dizer que a minha mãe está a morrer, é isso?» Fez esta pergunta com voz altiva, pela mera satisfação de o ouvir gaguejar. A recompensa fora doce, mas de curta duração, apenas até à chegada da resposta.

Sim.

A mais insidiosa das palavras.

Rose empurrou a porta:

— Olhe quem eu aqui trago, mamã! — E Laurel reparou que estava a sustentar a respiração.

*

Houvera um período na infância de Laurel em que ela tivera medo. Do escuro, dos *zombies*, dos desconhecidos que, a acreditar na avó Nicolson, se escondiam nas esquinas à espera de agarrar as meninas e fazer-lhes coisas inenarráveis. (Que coisas? Coisas inenarráveis. Sempre assim, a ameaça ainda mais assustadora pela ausência de pormenores, a vaga insinuação a tabaco, suor e pêlos em sítios estranhos.) Tão convincente fora a avó que Laurel compreendera que seria apenas uma questão de tempo até o destino vir ao seu encontro e cumprir a sua sentença cruel.

Por vezes, os seus maiores medos reuniam forças e acordavam-na a meio da noite, aos gritos, porque o *zombie* no armário escuro a estava a espreitar pelo buraco da fechadura, à espera de poder dar início aos seus actos maléficos.

«Sossega, meu anjinho», tranquilizara-a a mãe. «Foi só um pesadelo, tens de aprender a ver a diferença entre o que é real e o que é imaginário. Nem sempre é fácil... Eu levei imenso tempo até lá chegar. Demasiado, até.» E então deitara-se ao lado de Laurel e acrescentara: «Queres que te conte uma história acerca de uma menina que fugiu de casa para se juntar ao circo?»

Custava a acreditar que a mulher cuja presença imponente todas as noites vencia o pânico nocturno era a mesma criatura pálida imobilizada debaixo do lençol do hospital. Laurel julgara estar preparada. Já houvera amigos seus que tinham morrido, sabia como era a morte quando chegava, recebera um prémio BAFTA^[1] pela sua representação de uma mulher com um cancro em fase terminal.

Mas agora era diferente. Era a mãe. Só lhe apetecia dar meia-volta e fugir dali.

Mas não fugiu. Rose, que estava de pé junto à estante, assentiu-lhe com a cabeça à laia de encorajamento, e Laurel assumiu o papel da filha atenciosa de visita à mãe. Precipitou-se para ela e pegou-lhe na mão frágil.

— Ora viva — disse ela. — Ora viva, minha querida.

Dorothy pestanejou e tornou a fechar os olhos. O ritmo suave da sua respiração não se alterou quando Laurel lhe deu um beijo ao de leve em cada face, sentindo-lhe a pele fina como papel.

— Trouxe-lhe um presente. Não consegui resistir e esperar por amanhã. — Pousou as suas coisas, retirando o pequeno embrulho da carteira. Fazendo uma breve pausa como ditava a etiqueta, começou a desembulhar o presente. — Uma escova de cabelo — declarou ela, revirando o objecto prateado entre os dedos. — Tem umas cerdas muito macias... de javali, creio eu; fui desencantá-la num antiquário de Knightsbridge. Mande gravar o seu nome, está a ver, aqui... as suas iniciais. Posso escovar-lhe o cabelo?

Não estava à espera de resposta, não propriamente, e também não a obteve. Laurel fez deslizar delicadamente a escova pelos finos cabelos brancos que formavam uma coroa em volta do rosto da mãe, um cabelo que outrora fora castanho-escuro e farto e que agora estava a esfumar-se em nada.

— Pronto — disse ela, pousando a escova na estante, fazendo a luz incidir no dê floreado. — Pronto, já está.

Rose deveria ter ficado satisfeita, porque lhe entregou o álbum que tirara da estante e anunciou que ia até ao fundo do corredor a fim de preparar o chá de ambas.

Havia papéis nas famílias; aquele era o de Rose, este era o seu. Laurel instalou-se numa cadeira com aspecto terapêutico à cabeceira da mãe e, com todo o cuidado, abriu o livro antigo. A primeira fotografia era a preto e branco, agora amarelecida e com uma colónia de manchas castanhas a propagar-se insidiosamente

pela superfície. Por baixo da descoloração, uma mulher jovem com um lenço a prender-lhe o cabelo fora apanhada para todo o sempre num momento de perturbação. Desviando o olhar do que quer que estava a fazer, erguia uma mão com se enxotasse o fotógrafo. Sorria ligeiramente, o incómodo misturado com o divertimento, a boca aberta no momento de articular uma ou outra palavra esquecida. Uma piada, a Laurel sempre lhe aprouvera pensar, um aparte espirituoso para a pessoa atrás da objectiva. Provavelmente um dos muitos hóspedes que a avó tivera no passado; um caixeiro viajante solitário, algum burocrata discreto com sapatos de verniz, à espera que a guerra acabasse numa ocupação resguardada. Atrás dela, no horizonte, vislumbrava-se o mar calmo, isto para quem soubesse que lá estava.

Laurel segurou o álbum diante do corpo imóvel da mãe e começou:

— Aqui está a mamã, na pousada da avó Nicolson. Foi em 1944, quase no fim da guerra. O filho da Sr.^a Nicolson ainda não regressou a casa, mas virá. Dentro de menos de um mês, ela irá mandá-la à cidade com as senhas de racionamento e, quando voltar com as compras da mercearia, a mamã irá encontrar um soldado sentado à mesa da cozinha, um homem a quem nunca foi apresentada, mas que irá reconhecer na fotografia emoldurada por cima da lareira. É agora mais velho do que na fotografia e tem um ar mais triste, mas veste-se da mesma maneira, com a farda de daqui do exército, e ele sorri-lhe, e a mamã sabe, num abrir e fechar de olhos, que é o homem por quem tem estado à espera.

Laurel virou a página, alisando com o polegar o canto de plástico da folha protectora amarelecida. Com o tempo, ficara estaladiça.

— A mamã casou-se com um vestido feito por si, a partir de dois cortinados de renda do quarto de hóspedes do primeiro andar que convenceu a avó Nicolson a sacrificar. E muito bem, minha mãezinha querida... imagino que não tenha sido tarefa fácil. Todas nós sabemos o apego que a avó tinha a cortinas, tapetes e afins.

Tinha havido uma tempestade na noite da véspera, e a mamã estava com receio de que lhe chovesse no vestido de casamento. Mas não choveu. O sol apareceu e as nuvens foram levadas pelo vento e as pessoas comentaram que era um bom presságio. Mesmo assim, a mamã decidiu jogar pelo seguro; este aqui é o Sr. Hatch, o limpa-chaminés, de pé, ao fundo das escadas da igreja, para dar sorte. Ele não se fez nada rogado... com o dinheiro que o papá lhe ofereceu, comprou uns sapatos para o filho mais velho.

Laurel nunca podia ter a certeza, nos tempos mais recentes, de que a mãe a estivesse a ouvir, embora a enfermeira mais carinhosa dissesse que não havia motivo para pensar o contrário. E havia momentos, à medida que percorria o álbum de fotografias, em que Laurel se permitia a liberdade da invenção: nada demasiado drástico, contudo, quando a sua imaginação se desviava da acção principal para a periferia, ela deixava-a ir. Iris não concordava, dizia que a história da mãe era importante para ela e que Laurel não tinha o direito de a ornamentar; o médico, porém, ao ser informado da transgressão, reagira com um mero encolher de ombros, dizendo que o mais importante era que falassem com ela, e não tanto a veracidade do que lhe diziam. Virara-se para Laurel e, com uma piscadela de olho, dissera-lhe:

— Se há alguém de quem não se espera que se restrinja à verdade é a senhora, Menina Nicolson.

Apesar de ele ter ficado do seu lado, Laurel não apreciara o conluio subentendido. Ponderara lembrar-lhe a diferença entre actuar no palco e mentir na vida, dizendo ao médico impertinente, com o seu cabelo demasiado preto e os seus dentes demasiado brancos, que, em ambos os casos, a verdade tinha importância, mas concluía que seria pura perda de tempo argumentar com um indivíduo que trazia uma caneta em forma de taco de golfe, como estava na moda, dentro do bolso da camisa.

Passou à página seguinte e descobriu, como sempre acontecia, a série de fotografias dela própria em criança. Fez uma breve

narração dos seus primeiros anos de vida — Laurel em bebé a dormir num berço com fadas e estrelas pintadas no tecto; a pestanejar com ar arisco no colo da mãe; um pouco mais crescida e rechonchuda, a cambalear nos bancos de areia à beira-mar — até chegar ao momento em que a récita acabou para dar lugar às recordações. Virou a página, desencadeando o barulho e o riso das irmãs. Seria coincidência que as suas recordações estivessem tão fortemente associadas à sua chegada, àquelas irmãs cujas idades se sucediam em degrau; a cabriolar na relva alta, a acenar da casa da árvore; enfileiradas diante da quinta Greenacres — a sua casa —, de cabelo escovado e preso com ganchos, de roupas remendadas e sapatos engraxados, prontas para um passeio entretanto esquecido?

Laurel deixara de ter pesadelos depois de as irmãs nascerem. Ou melhor, passara a ter outros. Já não recebia a visita de *zombies*, de monstros ou desconhecidos que durante o dia moravam no armário; ao invés, começara a sonhar que vinha lá um maremoto, ou que o mundo ia acabar, ou que iria haver outra guerra, e que ela, sozinha, teria de proteger as irmãs mais novas. Era uma das coisas que melhor se lembrava de ouvir à mãe quando era pequena: «Toma conta das tuas irmãs. Tu és a mais velha, não as deixes ir.» Na altura, não ocorrera a Laurel que a mãe poderia estar a falar por experiência própria; que, implícita à sua advertência, poderia estar a mágoa que carregava havia décadas por um irmão mais novo, morto durante um bombardeamento na Segunda Guerra Mundial. As crianças eram capazes de ser egocêntricas a esse ponto, sobretudo as crianças felizes. E as crianças Nicolson eram mais felizes do que a maioria.

— Aqui estamos nós na Páscoa. A Daphne está na cadeira de bebé, portanto deve ser por volta de 1956. Sim, é isso. Olhe... a Rose está com um braço engessado, desta vez o braço esquerdo. A Iris está a fazer-se de engraçada, de sorriso arreganhado, mas não será por muito tempo. A mamã ainda se lembra? Foi na tarde em

que ela assaltou o frigorífico e devorou todas as patas de caranguejo que o papá trouxera da pescaria que fizera na véspera. — Fora a única ocasião em que Laurel o vira verdadeiramente zangado. Depois da sesta, ainda estremunhado do sol, fora até à cozinha, pronto para se deliciar com um pouco de carne de caranguejo e, quando abria o frigorífico, não encontrara senão cascas. Parecia que ainda estava a ver Iris escondida atrás do sofá (o único sítio aonde o pai não conseguia chegar com as suas ameaças de lhe dar uma tarefa; uma ameaça vã, mas nem por isso menos assustadora) a recusar-se a sair dali. A suplicar, a quem quer que estivesse disposto a ouvi-la, para ter pena dela e, por favor, pelo amor de Deus, que lhe levassem o livro da Pipi das Meias Altas sem o pai dar por nada. A recordação despertou o afecto de Laurel. Esquecera-se de até que ponto Iris era capaz de ser engraçada, quando não andava ocupada em zangar-se.

Qualquer coisa escorregou das últimas páginas do álbum e Laurel baixou-se para a apanhar do chão. Era uma fotografia que nunca antes vira, um retrato antiquado a preto e branco de duas jovens de braço dado. Riam-se para ela do interior do debrum branco, numa sala com bandeiras penduradas por cima da cabeça de ambas e o sol a entrar por uma janela que não era visível. Virou a fotografia, à procura de uma inscrição, mas não havia nada lá escrito para além da data: Maio de 1941. Que estranho. Laurel conhecia o álbum de família de trás para a frente e aquela fotografia e aquelas pessoas não pertenciam ali. A porta abriu-se para dar entrada a Rose, com duas chávenas desirmanadas a tilintar nos respectivos pires.

Laurel mostrou-lhe a fotografia.

— Já alguma vez viste isto, Rose?

A irmã pousou a chávena na mesa-de-cabeceira, semicerrou os olhos para o retrato e depois sorriu.

— Ah, sim — confirmou ela. — Apareceu há uns meses em Greenacres... Pensei que talvez fosses capaz de arranjar um lugar para ela no álbum. Bonita, não achas? Tocou-me tanto descobrir

qualquer coisa nova para ela, sobretudo agora.

Laurel olhou novamente para a fotografia. As duas jovens, com o cabelo penteado com risco ao lado preso num coque vitoriano; as saias à altura do joelho; uma delas com um cigarro pendurado na mão. Era óbvio que se tratava da mãe. A maquilhagem era diferente. Ela era diferente.

— Engraçado — observou Rose —, nunca a imaginei assim.

— Assim como?

— Jovem, suponho eu. Na risota com uma amiga.

— Ai não? E porque será, pergunto-me eu? — Embora, claro, o mesmo se pudesse dizer de Laurel. Na ideia dela (na ideia de todas elas, ao que parecia), a existência da mãe começara quando esta respondera ao anúncio da avó a pedir uma criada para todo o serviço e fora trabalhar para a pensão. Sabiam o essencial do tempo anterior: que nascera e fora criada em Coventry, que fora para Londres pouco antes do início da guerra, que a família morrera nos bombardeamentos. Laurel também sabia que a morte da família afectara profundamente a mãe. Dorothy Nicolson nunca perdera uma oportunidade para recordar aos filhos que a família era tudo: fora este o mantra da sua infância. Quando Laurel estava a passar por uma fase particularmente difícil na adolescência, a mãe pegou-lhe nas mãos e dissera-lhe, com invulgar severidade: «Não sejas como eu fui, Laurel. Não esperes até que seja demasiado tarde para compreenderes o que verdadeiramente importa. A tua família é capaz de, às vezes, te fazer perder as estribeiras, mas olha que tem mais valor para ti do que algum dia poderás imaginar.»

Quanto aos pormenores da vida de Dorothy antes de conhecer Stephen Nicolson, ela nunca os impusera aos filhos, e a estes nunca lhes ocorrera perguntar por eles. Não havia nada de estranho nisto, supôs Laurel com um ligeiro mal-estar. As crianças não exigem um passado aos pais e sentem uma certa dificuldade, quase constrangimento até, em acreditar nas reivindicações paternas a uma existência prévia. Agora, porém, ao contemplar aquela

desconhecida dos tempos da guerra, Laurel ressentiu-se profundamente da ausência de informações.

No início da sua carreira de atriz, um realizador de renome debruçara-se sobre o guião, ajeitara os óculos de fundo de garrafa e dissera a Laurel que ela não era suficientemente bonita para representar papéis principais. O comentário atingira-a fundo e ela fartara-se de chorar, e depois passara horas a ver-se de forma acidentalmente propositada ao espelho até, tomada por uma ousadia ébria, decidir cortar curto o cabelo. Todavia, acabara por ser um momento alto na sua carreira. Era uma atriz que encarnava as personagens. O realizador deu-lhe o papel da irmã da protagonista e ela recebera as suas primeiras críticas entusiásticas. As pessoas ficavam maravilhadas com a sua capacidade para construir personagens de dentro para fora, para mergulhar e desaparecer por debaixo da pele de outra pessoa, mas não havia qualquer truque nisso; ela dava-se simplesmente ao trabalho de aprender os segredos da personagem. Laurel sabia umas quantas coisas a respeito de guardar segredos. Tal como sabia que era aí que as pessoas autênticas se encontravam, escondidas atrás das suas manchas negras.

— Já reparaste que é a fotografia em que ela aparece mais nova?

— Rose empoleirou-se no braço da cadeira da irmã, o seu perfume de alfazema mais forte do que antes, e pegou na fotografia.

— Ai sim? — Laurel fez menção de ir buscar os cigarros, lembrou-se de que estava num hospital e pegou antes na chávena. — É capaz de ser. — Tanto do passado da mãe que era formado por manchas negras. Porque seria que até aí isto nunca aincomodara? Lançou uma nova olhadela à fotografia, as duas jovens pareciam estar agora a rir-se da sua ignorância. Esforçou-se por adoptar um tom descontraído. — Onde foi que disseste que a encontraste, Rosie?

— Dentro de um livro.

— Um livro?

— Uma peça de teatro, mais concretamente... *Peter Pan*.

— A mãe entrou na peça? — A mãe sempre tivera imenso jeito para se mascarar e brincar ao faz-de-conta, mas Laurel não se recordava de ela alguma vez ter entrado numa verdadeira peça.

— Não sei dizer ao certo. O livro foi uma prenda. Tem uma dedicatória na folha de rosto... Sabes, como ela gostava que nós fizéssemos aos presentes quando éramos miúdas?

— E o que é que dizia?

— «À Dorothy.» — Rose entrelaçou os dedos sob o esforço de se recordar. — «Um verdadeiro amigo é uma luz na escuridão. Vivien.»

Vivien. O nome teve um efeito estranho em Laurel. Sentiu a pele ficar quente e depois fria e a pulsação a latejar-lhe nas têmporas. Uma série de imagens vertiginosas irrompeu-lhe no cérebro: uma lâmina a brilhar, a expressão assustada da mãe, uma fita vermelha a soltar-se. Velhas recordações, terríveis recordações, que o nome da desconhecida tinha inesperadamente desencadeado.

— Vivien — ecoou ela, a voz mais alta do que era sua intenção. — Quem é a Vivien?

Rose ergueu o olhar, surpreendida, mas qualquer que fosse a sua resposta acabou por se perder quando Iris entrou de rompante no quarto, de multa de estacionamento em punho. As duas irmãs voltaram-se para a sua portentosa indignação e, por conseguinte, nenhuma delas deu pela inspiração súbita de Dorothy, a expressão de angústia que lhe perpassou pelo rosto ao ouvir mencionar o nome de Vivien. Quando as três irmãs Nicolson se reuniram à cabeceira da mãe, Dorothy parecia estar calmamente a dormir e as suas feições não davam qualquer indício de que ela abandonara o hospital, o seu corpo fatigado, as filhas adultas, deslizando através do tempo até uma noite escura de 1941.

Capítulo 3

Londres, Maio de 1941

Dorothy Smitham desceu as escadas a correr, dando as boas-noites à Sr.^a White enquanto enfiava as mangas do casaco. A senhoria pestanejou através dos óculos de lentes grossas à sua passagem, ansiosa por continuar o seu interminável tratado acerca das esquisitices da vizinha, mas Dolly não se deteve. Abrandou apenas quanto bastasse para se ver ao espelho do *hall* e beliscar cada face para lhe avivar a cor. Dando-se por satisfeita com o que via, abriu a porta e saiu de rompante para o *blackout*. Estava cheia de pressa, não tinha tempo para problemas com o guarda; Jimmy já deveria estar no restaurante e não queria deixá-lo à espera. Tinham muito que conversar: o que deviam levar, o que fariam quando lá chegassem, quando deviam finalmente partir...

Dolly sorriu ansiosamente, enfiando a mão no bolso fundo do casaco e revirando a estatueta entre os dedos. Reparara nela na vitrina da casa de penhores uns dias antes; era uma ninharia, bem sabia, mas fizera-a lembrar-se dele, e agora, mais do que nunca, à medida que Londres se desmoronava ao seu redor, era importante dar a entender às pessoas o quanto significavam umas para as outras. Dolly estava desejosa de lhe dar; já estava a imaginar a cara de Jimmy quando a visse, pegando nela com um grande sorriso e dizendo-lhe, como sempre dizia, o quanto a amava. O pequeno Senhor Punch[2] de madeira poderia não valer grande coisa, mas era perfeito; Jimmy sempre adorara a beira-mar. Ambos adoravam.

— Desculpe?

Era uma voz feminina e era inesperada.

— Sim? — respondeu-lhe Dolly, a sua própria voz tomada de surpresa. A mulher deveria ter dado por ela quando a luz jorrara momentaneamente através da porta aberta.

— Será que me pode ajudar, por favor? Ando à procura do número 24.

Apesar do *blackout* e da impossibilidade de ser vista, por uma questão de hábito, Dolly apontou para a porta atrás de si.

— Está com sorte — disse ela. — É mesmo aqui. Lamento, de momento não há quartos livres, mas em breve haverá. — O seu próprio quarto, na verdade (se é que se lhe podia chamar quarto). Meteu um cigarro na boca e acendeu um fósforo.

— Dolly?

Ao ouvir isto, Dolly semicerrou os olhos na escuridão. A dona da voz avançava rapidamente na direcção dela; sentiu movimentos agitados e, em seguida, a mulher, agora próxima, disse:

— É você, graças a Deus! Sou eu, Dolly. É a...

— Vivien? — Subitamente, reconheceu a voz; conhecia-a tão bem e, não obstante, tinha qualquer coisa de diferente.

— Receei não vir a tempo de a encontrar, de ter chegado demasiado tarde.

— Demasiado tarde para o quê? — Dolly hesitou; não tinham marcado nenhum encontro para aquela noite. — Que se passa?

— Nada... — Vivien desatou então a rir e o som, metálico e enervante, fez estremecer a coluna de Dolly. — Isto é, tudo.

— Está bêbeda, por acaso? — Dolly nunca vira Vivien comportar-se assim; aonde não ia o verniz da elegância, o autodomínio perfeito.

Vivien não lhe respondeu, não propriamente. O gato da vizinha saltou de um muro ali perto, aterrando pesadamente na coelheira da Sr.^a White. Vivien sobressaltou-se e em seguida sussurrou:

— Precisamos de falar... *rápido*.

Dolly tentou ganhar tempo dando uma longa passa no cigarro. Noutras circunstâncias, teria adorado sentar-se a seu lado em amena conversa, mas não agora, não esta noite. Estava impaciente por se ir embora dali.

— Não posso — disse-lhe. — Ia mesmo a...

— Dolly, *por favor*.

Dolly enfiou a mão no bolso e revirou o pequeno presente de madeira. Jimmy já deveria estar no restaurante; estaria a perguntar-se por onde andaria ela, lançando uma olhadela à porta de cada vez que esta se abria, na expectativa de a ver. Detestava deixá-lo à espera, sobretudo agora. Mas ali estava Vivien, que lhe aparecia à porta de casa, tão séria, tão enervada, a espreitar-lhe por cima do ombro, a suplicar-lhe e a insistir que tinha muita urgência em falar com ela... Dolly soltou um suspiro de cedência relutante. Não podia deixar Vivien assim sem mais nem menos, ainda para mais tão transtornada.

Disse a si própria que Jimmy haveria de compreender, que, ainda que de uma forma estranha, também aprenderia a gostar de Vivien. E foi então que tomou a decisão que viria a ser fatídica para todos eles.

— Venha — disse ela, apagando o cigarro e agarrando delicadamente em Vivien pelo braço fino. — Vamos lá para dentro.

*

Ocorreu a Dolly, enquanto entravam em casa e subiam a escada, que Vivien poderia ter vindo para lhe pedir desculpa. Era a única explicação que conseguia encontrar para a sua agitação, a perda da sua habitual compostura; Vivien, com a sua riqueza e a sua classe, não era o género de mulher para pedir grandes desculpas. A ideia deixou Dolly nervosa. Era desnecessário; no que lhe tocava a ela, o episódio já pertencia ao passado. Preferia arrumar o assunto de vez.

Chegaram ao fundo do corredor e Dolly destrancou a porta do seu quarto. A lâmpada despida emitiu uma luz mortiça quando ela ligou o interruptor, e a cama estreita, a pequena cómoda e o lavatório rachado com a torneira a pingar surgiram diante de ambas. Dolly teve um instante de constrangimento quando, de repente, viu o seu quarto através do olhar de Vivien. Como lhe deveria parecer modesto em comparação com os aposentos a que ela estava habituada, aquela casa magnífica em Campden Grove, com os seus candelabros de lâmpadas tubulares e mantas de pele de zebra.

Despiu o velho casaco e virou-se para o pendurar no cabide atrás da porta.

— Peço desculpa pelo calor que faz aqui dentro — disse ela, esforçando-se por soar alegre. — Não tem janelas, infelizmente... Facilita o *blackout*, mas já não é muito cómodo em termos de ventilação. — Estava a brincar, na esperança de desanuviar o ambiente, a ver se levantava o seu próprio ânimo, mas foi em vão. Só conseguia pensar em Vivien atrás dela, à procura de um sítio onde se sentar... Oh, meu Deus. — E também não há nenhuma cadeira, lamento. — Havia semanas que Dolly andava a pensar comprar uma, mas, com os tempos difíceis como estavam, e ela e Jimmy decididos a poupar cada cêntimo, acabara por decidir arranjar-se com o que tinha.

Deu meia-volta e bastou-lhe ver a cara de Vivien para se esquecer da falta de mobiliário.

— Meu Deus! — exclamou ela, os olhos a arregalarem-se ao reparar no rosto magoado da amiga. — O que foi que lhe aconteceu?

— Nada. — Vivien, que andava agora a passarinhar pelo quarto, acenou num gesto de impaciência. — Um acidente quando vinha a caminho daqui. Fui contra um candeeiro da rua. Uma tolice minha, com a mania das pressas, como sempre. — Era verdade, Vivien andava sempre numa correria. Era uma mania que ela tinha, uma mania que Dolly sempre apreciara; achava graça uma mulher tão

requintada e bem vestida andar sempre a correr de um lado para o outro como se fosse uma miúda. Naquela noite, porém, tudo parecia diferente. As roupas de Vivien não condiziam, tinha uma malha nas meias, o cabelo estava num desalinho...

— Pronto — disse Dolly, conduzindo a amiga para a cama, satisfeita por a ter feito cuidadosamente nessa manhã. — Sente-se.

A sirene dos raids aéreos começou a tocar e Dolly praguejou baixinho. Era só o que lhes faltava. O abrigo da zona era um autêntico pesadelo: todos amontoados como sardinha em lata, a roupa de cama húmida, o cheiro pútrido, a histeria da Sr.^a White; e agora, com Vivien naquele estado...

— Ignore-a — disse-lhe Vivien, como se lesse os pensamentos de Dolly. A sua voz assumira subitamente o tom de dona da casa, habituada a dar ordens. — Fique aqui. Isto é mais importante.

Mais importante do que chegar ao abrigo? Dolly sentiu o coração alvoroçar-se-lhe.

— É por causa do dinheiro? — indagou ela em voz baixa. — Quer que lho devolva?

— Não, não, esqueça o dinheiro.

O toque oscilante da sirene era ensurdecador e despertou em Dolly uma ansiedade que teimava em não acalmar. Não sabia ao certo porquê, mas sabia que estava com medo. Não queria estar ali, nem sequer com Vivien. A sua vontade era correr pelas ruas às escuras até ao restaurante onde sabia que Jimmy estaria à sua espera.

— Eu e o Jimmy... — começou ela, mas Vivien cortou-lhe a palavra.

— Sim — disse ela, a expressão a iluminar-se como se se tivesse acabado de lembrar de qualquer coisa. — Sim, o Jimmy.

Dolly abanou a cabeça, perplexa. O que tinha o Jimmy? O que Vivien dizia não fazia sentido. Talvez o melhor fosse levá-la com ela; poderiam chegar lá num instante enquanto as pessoas ainda estavam a correr para os abrigos. Iriam ter imediatamente com

Jimmy; ele saberia o que fazer.

— O Jimmy — repetiu Vivien em voz alta. — Dolly, ele foi-se embora...

A sirene interrompeu-a naquele preciso momento e a palavra «embora» ecoou pelo quarto. Dolly aguardou que Vivien acrescentasse mais alguma coisa mas, entretanto, ouviram bater freneticamente à porta.

— Doll... estás aí? — Era Judith, uma das hóspedes, ofegante por ter vindo a correr do piso superior. — Nós vamos para o Andy.^[3]

Dolly não lhe respondeu e nem ela nem Vivien fizeram menção de se ir embora. Esperou até ouvir os passos afastarem-se pelo corredor e, em seguida, apressou-se a sentar junto da outra mulher.

— Você deve estar a fazer confusão — disse precipitadamente. — Eu ainda ontem o vi e vou estar outra vez com ele esta noite. Nós vamos juntos, ele não teria ido sem mim... — Havia muito mais que poderia ter dito, mas coibiu-se de o fazer. Vivien estava a olhar para ela e qualquer coisa na sua expressão permitiu que uma réstia de dúvida penetrasse através das fendas da confiança de Dolly. Vasculhou a carteira e tirou outro cigarro, os dedos a tremer ao acendê-lo.

Vivien retomou a conversa, e, enquanto o primeiro bombardeiro da noite ribombava acima das suas cabeças, Dolly começou a perguntar-se se havia alguma hipótese, ainda que remota, de a sua interlocutora ter razão. Parecia-lhe impensável, mas a urgência na sua voz, o seu estranho comportamento e as coisas que dizia agora... Dolly começou a sentir tonturas; estava calor ali dentro, não conseguia acalmar a respiração.

Fumava com avidez, à medida que os fragmentos do relato de Vivien se misturavam com os seus pensamentos em catadupa. Uma bomba caiu algures ali perto, ocasionando uma enorme explosão, e um intenso ruído sibilante inundou o quarto, provocando dores nos ouvidos a Dolly e eriçando-lhe os cabelos da nuca. Tempos houvera em que ela gostara de estar na rua durante os bombardeamento

aéreos: achava-os emocionantes, nada assustadores. Mas já não era a rapariga desmiolada de outrora, e aqueles tempos despreocupados pareciam pertencer a um passado distante. Olhou de relance para a porta, desejosa de que Vivien se calasse. Iriam para o abrigo ou ter com Jimmy; não podiam era continuar ali sentadas, à espera. Só lhe apetecia fugir, esconder-se; tinha vontade de desaparecer.

Enquanto o pânico de Dolly crescia, o de Vivien parecia retroceder. Falava agora com toda a calma, frases longas a que ela se esforçava por prestar atenção, acerca de uma carta e de uma fotografia, acerca de homens malvados, homens perigosos que se tinham lançado em perseguição de Jimmy. O plano corraera pessimamente mal, disse-lhe Vivien, ele fora humilhado; Jimmy não conseguira chegar ao restaurante; ela esperara por ele e ele não viera; fora então que soubera que ele se tinha ido embora de vez.

E, subitamente, as peças díspares juntaram-se por entre a confusão e Dolly compreendeu.

— A culpa é minha — confessou ela, a sua voz pouco mais do que um sussurro. — Mas eu... não sei como... a fotografia... nós combinámos que não havia necessidade, agora já não. — Vivien sabia ao que ela se referia; fora por sua causa que tinham descartado os seus planos. Dolly estendeu a mão para o braço da amiga: — Nada disto era suposto acontecer, e agora o Jimmy...

Vivien assentia insistentemente com a cabeça, o seu rosto mostrava compaixão.

— Ouça o que lhe digo — insistiu ela. — É muito importante que me ouça. Eles sabem onde você mora e, não tarda, *virão* atrás de si.

Dolly nem queria acreditar; estava assustada. As lágrimas corriam-lhe pelo rosto.

— A culpa é minha — ouviu-se dizer uma vez mais. — A culpa é toda minha.

— Dolly, por favor. — Um nova revoadada de bombardeiros chegou

e Vivien teve de gritar para se conseguir fazer ouvir enquanto segurava as mãos de Dolly entre as suas. — A culpa é tanto sua como minha. Seja como for, nada disso agora importa. Não tarda, eles estarão aí. O mais provável é que já venham a caminho. É por isso que aqui estou.

— Mas eu...

— Você tem de sair de Londres e tem de ser já, e não deve voltar. Eles não vão desistir de andar à sua procura, nunca...

Uma detonação lá fora e o edifício estremeceu e inclinou-se; as bombas estavam a cair mais perto e, apesar de o quarto não ter janelas, um sinistro clarão de luz apareceu vindo de algures, inundando tudo ao seu redor, muito mais luminoso do que a única lâmpada mortíça.

— Tem alguma pessoa de família que a possa receber? — insistiu Vivien.

Dolly abanou a cabeça, à medida que uma imagem da família lhe perpassava pela mente; a mãe e o pai, o pobre irmão mais novo, a vida que tinham levado anteriormente. Uma bomba passou a sibilar e os canhões ripostaram a partir do solo.

— Amigos? — gritou-lhe Vivien por entre a explosão.

Dolly tornou a sacudir a cabeça. Não tinha ninguém, ninguém com quem pudesse contar, ninguém à excepção de Vivien e Jimmy.

— Nenhum sítio para onde possa ir? — Outra bomba, um *cocktail Molotov*, pelo estrondo que fez, o impacto tão forte que Dolly teve de ler os lábios de Vivien quando esta lhe suplicou: — Pense, Dolly, faça um esforço.

Fechou os olhos. Cheirava-lhe a fumo; alguma bomba incendiária explodira ali próximo; os voluntários da ARP^[4] deveriam estar agora de volta dela, com as suas bombas de estribo. Dolly ouviu alguém a gritar, mas fechou os olhos com mais força ainda e fez um esforço por se concentrar. Os seus pensamentos eram fragmentários como escombros, a sua mente, um escuro nevoeiro; não via nada. O chão estremeceu debaixo dos seus pés, o ar demasiado denso para ser

respirável.

— Dolly?

Vieram mais aviões, caças agora, não apenas bombardeiros, e Dolly imaginou-se no telhado de Campden Grove, a vê-los a esquivar-se e a lançar-se em voo picado, as luzes verdes dos projectores que varriam o céu no seu encalço, os incêndios ao longe. Outrora, tudo aquilo lhe parecera deveras emocionante.

Recordava-se da noite em que se encontrara com Jimmy no 400 Club, de dançar e de se rir com ele; de terem regressado a casa sob um bombardeamento, os dois juntos. Teria dado tudo agora para voltar a esses tempos, deitados lado a lado, a sussurrar no escuro enquanto as bombas caíam, a fazer planos para o futuro, a quinta, os filhos que queriam ter, a beira-mar. A beira-mar...

— Eu candidatei-me a um emprego — disse ela subitamente, levantando a cabeça. — Há umas semanas. Quem o descobriu foi o Jimmy. — A carta da Sr.^a Nicolson da pousada Mar Azul jazia em cima da mesa-de-cabeceira e Dolly apressou-se a pegar nela, entregando-a a Vivien com mãos trémulas.

— Sim — Vivien lançou uma vista de olhos à carta —, é perfeito. É para lá que deve ir.

— Mas eu não quero ir sozinha. Nós...

— Dolly...

— Nós tínhamos combinado ir os *dois*. Não era suposto ser assim. Ele disse que esperava por mim. — Dolly estava agora a chorar. Vivien chegou-se a ela, mas as duas deslocaram-se ao mesmo tempo e o contacto foi inesperadamente abrupto.

Vivien não pediu desculpa; a sua expressão era séria. Também estava amedrontada, Dolly percebia que sim, mas punha os seus receios de lado, tal como faria uma irmã mais velha, adoptando o tom de voz carinhoso e severo que Dolly mais precisava de ouvir naquele momento.

— Dorothy Smitham — declarou ela —, você tem de sair de Londres e, quanto antes, melhor.

— Não me sinto com coragem para isso.

— Eu sei que *tem*. Você é uma sobrevivente.

— Mas o Jimmy... — Outra bomba despenhou-se com um sibilo e rebentou. Um grito aterrorizado escapou da boca de Dolly antes que ela se pudesse conter.

— Já chega. — Vivien segurou o rosto de Dolly firmemente entre as mãos em concha e, desta feita, não lhe doeu nada. O seu olhar transbordava bondade. — Você ama o Jimmy, bem sei; e ele também a ama a si... meu Deus, eu sei que sim. Mas tem de me dar ouvidos.

Havia qualquer coisa extremamente calma no olhar de Vivien, e Dolly conseguiu abstrair-se do barulho de um avião em voo picado, da resposta das baterias antiaéreas, dos pensamentos aterradores de prédios e pessoas a serem desfeitos em escombros.

As duas aconchegaram-se uma à outra e Dolly ouviu Vivien dizer:

— Vá para a estação dos comboios esta noite e compre um bilhete. Você deve... — Uma bomba explodiu nas proximidades com um estrondo violento e Vivien retesou-se e apressou-se a continuar: — Mete-se no comboio e só sai na última paragem. Não olhe para trás. Aceite o emprego, comece uma nova vida, seja feliz.

Ser feliz. Era precisamente disto que Dolly e Jimmy falavam. O futuro, a quinta, os filhos sorridentes e as galinhas bem-dispostas... As lágrimas deslizaram-lhe pelas faces quando Vivien lhe disse:

— Tem de ir. — Chorava agora também, porque, claro, iria ter saudades de Dolly... iriam ter saudades uma da outra. — Aproveite esta segunda oportunidade, Dolly; encare isto como uma oportunidade. Depois de tudo por quanto passou, depois de tudo o que perdeu...

E Dolly sabia que, por muito que lhe custasse aceitar, a amiga tinha razão: tinha de se ir embora. Havia qualquer coisa nela que queria gritar: «Não», enroscar-se sobre si própria e chorar por tudo quanto tinha perdido, por tudo na sua vida que não se tinha desenrolado de acordo com as suas expectativas, mas não iria fazer

isso. Não podia.

Dolly era uma sobrevivente; Vivien dissera isto mesmo, e Vivien devia saber do que falava: bastava olhar para a maneira como superara as suas provações iniciais e construía uma nova vida. E se Vivien fora capaz de fazer isso, Dolly também seria. Sofrera muito, mas ainda tinha razões por que viver; arranjaria razões por que viver. Chegara a altura de ser corajosa, de ser melhor do que algum dia fora. Dolly fizera coisas de que se envergonhava; as suas ideias grandiosas não tinham passado de sonhos tolos de rapariga, haviam-se desfeito em cinzas entre os seus dedos; mas toda a gente merecia uma segunda oportunidade, toda a gente era digna de perdão, até ela... a própria Vivien o dissera.

— Assim farei — decidiu ela, à medida que uma série de bombas rebentava com estrondo. — Assim farei.

A lâmpada tremeluziu, mas não se apagou. Baloçou no fio, projectando sombras ao longo das paredes, e Dolly puxou a sua pequena mala de viagem de debaixo da cama. Ignorou o ruído ensurdecedor lá fora, o fumo dos incêndios na rua que se entranhava no quarto, a neblina que lhe fazia arder os olhos.

Não tinha muita coisa que levar. Nunca fora pessoa de grandes posses. A única coisa que realmente desejava daquele quarto não podia levá-la consigo. Dolly hesitou perante a ideia de deixar Vivien para trás; recordou-se da dedicatória que a outra mulher escrevera no *Peter Pan* — «Um verdadeiro amigo é uma luz na escuridão» — e sentiu as lágrimas virem-lhe novamente aos olhos.

Agora já mal ouvia os aviões lá fora, as bombas a despenhar-se, as baterias antiaéreas a disparar em resposta. A terra tremia a cada explosão e o estuque do tecto esboroa-va-se e caía. A corrente da porta entrechocava, mas Dolly não dava por nada. Tinha a mala feita; estava pronta para partir.

Levantou-se, o olhar fixo em Vivien, e, não obstante a sua firme decisão, vacilou:

— Então, e a Vivien? — perguntou-lhe Dolly, e, por um breve

instante, ocorreu-lhe que talvez pudessem ir juntas, que talvez, afinal, Vivien pudesse ir com ela. Por estranho que pudesse ser, parecia-lhe a solução perfeita, a única coisa a fazer; cada uma representara o seu papel e nada daquilo teria acontecido se Dolly e Vivien não se tivessem conhecido.

Foi uma ideia descabida, obviamente: Vivien não precisava de uma segunda oportunidade. Tinha tudo o que poderia desejar ali. Uma linda casa, uma fortuna só sua, beleza a rodos... Como seria de esperar, Vivien devolveu-lhe a proposta de emprego da Sr.^a Nicolson e sorriu-lhe numa despedida chorosa. As duas mulheres sabiam lá no fundo que nunca mais se voltariam a ver.

— Não se preocupe comigo — disse-lhe Vivien quando um bombardeiro atroou no céu. — Eu fico bem. Vou para casa.

Dolly agarrou na carta com firmeza e, com um derradeiro e decidido assentimento de cabeça, partiu rumo à sua nova vida, sem a mais pequena ideia do que o futuro lhe reservava, mas tomada por uma súbita determinação de ir ao seu encontro.

Capítulo 4

Suffolk, 2011

As irmãs Nicolson abandonaram o hospital no automóvel de Iris. Embora fosse a mais velha e, por tradição, obsequiada com o privilégio de ir sentada à frente, Laurel optou por ir atrás, juntamente com os pêlos do cão. A sua fama era um obstáculo à sua antiguidade e não ficava bem deixar que as outras pensassem que gostava de se fazer de importante. E, fosse como fosse, preferia ir atrás. Absolvida dos deveres da conversação, ficava livre para ter os seus pensamentos como companhia.

A chuva amainara e agora o sol brilhava. Laurel estava ansiosa por perguntar a Rose acerca da Vivien — já anteriormente ouvira mencionar aquele nome, disso tinha a certeza; mais do que isso, sabia que se relacionava de alguma forma com aquele terrível dia de 1961 —, mas conteve-se. A curiosidade de Iris, uma vez despertada, podia ser asfixiante, e Laurel não estava disposta a enfrentar a inquisição. Enquanto as irmãs tagarelavam à frente, ela observava os campos a deslizar do lado de fora das janelas. Apesar de estarem fechadas, quase lhe parecia cheirar a erva recém-cortada e ouvir os gritos das gralhas. A paisagem da infância era mais vibrante do que qualquer outra. Não importava onde fosse ou que aspecto tomassem, as vistas e os sons deixavam uma impressão diferente dos que se encontrassem mais tarde. Tornavam-se parte de uma pessoa, inevitavelmente.

Os últimos cinquenta anos evaporaram-se e Laurel avistou uma

visão fantasmagórica de si própria a voar ao longo das sebes na sua bicicleta *Malvern Star*, uma das irmãs escarranchada nos guiadores. Pele tostada do sol, pêlos das pernas alourados, joelhos esfolados. Fora havia muito tempo. Fora ontem.

— É para a televisão?

Laurel olhou em frente e viu Iris a pestanejar na direcção dela pelo espelho retrovisor.

— Desculpa? — disse ela.

— A entrevista, aquela com que tens andado tão ocupada.

— Ah, isso. Na verdade, trata-se de uma série de entrevistas. Ainda me falta gravar uma na segunda-feira.

— Sim, a Rose disse que tu ias voltar para Londres logo de manhã. É para a televisão?

Laurel emitiu um leve som de assentimento.

— Uma daquelas coisas biográficas, com cerca de uma hora de duração. Vai incluir também entrevistas de outras pessoas: realizadores, actores, com quem trabalhei, à mistura com sequências antigas, coisas da infância...

— Ouviste isto, Rose? — comentou Iris em tom sarcástico. — Coisas da infância. — Ergueu-se do assento do automóvel para que Laurel pudesse ter uma visão mais completa do seu sobrolho franzido através do espelho. — Agradecia-te que não mostrasses nenhuma fotografia de família em que apareço em estado de nudez, seja total ou parcial.

— Mas que pena — retorquiu Laurel, arrancando um pêlo branco das calças. — Lá se vai o meu melhor material. Do que haverei eu agora de falar?

— Aponta a câmara a ti própria e tenho a certeza de que arranjarás assunto.

Laurel disfarçou um sorriso. As pessoas tratavam-na de forma tão respeitosa ultimamente; era reconfortante discutir com uma especialista na matéria.

Rose, porém, que era uma pacifista nata, começava a afligir-se.

— Olhem, olhem — disse ela, agitando as duas mãos na direcção de um edifício à entrada da cidade. — O local do novo supermercado. Já imaginaram? Como se os outros três não bastassem.

— Mas que ridículo, sinceramente!...

Com a irritação de Iris graciosamente direccionada, Laurel ficou livre para se voltar a recostar e olhar pela janela. Atravessaram a cidade, seguiram pela High Street até esta desembocar numa estrada campestre e depois percorreram as suas curvas suaves. A sequência era tão familiar que Laurel poderia fechar os olhos e saber exactamente onde estava. A conversa à frente foi esmorecendo à medida que a estrada afunilava e as árvores sobranceiras se adensavam, até finalmente Iris ligar o pisca e virar para o acesso que assinalava a Quinta Greenacres.

*

A quinta achava-se no mesmo sítio de sempre, empoleirada na colina, com a fachada virada para o prado. Como era natural, as casas tinham o hábito de ficar onde as punham. Iris estacionou o automóvel no sítio plano onde o velho *Morris Minor* do pai tinha assentado arraiais até a mãe finalmente as autorizar a vendê-lo.

— Aqueles beirais estão em muito mau estado — comentou ela.

Rose concordou.

— Dão um aspecto triste à casa, não acham? Venham que eu mostro-vos as últimas infiltrações.

Laurel fechou a porta do automóvel, mas não transpôs o portão da quinta atrás das irmãs. Enfiou as mãos nos bolsos e manteve-se onde estava, abarcando o cenário na sua totalidade: desde o jardim até aos tubos rachados da chaminé, passando por tudo de permeio. O peitoril por onde costumavam descer Daphne dentro do cesto, a varanda onde tinha pendurado os cortinados velhos do quarto para formar um arco de proscénio, o sótão onde Laurel aprendera a

fumar sozinha.

A ideia ocorreu-lhe repentinamente: a casa recordava-se dela.

Laurel não se considerava uma romântica, mas a sensação foi tão forte que, por um instante, não teve qualquer dificuldade em acreditar que a combinação de tábuas de madeira e tijolos vermelhos da chaminé, de telhas manchadas e janelas de empena tortas que se apresentava diante dos seus olhos era dotada de memória. Olhava para ela agora, sentia isso claramente através de cada vidraça; recuando no tempo para casar aquela mulher idosa trajada com um fato de alta-costura com a jovem que contemplava extasiada as fotografias de James Dean. O que pensaria ela, perguntava-se, da pessoa em que se transformara?

Um disparate, claro — a casa não pensava nada. As casas não se lembravam das pessoas, não se lembravam de coisíssima nenhuma. Era ela que se lembrava da casa e não o contrário. E porque não haveria de se lembrar? Fora o seu lar desde os dois anos; morara lá até aos dezassete. Admitia que estivera bastantes anos sem a visitar — mesmo com as suas visitas semi-regulares ao hospital, parecia que nunca arranjava tempo para voltar a Greenacres —, mas levava uma vida ocupada. Laurel deitou uma olhadela à casa da árvore. Fizera todo o possível por se manter ocupada.

— Não pode ter sido assim há tanto tempo ao ponto de te teres esquecido de onde fica a porta — chamou-a Iris do *hall* de entrada. Desaparecera para dentro de casa, mas a sua voz flutuava atrás dela. — Não me digas... Estás à espera de que o mordomo te vá buscar as malas!

Laurel revirou os olhos como uma adolescente, pegou na mala e dirigiu-se a casa. Seguiu pelo mesmo caminho empedrado que a mãe descobrira cerca de sessenta anos antes num dia soalheiro de Verão...

*

Dorothy Nicolson reconheceu em Greenacres o local para criar a sua família, mal a viu. Não era suposto andar à procura de uma casa. A guerra acabara havia poucos anos, não tinham capital que se visse, e a sogra tinha acedido graciosamente a arrendar-lhes um quarto no seu próprio estabelecimento (em troca de tarefas quotidianas, naturalmente — a pousada não era nenhuma obra de caridade!). Dorothy e Stephen só tinham saído para fazer um piquenique.

Era um raro dia de folga em meados de Julho; mais raro ainda, a mãe de Stephen oferecera-se para tomar conta da bebé Laurel. Acordaram ao romper do dia, enfiaram uma cesta e uma manta no banco traseiro e dirigiram o *Morris Minor* para ocidente, sem outros planos para além de seguir pela primeira estrada campestre que lhes agradasse. E foi o que fizeram durante algum tempo: a mão dela na perna dele, o braço dele em volta dos ombros dela, o ar ameno a correr através das janelas abertas... E assim poderiam ter continuado, não fosse terem tido um furo.

Mas tiveram e, por conseguinte, abrandaram a velocidade, estacionando o automóvel na berma da estrada, a fim de avaliar os estragos. Ali estava ele, mais claro do que água: um malvado prego espetado na borracha do pneu, um furo enorme.

Mas eles eram jovens e estavam apaixonados, e não era todos os dias que passavam tempo livre juntos, e, como tal, o dia não ficou estragado como teria ficado noutras circunstâncias. Enquanto o marido remendava o pneu, Dorothy deambulou pela colina verdejante, à procura de um sítio plano onde pudesse estender a manta do piquenique. E foi então que alcançou o cimo da colina, deparando-se com a Quinta Greenacres.

Nada disto era uma suposição da parte de Laurel. Todos os irmãos Nicolson conheciam a história da aquisição de Greenacres de cor e salteado. O velho proprietário da quinta, céptico a coçar a

cabeça quando Dorothy lhe batera à porta, os pássaros a fazer ninho na lareira da sala de estar enquanto o homem lhes servia um chá, os buracos no chão com tábuas a tapá-los como pontes estreitas. E, acima de tudo, ninguém tinha qualquer dúvida quanto à certeza imediata da mãe de que tinha de ir morar para aquele sítio.

A casa, explicara-lhe ela vezes sem conta, falara com ela, ela ouvira-a, e dera-se o caso de as duas se terem entendido às mil maravilhas. Greenacres era uma velha senhora imperiosa, um tanto ou quanto decadente, sem dúvida, rabugenta à sua maneira; mas quem não seria nas suas circunstâncias? A deterioração, Dorothy constatava, escondia uma imensa e vetusta dignidade. A casa era orgulhosa e era solitária, o género de sítio que se alimentava das gargalhadas das crianças e do amor de uma família e do aroma a cordeiro com alecrim a assar no forno. Tinha uns bons e íntegros ossos e estava disposta a olhar para o futuro ao invés do passado, a acolher uma nova família e a crescer com ela, a abraçar as suas tradições recém-chegadas. Ocorria agora a Laurel, de uma forma como nunca até aí ocorrera, que a descrição que a mãe fazia da casa poderia ter sido um auto-retrato.

*

Laurel limpou os pés no tapete e entrou em casa. As tábuas do soalho rangeram num tom familiar, o mobiliário continuava todo no sítio do costume e, não obstante, a casa parecia-lhe diferente. O ar cheirava a mofo, apercebeu-se, e era compreensível: a casa estava fechada desde que Dorothy fora internada no hospital. Rose vinha olhar por ela sempre que a sua tarefa de tomar conta dos netos lhe permitia, e o marido dela, Phil, fazia o que podia, mas nada que se comparasse a uma casa permanentemente habitada. Era constrangedor, pensou Laurel, reprimindo um arrepio, a rapidez com que a presença de uma pessoa podia desaparecer, a facilidade com que a civilização dava lugar ao ermo e ao abandono.

Libertou-se de pensamentos depressivos e, por uma questão de hábito, juntou as suas malas às que já se achavam amontoadas por debaixo da mesa do *hall*. Em seguida, sem pensar, dirigiu-se à cozinha. Era o sítio onde costumavam fazer os trabalhos de casa, aplicar pensos rápidos nas feridas e verter lágrimas por corações partidos; o primeiro sítio aonde todos se dirigiam mal chegavam a casa. Rose e Iris já lá estavam.

Rose ligou o interruptor junto ao frigorífico e a instalação eléctrica zuniu. Esfregou as mãos uma na outra com ar animado.

— E que tal se eu preparasse um chá para nós?

— Nada me saberia melhor — respondeu-lhe Iris, descalçando os sapatos decotados e esticando e encolhendo os dedos dos pés dentro das meias pretas, qual bailarina impaciente.

— Eu trouxe vinho — anunciou Laurel.

— A não ser isso. Esquece o chá.

Enquanto Laurel ia buscar a garrafa à mala, Iris retirou os copos do armário da cozinha.

— Rose? — susteve um copo ao alto, pestanejando ostensivamente por cima dos seus óculos em forma de olhos felinos. Os olhos dela eram do mesmo tom cinzento-chumbo que o cabelo *à la garçonne*.

— Ah! — Rose dando voltas ao mostrador do relógio. — Ah, não sei, ainda agora são cinco horas.

— Vá lá, minha querida maninha Rosie — insistiu Laurel, vasculhando uma gaveta de talheres um tanto ou quanto pegajosos, à procura de um saca-rolhas. — É rico em antioxidantes, sabias? — Encontrou o saca-rolhas e pressionou as pontas dos dedos peganhentas umas contra as outras. — Pouco lhe falta para ser um alimento saudável.

— Bom... está bem.

Laurel tirou a rolha e começou a servir o vinho. Por hábito, alinhou os copos para garantir que distribuíra o vinho irmanamente entre as três. Sorriu quando deu por isso; ali estava um bom exemplo de

regressão à infância. Fosse como fosse, Iris ficaria satisfeita. A justiça poderia ser considerada o grande ponto de fricção entre todos os irmãos, mas era uma autêntica obsessão para os do meio. «Pára de contar, minha florzinha», costumava dizer-lhes a mãe. «Ninguém gosta das meninas que esperam receber mais do que os outros.»

— Só um nadinha, Lol — disse-lhe Rose à cautela. — Não quero estar zonza quando a Daphne aqui chegar.

— Então, já soubeste alguma coisa dela? — Laurel ofereceu o copo mais cheio a Iris.

— Mesmo antes de sairmos do hospital... Não vos disse? Que cabeça a minha, francamente! Vai chegar cá por volta das seis, assim o trânsito permita.

— Se ela está assim tão perto, calculo que seria melhor pensar em fazer qualquer coisa para o jantar — sugeriu Iris, abrindo o armário e apoiando-se de joelhos num banco para verificar os prazos de validade. — Se deixar o caso entregue nas vossas mãos, vamos ficar a chá e torradas.

— Eu ajudo — prontificou-se Rose.

— Nem pensar. — Iris enxotou-a sem se virar. — Não é preciso.

Rose olhou de relance para Laurel, que lhe estendeu um copo com vinho e apontou para a porta. Não valia a pena argumentar. Estava consagrado na tradição familiar: Iris era quem cozinhava sempre, quem andava sempre sobrecarregada, e as outras deixavam-na desfrutar do seu martírio porque era uma espécie de pequena amabilidade acordada entre as irmãs.

— Bom, já que insistes — respondeu-lhe Laurel, vertendo um pouco mais de *pinot* no seu copo.

*

Enquanto Rose ia lá acima verificar se o quarto de Daphne estava em ordem, Laurel pegou no vinho e foi para o jardim. A chuva que

caíra nessa manhã tinha limpado o ar e ela respirou fundo. O baloiço chamou a sua atenção e ela foi sentar-se no seu banco, oscilando lentamente para a frente e para trás, fazendo pressão com os calcanhares. O baloiço fora um presente de todos os irmãos para a mãe pelo seu octogésimo aniversário, e Dorothy declarara de imediato que iria ficar à sombra do grande e velho carvalho. Ninguém tivera coragem de lhe lembrar que havia outros locais no jardim com vistas mais bonitas. Aos olhos de um estranho, o panorama seria bem capaz de não passar de um prado despido, mas todos os Nicolson compreendiam que a sua simplicidade era meramente ilusória. Algures naquele prado, por entre a erva, ficava o sítio onde o pai desfalecera e acabara por morrer.

A memória era insidiosa. A memória de Laurel conduziu-a precisamente ali, àquela tarde, de mão erguida para escudar do sol os seus olhos de adolescente ansiosa à medida que estes varriam o prado, à espera de vislumbrar o pai de regresso do seu dia de trabalho; à espera de largar numa corrida, lhe dar o braço e voltar com ele para casa. A sua memória dizia-lhe que o vira à medida que ele avançava pela erva; quando ele se deteve para contemplar o pôr do Sol, reparar no contorno rosado das nuvens, e dizer, como sempre dizia: «Céu rosado ao sol-pôr é a alegria do pastor»; à medida que o seu corpo se retesava, e ele começava a arquejar; à medida que levava a mão ao peito; que cambaleava e caía.

Mas não fora assim. Quando este acontecimento se dera, ela estava do outro lado do mundo, tinha cinquenta e seis anos ao invés de dezasseis, e estava a vestir-se para uma cerimónia de atribuição de prémios em Los Angeles, a perguntar-se se seria a única pessoa ali cujo rosto não havia sido alisado à custa de enchimentos e uma valente dose da velha toxina do botulismo. Só soubera da morte do pai quando Iris lhe ligara e lhe deixara uma mensagem no telemóvel.

Não, era outro o homem que ela vira cair e morrer numa tarde soalheira quando tinha dezasseis anos.

Laurel acendeu um cigarro com um fósforo, de sobrolho franzido a contemplar o horizonte, enquanto tornava a guardar a caixa no bolso. A casa e o jardim estavam iluminados pelo sol, mas os campos distantes, além do prado e mais próximos do bosque, começavam a escurecer. Deitou uma olhadela ao céu, para lá do varão de ferro forjado do banco do baloiço, onde se vislumbrava o chão da casa da árvore por entre a folhagem. O escadote continuava no mesmo sítio de sempre, bocados de madeira pregados ao tronco, alguns deles agora tortos. Alguém pendurara um colar de contas brilhantes cor-de-rosa e roxas num dos degraus; uma das netas de Rose, calculou Laurel.

Naquele dia, descera muito devagar.

Puxou uma longa fumaça do cigarro, perdida nas suas recordações. Voltara a si, ofegante, na casa da árvore e lembrara-se de imediato do homem, da faca, do rosto aterrorizado da mãe, e, em seguida, arrastara-se até ao escadote.

Quando chegara ao chão, deixara-se ficar com ambas as mãos agarradas ao degrau à sua frente, a cabeça apoiada no tronco rugoso da árvore, abrigada na calmaria silenciosa do momento, sem saber para onde ir ou o que fazer a seguir. Por absurdo que pudesse parecer, ocorreu-lhe que seria melhor dirigir-se para o regato, juntar-se às irmãs e ao irmão bebé, ao pai com o seu clarinete e o seu sorriso folgazão...

Talvez tenha sido nessa altura que reparara que já não os ouvia.

Encaminhou-se então para casa, a cabeça baixa, os pés descalços a saltitar pelo empedrado quente do carreiro. Houve um instante em que o olhar dela se desviou para o lado, e Laurel teve a impressão de vislumbrar um objecto grande e branco junto ao canteiro das flores, algo que não pertencia ali, mas tornou a baixar a cabeça e a desviar o olhar e estugou o passo, impulsionada pela esperança totalmente infantil de que talvez, se ela não olhasse e não visse, pudesse chegar a casa, transpor a soleira, e tudo continuaria como até aí.

Estava em estado de choque, obviamente, mas não tinha noção disso. Achava-se sob a protecção de uma calma sobrenatural, como se envergasse um manto, um manto mágico que lhe permitia evadir-se da vida real, como as personagens dos contos de fadas que existem para lá da página e, quando chegam ao castelo, encontram todos os seus ocupantes adormecidos. Antes de entrar em casa, parou, a fim de levantar o *hula hoop* caído no chão.

A casa estava estranhamente silenciosa. O Sol já se escondera por detrás do telhado e o *hall* estava às escuras. Laurel aguardou junto à porta da rua aberta até os seus olhos se acostumarem à penumbra. Ouvia um estampido vindo dos canos de esgoto de ferro a arrefecer, um barulho que significava Verão, as férias e os longos crepúsculos amenos com borboletas nocturnas a esvoaçar em redor dos candeeiros acesos.

Dirigiu o olhar para a escada alcatifada e, sem saber precisar o motivo, percebeu que as irmãs não estavam em casa. O tiquetaque do relógio da entrada assinalava a passagem dos segundos e, momentaneamente, Laurel perguntou-se se se teriam ido todos embora (a mãe, o pai e o bebé também), deixando-a sozinha com o que quer que fosse que se achava debaixo do lençol branco lá fora. A ideia provocou-lhe um arrepio na espinha. Foi então que ouviu uma pancada surda vinda da sala de estar e virou a cabeça, deparando-se com o pai de pé junto à lareira apagada. Estava curiosamente rígido, uma mão caída de lado, a outra de punho fechado em cima da consola de madeira, e disse:

— Pelo amor de Deus, a minha mulher tem muita sorte em estar viva.

Uma voz masculina chegou de fora do palco, algures para lá da porta, onde Laurel não o conseguia ver:

— Eu compreendo isso, Sr. Nicolson, tal como espero que o senhor compreenda que nós estamos apenas a fazer o nosso trabalho.

Laurel aproximou-se em bicos dos pés, detendo-se antes de

chegar à luz que se projectava através da porta aberta. A mãe estava sentada na poltrona, a embalar o bebé no colo. Este dormia; Laurel via-lhe o perfil de querubim, a bochecha rechonchuda achatada contra o ombro da mãe.

Havia outros dois homens na sala, um indivíduo calvo no sofá e um jovem que tomava apontamentos ao pé da janela. Polícias, constatou ela. Era óbvio que eram polícias. Sucedera uma coisa terrível. O lençol branco no jardim inundado de sol.

O mais velho inquiriu:

— A senhora reconheceu-o, Sr.^a Nicolson? É alguém que já tenha encontrado? Alguém que tenha visto, mesmo ao longe?

A mãe de Laurel não lhe respondeu, pelo menos não de forma audível. Estava a sussurrar junto à cabeça do bebé, os lábios a movimentarem-se suavemente contra o seu cabelo fino. O pai falava em voz alta por ela.

— Claro que não — declarou ele. — Tal como a minha esposa já lhe disse, ela nunca lhe tinha posto a vista em cima. Se quer saber a minha opinião, o senhor deveria estar agora a comparar a descrição dele com a daquele indivíduo que tem saído nos jornais, o que anda a molestar as pessoas nos piqueniques.

— Nós iremos seguir todas as pistas, Sr. Nicolson, disso pode ter a certeza. Neste momento, porém, há um cadáver no seu jardim e apenas a palavra da sua esposa a respeito de como lá foi parar.

O pai irritou-se.

— Aquele homem atacou a minha mulher. Tratou-se de um gesto de autodefesa.

— O senhor assistiu a isso, Sr. Nicolson?

A voz do polícia mais velho deixou transparecer um laivo de impaciência que amedrontou Laurel. Recuou um passo. Eles não sabiam que ela ali estava. E não havia necessidade de descobrirem. Poderia esgueirar-se sorratamente, continuar escada acima, com cuidado para não pisar as tábuas que rangiam, ir meter-se, bem aconchegada, na cama. Poderia deixá-los entregues às misteriosas

maquinações do mundo adulto e esperar que dessem com ela quanto tivessem acabado; que lhe viessem dizer que estava tudo resolvido...

— Eu perguntei-lhe se o senhor esteve presente, Sr. Nicolson? Se assistiu ao sucedido?

... Laurel, porém, sentiu-se atraída pela sala, o contraste entre a luz do candeeiro aceso e o corredor às escuras, o seu estranho quadro vivo, a aura de importância na voz tensa do pai, a sua postura, projectada para a frente. Lá no fundo, tinha uma veia, sempre tivera, que exigia inclusão, que se prontificava a ajudar quando a ajuda era dispensável, que abominava a ideia de adormecer com receio de ficar de fora dos acontecimentos.

Estava em estado de choque. Precisava de companhia. Não havia nada que pudesse fazer contra isso. Fosse como fosse, Laurel abandonou os bastidores e entrou em cena.

— Eu estava lá — anunciou ela. — Eu vi-o.

O pai olhou para ela, surpreso. Olhou de relance para a mulher e depois novamente para Laurel. A voz dele tinha um tom diferente quando falou, áspera e apressada, quase como um assobio.

— Laurel, já chega.

Todos os olhares se concentravam nela: os da mãe, do pai, dos dois polícias. As frases seguintes, Laurel bem sabia, seriam cruciais. Evitou o olhar do pai e começou:

— O homem chegou vindo das traseiras. Tentou agarrar no bebé.

— Tinha sido assim, não tinha? Estava segura quanto ao que vira.

O pai franziu o sobrolho.

— Laurel...

Falava agora mais depressa, determinada. (E porque não? Já não era nenhuma criança, sempre pronta a escapulir-se para o quarto à espera de que os adultos pusessem as coisas nos eixos; agora era como eles; tinha um papel a desempenhar; era importante.) As luzes dos projectores intensificaram-se e Laurel encarou o olhar do polícia mais velho.

— Houve uma briga. Eu vi. O homem atacou a minha mãe e depois... e depois, ele caiu no chão.

Ninguém se pronunciou durante uns instantes. Laurel olhou para a mãe, que, entretanto, já deixara de sussurrar ao bebé, e tinha agora o olhar fixo num ponto algures atrás do ombro da filha. Alguém fizera chá. Laurel haveria de guardar aquele pormenor na memória durante anos e anos. Alguém fizera chá, mas ninguém o provou. As chávenas ficaram por tocar nas mesas espalhadas pela sala, uma delas em cima do parapeito da janela. O relógio do *hall* continuava a fazer tiquetaque.

Por fim, o polícia calvo ajeitou-se no sofá e clareou a voz.

— Laurel, é assim que te chamas?

— É sim, senhor.

O pai expirou, uma grande lufada de ar, o som de um balão a esvaziar. A sua mão apontou na direcção de Laurel e ele afirmou:

— A minha filha. — Parecia dar-se por vencido. — A mais velha.

O indivíduo no sofá olhou para ela e, em seguida, os seus lábios rasgaram-se num sorriso que lhe chegou aos olhos. Disse-lhe:

— Creio que será melhor entrares, Laurel. Senta-te e começa desde o princípio. Conta-nos tudo o que viste.

Capítulo 5

Laurel contou a verdade ao polícia. Sentou-se acanhadamente na extremidade oposta do sofá, esperou pelo encorajamento relutante do pai e depois começou a relatar a sua tarde. Tudo o que vira, tal e qual acontecera. Estivera a ler na casa da árvore, até que interrompera a leitura para assistir à chegada do homem.

— Porque é que o estavas a observar? Havia algo de invulgar nele? — O tom e a expressão do polícia não davam qualquer indício quanto às suas expectativas.

Laurel franziu o sobrolho, ansiosa por se lembrar de cada pormenor e provar ser uma testemunha fidedigna. Sim, ela achava que talvez houvesse. Não que ele corresse, gritasse ou se comportasse de alguma outra forma óbvia, mas, não obstante, ele era — olhou de relance para o tecto, a tentar desencantar a palavra certa —, ele era *sinistro*. Satisfeita com a adequação da palavra, repetiu-a. Ele era sinistro e ela estava assustada. Não, não sabia precisar porquê, mas a verdade é que estava.

Achava ela que o que se passou depois poderia ter influenciado a sua primeira impressão? Fazer que uma coisa vulgar parecesse mais perigosa do que de facto era?

Não, ela tinha a certeza. Não havia dúvida de que ele tinha qualquer coisa de assustador.

O polícia mais jovem ia tomando apontamentos no seu bloco. Laurel expirou. Não se atrevia a olhar para os pais com receio de que lhe faltasse a coragem.

— E quando ele chegou a vossa casa? O que foi que aconteceu?

— Ele contornou a esquina, com muito mais cuidado do que uma visita normal faria... sorrateiramente... e depois a minha mãe saiu de casa com o bebé.

— Ela trazia-o ao colo?

— Sim.

— E trazia mais alguma coisa?

— Sim.

— O que era?

Laurel mordeu o interior da bochecha, recordando-se do clarão prateado.

— Trazia a faca do bolo de anos.

— Tu reconheceste a faca?

— Nós usamo-la nas ocasiões especiais. Tem uma fita vermelha atada em volta do cabo.

A atitude do polícia continuava inalterada, embora ele tivesse feito uma pausa antes de prosseguir.

— E o que foi que se passou então?

Laurel estava atenta.

— Então, o homem atacou-os.

Laurel sentiu uma leve dúvida maçadora vir à tona, como um reflexo de sol a obscurecer um pormenor de uma fotografia, à medida que descrevia o homem a precipitar-se para o bebé. Hesitou um momento, fixando o olhar nos joelhos enquanto se esforçava por recriar a acção na sua mente. Depois, prosseguiu. O homem fizera menção de pegar em Gerry, disso lembrava-se, e tinha a certeza de lhe ver as duas mãos estendidas, a preparar-se para arrancar o irmão dos braços da mãe. Fora então que a mãe pousara Gerry atrás dela para o deixar em segurança. E depois o homem agarrara a faca, tentara apoderar-se dela, e os dois tinham lutado...

— E depois?

A caneta do polícia mais novo ia riscando o bloco de apontamentos à medida que ele anotava tudo quanto ela dissera até

aí. A caneta fazia barulho e Laurel estava cheia de calor, a sala entretanto fora aquecendo, disso não havia dúvida. Estava admirada por o pai não abrir a janela.

— E depois?

Laurel engoliu em seco. Tinha a boca áspera.

— E depois a minha mãe cravou-lhe a faca.

A sala ficou em silêncio. Só se ouvia era a caneta a deslizar sobre o papel. Laurel via a cena com enorme clareza na sua mente: o homem, o homem horrível com a sua expressão sombria e umas grandes manámulas a agarrar a mãe, a tentar magoá-la, com intenções de, a seguir, fazer mal ao bebé...

— E o homem caiu no chão de imediato?

A caneta parara de escrever. Junto à janela, o polícia mais jovem olhava para ela por cima do bloco de apontamentos.

— O homem caiu imediatamente no chão?

Laurel assentiu com a cabeça com uma certa hesitação.

— Acho que sim.

— Achas que sim?

— Não me lembro de mais nada. Foi nesse momento que desmaiei, acho eu. Quando acordei, ainda estava na casa da árvore.

— E quando foi isso?

— Agora mesmo. E a seguir vim para cá.

O polícia mais velho inspirou de forma lenta, não de todo silenciosa, e depois soltou o ar.

— Há mais alguma coisa de que te lembres que nós devêssemos saber? Algo que tenhas visto ou ouvido? — Deslizou a mão pela calva. Os seus olhos eram azuis muito claros, quase cinzentos. — Leva o tempo que precisares; os pormenores mais ínfimos podem revelar-se importantes.

Haveria alguma coisa de que se tivesse esquecido? Teria visto ou ouvido mais alguma coisa? Laurel ponderou aturadamente antes de responder. Achava que não. Não, tinha a certeza de que era tudo.

— Nada de nada?

Insistiu que não. O pai tinha as mãos enfiadas nos bolsos e lançou um olhar fulminante ao polícia.

Os dois polícias trocaram um olhar, o mais velho baixou ligeiramente a cabeça e o mais novo fechou o bloco de apontamentos com um piparote. A entrevista chegara ao fim.

*

Depois, Laurel foi sentar-se no peitoril da janela do seu quarto, a roer a unha do polegar e a ver os três homens lá fora, junto ao portão. Não estiveram com grandes conversas, contudo, ocasionalmente, o polícia mais velho dizia qualquer coisa e o pai respondia-lhe, apontando para vários objectos no horizonte cada vez mais escuro. A conversa poderia ter versado métodos agrícolas ou o calor da estação ou os usos das terras de Suffolk ao longo da história, embora Laurel duvidasse de que estivessem a discutir qualquer um destes assuntos.

Uma carrinha avançou pesadamente pelo carreiro de acesso a casa e o polícia mais jovem foi ao seu encontro, percorrendo a erva alta a passos largos e apontando para a casa atrás de si. Laurel viu um homem sair pela porta do condutor à medida que uma maca era retirada pela traseira, e o lençol (que afinal não era tão branco como isso, reparava agora; estava cheio de manchas vermelhas que eram agora quase negras) ondulava enquanto arrepiava caminho pelo jardim fora. Enfiaram a maca na carrinha e de seguida arrancaram. Os polícias foram-se embora e o pai voltou para casa. A porta da rua fechou-se, Laurel ouviu-a através do soalho. Tal como o ouviu descalçar as botas (uma, depois a outra) e depois passos suaves de peúgas que se dirigiam à mãe na sala de estar.

Laurel correu as cortinas e voltou costas à janela. Os polícias tinham-se ido embora. Ela contara a verdade; descrevera exactamente o que se lembrava, tudo o que acontecera. Então,

porque seria que se sentia assim? Estranha e insegura.

Deitou-se na cama, enroscou-se bem enroscada, com as mãos entre os joelhos, unidas em posição de prece. Fechou os olhos, mas tornou a abri-los para deixar de ver o clarão prateado, o lençol branco, a cara da mãe quando o homem dissera o nome dela...

Laurel retesou-se. O homem dissera o nome da mãe.

Ela não contara isso ao polícia. Ele perguntara-lhe se havia mais alguma coisa de que se lembrasse, qualquer coisa que tivesse visto ou ouvido, e ela respondera que não, que não havia mais nada. Mas havia, houvera.

A porta abriu-se e Laurel apressou-se a sentar, quase à espera de deparar com o polícia mais velho. Mas era apenas o pai, que lhe vinha dizer que ia buscar as irmãs a casa do vizinho. O bebé já estava a dormir e a mãe estava a descansar. O pai hesitou junto à porta, batendo com a mão ao de leve na ombreira. Quando por fim falou, a voz saiu-lhe rouca.

— Mas que grande choque que tivemos esta tarde, um choque terrível.

Laurel mordeu o lábio. Lá muito no fundo, um soluço de que não se apercebera ameaçou irromper.

— A tua mãe é uma mulher corajosa.

Laurel assentiu com a cabeça.

— É uma sobrevivente, e o mesmo se pode dizer de ti. Portaste-te muito bem com aqueles polícias.

— Obrigada, paizinho — murmurou, sentindo as lágrimas a arder-lhe nos olhos..

— A polícia diz que é provável que seja o homem dos jornais, aquele que anda a dar problemas na zona do regato. A descrição condiz e não há mais ninguém que pudesse ter vindo intimidar a tua mãe.

Era como ela pensava. Quando avistara o homem pela primeira vez, não se perguntara se não seria o mesmo dos jornais? Laurel sentiu-se subitamente mais leve.

— Agora ouve o que te digo, Lol. — O pai enfiou as mãos nos bolsos, remexendo-as ligeiramente antes de prosseguir. — Eu e a tua mãe estivemos a conversar e parece-nos boa ideia não contar às tuas irmãs tudo o que se passou. Não há necessidade e é de mais para o entendimento delas. Se dependesse de mim, preferia que tu também tivesses estado a quilómetros dali, mas não estavas e, quanto a isso, não há nada a fazer.

— Peço desculpa.

— Não tens nada por que pedir desculpa. A culpa não foi tua. Tu ajudaste a polícia, a tua mãe também, e o caso está arrumado. Um homem mal-intencionado veio a nossa casa, mas agora já está tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Não era uma pergunta, não propriamente, mas soou como tal e, por conseguinte, Laurel respondeu:

— Sim, paizinho. Vai ficar tudo bem.

Ele esboçou um sorriso de esguelha.

— És uma boa rapariga, Laurel. Agora vou buscar as tuas irmãs. Vamos guardar o que aconteceu só para nós, hem? Assim é que é, linda menina.

*

E assim fora. Tornou-se o grande acontecimento tácito na história da família. As irmãs não souberam de nada e Gerry não tinha seguramente idade para se recordar, embora, quanto a isto, o futuro haveria de demonstrar que estavam redondamente enganados.

As outras irmãs perceberam, obviamente, que qualquer coisa estanha se passara — tinham sido despachadas sem cerimónias da festa de anos e depositadas diante do televisor *Decca*, novinho em folha, do vizinho; os pais andaram semanas invulgarmente cabisbaixos; e dois polícias começaram a fazer visitas regulares que implicavam portas fechadas e vozes baixas e sérias —, contudo, tudo fez sentido quando o pai lhes falou a respeito do pobre sem-

abrigo que morrera no prado no aniversário de Gerry. Era triste, mas, tal como o pai salientou, eram coisas que aconteciam.

Laurel, entretanto, foi ganhando cada vez mais o hábito de roer as unhas. A investigação da polícia ficou concluída numa questão de semanas: a idade e a descrição do homem condiziam com as do intruso dos piqueniques, a polícia afirmou que não era raro, em casos como aquele, a violência agravar-se com o tempo, e o testemunho de Laurel deixara claro que a mãe agira em autodefesa. Um assalto que acabara mal; uma escapatória oportuna; não havia vantagem nenhuma em escarrapachar os pormenores nos jornais. Felizmente, viviam numa época em que a descrição era regra e um acordo de cavalheiros era capaz de transferir uma manchete para a terceira página. O pano caiu, a história acabou.

Ou quase. Enquanto as vidas dos seus familiares tinham retomado a sua programação regular, a de Laurel manteve-se numa indistinção estática. A sensação de que estava isolada dos outros intensificou-se e ela começou a andar estranhamente agitada. O acontecimento não lhe saía do pensamento, bem como o papel que ela desempenhara na investigação policial, as coisas que contara aos agentes (pior ainda, as coisas que lhes omitira) deixavam-na por vezes num estado de pânico tal que mal conseguia respirar. Fosse para onde fosse em Greenacres (para dentro de casa ou lá para fora, para o jardim), sentia-se presa ao que vira e fizera. As recordações achavam-se por todo o lado; eram inevitáveis; agravadas pelo facto de o acontecimento que lhes dera origem ser completamente inexplicável.

Quando fez audições para a Central School of Speech and Drama e foi admitida, Laurel ignorou as súplicas dos pais para ficar em casa, para adiar a decisão por um ano e concluir os exames do secundário, para pensar nas irmãs, no irmão bebé, que a adorava mais do que a qualquer das outras. Em lugar disso, fez as malas, o mais leves possível, e virou as costas à família. O rumo da sua vida mudara repentinamente, tal e qual como um cata-vento se põe a

andar às voltas quando há uma tempestade inesperada.

*

Laurel bebeu o que restava do vinho e deixou-se ficar a ver um casal de gralhas sobrevoar o prado do pai. Alguém tinha mexido no regulador de intensidade do projector gigante e o mundo lançava-se na escuridão. Todas as actrizes têm palavras predilectas e «entardecer» era uma das de Laurel. Era um prazer articulá-la, a sensação de chegada da noite e de cerco indefeso inerente ao som da palavra, e, no entanto, era tão próxima de «resplandecer» que um pouco do brilho desta última acabava também por a contagiar.

Era o momento do dia que ela associava especialmente à infância, à vida que levara antes da sua partida para Londres: o regresso do pai a casa ao fim de um dia de trabalho na quinta, a mãe a secar Gerry com uma toalha junto ao fogão, as irmãs lá em cima na risota a ver Iris desfiar o seu repertório de imitações (não deixava de ser uma ironia que, em adulta, Iris se tivesse tornado, de longe, a mais imitada de todas as personagens da infância, a directora de uma escola), o momento de transição, quando as luzes se acendiam no interior e a casa cheirava a sabonete e a grande mesa de carvalho era posta para o jantar. Mesmo agora, Laurel sentia de forma quase inconsciente a mudança natural do dia. Para ela, era o que mais se assemelhava a ter saudades de casa no seu próprio lar.

Deu por qualquer coisa a mexer-se no prado, no caminho que o pai costumava percorrer todos os dias, e retesou-se; mas era apenas um automóvel, um automóvel branco — via-o agora com maior nitidez — a serpentear pelas curvas da estrada. Levantou-se, sacudindo as últimas gotas de vinho do copo. O ar arrefecera e Laurel aconchegou os braços em redor da cintura, dirigindo-se lentamente para o portão. O condutor fez piscar os faróis com uma energia que só poderia vir de Daphne, e Laurel ergueu uma mão

para lhe acenar.

Capítulo 6

Laurel passou uma parte considerável do jantar a observar o rosto da irmã mais nova. Alguma coisa ela lhe teria feito, e bem feito, e o resultado era fascinante. «Um novo hidratante absolutamente fabuloso», diria Daphne a quem lhe perguntasse, o que, uma vez que Laurel não gostava que lhe mentissem, se coibiu de fazer. Assim, foi assentindo com a cabeça à medida que a irmã sacudia os caracóis louros e as deliciava a todas com histórias das gravações do programa *Manhãs de Los Angeles*, onde todos os dias debitava o boletim meteorológico e namoriscava com um locutor chamado Chip. Os intervalos no seu monólogo loquaz eram raros e, quando a ocasião finalmente surgiu, Rose e Laurel precipitaram-se para não a deixar escapar.

— Tu primeiro — disse Laurel, inclinando o copo de vinho (outra vez vazio, reparou) na direcção da irmã.

— Eu só queria sugerir que talvez fosse melhor conversarmos um bocadinho sobre a festa da mamã.

— Sou da mesma opinião — disse Iris.

— Eu tenho umas ideias — acrescentou Daphne.

— Com certeza...

— Obviamente...

— Nós...

— Eu...

— O que é que *tu* tens em mente, Rosie? — perguntou-lhe Laurel.

— Bom — Rose, sempre desconfortável sob a pressão das irmãs,

começou com uma tossidela —, terá de ser no hospital, infelizmente, mas eu pensei que podíamos arranjar maneira de criar uma ocasião especial para ela. Vocês sabem a importância que ela dá aos aniversários.

— Tiraste-me as palavras da boca — disse Daphne, contendo um leve soluço por detrás das unhas pintadas de rosa-bebé. — E, seja como for, será o último que ela vai celebrar.

O silêncio instalou-se à mesa, com a indelicada excepção do relógio suíço, até Iris o interromper com uma fungadela.

— Tu agora andas muito... espevitada, não andas? — observou ela, acariciando as pontas afiladas do seu penteado *à la garçonne* cinzento-chumbo. — Desde que foste morar para os Estados Unidos.

— Eu só estava a dizer...

— Parece-me que todas percebemos o que estavas a dizer.

— Mas é verdade.

— Mais uma razão, alguém poderia argumentar, para tu não teres necessidade nenhuma de dizer isso.

Laurel olhou para as irmãs. Iris de ar carrancudo, Daphne a pestanejar os olhos azuis mortificados, Rose a torcer a trança com uma ansiedade que ameaçava arrancá-la. Bastar-lhe-ia semicerrar ligeiramente os olhos para as ver de volta à infância. Suspirou de olhar fixo no copo.

— Talvez pudéssemos levar-lhe alguns dos seus objectos preferidos — sugeriu então. — Pôr a tocar uns discos da colecção do pai. É a esse tipo de coisas que te referes, Rosie?

— Sim — confirmou a irmã, com uma gratidão enervante —, sim, isso seria perfeito. Lembrei-me até de que lhe podíamos contar algumas das histórias que ela costumava inventar para nós.

— Como aquela do portão ao fundo do jardim que conduzia ao reino das fadas.

— E os ovos de dragão que encontrou no bosque.

— E da ocasião em que ela fugiu de casa para se juntar ao circo.

— Ainda se lembram — perguntou Iris de repente — do circo que passou por aqui?

— O meu circo! — declarou Daphne com um sorriso radiante atrás do copo de vinho.

— Bom, é verdade — intrometeu-se Iris —, mas só porque...

— Porque eu apanhei o maldito do sarampo e não pude ir ao circo a sério quando ele veio à cidade. — Daphne riu-se com gosto perante aquela recordação. — Ela pediu ao papá que montasse uma tenda ao fundo do prado, lembram-se?, e vestiu-vos a vocês de palhaças. A Laurel era um leão e a mamã andava na corda bamba.

— E até tinha bastante jeito para isso — comentou Iris. — Praticamente, não caiu da corda. Deve ter andado semanas a treinar.

— Ou isso, ou então a história que ela nos contou era verdade, e ela passou mesmo uma temporada no circo — disse Rose. — Vindo da mamã, não me admiraria nada.

Daphne soltou um suspiro contido.

— Tivemos muita sorte em ter uma mãe como a nossa, não tivemos? Tão brincalhona, quase como se nunca tivesse chegado a adulta; completamente diferente de outras mães, velhas e maçadoras. Ainda me lembro de sentir uma certa petulância sempre que recebia colegas da escola em casa.

— Petulante? Tu?! — Iris fingiu surpresa. — Olha que ninguém diria...

— Voltando à festa da mamã — Rose agitou uma mão, ansiosa por evitar nova contenda —, lembrei-me de que podíamos fazer um bolo, um pão-de-ló com recheio de geleia, o prefer...

— Ainda se lembram — interrompeu-a Daphne com súbita vivacidade — da faca, daquela com a fita...

— A fita vermelha — disse Iris.

— ... e o cabo de osso. A mamã fazia questão de se servir dela em todos os aniversários.

— Ela dizia que era mágica, que era capaz de conceder desejos.

— Sabem, eu acreditei nisso durante tanto tempo. — Daphne apoiou o queixo nas costas da mão com um suspiro airoso. — O que terá sido feito dessa velha faca tão engraçada?

— Levou sumiço — comentou Iris. — Agora me lembro. Houve um ano em que não a encontrei no sítio dela, e, quando perguntei à mãe onde estava, ela respondeu-me que tinha desaparecido.

— Deve com certeza ter levado o mesmo destino das centenas de canetas e grampos de cabelo que levaram sumiço nesta casa — apressou-se Laurel a dizer. Pigarreou. — Tenho a garganta seca. Alguém quer mais vinho?

— Não seria maravilhoso se a conseguíssemos encontrar? — ouviu ela à medida que atravessava o *hall* de entrada.

— Mas que ideia esplêndida! Podíamos levá-la para lhe partir o bolo.

Laurel chegou à cozinha e, assim, foi poupada aos preparativos para a organização da equipa de busca. («Onde acham que ela se terá enfiado?» Daphne estava entusiasmada.)

Ligou o interruptor e a cozinha ganhou vida a custo, qual velho e fiel criado que por ali ficara muito depois de o seu prazo de validade caducar. Na ausência de outras pessoas e com o tubo fluorescente a emitir uma ténue meia-luz, a cozinha tinha um aspecto mais triste do que na memória de Laurel; as juntas dos azulejos estavam cinzentas e as tampas das latas cobertas por uma camada baça de pó peganhento. Teve a desconfortável sensação de que o que tinha diante de si era a prova da falta de vista da mãe. Deveria ter-lhe arranjado uma empregada de limpeza. Porque não se lembrara disso? E, aproveitando que estava virada para a autoflagelação (porquê ficar-se por ali?), deveria ter vindo visitá-la com maior frequência, ter ela própria limpado a casa.

O frigorífico, pelo menos, era novo; Laurel encarregara-se disso. Quando o velho *Kelvinator* fora à vida de vez, Laurel encomendara outro frigorífico pelo telefone em Londres: com um sistema de poupança de energia e uma máquina de fazer gelo de que a mãe

nunca se servia.

Laurel encontrou a garrafa que trouxera consigo e fechou a porta do frigorífico com um empurrão. Com um nadinha de força a mais, talvez, porque um dos ímanes soltou-se e um papel foi para ao chão. Desapareceu por debaixo do frigorífico e ela praguejou. Pôs-se de gatas para apalpar o chão entre os bocados de algodão. O recorte de jornal era do *Sudbury Chronicle* e apresentava uma fotografia de Iris com um perfeito ar de directora, de fato de *tweed* e *collants* pretos diante da sua escola. O papel saíra ileso da aventura e Laurel procurou um espaço desimpedido onde tornar a afixá-lo. Foi mais difícil do que poderia parecer. O frigorífico dos Nicolson sempre fora um local concorrido, mesmo antes de alguém, algures, ter tido a ideia de vender ímanes com o propósito expresso de criar desarrumação: qualquer coisa digna de atenção era presa com fita-cola à grande porta branca, para notificação da família. Fotografias, louvores, postais e, como não poderia deixar de ser, qualquer menção nos jornais ou revistas.

Algures, não sabia de onde, chegou-lhe a recordação de uma manhã soalheira de Junho de 1961 — um mês antes da festa de anos de Gerry: os sete sentados em volta da mesa do pequeno-almoço a barrar geleia de morango em torradas com manteiga enquanto o pai recortava o artigo do jornal da localidade; a fotografia de Dorothy, toda sorridente a segurar ao alto o seu feijoeiro galardoado com um prémio; o pai a afixá-lo na porta do frigorífico depois, enquanto os restantes lavavam a louça.

— Está tudo bem contigo?

Laurel virou-se de repente e viu Rose à porta da cozinha.

— Ótimo. Porquê?

— Nunca mais te despachavas. — Franziu o nariz, a examinar Laurel atentamente. — E deixa-me que te diga que estás com um ar um tanto ou quanto adoentado.

— É desta luz — justificou-se Laurel. — Dá às pessoas um resplendor físico deveras encantador. — Atarefou-se com o saca-

rolhas, virando costas a Rose para que a irmã não lhe visse a expressão. — Imagino que os planos para a Grande Caçada à Faca já estejam em marcha?

— Ah, claro. Sinceramente, quando aquelas duas se juntam...

— Se ao menos conseguíssemos juntar forças e usá-las para um fim útil.

— Nem mais.

Uma lufada de vapor saiu do forno quando Rose abriu a porta para dar uma vista de olhos à tarte de framboesa, a especialidade da mãe. O aroma adocicado da fruta quente inundou o ar e Laurel fechou os olhos.

Levara meses até ganhar coragem para fazer perguntas acerca do episódio. Tamanha era a feroz determinação dos pais em olhar para a frente e para cima, negar o que se passara, que, não tivesse ela começado a sonhar com o homem, poderia nunca ter chegado a fazê-lo. Mas tinha, sonhava todas as noites o mesmo. O homem junto à casa, a chamar pelo nome da mãe...

— Está com bom aspecto — observou Rose, puxando o tabuleiro do forno. — Não tão bom quanto a dela, mas não devemos esperar milagres.

Laurel encontrara a mãe na cozinha, precisamente naquele sítio, uns dias antes da sua partida para Londres. Sem rodeios, perguntou-lhe: «Mãe, como é que aquele homem sabia o seu nome?» Sentiu um aperto no estômago quando estas palavras lhe saíram da boca, e uma parte dela, apercebeu-se enquanto esperava pela resposta, rezava para que a mãe lhe dissesse que estava enganada. Que ela tinha ouvido mal e que o homem não dissera nada daquilo.

Dorothy não lhe respondera de imediato. Ao invés, dirigiu-se ao frigorífico, abriu a porta e pôs-se a vasculhar no interior. Laurel ficara a olhar para ela de costas durante o que lhe parecera uma eternidade e já estava quase a perder a esperança quando a mãe, finalmente, começou a falar. «O jornal», disse ela. «A polícia acha

que ele deve ter lido o artigo no jornal. Tinha um exemplar dentro da sacola. Foi assim que descobriu aonde se deveria dirigir.»

Fizera todo o sentido.

Isto é, Laurel queria que fizesse sentido e, por conseguinte, assim fora. O homem lera o jornal, vira a fotografia da mãe e, em seguida, lançara-se no seu encalço. E se uma vozinha lá bem no fundo de Laurel sussurrou: «Porquê?», ela fez por a ignorar. O homem era desequilibrado... Quem poderia apontar um motivo ao certo? E, fosse como fosse, que importância tinha isso? O caso estava arrumado. Desde que Laurel não comesse a puxar pelos fios delicados, a tapeçaria manter-se-ia coesa. A imagem continuaria intacta.

Pelo menos, assim fora, até agora. Custava a acreditar que, sinceramente, cinquenta anos decorridos, bastara Laurel tornar a olhar para uma velha fotografia e ouvir o nome de uma mulher para a trama da sua ficção se começar a desfiar.

O tabuleiro deslizou para o interior do forno com um ruído metálico e:

— Mais cinco minutos — disse Rose.

Laurel deitou vinho no seu copo e fez por aparentar descontração.

— Rosie?

— Hum?

— Aquela fotografia de hoje, a do hospital. A mulher que ofereceu o livro à mãe...

— A Vivien.

— Isso. — Laurel sentiu um ligeiro arrepio ao pousar a garrafa. O nome tinha um efeito estranho nela. — A mãe já alguma vez te tinha falado nela?

— Por alto — respondeu-lhe a irmã. — Depois de eu encontrar a fotografia. Eram amigas.

Laurel recordava-se da data na fotografia, 1941.

— Durante a guerra.

Rose assentiu com a cabeça, dobrando o pano da loiça num rectângulo perfeito.

— Ela não se alongou muito. Disse apenas que a Vivien era australiana.

— Australiana?

— Veio para cá em miúda, não sei ao certo porquê.

— E como foi que elas se conheceram?

— Isso ela não me contou.

— E porque é que nós nunca a conhecemos?

— Não faço ideia.

— É curioso, não achas, que a mãe nunca nos tenha falado dela?

— Laurel bebeu um gole de vinho. — Pergunto-me porquê.

O relógio do forno tocou.

— Talvez tenham tido alguma zanga. Se tenham afastado. Não sei. — Rose calçou as luvas. — Mas, afinal, a que se deve esse interesse todo?

— Não é interesse nenhum. A sério.

— Então, vamos comer — decidiu Rose, segurando a travessa da tarte em ambas as mãos. — Isto está com um óptimo aspec...

— Ela morreu — declarou Laurel com inesperada convicção. — A Vivien morreu.

— Como é que tu sabes?

— Isto é — Laurel engoliu em seco e apressou-se a recuar —, talvez tenha morrido. O país estava em guerra. É possível, não achas?

— Tudo é possível. — Rose experimentou a crosta com um garfo. — Vê, por exemplo, esta cobertura com um ar deveras apetitoso. Estás pronta a enfrentar as outras?

— Na verdade... — a necessidade de ir lá acima, verificar a sua súbita recordação, foi imediata e premente —, há bocado tu tinhas razão. Não estou lá muito bem-disposta.

— Não queres provar a tarte?

Laurel abanou a cabeça, a meio caminho da porta.

— Desculpa, mas vou deitar-me. Não quero correr o risco de estar doente amanhã.

— Queres que te leve alguma coisa... um paracetamol, uma chávena de chá?

— Não — respondeu-lhe Laurel. — Não, obrigada. A não ser, Rose...

— Sim?

— A peça.

— Que peça?

— O *Peter Pan*... o livro de onde a fotografia caiu. Está à mão?

— Tu és muito engraçada — comentou Rose com um sorriso de esguelha. — Vou ter de dar voltas à casa para o conseguir encontrar. — Inclinou a cabeça para a tarte. — Mais logo, não te importas?

— Com certeza, não tenhas pressa, eu vou só recostar-me. Saboreia a tua tarte com calma. E, Rosie?

— Sim?

— Desculpa deixar-te voltar para a refrega sozinha.

*

Fora a menção à Austrália que desencadeara tudo. À medida que Rose relatava o que ficara a saber por intermédio da mãe, uma luz acendera-se no espírito de Laurel e ela compreendera que Vivien era importante. E recordou-se também onde ouvira aquele nome pela primeira vez, há tantos anos.

Enquanto as irmãs comiam a sobremesa e se punham à caça de uma faca que jamais haveriam de encontrar, Laurel enfrentou o sótão à procura do seu malão. Cada um dos irmãos tinha um; Dorothy fora peremptória no que se referia a isso. Era por causa da guerra, confidenciara-lhes um dia o pai: a mãe perdera tudo quanto amava quando a casa onde a sua família morava, em Coventry, fora atingida num bombardeamento e desfizera o seu passado em

escombros. Estava decidida a que os filhos nunca sofressem o mesmo destino. Poderia não ser capaz de os poupar a todos os desgostos, mas poderia muito bem assegurar-se de que saberiam onde encontrar as fotografias da escola quando bem entendessem. A paixão da mãe por coisas, por bens materiais — objectos que podia segurar entre as mãos e investir com significado profundo —, rasara a obsessão, o seu entusiasmo por coleccionar era tão grande que a família tinha dificuldade em não se deixar arrastar por ele. Tudo se guardava, nada se deitava fora, as tradições eram religiosamente observadas. E a faca era um bom exemplo disto mesmo.

O malão de Laurel estava encafuado debaixo de um radiador partido que o pai nunca chegara a consertar. Não precisou de ler o nome gravado com estêncil na tampa para saber que era o seu. As correias de cabedal castanho-claro e a fivela partida eram uma prova indesmentível. O seu coração acelerou ao vê-lo, na expectativa daquilo que sabia que acharia lá dentro. Era curioso como um objecto em que não pensava havia décadas era capaz de surgir com contornos tão bem definidos na sua mente. Sabia exactamente do que andava à procura, a sensação que lhe provocaria ao tocá-lo, as emoções que a sua descoberta faria vir à tona. Uma vaga imagem de si própria da última vez que ali estivera ajoelhou-se a seu lado à medida que desapertava as correias.

O malão cheirava a pó e humidade e a uma antiga água-de-colónia de cujo nome se esquecera, mas cuja fragrância a fazia sentir como se tivesse outra vez dezasseis anos. Estava cheio de papéis: diários, fotografias, cartas, cadernetas da escola, alguns moldes de costura de calças capri, mas Laurel não se demorou a folheá-los. Retirou pilha após pilha, deitando uma vista de olhos a cada uma.

Mais ou menos a meio, do lado esquerdo, encontrou aquilo de que vinha à procura. Um livro fino, completamente destituído de encantos e, não obstante, para Laurel, transbordante de

recordações.

Há alguns anos, tinha-lhe sido oferecido o papel de Meg n'A *Festa de Anos*; seria uma oportunidade para se apresentar no Luttelton Theatre, mas Laurel recusara. Fora a única ocasião de que se lembrava em que tinha colocado a sua vida pessoal à frente da carreira. Justificou-se com as gravações de um filme, o que não era inteiramente improvável, mas que também não era verdade. Não teria sido capaz. A peça estava indissociavelmente ligada ao Verão de 1961; lera-a vezes sem conta depois de o rapaz — já nem sequer do nome dele se lembrava; que ridículo, tivera uma paixão avassaladora por ele — lha oferecer. Aprendera o texto de cor, impregnando as cenas com toda a revolta e frustração que sentia. E depois o homem aparecera no caminho para sua casa e criara-se uma confusão tal na sua mente e no seu coração que qualquer tentativa para se concentrar na peça era suficiente para se sentir fisicamente doente.

Mesmo agora, sentia a pele húmida, a pulsação acelerada. Era para ela um alívio não ser da peça que precisava, mas sim do que guardara lá dentro. Ainda lá estavam, apercebia-se pelas margens irregulares de papel a espreitar das suas páginas. Dois artigos de jornal; o primeiro, retirado do pasquim da zona, era um relato um tanto ou quanto vago acerca da morte de um homem durante o Verão em Suffolk; o segundo era um obituário do *The Times* arrancado sub-repticiamente do jornal que o pai da sua amiga todos os dias trazia de Londres para casa. «Vejam só isto», dissera ele certa tarde em que Laurel fora visitar Shirley. «Um artigo a respeito daquele indivíduo, aquele que morreu perto de vossa casa, Laurel.» Era um longo artigo, pois descobrira-se que o homem não era propriamente o suspeito do costume; houvera momentos, muito antes de aparecer à porta de Greenacres, em que se distinguira e chegara mesmo a ser enaltecido. Não deixava filhos, mas em tempos tivera uma esposa.

A lâmpada solitária a oscilar suavemente do tecto não dava luz

suficiente para permitir a leitura e, assim, Laurel fechou o malão e levou o livro lá para baixo.

Tinha-lhe sido atribuído o quarto da sua meninice (outro dado adquirido na complexa escala de antiguidade entre as irmãs) e a cama tinha sido feita de lavado. Alguém — Rose, calculava ela — já lhe tinha trazido a mala para cima, mas Laurel não a desfez. Abriu a janela de par em par e sentou-se no peitoril.

Com um cigarro entre os dedos, Laurel retirou os artigos do interior do livro. Passou os olhos pelo artigo do jornal da localidade, preferindo concentrar-se no obituário. Foi percorrendo as linhas, à espera de que os seus olhos se detivessem no que sabia que lá estava.

A um terço do fim, o nome saltara-lhe à vista.

Vivien.

Laurel voltou atrás para ler a frase desde o início: «Jenkins casou-se em 1938 com a Menina Vivien Longmeyer, nascida em Queensland, Austrália, e criada por um tio no Oxfordshire.» Um pouco mais abaixo, lia-se: «Vivien Jenkins morreu em 1941, no decorrer de um violento bombardeamento aéreo em Notting Hill.»

Puxou uma grande fumaça do cigarro e reparou que os dedos lhe tremiam.

Era possível, claro, que existissem duas Vivien, ambas australianas. Era possível que a amiga dos tempos de guerra da mãe não tivesse nada que ver com a Vivien australiana cujo marido lhes morrera à porta de casa. Mas não era provável, pois não?

E se a mãe conhecia Vivien Jenkins, então conhecera também, seguramente, Henry Jenkins. «Ora viva, Dorothy. Há quanto tempo», dissera-lhe o homem, e, nessa altura, Laurel vira o medo assomar ao rosto da mãe.

A porta abriu-se para dar entrada a Rose.

— Está tudo bem? — perguntou ela à irmã, franzindo o nariz ao dar pelo cheiro a tabaco.

— É terapêutico — explicou-lhe Laurel, indicando o cigarro na

mão trémula e colocando-a do lado de fora da janela. — Não digas nada aos pais... Não me apetece nada ficar de castigo.

— O teu segredo morre comigo. — Rose aproximou-se dela e estendeu-lhe um pequeno livro. — Está um bocado esfarrapado, receio bem.

Esfarrapado era um eufemismo. A capa do livro estava presa, literalmente, por fios, e o tecido verde-garrafa por baixo tão sujo de pó que perdera a cor; talvez até, a julgar pelo leve cheiro a fumo, fuligem. Laurel foi virando as páginas com todo o cuidado até chegar ao frontispício. Ali, escrita a preto, lia-se a seguinte dedicatória: «À Dorothy. Um verdadeiro amigo é uma luz na escuridão. Vivien.»

— Deve ter significado muito para ela — comentou Rose. — Não estava na estante juntamente com os outros; estava dentro do malão dela. Guardou-o lá dentro durante estes anos todos.

— Tu andaste a mexer dentro do malão dela? — A mãe tinha ideias bastante claras a respeito da privacidade e respectiva observação.

Rose corou.

— Não precisas de olhar assim para mim, Lol; não se pode dizer que tenha forçado um cadeado com uma lima das unhas. Há uns meses, pouco antes de ir para o hospital, a mãe pediu-me que lhe fosse buscar o livro.

— Ela deu-te a chave?

— A contragosto, e só depois de eu a apanhar a tentar subir ao sótão sozinha.

— Não posso crer.

— É a pura verdade.

— É incorrigível.

— É como tu, Lol.

A intenção de Rose era a melhor possível, mas as suas palavras deixaram a irmã arrepiada. Uma recordação atravessou-lhe o espírito: a noite em que comunicara aos pais que ia para Londres,

para frequentar a Central School of Speech and Drama. Tinham ficado tristes e consternados, magoados por ela ter feito as audições sem lhes dizer nada, intransigentes por ela ser muito nova para sair de casa, preocupados por ela não concluir o secundário e obter o diploma. Haviam-se sentado com ela à mesa da cozinha, apresentando-lhe à vez argumentos razoáveis numa voz exageradamente calma. Laurel tentou mostrar o seu desagrado e, quando os pais por fim terminaram, disse-lhes:

— Mesmo assim, eu vou — com a toda a veemência amuada que se poderia esperar de uma adolescente ressentida. — Nada do que possam dizer me irá fazer mudar de ideias. É o que eu quero.

— Tu ainda não tens idade para saber o que na verdade queres — contrapôs a mãe. — As pessoas mudam, crescem, tomam decisões mais acertadas. Eu conheço-te, Laurel...

— Ah, isso é que não conhece.

— Eu sei que és teimosa. Sei que estás decidida a ser diferente, que tens a cabeça cheia de sonhos, tal como eu tinha...

— Eu não sou nada parecida consigo — protestara Laurel na altura, as suas palavras acutilantes trespassando a compostura já de si pouco segura da mãe.

— Já chega! — Stephen Nicolson envolveu a mulher nos seus braços. Ordenou a Laurel que fosse para o quarto, mas avisou-a de que o assunto estava longe de estar arrumado.

Laurel deixou-se ficar estendida na cama a fumar durante horas a fio; não sabia ao certo onde estavam as irmãs, apenas que tinham sido levadas para um sítio qualquer a fim de não interromper a sua quarentena. Era a primeira vez que se lembrava de discutir com os pais e sentia-se exultante e arrasada em igual medida. Sentia que a vida nunca mais voltaria a ser como fora até aí.

Ainda continuava ali, deitada no escuro, quando a porta se abriu e alguém se aproximou devagarinho dela. Laurel sentiu a beira da cama a afundar quando a pessoa se sentou e em seguida ouviu a voz da mãe. Estivera a chorar, reparou ela, e essa percepção, o

facto de saber que a responsabilidade era sua, deu-lhe vontade de enlaçar os braços em volta do pescoço da mãe e nunca mais a largar.

— Lamento a discussão que tivemos — disse Dorothy, no momento em que um raio de luar entrou pela janela e lhe iluminou o rosto. — É curiosa a maneira como as coisas acontecem. Nunca pensei que algum dia haveria de discutir com a minha filha. Eu costumava meter-me em sarilhos quando era miúda... Sempre me senti diferente dos meus pais. Amava-os, naturalmente, mas não estou segura de que eles soubessem exactamente o que pensar a meu respeito. Eu achava que era dona da razão e não dava ouvidos a uma palavra do que eles diziam.

Laurel esboçou um ténue sorriso, incerta quanto ao rumo que a conversa iria tomar, mas aliviada por já não sentir as entranhas a ferver como lava incandescente.

— Nós somos parecidas, tu e eu — continuou a mãe. — Creio que é por isso que me sinto tão ansiosa por que não cometas o mesmos erros que eu cometi.

— Só que eu não vou cometer erro nenhum. — Laurel sentara-se e recostara-se nas almofadas. — Será possível que não veja isso? Eu quero ser actriz... A escola de arte dramática é o sítio ideal para uma pessoa como eu.

— Laurel...

— Imagine que tem dezassete anos, mãe, e a vida toda pela frente. É capaz de imaginar outro sítio onde gostaria mais de estar do que em Londres? — Estas palavras não foram as mais felizes; a mãe nunca mostrara o mais pequeno interesse em ir a Londres.

Quedaram-se em silêncio e um melro chamou os amigos lá fora.

— Não — acabou Dorothy por dizer, em voz baixa e algo tristonha, enquanto estendia uma mão para acariciar as pontas do cabelo da filha. — Não, creio que não.

Nesse momento, Laurel apercebeu-se de que estivera demasiado absorvida em si própria para tentar imaginar ou perguntar-se como

fora a mãe nos seus dezassete anos, que sonhos alimentara e que erros cometera que estava tão ansiosa por que a filha não os repetisse.

*

Laurel segurou o livro que Rose lhe trouxera e disse-lhe, com a voz mais trémula do que desejaria:

— É estranho ver qualquer coisa que lhe pertence há tanto tempo, não é?

— Há tanto tempo como?

— Antes de nós nascermos. Antes de virmos morar para esta casa. Antes de ela ser nossa mãe. Imagina só, quando lhe ofereceram este livro, quando aquela fotografia com a Vivien foi tirada, ela não fazia ideia de que nós estávamos algures à espera de existir.

— Não admira que tenha um ar radiante na fotografia.

Laurel não se riu.

— Tu costumavas pensar nela, Rose?

— Na mamã? Claro...

— Não na mamã, eu refiro-me à jovem que ela foi. Naquela época, ela era uma pessoa diferente, com uma vida a respeito da qual não sabemos nada. Alguma vez deste por ti a imaginar como seria ela, quais seriam os seus sonhos, as suas ideias... — Laurel olhou de relance para a irmã — que género de segredos teria?

Rose esboçou um sorriso vago e Laurel abanou a cabeça.

— Não faças caso do que eu digo. Hoje estou um bocadinho piegas. É por estar outra vez aqui, creio eu. No nosso antigo quarto. — Forçou uma boa disposição que não sentia. — Ainda te lembras de como a Iris ressonava?

Rose soltou uma gargalhada.

— Ainda era pior do que o papá, não era? Pergunto-me se lhe terá passado...

— Não tarda, vamos descobrir. Vais já deitar-te?

— Pensei em tomar um banho antes de elas acabarem de comer e a Daphne açambarcar o espelho. — Baixou a voz e puxou a pele de uma pálpebra. — Achas que ela...?

— Tudo leva a crer que sim.

Rose fez uma cara que dizia: «As pessoas são tão estranhas, não são?», e fechou a porta ao sair.

O sorriso de Laurel foi-se desfazendo à medida que os passos da irmã se afastavam pelo corredor. Virou-se para contemplar o céu nocturno. A porta da casa de banho fechou-se com um estalido e os canos da água começaram a assobiar na parede atrás dela.

Há cinquenta anos, contou Laurel a uma constelação distante, a minha mãe matou um homem. Ela chamou-lhe autodefesa, mas eu vi. Ela empunhou a faca ao alto e enterrou-a no homem, e este caiu de costas na terra onde a erva estava comida e as violetas floresciam. Ela conhecia-o, estava assustada e eu não faço ideia do motivo.

Subitamente, Laurel teve a impressão de que todas as ausências na sua própria vida, cada perda e cada desgosto, cada pesadelo no escuro, cada melancolia inexplicável, assumiam a forma da mesma pergunta obscura que ficara por responder, algo que a atormentava desde os seus dezasseis anos: o segredo tácito da mãe.

— Quem és tu, Dorothy? — indagou ela com voz sumida. — Quem eras tu, antes de seres minha mãe?

Capítulo 7

Comboio Coventry-Londres, 1938

Dorothy Smitham tinha dezassete anos quando soubera com certeza que fora roubada em bebé. Era a única explicação possível. Esta verdade fora-lhe revelada, clara como água, numa manhã de sábado, por volta das onze horas, quando estava a ver o pai a rodopiar o lápis entre os dedos, a deslizar a língua lentamente pelo lábio inferior e, em seguida, a anotar no seu pequeno livro de contas preto a quantia exacta que tinha pago ao motorista de táxi para este levar a família (três xelins e cinco cêntimos) e respectiva bagagem (três cêntimos adicionais) à estação dos caminhos-de-ferro. Esta lista e a respectiva criação iriam ocupá-lo durante grande parte da estada em Bournemouth e, no regresso da família a Coventry, passaria um animado serão, do qual todos eles seriam participantes contrariados, analisando o seu conteúdo. Faria tabelas, comparações com os resultados do ano anterior (e os da última década, se tivessem sorte), assumiria o compromisso para da próxima se saírem ainda melhor, e, finalmente, retemperado da pausa anual, regressaria à sua cadeira de contabilista na H. G. Walker Ltd., Fabricantes de Bicicletas, e aplicar-se-ia zelosamente a mais um ano de trabalho.

A mãe de Dolly ia sentada ao canto da carruagem, a escarafunchar o nariz com um lenço de algodão. Era uma limpeza sub-reptícia, o lenço escondido quase na totalidade dentro da mão, seguida de um ocasional olhar enviesado ao marido, a fim de

garantir que este não se sentia incomodado e continuava a contemplar com sobrolho carregado e lúgubre satisfação o seu livro de contas. Francamente, só Janice Smitham seria pessoa para apanhar uma constipação na véspera das férias anuais de Verão com tamanha e surpreendente regularidade. A consistência era quase admirável e Dolly talvez fosse capaz de aclamar o compromisso da mãe para com o hábito não fossem as fungadelas concomitantes — tão submissas e justificativas — que lhe davam vontade de enfiar o lápis afiado do pai nos seus próprios ouvidos. A quinzena da mãe à beira-mar seria passada tal e qual como nos anos precedentes: a fazer o pai sentir-se o Rei do Castelo de Areia, a apoquentar-se com o decote do fato de banho da filha e a preocupar-se se Cuthbert estaria a travar amizade com o «tipo apropriado de rapazes».

Pobre e velho Cuthbert. Fora um bebé amoroso, sempre na risota e de sorriso pronto e com uma maneira bastante cativante de chorar sempre que Dolly saía de perto dele. À medida que foi ficando mais velho, porém, e mais crescido, mais claro se tornou para todos que estava em rota de colisão com o seu destino: ser um sósia do Sr. Arthur Smitham. O que, tristemente, significava que, apesar do afecto existente entre ambos, Dolly e Cuthbert não poderiam de forma alguma ser carne da mesma carne e sangue do mesmo sangue, e convidava à seguinte pergunta: quem eram os seus verdadeiros pais e como fora que ela acabara por se ver metida no meio daquele bando de tristes?

Artistas de circo? Um casal fantástico de equilibristas da corda bamba? Era possível — lançou uma olhadela às pernas, relativamente esguias e compridas. Sempre fora boa desportista: o Sr. Anthony, o professor de Ginástica da escola, todos os anos fazia questão de a seleccionar para a principal equipa de hóquei; e quando ela e Caitlin enrolavam a carpete da sala de estar da mãe de Caitlin e punham Louis Armstrong a tocar no gramofone, Dolly estava certa de que o seu talento para a dança não era imaginação

sua. Pronto (Dolly cruzou as pernas e ajeitou a saia), graciosidade inata; ali estava a prova que faltava.

— Posso comer uma guloseima na estação, pai?

— Uma guloseima?

— Na estação? Daquela loja pequenina.

— Logo veremos, Cuthbert.

— Mas, pai...

— Temos um orçamento a ter em conta.

— Mas, mãe, a mãe disse...

— Então que vem a ser isso, Cuthbert?! O teu pai é que sabe.

Dolly voltou a sua atenção para os campos fugazes do outro lado da janela. Artistas de circo: fazia todo o sentido. O brilho das lantejoulas, as noitadas debaixo da tenda, vazia mas ainda inundada do deslumbramento e da adoração colectivos da assistência nocturna extasiada. *Glamour*, entusiasmo, romance: sim, isso era muito mais provável.

Umas origens tão fascinantes contribuiriam também para explicar as severas admoestações infligidas pelos pais sempre que o comportamento de Dolly ameaçava «chamar a atenção». «As pessoas vão reparar, Dolly», sibilava-lhe a mãe, se a saia dela era demasiado curta, as gargalhadas demasiado altas, o batom demasiado vermelho. «Tu vais pô-los todos a olhar para ti. Tu bem sabes o que o teu pai pensa a respeito disso.» Dolly sabia, sem dúvida. Tal como o pai gostava de os lembrar, a maçã não caía longe da macieira e, assim, ele deveria viver com medo de que a boémia se viesse um dia a infiltrar como fruta podre através da pele de decência que ele e a mãe tinham tido o cuidado de construir em redor da filha roubada em bebé.

Dolly surripou um reбуçado de hortelã-pimenta da embalagem que levava no bolso, desviou-o para a bochecha com a língua e encostou a cabeça à janela. Já a maneira como, concretamente, o roubo teria sido orquestrado era um caso bastante mais complicado. Por muitas voltas que desse, Arthur e Janice Smitham não eram o

género de pessoas de andar no gamanço. Imaginá-los a aproximar-se sorrateiramente de um carrinho abandonado e a deitar a mão ao bebé que lá dormia era nitidamente problemático. As pessoas que tinham o hábito de roubar faziam-no porque, ou por uma questão de necessidade ou de ganância, desejavam apaixonadamente o objecto em vista. Arthur Smitham, pelo contrário, defendia que a palavra «paixão» deveria ser banida do vocabulário inglês, se não mesmo da alma inglesa, e, aproveitando que se estava com a mão na massa, «desejo» também poderia levar o mesmo destino. Uma ida ao circo? Ora, ora, isso cheirava mesmo a divertimento supérfluo.

Muito mais provável — o reбуçado partiu-se em dois — seria Dolly ter sido encontrada à porta de casa e ter sido o dever e não o desejo a conduzi-la ao seio dos Smitham.

Recostou-se melhor no assento da carruagem e fechou os olhos; via a cena claramente diante de si. A gravidez secreta, a ameaça do director do circo, a chegada da caravana a Coventry. Durante algum tempo, o jovem casal luta corajosamente contra tudo e contra todos, alimentando a criança à base de amor e esperança; mas, infelizmente, sem emprego (afinal de contas, não se poderia dizer que o mercado do equilibrismo tivesse grande oferta) e sem dinheiro para comprar comida, o desespero instala-se. Certa noite, quando vão a passar pelo centro da cidade, vendo o bebé tão fraco que já nem forças para chorar tem, uma casa chama-lhes a atenção. Um degrau da entrada, mais limpo e reluzente do que qualquer um dos outros, uma luz acesa no interior e o aroma suculento da carne assada de Janice Smitham (confessamente bom) a passar pela fresta da porta. Eles sabem o que têm a fazer...

— Mas eu não posso mais. Estou aflito!

Dolly entreabriu um olho quanto bastasse para ver o irmão ao saltitar ora num pé, ora no outro no meio da carruagem.

— Vá lá, Cuthbert, estamos quase...

— Mas eu preciso de ir já à casa de banho!

Dolly tornou a fechar os olhos, com mais firmeza do que antes. Era verdade (não a história do casal trágico, ela não acreditava sinceramente nisso), mas o facto de ser especial. Dolly sempre se sentira diferente, como se, sem saber explicar porquê, sempre tivesse sido mais cheia de vida do que as outras pessoas, e o mundo, a sorte, o destino, ou fosse o que fosse, alimentava grandes planos para ela. Agora tinha a prova disso... uma prova científica, ainda para mais. O pai de Caitlin, que era médico e deveria com certeza perceber daqueles assuntos, salientara isso mesmo quando estava a jogar *Blotto* na sala de estar de Caitlin; fora tirando as cartas manchadas de tinta enquanto Dolly jogava na sua vez, dizendo a primeira coisa que lhe vinha à cabeça. «Formidável!», murmurara ele, de cachimbo na boca, quando o jogo ia a meio; e «Fantástico!», com um leve aceno da cabeça; e depois, «Bom, eu nunca...», e uma leve gargalhada que revelava que era demasiado bem-parecido para ser pai de uma amiga. Apenas o olhar azedo de Caitlin coibira Dolly de seguir o Dr. Rufus até ao seu escritório, quando este declarara que as respostas dela tinham sido excepcionais e sugerira — melhor, impusera — testes adicionais.

Excepcional. Dolly repetiu a palavra em pensamentos. Excepcional. Ela não era como eles, os vulgares Smitham, e seguramente não viria a sê-lo. A sua vida iria ser intensa e maravilhosa. Iria dançar fora do quadrado do comportamento «aceitável» em que a mãe e o pai estavam tão ansiosos por a encurralar. Talvez ela própria decidisse fugir para o circo e tentar aí a sua sorte.

O comboio começara entretanto a abrandar à medida que se aproximava da estação de Euston. As casas de Londres apareceram compactas através da janela e Dolly sentiu um arrepio de entusiasmo. Londres! Que grande turbilhão de cidade (ou pelo menos era o que dizia a introdução do *Guia de Londres* da Ward Lock & Co que tinha escondido na gaveta da roupa interior), fervilhante de teatro e vida nocturna e pessoas genuinamente

magníficas com vidas fabulosas.

Quando Dolly era mais nova, o pai costumava por vezes ir a Londres em trabalho. Nessas noites, ela ficava acordada à espera de que ele chegasse, a espreitar por entre o corrimão quando a mãe a julgava a dormir, ansiosa por o ver, nem que fosse de relance. Ouvia a chave dele a rodar na fechadura e sustinha a respiração, e então o pai entrava em casa. A mãe ajudava-o a despir o casaco e ele tinha um ar de ter estado algures num Local Notável, de ser Mais Importante do que quando saía de casa. Dolly jamais sonharia em fazer-lhe perguntas a respeito das suas viagens; já nessa altura suspeitava de que a verdade seria uma fraca imitação da sua fantasia. Ainda assim, naquele momento, lançou uma olhadela ao pai, na esperança de que os olhares de ambos se cruzassem, de detectar neles a prova de que também ele sentia a atracção da grande cidade que estavam a atravessar.

Não sentia. Arthur Smitham só tinha olhos para o seu livro de contas, agora na última página, na qual tinha anotado cuidadosamente os horários dos comboios e os números dos cais. Os cantos da sua boca contraíram-se e o coração de Dolly caiu-lhe aos pés. Preparou-se para o pânico que sabia que aí vinha, que vinha sempre, por muita antecedência com que viajassem, apesar de todos os anos fazerem a mesma viagem, apesar de por todo o lado haver pessoas a apanhar comboios de A para B e de B para C sem que isso as fizesse perder o norte. Como seria de prever — Dolly retraiu-se à laia de prevenção —, lá veio ele, o clamoroso grito de guerra.

— Fiquem todos juntos enquanto tentamos arranjar um táxi. — Uma tentativa corajosa por parte do líder para transmitir calma perante a dura prova que se avizinhava. Começou a tactear o porta-bagagens à procura do chapéu.

— Cuthbert — apoquentou-se a mãe —, dá-me a mão.

— Eu não quero...

— Cada um é responsável pela respectiva bagagem —

prosseguiu o pai, a sua voz a elevar-se num raro arroubo de emoção. — Segurem bem os vossos tacos e as vossas raquetes. Evitem deixar-se encurralar atrás de passageiros mancos ou com bengalas. Não nos podemos dar ao luxo de nos atrasar.

Um indivíduo bem-vestido que viajara na mesma carruagem lançou uma olhadela de viés ao pai, e Dolly perguntou-se (e já não era primeira a vez) se era possível desaparecer pelo mero desejo ardente de que isso acontecesse.

*

A família Smitham tinha o hábito, refinado e cimentado ao longo de anos e anos de férias idênticas à beira-mar, de ir para a praia logo a seguir ao pequeno-almoço. O pai havia muito que pusera fora de cogitação alugar uma cabana, declarando que se tratava de um desperdício desnecessário que encorajava exibicionismos, e, por conseguinte, se queriam arranjar um sítio decente antes da chegada das multidões, tinham de chegar cedo à praia. Naquela manhã em particular, a Sr.^a Jennings demorara-os na sala de jantar do Bellevue um pouco mais do que o habitual; primeiro, trazendo-lhes chá requentado e depois atrapalhando-se exasperantemente enquanto lhes servia um novo bule. O pai foi ficando cada vez mais inquieto — os seus sapatos brancos de lona insistiam em chamar a sua atenção, apesar dos adesivos que se vira forçado a aplicar nos calcanhares depois dos esforços da véspera —, mas interromper a anfitriã era algo inconcebível, e Arthur Smitham não fazia coisas inconcebíveis. No fim, acabou por ser Cuthbert a salvação de toda a família. Deitou uma olhadela ao relógio de navio por cima da fotografia emoldurada do molhe, engoliu um ovo escalfado inteiro e exclamou:

— Caramba! Já passa das nove e meia!

Nem sequer a Sr.^a Jennings seria capaz de argumentar contra isto, pelo que retrocedeu em direcção à cozinha e lhes desejou a

todos uma manhã estupenda.

— E que óptimo dia que escolheram para ir para a praia, que dia perfeito!

Estava de facto um dia perfeito, um daqueles dias de Verão divinais em que o céu está limpo e corre uma brisa leve e quente, e temos a certeza de que algo emocionante nos espera ao virar da esquina. À sua chegada ao passeio marítimo, viram aproximar-se um charabã, e o Sr. Smitham instigou a família a apressar-se, ansioso por se antecipar às hordas. Com um ar de propriedade de quem tinha reservado em Fevereiro e pago por inteiro em Março, o Sr. e a Sr.^a Smitham olharam com reprovação os excursionistas do dia. Eram impostores e intrusos que ocupavam a sua praia, atafulhavam o seu molhe e os obrigavam a esperar na fila para comprar os seus gelados.

Dorothy deixou-se atrasar meia dúzia de passos enquanto o resto da família, conduzida pelo seu destemido líder, fazia uma investida em volta do coreto, a fim de cortar a passagem ao invasor. Lançaram-se escada abaixo com a majestade de vencedores e reivindicaram um sítio mesmo ao pé do paredão. O pai pousou a cesta de piquenique e enfiou os polegares no cós das calças, olhando para a esquerda e para a direita e declarando que a posição vinha «mesmo a calhar». E, com um sorriso de autocomplacência, acrescentou:

— E a menos de uma centena de passos da nossa porta. Menos de uma centena de passos.

— Daqui podíamos dizer adeus à Sr.^a Jennings — observou a mãe, sempre à espreita de uma oportunidade para agradar ao marido.

Dorothy forçou um sorriso ténue e tímido e em seguida concentrou-se na tarefa de ajeitar as pontas da toalha. Era óbvio que não conseguiam avistar o Bellevue do sítio onde estavam. Ao contrário do que o nome da pousada indicava (atribuído com incaracterística *joie de vivre*^[5] pela severa Sr.^a Jennings, que, em

tempos idos, passara um mês «agradável» em Paris), o edifício em si situava-se em plena Little Collins Street, que ficava numa perpendicular ao molhe. A *vue*, por conseguinte, não era particularmente *belle* — retalhos monótonos do centro da cidade, desde os quartos da fachada, os canos de esgoto de uma casa geminada a partir dos das traseiras —, mas, dado que também de francês não tinha nada, Dorothy achava que não valia a pena estar com esquisitices a esse respeito. Ao invés, aplicou creme hidratante *Pond's* nos ombros e escondeu-se atrás de uma revista, lançando olhadelas ocasionais aos veraneantes mais abastados e lustrosos, refastelados com ar de boa disposição nas varandas das suas cabanas de praia.

*

Havia uma rapariga em particular. Era loura, tinha a pele levemente tostada do sol, e o seu rosto fazia umas covinhas engraçadas sempre que se ria, o que acontecia com frequência. Dolly não se cansava de olhar para ela. O porte felino com que se movimentava pela varanda, afectuoso e confiante, estendendo uma mão para acariciar o braço ora de um amigo, ora de outro; a inclinação do queixo, o sorriso de lábio inferior contraído reservado para o rapaz mais atraente; a leve ondulação do seu vestido de cetim prateado a cada lufada de brisa. A brisa. Até a natureza conhecia as regras. Enquanto Dolly assava no acampamento da família Smitham, com gotas de suor a colonizar-lhe a raiz do cabelo e colando-lhe o fato-de-banho ao corpo, aquele vestido prateado adejava tentadoramente de lá do alto.

— Quem é que alinha num jogo de críquete?

Dolly refugiou-se atrás da revista.

— Eu, eu! — gritou Cuthbert, dançando ora num pé (já bronzeado), ora no outro. — Sou eu a lançar, papá, sou eu a lançar! Posso? Posso? Vá lá, por favor, papá, *vá lá!*

A sombra do pai projectou um breve alívio do calor.

— Dorothy? Tu gostas sempre de ser a primeira a jogar.

O olhar dela atravessou o taco que o pai lhe estendia, a adiposidade da sua cintura, o bocado de ovo mexido preso ao seu bigode. E uma imagem perpassou-lhe o espírito, a da rapariga bonita e risonha de vestido prateado, a brincar e a namoriscar com os amigos, sem um pai ou mãe à vista.

— Obrigada, papá, hoje prefiro não jogar — respondeu-lhe Dorothy com voz pouco convicta. — Estou com uma pontinha de dor de cabeça.

Dores de cabeça eram coisa que cheirava a «assuntos de mulheres», e os lábios do Sr. Smitham contraíram-se de espanto e desagrado. Assentiu com a cabeça, recuando devagar.

— Então é melhor ficares a descansar, hem, não te esforces...

— Venha daí, papá! — chamou-o Cuthbert. — O Bob Wyatt^[6] está a entrar em campo. Vamos mostrar-lhe como se joga a sério, vamos?

Perante tamanho grito de encorajamento, o pai não teve outro remédio senão pôr-se em acção. Deu meia-volta, pavoneando-se pela praia fora, de taco ao ombro, com a vivacidade própria de um homem muito mais novo e de longe em melhor forma do que ele. O jogo começou e Dolly encolheu-se ainda mais contra o paredão. A perícia de outrora de Arthur Smitham no críquete fazia parte da Grande História da Família e, por conseguinte, o jogo das férias era uma instituição consagrada.

Havia uma parte de Dolly que não via com bons olhos a sua atitude — afinal de contas, seria provavelmente a última vez em que faria parte das férias anuais da família —, mas a verdade era que se sentia incapaz de se libertar daquela disposição insuportável. A cada dia que passava, via aumentar o abismo que a separava do resto da família. Não era que não lhes tivesse amor; era apenas que, ultimamente, pareciam apostados em dar com ela em doida, até mesmo Cuthbert. Dolly sempre sentira que era diferente, aí não

havia novidade nenhuma, mas recentemente as coisas tinham sofrido uma mudança definitiva para pior. O pai começara a falar à mesa do jantar acerca do que iria acontecer quando ela concluísse os estudos. Em Setembro, iria abrir uma vaga para um posto subalterno na equipa de secretariado da fábrica de bicicletas — ao fim de trinta anos de serviço, ele seria bem capaz de puxar uns quantos cordelinhos com a secretária-chefe para se assegurar de que Dolly era a escolhida. O pai sorria e piscava o olho sempre que dizia isto, a respeito dos cordelinhos, como se estivesse a fazer um grande favor à filha, pelo qual ela lhe deveria ficar agradecida. Na realidade, a ideia dava-lhe vontade de desatar aos gritos, qual heroína de um filme de terror. Não conseguia conceber nada pior. Mais, não podia acreditar que, ao fim de dezassete anos de convivência, Arthur Smitham a conhecesse tão mal.

Da areia, chegou-lhe um grito: «Seis!», e Dolly espreitou por cima da *Woman's Weekly*, vendo o pai pôr o taco ao ombro como se fosse um mosquete e começar a correr por entre os postigos improvisados. A seu lado, Janice Smitham era toda ela encorajamento nervoso, lançando-lhe gritos hesitantes de «Grande jogo!» e «Assim é que é!», a que rapidamente contrapunha outros de desespero, «Cuidado!», ou «Vai mais devagar!», ou «Respira, Cuthbert, lembra-te da tua asma!», enquanto o filho se atirava à água no encalço da bola. Dolly pôs-se a observar a ondulação permanente impecável da mãe, o corte decente do seu fato-de-banho, o cuidado que tivera em apresentar-se ao mundo de uma forma que lhe garantisse o menor impacte possível, e soltou um suspiro de perplexidade acalorada. Era a falta de discernimento da mãe no que tocava ao seu futuro o que mais a aborrecia.

Quando por fim compreendeu que o pai estava a falar a sério acerca da fábrica de bicicletas, tivera esperança de que a mãe sorrisse afectuosamente perante a sugestão e em seguida salientasse que haveria, naturalmente, coisas muito mais emocionantes reservadas à filha. Porque, apesar de Dolly por vezes

se divertir a imaginar que tinha sido trocada à nascença, não acreditava verdadeiramente nisso. Ninguém que a visse ao lado da mãe poderia convencer-se de tal coisa durante muito tempo. Janice e Dorothy Smitham tinham o mesmo tom de cabelo castanho-chocolate, as mesmas maçãs do rosto altas e o mesmo peito generoso. E, tal como Dorothy recentemente descobrira, tinham uma coisa ainda mais importante em comum.

Andava de volta das prateleiras da garagem à procura do seu taco de hóquei quando fizera a descoberta: uma caixa de sapatos azul-clara ao fundo da prateleira de cima. Dorothy reconheceu de imediato a caixa, mas precisou de uns instantes para se lembrar porquê. Foi então que se recordou da mãe sentada na beira da cama de casal do quarto onde dormia com o pai, a caixa azul no colo e a melancolia espelhada no rosto à medida que vasculhava o seu conteúdo. Era um momento íntimo, e Dolly percebera imediatamente que se deveria escapulir dali, todavia, mais tarde, a caixa voltara-lhe à lembrança e pusera-se a imaginar o que poderia ela conter para deixar a mãe com um ar tão sonhador e perdido, e, de alguma forma, jovem e velho em simultâneo.

Nesse dia, sozinha na garagem, Dolly levantara a tampa da caixa e tudo se esclarecera. Estava cheia de fragmentos de outra vida: programas para recitais de canto, fitas azuis do primeiro lugar em *eisteddfods*^[7], certificados de mérito que proclamavam Janice Williams a cantora da Voz Mais Bonita. Havia até um artigo de jornal com uma fotografia de uma jovem de olhar sonhador, uma bela figura e aspecto de alguém que tinha pela frente um futuro brilhante, que não teria, à semelhança das outras raparigas da sua turma, uma vida monótona e enfadonha à sua espera.

A verdade, porém, é que tivera. Dolly ficara tempos esquecidos a contemplar aquela fotografia. Outrora, a mãe possuía um talento — um talento genuíno, que a fazia destacar-se e a tornava alguém especial —, contudo, ao fim de dezassete anos a morar debaixo do mesmo tecto, Dolly nunca ouvira Janice Smitham cantar. O que

poderia ter acontecido para silenciar a jovem que em tempos declarara a um jornal: «Cantar é o que eu mais gosto de fazer na vida; dá-me a sensação de que sou capaz de voar. Um dia, gostaria de cantar em palco diante do rei»?

Dolly tinha a sensação de que sabia a resposta.

— Continua assim que vais bem, rapaz — gritou o pai a Cuthbert na praia. — Mantém-te atento, hem! Não te desleixes!

Arthur Smitham: contabilista sem par, defensor acérrimo da fábrica de bicicletas, guardião de tudo quanto era decente e apropriado. Inimigo de tudo quanto era excepcional.

Dolly suspirou enquanto o via afastar-se do postigo com um salto recuado, a preparar-se para lançar a bola a Cuthbert. Poderia ter conseguido levar a sua avante com a mãe, convencendo-a a reprimir tudo o que a tornava especial, mas não iria ter a mesma sorte com a filha. Dolly não lhe admitiria isso.

— Mãe! — chamou ela de repente, deixando a revista cair-lhe no colo.

— Sim, querida? Queres uma sanduíche? Tenho patê de camarão aqui comigo.

Dolly respirou fundo. Custava-lhe a acreditar no que estava prestes a dizer, naquele momento, ali, assim sem mais nem menos, mas o vento soprava a seu favor e não havia como a deter.

— Mãe, eu não quero ir trabalhar com o pai na fábrica de bicicletas.

— Hã?

— Não.

— Oh.

— Acho que não aguentaria passar os dias a fazer a mesma coisa, a dactilografar cartas, a encomendar referências e a escrever coisas enfadonhas do tipo de «com os nossos melhores cumprimentos».

A mãe pestanejou-lhe com uma expressão insípida e indecifrável.

— Compreendo.

— Sim.

— E o que é que te propões fazer em lugar disso?

Dolly não sabia ao certo o que responder. Não pensara em nada de concreto, sabia apenas que havia algures alguma coisa à sua espera.

— Não sei. Eu só... Bom, a fábrica de bicicletas dificilmente seria o sítio adequado para uma pessoa como eu, a mãe não acha?

— E porque não?

Não queria ser obrigada a responder. Queria que a mãe compreendesse, concordasse, que fosse da mesma opinião dela sem precisar de lhe explicar. Dolly fez um esforço por se conseguir expressar, mas a contracorrente da desilusão era mais forte do que a sua esperança.

— Já é altura de assentares, Dorothy — disse-lhe a mãe com voz carinhosa. — Estás quase uma mulher.

— Sim, mas é precisamente isso...

— Deixa-te de ideias infantis. O tempo para isso já lá vai. O teu pai, para te fazer uma surpresa, queria ser ele a dizer-te isto, já falou com a Sr.^a Levene na fábrica e marcaram uma entrevista.

— *O quê?!*

— Ele pediu-me para não te contar, mas eles vão receber-te na primeira semana de Setembro. És uma rapariga muito afortunada por teres um pai tão influente.

— Mas eu...

— Quem sabe é o teu pai. — Janine Smitham estendeu uma mão para dar uma palmadinha na perna de Dolly, mas não lhe chegou a tocar. — Vais ver. — Havia um laivo de medo por detrás do seu sorriso forçado, como se soubesse que, sob um dado aspecto, estava a atraiçoar a filha, mas que não se queria dar à maçada de pensar como.

Dolly sentia-se a arder por dentro; apetecia-lhe dar umas sacudidelas à mãe e lembrar-lhe de que em tempos também ela havia sido excepcional. Apetecia-lhe perguntar porque fora que

mudara, dizer-lhe (embora Dolly tivesse noção de que isto fosse uma crueldade) que ela, Dolly, tinha medo, que não suportava imaginar que também o mesmo lhe pudesse um dia acontecer. Nesse instante, porém...

— Cuidado!

Ouviu-se um grito na costa de Bournemouth que atraiu a atenção de Dolly para a beira-mar e poupou Janice Smitham a uma conversa que não queria ter.

Ali, com um fato-de-banho retirado directamente da *Vogue*, estava A Rapariga, anteriormente Do Vestido Prateado. Tinha os lábios contraídos num esgar encantador e esfregava um braço. As outras pessoas ricas e elegantes tinham-se reunido em volta dela num espectáculo de desaprovação e posturas solidárias, e Dolly esforçou-se por compreender o que sucedera. Viu um rapaz mais ou menos da sua idade baixar-se para enfiar uma mão na areia, tornar a levantar-se segurando ao alto — Dolly levou a mão à boca, horrorizada — uma bola de críquete.

— Peço imensa desculpa, meus amigos — disse o pai.

Dolly arregalou os olhos; o que pensaria ele que estava a fazer? Santo Deus, não a tentar uma aproximação, com certeza. Mas sim — sentiu o rosto a arder —, era precisamente isso que ele estava a fazer. Dolly só queria desaparecer, esconder-se, mas não conseguia desviar o olhos da cena. O pai deteve-se quando chegou junto do grupo e fez uma mímica rudimentar de um lançamento com o taco. Os outros assentiram com a cabeça e ouviram a sua explicação, o rapaz que tinha a bola na mão disse qualquer coisa e a rapariga tocou no braço, encolhendo ligeiramente os ombros e rasgando o seu sorriso de covinhas ao pai. Dolly expirou de alívio; parecia que a tragédia fora evitada.

Nesse momento, porém, talvez ofuscado pela aura de *glamour* por que se deixara envolver, o pai esqueceu-se de se retirar, virando-se, ao invés, e apontando para a praia, dirigindo a atenção colectiva dos outros para o sítio onde Dolly e a mãe estavam

sentadas. Janice Smitham, com um déficit de graciosidade que fez a filha retrair-se, já se preparava para se levantar, mas, pensando melhor, decidiu voltar a sentar-se, não conseguindo e acabando por ficar a meio caminho, de cócoras. Nesta posição, ergueu uma mão para acenar ao marido.

Algo no íntimo de Dolly enroscou-se sobre si próprio e morreu. Pior do que estava, a situação não podia ficar.

Subitamente, porém, ficou.

— Olhem para aqui! Olhem para mim!

Elas olharam. Cuthbert, dotado da paciência de um mosquito, cansara-se de esperar. Esquecido o jogo de críquete, começara a deambular pela praia e travara amizade com um dos burros da beira-mar. Já com um pé no estribo, tentava a custo montar o animal. Era penoso de ver, mas mesmo assim Dolly viu; tal como viu — uma olhadela furtiva confirmou isto mesmo — toda a gente.

O espectáculo de Cuthbert a atormentar o pobre animal foi a gota que fez transbordar o copo. Sabia que provavelmente deveria ir em auxílio do irmão, mas não foi capaz, não daquela vez. Tartamudeou uma desculpa qualquer acerca da dor de cabeça e de ter apanhado demasiado sol, agarrou na revista e apressou-se a voltar para o conforto do seu quarto minúsculo e lúgubre, com a sua vista esconsa de canos de esgoto.

*

Mais atrás, no coreto, um jovem de cabelo para o comprido e fato desmazelado assistira a tudo. Estivera a passar pelas brasas debaixo do chapéu quando o grito de «Cuidado!» se lhe atravessara no sonho e o acordara. Esfregara os olhos com os punhos fechados e olhara ao seu redor a fim de identificar a origem do grito; fora então que os vira à beira-mar, o pai e o filho que tinham passado a manhã a jogar críquete.

Tinha havido um tumulto qualquer e o pai estava a acenar para

um grupo nos bancos de areia; os jovens ricos, apercebeu-se ele, que tinham estado a dar-se ares de importantes na cabana de praia ali próximo. A cabana estava agora vazia, à excepção de uma faixa de tecido prateado a esvoaçar do parapeito da varanda. O vestido. Ele já anteriormente reparara nele; seria difícil não reparar, o que era sem dúvida o objectivo. Não era um vestido de praia, não senhora; o seu lugar era num salão de baile.

— Olhem para aqui! — alguém chamou. — Olhem para mim! — E o jovem assim fez. O rapaz que estivera a jogar críquete estava agora empenhado em fazer figura de burro com o que parecia ser precisamente um burro. Os restantes assistiam ao desenrolar do espectáculo.

Ele, contudo, não. Tinha mais que fazer. A rapariga bonita dos lábios em forma de coração e umas curvas que o faziam ansiar de desejo encontrava-se agora sozinha, tendo deixado a família na praia, e ia-se embora. Ele levantou-se, lançando a mochila por cima do ombro e enterrando o chapéu na cabeça. Andava havia tempos à espera de uma oportunidade como aquela e não fazia tenções de a desperdiçar.

Capítulo 8

A princípio, Dolly não o viu. Nem a ele nem a praticamente mais nada. Estava demasiado concentrada em conter as lágrimas de humilhação e desespero à medida que caminhava penosamente pela praia em direcção ao passeio marítimo. Tudo à sua volta era uma névoa quente e exasperante de areia, gaivotas e rostos ofensivamente sorridentes. Sabia que não se estavam a rir à custa dela, nem pensar, mas isso era o que menos lhe interessava. A boa disposição deles era uma afronta à sua pessoa; tornava tudo mil vezes pior. Dolly não seria capaz de ir trabalhar para aquela fábrica de bicicletas, era-lhe simplesmente impossível. Casar-se com uma versão mais nova do pai e, pouco a pouco, ficar igual à mãe? Era inconcebível! Oh, para os pais estava bem, eles davam-se por contentes com o que lhes calhara em sorte, mas Dolly tinha outras ambições... só não sabia ainda quais eram ou como as concretizar.

Deteve-se repentinamente. Uma rajada de vento mais forte do que as anteriores escolheu precisamente o momento da sua chegada junto das cabanas de praia para levantar o vestido de cetim, arrancá-lo do parapeito e levá-lo a voar pela areia. Foi parar mesmo aos seus pés, uma luxuosa cascata de prata. Porque — susteve a respiração de incredulidade! — não deveria ter tido o cuidado de o prender como devia ser. Mas como poderia alguém tratar uma peça de roupa tão bonita com tamanho desmazelo? Dolly abanou a cabeça; uma rapariga que estimava tão mal os seus pertences dificilmente os mereceria. Era o género de vestido que

uma princesa poderia ter usado — ou uma estrela do cinema americano, um modelo fotográfico numa revista, uma herdeira de férias na Riviera Francesa — e se Dolly não viesse a chegar naquele preciso momento, poderia ter sido levado para as dunas e nunca mais ninguém lhe poria a vista em cima.

O vento tornou a soprar e o vestido continuou a rebolar pela praia fora, desaparecendo por baixo das cabanas da praia. Sem um instante de hesitação, Dolly lançou-se a correr atrás dele: a rapariga fora estouvada, sem dúvida, mas Dolly não estava disposta a deixar que acontecesse mal algum àquele divinal vestido prateado.

Já estava a imaginar a gratidão da rapariga quando lhe fosse devolver o vestido. Dolly explicar-lhe-ia o sucedido — tendo o cuidado de não levar a rapariga a sentir-se ainda pior do que naturalmente se sentiria — e as duas desatariam a rir e a comentar que fora por um triz que não ficara sem ele, e a rapariga convidaria Dolly para tomar um copo de limonada fresca, limonada a sério, não o sucedâneo aguado que a Sr.^a Jennings servia no Bellevue. Pôr-se-iam à conversa e acabariam por descobrir que tinham imensa coisa em comum, até, por fim, o Sol desaparecer no horizonte, e Dolly dizer que eram horas de ir andando e a rapariga fazer um sorriso desiludido, para logo se animar e acariciar o braço de Dolly. «E se amanhã de manhã nos viesse fazer companhia?», sugerir-lhe-ia ela. «Alguns de nós combinaram encontrar-se e ir jogar ténis para a areia. Vamos divertir-nos à grande... prometa que vem também.»

Agora, em passo de corrida, Dolly virou a esquina da cabana de praia no encalço do vestido prateado e foi então que descobriu que este tinha entretanto interrompido a sua fuga, tendo ficado preso nuns tornozelos alheios. Tratava-se de um homem de chapéu, que agora se baixava para apanhar o vestido e, à medida que os seus dedos agarravam o tecido, e os grãos de areia deslizavam do cetim, assim se esvaíam as esperanças de Dolly.

Por um breve instante, Dolly sentiu-se sinceramente capaz de

matar o homem do chapéu, de lhe extirpar membro a membro com todo o gosto. Sentia o coração a bater desvairadamente, a pele a formigar, a vista turva. Olhou de relance para o mar nas suas costas: para o pai, a avançar a passo rígido em direcção ao pobre e desorientado Cuthbert; para a mãe, ainda petrificada numa atitude de súplica penosa; para os outros, os que estavam com a rapariga loura e que agora se riam, dando palmadas nos joelhos e apontando para a cena ridícula.

O burro soltou um zurro perplexo e lastimoso, num eco tão perfeito dos sentimentos de Dolly que esta, antes de se aperceber do que fazia, já estava a gaguejar ao homem:

— Ei, o senhor aí! — Ele preparava-se para roubar o vestido da rapariga loura e Dolly era a única pessoa que o poderia impedir. — O senhor, o que é que julga que está a fazer?

O homem ergueu o olhar, apanhado de surpresa, e quando Dolly deparou com o rosto atraente debaixo do chapéu, ficou momentaneamente sem palavras. Deixou-se ficar onde estava, a respiração ofegante, sem saber o que fazer; contudo, quando reparou no sorriso sugestivo que afluía aos lábios do homem, já não teve mais dúvidas.

— Eu perguntei-lhe — Dolly sentia-se tonta, estranhamente excitada — o que é que julga que está a fazer? Esse vestido não é seu.

O jovem abriu a boca para lhe responder e, nesse preciso momento, um polícia que tinha a infelicidade de se chamar agente Leitão, e vinha a fazer a sua aproximação corpulenta pela praia, chegou junto de ambos.

*

O agente Basil Leitão andara toda a manhã a deambular pelo passeio marítimo, mantendo a praia sob vigilância constante. Reparara na rapariga morena mal ela chegara e desde então

estivera sempre atento a ela. Distraíra-se apenas por breves instantes por causa daquela tremenda confusão com o burro, mas, quando tornara a olhar para a rapariga, ela já se fora embora. O agente Leitão demorara uns minutos tensos para a conseguir localizar novamente, nas traseiras das cabanas da praia, embrenhada no que a ele suspeitosamente lhe parecia uma acalorada discussão. O seu parceiro era nem mais nem menos do que o jovem de ar desmazelado que passara toda a manhã a rondar atrás do coreto, o rosto escondido debaixo do chapéu.

Com a mão pousada no cassetete, o agente Leitão foi avançando aos solavancos pela praia fora. A areia comprometia-lhe a passada garbosa que lhe aprazia exhibir, mas ele fazia o melhor que podia. Quando se estava a acercar de ambos, ouviu-a dizer:

— Esse vestido não é seu.

— Passa-se alguma coisa por aqui? — indagava agora o polícia, encolhendo ligeiramente a barriga ao parar. Vista de perto, era ainda mais bonita do que imaginara. Lábios de borboleta, com os cantos revirados para cima. Pele de pêssago, macia, percebia-se só de olhar para ela, suave. — Este indivíduo não está a incomodá-la, pois não, menina?

— Oh! Oh, não, senhor. De maneira nenhuma. — Tinha o rosto congestionado e o agente Leitão apercebeu-se de que corara. Não era todos os dias que encontrava um homem de farda, calculou ele. Era um verdadeiro encanto, a moça. — Este senhor estava só a preparar-se para me devolver uma coisa que me pertence.

— Isso é verdade? — franziu o sobrolho ao jovem, avaliando-lhe a expressão insolente, a desenvoltura com que se movimentava, as maçãs do rosto altas e os olhos pretos arrogantes. Aqueles olhos davam ao rapazola um ar notoriamente estrangeiro, um ar irlandês, e o agente Leitão semicerrou os seus. O jovem mudou o peso de um pé para o outro e soltou um leve suspiro, a natureza queixosa do qual deixou o polícia injustificadamente zangado. Num tom agora mais exaltado, repetiu: — Isso é verdade ou não?

Ao ver que continuava sem resposta, o agente Leitão apertou a mão em volta do cassete. Fechou os dedos em redor do bastão tão seu conhecido. Era, pensava ele às vezes, o melhor amigo que algum dia tivera, e sem dúvida alguma o mais fiel. Sentiu um formigueiro de aprazíveis recordações na ponta dos dedos e foi para ele quase uma desilusão que o jovem, intimidado, assentisse com a cabeça.

— Bom, nesse caso — ordenou o polícia —, toca a despachar. Devolva o artigo em questão à senhora.

— Obrigada, senhor agente — disse ela. — Fico-lhe muito agradecida. — E em seguida esboçou novo sorriso, provocando uma sensação movediça, mas nem por isso desagradável de todo, nas calças do polícia. — Foi levado pelo vento, está a ver?

O agente Leitão pigarreou e assumiu a mais policial das suas expressões:

— Muito bem, minha menina — disse ele —, agora, com a sua licença, irei acompanhá-la a casa. Assim, fica resguardada do vento e de eventuais perigos que lhe surjam pelo caminho.

*

Dolly conseguiu desembaraçar-se do zelo respeitador do agente Leitão quando chegaram à porta do Bellevue. O caso estivera complicado — o polícia chegara a falar em entrar com ela no hotel e ir buscar-lhe uma bela chávena de chá para lhe acalmar os nervos —, mas Dolly, ainda que a grande custo, convencera-o de que seria uma pena desperdiçar os seus talentos em tarefas tão mezinhas e que o melhor seria ele voltar para a sua ronda.

— Afinal de contas, senhor agente, há com certeza muitas pessoas à espera de que o senhor as vá salvar.

Agradeceu-lhe profusamente — ele segurou-lhe a mão um bocadinho mais do que o estritamente necessário na despedida — e em seguida, com grande espalhafato, Dolly abriu a porta e entrou no

hotel. Fechou-a mas deixou uma fresta aberta, através da qual ficou a vê-lo regressar todo empertigado ao passeio marítimo. Só quando ele era uma cabeça de alfinete ao longe é que ela escondeu o vestido prateado debaixo de uma almofada e tornou a sair à socapa, arrepiando caminho pelo passeio marítimo.

O jovem andava por ali a deambular, à espera dela, encostado a uma coluna à porta de uma das pousadas mais elegantes. Dolly nem sequer se dignou a olhar para ele ao passar, limitou-se a seguir em diante, os ombros recuados, a cabeça bem erguida. Ele foi no encalço dela pela rua fora — Dolly sentia-o atrás dela — e por uma viela em ziguezague que partia da praia. Sentia a pulsação a acelerar e, à medida que os barulhos da beira-mar iam sendo abafados pelas paredes de pedra fria dos edifícios, ouvia-a também. Seguiu em frente, estugando o passo. As solas de borracha das suas sapatilhas arrastavam no asfalto, a sua respiração tornara-se mais ofegante, mas não parou nem olhou para trás. Conhecia um sítio ali próximo, um cruzamento escuro onde em tempos, era ainda uma miúda, se perdera, escondida do mundo enquanto os pais chamavam por ela, receando o pior.

Dolly parou ao chegar lá, mas não se voltou. Deixou-se ali ficar, à escuta, à espera de que o rapaz estivesse mesmo atrás dela, até lhe conseguir sentir a respiração na nuca, a proximidade dele a aquecer-lhe a pele.

O rapaz pegou-lhe na mão e ela conteve um grito. Deixou que a voltasse lentamente de frente para ele e aguardou, sem dizer uma palavra, enquanto ele levava a parte interior do seu pulso à boca e lhe aflorava um beijo que a arrepiou dos pés à cabeça.

— O que é que estás aqui a fazer? — sussurrou-lhe.

Os lábios dele continuavam encostados à pele dela.

— Tenho saudades tuas.

— Foi só há três dias.

Ele encolheu os ombros e uma madeixa de cabelo preto que se recusava a ficar no lugar caiu-lhe para a testa.

— Vieste de comboio?

Ele assentiu com a cabeça, uma única vez, devagar.

— E voltas hoje?

Outro aceno afirmativo, um meio-sorriso.

— Jimmy! Mas é tão longe!

— Tinha de te ver.

— E se eu tivesse ficado com a minha família na praia? E se eu não tivesse voltado para trás sozinha, como seria?

— Ter-te-ia visto na mesma, não teria?

Dolly abanou a cabeça, satisfeita, mas fingindo o contrário.

— Se o meu pai te descobre, dá cabo de ti.

— Acho que chego bem para ele.

Dolly riu-se; Jimmy dava-lhe sempre vontade de rir. Era uma das coisas de que mais gostava nele.

— Tu és doido.

— Por ti.

Então era isso. Ele era doido por ela. Dolly sentiu um aperto no estômago.

— Pronto, anda comigo — cedeu ela. — Há um carreiro aqui perto que leva aos campos. Lá ninguém nos vê.

*

— Tens noção, não tens, de que eu poderia ter sido preso por tua causa?

— Oh, Jimmy! Não sejas tolo.

— Tu não viste a cara do polícia... Estava pronto para me meter na cadeia e deitar fora a chave. Isto para não falar nos olhares que ele te deitava. — Jimmy voltou a cabeça para ficar de frente para ela, mas Dolly desviou o olhar. A erva era alta e macia no sítio onde eles estavam deitados, e ela contemplava o céu, trauteando uma qualquer música de dança baixinho e juntando os dedos em posição de diamante. Jimmy percorreu-lhe o perfil com o olhar: o arco suave

da testa, a reentrância que se tornava a elevar para dar forma ao nariz determinado, a queda abrupta e depois a curva generosa do lábio superior. Santo Deus, era mesmo bonita. Deixava o corpo dele a arder e a ansiar de desejo, e foi preciso um grande esforço de contenção para não saltar para cima dela, segurar-lhe os braços atrás da cabeça e beijá-la como um louco desvairado.

Mas não fez nada disso, nunca fazia, não queria que fosse assim. Jimmy mantinha a castidade apesar de isso dar cabo dele. Ela ainda era uma miúda da escola e ele era um adulto, dezanove anos para os dezassete dela. Dois anos poderia não ser muito, mas eles vinham de mundos diferentes. Dolly morava numa casa bonita e asseada e tinha uma família bonita e asseada; ele abandonara a escola aos treze anos, para tomar conta do pai e arranjar o primeiro emprego reles que lhe aparecesse pela frente para conseguir sobreviver. Fora ajudante de barbeiro por cinco xelins por semana, ajudante de padeiro por sete xelins e seis *pence*, transportara materiais pesados num estaleiro de construção nos arredores da cidade por quanto estivessem dispostos a pagar-lhe; e depois voltava para casa todas as noites para servir ao pai os restos de carne que arranjava no talho. Não viviam mal de todo. Jimmy sempre tivera o prazer das suas fotografias; agora, porém, por razões que não sabia explicar e em que preferia não entrar com receio de estragar tudo, também tinha Dolly, e o mundo era um sítio mais bonito; não se ia agora pôr com pressas e dar cabo de tudo.

Mas lá que era difícil, era. Desde a primeira vez em que a vira, sentada com as amigas à mesa de um café de esquina, ficara perdido de amores. Desviara o olhar da encomenda da mercearia que vinha entregar e ela sorria-lhe, como se fossem velhos amigos, e depois rira-se e corara, baixando o olhar para a chávena de chá, e Jimmy compreendera que, mesmo que vivesse até aos cem anos, nunca mais teria outra visão tão bonita como aquela. Fora o êxtase eléctrico do amor à primeira vista. Aquela gargalhada dela que lhe trouxera à memória a alegria pura da sua infância; o cheiro dela a

açúcar quente e óleo para bebé; o contorno dos seios dela por baixo do vestido de algodão... Jimmy, frustrado, desviou a cabeça e concentrou-se numa gaivota barulhenta que sobrevoava baixinho os campos em direcção ao mar.

O horizonte era de um azul sem mácula, a brisa soprava leve e o aroma do Verão sentia-se por todo o lado. Jimmy suspirou e, com isto, deixou o assunto morrer ali: o vestido prateado, o polícia, a humilhação que sofrera ao ser tratado como uma ameaça para ela. Não valia a pena insistir. O dia estava demasiado bonito para discutir, e, fosse como fosse, daí não viera mal nenhum ao mundo. Nunca vinha. As brincadeiras de Dolly ao faz-de-conta deixavam-no confuso, não compreendia a ânsia que ela tinha de fingir nem isso lhe agradava por aí além, mas ela ficava feliz e por isso Jimmy alinhava.

Como se quisesse provar a Dolly que já tinha posto o assunto para trás das costas, Jimmy sentou-se e vasculhou a mochila à procura da sua fiel máquina fotográfica *Brownie*.

— E que tal uma fotografia? — sugeriu-lhe ele, enrolando a bobina do filme. — Uma pequena lembrança do nosso encontro à beira-mar, Menina Smitham? — Tal como ele estava à espera, Dolly espiou (adorava que lhe tirassem fotografias), e Jimmy olhou ao redor a fim de localizar a posição do Sol. Dirigiu-se para o fundo do pequeno campo em que tinha feito o seu piquenique.

Dolly, entretanto, sentara-se e estava a espreguiçar-se como um gato.

— Assim? — perguntou ela. Tinha as faces coradas do sol e os seus lábios de borboleta vermelhos e carnudos dos morangos que ele comprara numa banca à beira da estrada.

— Perfeito — disse ele, e estava de facto. — Boa luz.

— E o que é que tu queres concretamente que eu faça à boa luz?

Jimmy coçou o queixo e fingiu que ponderava seriamente no assunto.

— O que é que eu quero que tu faças? Pensa bem antes de

responderes, meu rapaz, é a tua oportunidade, não estragues tudo agora... Ora, deixa-me cá pensar...

Dolly riu-se e ele também. Depois, coçou a cabeça e disse-lhe:

— Quero que sejas tu própria, Doll. Quero recordar-me deste dia tal qual como foi. Se estiver mais dez dias sem te ver, pelo menos posso levar-te dentro do bolso.

Ela sorriu, uma leve contracção enigmática dos lábios, e em seguida assentiu com a cabeça.

— Qualquer coisa que te faça lembrar de mim.

— Nem mais — confirmou ele. — Não demora nada, deixa-me só fazer os preparativos. — Baixou a objectiva *Diway* e, porque a luz do Sol estava muito forte, puxou a alavanca para reduzir a abertura. Era melhor jogar pelo seguro. Pelo mesmo motivo, retirou do bolso o pano de limpar a objectiva e deu uma boa esfregadela ao vidro. — Pronto — anunciou ele, fechando um olho e espreitando pelo visor —, estamos a postos... — Jimmy manuseou a máquina fotográfica, mas não se atreveu a erguer o olhar.

Dolly fitava-o do meio do visor. O cabelo caía-lhe em ondas sopradas pelo vento que lhe afloravam o pescoço, mas, por baixo, desabotoara o vestido, deixando os ombros à mostra. Sem desviar o olhar da máquina fotográfica, começou a fazer deslizar a alça do fato-de-banho pelo braço.

Caramba! Jimmy engoliu em seco. Devia dizer alguma coisa; sabia que devia dizer alguma coisa. Talvez soltar uma piada, ser espirituoso, ser engraçado. Todavia, ao ver Dolly ali sentada, o queixo empertigado, os olhos a lançarem-lhe um desafio, a curva dos seios à mostra... bom, dezanove anos de dom da palavra evaporaram-se num instante. Sem o seu sentido de humor para o ajudar, Jimmy optou pela única coisa que nunca lhe falhava. Tirou uma fotografia.

— Agora vê lá se és tu a revelá-la — lembrou-lhe Dolly, abotoando o vestido com dedos trémulos. O seu coração batia acelerado e sentia-se viva e radiante, estranhamente poderosa. A sua própria ousadia, a expressão de Jimmy quando a vira, a relutância que ele ainda sentia em encará-la de frente sem corar... tudo aquilo era intoxicante. Mais do que isso, era uma prova. Uma prova de que ela, Dorothy Smitham, era excepcional, tal como o Dr. Rufus dissera. Não estava destinada à fábrica de bicicletas, era óbvio que não; a sua vida iria ser extraordinária.

— Achas que eu deixaria outro homem ver-te nesses preparos?
— retorquiu Jimmy, dando excessiva atenção às correias da máquina fotográfica.

— De propósito, não.

— Mais depressa o matava. — Disse isto em voz baixa, e a voz falhou-lhe ligeiramente sob uma carga de possessividade tão intensa que Dolly receou desfalecer. Perguntou-se se ele seria capaz disso. Aquele género de coisas acontecia de facto? Não no meio de onde Dolly vinha, as moradias geminadas a imitar o estilo Tudor, orgulhosamente situadas nos novos subúrbios desprovidos de alma. Não conseguia imaginar Arthur Smitham a arregaçar as mangas da camisa para defender a honra da mulher; Jimmy, porém, não era como o pai de Dolly. Era precisamente o contrário: um jovem operário com braços fortes, um rosto honesto e um sorriso vindo não se sabia de onde que lhe punha o estômago às voltas. Dolly fingiu que não ouvira, tirando-lhe a máquina da mão e pondo-se a examiná-la com um ar pretensamente reflexivo.

Enquanto a segurava numa mão, ergueu um olhar travesso e pestanejante e comentou:

— Sabe, Sr. Metcalfe, este equipamento que o senhor aqui tem é muito perigoso. Imagine só a quantidade de coisas que seria capaz de captar que as pessoas preferiam que ninguém soubesse.

— Como o quê, por exemplo?

— Bom — Dolly levantou um ombro —, pessoas a fazer coisas

que não deviam, uma inocente menina da escola a ser desencaminhada por um homem mais experiente... Imagina só o que o pobre pai da menina diria se descobrisse. — Mordeu o lábio inferior, nervosa, mas esforçando-se por disfarçar, e chegou-se mais a ele, quase... mas só quase... a tocar-lhe o braço firme e queimado do sol. A electricidade pulsou entre ambos. — Uma pessoa que tivesse o azar de ser apanhada entre o teu lado mau e a tua *Box Brownie* poderia ver-se de repente em grandes sarilhos.

— Nesse caso, é melhor ficares do meu lado bom, não achas? — Ele lançou-lhe um sorriso por entre o cabelo, mas desapareceu tão depressa como veio.

Jimmy não desviou o olhar e Dolly sentiu a respiração mais leve. O ambiente em volta de ambos já não era o mesmo. Nesse momento, sob a intensidade do olhar de Jimmy, tudo se alterara. O fiel da balança do autodomínio inclinara-se e Dolly estava atordoada. Engoliu em seco, vacilante, mas também entusiasmada. Algo se iria passar, algo fora posto em movimento e ela era incapaz de o impedir. Não queria impedi-lo.

Bastou um ruído, um leve ruído por entre os lábios entreabertos de Jimmy, e Dolly sentiu-se desvanecer.

Os olhos dele continuavam cravados nos dela e estendeu uma mão para lhe acariciar o cabelo por detrás da orelha. Manteve a mão onde estava, mas apertou com mais força, segurando-lhe a nuca com firmeza. Dolly sentia-lhe os dedos trémulos. A presença dele despertou nela uma sensação súbita de vulnerabilidade, de falta de preparação, e abriu a boca para dizer qualquer coisa (para dizer o quê?), mas Jimmy abanou a cabeça, um único movimento rápido, e ela calou-se. Um músculo do maxilar dele estremeceu; inspirou fundo; e, em seguida, puxou-a para junto de si.

Dolly já se imaginara a ser beijada vezes sem conta, mas nunca sonhara com aquilo. No cinema, entre Katharine Hepburn e Fred MacMurray, parecia bastante agradável, e Dolly e a sua amiga Caitlin tinham praticado abraçadas para não serem apanhadas

desprevenidas quando o momento chegasse, mas aquilo era diferente. Ali havia calor, peso, urgência; sabia-lhe a sol e a morangos, cheirava-lhe a sal, sentia a pressão do calor à medida que o corpo dele deslizava contra o seu. E, o mais emocionante de tudo, apercebia-se do quanto ele a desejava, a sua respiração entrecortada, o seu corpo forte e musculoso, mais alto do que o dela, maior, lutando contra o seu próprio desejo.

Jimmy desfez o beijo e abriu os olhos. Em seguida, riu-se, de surpresa e alívio, um som rouco e afectuoso.

— Amo-te, Dorothy Smitham — declarou ele, encostando a testa à dela. Puxou-lhe delicadamente por um dos botões do vestido. — Amo-te e um dia hei-de casar contigo.

*

Dolly manteve-se em silêncio à medida que desciam a colina verdejante, mas os seus pensamentos corriam velozes. Jimmy ia pedi-la em casamento: a ida a Bournemouth, o beijo, a intensidade do que ela sentira... Que outra coisa poderia significar? A percepção atingira-a com uma clareza desconcertante e, agora, ansiava por que ele dissesse aquelas palavras em voz alta, de modo a formalizar o compromisso. Até os dedos dos pés lhe formigavam de desejo.

Era perfeito. Ela ia casar-se com Jimmy. Como era possível que não tivesse sido a primeira coisa em que pensara quando a mãe lhe perguntara o que queria fazer em lugar de começar a trabalhar na fábrica do pai? Era a única coisa que queria fazer. A única coisa que tinha de fazer.

Dolly olhou-o de relance, reparando na sua expressão de felicidade distraída, o seu silêncio inabitual, e compreendeu que Jimmy estava a pensar no mesmo; que ele continuava embrenhado nos seus pensamentos, a tentar descobrir a melhor forma de lhe propor casamento. Sentiu-se eufórica; a sua vontade era pôr-se a

dançar e a saltar de alegria.

Não era a primeira vez que Jimmy dizia que se queria casar com ela; já tinham brincado com o assunto anteriormente, conversado em segredo sobre «Então, e se...» ao fundo de cafés penumbrosos em zonas da cidade onde os pais nunca punham os pés. Dolly achava o assunto deveras entusiasmante; tácita mas implícita às suas descrições divertidas da quinta para onde iriam morar e da vida que levariam juntos era sugestão de portas fechadas, uma cama partilhada e a promessa de liberdade — quer física quer moral — que era irresistível para uma rapariga da escola como Dolly, a quem a mãe ainda engomava e passava a ferro as saias da farda.

Imaginá-los aos dois assim deixava-a estonteada e ela estendeu a mão para lhe dar o braço depois de abandonarem os campos soalheiros e se porem a caminho da viela sombria e sinuosa. Nesse momento, Jimmy parou, levou-a até um edifício ali próximo e encostou-a à parede de pedra.

Sorriu-lhe no escuro, nervoso, pareceu-lhe, e disse:

— Dolly.

— Sim. — Chegara o grande momento. Dolly mal conseguia respirar.

— Há uma coisa de que ando há tempos para falar contigo, uma coisa importante.

*

Então, ela sorriu, e o seu rosto era de tal maneira deslumbrante na sua ingenuidade e expectativa que Jimmy sentiu um ardor no peito. Mal podia acreditar que finalmente tinha ganho coragem para fazer aquilo, beijá-la como desejava, e fora tão ou mais doce do que nos seus sonhos. O melhor de tudo fora a maneira como ela lhe retribuía o beijo; havia uma promessa de futuro naquele beijo. Apesar de virem de extremos opostos da cidade, não eram muito diferentes um do outro, não relativamente ao que importava; não no

que sentiam um pelo outro. Jimmy sentiu-lhe as mãos macias dentro das suas quando lhe disse aquilo que todo o dia lhe ocupara o pensamento.

— Um dia destes recebi um telefonema de Londres, de um indivíduo chamado Lorant.

Dolly acenou com a cabeça a encorajá-lo.

— Lançou uma revista chamada *Picture Post*... uma revista que se dedica a publicar imagens que contam histórias. Ele viu as minhas fotografias no *Telegraph*, Doll, e convidou-me para ir trabalhar com ele.

Ficou à espera de a ver gritar, saltar, agarrar-lhe os braços de euforia. Era o seu maior sonho na vida, desde que desencantara a velha máquina fotográfica e o tripé do pai no sótão, a caixa com as fotografias a sépia lá dentro; Dolly, porém, não se mexeu. O seu sorriso estava agora descaído, petrificado.

— Em Londres? — inquiriu ela.

— Sim.

— Tu vais para Londres?

— Sim. Tu sabes: o palácio grande, o relógio grande, o grande nevoeiro.

Estava a tentar ser engraçado, mas Dolly não se riu; pestanejou meia dúzia de vezes e, numa expiração, inquiriu:

— Quando?

— Em Setembro?

— E vais lá morar?

— E trabalhar. — Jimmy vacilou; havia ali qualquer coisa que não fazia sentido. — Numa revista de fotografia — acrescentou vagamente, antes de franzir o sobrolho. — Doll?

O lábio inferior dela começara a tremer e ele receou que fosse começar a chorar.

Jimmy estava alarmado.

— Doll? O que foi?

Ela, porém, não chorou. Deixou cair abruptamente os braços e,

em seguida, tornou a erguê-los encostando uma mão a cada face.

— Nós íamos casar-nos.

— O quê?

— Tu dissestes... e eu pensei... mas depois...

Estava zangada com ele e Jimmy não fazia ideia porquê. Gesticulava agora com ambas as mãos, as faces ruborizadas, e falava muito depressa, as palavras tão entarameladas que tudo o que ele conseguiu perceber foi «quinta», «pai» e depois, por estranho que pudesse parecer, «fábrica de bicicletas».

Jimmy esforçou-se por a acompanhar, em vão, e já se estava a sentir completamente desamparado quando ela finalmente soltou um enorme suspiro, assentou as mãos nas ancas e fez um ar tão exausto, tão indignado que ele não conseguiu lembrar-se de mais nada senão abraçá-la e acariciar-lhe o cabelo como poderia ter feito a uma criança birrenta. O resultado era imprevisível e, por conseguinte, sorriu para consigo ao senti-la aquietar-se. Jimmy era uma pessoa bastante equilibrada e por vezes os arroubos emotivos de Dolly apanhavam-no desprevenido. Todavia, eram intoxicantes: ela nunca estava satisfeita se podia estar deliciada, nem aborrecida se podia estar furiosa.

— Eu julguei que tu te querias casar comigo — disse ela, erguendo o rosto para olhar para ele —, mas em vez disso vais para Londres.

Jimmy não conseguiu conter uma gargalhada.

— Não é «em vez disso», Doll. O Sr. Lorant vai pagar-me um salário e eu vou poupar o mais que puder. O que eu mais quero na vida é casar-me contigo... Estás a brincar comigo? Eu só quero jogar pelo seguro e fazer as coisas como devem ser.

— Mas as coisas *estão* como devem ser, Jimmy. Nós amamo-nos, queremos ficar juntos. A quinta... as galinhas gordas e uma cama de rede e nós os dois a dançar descalços...

Jimmy esboçou um sorriso. Contara a Dolly tudo a respeito da infância do pai numa quinta, as mesmas histórias de aventuras que

costumavam despertar o seu entusiasmo em miúdo, mas ela romanceara-as e fizera-as suas. Adorava a capacidade dela para pegar numa verdade simples e transformá-la em algo maravilhoso através dos fios cintilantes da sua portentosa imaginação. Jimmy chegou-se a ela e envolveu-lhe o rosto com as mãos em concha.

— Eu não tenho dinheiro para comprar uma quinta, Doll.

— Então, uma caravana de ciganos. Com margaridas nas cortinas. E uma galinha... Talvez duas, para não se sentirem sozinhas.

Não lhe conseguiu resistir: beijou-a. Era jovem, era romântica e era sua.

— Não tarda, Doll, e vamos ter todas as coisas com que sonhamos. Vou trabalhar no duro... espera e verás.

Um casal de gaivotas sobrevoou a viela a grasnar e Jimmy agarrou-a, fazendo deslizar os dedos pelos seus braços bronzeados. Dolly deixou que ele a levasse pela mão e ele apertou-lha com firmeza, conduzindo-a de volta ao mar. Adorava os sonhos de Dolly, a sua vivacidade de espírito contagiosa; Jimmy nunca se sentira tão cheio de vida antes de a conhecer. Mas cabia-lhe a ele ser sensato no que dizia respeito ao futuro de ambos, ser razoável pelos dois. Não podiam os dois deixar-se levar por sonhos e fantasias; nada de bom adviria daí. Jimmy era um rapaz inteligente, todos os seus professores lhe tinham dito isto mesmo, nos seus tempos de escola, antes de o pai sofrer uma recaída. E, para além disso, tinha facilidade em aprender; trazia para casa livros emprestados pela biblioteca Boots e chegara a lê-los quase todos. Tudo o que lhe faltava era uma oportunidade, e, agora, finalmente, esta surgira.

Percorreram o resto da viela em silêncio até avistarem o passeio marítimo, cheio de banhistas vespertinos, que, tendo já comido todas as suas sanduíches de patê de camarão, voltavam para a areia. Jimmy parou e pegou na outra mão de Dolly, entrelaçando os dedos nos seus.

— Então — disse ele em voz baixa.

— Então.

— Vejo-te daqui a dez dias.

— Não se eu te vir primeiro a ti.

Jimmy sorriu-lhe e inclinou-se para lhe dar um beijo de despedida, justamente quando uma criança passou por eles a correr, a gritar atrás de uma bola que fugira para a viela, estragando o momento. Jimmy recuou, estranhamente embaraçado com a intromissão do garoto.

Dolly meneou o corpo na direcção do passeio marítimo.

— Acho que é melhor ir andando.

— Vê lá se não te tornas a meter em sarilhos, está bem?

Ela riu-se e em seguida pespegou-lhe um beijo na boca. Com um sorriso que o deixou em ânsias, desatou a correr rumo à luz, a beira do vestido a ondular contra as pernas despidas.

— Doll! — chamou-a, mesmo antes de ela desaparecer. Ela virou-se e o sol, que lhe batia por detrás, fez do seu cabelo um halo escuro. — Tu não precisas de roupas elegantes, Doll. És mil vezes mais bonita do que aquela rapariga que viste hoje.

Ela sorriu-lhe (ou, pelo menos, foi a impressão com que ele ficou: era difícil perceber por causa da sombra) e depois ergueu uma mão, acenou e foi-se embora.

*

Com o sol, os morangos e a corrida que teve de dar para apanhar o comboio, Jimmy foi quase toda a viagem de regresso a dormir. Sonhou com a mãe, o mesmo velho sonho que tinha havia anos. Estavam os dois na feira, a assistir a um espectáculo de magia. O mágico acabara de fechar a sua bonita ajudante dentro da caixa (que tinha sempre uma semelhança deveras impressionante com os caixões que o pai fabricava no rés-do-chão, na W. H. Metcalfe & Filhos, Cangalheiro e Bonecreiro) e nessa altura a mãe inclinara-se

para ele e dissera-lhe: «Ele vai fazer tudo para que tu desvies o olhar, Jim. O truque está em apanhar os espectadores distraídos. Mantém-te atento.» Jimmy, que à época tinha oito anos, assentiu com a cabeça, um ar muito sério, os olhos arregalados, sem pestanejar sequer, mesmo quando já choravam tanto que lhe doíam. Mas devia ter feito algum disparate, porque a tampa da caixa abriu-se e — puf! — a mulher tinha desaparecido, levado sumiço, e, sem saber como nem porquê, Jimmy perdera o fio à meada. A mãe riu-se e ele sentiu-se esquisito, as pernas e os braços frios e trémulos, mas, quando olhou para ela, já não a encontrou a seu lado. Estava agora dentro da caixa, a dizer-lhe que ele deveria ter estado a sonhar acordado, e o perfume dela era tão forte que...

— Os vossos bilhetes, por favor.

Jimmy acordou sobressaltado e a sua mão dirigiu-se imediatamente à mochila no assento a seu lado. Ainda lá estava. Graças a Deus. Fora uma imprudência deixar-se dormir assim, sobretudo tendo em conta que trazia a máquina fotográfica lá dentro. Não se podia dar ao luxo de ficar sem ela; aquela máquina era fundamental para o seu futuro.

— Eu pedi os bilhetes, meu senhor. — Os olhos do revisor estreitaram-se como duas frinchas.

— Sim, peço desculpa. É só um momento. — Vasculhou o bolso e entregou o bilhete ao revisor para este o picar.

— Vai até Coventry?

Com um laivo de pesar por, afinal, não ter desmascarado um borlista, o revisor devolveu o bilhete a Jimmy, ajeitou o boné e continuou a percorrer a carruagem.

Jimmy retirou o livro da biblioteca da mochila, mas não o leu. As recordações de Dolly e daquele dia, os pensamentos sobre Londres e o futuro ocupavam-lhe de tal maneira o espírito que o impediam de se concentrar no *Ratos e Homens*. Ainda se sentia um tanto ou quanto confuso com o que se passara entre ambos. Julgara que a iria impressionar com aquela novidade, não transtorná-la — era

quase um sacrilégio desiludir uma pessoa tão radiante e cheia de vida como Doll —, mas Jimmy sabia que tomara a decisão mais acertada.

Ela não haveria de se querer casar com um homem falido, nem pensar. Doll adorava «coisas»: bugigangas, roupas bonitas, lembranças para coleccionar. Ele estivera o dia inteiro a observá-la; e vira-a a olhar para os ocupantes da cabana de praia, para a rapariga do vestido prateado; sabia que, por muito que fantasiasse com a quinta, ansiava por entusiasmo, por *glamour* e por todas as coisas que o dinheiro podia comprar. E era perfeitamente natural que assim fosse. Dolly era bonita, divertida e encantadora; tinha dezassete anos. Dolly não sabia o que era passar necessidades, nem tinha nada que saber. Merecia um homem capaz de lhe oferecer do bom e do melhor, não uma vida inteira a restos de carne do talho, e uma gota de leite condensado no chá quando o dinheiro não chegava para o açúcar. Jimmy andava a trabalhar arduamente para ser esse homem e, mal conseguisse, por Deus, iria casar-se com ela e nunca mais a largaria.

Mas só nessa altura.

Jimmy sabia por experiência própria o que acontecia a pessoas sem nada que se casavam por amor. A mãe desobedecera ao pai rico para se casar com o pai de Jimmy e, durante uns tempos, os dois haviam sido ditosamente felizes. Mas fora sol de pouca dura. Jimmy ainda se lembrava da perplexidade que sentira ao acordar um dia e descobrir que a mãe se tinha ido embora. «Desapareceu, assim, sem mais nem menos», ouvira ele as pessoas sussurrar pela rua; e Jimmy lembrara-se do espectáculo de magia a que ainda na semana anterior tinham assistido. Ficara espantado, a imaginar a mãe a desaparecer, a carne quente do seu corpo a desintegrar-se em partículas de ar diante dos seus olhos. Se havia alguém capaz de um truque de magia desses, concluiu Jimmy, essa pessoa era a mãe.

À semelhança de tantos outros assuntos importantes da infância,

foram os seus coetâneos a iluminá-lo, muito antes de um adulto bondoso se lembrar de fazer o mesmo. «O pobre Jimmy Metcalfe arranhou uma mãe da treta; fugiu com um ricalhaço, deixou o pobre Jimmy sem cheta.» Jimmy levou para casa a cantilena que aprendera no recreio da escola, mas o pai tinha muito pouco a dizer sobre o assunto; fora ficando cada vez mais magro e cansado, e começara a passar tempos esquecidos à janela, a fingir que estava à espera de que o carteiro lhe trouxesse uma carta de negócios urgente. Limitava-se a dar palmadinhas na mão do filho e a dizer-lhe que iria acabar tudo em bem, que os dois haveriam de conseguir desenvencilhar-se, que ainda se tinham um ao outro. Jimmy ficava nervoso de tanto ouvir o pai repetir isto, como se se estivesse a tentar convencer a si próprio e não ao filho.

Jimmy encostou a testa à janela do comboio e deixou-se ficar a ver os carris a deslizar velozmente por baixo dele. O pai. O velhote era o único obstáculo aos seus planos para Londres. Não poderia ficar sozinho em Coventry, não no estado em que se encontrava, mas era muito apegado à casa em que Jimmy crescera. Ultimamente, o pai tinha cada vez mais tendência para devanear, e havia dias em que Jimmy ia dar com ele a pôr a mesa para a mãe, ou, pior, sentado à janela, como antigamente costumava fazer, à espera de que ela voltasse para casa.

O comboio chegou à estação de Waterloo e Jimmy pôs a mochila ao ombro. Arranjaria maneira. Sabia que sim. Tinha o futuro todo pela frente e estava decidido a mostrar-se à altura. Com a máquina fotográfica bem segura, saltou da carruagem e encaminhou-se para o metropolitano, a fim de apanhar o comboio para Coventry.

*

Dolly, entretanto, achava-se diante do espelho do roupeiro do seu quarto no Bellevue, envolta num magnífico vestido de cetim prateado. Estava decidida a devolvê-lo à legítima dona, mas não

seria com certeza um crime se antes o experimentasse. Empertigou-se e deteve-se uns instantes a observar a sua imagem. A oscilação dos seios ao respirar, os contornos do decote, a forma como o vestido ganhava vida ao contacto com a sua pele. Não se comparava com nada que tivesse usado até aí, com nada que a mãe tivesse no seu guarda-roupa enfadonho. Nem sequer a mãe de Caitlin tinha um vestido como aquele. Dolly transfigurou-se.

Quem lhe dera que Jimmy a pudesse ver naquele momento, assim vestida. Dolly tocou nos lábios e susteve momentaneamente a respiração ao lembrar-se do beijo dele, a intensidade do seu olhar fixo nela, a maneira como a olhara quando lhe tirara a fotografia. Fora o seu primeiro beijo a sério. Era agora uma pessoa diferente da que fora nessa manhã. Perguntou-se se os pais iriam dar por isso, se saltaria à vista de todos que um homem como Jimmy, um homem adulto com modos rudes e mãos calejadas, e um emprego de fotógrafo em Londres, olhara para ela com desejo e a beijara com ardor.

Dolly ajeitou o vestido em redor das ancas. Esboçou um leve sorriso ao cumprimentar um conhecido invisível. Riu-se de uma piada silenciosa. E depois, com um rodopio, deixou-se cair em cima da cama estreita, os braços abertos de par em par. «Londres», disse ela em voz alta às espirais de tinta que estavam a descascar do tecto. Dolly tomara uma decisão e estava prestes a rebentar de entusiasmo. Iria para Londres; logo que as férias chegassem ao fim e todos regressassem a Coventry, comunicaria a decisão à família. Os pais iriam abominar a ideia, mas a vida era de Dolly, e ela recusava vergar-se às convenções; o seu lugar não era numa fábrica de bicicletas; iria fazer exactamente o que queria. A aventura esperava-a lá fora, na grande cidade; Dolly apenas teria de ir ao encontro dela.

Capítulo 9

Londres, 2011

O dia estava cinzento e triste e Laurel congratulou-se por ter trazido o sobretudo. Os produtores do documentário tinham-se prontificado para mandar um motorista buscá-la, mas ela dissera que não, o hotel não ficava longe e preferia ir a pé. E era verdade. Gostava de andar a pé, sempre gostara, e, nos tempos que corriam, isto tinha a vantagem acrescida de também agradar aos médicos. Hoje, porém, estava especialmente satisfeita por ir a pé; com sorte, o ar fresco ajudá-la-ia a clarear as ideias. Sentia-se invulgarmente nervosa por causa da entrevista dessa tarde. O mero facto de pensar nas luzes ofuscantes dos projectores, no olhar fixo da câmara, as perguntas do jornalista jovem e amistososo, incentivou os dedos de Laurel a retirar um cigarro da carteira. Lá se ia a alegria dos médicos.

Parou à esquina da Kensington Church Street para acender um fósforo, olhando de relance para o relógio à medida que o sacudia para apagar a chama. Tinham terminado os ensaios para o filme antes do previsto e a entrevista era só às três. Fumou o cigarro pensativamente; se se apressasse, ainda teria tempo de fazer um pequeno desvio pelo caminho. Laurel deitou uma olhadela na direcção de Notting Hill. Não ficava longe, não lhe roubaria muito tempo; não obstante, hesitou. Sentia que estava perante uma encruzilhada, uma série de implicações duvidosas que se ocultavam por detrás de uma decisão aparentemente simples. Mas não,

tratava-se de excesso de ponderação da sua parte: era óbvio que iria até lá dar uma espreitadela. O contrário seria um disparate, uma vez que estava tão perto. Com a carteira bem agarrada debaixo do braço, afastou-se a passo rápido da High Street. («Toca a mexer, meus amores», costumava dizer a mãe, «nada de ficar pelo caminho.» Só porque achava piada àquelas palavras.)

Laurel dera por si a olhar fixamente para o rosto da mãe durante a festa de aniversário, como se a solução para o enigma lá estivesse escrita. (De onde conhecia o Henry Jenkins, mãe? Presumo que não fossem bons amigos.) Tinham feito a festa na quinta-feira de manhã, no jardim do hospital — o tempo estivera de feição e, tal como Iris salientara, depois do fraco arremedo de Verão que tiveram, seria um crime não aproveitarem o sol.

Que rosto tão deslumbrante, o da mãe. Na sua juventude, fora muito bonita, de longe mais bonita do que Laurel ou qualquer das outras filhas, com a eventual excepção de Daphne. Ela, seguramente, não teria realizadores a empurrarem-na para vestir a pele de personagens. Todavia, uma coisa de que se podia estar certo era de que a beleza — o género de beleza próprio da juventude — não durava para sempre, e a mãe envelhecera. A pele descaíra-lhe, tinham-lhe aparecido manchas, acompanhadas por misteriosas rugas e despigmentações; dava a impressão de que os ossos haviam cedido à medida que o esqueleto encolhia, e o cabelo tornara-se ralo. A expressão, porém, mantinha-se a mesma de sempre, radiante e travessa. Os olhos, apesar de cansados, tinham o brilho de quem nunca deixara de estar sempre pronta para a brincadeira, e os cantos dos lábios continuavam revirados para cima, como se tivesse acabado de se lembrar de uma piada. Era o tipo de expressão que atraía os desconhecidos, que os deixava encantados e com vontade de a conhecer melhor. A sensação que transmitia aos outros, através de um ligeiro recuo do queixo, de que ela também sofria como eles, de que tudo se comporia pelo simples facto de terem entrado na órbita dela: era esta a sua verdadeira

beleza — a sua presença, a sua alegria, o seu magnetismo. Isto, e a formidável apetência para o faz-de-conta.

— O meu nariz é grande de mais para a minha cara — comentara ela certa vez quando Laurel era pequena e estava a vê-la vestir-se para uma ocasião qualquer. — Desperdicei os dons que Deus me concedeu. Eu teria dado uma excelente perfumista. — Desviara então a atenção do espelho e esboçara um daqueles sorrisos brincalhões que tinham o condão de pôr o coração de Laurel a bater um bocadinho mais depressa, tal era a sua expectativa. — És capaz de guardar um segredo?

Laurel, sentada ao fundo da cama dos pais, assentira com a cabeça, e a mãe debruçara-se sobre ela de modo a que a ponta do seu nariz tocasse na ponta do da filha. — Isto é porque eu já fui um crocodilo. Há muito tempo, antes de ser uma mamã.

— A sério? — indagou Laurel contendo um grito.

— Sim, mas acabei por me fartar. Passava a vida à dentada e a nadar. E, sabes, as caudas dos crocodilos são muito pesadas, sobretudo quanto estão molhadas.

— Foi por isso que preferiu ser uma senhora, mãezinha?

— Não, nem pensar. As caudas pesadas são uma maçada, mas não são motivo suficiente para fugirmos às nossas obrigações. Certo dia, estava eu estendida na margem de um rio...

— Em África?

— Claro. Em Inglaterra é que não era com certeza, não te parece?

Laurel abanou a cabeça.

— Ali estava eu, a apanhar banhos de sol, quando apareceu uma menina acompanhada da mãe. Vinham de mão dada e eu apercebi-me de que gostaria muito de poder fazer o mesmo. E assim fiz. Transformei-me numa pessoa. E depois tive-te a ti. Acabou por correr tudo bastante bem, reconheço, à excepção deste nariz.

— Então, e como foi? — Laurel pestanejou, maravilhada. — Como foi que se transformou numa pessoa?

— Ora, ora. — Dorothy tornou a virar-se para o espelho e ajeitou as alças do vestido. — Não te posso contar os meus segredos todos, pois não? Pelo menos, não todos de uma vez. Torna a perguntar-me um destes dias. Quando fores mais velha.

*

A mãe sempre tivera uma imaginação fértil.

— Bom, nem poderia ser de outra maneira, não acham? — resmungara Iris enquanto as levava a casa depois da festa de anos. — A ter de nos aturar a todos. Uma mulher mais frágil teria ficado completamente destrambelhada.

O que, Laurel teve de reconhecer, era verdade. Se fosse com ela, sem dúvida. Cinco crianças sempre aos gritos e à bulha, uma casa onde, de cada vez que chovia, aparecia uma goteira nova, pássaros que faziam ninho nas chaminés. Era um autêntico pesadelo.

Só que não fora. Fora perfeito. O género de vida familiar a respeito do qual os autores de romances sentimentais escreviam nos livros que os críticos consideravam nostálgicos. (Até ao célebre episódio da faca. Neste caso, o mais provável seria o interesse dos críticos ter-se espicaçado.) Laurel lembrava-se vagamente de revirar os olhos das profundezas das suas melancolias de adolescente e perguntar-se como seria possível que alguém se contentasse com semelhante sina doméstica. A palavra bucólica ainda não fora inventada na altura, pelo menos não para Laurel, que, em 1958, andava demasiado ocupada com Kingsley Amis para se interessar por *The Darling Buds of May*. Mas nem por isso queria que os pais mudassem. A juventude é um lugar arrogante, e acreditar simplesmente que eles eram menos aventureiros do que ela convinha na perfeição a Laurel. Nem por um instante ela considerara que pudesse haver algo para além da aparência de Dorothy enquanto esposa e mãe feliz; que em tempos também ela pudesse ter sido jovem e decidida a não ficar igual à sua própria

mãe; que pudesse sequer estar a esconder-se de algo do seu passado.

Agora, porém, o passado era onnipresente. Apoderara-se de Laurel no hospital quando ela vira a fotografia de Vivien, e, desde então, nunca mais a largara. Esperava por ela atrás de cada esquina; sussurrava-lhe ao ouvido pela calada da noite. Era acumulativo, todos os dias ficava mais pesado, trazendo atrás de si pesadelos e facas reluzentes e meninos com foguetes de lata e a promessa de voltar, de pôr as coisas nos eixos. Não conseguia concentrar-se devidamente em mais nada, nem na longa-metragem, cujas filmagens tinham início marcado para a semana seguinte, nem na série de entrevistas do documentário que andava a gravar. Nada parecia ter importância excepto descobrir a verdade acerca do passado secreto da mãe.

E havia, de facto, um passado secreto. Se ainda restasse alguma dúvida a Laurel, a mãe já praticamente lha tirara. Na festa do seu nonagésimo aniversário, enquanto as suas três bisnetas faziam colares com margaridas, e o neto atava um lenço de assoar em volta do joelho a sangrar do seu próprio filho, e as filhas garantiam que toda a gente estava bem servida de bolo e chá, e alguém gritara: «Discurso! Discurso!», Dorothy Nicolson mostrara um sorriso beatífico. As rosas tardiamente floridas coraram nos arbustos atrás de si e ela entrelaçou as mãos, fazendo girar ociosamente os anéis que agora lhe ficavam folgados nos nós dos dedos. E então soltou um suspiro.

— Sou uma pessoa tão afortunada — disse ela, com voz pausada e vacilante. — Olhem só para todos vocês, olhem para os meus filhos, netos e bisnetos. Estou tão grata, tenho tanta sorte por ter tido... — Nesse momento, os seus lábios velhos tremeram, as suas pálpebras pestanejaram até se fecharem, e os familiares acorreram em peso junto dela, aos beijos e aos gritos de «Mãezinha, querida mãezinha!» e, por conseguinte, não a ouviram dizer: — ... uma segunda oportunidade.

Laurel, porém, ouvira. E fitou ainda mais intensamente o rosto encantador, fatigado, familiar, reservado da mãe. A perscrutá-lo em busca de respostas. Respostas que sabia lá estarem prontas a ser reveladas. Porque as pessoas que tinham levado vidas inocentes e enfadonhas não agradeciam segundas oportunidades.

*

Laurel virou para Campden Grove e deparou-se com um grande amontoado de folhas caídas. O varredor das ruas ainda não passara por lá e ela sentiu-se feliz por isso. Avançou por cima do sítio onde o monte era mais espesso e o tempo recuou com uma reviravolta, e, de repente, ela estava em simultâneo ali e agora e tinha outra vez oito anos, a brincar no bosque nas traseiras de Greenacres. «Encham o saco mesmo até acima, meninas. Queremos que a nossa fogueira chegue à Lua.» Quem dizia isto era a mãe, e era a Bonfire Night[8]. Laurel e Rose, de cachecol e botas de borracha de cano alto, Iris um bebé bem enfarpelado a pestanejar no carrinho. Gerry, cuja paixão pelo bosque haveria de superar a das irmãs, não passava de um murmúrio, um pirilampo distante no céu rosado. Daphne, que também ainda estava para nascer, fazia já sentir a sua presença, a nadar, a revoltear e saltitar dentro da barriga da mãe: «Estou aqui! Estou aqui! Estou aqui!» («Isto passou-se quando tu estavas morta», costumavam dizer-lhe as irmãs sempre que a conversa enveredava por um acontecimento qualquer anterior à sua vinda ao mundo. A sugestão da morte não a incomodava, mas o mesmo já não se podia dizer da ideia de que o espectáculo não esperara por ela para começar, coisa que a deixava em brasa.)

Mais ou menos a meio da rua, logo a seguir a Gordon Place, Laurel deteve-se. Era ali, no número 25. Entalado entre o 24 e o 26, como seria de prever. A casa em si era em tudo idêntica às outras, branca e vitoriana com grades de ferro preto na varanda do primeiro andar e uma água-furtada no telhado pouco inclinado de ardósia. No

pátio da frente, pavimentado a mosaico, via-se um carrinho de bebé, do género que poderia mais tarde dar jeito como módulo lunar, e havia uma grinalda de cabeças de abóbora do Halloween, obra de uma criança, no parapeito da janela do rés-do-chão. Não havia nenhuma placa azul na fachada, apenas o número da porta. Era óbvio que ninguém considerara oportuno sugerir ao English Heritage[9] que a residência de Henry Tonald Jenkins, situada no número 25 de Campden Grove, deveria ser assinalada para a posteridade. Laurel perguntou-se se os actuais moradores saberiam que a sua casa pertencera outrora a um escritor célebre. Provavelmente não, e porque haveriam de saber? Muitos londrinos moravam em casas que podiam ter a pretensão de em tempos terem sido morada de alguma personalidade importante, e a fama de Henry Jenkins fora efémera.

Todavia, Laurel encontrara-o na Internet. O problema aqui era o inverso — ninguém seria capaz de se desembaraçar da rede nem por todo o dinheiro deste mundo. Henry Jenkins era um dos milhões de fantasmas que por lá pairavam, arrebanhados como espectros, até alguém introduzir a combinação certa de letras e lhes conceder uma breve ressurreição. Em Greenacres, Laurel fizera uma tentativa preliminar de aceder à rede através do seu telemóvel, mas, mal descobrira onde deveria inserir os termos que desejava procurar, a bateria esgotara-se. Uma vez que pedir o portátil de Iris emprestado para tais fins clandestinos estava fora de questão, passara as derradeiras horas da sua estada em Suffolk num silêncio atroz, a ajudar Rose a esfregar o bolor das juntas da casa de banho.

Quando Mark, o motorista, veio buscá-la na sexta-feira, tal como ficara combinado, travaram uma conversa amistosa a respeito do trânsito, da temporada teatral, da probabilidade de as obras nas estradas estarem concluídas a tempo para os Jogos Olímpicos, todo o caminho de regresso pela auto-estrada M11. Sã e salva de volta a Londres, obrigou-se a ficar na penumbra com a mala, a acenar até o automóvel desaparecer de vista, posto o que subira calmamente as

escadas, destrancara a porta da rua sem a mais leve hesitação da chave na fechadura e entrou em casa. Fechara a porta sem barulho atrás de si e depois, só depois, na segurança da sua própria sala de estar, deixara cair a mala e a fachada. Sem sequer acender a luz, ligara o portátil e digitara o nome dele no Google. Na fracção de tempo que os resultados demoraram a aparecer, Laurel retomou o hábito de roer as unhas.

A página de Henry Jenkins na Wikipédia não era muito exaustiva, mas fornecia uma bibliografia e alguns dados biográficos (nascido em Londres, em 1901; casou-se em Oxford, em 1938; morou em Campden Grove, Londres; morreu em Suffolk, em 1961); os seus romances apareciam nos *sites* de meia dúzia de alfarrabistas (Laurel encomendou dois); e era mencionado em páginas tão díspares como «Lista dos Antigos Alunos da Escola Nordstrom» e «Mais Estranho do Que na Ficção: Mortes Literárias Misteriosas». Laurel conseguiu reunir algumas informações a respeito da sua escrita — ficção semiautobiográfica; predilecção por cenários lúgubres e anti-heróis da classe operária, até à história de amor que o lançara, em 1939 — e que trabalhara para o Ministério da Informação durante a guerra, contudo, havia de longe mais material sobre quando fora desmascarado como sendo o Intruso dos Piqueniques de Verão em Suffolk. Laurel debruçou-se sobre ele, página após página, à beira de um ataque de pânico, sempre à espera de ver surgir um nome ou uma morada familiar.

Isto, porém, não se verificou. Não viu qualquer menção a Dorothy Nicolson, mãe da actriz galardoada com um Óscar e o (Segundo) Rosto Preferido do País, Laurel Nicolson; nenhuma referência geográfica mais específica do que «um prado nos arredores de Lavenham, em Suffolk»; nenhuma coscuvilhice devassa a respeito de facas de bolos de aniversário, ou bebês a chorar, ou festas de família à beira-rio. Claro. Claro que não havia. Os autores da página *on-line* haviam reforçado primorosamente a farsa cavalheiresca de 1961. Henry Jenkins era um autor que granjeara de êxito antes da

Segunda Guerra Mundial, mas cuja estrela fora esmorecendo posteriormente. Perdera dinheiro, prestígio, amigos e, por fim, até a noção da decência; acabara por descobrir, ao invés, a infâmia, e mesmo essa achava-se agora francamente apagada. Laurel leu a mesma história vezes sem conta e, de cada vez, a imagem desenhada a lápis tornava-se mais definitiva. Pouco faltou para ela própria acreditar na ficção.

Depois, porém, foi um clique longe de mais. Um *link* aparentemente inócuo para um *site* intitulado «O Imaginário de Rupert Holdstock». A fotografia aparecia no ecrã como um rosto à janela: Henry Jenkins, inconfundível, embora mais novo do que quando ela o vira subir o caminho de acesso a sua casa. Nenhum dos artigos de jornal que encontrara por ocasião do sucedido incluía uma fotografia, e era a primeira vez que lhe via a cara desde aquela tarde na casa da árvore.

Não conseguiu resistir; procedeu a uma busca por imagens. Daí a 0,27 segundos, o Google apresentava-lhe um ecrã revestido com fotografias idênticas de tamanhos ligeiramente diferentes. Vê-lo em massa dava-lhe um aspecto macabro. (Ou seriam as suas associações a fazer isso? O rangido da dobradiça do portão; o rosnado de *Barnabé*; o lençol branco que entretanto ficara vermelho-ferrugem.) Filas e filas de retratos a preto e branco: traje formal, bigode escuro, sobrancelhas fartas a emoldurar um olhar assustadoramente directo. «Ora viva, Dorothy.» As múltiplas configurações de lábios finos pareciam movimentar-se no ecrã. «Há quanto tempo.»

Laurel fechou abruptamente a tampa do portátil e a sala mergulhou na escuridão.

*

Recusara-se a continuar a olhar para Henry Jenkins, mas pensara nele, e pensara naquela casa, a meia dúzia de passos da sua, e,

quando o primeiro livro chegou por correio noturno e ela se sentou a lê-lo de uma ponta à outra, pensou também na mãe. *Em Tempos Uma Criada* era a oitava obra de Henry Jenkins, publicada em 1940, e narrava o romance entre um escritor conceituado e a criada e dama de companhia da esposa. A rapariga — Sally, assim se chamava ela — era uma autêntica serigaita, e o protagonista masculino, um indivíduo atormentado, casado com uma mulher bonita mas fria. Não se podia dizer que o livro fosse mau de todo, desde que nos conseguíssemos abstrair da prosa rebuscada: as personagens eram retratadas em profundidade e o dilema do narrador era intemporal, sobretudo porque Sally e a mulher ficaram amigas. O desenlace apresentava o narrador prestes a pôr fim ao caso amoroso entre ambos, mas angustiado com as repercussões que daí pudessem advir. A pobre rapariga estava irremediavelmente obcecada por ele, estão a ver, e quem a poderia culpar por isso? Nas palavras do próprio Henry Jenkins, ele — isto é, o protagonista — era um excelente partido.

Laurel tornou a olhar para a água-furtada do número 25 de Campden Grove. Henry Jenkins era conhecido por ter baseado grande parte da sua obra nas suas experiências de vida. A mãe trabalhara durante algum tempo como criada (fora assim que ela fora parar à pousada da avó Nicolson); a mãe e Vivien tinham sido amigas chegadas; a mãe e Henry Jenkins, no final, decididamente não. Seria precipitado da sua parte concluir que a história de Sally era a da mãe? Que Dorothy em tempos morara naquele quartinho sob o telhado de ardósia e que se apaixonara pelo patrão e que fora enganada? Explicaria o que Laurel testemunhara em Greenacres, a fúria de uma mulher rejeitada e por aí fora?

Talvez.

Enquanto Laurel tentava desencantar uma maneira de descobrir se uma jovem chamada Dorothy trabalhara para Henry Jenkins, a porta da rua do número 25 — que era vermelha; uma pessoa cuja porta de casa era vermelha deveria ser deveras interessante —

abriu-se, e uma confusão barulhenta de pernas anafadas de meias de *nylon* e gorros de malha com pompons saiu esbaforida para o passeio. Dado que os moradores em geral não viam com bons olhos que estranhos lhes andassem a espreitar para dentro de casa, Laurel baixou a cabeça e pôs-se a vasculhar dentro da carteira, esforçando-se por aparentar ser uma mulher perfeitamente normal que fazia um recado qualquer e não alguém que passara a tarde à caça de fantasmas. Como qualquer abelhuda digna desse nome, mesmo assim, conseguiu manter-se atenta à acção, vendo a mulher sair com um carrinho de bebé, três criaturas pequenas agarradas à sua saia e — santo Deus! — outra voz infantil a cantarolar algures dentro de casa.

A mulher estava a tentar descer o carrinho de bebé às arrecuas e Laurel hesitou. Já se preparava para lhe oferecer ajuda quando uma quinta criança, um rapaz, mais alto do que as outras, mas que ainda assim não teria mais de cinco ou seis anos, saiu de casa e assumiu o comando das operações. Juntos, ele e a mãe pegaram no carrinho e trouxeram-no para o passeio. A família encaminhou-se em direcção a Kensington Church Street, as meninas a saltitar à frente, mas o rapaz deixou-se ficar para trás. Laurel pôs-se a observá-lo. Gostava da maneira como os seus lábios se mexiam, como se estivesse a cantar para consigo, e a forma como movimentava as mãos, esticando-as na horizontal e em seguida inclinado a cabeça para as ver ondular ao encontro uma da outra como folhas à deriva. Mantinha-se completamente alheio ao ambiente ao seu redor e a sua concentração tornava-o encantador. Recordava-lhe Gerry em miúdo.

Querido Gerry. Nunca fora vulgar, o irmão. Passara os primeiros seis anos de vida sem proferir uma única palavra, e as pessoas que não o conheciam presumiam com frequência que era atrasado. (As pessoas que conheciam as barulhentas raparigas Nicolson encaravam o silêncio dele como nada mais nada menos do que inevitável.) Os estranhos estavam redondamente enganados. Gerry

não era atrasado, era inteligente — extraordinariamente inteligente. Uma inteligência vocacionada para as ciências. Reunia factos e provas, verdades e teoremas, e respostas a perguntas que Laurel nem sequer se lembrara de fazer, acerca do tempo, do espaço e da matéria de permeio. Quando finalmente se decidiu a comunicar através de palavras, em voz alta, foi para indagar se alguma delas fazia ideia de como os engenheiros tencionavam impedir a torre inclinada de Pisa de cair (o caso aparecera no noticiário umas noites antes).

— Julian!

A recordação de Laurel desvaneceu-se e ela desviou o olhar e viu a mãe do rapazinho a chamar por ele, como se de outro planeta:

— Ju-ju!

O rapaz fez aterrar a mão esquerda em segurança antes de dar atenção à mãe. Os seus olhos cruzaram-se com os de Laurel e arregalaram-se. De surpresa a princípio, mas depois de algo mais, de reconhecimento, percebeu ela; sucedia-lhe com frequência, ainda que nem sempre acompanhado de identificação («Eu conheço-a? Já fomos apresentados? Trabalha no banco?»)

Laurel assentiu com a cabeça e já se preparava para se ir embora quando:

— A senhora é a amiga do papá — declarou o rapaz com ar impassível.

— *Ju-li-an*.

Laurel tornou a virar-se de frente para aquela criatura tão peculiar.

— Sou quem?

— É a amiga do papá.

Todavia, antes de ela ter tempo de lhe perguntar o que pretendia ele dizer com aquilo, já o rapaz tinha desaparecido, tropeçando nos pés à medida que corria ao encontro da mãe, com ambas as mãos a navegar as correntes invisíveis de Campden Grove.

Capítulo 10

Laurel mandou parar um táxi em Kensington High Street.

— Para onde, minha senhora? — perguntou-lhe o motorista enquanto ela entrava apressadamente para o assento de trás e escapava ao aguaceiro repentino.

— Para o Soho... Charlotte Street Hotel, se faz favor.

Seguiu-se uma pausa, acompanhada por um exame minucioso através do espelho retrovisor, e depois, à medida que o táxi se enfiava aos solavancos no trânsito.

— A sua cara não me é estranha. O que é que a senhora faz?

«A senhora é a amiga do papá»... que diabo quisera o garoto dizer com aquilo?

— Eu trabalho num banco.

Enquanto o motorista se lançava numa invectiva contra os banqueiros e a derrocada do sistema de crédito mundial, Laurel fingiu estar muito concentrada no ecrã do seu telemóvel. Percorreu aleatoriamente as nomes da agenda telefónica, parando quando chegou a Gerry.

O irmão chegara atrasado à festa de anos da mãe, a coçar a cabeça enquanto se tentava lembrar aonde é que deixara o presente dela. Ninguém esperava outra coisa de Gerry e mostraram a mesma satisfação de sempre ao vê-lo. Agora com cinquenta e dois anos, mas o mesmo rapazinho adorável e distraído, com umas calças que lhe assentavam mal e o pulôver castanho de lã torcida que Rose tricotara para ele há trinta natais. Deu-se um grande

rebuliço, as outras irmãs a atropelarem-se umas às outras para lhe irem buscar chá e bolo. E até a mãe acordou da sesta, o seu velho rosto fatigado transfigurado pelo sorriso radiante de pura alegria que guardara para o seu único filho.

De todos os filhos, era aquele de quem mais sentia a falta. Laurel sabia que assim era porque a enfermeira carinhosa lho fizera saber. Abordara Laurel no corredor quando se estavam a preparar para a festa e dissera-lhe:

— Estava mesmo a ver se a apanhava a jeito.

Laurel, sempre pronta a levantar a guarda, inquirira:

— O que é que se passa?

— Não se assuste que não é nada de grave. É só que a sua mãe tem perguntado por uma pessoa ultimamente. Um homem, creio eu. Jimmy? Será? Ela queria saber onde ele estava, porque é que não a vinha visitar.

Laurel considerara o nome e, por fim, abanara a cabeça e contara à enfermeira a verdade. Não estava a ver nenhum Jimmy que a mãe conhecesse. Absteve-se de acrescentar que não era a filha mais adequada a quem fazer semelhante pergunta, que entre as suas irmãs havia quem fosse bem mais atenciosa com a mãe. (À excepção de Daphne. Graças a Deus, havia Daphne. Numa família com tantas raparigas, era uma felicidade não ser a pior.)

— Não é nada de cuidado. — A enfermeira dirigira-lhe um sorriso tranquilizador. — Ultimamente, ela tem tendência a andar cá e lá. No fim, é normal eles ficarem confusos.

Laurel retraíra-se ao ouvir o genérico «eles», a franqueza repugnante de «fim», mas nesse momento Iris aparecera com uma chaleira avariada e um ar de poucos amigos e, por conseguinte, deixara o assunto morrer ali. Fora só mais tarde, quando se esgueirara para o pátio do hospital para fumar um cigarro, que Laurel se apercebera da confusão, que, obviamente, o nome por que a mãe perguntava era Gerry e não Jimmy.

*

O motorista de táxi deu uma guinada repentina na esquina de Brompton Road e Laurel agarrou-se ao assento.

— Obras — explicou-lhe ele, contornando as traseiras dos armazéns Harvey Nichols. — Estão a construir uns apartamentos de luxo. Já lá vão doze meses, e aquele maldito guindaste ainda lá continua.

— Uma maçada.

— Já estão quase todos vendidos, sabia? Quatro milhões de libras cada um. — Assobiou entre dentes. — Quatro milhões de libras... Com esse dinheiro, eu cá comprava uma ilha só para mim.

Laurel esboçou um sorriso que, esperava ela, não fosse de encorajamento (abominava ver-se arrastada para conversas acerca do dinheiro alheio) e aproximou o telemóvel mais da cara.

Sabia por que motivo Gerry não lhe saía do pensamento, porque encontrava semelhanças com o irmão na cara de rapazes estranhos. Em tempos, haviam sido amigos chegados, os dois, mas as coisas tinham mudado quando ele tinha dezassete anos. Viera passar a noite com Laurel em Londres a caminho de Cambridge (com uma bolsa de estudos completa, como Laurel fazia questão de anunciar a toda a gente sua conhecida e, por vezes, inclusive a quem não conhecia) e tinham gozado bons momentos juntos; como sempre, aliás. Uma sessão vespertina de *Monty Python e o Cálice Sagrado* e depois um jantar comprado no estaminé de comida indiana ao fundo da rua. Mais tarde, com uma deliciosa pedrada de *tikka masala*, os dois tinham saído pela janela da casa de banho, levando almofadas e um cobertor atrás, e partilhado um charro no telhado de Laurel.

A noite estava especialmente límpida — havia mais estrelas do que o habitual, não havia? — e lá em baixo, na rua, a animação distante e descontraída da pândega alheia. Fumar costumava instigar a loquacidade de Gerry, o que por Laurel estava bem, uma

vez que a ela a deixava nas suas sete quintas. O irmão tentara explicar-lhe a origem de todas as coisas, apontando para os aglomerados de estrelas e para as galáxias e fazendo gestos a imitar explosões com as suas mãos febris e delicadas, enquanto Laurel, de olhos semicerrados, via as estrelas turvas e arqueadas, deixando que as palavras de Gerry se misturassem e fluíssem como um rio. Estava tão perdida numa correnteza de nebulosas, penumbras e supernovas que só deu por o monólogo dele chegar ao fim quando o ouvira chamar: «Lol», naquele tom incisivo que as pessoas tinham quando já não era a primeira vez que o faziam.

— Hã? — Fechando um olho e a seguir o outro de modo a ver as estrelas projectarem-se pelo céu.

— Tenho andado para te perguntar uma coisa.

— Hã?

— Santo Deus! — Gerry riu-se. — Já repeti isto tantas vezes para comigo que agora já nem me lembro do que queria dizer. — Enfiou os dedos no cabelo e emitiu um leve ruído animalesco. — Hum. Pronto, aqui vai: eu tenho andado para te perguntar, Lol, se aconteceu alguma coisa quando nós éramos miúdos? Algo... — baixou a voz num suspiro. — Algo violento?

Fora então que Laurel compreendera. Uma espécie de sexto sentido pusera-lhe o pulso a latejar sob a pele e sentira calor por todo o corpo. O irmão lembrava-se. Sempre tinham partido do princípio de que era muito pequeno para isso, mas o irmão lembrava-se.

— Violento? — Laurel sentou-se, mas não voltou a cara para ele. Não se sentia com coragem para o encarar e lhe mentir. — Tu queres dizer para além da Iris e da Daphne a disputar a casa de banho?

Gerry não se riu.

— Eu sei que é um disparate, mas às vezes tenho uma sensação.

— Tens uma sensação?

— Lol...

— Porque se é de sensações horripilantes que queres falar, acho que seria melhor ser com a Rose...

— Meu Deus!

— Posso tentar telefonar para o *ashram*, se quiseres...

O irmão atirou-lhe uma almofada.

— Estou a falar a sério, Lol. Isto anda a dar comigo em maluco. Decidi perguntar-te porque sei que me dirás a verdade.

Esboçou então um ténue sorriso, porque conversas sérias não era coisa que tivessem com frequência ou para que tivessem jeito, e Laurel pensou pela milionésima vez o quanto adorava o irmão. Sabia com certeza que não teria sido capaz de amar mais os seus próprios filhos.

— É como se fosse para me lembrar de qualquer coisa, só que não sei do quê. Como se o acontecimento tivesse terminado, mas as emoções, a aversão e o medo, ou a sua sombra, pelo menos, ainda lá estivessem. Compreendes aonde eu quero chegar?

Laurel assentiu com a cabeça. Compreendia perfeitamente.

— Então? — Ergueu um ombro, hesitante, e depois deixou-o cair outra vez, quase em sinal de derrota, apesar de a irmã ainda não o ter desiludido. — Passou-se alguma coisa? Por insignificante que possa parecer?

Que haveria ela de lhe dizer? A verdade? Dificilmente. Havia certas coisas que não se contavam a um irmão mais novo, por muito tentador que isso fosse. Não na véspera da sua ida para a universidade, não no telhado de um edifício de quatro andares. Nem sequer quando, subitamente, era o que ela mais desejava partilhar com ele neste mundo.

— Nada de que eu me lembre, G.

O irmão não insistiu nem deu qualquer sinal de que não acreditava nela. Passado um bocado, regressou às explicações sobre as estrelas e os buracos negros e o princípio de todas as coisas, e Laurel sentiu o peito doer-lhe de amor e algo semelhante a remorso. Evitou a todo o custo fitá-lo de perto, porque havia

qualquer coisa no seu olhar, mesmo ali, que lhe lembrava o lindo bebê que chorara quando a mãe o pousara na gravilha à sombra da glicínia, e receava não ser capaz de suportar isso.

No dia seguinte, Gerry partiu para Cambridge, e por lá ficou, um aluno de quadro de honra, em permanente mudança e expansão, como o universo. Tinham-se encontrado algumas vezes e correspondido quando podiam — relatos escrevinhados à pressa de episódios engraçados nos bastidores (ela) e mensagens cada vez mais crípticas rabiscadas nos guardanapos de papel da cafeteria (ele) —, mas, por absurdo que pudesse parecer, as coisas entre ambos nunca mais voltaram a ser como antes. Uma porta que Laurel não dera por estar aberta entretanto fechara-se. Não sabia ao certo se seria apenas ela, ou se o irmão também se apercebera de que uma fissura se abria silenciosamente através da superfície da amizade entre ambos naquela noite, no telhado. Acabara por se arrepender da decisão de não lhe contar, mas só muito mais tarde. Julgara estar a agir bem, a protegê-lo, agora, porém, já não estava tão certa disso.

— Pronto, minha senhora, aqui estamos: Charlotte Street Hotel. São doze libras.

— Obrigada. — Laurel guardou o telemóvel dentro da carteira e estendeu quinze libras em notas ao motorista. Ocorreu-lhe que talvez Gerry fosse a única pessoa para além da mãe com quem poderia abordar aquele assunto; ele também estivera presente naquele dia; os dois estavam ligados um ao outro e ao que haviam testemunhado.

Laurel abriu a porta do táxi, por um triz não atingindo a agente Claire, que já estava à sua espera no passeio armada de chapéu-de-chuva.

— Santo Deus, Claire, pregaste-me cá um susto! — exclamou enquanto o táxi arrancava.

— São ossos do ofício. Como estás? Está tudo bem?

— Estou ótima.

Cumprimentaram-se com um beijo em cada face e apressaram-se para o interior seco e quente do hotel.

— A equipa ainda está nos preparativos — informou-a Claire, sacudindo o chapéu-de-chuva. — Luzes e o espectáculo vai começar. Queres tomar qualquer coisa no restaurante enquanto esperamos? Um café ou um chá?

— E que tal se fosse antes um gim puro?

Claire arqueou uma sobrancelha fina.

— Não vais precisar. Já fizeste isto centenas de vezes, e eu vou lá estar contigo. Se o jornalista tentar sequer desviar-se do combinado, eu vou-me logo a ele como uma fúria.

— Uma ideia bastante agradável.

— Eu daria uma óptima fúria.

— Não duvido.

Tinham acabado de lhes servir um bule de chá quando uma jovem de rabo-de-cavalo e uma camisola que dizia «Quero lá saber» se acercou da mesa de ambas e as informou de que a equipa já estava a postos. Claire chamou a empregada de mesa, que se prontificou a levar-lhes a bandeja do chá, e apanharam o elevador para o quarto.

— Preparada? — inquiriu Claire à medida que as portas se fechavam na recepção.

— Preparada — confirmou Laurel, esforçando-se o mais possível por acreditar naquilo.

A equipa do documentário reservara o mesmo quarto de anteriormente: não era aconselhável filmar uma única conversa ao longo de uma semana e tinham de ter em conta o pequeno problema da continuidade (pensando nisso, Laurel, segundo as instruções que recebera, trouxera vestida a mesma blusa que usara da última vez).

O realizador veio recebê-las à porta e a directora de guarda-roupa dirigiu Laurel para a casa de banho, onde tinha sido instalado um ferro de engomar. Laurel sentiu o nó no estômago apertar e talvez a sua expressão deixasse transparecer isso mesmo, porque Claire lhe

sugeriu:

— Queres que vá contigo?

— Claro que não — retorquiu Laurel com brusquidão, obrigando-se a afastar do pensamento a mãe, Gerry e os segredos obscuros do passado. — Acho que ainda sou perfeitamente capaz de me vestir sozinha.

*

O entrevistador — «Pode tratar-me por Mitch» — rasgou um sorriso radioso ao vê-la e apontou para a poltrona junto a um manequim *vintage* de modista.

— Estou muito satisfeito por termos esta segunda oportunidade — disse-lhe ele, envolvendo a mão dela nas suas e apertando-lha vigorosamente. — Estamos todos muito entusiasmados com o resultado até aqui. Eu já vi algumas sequências da semana passada... a entrevista está muito boa. O seu episódio vai ser um dos pontos altos desta série.

— Agrada-me muito saber isso.

— Já não nos falta muito... Há só uns pormenores que ainda gostaria de cobrir, se não se importar. Só para garantirmos que não encontramos nenhum buraco negro quando fizermos a montagem.

— Com certeza. — Não haveria nada que ela gostasse mais de fazer do que explorar os seus buracos negros, excepto talvez chumbar um dente.

Uns minutos decorridos, já maquilhada e com o microfone a postos, Laurel instalou-se na poltrona e aguardou. Por fim, as luzes acenderam-se e um assistente comparou o cenário com instantâneos da semana anterior; pediu-se silêncio e alguém segurou uma claquete diante do rosto de Laurel. E eis que a boca do crocodilo se fechou.

Mitch inclinou-se para a frente na sua cadeira.

— E estamos a rodar! — anunciou o operador de câmara.

— Menina Nicolson — começou Mitch —, nós já conversámos bastante acerca dos altos e baixos da sua carreira teatral, mas aquilo que os nossos telespectadores querem saber é como os seus heróis são criados. Não se importa de me falar um pouco sobre a sua infância?

O guião era bastante simples; quem o escrevera fora a própria Laurel. Era uma vez, numa quinta no campo, uma menina que morava com a sua família perfeita; muitas irmãs, um irmão bebé, e uma mãe e um pai que se amavam quase tanto como aos próprios filhos. A infância da menina fora calma e sem sobressaltos, cheia de espaços inundados de sol e brincadeiras improvisadas e, quando a década de 1950 chegou pachorrentamente ao fim e os anos 60 rebentaram, ela deixara-se atrair pelas luzes cintilantes de Londres e chegara na onda de uma revolução cultural. A sorte sorria-lhe (a gratidão caía bem nas entrevistas), recusara-se a desistir (só os hipócritas atribuem toda a sorte ao acaso), nunca lhe faltara trabalho desde que saíra da escola de arte dramática.

— A sua infância parece ter sido idílica.

— E foi mesmo.

— Perfeita, então.

— Não há nenhuma família que seja perfeita. — Laurel sentiu a boca seca.

— Acha que a sua infância contribuiu para a sua formação como actriz?

— Espero bem que sim. Todos nós somos resultado do passado que tivemos. Não é isso que eles costumam dizer? Eles, que parecem saber tudo e mais alguma coisa.

Mitch sorriu e garatujou uns apontamentos num caderno que tinha em cima do joelho. Subitamente, à medida que a caneta ia deslizando pela superfície do papel, Laurel foi assaltada por uma recordação. Tinha dezasseis anos, estava na sala de estar de Greenacres enquanto um polícia anotava tudo quanto ela dizia...

— A senhora foi uma de cinco irmãs; competiam entre si para

chamar a atenção? Isso obrigou-a a desenvolver maneiras de conseguir que reparassem em si?

Laurel precisava de beber água. Olhou em redor à procura de Claire, que parecia ter levado sumiço.

— De forma alguma. O facto de ter tantas irmãs e um irmão bebé ensinou-me a manter-me em segundo plano. — Com uma destreza tal que era capaz de se escapulir de um piquenique de família a meio de um jogo às escondidas.

— Enquanto actriz dificilmente alguém a poderia acusar de se manter em segundo plano.

— Mas representar não tem nada que ver com chamar a atenção ou dar nas vistas, tem que ver com observação. — Um homem dissera-lhe isto numa ocasião à saída do palco. Ela vinha-se embora ao fim de uma sessão de espectáculos, ainda sob o efeito da actuação, e ele abordara-a para lhe dizer o quanto a apreciara. «A senhora é muito dotada para a observação», dissera-lhe. «Ouvidos, olhos e coração, tudo em simultâneo.» Aquelas palavras soaram-lhe familiares, era uma citação de uma peça qualquer, mas Laurel não se lembrava de qual.

Mitch empertigou a cabeça.

— É boa observadora?

Que coisa tão estranha que lhe dera para se lembrar agora daquele homem à saída dos bastidores. A citação que não conseguia localizar, tão familiar, tão esquiva. Andara que tempos com ela às voltas na cabeça. Agora viera-lhe mesmo a jeito. Tinha os pensamentos desordenados. Estava cheia de sede. Ali estava Claire, a assistir discretamente junto à porta.

— Menina Nicolson?

— Sim?

— É boa observadora?

— Ah, sim. Sim, sem dúvida. — Escondida numa casa da árvore, calada como um rato. Laurel sentia o coração apertado. O calor do quarto, tanta gente de olhos postos nela, as luzes...

— A senhora disse anteriormente que a sua mãe era uma mulher forte. Sobreviveu à guerra, perdeu a família num bombardeamento aéreo, recomeçou do zero. Acha que herdou a força dela, Menina Nicolson? Foi isso que lhe permitiu sobreviver, diria mesmo prosperar, num mundo notoriamente tão duro como é o mundo do espectáculo?

Este papel era fácil; Laurel já o debitara vezes sem conta. Agora, porém, as palavras recusavam-se a sair. Deixou-se ficar espedaçada como um dois de paus enquanto as palavras lhe secavam dentro da boca, fazendo-a lembrar-se de serradura. Os pensamentos fugiam-lhe — a casa em Campden Grove, uma fotografia sorridente de Dorothy e Vivien, a mãe velha e cansada numa cama de hospital — e o tempo abrandava a tal ponto que os segundos lhe pareciam anos. O operador de câmara endireitou-se, as assistentes começaram a sussurrar entre si, mas Laurel continuou encurralada entre as luzes intensas e ofuscantes, incapaz de ver para lá do projector, vendo, ao invés, a mãe, a jovem da fotografia que abandonara Londres em 1941, fugida a qualquer coisa, em busca de uma segunda oportunidade.

Um toque no joelho. O jovem jornalista, Mitch, com uma expressão preocupada: precisava de fazer uma pausa, queria uma bebida, apanhar ar fresco, havia alguma coisa em que ele a pudesse ajudar?

Laurel lá conseguiu acenar com a cabeça.

— Água — disse ela. — Um copo de água, por favor.

Nesse momento, Claire surgiu a seu lado.

— O que é que se passa?

— Nada, é só que está calor aqui dentro.

— Laurel Nicolson, eu sou tua agente e, mais concretamente, uma das tuas mais velhas amigas. Sê sincera comigo, está bem?

— A minha mãe — confessou Laurel, a apertar os lábios com firmeza para que não tremessem —, ela não está bem de saúde.

— Oh, coitada. — A agente pegou na mão de Laurel.

— Ela está a morrer, Claire.

— Diz-me em que te posso ajudar.

Laurel deixou que os olhos se lhe fechassem. Precisava de respostas, da verdade, para saber com certeza que a sua família feliz, toda a infância, não era uma mentira.

— Tempo — acabou ela por dizer. — Preciso de tempo. Já não lhe resta muito.

Claire apertou-lhe a mão.

— Então, toma o teu tempo.

— Mas o filme...

— Não penses mais nisso. Eu cá me encarrego do assunto.

Mitch chegou com um copo de água fresca. Ficou por ali a rondar enquanto Laurel bebia.

— Estás melhor? — perguntou Claire a Laurel e, depois de esta assentir com a cabeça, virou-se para Mitch. — Nesse caso, só mais uma pergunta e, depois, com muita pena nossa, vamos ter de dar a entrevista por terminada. A Menina Nicolson tem outro compromisso aonde ir.

— Com certeza. — Mitch engoliu em seco. — Espero não ter... Não tive a menor intenção de ofender...

— Não seja tolo, ninguém está ofendido consigo. — Claire exibiu-lhe um sorriso tão caloroso como um Inverno ártico. — Vamos então a isto, está bem?

Laurel pousou o copo e ganhou coragem. Um peso enorme saía-lhe dos ombros, tendo sido substituído pela clareza de uma firme determinação: durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto as bombas caíam sobre Londres, e os moradores corajosos remendavam, se arranjavam como podiam e passavam as noites amontoados em abrigos que deixavam entrar água por todos os lados, enquanto amaldiçoavam Hitler e ansiavam por laranjas e pelo fim da devastação, enquanto alguns descobriam possuir uma coragem de que até nunca tinham suspeitado e outros, um medo como nunca haviam imaginado, a mãe de Laurel fora um deles.

Tinha vizinhos, e provavelmente amigos, trocava senhas de racionamento por ovos e ficava radiante quando conseguia arranjar um ocasional par de meias de *nylon*, e, entretanto, o seu caminho cruzara-se com o de Vivien e Henry Jenkins. Uma amiga que haveria de perder e um homem que acabaria por matar.

Algo terrível se passara entre os três (era a única explicação para o que era aparentemente inexplicável), algo suficientemente horrendo para justificar o acto da mãe. No pouco tempo que lhe restava, Laurel tencionava descobrir o que era esse algo. Era possível que não gostasse do que viesse a descobrir, mas era um risco que estava disposta a correr. Era um risco que não podia deixar de correr.

— Uma última pergunta, Menina Nicolson — disse Mitch. — Na semana passada, nós estivemos a conversar a respeito da sua mãe, Dorothy. A senhora mencionou que ela era uma mulher forte. Sobreviveu à guerra, perdeu a família no bombardeamento aéreo de Coventry, casou-se com o seu pai e começou uma nova vida. A senhora acha que herdou a força dela? Foi isso que lhe permitiu sobreviver, diria mesmo prosperar, num mundo notoriamente tão duro como é o mundo do espectáculo?

Desta feita, Laurel estava preparada. Debitou o papel na perfeição, sem qualquer necessidade de ponto:

— A minha mãe foi, e continua a ser, uma sobrevivente. Se eu tiver herdado metade da coragem dela, já me dou por muito feliz.

Segunda Parte

DOLLY

Capítulo 11

Londres, Dezembro de 1940

— Com tanta força não, sua rapariga tola. Está a magoar-me! — A velha senhora pousou a bengala com uma pancada ao lado dela. — Será preciso lembrar-lhe de que sou uma *senhora* e não um cavalo de trabalho a precisar de ferraduras?

Dolly sorriu com doçura e recuou ligeiramente na cama a fim de se afastar do perigo. Havia uma série de coisas no seu trabalho que não lhe agradavam particularmente, mas não teria de dar muitas voltas à cabeça para, caso lhe perguntassem, responder que a sua obrigação mais ingrata enquanto acompanhante de Lady Gwendolyn Caldicott era ser obrigada a arranjar-lhe as unhas. Esta tarefa semanal parecia trazer à superfície o pior de ambas, mas era um mal necessário e, como tal, Dolly desempenhava-a sem se queixar. (Na altura, isto é; mais tarde, na sala de estar, com Kitty e as outras, queixava-se com uma tal prodigalidade de pormenores que as amigas, perdidas de riso, lhe tinham de pedir que se calasse.)

— Pronto, já está despachada — disse ela, guardando a lima dentro do estojo e esfregando os dedos poeirentos uns nos outros. — Perfeito.

— Hum, hum. — Lady Gwendolyn endireitou o turbante com as costas da mão, deixando cair a cinza do cigarro, já no fim, que se esquecera de que segurava. Espreitou por cima do nariz e ao longo do vasto oceano purpúreo do seu corpo revestido a *chiffon* à medida

que Dolly lhe levantava os minúsculos pés arranjados para a patroa avaliar o resultado. — Podia ter ficado melhor, mas o que é que hei-de fazer? — observou ela, acrescentando um queixume por já não ser como nos bons velhos tempos, em que tinha uma criada como devia ser para todo o serviço.

Dolly estampou um sorriso airoso na cara e foi buscar os jornais. Havia pouco mais de dois anos que deixara Coventry, e o segundo ano estava a revelar-se de longe melhor do que o primeiro. Era tão verde quando ali chegara — Jimmy ajudara-a a arranjar um pequeno quarto só para ela (numa zona da cidade melhor do que aquela em que ele morava, comentara ele com um sorriso arreganhado) e um emprego a vender vestidos, mas depois a guerra começara e ele desaparecera. «As pessoas querem notícias da linha da frente», explicara-lhe Jimmy na véspera da sua partida para França, estavam ambos sentados à beira do Serpentine, ele a lançar barcos de papel à água, ela a fumar, mal-humorada. «Alguém tem de as dar.» O mais próximo que Dolly chegara do *glamour* ou do entusiasmo naquele primeiro ano fora um ocasional vislumbre de uma mulher elegantemente vestida ao passar pelos armazéns John Lewis a caminho de Bond Street, e os olhos arregalados de atenção das outras hóspedes da pensão da Sr.^a White, quando se reuniam na sala de estar a seguir ao jantar e suplicavam a Dolly que lhes contasse outra vez como o pai tinha gritado com ela quando se viera embora de casa e lhe dissera que nunca mais queria que ela voltasse a pôr lá os pés. Sempre que descrevia a forma como o portão se fechara nas suas costas, a maneira como atirara o lenço por cima do ombro e se dirigira a passo resolutivo à estação do comboio sem lançar um único olhar à família ou à casa, sentia-se interessante e destemida. Mais tarde, porém, sozinha na sua cama estreita no quarto esconso e escuro, a recordação não deixava de lhe provocar um leve arrepio de frio.

Tudo mudara, porém, depois de ter perdido o emprego de caixeira nos armazéns John Lewis. (Um mal-entendido ridículo, na verdade,

Dolly não tinha culpa de certas pessoas não apreciarem a sinceridade, e era um facto indesmentível que as saias curtas *não* assentavam bem a toda a gente.) Fora o Dr. Rufus, o pai de Caitlin, que viera em seu auxílio. Ao ser informado do incidente, mencionara que um conhecido seu andava à procura de uma acompanhante para a tia.

— Uma velha senhora de calibre — avisara-a ele durante um almoço no Savoy. Uma vez por mês, quando vinha a Londres, o Dr. Rufus levava Dolly a um «sítio especial», por hábito, enquanto a esposa andava entretida nas compras com Caitlin. — Bastante excêntrica, ao que ouvi dizer, solitária. Nunca recuperou depois de a irmã ter saído de casa para se casar. Dás-te bem com os idosos?

— Sim — respondeu Dolly, concentrada no seu *cocktail* de champanhe. Era a primeira vez que tomava um e deixara-a um tanto ou quanto zonza, embora de uma forma inesperadamente agradável —, acho que sim. Porque não haveria de dar? — Fora quanto bastara para o Dr. Rufus ficar todo satisfeito. Escreveu-lhe uma carta de recomendação e dera uma palavrinha ao amigo; oferecera-se mesmo para a levar de automóvel à entrevista. Por vontade do sobrinho, a casa ancestral ficaria fechada até ao fim da guerra, explicara-lhe o Dr. Rufus enquanto andavam às voltas por Kensington, mas a tia opusera-se peremptoriamente. A velha criatura obstinada (o Dr. Rufus não tinha outro remédio senão admirar-lhe a coragem) recusara-se a ir com a família do sobrinho para a propriedade rural, onde estaria a salvo, fazendo finca-pé e ameaçando chamar o advogado caso não a deixassem em paz e sossego.

Desde então, ao longo dos dez meses em que trabalhara para Lady Gwendolyn, Dolly tornara a ouvir aquela história muitas vezes. A velha senhora, que mostrava um prazer especial em revisitar as desconsiderações que os demais lhe faziam, comentara com ela que o «manhoso» do sobrinho tentara obrigá-la a sair de casa — «contra a minha vontade» —, mas que ela insistira em ficar «no

único sítio onde fui feliz. Foi aqui que crescemos, a Henny Penny^[10] e eu. Se me quiserem tirar daqui, vão ter de me levar de caixão. E, mesmo assim, se o Peregrine se atrever a tanto, pode ter a certeza de que arranjarei maneira de o assombrar». Dolly, pela parte que lhe tocava, deliciava-se com a atitude de Lady Gwendolyn, pois fora a insistência da velha senhora em não arredar pé que lhe permitia morar na magnífica casa de Campden Grove.

E era sem dúvida magnífica. A fachada do número 7 era clássica: três pisos acima do nível do solo e outro abaixo, paredes de estuque branco com relevos pretos, resguardada do passeio por um pequeno jardim; o interior, todavia, era sublime. Paredes forradas a papel *William Morris* por todo o lado, mobiliário esplêndido que ostentava a pátina divina de gerações, prateleiras que rangiam sob o peso requintado de pratas, porcelanas e cristais raros. Contrastava em absoluto com a pensão da Sr.^a White em Rillington Place, onde Dolly entregava metade do seu salário semanal de caixeira a troco do privilégio de dormir num quarto que em tempos havia sido um armário que parecia cheirar sempre a carne de vaca picada em lata. A partir do momento em que transpusera a soleira de Lady Gwendolyn, Dolly percebeu que, custasse o que custasse, inclusive vender a alma ao diabo, se preciso fosse, tinha de arranjar maneira de ir morar entre aquelas paredes.

E assim fora. Lady Gwendolyn era a única desvantagem: o Dr. Rufus tivera razão quando dissera que ela era excêntrica; esquecera-se porém de mencionar que andava a marinar na vinha-d'alhos do abandono havia quase três décadas. Os resultados eram deveras alarmantes, e Dolly passara os primeiros seis meses convencida de que a patroa estava prestes a despachá-la para a B. Cannon & Co para ser transformada em cola. Agora, porém, já aprendera a conhecê-la: Lady Gwendolyn podia ser brusca às vezes, mas era só uma questão de feitio. Dolly havia também descoberto recentemente, para sua grande satisfação, que, no que se referia à acompanhante da velha senhora, a rispidez escondia

um profundo afecto.

— Vamos então dar uma vista de olhos às manchetes? — sugeriu Dolly em tom animado, regressando ao seu poiso, aos pés da cama.

— Como queira. — Lady Gwendolyn encolheu os ombros com ar de indiferença, assentando uma mão pequena e húmida na barriga e depois a outra por cima. — A mim, tanto se me dá como se me deu.

Dolly abriu a última edição da revista semanal feminina *The Lady* e folheou-a até chegar às páginas da alta sociedade; clareou a voz, adoptou um tom de reverência adequado ao momento e começou a ler as notícias sobre as pessoas cujas vidas pareciam pertencer ao reino da fantasia. Era um mundo de cuja existência Dolly jamais suspeitara: claro que já vira casas senhoriais nos arredores de Coventry e, ocasionalmente, ouvira o pai falar com ares de importância acerca de um encargo especial para uma das *melhores* famílias, todavia, as histórias que Lady Gwendolyn lhe contava (quando estava com disposição para tal) acerca das aventuras que tivera com a irmã, Penélope — dos tempos em que frequentavam o Café Royal, de quando tinham morado juntas em Bloomsbury, posado para um escultor que estava apaixonado por ambas —, bom, excediam largamente as fantasias mais extravagantes de Dolly, e isso por si só já era dizer muito.

Enquanto Dolly lhe lia as novidades do dia a respeito da nata da sociedade, Lady Gwendolyn, ostensivamente refastelada nas suas almofadas de cetim, ouvia atentamente cada palavra com ar de pretenso desinteresse. Era sempre assim; a sua curiosidade era tanta que nunca conseguia resistir por muito tempo.

— Oh, meu Deus, parece que as coisas não estão a correr nada bem entre Lorde e Lady Horsquith.

— Divórcio, não é? — A velha senhora fungou.

— É o que se lê nas entrelinhas. Ela anda outra vez metida com o tal fulano, o pintor.

— Não é nada que me surpreenda. Não sabe o que é a descrição,

aquela mulher, é completamente dominada pelas suas — Lady Gwendolyn franziu o lábio superior à medida que sentenciava o culpado — *paixões doentias*. (Carregando no «ai», arrastando o ditongo numa pronúncia chique e encantadora que Dolly gostava de praticar quando se achava sozinha.) — Tal e qual como a mãe, em tempos.

— Então, e quem era a mãe dela, afinal?

Lady Gwendolyn revirou os olhos para o medalhão *bordeaux* do tecto.

— Francamente, quase poderia jurar que o Lionel Rufus não me disse nada a respeito de você ser de compreensão lenta. Eu talvez me tivesse oposto a ter uma espertalhona em casa, mas uma imbecil é que não vou aturar com certeza. Você é imbecil, Menina Smitham?

— Espero bem que não, Lady Gwendolyn.

— Hum, hum — disse ela, num tom que sugeria que ainda era um caso a decidir. — A mãe de Lady Horsquith, Lady Prudence Dyer, era uma mulher sem rodeios e maçadora que nos costumava dar cabo do juízo com as suas manias do voto feminino. A Henny Penny fazia umas imitações engraçadíssimas da mulher... Quando estava para aí virada, ela tinha um piadão. Ora, Lady Prudence tantas fez que acabou por esgotar a paciência das pessoas e, a dada altura, já ninguém do nosso meio conseguia aturar a companhia dela por um instante que fosse. Podemos ser egoístas, mal-educadas, atrevidas ou malvadas, mas nunca maçadoras, Dorothy, nunca. Passados uns tempos, inesperadamente, ela desapareceu.

— Desapareceu?

Lady Gwendolyn fez um floreado vagaroso com o pulso, deixando cair cinza como pó mágico.

— Apanhou um barco para a Índia, a Tanzânia, a Nova Zelândia... só Deus sabe. — A boca descaiu-lhe num beijo, a fazer lembrar uma truta, e ela deu a impressão de se pôr a mastigar qualquer coisa: um resto de almoço que desencantou entre os dentes, ou um

naco suculento de informações secretas, era difícil precisar. Até que, finalmente, com um sorriso matreiro, acrescentou: — Ora bem, isto é, houve um passarinho que me contou que ela se foi esconder com um nativo qualquer num sítio medonho chamado Zanzibar.

— *Não me diga!*

— Ai digo, digo. — Lady Gwendolyn puxou uma fumaça tão enfática do cigarro que os seus olhos se assemelharam a duas ranhuras onde introduzir moedas. Para uma mulher que não se atrevia a pôr o pé fora da sua alcova desde que a irmã saía de casa, ia para trinta anos, estava de facto muitíssimo bem informada. Havia muito pouca gente na *The Lady* que ela não conhecesse, e era dotada de um talento particular para convencer os outros a vergar-se aos seus desejos. Se até Caitlin Rufus se casara com quem se casara por decreto de Lady Gwendolyn: um indivíduo já avançado nos anos, mas formidavelmente rico. Caitlin, por seu turno, tornara-se uma enfadonha de primeira água, passando horas a lastimar-se do aborrecimento que era casar-se («Oh, tu nem fazes ideia, Dolly») e comprar uma casa precisamente quando os melhores papéis de parede estavam a ser retirados das lojas. Dolly vira O Marido uma ou duas vezes e rapidamente chegara à conclusão de que deveria haver uma maneira mais fácil de ter coisas bonitas do que casando com um homem cuja ideia de um serão bem passado era jogar *whist* e dar uns apalhões à criada escondido atrás dos cortinados da sala de jantar.

Lady Gwendolyn agitou a mão com impaciência para que Dolly retomasse a leitura, e esta obedeceu prontamente.

— Oh, olhe, aqui está uma notícia animadora. Lorde Dumphee ficou noivo da Honorável Eva Hastings.

— Não há nada de animador num noivado.

— Claro que não, Lady Gwendolyn. — Era sempre um assunto em relação ao qual era necessário proceder com mil cuidados.

— Está muito bem para uma rapariga apagada atrelar a roda dela à carroça de um homem, mas considere-se desde já avisada,

Dorothy... Os homens gostam de passar um bom bocado e não há nenhum que não queira caçar o prémio mais apetecível, mas e depois? Depois acabam-se os jogos e a diversão. Os jogos dele, a diversão dela. — Torceu o pulso. — Vá lá, leia o resto. O que é que diz a notícia?

— Neste sábado à noite vai haver uma festa para celebrar o noivado.

Esta notícia despertou um resmoneio levemente interessado.

— Em Dumphee House? Um sítio magnífico. Eu e a Henny Penny estivemos lá uma vez num baile. Já para o final, as pessoas descalçaram-se e foram a dançar para dentro da fonte... A festa vai ser em Dumphee House, não vai?

— Não. — Dolly noticia. — Dá ideia que não. Aqui diz que vão dar uma festa exclusivamente por convite no 400 Club.

Enquanto Lady Gwendolyn se lançava numa tirada violenta contra o baixo nível daqueles estabelecimentos — «Clubes *nocturnos!*» —, Dolly deixou o pensamento vaguear. Só estivera no 400 numa ocasião, com Kitty e uns soldados amigos dela. Situado nas profundezas das caves adjacentes ao edifício que outrora albergara o Alhambra Theatre, em Leicester Square, onde reinavam a penumbra, a intimidade e o mais escuro dos vermelhos até aonde a vista alcançava: a seda nas paredes, as banquetas de peluche, cada uma com a sua vela trémula, os cortinados de veludo que se derramavam como vinho para ir ao encontro das alcatifas escarlates.

Havia música e risos e empregados por todo o lado, e casais a menear-se sonhadoramente na pequena pista de dança escura. E quando um soldado já bem enfrascado de uísque e um inchaço algo desconfortável nas calças se chegara a ela e, com voz pastosa e arrastada, lhe sussurrara todas as coisas que gostaria de lhe fazer quando a apanhasse sozinha, Dolly espreitara-lhe por cima do ombro e vira uma série de criaturas jovens e animadas — mais bem vestidas, mais bonitas, simplesmente *mais*, do que os restantes

frequentadores do clube — a esgueirarem-se por detrás de um cordão vermelho e a serem recebidas por um indivíduo baixo com um bigode preto e comprido. («O Luigi Rossi!», dissera-lhe Kitty com um aceno de cabeça autorizado quando estavam de volta a Campden Grove, a saborear um último gim com limão debaixo da mesa da cozinha. «Não sabias? Quem dirige o negócio é ele.»)

— Já estou farta de novidades — resmungou Lady Gwendolyn, apagando a beata do cigarro na embalagem aberta de unguento de milho na mesa-de-cabeceira. — Estou cansada e não me sinto bem. Preciso de uma das minhas guloseimas. Ah, mas não sei se me aguentarei por muito mais tempo. A noite passada mal preguei olho, por causa barulheira, aquela barulheira terrível.

— Pobre Lady Gwendolyn! — lastimou-a Dolly, pondo a *The Lady* de lado e indo buscar o saco das guloseimas da grande dama. — Bem podemos agradecer ao maldito do senhor Hitler por isso, os seus bombardeiros são mesmo...

— Não me refiro aos bombardeiros, sua rapariga tola. Estou a falar *delas*. As outras, com as suas... — estremeceu num gesto teatral e o timbre da sua voz baixou: — ... gargalhadas infernais.

— Ah! — exclamou Dolly. — *Elas*.

— Um bando de raparigas pavorosas — declarou Lady Gwendolyn, que ainda estava para conhecer alguma delas. — *Escriturárias*, ainda para mais, que dactilografam para os ministérios... Não admira que sejam rápidas. O que teria passado pela cabeça do Gabinete de Guerra? Eu reconheço, claro, que em algum sítio elas tenham de ficar, mas tinha de ser *aqui*? Na minha linda casa? O Peregrine está possesso... As cartas que eu tenho recebido! A ideia de ter semelhantes criaturas a viver no meio das relíquias de família é-lhe simplesmente insuportável. — O desagrado do sobrinho ameaçou roubar-lhe um sorriso; todavia, a profunda amargura que ia no íntimo de Lady Gwendolyn não tardou a abafá-lo. Estendeu uma mão para agarrar no pulso de Dolly. — Elas não andam a trazer *homens* para minha casa, pois não,

Dorothy?

— Ah, não, Lady Gwendolyn. Elas sabem o que a senhora pensa a respeito disso.

— Porque eu não admito tal coisa. Não admito que haja fornicação debaixo do meu tecto.

Dolly acenou solenemente com a cabeça. Esta, sabia ela, era A Questão Fulcral inerente à severidade da patroa. O Dr. Rufus explicara-lhe tudo a respeito da irmã de Lady Gwendolyn, Penélope. Haviam sido inseparáveis quando eram pequenas, disse-lhe ele, tão parecidas em modos e aparência que, apesar dos dezoito meses de diferença, passavam facilmente por gémeas. Iam a bailes, faziam fins-de-semana em mansões no campo, sempre as duas juntas; contudo, Penélope cometera um crime que a irmã nunca haveria de lhe perdoar. «Apaixonou-se e casou-se», dissera-lhe o Dr. Rufus, puxando uma fumaça do charuto com a satisfação de um contador de histórias ao atingir o ponto culminante da narrativa. «E, por conseguinte, partiu o coração da irmã.»

— Pronto, pronto — disse Dolly, agora em tom apaziguador. — As coisas não irão chegar a esse ponto, Lady Gwendolyn. Quando menos der por isso, já a guerra terá acabado e elas terão voltado para de onde quer que tenham vindo. — Dolly não fazia a mínima ideia se isto era verdade ou não (pela parte que lhe tocava, esperava que não fosse: o casarão era muito sossegado à noite, e Kitty e as colegas sempre a entretinham), mas era a única coisa a dizer, sobretudo estando a velha senhora tão transtornada. Pobrezinha, devia ser terrível perder a sua alma gémea. Dolly não conseguia imaginar a vida sem a dela.

Lady Gwendolyn recostou-se na almofada. A sua diatribe contra os clubes nocturnos e respectivos males, a sua imaginação fértil no que tocava ao comportamento babilónico dentro de sua casa, as recordações da irmã e a ameaça de fornicação sob o seu tecto... tudo isto tivera o seu preço. Estava exausta e esgotada, tão amarfanhada como o balão de barragem que aterrara em Notting

Hill num daqueles dias.

— Aqui tem, Lady Gwendolyn — disse-lhe Dolly. — Olhe só para este delicioso caramelo de manteiga que eu encontrei. Vai saboreá-lo e depois vamos deixá-la descansar, está bem?

— Bom, então, está bem — resmungou a velha senhora. — Mas só uma hora, Dorothy, não mais do que isso. Não me deixe dormir depois das três... Não quero perder o nosso jogo de cartas.

— Nem pensar em tal coisa! — disse Dorothy, enfiando o caramelo entre os lábios franzidos da patroa.

Com a velha senhora entretida a chupar desalmadamente, Dorothy foi até à janela e correu os cortinados à prova de luz. No momento em que desapertava os laços que seguravam os cortinados, a sua atenção recaiu na casa em frente e o que viu causou-lhe um sobressalto.

Vivien estava lá outra vez. Sentada à secretária, por detrás da janela protegida com fita adesiva, imóvel como uma estátua à excepção dos dedos de uma mão, que torciam a ponta do colar de pérolas comprido. Dolly acenou-lhe energicamente, desejosa de que a amiga a visse e lhe acenasse por sua vez, mas ela não viu, estava absorta nos seus pensamentos.

— Dorothy?

Dolly pestanejou. Vivien (que se escrevia como Vivien Leigh, a sortuda) era muito provavelmente a mulher mais bonita que algum dia vira. Tinha um rosto em forma de coração, cabelo castanho-escuro que brilhava enrolado num coque vitoriano, e uns lábios carnudos pintados de vermelho-escarlata. Os seus olhos eram bem espaçados e emoldurados por umas sobrancelhas dramaticamente arqueadas, tal e qual como as de Rita Hayworth ou Gene Tierney, mas a sua beleza ia muito para além destes pormenores. Não eram as saias e as blusas elegantes que ela usava, era a maneira como as usava, com desenvoltura e descontração; eram os colares de pérolas que usava airosamente em volta do pescoço, o *Bentley* castanho que costumava conduzir até o entregar, qual par de botas

sobresselentes, ao Serviço de Ambulâncias. Era a história trágica que pouco a pouco Dolly fora conhecendo: órfã em criança, criada por um tio, casada com um escritor rico e bem-parecido chamado Henry Jenkins, que tinha um cargo importante no Ministério da Informação.

— Dorothy? Chegue aqui para me ajeitar os lençóis e dar-me a minha máscara de dormir.

Em circunstâncias normais, Dorothy teria sentido uma certa inveja de ter uma mulher com estas características a morar tão perto de si, mas com Vivien era diferente. Toda a vida, Dolly desejara ter uma amiga como ela. Alguém que *realmente* a compreendesse (não como a enfadonha e velha da Caitlin ou a tola e frívola da Kitty), alguém com quem pudesse andar de braço dado por Bond Street, elegante e animada, enquanto as pessoas se viravam para olhar para ambas, a tecer comentários nas suas costas a respeito das duas belezas morenas de pernas compridas, do seu charme desenvolvido. E agora, finalmente, encontrara Vivien. Desde a primeira vez em que tinham passado uma pela outra no Grove, em que os seus olhares se haviam cruzado e elas tinham trocado um sorriso — um sorriso reservado, entendido, cúmplice —, tornara-se óbvio para ambas que eram almas gémeas e estavam destinadas a ser grandes amigas.

— Dorothy!

Dolly desviou a atenção da janela com um sobressalto. Lady Gwendolyn arranjava uma terrível confusão de *chiffon* purpúreo e almofadas de penas de ganso, e estava agora de sobrolho franzido, as faces ruborizadas, no meio daquele alvoroço.

— Não consigo encontrar a minha máscara de dormir.

— Pronto, não se aflija — disse-lhe Dolly, deitando uma última olhadela a Vivien antes de correr os cortinados à prova de luz. — Vamos ver se as duas a conseguimos encontrar.

Após uma curta busca bem-sucedida, a máscara apareceu, espalmada e quente por baixo da coxa esquerda e substancial de

Lady Gwendolyn. Dolly retirou-lhe o turbante escarlate e colocou-o no busto de mármore em cima da cómoda, enfiando em seguida a máscara de cetim pela cabeça da patroa.

— Cuidado! — Lady Gwendolyn. — Se ma pões em cima do nariz dessa maneira, não consigo respirar.

— Oh, mil perdões — disse Dolly. — Não é essa a nossa intenção, pois não?

— Hum, hum. — A velha senhora reclinou a cabeça nas almofadas, descaindo-a para trás a tal ponto que a sua cara parecia flutuar acima do resto do corpo, uma ilha rodeada de um mar de pregas de carne. — Setenta e cinco anos, todos eles longos, e o que tenho eu para mostrar? Abandonada pelos meus entes queridos, a minha companheira mais chegada é uma rapariga a quem tenho de pagar pela maçada de tratar de mim.

— Então, então — apaziguou-a Dolly, como se falasse com uma criança birrenta —, o que vem a ser isso de maçada? Não diga isso nem a brincar, Lady Gwendolyn. A senhora sabe bem que eu trataria de si mesmo de graça.

— Claro, claro — resmungou a patroa. — Bom, já chega desta conversa.

Dolly aconchegou Lady Gwendolyn entre os cobertores. A velha senhora ajeitou o queixo ao debrum de cetim e disse-lhe:

— Sabe o que é que eu devia fazer?

— O quê, Lady Gwendolyn?

— Devia deixar-lhe tudo o que tenho em herança. Era da maneira que o intriguista do meu sobrinho levava uma bela lição. Sai bem ao pai dele, este rapaz... não descansa enquanto não roubar tudo o que eu tenho de mais querido. Estou quase decidida a mandar chamar o meu advogado e oficializar a questão.

Na verdade, pouco ou nada havia a dizer perante semelhantes comentários; era naturalmente emocionante saber que Lady Gwendolyn a tinha em tão elevada estima, mas mostrar satisfação teria sido extremamente grosseiro da sua parte. Impante de orgulho,

Dolly deu meia-volta e atarefou-se a ajeitar o turbante da velha senhora.

*

O Dr. Rufus foi a primeira pessoa a chamar a atenção de Dolly para o plano que Lady Gwendolyn tinha em mente. Num dos almoços de ambos, umas semanas antes, e depois de uma longa e esclarecedora conversa sobre a vida social de Dolly («Então, e no que respeita a namorados, Dolly? Uma rapariga como tu deve seguramente ter dúzias de jovens atrás de si, não é verdade? Segue o meu conselho: escolhe um indivíduo mais velho, com uma boa profissão... alguém em condições de te dar tudo o que tu mereces»), ele perguntara-lhe como lhe corria a vida em Campden Grove. Quando ela lhe respondera que achava que corria bem, o Dr. Rufus rodopiara o copo de uísque fazendo tilintar os cubos de gelo e deitara-lhe uma piscadela de olho.

— Melhor do que bem, ao que ouço dizer. Ainda na semana passada recebi uma carta do velho Peregrine Wolsey. Contou-me que a tia gostava tanto da «minha menina», e estou a citá-lo — o Dr. Rufus pareceu perder-se num devaneio momentâneo, até que se recordou de onde estava e prosseguiu: —, que andava apoquentado por causa da herança. Confessou-me que estava aborrecidíssimo comigo por te ter enfiado em casa da tia. — Com isto, soltou uma gargalhada, mas Dolly limitou-se a esboçar um sorriso tímido. Durante o resto do dia, e da semana seguinte, as palavras do Dr. Rufus não lhe saíram do pensamento.

O cerne da questão era que o que Dolly dissera ao Dr. Rufus correspondia à verdade. Após um início vacilante, Lady Gwendolyn, cujo desprezo pelos demais seres humanos tinha reputada fama (fama essa que a própria fazia questão de propagar), desenvolvera uma predilecção pela sua jovem acompanhante. O que em si era óptimo. Pena era que Dolly tivesse sido obrigada a pagar um preço

tão alto pelo afecto da velha senhora.

O telefonema chegou em Novembro; a cozinheira atendera e chamara Dolly, dizendo que era para ela. A recordação era agora penosa, mas Dolly ficara tão entusiasmada por alguém querer falar com ela ao telefone numa casa tão distinta que correra escada abaixo, agarrara no auscultador e assumira a sua voz mais importante:

— Está lá? Daqui fala Dorothy Smitham.

Fora então que ouvira a voz da Sr.^a Potter, a amiga e vizinha do lado da mãe, em Coventry, a comunicar-lhe aos gritos sobre a família:

— Morreram todos, não ficou nem um. Uma bomba incendiária... não tiveram tempo de fugir para o Andy.

Naquele momento, abria-se um precipício no íntimo de Dolly: tinha a sensação de que o seu estômago se abatera e que, em seu lugar, havia agora uma grande esfera turbilhonante de choque, perda e medo. Deixara cair o telefone e ali ficara no enorme vestíbulo do número 7 de Campden Grove, sentindo-se infinitesimamente pequena, sozinha e ao sabor dos caprichos do próximo vento que se lembrasse de soprar. Todas as facetas de Dolly, as recordações que guardava dos diversos momentos da sua vida, desmoronaram-se como um castelo de cartas, aterrando de forma desordenada, as imagens no verso já sumidas. A ajudante cozinheira chegou naquele momento e deu-lhe os bons-dias, e a única vontade de Dolly foi desatar a gritar-lhe que era tudo menos bom dia, que tudo mudara, seria possível que a estúpida da rapariga não visse isso? Mas não fez nada disso. Ao invés, sorriu-lhe e disse-lhe: «Bom dia», e obrigara-se a voltar para o primeiro andar, onde Lady Gwendolyn tocava energicamente a sua campainha de prata e tateava à sua volta à procura dos óculos que, por descuido, perdera.

A princípio, Dolly não contou a ninguém o que acontecera à família, nem sequer a Jimmy, que soubera obviamente da notícia e

estava desejoso por a consolar. Quando ela lhe disse que estava bem, que estavam em guerra e que toda a gente acabaria, de uma maneira ou de outra, por sofrer as suas perdas, ele julgou que ela estava a ser corajosa, mas não era este o motivo do silêncio de Dolly. Os seus sentimentos eram tão complicados, as recordações da sua saída intempestiva de casa tão à flor da pele, que lhe parecia melhor não começar a falar com receio do que pudesse dizer ou de como se pudesse sentir. Nunca mais vira os pais desde que viera para Londres: o pai proibira-a de entrar em contacto com a família a menos que fosse para começar a «comportar-se como devia ser», mas a mãe escrevia-lhe cartas em segredo, de forma regular se não mesmo calorosa, tendo recentemente sugerido uma ida a Londres a fim de ver com os seus próprios olhos «a casa chique e a grande senhora acerca de quem tanto me tens escrito». Agora, porém, era tarde de mais. A mãe nunca haveria de conhecer Lady Gwendolyn, nem de pôr os pés dentro do número 7 de Campden Grove, e muito menos apreciar a vida bem-sucedida que Dolly conseguira criar.

E quanto ao pobre Cuthbert... Dolly mal se atrevia a pensar nele. Também se lembrava da última carta do irmão, palavra a palavra: a forma como ele descrevera em grande pormenor o abrigo Anderson que andavam a construir no jardim das traseiras, as fotografias de caças *Spitfires* e *Hurricanes* que colecionava para decorar o interior, o que tencionava fazer aos pilotos alemães que capturasse. Andava tão orgulhoso e iludido, tão entusiasmado com o papel que lhe cabia desempenhar na guerra, tão gordo e desajeitado, um bebé tão bem-disposto, e agora morrera. E a tristeza que Dolly sentia, a solidão que a afligia agora por se saber órfã, era tão imensa que não via alternativa se não dedicar-se ao trabalho em casa de Lady Gwendolyn e dar o assunto por encerrado.

Até que um dia a velha senhora se entregou a reminiscências acerca da linda voz que tinha quando era nova, e Dolly lembrara-se da mãe, e da caixa azul que tinha escondida na garagem, cheia de sonhos e recordações que agora estavam reduzidas a escombros, e

desfez-se em lágrimas, precisamente ali, aos pés da cama da velha senhora, de lima das unhas em punho.

— O que é que se passa? — perguntara-lhe Lady Gwendolyn, a sua boca miúda aberta para revelar um choque equivalente ao que poderia ter sentido se Dolly se tivesse despedido e começado a dançar pelo quarto.

Apanhada num raro momento desprevenido, Dolly contara tudo a Lady Gwendolyn. A mãe, o pai e Cuthbert, como eles eram, o género de coisas que diziam, as ocasiões em que lhe tinham feito perder as estribeiras, as tentativas da mãe para lhe escovar o cabelo e a resistência de Dolly, as temporadas à beira-mar, o críquete e o burro. Por fim, Dolly falara-lhe da maneira intempestiva como saíra de casa, mal se virando para trás quando a mãe a chamara — logo Janice Smitham, que preferia passar fome a elevar a voz ao alcance dos ouvidos dos vizinhos — e corra a buscar o livro que comprara para Dolly como presente de despedida.

— Hum, hum — dissera Lady Gwendolyn quando Dolly dera o seu relato por concluído. — Dói, claro que dói, mas a menina não é a primeira pessoa a perder a família.

— Eu sei. — Dolly respirou fundo. O quarto parecia ecoar o som das suas palavras de havia momentos, e perguntou-se se estaria prestes a ser despedida. Lady Gwendolyn não gostava de explosões temperamentais (a menos que partissem dela própria).

— Quando me levaram a Henny Penny, eu julguei que ia morrer.

Dolly assentiu com a cabeça, ainda à espera de que o machado caísse.

— Mas a menina ainda é jovem; há-de conseguir recuperar. Basta olhar para aquela que mora aí em frente.

Era verdade, a vida de Vivien acabara por se transformar num mar de rosas, mas havia algumas diferenças notórias entre ambas.

— Ela tinha um tio rico que a acolheu — disse Dolly em voz sumida. — Herdou uma grande fortuna, casou-se com um escritor famoso. E eu sou... — Mordeu o lábio inferior, fazendo o possível

por não começar a chorar outra vez. — Sou...

— Bom, a menina também não está completamente sozinha, pois não, sua rapariga tola?

Lady Gwendolyn estendeu o saco das guloseimas e, pela primeira vez, ofereceu uma a Dolly. Esta demorou uns instantes a compreender o que a velha senhora lhe estava a sugerir, mas quando isso finalmente aconteceu, Dolly enfiou uma mão tímida no saco e retirou um rebuçado vermelho e verde. Ficou com ele na mão, escondido entre os dedos, sentindo-o derreter contra a palma quente. Dolly respondeu-lhe em tom solene:

— Tenho-a a si.

Lady Gwendolyn fungou e desviou o olhar.

— Temo-nos uma à outra, creio eu — concluiu ela, com uma voz aflautada por uma emoção imprevista.

*

Dolly chegou ao seu quarto e juntou a mais recente edição da *The Lady* à pilha das outras. Mais tarde, vê-la-ia com mais atenção e recortaria as melhores fotografias para as colar dentro do seu Livro de Ideias, agora, porém, tinha coisas mais importantes com que se ocupar.

Pôs-se de gatas e espreitou para debaixo da cama, à procura da banana que lá guardava desde terça-feira, quando o Sr. Hopton, o merceeiro, a «encontrara» para ela escondida debaixo do balcão. A trautear uma melodia baixinho, esgueirou-se sorrateiramente do quarto e foi pelo corredor fora. Na realidade, não havia qualquer razão para aquela atitude furtiva — Kitty e as colegas estavam ocupadas a martelar nas máquinas de escrever no Gabinete de Guerra, a cozinheira encontrava-se na fila do talho armada com uma mão-cheia de senhas de racionamento e o seu péssimo feitio, e Lady Gwendolyn ressonava tranquilamente na sua cama —, mas tinha muito mais piada esgueirar-se do que andar. Sobretudo

quando dispunha de uma gloriosa hora inteira de liberdade à sua frente.

Correu escada acima, pegou na pequena chave que fizera e entrou no quarto de vestir de Lady Gwendolyn. Não o armário acanhado onde todas as manhãs Dolly escolhia um macacão fluido para a grande senhora usar; não, esse não. O quarto de *vestir* era um aposento onde era guardada uma quantidade infindável de vestidos, e sapatos, e casacos, e chapéus, do género que Dolly raras vezes vira fora das páginas das revistas da alta sociedade. Sedas e peles estavam penduradas lado a lado em enormes roupeiros abertos, e pares de pequenos sapatos de cetim, feitos por medida, eram exibidos airosamente nas robustas prateleiras. As caixas de chapéus circulares, ostentando orgulhosamente o nome dos chapeleiros de Mayfair — Schiaparelli, Coco Chanel, Rose Valois —, erguiam-se em direcção ao tecto em colunas tão altas que a patroa tinha mandado instalar um elegante escadote branco para permitir chegar-lhes.

Na sacada da janela, com os seus ricos cortinados de veludo que roçavam a alcatifa (agora sempre corridos por causa dos aviões alemães), em cima de uma mesa de pernas *cabriole*, viam-se um espelho oval, um conjunto de escovas de prata de lei, bem como uma série de fotografias em molduras requintadas. Todas elas ostentavam duas jovens, Penélope and Gwendolyn Caldicott, e eram na sua maioria retratos oficiais com o nome do estúdio em cursivo no canto inferior, embora nalgumas tivessem sido apanhadas desprevenidas, numa ou noutra festa da alta sociedade. Havia uma fotografia em particular que nunca deixava de atrair a atenção de Dolly. As duas irmãs Caldicott já eram mais velhas — trinta e cinco anos, pelo menos — e tinham sido fotografadas por Cecil Beaton numa grande escada em caracol. Lady Gwendolyn posava com uma mão descaída na anca, de olhar fixo na máquina, enquanto a irmã observava algo (ou alguém) fora do alcance da objectiva. A fotografia fora tirada na festa em que Penélope se

apaixonara, a noite em que o mundo da irmã havia desmoronado.

Pobre Lady Gwendolyn; mal sabia ela que a sua vida estava destinada a mudar naquela noite. E, ainda para mais, estava tão bonita; custava muito a acreditar que a velha senhora que dormia no primeiro andar algum dia fora jovem ou atraente. (Dolly, à semelhança de todos os jovens, talvez, não imaginava por um instante sequer que o mesmo destino lhe estava reservado.) Era um exemplo claro, pensou ela com tristeza, de até que ponto a perda e a traição podiam afectar uma pessoa, envenenando-a não só por dentro como também por fora. O vestido de noite de cetim que Lady Gwendolyn usava na fotografia era escuro e luminoso, cortado em viés, de modo a aderir delicadamente às suas curvas. Dolly vasculhara os roupeiros de alto a baixo até dar com ele, dobrado por cima de um cabide juntamente com uma série de outros vestidos — imagine-se o prazer dela ao descobrir que era vermelho-escuro, indubitavelmente a mais significativa de todas as cores.

Fora o primeiro dos vestidos de Lady Gwendolyn que experimentara, mas seguramente não o último. Não, antes da chegada de Kitty e das colegas, quando tinha as noites em Campden Grove por sua conta para fazer o que muito bem lhe apetecesse, Dolly costumava passar muito tempo ali em cima, com uma cadeira entalada contra o puxador da porta enquanto se punha em roupa interior e se entretinha a provar os vestidos. Por vezes, também se sentava à mesa, espalhando nuvens de pó-de-arroz sobre o decote à mostra, vasculhando as gavetas cheias de alfinetes de peito de diamantes e penteando o cabelo com a escova de cerdas de javali — o quanto ela não daria para ter uma escova assim, com o seu nome gravado ao longo do cabo...

Hoje, porém, não tinha tempo para tudo isso. Dolly sentou-se de pernas cruzadas no canapé de veludo por baixo do candelabro e começou a descascar a sua banana. Fechou os olhos ao dar a primeira dentada, soltando um suspiro de profunda satisfação — era verdade, os frutos proibidos (ou pelo menos severamente

racionados) eram de facto os mais apetecidos. Comeu a banana até ao fim, saboreando cada dentada, e depois estendeu a casca delicadamente a seu lado. Agradavelmente saciada, Dolly sacudiu as mãos e lançou-se ao trabalho. Fizera uma promessa a Vivien e tencionava cumpri-la.

Ajoelhada diante dos cabides com vestidos ondulantes, puxou a caixa de chapéus do sítio onde estava escondida. Já começara a tarefa na véspera, trocando o *cloche* enfeitado por outro e servindo-se da caixa para guardar uma pequena pilha de roupa que entretanto juntara. Era o género de coisa que Dolly imaginava que poderia ter feito pela própria mãe, caso as coisas tivessem corrido de outra maneira. O Serviço Voluntário Feminino (SVF), a cujas fileiras recentemente aderira, andava a recolher artigos usados a fim de serem remendados, moldados e servirem para o que fosse preciso, e Dolly estava ansiosa por fazer a sua parte. Aliás, queria deixá-las *encantadas* com a sua contribuição e, aproveitando a deixa, ajudar Vivien, que organizava a recolha.

Na última reunião, houvera discussões acesas acerca de tudo quanto fazia falta, agora que os ataques aéreos se tinham intensificado — ligaduras, brinquedos para as crianças sem tecto, pijamas para os soldados internados nos hospitais —, e Dolly disponibilizara um monte de roupa usada para ser cortada e transformada consoante as necessidades. Na verdade, enquanto as velhas senhoras se entretinham com discussões sobre qual delas era a melhor modista e que padrão deviam usar para as bonecas de trapos, Dolly e Vivien (por vezes tinham a impressão de ser os únicos membros do SVF com menos de cem anos!) haviam trocado um olhar conspiratório e, discretamente, deitado mãos à obra, murmurando uma à outra sempre que precisavam de mais linha ou de outro material qualquer, e fazendo o possível por ignorar a gritaria exaltada ao seu redor.

Fora uma experiência deveras agradável, passarem assim o tempo juntas; fora, aliás, um dos principais motivos por que Dolly

aderira ao SVF (isto é a esperança de diminuir as probabilidades de a Labour Exchange^[11] a convocar para qualquer tarefa horrenda como, por exemplo, o fabrico de munições). Com o recente apego de Lady Gwendolyn — recusava-se a dispensar Dolly mais do que um domingo por mês — e o horário preenchido de Vivien como esposa e voluntária exemplar, era virtualmente impossível encontrarem-se de outra maneira.

Dolly despachava-se o mais depressa que podia e estava a inspeccionar uma blusa bastante insípida, a tentar decidir se a assinatura *Dior* na costura a tornava digna de indulto para não reencarnar sob a forma ligaduras, quando um estrondo no rés-do-chão a sobressaltou. A porta da rua bateu, prontamente seguida da cozinheira a chamar aos gritos pela rapariga que vinha da parte da tarde para ajudar nas limpezas. Dolly deitou uma olhadela ao relógio de parede. Eram quase três horas e, por conseguinte, horas de acordar o urso adormecido. Fechou a caixa de chapéus e escondeu-a longe da vista alheia, ajeitou a saia e preparou-se para mais uma tarde a jogar Old Maid^[12].

*

— Outra carta do Jimmy — anunciou Kitty, acenando-a a Dolly quando entrou na sala de estar nessa noite. Estava sentada de pernas cruzadas no canapé, enquanto Betty e Susan, a seu lado, folheavam uma edição antiga da *Vogue*. Tinham afastado o piano de cauda do caminho havia meses, para grande consternação da cozinheira, e a quarta rapariga, Louisa, vestida apenas com a roupa interior, entretinha-se a executar uma série de posturas calisténicas deveras rebuscadas em cima do tapete bessarábio.

Dolly acendeu um cigarro e sentou-se com as pernas dobradas na velha cadeira reclinável de couro. As outras deixavam sempre a cadeira reclinável para Dolly. Embora nunca nenhuma delas fizesse referência explícita a isso, o seu cargo como acompanhante de Lady

Gwendolyn conferia-lhe um certo estatuto no seio da pequena família. Alheias ao facto de que Dolly tinha vindo morar para o número 7 de Campden Grove apenas um ou dois meses antes delas, as raparigas viravam-se constantemente para ela, fazendo-lhe toda a sorte de perguntas a respeito do funcionamento da casa e se tinham permissão para a explorar. A princípio, Dolly achara piada a isto, agora, porém, não percebia o motivo; parecia-lhe uma forma de actuação perfeitamente natural por parte das raparigas.

De cigarro na boca, rasgou o envelope. A carta era breve, escrita, conforme dizia, enquanto Jimmy viajava de pé como uma sardinha enlatada num comboio apinhado de soldados, e ela foi percorrendo os gatafunhos a fim de seleccionar as partes mais importantes; Jimmy estivera a tirar fotografias aos estragos causados pela guerra algures no Norte, estava de regresso a Londres por alguns dias e ansioso por vê-la; estaria livre no sábado à noite? Dolly ficou capaz de desatar ao guinchos.

— Pareces o gato que foi às filhós — comentou Kitty. — Anda lá, conta-nos o que é que ele te diz.

Dolly não se dignou a olhar para ela. A carta estava longe de ser succulenta, mas não vinha mal nenhum ao mundo se deixasse as outras pensar o contrário, sobretudo Kitty, que não se cansava de as entreter com pormenores escabrosos acerca da sua última conquista.

— É pessoal — disse ela por fim, acrescentando um sorriso enigmático por via das dúvidas.

— Desmancha-prazeres! — Kitty fez beicinho. — A querer um piloto da RAF^[13] todo bonito só para ela! Mas afinal, quando é que te vais encontrar com ele?

— Sim — intrometeu-se Louisa, as mãos assentes nas ancas enquanto se debruçava pela cintura. — Trá-lo cá a casa uma noite para que nós possamos ver com os nossos próprios olhos se é o rapaz indicado para a nossa Doll.

Dolly encarou o peito arfante de Louisa à medida que esta fazia

oscilar as ancas de um lado para o outro. Não sabia precisar como fora que elas tinham ficado com a impressão de que Jimmy pertencia à RAF; uma suposição feita havia muitos meses e que, na altura, lhe parecera cativante.

— Lamento, meninas — teimou ela, dobrando a carta em dois. — Neste momento, ele anda muito ocupado... missões de voo secretas, assuntos de guerra, na verdade, não estou autorizada a entrar em pormenores... e, mesmo que estivesse, vocês conhecem as regras.

— Ah, vá lá — insistiu Kitty. — A velha megera nunca há-de descobrir. Ela não vem cá abaixo desde que as carruagens puxadas a cavalos deixaram de estar na moda, e não se dá o caso de alguma de nós se lembrar de lhe ir contar.

— Ela sabe mais do que vocês julgam — afirmou Dolly. — E, para além do mais, confia em mim. Sou a pessoa mais chegada que ela tem. Se suspeitasse sequer de que eu andava a sair com um homem, despedia-me logo.

— Achas que seria capaz de chegar a esse ponto? — indagou Kitty. — Tu podias vir trabalhar connosco. Um sorriso teu e o meu supervisor contratava-te num abrir e fechar de olhos. É um bocado a puxar para o devasso, mas bastante divertido uma vez que aprendemos a lidar com ele.

— Ah, sem dúvida! — exclamaram Betty e Susan, que tinham um jeito especial para falar em unísono. Levantaram o olhar da revista. — Anda, vem trabalhar connosco.

— E perder a minha oportunidade semanal de arranjar pés? Difícilmente.

Kitty riu-se.

— Tu és maluca, Dolly. Maluca ou corajosa, das duas uma.

Dolly encolheu os ombros; não se iria pôr certamente a discutir os seus motivos para ficar naquela casa com uma metediça da laia de Kitty.

Ao invés, pegou no seu livro. Estava em cima da mesinha de

apoio, onde o deixara na noite da véspera. O livro era novo, o primeiro que possuía (salvo o exemplar que nunca chegara a ler de *Mrs. Beeton's Book of Household Management*^[14] que a mãe tão esperançosamente lhe enfiara nas mãos). Fora propositadamente a Charing Cross Road num dos seus domingos de folga e comprara-o numa das livrarias da zona.

— *A Musa Relutante*. — Kitty inclinou-se para a frente a fim de ler o título. — Não tinhas lido já esse?

— Duas vezes, na verdade.

— É bom?

— Sim, bastante.

Kitty franziu o narizinho airoso.

— Eu cá não sou dada a grandes leituras.

— Não?! — Dolly também não era, em geral não, mas era escusado Kitty ficar a saber disso.

— Henry Jenkins? Esse nome não me é estranho... Ah, bom, não é o fulano que mora em frente?

Dolly acenou de forma vaga com o cigarro.

— Creio que ele mora aqui por estes lados, sim. — Claro, fora precisamente por causa dele que Dolly escolhera aquele livro. Desde que ouvira Lady Gwendolyn comentar por alto que Henry Jenkins era bem conhecido nos círculos literários por incluir demasiados factos na sua ficção («Um indivíduo cujo nome eu me abstenho de mencionar ficou furioso ao ver a sua roupa suja lavada em público. Ameaçou levar o caso a tribunal, mas morreu antes de ter tempo para isso. Sorte do Jenkins...»), Dolly ficara roída de curiosidade. Após uma conversa dissimulada com o empregado da livraria, chegara à conclusão de que *A Musa Relutante* era uma história de amor acerca de um autor bem-parecido e da esposa muito mais nova, e não hesitara em desfazer-se das suas preciosas poupanças a troco dele. Depois disso, Dolly passara uma semana deliciosa, os olhos cravados na janela do casal Jenkins, descobrindo toda a sorte de pormenores que jamais se teria atrevido a perguntar

descaradamente a Vivien.

— Um fulano tremendamente bonito — observou Louisa, que agora se achava de bruços no tapete, com as costas arqueadas, qual cobra-capelo e de olhar fixo em Dolly. — É casado com aquela mulher de cabelo escuro, aquela que a andar parece que tem uma vassoura enfiada pelo...

— Oh! — gritaram Betty e Susan, arregalando os olhos. — *Essa!*

— Uma rapariga cheia de sorte — comentou Kitty. — Eu seria capaz de matar para ter um marido como ele. Já viram a maneira como ele olha para ela? Como se ela fosse uma perfeição rematada e ele mal acreditasse na sorte que teve.

— Eu cá não me importava nada se ele olhasse para *mim* — salientou Louisa. — Onde é que vocês acham que uma rapariga encontra um homem assim?

Dolly sabia a resposta (como Vivien conhecera Henry), estava mesmo ali no livro, à mão de semear, mas coibiu-se de a dar. Vivien era sua amiga. Falar dela naqueles termos, saber que as outras também tinham reparado nela, andado a especular, a interrogar-se e a tirar as suas próprias conclusões, deixava Dolly com as orelhas a arder de indignação. Era como se algo que lhe pertencesse, algo precioso e íntimo por que ela nutria um profundo afecto, estivesse a ser vasculhado como... como uma caixa de chapéus cheia de roupa em segunda mão.

— Ouvi dizer que ela não anda muito bem de saúde — comentou Louisa. — É por isso que ele nunca lhe tira a vista de cima.

Kitty escarneceu da ideia.

— A mim, ela parece-me tudo menos doente. Muito pelo contrário. Uma tarde destas, quando vinha do trabalho, vi-a a apresentar-se na cantina do Serviço Voluntário Feminino, em Church Street. — Baixou a voz e as outras raparigas chegaram-se mais a ela para ouvir melhor. — Constou-me que é por *ela* ter tendência a distrair-se com outros interesses.

— Ooh! — arrulharam Betty e Susan em coro. — Um amante!

— Não me digam que ainda não se deram conta das atenções que ela tem com o marido? — prosseguiu Kitty, perante a atenção extasiada das outras. — Vem sempre recebê-lo à porta quando ele chega a casa, toda vestida a preceito e com um copo de uísque na mão para lhe oferecer. Por favor! Isso não é amor, é consciência pesada. Atentem bem no que vos digo... Aquela mulher tem qualquer coisa a esconder, e eu acho que todas nós sabemos bem do que se trata.

Dolly já não aguentava ouvir mais; na verdade, estava inteiramente de acordo com Lady Gwendolyn: quanto mais depressa as raparigas abandonassem o número 7 de Campden Grove, melhor. Eram, de facto, uma pandilha muito pouco sofisticada.

— Já viram as horas? — disse ela, fechando o livro com um gesto brusco. — Vou mas é tomar o meu banho.

*

Dolly esperou até que o nível da água atingisse os dez centímetros e fechou a torneira com o pé. Enfiou o dedo grande no bico da torneira para que esta não pingasse. Sabia que deveria chamar alguém para a consertar, mas onde, nos tempos que corriam? Os canalizadores andavam todos demasiado ocupados a apagar incêndios e a fechar condutas de água danificadas durante os bombardeamentos para se preocuparem com uma simples torneira a pingar e, além disso, esta parecia acabar sempre por parar por si. Recostou o pescoço na borda fresca da banheira e ajeitou-se para evitar que os rolos e os ganchos lhe magoassem a cabeça. Pusera um lenço para que o vapor não lhe deixasse o cabelo escorrido — uma doce ilusão, claro; Dolly não se lembrava da última vez em que tomara um banho fumegante.

Fitou o tecto com os olhos semicerrados enquanto a música de dança chegava até ela da telefonia no rés-do-chão. Era de facto uma linda casa de banho, com mosaicos pretos e brancos e

torneiras e varões de metal reluzentes. O abominável sobrinho de Lady Gwendolyn, Peregrine, teria um ataque de nervos se visse as cordas estendidas com as suas calcinhas, sutiãs e meias de *nylon* pendurados a secar. Dolly achava a ideia deveras apelativa.

Esticou-se para ir buscar um cigarro e *A Musa Relutante* e segurou um em cada mão. Com as duas fora de água (não era difícil: dez centímetros não era nada por aí além), folheou o livro até encontrar a cena que procurava. Humphrey, o escritor talentoso mas infeliz, foi convidado pelo director da sua antiga escola para ir lá dar uma palestra sobre literatura aos alunos, seguida de um jantar nos aposentos privativos do director. Ele acaba de pedir licença para se levantar da mesa e de abandonar a residência e está a atravessar o jardim sombrio em direcção ao sítio onde deixou o automóvel estacionado, a reflectir sobre o rumo que a sua vida tomou, os remorsos que foi acumulando e a «cruel passagem do tempo», quando chega ao velho lago da propriedade e algo atrai a sua atenção:

Humphrey diminuiu a intensidade da luz da sua lanterna e deixou-se ficar onde estava, quieto e silencioso na sombra da casa do lago. Ali próximo, numa clareira à beira da água, viam-se candeeiros de vidro pendurados nos galhos das árvores, cujas velas tremulavam à brisa morna nocturna. Uma rapariga prestes a entrar na idade adulta achava-se entre elas, os pés descalços e com um vestido de Verão muito simples que lhe dava pelos joelhos. O cabelo escuro caía-lhe em ondas até aos ombros, e o luar derramava-se sobre o cenário, iluminando-a de perfil. Humphrey reparou que os seus lábios se moviam, como se ela estivesse a declamar um poema em voz baixa.

O rosto da rapariga era encantador, contudo, foram as suas mãos a fasciná-lo. Enquanto o resto do seu corpo se mantinha perfeitamente imóvel, os dedos movimentavam-se em frente do peito, os gestos pequenos mas graciosos de alguém que tece

com fios invisíveis.

Humphrey já conhecera outras mulheres, mulheres bonitas que o adulavam e seduziam, mas aquela rapariga era diferente. Havia beleza na sua concentração, uma pureza de propósitos que lhe fazia lembrar uma criança, embora não restasse qualquer dúvida de que se tratava de uma mulher. Encontrá-la naquele ambiente natural, observar a fluidez desenvolvida do seu corpo, a paixão idílica no seu rosto, encantava-o.

Humphrey refugiou-se nas sombras. A rapariga deu por ele, mas não se assustou. Sorriu como se estivesse à sua espera e apontou para as águas ondulantes do lago. «Nadar à luz da Lua tem qualquer coisa de mágico, não acha?»

O capítulo chegara ao fim e o cigarro de Dolly também, e ela pôs ambos de lado. A água começava a ficar tépida e ela queria lavar-se antes de arrefecer por completo. Ensaboou os braços perdida nos seus pensamentos, interrogando-se se Jimmy sentiria o mesmo por ela, à medida que se passava por água.

Dolly saiu da banheira e puxou uma toalha do varão. Vislumbrou-se inesperadamente ao espelho e deixou-se ficar muito quieta, a tentar imaginar o que um estranho veria quando olhasse para ela. Cabelo castanho, olhos castanhos — não demasiado juntos, graças a Deus —, um nariz miúdo ligeiramente atrevido e empertigado. Sabia que era muito bonita, sabia isso desde os onze anos, quando o carteiro se começara a comportar de uma forma estranha sempre que se cruzava com ela na rua, mas seria a sua beleza de um género diferente da de Vivien? Teria um homem como Henry Jenkins parado, enfeitiçado, para a ver sussurrar ao luar?

Porque, obviamente, Viola — a rapariga do livro — era Vivien. Similaridades biográficas à parte, havia a descrição da rapariga à beira do lago ao luar, os seus lábios carnudos, os olhos felinos, a atenção com que fitavam algo que apenas lhe era dado ver a ela. Na verdade, poderia bem ser a descrição de Vivien tal como Dolly a

via da janela de Lady Gwendolyn.

Acercou-se mais do espelho. Ouvia a sua própria respiração no silêncio da casa de banho. O que sentiria Vivien, perguntou-se, ao saber que deixara um homem como Henry Jenkins, mais velho e experiente e com livre acesso aos círculos mais requintados da literatura e da alta sociedade, tão fascinado? Deveria ter-se sentido uma autêntica princesa quando ele a pedira em casamento, quando ele a arrancara à monotonia da sua existência quotidiana e a levava para Londres, para uma vida em que ela desabrochava de rapariga rebelde numa beleza enfeitada com pérolas e perfumada com *Chanel N.º 5*, deslumbrante de braço dado com o marido, enquanto o casal frequentava os clubes e os restaurantes mais requintados. Era essa a Vivien que Dolly conhecia; e, suspeitava, aquela com quem mais se parecia.

Truz! Truz!

— Está gente? — A voz de Kitty do outro lado da porta da casa de banho apanhou Dolly de surpresa.

— É só um instante — respondeu-lhe.

— Ah, bom, *estás* aí. Começava a recear que te tivesses afogado.

— Não.

— *Estás* muito demorada?

— Não.

— Só que são quase nove e meia, Doll, e eu tenho um encontro marcado com um aviador espectacular no Caribbean Club. Vem de propósito do aeródromo de Biggin Hill para passar cá a noite. Por acaso não te apetece vir dançar? Ele disse que ia trazer uns amigos. Um deles perguntou por ti em particular.

— Hoje não.

— Tu ouviste-me dizer *aviadores*, Doll? Heróis corajosos e arrojados.

— Eu já tenho um desses, não te esqueças. Para além do mais, tenho um turno na cantina do Serviço Voluntário Feminino.

— As viúvas, as virgens e as solteironas podem dispensar-te por

uma noite, ou não?

Dolly não lhe respondeu e, passados uns instantes, Kitty disse-lhe:

— Bom, já que estás tão decidida... A Louisa está mortinha por ocupar o teu lugar.

Como se ela tivesse gabarito para isso, pensou Dolly.

— Divirtam-se! — gritou-lhe, esperando que os passos de Kitty se afastassem.

Quando por fim ouviu a rapariga a descer a escada, desapertou o lenço e tirou-o da cabeça. Sabia que teria de voltar a pôr os rolos mais tarde, mas não tinha importância. Começou a soltá-los, deixando-os cair no lavatório vazio. Quando terminou, penteou o cabelo com a ajuda dos dedos, ajeitando-o em ondas suaves em volta dos ombros.

Pronto, já estava. Sacudiu a cabeça de um lado para o outro; começou a sussurrar para consigo (Dolly não sabia nenhum poema de cor, mas achou que, para o efeito, a letra de «Chattanooga Choo Choo» servia perfeitamente); ergueu as mãos e começou a movimentar os dedos como se estivesse a tecer com fios invisíveis. Esboçou um leve sorriso diante da imagem que se lhe apresentava. Era tal e qual como Viola no livro.

Capítulo 12

Finalmente, sábado à noite, e Jimmy estava a pentear o seu cabelo preto para trás, a tentar convencer a madeixa mais comprida à frente a não sair do sítio. Sem *Brylcreem*, era uma batalha perdida, mas naquele mês ele não conseguira fazer esticar o dinheiro para comprar uma lata nova de pomada. Fizera o melhor que podia com um pouco de água e persuasão, mas os resultados não eram animadores. A lâmpada que pendia do tecto lançou uma luz trémula e Jimmy deitou-lhe uma olhadela, ansioso por que não se fosse abaixo; já surripiara as lâmpadas da sala de estar e a próxima seria a da casa de banho. A ideia de tomar banho às escuras não lhe parecia muito apelativa. A luz esmoreceu e Jimmy ficou na penumbra, a ouvir a música da telefonia que chegava até ele vinda do apartamento do andar de baixo. Quando a casa de banho se tornou a iluminar, a sua boa disposição iluminou-se com ela, e Jimmy começou a assobiar, acompanhando o ritmo de «In the Mood», de Glenn Miller.

O *smoking* pertencera ao pai, dos tempos da W. H. Metcalfe & Sons, e era muito mais formal do que o restante guarda-roupa de Jimmy. Sentia-se um tanto ou quanto ridículo, para dizer a verdade — havia uma guerra em curso e já era mau que chegasse, achava ele, não usar uma farda, quanto mais andar todo aperaltado como um galã. Mas Dolly dissera-lhe para se vestir bem — «Como um cavalheiro, Jimmy!», escrevera-lhe ela na carta, «um *autêntico* cavalheiro» — e o roupeiro dele não tinha muito a oferecer dentro

do género. O *smoking* viera com eles aquando da mudança de Coventry, pouco antes do início da guerra; fora um dos poucos resquícios do passado de que Jimmy não tivera coragem de se desfazer. E ainda bem, como se veio a verificar — Jimmy sabia que não era aconselhável desapontar Dolly quando ela enfiava uma ideia na cabeça, sobretudo nos tempos mais recentes. Havia uma certa distância entre ambos nas últimas semanas, desde que a família dela morrera no bombardeamento; Dolly fazia o possível por evitar o consolo dele, fazendo-se de corajosa, retesando-se de cada vez que ele a tentava abraçar. Nem sequer admitia falar na morte da família, desviando sempre a conversa para a patroa, referindo-se à velha senhora em termos muito mais afectuosos que até então. Jimmy estava satisfeito por ela ter encontrado alguém capaz de ajudá-la a ultrapassar o desgosto, quanto a isso não havia dúvida; só gostaria de que essa pessoa tivesse sido ele.

Abanou a cabeça. Mas que idiota tão presumido que ele era, com pena de si próprio, quando Doll se via a braços com uma perda tão grande. A verdade, porém, é que era tão contrário ao temperamento dela, fechar-se daquela maneira; era como se o sol se tivesse escondido atrás de nuvens carregadas e ele vislumbrasse o frio que faria se ela desaparecesse da sua vida. Era por isso que aquela noite era tão importante. A carta que ela lhe enviara, a sua insistência para que se vestisse com um janota — era a primeira vez desde o bombardeamento aéreo de Coventry que Jimmy a via recuperar a sua velha vivacidade de espírito, e não estava disposto a correr o risco de a voltar a perder. Tornou a concentrar a sua atenção no *smoking*. Mal podia acreditar que lhe estivesse tão justo; o pai vestido de fato sempre lhe parecera um gigante. Agora parecia-lhe possível que fosse meramente um homem.

Jimmy sentou-se na colcha de *patchwork* puída da sua cama estreita e pegou nas meias. Uma delas tinha um buraco que ele andava havia semanas a esquivar-se a cerzir, mas dobrou o cano da meia de modo a tapar o buraco e deu-se por satisfeito com o

resultado. Contraiu os dedos dos pés e lançou uma olhadela aos sapatos, engraxados a seu lado no chão, e, em seguida, ao relógio. Ainda faltava uma hora para o encontro com Dolly. Começara a arranjar-se cedo de mais. Quanto a isso, não havia surpresas; Jimmy era inquieto como um gato.

Acendeu um cigarro e estendeu-se na cama, um braço dobrado atrás da cabeça. Sentiu qualquer coisa dura e enfiou uma mão por debaixo da almofada, de onde retirou *Ratos e Homens*. Era um exemplar da biblioteca, precisamente o mesmo que Jimmy pedira emprestado no Verão de 1938, mas pelo qual preferira pagar a multa por perda do que o devolver. O romance agradava-lhe sobremaneira, mas não fora esse o motivo por que quisera ficar com ele. Jimmy era supersticioso: tinha-o consigo naquele dia à beira-mar, e bastava-lhe olhar para a capa do livro para lhe trazer as mais doces lembranças à memória. Era também o repositório perfeito para o seu bem mais estimado. Encafuada lá dentro, onde nunca ninguém se lembraria de a procurar, estava a fotografia que tirara a Dolly no campo junto à praia. Jimmy retirou-a e endireitou um canto dobrado. Puxou uma fumaça do cigarro e expirou, fazendo deslizar o polegar ao longo do contorno do cabelo dela, por cima do ombro, em volta da curva do seio...

— Jimmy? — O pai andava a remexer na gaveta dos talheres na cozinha. O filho sabia que seria melhor ir ajudá-lo a tentar encontrar o que quer que fosse que ele julgava que precisava. Contudo, hesitou. Vasculhar as gavetas era uma oportunidade para o velhote se ocupar com qualquer coisa, e, ao que a experiência lhe ensinara, um homem estava sempre melhor quando estava ocupado.

Tornou a concentrar a sua atenção na fotografia, à semelhança do que fizera milhentas vezes desde que a tirara. Sabia cada pormenor de cor e salteado, a maneira como Dolly tinha um cabelo enrolado em volta de um dedo, a posição do queixo, a expressão de desafio no olhar tão sua característica, mostrando-se sempre mais ousada do que na verdade era («Qualquer coisa que te faça lembrar de

mim.» Não havia dúvida de que fora isso que ela lhe dera); pouco lhe faltava para sentir o cheiro a sal e o sol na pele dela, a pressão do seu corpo arqueado debaixo do dele quando a encostara ao muro e a beijara...

— Jimmy? Não consigo encontrar aquela coisa que não me lembro agora de como se chama, filho.

Jimmy soltou um suspiro e lembrou-se de ter paciência.

— Está bem, pai — respondeu-lhe. — Dê-me só um instante. — Despediu-se da fotografia com um sorriso pesaroso (não se sentia nada à vontade a contemplar o seio à mostra da namorada enquanto o pai se via em dificuldades na cozinha). Jimmy tornou a guardar a fotografia entre as páginas do livro e sentou-se na cama.

Calçou os sapatos, apertou os atacadores, tirou o cigarro da boca e lançou uma olhadela às paredes do seu pequeno quarto; desde que a guerra começara, não tivera um momento de descanso do trabalho, e o papel verde-desbotado estava revestido com cópias das suas melhores fotografias, ou pelo menos das suas preferidas. Havia as que tirara em Dunkirk, um grupo de homens tão cansados que mal se tinham em pé, um com o braço por cima dos ombros de um companheiro, outro com uma ligadura ensanguentada a tapar-lhe um olho, todos eles a arrastar-se em silêncio, de olhar cravado no chão, o seu único pensamento para o passo seguinte; um soldado a dormir na praia, já sem as botas e agarrado ao cantil imundo da água, como se a sua vida dependesse disso; uma confusão aterradora de barcos e aviões a bombardeá-los, e homens que, depois de percorrerem um logo caminho a pé, acabavam mortos a tiro na água ao tentar escapar do inferno.

Depois havia as fotografias que Jimmy tirara em Londres desde o início dos ataques aéreos. O seu olhar deteve-se numa série de retratos na parede do fundo. Levantou-se e foi observá-los mais de perto. Uma família do East End a arrastar o que restava dos seus pertences num carrinho de mão; a mulher de avental a estender a roupa numa corda na cozinha à qual faltava a quarta parede, um

espaço privado subitamente tornado público; a mãe a ler histórias para adormecer os seis filhos no abrigo Anderson; o panda de peluche a que uma bomba arrancara metade de uma perna; uma mulher sentada numa cadeira com um lençol pelos ombros e um incêndio atrás dela, no sítio onde até aí fora a sua casa; o velho à procura do cão nos escombros.

Assombravam-no. Por vezes, quando os fotografava, sentia-se como se lhes estivesse a roubar um pedaço da alma, a apropriar-se de um momento íntimo; todavia, Jimmy não encarava a transacção com ligeireza, estavam unidos, ele e os alvos da sua máquina fotográfica. Eles observavam-no das suas paredes e Jimmy sentia-se em dívida para com eles, não apenas por ter testemunhado um instante fixado da sua experiência humana mas também dada a sua responsabilidade contínua de manter as suas histórias vivas. Jimmy ouvia com frequência as notícias soturnas na BBC. «Três bombeiros, cinco polícias e cento e cinquenta e três civis perderam a vida» (palavras tão depuradas e comedidas para descrever o horror que ele vivera na noite da véspera), e via as mesmas parcas linhas impressas nos jornais, mas não passava daí. Ultimamente, não havia tempo para mais, nem valia a pena depositar flores ou escrever epitáfios, porque o cenário se voltaria a repetir na noite seguinte e na outra ainda. A guerra não deixava espaço para o luto individual nem para memoriais, do género a que ele assistira na agência funerária do pai em miúdo, mas Jimmy gostava de pensar que as suas fotografias serviam de certa maneira para deixar um registo. A fim de que um dia, depois de tudo ter acabado, as imagens pudessem sobreviver e as pessoas do futuro dizer: «Foi assim que tudo se passou.»

Quando Jimmy chegou à cozinha, o pai já se esquecera da tal coisa misteriosa de que andara à procura e achava-se sentado à mesa, com as calças do pijama e uma camisola interior de alças vestidas. Estava a dar de comer ao canário dourado, migalhas de restos de bolachas que Jimmy arranjava em promoção.

— Toma, *Finchie* — dizia-lhe ele, enfiando o dedo entre as grades da gaiola. — Aqui tens, meu querido *Finchie*. Isso mesmo, lindo menino. — Quando pressentiu Jimmy atrás dele, virou a cabeça. — Ora viva! Estás todo janota, meu rapaz.

— Nem por isso, pai.

O pai mirava-o de alto a baixo, e Jimmy disse uma prece silenciosa para que ele não se apercebesse da proveniência do *smoking*. Não que o pai se tivesse importado de lho emprestar (o velhote era generoso, até de mais), mas era provável que o assunto lhe trouxesse à memória lembranças confusas susceptíveis de o transtornar.

Por fim, o pai limitou-se a um aceno de cabeça aprovador.

— Estás muito elegante, Jimmy — observou ele, o lábio inferior a tremer-lhe de emoção paternal. — Muito elegante, mesmo. Deixas o teu pai cheio de orgulho, sem dúvida alguma.

— Pronto, pai, já chega — retorquiu Jimmy com doçura. — Se continua assim, vou ficar todo vaidoso. E depois o pai não vai aguentar viver comigo.

O pai, ainda a acenar com a cabeça, esboçou um leve sorriso.

— Onde é que está a sua camisa, pai? No seu quarto? Deixe estar que eu vou buscá-la... Não queremos que apanhe uma constipação, pois não?

O pai foi a arrastar os pés atrás dele, mas parou a meio do corredor. Ainda lá estava quando Jimmy saiu do quarto, com uma expressão desorientada, como a tentar lembrar-se porque fora que se levantara do seu lugar à mesa. Jimmy pegou-lhe por um cotovelo e levou-o atenciosamente de volta à cozinha. Ajudou-o a vestir a camisa e sentou-o no seu poiso habitual; o pai ficava confuso se se visse obrigado a sentar-se noutro banco.

A chaleira ainda estava meio cheia e Jimmy tornou a pô-la a aquecer. Era um alívio o gás ter voltado; as condutas haviam sido atingidas por uma bomba incendiária há umas noites, e o pai tivera imensa dificuldade para conseguir sossegar sem a sua chávena de

chá com leite. Jimmy deitou uma colher bem cheia de folhas na chaleira, mas conteve-se de acrescentar mais. As reservas estavam em baixo no Hopwood, e ele não podia correr o risco de ficar sem chá.

— Vais estar em casa para a ceia, Jimmy?

— Não, pai. Hoje só vou chegar lá para as tantas, está lembrado? Deixei-lhe umas salsichas no forno.

— Tudo bem.

— Salsichas de coelho, infelizmente, mas arranjei-lhe um petisco especial para a sobremesa. Nem imagina... uma laranja!

— Uma laranja?! — A expressão do velhote iluminou-se com uma recordação passageira. — Uma vez no Natal, ofereceram-me uma laranja.

— A sério, pai?

— Nos meus tempos de fedelho na quinta. Uma laranja gorda e linda. O meu irmão Archie comeu-a quando me apanhou distraído.

A chaleira começou a apitar e Jimmy encheu o bule até acima. O pai estava chorar baixinho como fazia sempre que o nome de Archie vinha à baila, o irmão mais velho que morrera nas trincheiras ia para vinte e cinco anos, mas Jimmy fez por o ignorar. Com o tempo, aprendera que as lágrimas do pai por desgostos passados secavam tão depressa como brotavam, que o melhor a fazer era seguir em diante alegremente.

— Bom, desta vez, isso não vai acontecer, pai — disse-lhe ele. — Ninguém vai comer esta a não ser o senhor. — Deitou uma dose generosa de leite na chávena do pai. O pai gostava do chá com bastante leite, e era uma das poucas coisas de que não tinham falta, graças ao Sr. Evans e às duas vacas que ele tinha num celeiro adjacente à sua loja. Quanto ao açúcar, já não se podia dizer o mesmo, e Jimmy deitou uma pequena porção de leite condensado no chá a fazer-lhe as vezes. Deu-lhe uma mexedela e levou a chávena e o pires para a mesa. — Agora, ouça o que lhe digo, pai, as salsichas vão manter-se quentes na caçarola até serem horas de

comer, por isso não há necessidade de estar a acender o bico do gás, estamos entendidos? — O pai estava a sacudir as migalhas do *Finchie* da toalha. — Ouviu o que lhe disse, pai?

— Ouvi o quê?

— As suas salsichas estão prontas, por isso não acenda o fogão.

— Está bem. — O pai bebeu um gole de chá.

— E também não é preciso estar a abrir as torneiras, pai.

— Para quê, Jim?

— Quando eu voltar, ajudo-o a lavar a loiça.

O pai ergueu o olhar para Jimmy, momentaneamente perplexo, e em seguida disse:

— Estás todo janota, meu rapaz. Vais a algum lado esta noite, é isso?

Jimmy soltou um suspiro.

— Sim, pai.

— Um sítio chique, é isso?

— Vou pôr a conversa em dia com uma pessoa.

— Uma senhora amiga?

Jimmy não conseguiu conter um sorriso ao ouvir a expressão recatada do pai.

— Sim, pai. Uma senhora amiga.

— Alguém especial?

— Muito.

— Vais ter de a trazer cá a casa um dia destes. — O olhar do pai deixou transparecer um laivo da sua antiga astúcia e malandrice, e Jimmy sentiu uma ânsia súbita pelos velhos tempos, quando ainda era uma criança e o pai tomava de facto conta dele. A vergonha não tardou a substituí-la: estava agora com vinte e um anos, por amor de Deus, já não tinha idade para desejos infantis. E o sorriso, entusiasmado mas inseguro, do pai ao insistir «Prometes-me que a trazes cá a casa uma noite destas, Jimmy? Para eu e a tua mãe vermos se ela serve para o nosso rapaz», não fez senão aumentar a sua vergonha.

Jimmy chegou-se ao pai e deu-lhe um beijo na cabeça. Já desistira de lhe tentar explicar que a mãe se fora embora, que os abandonara a ambos havia mais de uma década para ir morar com um outro fulano, com um automóvel bonito e uma casa grande. Para que haveria de lhe lembrar isso? O velhote ficava feliz de pensar que ela fora num instante à rua, para a fila das mercearias racionadas, e, afinal, quem era Jimmy para o contradizer? Ultimamente, a vida já era cruel que chegasse, não era preciso a verdade para a tornar pior ainda.

— O pai veja se tem cuidado consigo, está bem? — aconselhou-o. — Eu vou deixar a porta trancada por fora, mas a Sr.^a Hamblin, ali do lado, tem a chave e, quando os ataques aéreos começarem, ela ajuda-o a descer a escada.

— Não me parece, Jimmy. Já são seis da tarde, e o Jerry^[15] continua sem dar sinal de vida. É capaz de ter tirado a noite de folga.

— Eu cá não me fiava muito nisso. O luar está que mais parece a lanterna de um ladrão. Não se preocupe que a Sr.^a Hamblin vem buscá-lo logo que seja dado o alerta, está bem?

O pai estava entretido a brincar com a beira da gaiola de *Finchie*.

— Está tudo bem, pai?

— Sim, sim. Tudo bem, Jimmy. Tu vê mas é se te divertes e não te preocupas tanto. O teu velhote não vai a lado nenhum. Não fui na última revoadada, também não hei-de ir nesta.

Jimmy sorriu e engoliu em seco, sentindo apertar-se o nó que ultimamente não lhe deixava a garganta em paz, de amor à mistura com uma tristeza para a qual não encontrava palavras, uma tristeza que ia muito para além do pai doente.

— Assim é que é, pai. Agora, saboreie o seu chá e distraia-se a ouvir a sua telefonia. Quando menos esperar, já estarei de volta.

*

Dolly seguia a passo rápido pela rua banhada de luar em Bayswater. Rebentara uma bomba há duas noites, numa galeria de arte com um sótão cheio de tintas e vernizes, e um proprietário ausente que não tomara precauções, e o local continuava um caos: tijolos e bocados de madeira carbonizada, portas e janelas desengonçadas, montes de vidro partido por todo o lado. Dolly vira o incêndio do telhado do número 7, onde por vezes gostava de se ir sentar, um enorme clarão ao longe, chamas violentas e espetaculares que libertavam colunas de fumo para o céu iluminado.

Apontou a lanterna para o chão, contornou um saco de areia, e, por um triz, não ficou sem um salto do sapato num buraco provocado pela explosão e viu-se obrigada a esconder-se de um guarda que, tomado de excesso de zelo, lhe soprou o seu apito e lhe disse que ela faria melhor se fosse uma rapariga sensata e se fosse abrigar dentro de casa— seria possível que não visse que a Lua convidava aos bombardeios?

A princípio, Dolly tinha tanto medo das bombas como qualquer outra pessoa, ultimamente, porém, descobrira que gostava de estar na rua quando havia ataques aéreos. Jimmy, ao ouvi-la mencionar isto, ficara preocupado que, depois do que acontecera à família, Dolly ansiasse pelo mesmo fim, mas não era nada disso que se tratava. Havia qualquer coisa de absolutamente revigorante em tudo aquilo, e Dolly sentia uma curiosa leveza de espírito, uma sensação comparável ao êxtase, sempre que se esgueirava pelas ruas durante a noite. Não queria estar em lado algum que não fosse Londres; aquilo é que era vida, aqueles bombardeamentos aéreos, era a primeira vez, e muito provavelmente a última, que algo do género acontecia. Não, Dolly já não tinha medo rigorosamente nenhum, não de ser atingida pelos bombardeiros — era difícil de explicar, mas, por alguma razão que lhe escapava, sabia simplesmente que não era esse o seu destino.

Ver-se face a face com o perigo e descobrir que não tinha medo

era emocionante. Dolly estava radiante e não era a única; uma atmosfera especial tomara conta da cidade, e, por vezes, tinha a impressão de que toda a gente em Londres estava apaixonada. Naquela noite, porém, o impulso que a conduzia através dos escombros excedia em larga medida o entusiasmo habitual. Na realidade, não havia razão nenhuma para aquela pressa toda — saíra de casa com tempo, depois de ter dado a Lady Gwendolyn as três doses de xerez nocturnas da praxe, o suficiente para a lançar nos braços de um sono abençoado e a manter lá sob o mais intenso dos ataques aéreos (a velha senhora era demasiado distinta e triste para se refugiar no abrigo) —, mas Dolly estava tão entusiasmada com o que fizera que limitar-se a andar era para ela uma impossibilidade física; impulsionada pela força da sua própria ousadia, seria capaz de ter corrido quilómetros e nem assim perder o fôlego.

Mas não correu. Afinal, tinha que acautelar as meias de *nylon*, não era verdade? Era o último par que lhe restava sem malhas, e não havia nada melhor do que um bocado aguçado dos escombros deixados por uma bomba para estragar umas meias de *nylon*, Dolly sabia isso por experiência própria. Caso estragasse aquelas, ver-se-ia obrigada a desenhar linhas pretas ao longo da parte de trás das pernas com um lápis dos olhos, como a vulgar da Kitty. Não, muito obrigada. Sem querer correr riscos, quando um autocarro parou em Marble Arch, Dolly apanhou-o.

Havia uma aberta na zona de lugares de pé e ela aproveitou-a, fazendo o possível por evitar inspirar o hálito salgado de um indivíduo pomposo que debitava um tratado sobre o racionamento da carne e a melhor maneira de saltear fígado. Dolly resistiu à tentação de lhe recomendar que tivesse cuidado não fosse a receita deixá-lo com maus fígados (ah!) e, logo que contornaram Piccadilly Circus, apressou-se a descer do autocarro.

— Tenha uma boa noite, minha querida — gritou-lhe um homem de idade trajado com uma farda da ARP, à medida que o autocarro

se afastava.

Dolly acenou-lhe em resposta. Dois soldados, de licença e a cantar «Nellie Dean» com vozes ébrias, deram-lhe o braço ao passar por ela, um de cada lado, e fizeram-na dar uma volta completa. Dolly riu-se quando lhe pregaram um beijo em cada face e disse-lhes adeus à medida que eles prosseguiram a sua alegre caminhada.

Jimmy estava à sua espera na esquina de Charing Cross Road com Long Acre; Dolly via-o na praça iluminada pelo luar, precisamente onde prometera que estaria, e deteve-se abruptamente. Não havia dúvida, Jimmy Metcalfe era um rapaz muito bem-parecido. Mais alto do que ela se lembrava, um pouco mais magro, mas o mesmo cabelo preto penteado para trás, e aquelas maçãs do rosto que lhe davam a aparência de estar sempre prestes a fazer um comentário qualquer jocoso ou sagaz. Não era o único homem atraente que conhecera, seguramente (nos tempos que corriam, fazer olhinhos a um soldado que viera a casa de licença era um dever cívico, no mínimo), mas havia qualquer coisa nele, uma qualidade animal sombria, talvez — uma força tanto física como de carácter —, que fazia o coração de Dolly bater contra as costelas como mais ninguém.

Ele era tão *boa* pessoa, tão honesto e sincero, que namorar com ele era para Dolly equivalente a ter vencido uma corrida qualquer. Ao vê-lo naquela noite, vestido de *smoking* preto tal qual ela lhe pedira, dava-lhe vontade de gritar de alegria. Ficava-lhe mesmo a matar — se não o conhecesse, Dolly teria pensado que estava diante de um autêntico cavalheiro. Tirou o batom e a caixa do pó-de-arroz da carteira, ajeitou-se para apanhar um raio de luar, e acentuou o arco de cupido dos lábios. Simulou um beijo para o espelho e em seguida fechou a caixa com um estalido.

Deitou uma olhadela ao casaco castanho que por fim escolhera, interrogando-se vagamente acerca do debrum de pêlo na gola e nos punhos; *vison*, presumia, embora também pudesse ser raposa. Não

era propriamente o último modelo — ultrapassado havia pelo menos duas décadas —, mas a guerra retirava importância a este género de coisas. Para além do mais, a roupa cara nunca passava realmente de moda; pelo menos era o que Lady Gwendolyn dizia, e ela era perita na matéria. Dolly cheirou a manga. Quando tirara o casaco do quarto de vestir, o cheiro a naftalina era insuportável, mas deixara-o pendurado na janela da casa de banho enquanto se lavava e em seguida pulverizara-o com tanto perfume quanto conseguira aguentar, e agora estava de facto muito melhor. Mal se notava, ainda para mais com o fedor generalizado a queimado de Londres nos últimos tempos. Ajeitou o cinto, com o cuidado de esconder um buraco de traça na cintura, e fez um esforço por recuperar a compostura. O seu entusiasmo era tanto que lhe provocava uma sensação de formigueiro; mal podia esperar por que Jimmy a visse. Dolly endireitou o alfinete de peito de diamantes que trazia na gola de pele, atirou os ombros para trás e ajeitou os caracóis presos na nuca. Respirou fundo e saiu a passo decidido das sombras — uma princesa, uma herdeira, uma rapariga com o mundo inteiro a seus pés.

*

A noite estava fria e Jimmy acabara de acender um cigarro quando a viu. Teve de olhar duas vezes para ter a certeza de que era Dolly que vinha na sua direcção — o casaco elegante, os caracóis escuros a brilhar ao luar, as passadas compridas à medida que os saltos dos sapatos ecoavam com confiança pelo passeio fora. Estava um deslumbramento — tão bonita, tão fresca e sofisticada, que Jimmy sentiu um aperto no coração. Estava mais crescida desde a última vez que a vira. Mais do que isso, compreendeu ele subitamente, ao admirar a sua nova pose e *glamour*, enquanto se remexia pouco à vontade dentro do velho *smoking* do pai, Dolly estava mais crescida e... distante. Jimmy

sentiu a distância com um sobressalto.

Dolly chegou, sem dizer uma palavra, envolta numa nuvem de perfume. Jimmy queria ser espirituoso, queria ser afável, queria dizer-lhe que ela era simplesmente perfeita, a única mulher no mundo que ele poderia amar. Queria dizer-lhe algo capaz de colmatar de uma vez para sempre aquela terrível distância que se instalara entre ambos; falar-lhe dos progressos que vinha a fazer no trabalho, das conversas entusiásticas do editor ao serão, quando ultimavam a impressão, acerca das oportunidades que aguardavam Jimmy quando «esta coisa da guerra acabar», a fama que poderia conquistar com as suas fotografias, a fortuna que poderia amealhar. Todavia, a beleza dela e o seu contraste com a guerra e a crueldade, as centenas de noites em que ele adormecera a imaginar o futuro a seu lado e o seu passado em Coventry e aquele piquenique junto ao mar, havia tanto tempo — tudo isso se congregou para o apanhar de surpresa e as palavras recusavam-se a sair. Jimmy conseguiu esboçar um meio-sorriso e depois, sem pensar duas vezes, agarrou numa mão-cheia de cabelo de Dolly e beijou-a.

*

O beijo foi como um tiro de partida. Dolly sentiu uma acalmia imediata e bem-vinda dos nervos, seguida de uma enorme onda de entusiasmo por aquilo que ainda estava para vir. Os seus planos, desde que os fizera, tinham andado toda a semana a consumi-la, e agora, finalmente, o grande momento chegara. Dolly estava ansiosa por o impressionar, por lhe mostrar a adulta que era agora, uma mulher do mundo, e não a menina da escola dos tempos em que se tinham conhecido. Permitiu-se um instante de descontração, para se imaginar no papel que ensaiara, e em seguida recuou para lhe olhar para a cara.

— Ora viva! — cumprimentou-o ela, num tom aspirado que fazia

lembrar Scarlett O'Hara.

— Ora viva!

— Vejam só quem eu haveria de encontrar. — Fez deslizar os dedos levemente pelas lapelas do casaco dele. — E todo aperaltado, ainda por cima.

Jimmy encolheu um ombro.

— O quê, esta farpela velha?

Dolly sorriu, mas fez um esforço por conter o riso (Jimmy dava-lhe sempre vontade de rir).

— Bom — sugeriu ela, olhando para ele por entre as pestanas —, talvez seja melhor começarmos. Vamos ter uma noite muito ocupada, Sr. Metcalfe.

Enfiou o braço no dele e esforçou-se por evitar arrastá-lo enquanto percorriam Charing Cross Road a passo rápido a fim de se juntarem à fila serpenteante à espera de entrar no 400 Club. Avançavam pela rua fora enquanto ouviam as armas disparar a leste e as luzes dos projectores varriam o céu, assemelhando-se a inúmeras escadas de Jacob. Um avião sobrevoou-os quando estavam quase a chegar à porta, mas Dolly ignorou-o; nem um ataque aéreo em larga escala seria agora capaz de a convencer a abandonar o seu lugar na fila. Chegaram ao cimo da escada e música fluíu na direcção de ambos, conversas e risos e uma energia frenética e agitada que deixava Dolly tonta ao ponto de ter de se agarrar com força ao braço de Jimmy para não cair.

— Vais adorar estar lá dentro — disse-lhe ela. — O Ted Heath e a sua banda são simplesmente divinais, e o Sr. Rossi, o gerente do clube, é um querido.

— Já aqui estiveste antes?

— Ah, claro, montes de vezes. — Um ligeiro exagero (só lá estivera uma vez), mas Jimmy era mais velho do que ela e tinha um emprego importante que lhe permitia viajar e conhecer toda a sorte de pessoas, e ela ainda era, bom, *e/a*, e estava desejosa que ele a achasse mais sofisticada do que da última vez em que tinham

estado juntos, mais desejável. Dolly riu-se e apertou-lhe o braço. — Ah, então, não faças essa cara, Jimmy. Se eu não lhe fizesse companhia de vez em quando, a Kitty nunca mais me largava; tu sabes que és o único homem para mim.

Ao fundo das escadas, passaram pelo bengaleiro, e Dolly parou para deixar o casaco. O coração batia-lhe como um martelo; andara ansiosa por aquele momento, dividida entre planos e ensaios, e agora estava finalmente ali. Lembrou-se de todas as histórias de Lady Gwendolyn, as coisas que ela e Penélope tinham feito juntas, os bailes, as aventuras, os homens bonitos que as perseguiam por Londres, e voltou costas a Jimmy, deixando deslizar o casaco. Quando ele lho segurou, deu uma ligeira pirueta, tal e qual como costumava dar nas suas fantasias, e em seguida assumiu uma pose, revelando (rufar de tambores, damas e cavalheiros!) O Vestido.

*

Era vermelho, lustroso e incandescente, o género de peça concebida para salientar todas as curvas do corpo de uma mulher, e Jimmy, por um triz, não deixou cair o casaco quando o viu. O olhar dele percorreu a silhueta de Dolly de alto a baixo e tornou a subir; o casaco saiu-lhe da mão, foi substituído por uma senha, e Jimmy nem se deu conta disso.

— Tu... — tartamudeou ele. — Doll, tu estás... esse vestido é extraordinário.

— O quê? — Ela ergueu um ombro, tal e qual ele fizera lá fora. Esta farpela velha? — Posto isto, rasgou-lhe um grande sorriso e tornou a ser a mesma Dolly de sempre, e quando ela acrescentou: «Anda daí. Vamos lá para dentro», Jimmy não imaginava outro sítio onde gostasse mais de estar do que ali.

*

Dolly varreu com o olhar a área para lá do cordão vermelho, a pequena pista de dança à cunha, a mesa que Kitty baptizara de «Mesa Real», mesmo junto à banda; lembrou-se de que seria capaz de encontrar Vivien ali naquela noite — Henry Jenkins era amigo de Lorde Dumphee, os dois apareciam frequentemente juntos nas fotografias da *The Lady* —, mas uma primeira inspecção não lhe revelou ninguém seu conhecido. Não fazia mal, a noite ainda era uma criança; os Jenkins eram capazes de aparecer por lá mais tarde. Levou Jimmy para o fundo da sala, entre as mesas redondas muito juntas, passando pelas pessoas que jantavam, bebiam e dançavam, até que chegaram finalmente ao Sr. Rossi e à área isolada pelo cordão vermelho.

— Boa noite — cumprimentou-os ao vê-los, juntando as palmas das mãos e fazendo uma pequena vénia. — Estão aqui por causa do noivado de Lorde Dumphee, não é verdade?

— Mas que clube tão fantástico! — ronronou Dolly, sem responder exactamente à pergunta. — Já lá vai tanto tempo, demasiado... Eu e Lorde Sandbrook estávamos mesmo agora a dizer que deveríamos vir a Londres com mais frequência. — Olhou de relance para Jimmy, presenteando-o com um sorriso encorajador. — Não estávamos, querido?

Rossi franziu ligeiramente o sobrolho num esforço desesperado por os identificar, mas não foi por muito tempo. Os anos ao leme do seu clube nocturno tinham-no tornado perito em manter o navio da alta sociedade na rota prevista e os passageiros devidamente apapricados.

— Minha querida Lady Sandbrook — disse ele, pegando na mão de Dolly e afluando-lhe um beijo —, este clube tem estado imerso na escuridão devido à sua ausência, mas agora que aqui está, a nossa luz voltou a brilhar. — Voltou a sua atenção para Jimmy. — E o senhor, Lorde Sandbrook. Espero que tenha passado bem.

Jimmy não lhe respondeu e Dolly susteve a respiração; sabia o que ele pensava a respeito das suas «brincadeiras», como lhes chamava, e sentira a mão dele retesar-se contra as suas costas da segunda vez que ela começara a falar. Para ser franca, a incerteza quanto à reacção dele ajudava à aventura. Até Jimmy reagir, tudo à sua volta parecia ampliado: Dolly ouvia os batimentos do seu coração enquanto esperava, um guincho de alegria vindo da multidão, qualquer coisa de vidro a partir-se algures, a banda a dar início a outra música...

*

O indivíduo italiano atarracado que o tratara pelo nome de outro homem aguardava ansiosamente uma resposta e Jimmy teve uma súbita visão do pai em casa, com o seu pijama às riscas, as paredes do apartamento revestidas com o papel verde-desenxabido, *Finchie* na sua gaiola com os restos de bolachas. Sentia o olhar de Dolly cravado nele, a incentivá-lo a assumir o seu papel; sabia que ela estava a olhar para ele, sabia o que ela queria que ele dissesse, mas dar por um nome como aquele tinha para Jimmy um certo sabor a derrota. Seria uma profunda deslealdade para com o pobre e velho pai, com as ideias já tão confusas, que continuava à espera de uma mulher que nunca haveria de chegar, chorava por um irmão morto havia vinte e cinco anos e, à chegada de ambos a Londres, comentara a propósito do apartamento miserável: «Isto aqui é uma beleza, Jimmy. Fizeste um belo trabalho! Deixas-nos babados de orgulho, a mim e à tua mãe.»

Lançou uma olhadela de viés ao rosto de Dolly e viu aquilo de que estava à espera: esperança, escrita em letras garrafais em cada traço. Aquelas brincadeiras dela faziam-no perder a paciência, sobretudo porque ultimamente pareciam acentuar cada vez mais a distância entre o que ela desejava da vida e o que ele estava em condições de lhe oferecer. No entanto, eram perfeitamente

inofensivas, não eram? Ninguém sairia prejudicado se Jimmy Metcalfe e Dorothy Smitham transpusessem o cordão vermelho. E aquilo era tão importante para ela, tivera tanto trabalho para arranjar o vestido e tudo o mais, convencê-lo a levar o *smoking* vestido — os olhos dela, por muito rímel que usasse, estavam arregalados e esperançosos como os de uma criança, e Jimmy amava-a tanto, não suportava a ideia de lhe desmanchar o prazer, ainda para mais por causa de um orgulho ridículo. Não por causa de uma vaga ideia de que a sua falta de estatuto era algo a que se devia agarrar com unhas e dentes, e muito menos quando era a primeira vez desde que a família morrera que Dolly se mostrava como a rapariga que sempre fora.

— Sr. Rossi — disse ele com um sorriso rasgado, estendendo uma mão para lha apertar com firmeza —, é um enorme prazer voltar a vê-lo, meu velho. — Foi a voz mais sofisticada que conseguiu desencantar assim tão de repente; oxalá passasse.

*

Estar do outro lado era tão maravilhoso quanto Dolly sonhara. Tão magnífico como ela depreendera das histórias de Lady Gwendolyn. Não que houvesse algo *obviamente* diferente — as alcatifas vermelhas e as paredes forradas a seda eram exactamente iguais, os casais dançavam face com face de ambos os lados do cordão, os empregados traziam e levavam refeições, bebidas e copos —, na realidade, um observador menos atento poderia nem sequer ter reparado que havia dois lados, mas Dolly sabia. E regozijava-se por estar deste.

Como seria de esperar, depois de ter alcançado o Santo Graal, sentia-se um pouco perdida quanto ao que fazer em seguida. À falta de ideia melhor, Dolly serviu-se de uma *flûte* de champanhe, pegou em Jimmy pela mão e foi sentar-se numa banqueta de pelúcia encostada à parede. Na verdade, para ser franca, assistir chegava-

lhe: o carrossel sempre em movimento de vestidos coloridos e rostos sorridentes mantinha-a fascinada. Um empregado acercou-se dos dois e perguntou-lhes o que desejavam comer, e Dolly respondeu-lhe que queria ovos com *bacon*, e estes não tardaram em chegar, o champanhe da sua *flûte* parecia nunca se esgotar, a música fluía imparável.

— É como um sonho, não é? — comentou ela com ar radiante. — Eles são todos tão maravilhosos, não são?

Ao que Jimmy susteve o fósforo que estava a acender e lhe respondeu com um evasivo:

— Sem dúvida. — Deixou cair o fósforo aceso num cinzeiro de bronze e puxou uma fumaça do cigarro. — Então, e tu, Doll? Como tem passado a velha Lady Gwendolyn? Ainda manda nos nove círculos do inferno?

— Jimmy, tu não devias dizer esse género de coisas. Eu sei que a princípio talvez me tivesse queixado um bocado, mas, quando começamos a conhecê-la, percebemos que ela é uma querida. Tem-se apoiado bastante em mim ultimamente... Temos vindo a tornar-nos bastante íntimas, à nossa maneira. — Dolly chegou-se mais a Jimmy para que ele lhe acendesse o cigarro. — O sobrinho está com medo de que ela me deixe a casa em testamento.

— Quem foi que te contou isso?

— O Dr. Rufus.

Jimmy soltou um grunhido ambíguo. Não gostava de a ouvir falar no Dr. Rufus; não fazia diferença quantas vezes Dolly lhe garantisse que o médico era amigo do pai e demasiado velho, francamente, para estar interessado nela *daquela* maneira, de todas elas, Jimmy limitava-se a franzir o sobrolho e a mudar de assunto. Estendeu a mão por cima da mesa e segurou na dela.

— E a Kitty? Como é que ela está?

— Ah, bom, a Kitty... — Dolly hesitou, recordando-se da conversa infundada a respeito de Vivien e dos seus casos ilícitos há umas noites. — Está para as curvas... mas as pessoas como ela estão

sempre.

— As pessoas como ela? — ecoou Jimmy, intrigado.

— O que eu quero dizer é que ela faria melhor em prestar mais atenção ao trabalho e menos ao que se passa na rua e nos clubes nocturnos. Acho que algumas pessoas simplesmente não conseguem evitar. — Olhou de relance para Jimmy. — Não me parece que tu fosses simpatizar com ela.

— Não?

Dolly abanou a cabeça e puxou uma fumaça do cigarro.

— É uma coscuvilheira e, custa-me a admitir, mas é verdade, tem uma tendência para a devassidão.

— Devassidão? — Jimmy estava agora a achar piada à situação, um sorriso brincava-lhe nos lábios. — Ora, ora, quem diria.

Dolly estava a falar a sério: Kitty ganhara o hábito de deixar entrar os namorados furtivamente em casa depois de escurecer; ela julgava que Dolly não sabia, mas sinceramente, com o barulho que às vezes faziam, uma pessoa teria de ser surda para não dar por isso.

— Ah, pois — insistiu ela. Havia um copo com uma vela trémula em cima da mesa e ela pôs-se a rodá-lo vagarosamente de um lado para o outro.

Ainda não falara de Vivien a Jimmy. Não sabia exactamente porquê; não que receasse que ele ficasse com má opinião acerca de Vivien, muito pelo contrário, no entanto, a sua intuição dizia-lhe que seria preferível manter aquela amizade a desabrochar em segredo, algo só dela. Naquela noite, porém, ao ver Jimmy diante dos seus olhos, ligeiramente efervescente do champanhe doce que estava a saborear, Dolly sentiu-se impelida a contar-lhe tudo.

— Para dizer a verdade — disse ela, subitamente nervosa —, não sei se já te falei disso nas minhas cartas, mas tenho uma nova amiga.

— Ah, sim?

— A Vivien. — Só de mencionar o nome dela, Dolly já sentia um

frémido de alegria. — É casada com o Henry Jenkins... sabes, o escritor. Moram na casa em frente à nossa, o número 25, e nós tornámo-nos boas amigas.

— Estás a falar a sério? — Ele riu-se. — Pode parecer uma estranha coincidência, eu acabei de ler um dos livros dele.

Dolly poderia ter-lhe perguntado qual deles, mas não perguntou, porque não lhe estava a prestar de facto atenção; sentia a cabeça às voltas de tanta coisa que lhe queria contar a respeito de Vivien e que até aí guardara só para si.

— Ela é uma mulher fantástica, Jimmy. Bonita, claro, mas não de uma forma vulgar, que *dê nas vistas*; e muito boa pessoa, sempre pronta a ajudar o Serviço Voluntário Feminino... já te falei na cantina em que nós fazemos serviço voluntário, não falei? Bem me parecia que sim. E também se tem mostrado muito compreensiva em relação ao que aconteceu... à minha família, em Coventry. A Vivien também é órfã, sabes, foi criada por um tio depois da morte dos pais, uma escola grande e antiga próxima de Oxford, construída nas propriedades da família. Conte-te que ela é uma herdeira rica? Na verdade, a casa de Campden Grove é dela, não do marido... — Dolly susteve a respiração, mas apenas porque não estava certa quanto aos pormenores. — Não que ela se gabe disso; não é nada o género dela.

— Parece ser uma pessoa formidável.

— E é.

— Gostava de a conhecer.

— B-bom — gaguejou Dolly —, claro... um dia destes. — Puxou uma fumaça ávida do cigarro, interrogando-se porque a sugestão lhe despertara um laivo de receio. Um encontro entre Vivien e Jimmy não fazia parte dos inúmeros futuros cenários que ela concebia; logo para começar, Vivien era uma pessoa extremamente reservada; e Jimmy, bom, Jimmy era Jimmy e pronto. Muito querido, claro, amável e inteligente... mas não exactamente o género de homem que Vivien recomendaria para namorado de Dolly. Não que

Vivien fosse mesquinha, apenas pertencia a outra classe... e que também não era a sua, na verdade, mas Dolly, estando sob a protecção da asa de Lady Gwendolyn, aprendera o suficiente para ser aceite por uma pessoa como Vivien. Dolly detestava mentir a Jimmy, amava-o; mas pior ainda seria ferir os seus sentimentos à força de querer ser sincera com ele. Estendeu uma mão e assentou-a no braço do namorado, puxando um fiapo solto do casaco do *smoking*. — Neste momento anda toda a gente tão atarefada com a guerra, não é? Não há simplesmente tempo para conviver.

— Mas eu podia...

— Jimmy, ouve... Estão a tocar a nossa canção! E se fôssemos dançar? Anda, vamos dançar.

*

O cabelo de Dolly cheirava a perfume, aquele aroma inebriante em que ele reparara à sua chegada, quase chocante de tanta intensidade e promessa, e Jimmy seria capaz de ficar assim para sempre, as mãos assentes ao fundo das costas dela, o seu rosto encostado ao dela, os seus corpos a movimentarem-se lentamente. Estava tentado a esquecer a reacção evasiva dela quando lhe sugerira que lhe apresentasse a amiga: o pressentimento que tivera de que a distância que ultimamente se instalara entre ambos não se devia apenas ao que acontecera à família, que aquela Vivien, a senhora rica da casa em frente, poderia ter alguma coisa que ver para o caso. Provavelmente, não seria nada de mais; Dolly gostava de guardar segredos, sempre assim fora. E que importância tinha isso afinal, num momento e num lugar tão especiais, desde que a música continuasse a tocar?

Não continuou, claro; nada dura para sempre, e a música traidora chegou ao fim. Jimmy e Dolly afastaram-se um do outro para aplaudir a banda, e foi então que ele reparou no indivíduo de bigode fino que os observava junto à pista de dança. Isto por si só não teria

sido motivo para alarme, mas o homem estava também à conversa com Rossi, que coçava a cabeça com uma mão, fazendo gestos extravagantes com a outra enquanto consultava aquilo que parecia ser uma lista.

Uma lista de convidados, apercebeu-se Jimmy com um sobressalto. Que outra coisa poderia ser?

Chegara a altura de fazerem uma saída airosa de cena. Jimmy pegou na mão de Dolly e fez menção de a levar da pista, com o ar mais descontraído deste mundo. Se saíssem dali de forma rápida e discreta, calculava ele, ainda iriam a tempo de passar por baixo do cordão vermelho, misturar-se com o resto da clientela e escapular-se do clube sem ninguém dar por isso, nem prejudicar ninguém.

Dolly, infelizmente, tinha outros planos; tendo conseguido chegar à pista de dança, mostrava-se agora bastante relutante em abandoná-la.

— Jimmy, não — estava ela a dizer-lhe —, não, ouve, é «Moonlight Serenade».

Jimmy começou a explicar-lhe, lançando uma olhadela ao indivíduo do bigode fino atrás de si e verificando que este se dirigia nesse momento a eles, o charuto bem seguro entre os dentes, uma mão estendida.

— Lorde Sandbrook — interpelou-o o homem, com o sorriso amplo e confiante de quem tem dinheiro a potes escondido debaixo da cama —, estou tão satisfeito de o ver aqui, meu velho.

— Lorde Dumphee. — Jimmy sentiu uma punhalada. — Parabéns, a si e à... sua noiva. Excelente festa.

— Sim, bom, preferia uma coisa mais discreta, mas você conhece a Eva.

— Se conheço. — Jimmy soltou uma gargalhada nervosa.

Lorde Dumphee soltou uma baforada de fumo que mais parecia saída de uma locomotiva; semicerrou ligeiramente os olhos, e Jimmy percebeu que o anfitrião também andava a tactear às cegas, dando voltas à cabeça a tentar lembrar-se da proveniência daqueles

misteriosos convidados.

— Vocês são amigos da minha noiva — disse ele.

— Sim, somos.

— Claro, claro. — Lorde Dumphee assentia com a cabeça. E foi então que veio nova baforada, mais fumo, e quando Jimmy já julgava que ele e Dolly estavam a salvo... — Só que, deve ser da minha falta de memória... um horror, meu velho, a culpa é da guerra e destas malditas noites sem pregar olho... mas não me lembro de a Eva mencionar um Sandbrook. São velhos amigos, é isso?

— Ah, sim. Eu e a Ava já nos conhecemos de há muito tempo.

— Eva.

— Isso mesmo. — Jimmy puxou Dolly para a frente. — Já conhece a minha esposa, Lorde Dumphee, já conhece a...

— Viola — disse Dolly, a sorrir como se tivesse a boca cheia de manteiga e esta se recusasse a derreter. — Viola Sandbrook. — Estendeu uma mão e Lorde Dumphee tirou o charuto da boca para lhe beijar. Ele afastou-se, mas não a largou, continuando a segurá-la na mão ao alto e percorrendo com olhar de cobiça o vestido e cada curva que se achava por baixo.

— Querido! — O grito aflautado chegou do lado oposto da pista. — Meu querido Jonathan.

Lorde Dumphee largou a mão de Dolly de imediato.

— Ah — disse ele, como um miúdo da escola a quem a ama apanhou a ver fotografias de nus —, aqui vem a Eva.

— Já são horas? — indagou Jimmy. Agarrou em Dolly pela mão e apertou-lha para lhe indicar a sua intenção. Ela reagiu quase em simultâneo. — Vai dar-me licença, Lord Dumphee — disse-lhe. — Os meus parabéns, mas eu e a Viola temos de ir apanhar o comboio.

*

E, com isto, puseram-se em fuga. Dolly ria-se tanto que mal o

conseguia acompanhar à medida que abriam caminho por entre a clientela que enchia o clube nocturno, se detinham junto ao bengaleiro para Jimmy atirar a senha ao empregado e levantar o casaco de Lady Gwendolyn, lançando-se em seguida degraus acima, dois a dois, saindo para o frio e escuridão da noite londrina.

Viera alguém do 400 no encalço de ambos — Dolly olhara de relance para trás e vislumbrara um homem muito corado e esbaforido com um cão de caça empanturrado — e só pararam depois de atravessar Litchfield Street, misturando-se com a assistência que abandonava o Teatro St. Martin's, e de se esquivarem pela minúscula Tower Lane. Só então se deixaram abater contra as paredes de tijolo, ambos ofegantes e perdidos de riso.

— A cara dele... — disse Dolly, a tentar recuperar o fôlego. — Ah, Jimmy, acho que, por muito anos que viva, nunca me hei-de esquecer daquela cara. Quando lhe falaste do comboio, ele ficou tão... *desnortado*.

Jimmy também se ria, um som caloroso no escuro. Não se via um palmo à frente do nariz; nem sequer a Lua cheia fora capaz de se derramar sobre os beirais e inundar a viela estreita com a sua luz prateada. Dolly estava tonta, transbordante de vida e felicidade e da energia peculiar decorrente de se enfiar numa pele alheia. Não havia nada que a deixasse mais eufórica, o momento invisível de transição em que deixava de ser Dolly Smitham para passar a ser Outra Pessoa. Os pormenores dessa Outra Pessoa não eram particularmente importantes; o que ela adorava era o frémito da actuação, o prazer sublime da farsa. Era como penetrar na existência de outra pessoa. De se apropriar dela temporariamente.

Dolly ergueu o olhar para o céu estrelado. Havia muito mais estrelas no *blackout*; era uma das coisas mais bonitas da guerra. Avistava grandes erupções desordenadas ao longe, baterias antiaéreas a retaliar o melhor que podiam; lá no alto, porém, as estrelas continuavam a cintilar, indiferentes a tudo o resto. Eram

como Jimmy, constatou ela, leais, estáveis, algo com que se podia contar na vida.

— Tu serias mesmo capaz de fazer qualquer coisa por mim, não serias? — indagou ela com um suspiro deleitado.

— Sabes bem que sim.

Jimmy agora já não se ria e, como se sacudido por uma rajada de vento, o ambiente na viela alterou-se. «Sabes bem que sim.» Sabia, pois, e, naquele instante, isso deixou-a tão feliz como assustada. Ou melhor, a sua reacção assustou-a. Ao ouvi-lo da própria boca dele, Dolly sentiu uma corda tanger bem fundo nas suas entranhas. Teve um arrepio. Sem pensar, procurou a mão dele no escuro.

Era quente, macia, grande, e Dolly levantou-a para lhe aflorar um beijo ao longo dos nós dos dedos. Ouvia-lhe a respiração e sincronizou o ritmo da sua com a dele.

Sentia-se destemida, adulta e poderosa. Sentia-se bonita e viva. Com o coração acelerado, pegou na mão dele e pousou-a nos seus seios.

Um som leve e gutural, um suspiro:

— Doll...

Ela silenciou-o com um beijo delicado. Não suportava ouvi-lo falar, não naquele momento; não sabia se voltaria a ganhar coragem. Esforçando-se por se recordar de tudo acerca do que ouvira Kitty e Louisa rirem-se na cozinha do número 7, Dolly estendeu uma mão e agarrou-lhe no cinto. Deixou-a deslizar mais para baixo.

Jimmy gemeu, inclinou-se para a beijar, mas ela desviou-se dos lábios dele a fim de lhe sussurrar ao ouvido:

— Tu disseste que farias tudo o que eu te pedisse?

Ele assentiu com a cabeça junto ao pescoço dela e respondeu-lhe:

— Sim.

— E que tal se me levasses a casa e me aconchegasses os cobertores?

*

Jimmy sentou-se na cama já Dolly adormecera havia muito tempo. A noite fora emocionante, ele não queria dá-la já por terminada. Não queria que nada viesse quebrar o feitiço. Uma bomba pesada rebentou algures nas proximidades e as gravuras emolduradas estremeceram na parede. Dolly mexeu-se enquanto dormia e Jimmy pousou-lhe delicadamente uma mão na cabeça.

Foram quase todo o caminho de regresso a Campden Grove em silêncio, ambos perfeitamente conscientes do peso inerente às palavras dela, do facto de que tinham ultrapassado uma fronteira e que seguiam agora um rumo que não tinha volta atrás. Jimmy nunca tinha estado na casa onde ela morava e trabalhava, Dolly era esquisita quanto a isso — a velha senhora tinha ideias bastante peremptórias na matéria, explicara-lhe ela, e Jimmy sempre respeitara a sua vontade.

Quando chegaram ao número 7, ela conduziu-o através dos sacos de areia e da porta da rua, fechando-a com cuidado para não fazer barulho atrás de ambos. A casa estava às escuras, ainda mais escura que lá fora por causa dos cortinados corridos, e Jimmy por um triz não tropeçou antes de Dolly acender um pequeno candeeiro de mesa ao fundo da escada. A lâmpada projectou um círculo de luz trémula ao longo da alcatifa e pela parede acima, e, pela primeira vez, Jimmy teve um vislumbre da imponência da casa onde Dolly morava. Não se demoraram no rés-do-chão, o que foi para ele um alívio: aquela grandiosidade toda intimidava-o.

Dolly desapertou as fivelas dos sapatos de salto alto, pendurou-os num dedo e levou-o pela mão. Com um dedo nos lábios e uma inclinação da cabeça, começou a subir a escada.

*

— Eu tomo conta de ti, Doll — sussurrara-lhe Jimmy quando

chegaram ao quarto dela. Já tinham esgotado o repertório de coisas a dizer um ao outro e estavam de pé junto à cama, à espera de que o outro tomasse a iniciativa. Ela rira-se ao ouvir isto, mas a sua voz deixava transparecer uma ponta de nervosismo, e, perante o laivo de insegurança juvenil que a gargalhada atraía, Jimmy sentira o seu amor por ela crescer ainda mais. Sentira-se um tanto ou quanto de pé atrás desde a proposta dela na viela, agora, porém, ao ouvi-la rir-se assim, ao pressentir a sua apreensão, Jimmy recuperara o domínio da situação e o mundo voltara subitamente a entrar nos eixos.

Sentiu um impulso para lhe arrancar o vestido do corpo, mas limitou-se a enfiar um dedo por baixo de uma das alças finas. A pele dela estava morna, embora a noite estivesse fria, e Jimmy sentiu-a tremer ao seu toque. O movimento leve e súbito provocou-lhe um nó na garganta.

— Eu tomo conta de ti — repetiu ele. — Agora e para sempre. — Desta feita, Dolly não se riu, e ele inclinou-se para a beijar. Santo Deus, que doce que era. Desabotoou-lhe o vestido vermelho, fez-lhe deslizar as alças dos ombros e deixou que ele caísse suavemente no chão. Dolly continuava de pé, o olhar cravado nele, os seios a oscilar a cada curta respiração, e depois sorriu, um daqueles meios-sorrisos de Dolly que o provocavam e o deixavam em ânsias e, quando deu por isso, ela já lhe tinha desfraldado a camisa...

Explodiu outra bomba, e pó de estuque soltou-se das molduras sobranceiras à porta. Jimmy acendeu um cigarro enquanto ouvia os disparos das baterias antiaéreas em retaliação. Dolly continuava a dormir, as pestanas pretas em contraste com as faces translúcidas. Jimmy acariciou-lhe um braço com delicadeza. Que idiota que fora, que perfeito idiota — recusar-se a casar com Dolly quando ela pouco faltara para lhe suplicar. Ali estava ele a apoquentar-se com a distância que pressentia entre ambos sem se deter um instante a reflectir na sua quota-parte de responsabilidade na situação. As velhas noções a respeito de casamento e dinheiro a que se

agarrara. Ao vê-la naquela noite, porém, ao vê-la como nunca antes a vira, a facilidade com que poderia ter perdido Dolly para aquele seu novo mundo, esclareceu-lhe as ideias de uma vez por todas. Podia dar-se por feliz por ela ter esperado por ele, por os sentimentos dela por ele continuarem inalterados. Jimmy sorriu, alisando-lhe o cabelo escuro e brilhante; o facto de ele estar deitado ao lado dela era prova disso mesmo.

Nos primeiros tempos, teriam de morar no apartamento dele — nada que se comparasse ao que Jimmy sonhara para Dolly, mas o pai estava instalado e não fazia muito sentido mudarem de casa enquanto a guerra se mantivesse. Quando acabasse, poderiam tentar arrendar outro apartamento numa zona melhor, talvez até falarem com o banco acerca de um empréstimo para comprar uma casa só deles. Jimmy tinha algum dinheiro de parte — andava a amealhar havia anos, cada moeda poupada dentro de um frasco — e o seu editor referia-se às suas fotografias em termos deveras encorajadores.

Puxou uma fumaça do cigarro.

Por agora, no entanto, teriam de se contentar com um casamento de guerra, não havia vergonha nenhuma nisso. Era romântico, parecia-lhe a ele — amor em tempos difíceis. Dolly seria sempre um encanto, fosse lá como fosse, e poderia pedir às amigas para serem damas de honor — Kitty, e a nova amiga, Vivien, cuja menção o deixava um tanto ou quanto apreensivo —, a Lady Gwendolyn Caldicott, quem sabe, para fazer as vezes do pai e da mãe, e Jimmy já tinha a aliança perfeita para lhe dar. Pertencera à mãe, e estava agora guardada numa caixa de veludo preto no fundo de uma gaveta do quarto dele. Deixara-a ficar quando se fora embora, com um bilhete a explicar porquê, debaixo da almofada do pai. Jimmy encarregara-se de olhar por ela desde então; a princípio, para lhe poder devolver quando ela regressasse; mais tarde, para ter uma recordação dela; mas, cada vez mais, à medida que foi crescendo, para um dia poder começar uma nova vida ao lado da mulher que

amava. Uma mulher que não o abandonasse.

Em miúdo, Jimmy adorava a mãe. A mãe era o seu encanto, o seu primeiro amor, a grande Lua brilhante cujo crescimento e declínio mantinha o seu pequeno espírito humano sob o poder dela. Ela costumava contar-lhe uma história, recordava-se agora, sempre que ele não conseguia dormir. Era acerca do *Estrela Rouxinol*, um barco, contava-lhe ela, um barco mágico — um grande e velho galeão com amplas velas e um mastro forte e robusto, que navegava através dos mares do sono, noite após noite, em busca de aventura. A mãe sentava-se na beira da cama dele, acariciando-lhe o cabelo e tecendo histórias do possante navio, e a voz dela ao narrar-lhe aquelas viagens maravilhosas era capaz de o tranquilizar como ninguém. Só quando Jimmy já flutuava rumo ao sono, com o navio a rebocá-lo em direcção à grande estrela a leste, é que ela se debruçava sobre ele e lhe segredava ao ouvido: «Agora vai, meu querido, vemo-nos esta noite no *Estrela Rouxinol*. Esperas por mim, não esperas? Vamos ter uma grande aventura os dois.»

Jimmy acreditara nisto durante muito tempo. Depois de a mãe se ir embora com o outro fulano, o tal homem rico bem-falante e com um automóvel grande e caro, contava a história a si próprio todas as noites, com a certeza de que a encontraria durante o sono, agarraria nela e a traria de volta para casa.

Julgara que nunca mais haveria de amar outra mulher como amara a mãe. Até que conhecera Dolly.

Jimmy acabou de fumar o cigarro e viu as horas; eram quase cinco. Se queria estar em casa a horas de fritar um ovo para o pequeno-almoço do pai, seria melhor ir andando.

Levantou-se o mais silenciosamente que conseguiu, vestiu as calças e apertou o cinto. Demorou-se mais uns instantes, atento a Dolly, e por fim chegou-se a ela para lhe plantar o mais leve dos beijos na face.

— Vemo-nos no *Estrela Rouxinol* — disse-lhe em voz baixa. Ela mexeu-se, mas não acordou, e Jimmy sorriu.

Esgueirou-se escada abaixo e porta fora, para o cinzento enregelante da alvorada invernosa de Londres. O tempo prometia neve, já lhe sentia o cheiro, e Jimmy soprava grandes baforadas de vapor enquanto caminhava, mas não tinha frio. Não naquela manhã. Dolly Smitham amava-o, os dois iam casar-se, e daí em diante nunca mais nada haveria de correr mal.

Capítulo 13

Greenacres, 2011

Ocorreu a Laurel, quando se sentou à mesa para jantar feijões assados com torradas, que era muito provavelmente a primeira vez que se encontrava sozinha em Greenacres. Nem a mãe nem o pai entregues aos seus afazeres noutra divisão, nem irmãs excitáveis a fazer ranger os soalhos por cima da sua cabeça, nem irmão bebé, nem animais de estimação. Nem sequer uma galinha empoleirada lá fora na capoeira. Laurel morava sozinha em Londres, e assim fora durante boa parte dos últimos quarenta anos; para ser franca, apreciava bastante a sua própria companhia. Esta noite, porém, rodeada de imagens e sons da sua infância, a solidão afectava-a com uma profundidade que não deixava de a surpreender.

— Tens a certeza de que ficas bem? — perguntara-lhe Rose nessa tarde antes de se ir embora. Deixara-se ficar à entrada do quarto, a torcer a ponta do seu longo colar de contas africanas e com a cabeça inclinada em direcção da cozinha. — Porque, se quiseses, sabes que *posso* ficar aqui contigo. Não achas que seria melhor eu ficar cá? Basta-me telefonar à Sadie e dizer-lhe que não chego a tempo de estar com ela.

Era um acontecimento inaudito, Rose a afligir-se com Laurel, e Laurel fora apanhada de surpresa.

— Que disparate! — retorquira ela, talvez num tom demasiado áspero. — Não vais fazer nada disso.

Rose não se deixou convencer.

— Não sei, Lol, é que... não é nada o teu género telefonares assim, sem mais nem menos. Em geral, andas sempre tão ocupada, e agora... — As contas ameaçavam soltar-se do fio. — Já sei o que vamos fazer: e se eu ligasse à Sadie e lhe dissesse que amanhã logo falava com ela? Não é maçada nenhuma.

— Rose, por favor... — Laurel representou na perfeição o papel da irmã exasperada — ... pelo amor de Deus, vai lá ter com a tua filha. Já te disse que só vim para aqui a fim de gozar uns dias de descanso antes de começar as filmagens de *Macbeth*. Para ser sincera, estou ansiosa por ter paz e sossego.

E era verdade. Laurel estava grata a Rose por esta se ter prontificado a levar-lhe as chaves, mas tinha a cabeça às voltas com a lista de coisas que sabia e as que ainda lhe faltava descobrir acerca do passado da mãe e estava ansiosa por ficar sozinha e pôr os pensamentos em ordem. Ao ver o automóvel de Rose desaparecer ao fundo do caminho de acesso a casa, sentira-se inundar por uma enorme expectativa. Parecia-lhe assinalar o início de algo. Finalmente, estava ali; conseguira, deixara a vida londrina organizada de modo a poder chegar ao âmago do grande segredo da família.

Agora, porém, sozinha na sala de estar vazia com um prato de jantar vazio por companhia e uma longa noite que se estendia à sua frente, Laurel sentiu a determinação a esmorecer. Arrependeu-se de não ter pensado melhor na proposta de Rose; a conversa amável da irmã era o ideal para impedir que o seu espírito vagueasse para recantos obscuros, e a sua ajuda viria agora a calhar. O problema eram os fantasmas, pois era óbvio que ela estava tudo menos sozinha, eles andavam por todo o lado: escondidos atrás dos cantos, a deambular escada acima, escada abaixo, a ecoar contra os azulejos da casa de banho. Meninas descalças e de bibe em diferentes etapas magricelas de crescimento; a figura alta e esbelta do pai a assobiar nas sombras; mas, acima de tudo, a mãe, que estava em todo o lado em simultâneo, que era aquela casa,

Greenacres, cuja paixão e energia infundiam cada tábuia de madeira, cada vidraça, cada pedra.

Achava-se agora a um canto da sala: Laurel via-a de onde estava, a embrulhar um presente de aniversário para Iris. Era um livro sobre a história da Antiguidade, uma enciclopédia infantil, e Laurel ainda se recordava de, na altura, se ter deixado entusiasmar pelas lindas ilustrações que revestiam as suas páginas, ilustrações a preto e branco de locais de tempos idos das quais se desprendia um certo mistério. O livro, enquanto objecto, afigurara-se nitidamente importante a Laurel, e lembrava-se da inveja que sentira ao ver Iris desembulhá-lo na cama dos pais, na manhã seguinte, quando a irmã começara a folheá-lo com um cuidado de proprietária e a ajeitar a fita que servia de marcador. Havia qualquer coisa num livro que inspirava dedicação e um desejo crescente de posse, sobretudo em Laurel, que na altura não tinha muitos.

Não eram uma família particularmente dedicada à leitura (as pessoas mostravam-se sempre surpreendidas ao ouvir isto), mas nunca lhes tinham faltado histórias. O pai possuía um vasto repertório de episódios para contar à mesa de jantar e Dorothy Nicolson era o género de mãe mais capaz de narrar contos de fadas da sua própria lavra do que aqueles que vinham nos livros.

— Alguma vez te falei — disse ela certa vez quando Laurel era pequena e se mostrava relutante em adormecer — do *Estrela Rouxinol*?

Laurel abanara avidamente a cabeça. Gostava das histórias da mãe.

— Não falei? Bom, então, o caso está explicado. Eu já estava admirada de nunca te ter visto por lá.

— Onde, mãezinha? O que é o estrela rouxinol?

— Bom, é o caminho para casa, claro, minha avezinha. E é o caminho para lá, também.

Laurel ficara confusa.

— O caminho para onde?

— Para todo o lado... todo o lado... — Nesse momento, a mãe sorriu, um sorriso que deixava sempre Laurel contente por estar junto dela, e chegou-se mais à filha, como se lhe quisesse contar um segredo, o cabelo escuro a cair-lhe para a frente, por cima de um ombro. Laurel adorava que lhe contassem segredos; e, como também tinha muito jeito para os guardar, ouviu atentamente a explicação da mãe: — O *Estrela Rouxinol* é um grande navio que todas as noites parte do cais do sono. Já alguma vez viste uma fotografia de um barco-pirata, com velas brancas enfunadas e escadas de corda sacudidas com violência pelas rajadas de vento?

Laurel assentiu esperançosamente com a cabeça.

— Então, quando o vires, irás reconhecê-lo, pois é tal e qual assim. O mastro mais aprumado que tu possas imaginar, e uma bandeira lá no alto, de tecido prateado com uma estrela branca e duas asas no meio.

— E como é que eu faço para subir a bordo, mãe? Vou ter de nadar? — Laurel não era grande nadadora.

Dorothy riu-se.

— Essa é a melhor parte de todas. A única coisa que vais ter de fazer é formular esse desejo, e esta noite, quanto adormeceres, vais dar por ti no convés ameno, pronta para zarpar rumo a uma grande aventura.

— E a mãezinha também lá vai estar?

Dorothy tinha uma expressão distante no rosto, uma expressão misteriosa que às vezes afivelava, como se se lembrasse de qualquer coisa que lhe causasse uma certa tristeza. Todavia, não tardou a sorrir e a despentear o cabelo de Laurel.

— Claro que sim, minha querida. Julgavas que eu te deixava ir sozinha, porventura?

*

Um comboio tardio que vinha a entrar na estação apitou ao longe

e Laurel soltou um suspiro. Parecia ecoar entre as paredes, e ela considerou acender o televisor, só para ter alguma espécie de ruído. Todavia, uma vez que a mãe se recusara terminantemente a mudar para um aparelho com controlo remoto, sintonizou a velha telefonia na BBC Radio 3 e pegou no seu livro.

Era o segundo romance de Henry Jenkins que lia, *A Musa Relutante*, e, verdade fosse dita, Laurel estava com uma certa dificuldade para o ler. De facto, começava a achar que o indivíduo tinha tendências machistas. Pelo menos, a personagem principal, Humphrey (tão irresistível quanto o protagonista masculino do seu outro livro), tinha algumas ideias questionáveis a respeito das mulheres. Adoração era uma coisa, mas ele parecia considerar a esposa, Viola, como um bem precioso, não tanto uma mulher de carne e osso, mas mais um espírito jovial que ele capturara e, por conseguinte, resgatara. Viola era um «elemento do mundo selvagem» trazido para Londres a fim de ser civilizado — por Humphrey, naturalmente — mas que a cidade nunca deveria ser autorizada a «corromper». Laurel revirou os olhos de impaciência. Dera por ela a desejar que Viola agarrasse as suas lindas saias e desatasse a fugir a sete pés para de onde tinha vindo.

Não fugiu, obviamente; aceitou casar-se com o seu herói — afinal de contas, tratava-se da história de Humphrey. Laurel, a princípio, simpatizara com a rapariga, parecera-lhe uma heroína enérgica e valorosa, imprevisível e fresca, mas, quanto mais lia, menos sinal dessa rapariga via. Laurel apercebeu-se de que estava a ser injusta: a pobre Viola pouco mais do que uma criança era e, por conseguinte, não se lhe podia levar a mal o discernimento questionável. E, sinceramente, o que percebia Laurel do assunto? Nunca fora capaz de manter uma relação por mais de dois anos. Não obstante, o casamento de Viola com Humphrey não correspondia à ideia de Laurel de um belo romance. Perseverou durante mais dois capítulos, que levaram o casal para Londres e consolidaram a criação da gaiola dourada de Viola, até que não

aguentou mais e fechou o livro abruptamente, tal era a sua frustração.

Ainda agora tinham dado as nove, mas Laurel decidiu que era uma boa altura para se ir deitar. Ao fim de um dia de viagem, estava cansada e queria levantar-se cedo na manhã seguinte para conseguir chegar ao hospital a horas e, com sorte, encontrar a mãe com boa disposição. O marido de Rose, Phil, emprestara-lhe um automóvel que tinha de reserva na sua garagem — um *Mini* dos anos 60, mais verde do que um gafanhoto — e, logo que estivesse despachada, pôr-se-ia a caminho da cidade. Com *A Musa Relutante* enfiada debaixo do braço, lavou o prato e foi deitar-se, deixando o rés-do-chão sombrio de Greenacres entregue aos fantasmas.

*

— Está cheia de sorte — disse a enfermeira azeda a Laurel à sua chegada ao hospital na manhã seguinte, esmerando-se por lhe dar um tom de circunstância lamentável. — Está a pé e toda bem-disposta. A festa da semana passada deixou-a esgotada, mas as visitas da família parecem fazer-lhe um bem imenso. Só lhe peço que não a excite demasiado. — E, com isto, exibiu um sorriso marcado por um considerável défice de afectuosidade e tornou a concentrar a sua atenção na prancheta de plástico onde estava a escrever.

Laurel abandonou os planos que trazia para uma estimulante sessão de dança irlandesa e encaminhou-se pelo corredor bege fora. Chegou ao quarto da mãe e bateu com delicadeza. Ao ver que não obtinha resposta, abriu a porta devagar. Dorothy estava recostada na poltrona, o corpo inclinado para o lado contrário à porta, e a primeira coisa que ocorreu a Laurel foi que a mãe estava a dormir. Só quando se aproximou sorrateiramente percebeu que a mãe estava acordada, muito atenta a qualquer coisa que tinha nas mãos.

— Ora viva, mãe — cumprimentou-a Laurel.

A velha senhora assustou-se e voltou a cabeça. Parecia ter a vista enevoada, mas sorriu ao dar pela chegada da filha.

— Laurel — disse ela baixinho. — Julguei que estavas em Londres.

— E estava, mas resolvi passar por cá.

A mãe não lhe perguntou o motivo e Laurel interrogou-se se uma pessoa chegaria a uma idade em que tanta coisa lhe era escondida, tantos pormenores da vida eram discutidos longe da sua presença, eram mal interpretados ou mal entendidos, que as surpresas já não a desconcertavam. Interrogou-se se também ela haveria um dia de descobrir que a clareza absoluta não era nem possível nem tão pouco desejável. Que perspectiva tão aterradora. Afastou o tabuleiro de rodas para um canto e sentou-se na cadeira sobresselente de vinil.

— O que é isso que aí tem? — Acenou com a cabeça para o objecto no colo da mãe. — É uma fotografia?

A mão de Dorothy tremeu quando lhe estendeu a pequena moldura de prata que embalava. Era antiga e estava danificada, mas tinha sido recentemente recuperada. Laurel não se lembrava de a ter visto antes.

— Do Gerry — disse a mãe. — Um presente do meu aniversário.

Era a prenda ideal para Dorothy Nicolson, a santa padroeira das coisas boas para deitar fora, e era típico de Gerry. No preciso momento em que parecia completamente desligada do mundo e de tudo o que nele habitava, vinha com um rasgo espantoso de visão. Laurel sentiu uma pontada de angústia quando se lembrou do irmão: deixara-lhe uma mensagem no *voice mail* da universidade; três mensagens, na verdade, desde que decidira sair de Londres. A última gravada a altas horas da noite depois de meia garrafa de vinho tinto, e que ela receava tivesse sido bastante mais explícita do que as anteriores. Laurel comunicara-lhe que se encontrava em Greenacres, decidida a descobrir o que fora que acontecera

«quando éramos miúdos», que as outras irmãs ainda não estavam a par dos pormenores e que ela precisava da ajuda dele. Na altura, afigurara-se-lhe uma boa ideia, mas ainda não tivera notícias de Gerry.

Laurel pôs os óculos de ver ao perto para poder observar a fotografia a sépia com mais atenção.

— Um casamento — disse ela, abarcando o grupo de estranhos em pose e traje a rigor atrás do vidro sarapintado. — Mas não é ninguém nosso conhecido, pois não?

A mãe não lhe respondeu, pelo menos não como esperava.

— Uma coisa deveras preciosa — comentou ela, abanando a cabeça com lenta tristeza. — Uma loja de beneficência... Foi lá que ele a encontrou. Essas pessoas... deviam estar penduradas na parede de alguém, não numa caixa de coisas que ninguém quer. É terrível, não é, Laurel, a facilidade com que as pessoas são deitadas fora?

Laurel concordou que sim.

— A fotografia é muito bonita, não é? — disse ela, fazendo deslizar o polegar pelo vidro. — Dos tempos da guerra, pelo aspecto das roupas, embora ele não esteja fardado.

— Nem toda a gente andava.

— Quer dizer, aqueles que se esquivavam à guerra.

— Havia outros motivos. — Dorothy tirou-lhe a fotografia da mão. Examinou-a uma vez mais e, em seguida, estendeu uma mão trémula para a colocar ao lado da fotografia emoldurada do seu casamento austero.

Ao ouvir mencionar a guerra, Laurel vira a oportunidade apresentar-se diante dela, a vertigem da expectativa. Não haveria seguramente melhor momento para abordar o assunto do passado da mãe.

— O que é que fazia no tempo da guerra, mãe? — indagou ela com indiferença estudada.

— Colaborava com o Serviço Voluntário Feminino.

Assim, sem mais nem menos. Nem hesitação, nem relutância, nada que sugerisse que era a primeira vez que mãe e filha afluam o tópico. Laurel fez o possível por não perder o fio à meada da conversa. — Está a referir-se a tricotar meias e a dar de comer aos soldados?

A mãe assentiu com a cabeça.

— Tínhamos uma cantina numa cripta da zona. Servíamos sopa... Às vezes, dirigíamos uma cantina móvel.

— O quê... Na rua, a esquivarem-se às bombas?

Outro leve aceno de cabeça.

— Mãe... — Laurel estava sem palavras. A resposta em si, o mero facto de ter obtido uma resposta. — A mãe era corajosa.

— Não — retorquiu Dorothy com inesperada brusquidão. Os lábios tremeram-lhe. — Havia pessoas de longe mais corajosas do que eu.

— A mãe nunca nos falou disso.

— Não.

«E porque não?», sentiu Laurel vontade de lhe suplicar. «Explique-me.» Para quê tanto segredo? Henry Jenkins e Vivien, a infância da mãe em Coventry, os anos da guerra antes de conhecer o pai... O que fora que acontecera para levar a mãe a agarrar a sua segunda oportunidade com tanta determinação, para a transformar numa pessoa capaz de matar o homem que ameaçava trazer-lhe o passado de volta para a assombrar. Ao invés, Laurel disse:

— Quem me dera tê-la conhecido naquela altura.

Dorothy esboçou um sorriso ténue.

— Teria sido difícil.

— A mãe percebe o que eu quero dizer.

A mãe ajeitou-se na cadeira, uma expressão incomodada a repuxar-lhe as rugas da testa vincada.

— Não me parece que tivesses gostado muito de mim.

— Então, mas porquê? Porque não?

A boca de Dorothy contraiu-se num esgar, como se aquilo que

quisesse dizer se recusasse a sair.

— Porque não, mãe?

Dorothy forçou um sorriso, mas uma sombra na sua voz e nos seus olhos desmentiu-o.

— As pessoas mudam com a idade... tornam-se mais sensatas, tomam decisões mais acertadas... Eu sou *muito* velha, Laurel. Qualquer pessoa que tenha vivido tantos anos como eu vivi não pode deixar de coleccionar remorsos pelo caminho... coisas que fizeram no passado... coisas que gostariam de ter feito de outra maneira.

O passado, os remorsos, as pessoas que mudavam... Laurel sentiu a emoção de ter enfim chegado ao seu objectivo. Esforçou-se por aparentar ligeireza, qual filha carinhosa que revela curiosidade pelo passado da mãe.

— Que espécie de coisas, mãe? O que gostaria de ter feito de outra maneira?

Mas Dorothy não lhe prestava atenção. O seu olhar parecia perdido na distância; os dedos estavam entretidos com os cantos da manta que tinha no colo.

— O meu pai costumava dizer-me que, se eu não tivesse cuidado, acabaria por me meter em sarilhos...

— Todos os pais dizem coisas desse tipo — retorquiu Laurel com prudência delicada. — Estou certa de que a mãe nunca fez nada pior do que qualquer um de nós.

— Ele bem me tentou prevenir, mas eu nunca lhe dei ouvidos. Estava convencida de que era a dona da razão. Fui castigada pelas minhas más decisões, Laurel... Perdi tudo... tudo o que amava.

— Como? O que foi que aconteceu?

Todavia, este discurso, quaisquer que fossem as recordações que trouxera atrás de si, cansara Dorothy, e esta perdera o ímpeto e deixara-se afundar nas almofadas. Os seus lábios movimentaram-se ligeiramente, mas não emitiram qualquer som e, passado um instante, ela deu-se por vencida e virou a cabeça para a janela

nevoeirenta.

Laurel observou a mãe de perfil, desejando ter sido outro tipo de filha, desejando dispor de mais tempo, poder voltar atrás e começar tudo do princípio, não deixar nada para a última e dar por ela sentada na cama da mãe no hospital com tantas lacunas por preencher.

— Ah, bom — disse ela em tom animador, experimentando mudar de tática —, a Rose mostrou-me algo verdadeiramente especial. — Foi buscar o álbum de família à respectiva prateleira e retirou do interior a fotografia da mãe ao lado de Vivien. Apesar do esforço por manter a compostura, reparou que os dedos lhe tremiam. — Estava dentro de um malão, creio eu, em Greenacres.

Dorothy pegou no retrato que a filha lhe estendia e olhou para ela.

Portas abriram-se e fecharam-se no corredor, uma campainha soou ao longe, automóveis pararam e tornaram a arrancar na pequena rotunda lá fora.

— Vocês eram amigas — encorajou-a Laurel.

A mãe assentiu com a cabeça, hesitante.

— Durante a guerra.

Novo aceno de cabeça.

— O nome dela era Vivien.

Desta feita, Dorothy olhou para a filha. A surpresa perpassou pelo seu rosto enrugado, seguida de algo mais. Laurel já se preparava para começar com explicações acerca do livro e a inscrição que este continha quando a mãe disse:

— Ela morreu — com uma voz tão sumida que Laurel mal a ouviu.

— A Vivien morreu durante a guerra.

Laurel recordava-se de ter lido qualquer coisa a este respeito no obituário de Henry Jenkins.

— Durante um bombardeamento aéreo — acrescentou ela.

A mãe não deu sinal de a ter ouvido. Estava novamente concentrada na fotografia. Os seus olhos estavam vítreos, as faces, subitamente húmidas.

— Eu mal me reconheço — confessou ela com uma voz fina e remota.

— Foi há muito tempo.

— Noutra vida. — Dorothy puxou um lenço de assoar amarrotado de algures e levou-o ao rosto.

A mãe continuava a falar baixinho atrás do lenço, mas Laurel não conseguia perceber tudo o que ela dizia: qualquer coisa a respeito de bombas e barulho e de ter medo de começar uma nova vida. Chegou-se mais a ela, a sensação de que as respostas estavam ao seu alcance, formigando intensamente na sua pele.

Dorothy virou-se para Laurel e, a julgar pela sua expressão amedrontada, dir-se-ia que tinha acabado de ver um fantasma. Estendeu uma mão e agarrou na manga da filha; quando falou, a voz saiu-lhe entrecortada.

— Eu fiz uma coisa, Laurel — murmurou ela —, durante a guerra... Não estava em mim, tudo me tinha corrido mal... Eu não sabia que mais havia de fazer e parecia-me ser o plano perfeito, uma maneira de pôr as coisas novamente nos eixos, mas ele descobriu... zangou-se.

Laurel sentiu um sobressalto no coração. *Ele*.

— Foi por isso que o tal homem veio a nossa casa, mãe? Foi por isso que ele veio naquele dia, o dia de anos do Gerry? — O peito retesou-se-lhe. Tinha outra vez dezasseis anos.

Dorothy continuava agarrada à manga da filha, o rosto macilento e a voz reduzida a um fio.

— Ele descobriu onde eu morava, Laurel... Não descansou enquanto não me encontrou.

— Por causa do que a mãe fez durante a guerra?

— Sim. — Quase inaudível.

— E o que foi, mãe? O que foi que fez?

A porta abriu-se e a enfermeira Rachel entrou com um tabuleiro.

— Horas de almoço — declarou ela em tom abrupto, pondo a mesa com rodas a jeito. Encheu um copo com chá morno até meio e

verificou se ainda havia água no jarro. — Quando acabar, é só tocar a campainha, querida — entoou ela com a sua voz demasiado sonora. — Nessa altura, eu volto e ajudo-a a ir à casa de banho. — Lançou uma olhadela à mesa para ver se estava tudo como devia ser. — Mais alguma coisa de que precise antes de eu me ir embora?

Dorothy estava atordoada, exausta, os seus olhos perscrutavam o rosto da enfermeira.

Este rasgou-se num sorriso animador, dobrando-se pela cintura de modo a poder chegar mais a ela.

— Precisa de mais alguma coisa, minha querida?

— Oh. — Dorothy pestanejou e esboçou um ténue sorriso perplexo que partiu o coração de Laurel. — Sim, sim, por favor. Eu preciso de falar com o Dr. Rufus...

— O Dr. Rufus? Está a quer dizer Dr. *Cotter*, querida...

Uma nuvem de confusão projectou-lhe uma breve sombra sobre o rosto pálido, posto o que ela respondeu:

— Sim... — com um sorriso ainda mais débil. — Claro, o Dr. Cotter.

A enfermeira assegurou-lhe de que pediria ao médico para a vir ver assim que tivesse oportunidade e, em seguida, virou-se para Laurel, apontando um dedo para a testa e dirigindo-lhe um Olhar Significativo. Laurel resistiu à tentação de estrangular a mulher com a alça da carteira enquanto esta fazia chiar os seus sapatos de solas de borracha pelo quarto fora.

A espera por que a enfermeira se fosse embora pareceu-lhe interminável: recolheu copos usados, tomou notas na ficha médica, interrompeu-se para tecer comentários demorados acerca da chuva intensa. Laurel já estava quase a arder de expectativa quando a porta finalmente se fechou atrás nas suas costas.

— Mãe? — incentivou-a ela, com mais brusquidão do que era seu desejo.

Dorothy Nicolson olhou para a filha. O seu rosto achava-se agradavelmente inexpressivo, e Laurel apercebeu-se subitamente

de que o que quer que a tivesse afligido com tanta premência antes da interrupção entretanto se desvanecera. Retrocedera, de volta ao sítio onde se escondem os velhos segredos. A sua frustração era de cortar o fôlego. Poderia insistir, perguntar-lhe: «E o que foi que a mãe fez para aquele homem vir atrás de si? Foi alguma coisa que tivesse que ver com a Vivien? Conte-me, por favor, para eu poder arrumar este assunto de uma vez por todas», todavia, o rosto querido, o rosto cansado da velha senhora, estava agora fixo nela com uma expressão de ligeira perplexidade, um sorriso ténue e apreensivo a formar-se ao dizer:

— Sim, Laurel?

Armando-se de toda a paciência de que dispunha (havia sempre o dia de amanhã, poderia fazer nova tentativa), Laurel retribuiu-lhe o sorriso e perguntou-lhe:

— Quer que a ajude com o almoço, mãe?

*

Dorothy não estava com grande apetite; tinha definhado na última meia hora, e Laurel apercebeu-se uma vez mais do estado de fragilidade em que a mãe se encontrava. A poltrona verde era um traste velho que tinham trazido de casa, e Laurel perdera a conta às vezes que vira a mãe sentada nela ao longo das décadas. No entanto, sem saber bem como nem porquê, as proporções da poltrona haviam-se alterado nos últimos meses, e agora era um autêntico estorvo que devorava o corpo franzino da mãe como um urso rezingão.

— E se eu lhe escovasse o cabelo? — sugeriu-lhe Laurel. — Apetece-lhe?

O laivo de um sorriso aflorou aos lábios de Dorothy e ela acenou ligeiramente com a cabeça.

— A minha mãe costumava escovar-me o cabelo.

— A sério?

— Eu fingia que não gostava... queria ser independente... mas na verdade deliciava-me.

Laurel sorriu-lhe enquanto ia buscar à prateleira atrás da cama a escova que comprara num antiquário; pressionou-a com delicadeza contra a penugem de dente-de-leão da mãe e tentou imaginar como teria sido ela na infância. Desejosa de aventura, sem dúvida, malandra às vezes, mas com um género de vivacidade mais capaz de despertar o afecto das pessoas do que de as fazer zangar. Laurel calculou que nunca haveria de descobrir, a menos que fosse a própria mãe a revelar-lho.

As pálpebras de Dorothy, finas como papel, tinham-se fechado, e as finas nervuras tesas que as sulcavam tremiam ocasionalmente perante quaisquer misteriosas imagens que se estivessem a formar na escuridão subjacente. A respiração dela foi abrandando à medida que Laurel lhe escovava o cabelo e, quando adoptou o ritmo do sono, a filha pôs a escova de parte esforçando-se por não fazer barulho. Aconchegou a manta de croché um pouco mais ao colo da mãe e deu-lhe um beijo ao de leve na face.

— Adeus, mãe — sussurrou-lhe. — Amanhã, eu volto.

Estava prestes a sair do quarto, pé ante pé, com cuidado para não agitar a carteira ou fazer barulho com as solas dos sapatos, quando ouviu uma voz sonolenta dizer:

— Aquele rapaz.

Laurel virou-se de repente, apanhada de surpresa. A mãe continuava de olhos fechados.

— Aquele rapaz — tartamudeou ela.

— Que rapaz?

— Aquele com quem tu andas... o Billy. — Os seus olhos enevoados abriram-se e ela virou a cabeça para Laurel. Levantou um dedo trémulo e, ao falar, a sua voz era suave, triste. — Tu achas que eu não dei por isso? Achas que eu em tempos também não fui jovem? Que eu não sei o que é uma rapariga apaixonar-se por um rapaz bonito?

Laurel apercebeu-se de que a mãe já não estava no quarto do hospital; que se achava de regresso a Greenacres, a falar com a filha adolescente. Sentiu um súbito desalento.

— Estás a ouvir o que te digo, Laurel?

Engoliu em seco, a tentar recuperar a voz.

— Estou a ouvi-la, mãezinha. — Havia muito tempo que não tratava a mãe assim.

— Se ele te pedir em casamento e tu sentires amor por ele, então deves aceitar... Entendes o que te digo?

Laurel assentiu com a cabeça. Sentia-se estranha, estonteada e cheia de calor. As enfermeiras já a tinham avisado de que ultimamente a mãe andava com tendência para divagar, entrando e saindo do presente como o sintonizador de um rádio que falha a estação. Mas o que fora que a trouxera ali? Porque haveria a sua atenção de se dirigir para um rapaz que mal conhecera, uma paixoneta passageira de Laurel de há tanto tempo?

Os lábios de Dorothy movimentaram-se um contra o outro com suavidade e, em seguida, ela disse:

— Eu fiz tantos disparates... tantos disparates. — As suas faces estavam húmidas das lágrimas. — Amor, Laurel, é a única razão por que uma pessoa se deve casar. Por amor.

*

Laurel ainda conseguiu chegar aos lavabos do corredor do hospital. Abriu a torneira, uniu as mãos em concha e encheu-as de água para humedecer a cara; em seguida, apoiou as palmas no lavatório. Reparou em finas rachas em volta do ralo que, à medida que a sua visão se toldava, confluíam umas nas outras. Laurel fechou os olhos. Sentia a pulsação a martelar-lhe os ouvidos. Santo Deus, tremia por todos os lados.

Não se tratava apenas de a mãe ter falado com ela como se fosse uma adolescente, de ter obliterado instantaneamente cinquenta

anos, de ter ido buscar um rapaz a um passado tão distante, a sensação longínqua do primeiro amor a esvoaçar ao redor. Eram as próprias palavras, a urgência na voz da mãe, a sinceridade que sugeria que ela estava a oferecer à filha adolescente a sabedoria resultante da sua própria experiência. Que estava a pressionar Laurel para fazer escolhas que ela, Dorothy, não fizera... para evitar que cometesse os mesmos erros que ela.

Mas não fazia sentido. A mãe amara o pai; Laurel estava tão certa disto como do próprio nome. Haviam sido casados durante cinquenta e cinco anos, até à morte do pai, sem o mais leve indício de discórdia conjugal. Se Dorothy se tivesse casado por outro motivo, se tivesse passado tantos anos arrependida da sua decisão, saíra-se lindamente a fingir o contrário. Não haveria seguramente ninguém capaz de representar tão bem. Era óbvio que não. Para além disso, Laurel ouvira vezes sem conta a história de como os pais se haviam conhecido e apaixonado um pelo outro; vira o ar embevecido da mãe a olhar para o pai enquanto este contava como ele soubera instantaneamente que os dois estavam destinados a ser marido e mulher.

Laurel ergueu o olhar. Não obstante, a avó Nicolson tivera lá as suas dúvidas, não fora? Laurel sempre se apercebera da existência de um certo mal-estar entre a mãe e a avó; uma formalidade na maneira como falavam uma com a outra, a rigidez dos lábios da mulher mais velha quando olhava para a nora e julgava que ninguém a estava a ver. E depois houvera aquela ocasião, Laurel teria os seus quinze anos e estavam de visita à pousada da avó Nicolson à beira-mar, em que ela entreouvira uma conversa que não era destinada aos seus ouvidos. Certa manhã, estivera demasiado tempo ao sol e voltara para casa com uma dor de cabeça terrível e um forte escaldão nos ombros. Estava deitada no quarto às escuras, com uma flanela molhada na testa e uma grande aflição no peito, quando a avó Nicolson e uma hóspede já de idade, a Menina Perry, calharam de passar no corredor.

— O mérito pelo filho que tem é todo seu, Gertrude — estava a Menina Perry a dizer. — Claro que sempre foi um bom rapaz.

— É verdade, vale quanto pesa, o meu Stephen. Ajuda-me mais aqui do que o pai alguma vez ajudou. — A avó fez uma pausa, à espera do resmungo de concordância entendida proveniente da sua consorte, e em seguida prosseguiu: — E, para além do mais, tem um bom coração. Sempre foi incapaz de resistir a um animal vadio.

Foi neste momento que o interesse de Laurel despertou. As palavras vinham carregadas de ecos de outras conversas, e não havia dúvida de que a Menina Perry parecia saber precisamente ao que a avó se referia.

— Não — comentou ela. — O rapaz não teve qualquer hipótese, pois não? Bonita como é, o contrário é que seria de admirar.

— Bonita? Bom, admito que sim, para quem aprecia o género. Um pouco... — a avó fez nova pausa, e Laurel empertigou o pescoço para ouvir a palavra que ela iria escolher — ... um pouco *madura* de mais para o meu gosto.

— Ah, sim — a Menina Perry arrepiou caminho a toda a velocidade —, madura, sem dúvida. Soube reconhecer uma boa oportunidade quando a viu aparecer-lhe pela frente...

— Lá isso soube.

— Soube reconhecer uma boa alma.

— Nem mais.

— E pensar que ele se poderia ter casado com uma boa rapariga aqui das redondezas, como a Pauline Simmonds, que mora ao fundo da rua, por exemplo. Eu sempre achei que ela tinha um fraquinho por ele.

— Claro que tinha — ripostou a avó —, e quem lhe poderia levar a mal por isso? Mas nenhuma de nós contava que a Dorothy aparecesse, pois não? A pobre Pauline não teve a mínima hipótese, logo com uma da laia dela, e para mais estando com ela fisgada.

— Foi pena! — A Menina Perry trazia o seu papel bem ensaiado. — Uma pena, de facto!

— Enfeitiçou-o, foi o que ela fez. O meu querido filho já nem sabia de que terra era. Ele estava convencido de que ela era uma ingénua, claro, e quem lhe poderia levar a mal por isso?... Quando se casaram, tinha regressado de França há meia dúzia de meses. Ela deu-lhe a volta à cabeça... É mesmo daquele género de mulheres, não acha?, que, quando enfiam uma coisa na ideia, não descansam enquanto não conseguem os seus intentos.

— E ela queria-o.

— Ela queria alguém que a salvasse e apanhou o meu filho mesmo a jeito. Mal se casaram, afastou-o de tudo e todos que ele conhecia para começar uma nova vida numa quinta a cair aos bocados. E a culpada fui eu, claro!

— Não diga uma coisa dessas nem a brincar!

— Quem a trouxe cá para casa fui eu.

— Estávamos em guerra, era quase impossível arranjar criadagem que se aproveitasse... A Gertrude não poderia ter adivinhado!

— Mas a questão é precisamente essa. Eu deveria ter adivinhado; deveria ter feito por me informar sobre ela. Fui demasiado crédula. Pelo menos, a princípio. Só passado uns tempos é que fiz averiguações a respeito dela e, nessa altura, já era tarde de mais.

— Tarde de mais como? Tarde de mais para o quê? O que foi que descobriu?

Todavia, fosse o que fosse que a avó Nicolson tivesse descoberto, permanecera envolto em mistério para Laurel, pois antes de a avó ter oportunidade para se alongar, as duas afastaram-se do alcance dos seus ouvidos. Para ser franca, na altura, Laurel não se preocupara muito com isso. A avó Nicolson era puritana por natureza e gostava de chamar a atenção sobre si própria tornando a vida da neta um autêntico inferno: bastava ela olhar, de relance que fosse, para um rapaz na praia, para a avó ir logo fazer queixa aos pais. O que quer que a avó julgasse que tinha descoberto a respeito da mãe, concluiu Laurel, ainda deitada a maldizer a cabeça

latejante, seria seguramente um exagero, se não mesmo pura ficção.

Agora, porém (Laurel secou a cara e as mãos), agora já não estava tão certa disso. As suspeitas da avó (que Dorothy andava à procura de alguém que a salvasse, que não era tão ingênua quanto aparentava, que o casamento apressado fora de conveniência) pareciam, sob alguns aspectos, coincidir com aquilo que a mãe acabara de lhe revelar.

Viria Dorothy Smitham fugida de um noivado desfeito quando fora dar à pousada da Sr.^a Nicolson? Teria sido isso que a avó descobrira? Era possível, mas não poderia ser apenas isso. Um relacionamento anterior talvez fosse suficiente para azedar os ânimos da avó — Deus sabia que não era preciso muito —, mas não seria certamente motivo para continuar a fazer a mãe chorar sessenta anos decorridos (de sentimento de culpa, parecia a Laurel: aquela conversa toda sobre disparates, de não saber tomar decisões acertadas), a menos que tivesse fugido do noivo sem o avisar? Mas, se estava tão apaixonada por ele, porque teria a mãe feito semelhante coisa? Porque não se casara ela com ele? E o que é que isso tinha que ver com Vivien e Henry Jenkins?

Havia qualquer coisa que escapava a Laurel — muitas coisas, provavelmente. Soltou um suspiro acalorado de exaspero que ecoou na pequena casa de banho de azulejo. Sentia-se completamente frustrada. Tantas pistas díspares que, por si só, não queriam dizer nada. Laurel arrancou uma folha de papel higiénico e limpou o rímel que lhe escorrera dos olhos. Aquele mistério fazia lembrar o início do jogo de unir os pontos de uma criança, ou uma constelação no céu nocturno. Em tempos, quando Laurel era pequena, o pai levava-as a observar o céu. Tinham montado um acampamento na colina sobranceira a Blindman's Wood e, enquanto esperavam pelo cair da noite e o aparecimento das estrelas, o pai contara-lhes de uma ocasião em que se perdera em miúdo e se orientara pelas estrelas para conseguir encontrar o caminho de casa.

«Só têm de procurar as imagens», explicara-lhes o pai, enquanto instalava o telescópio no tripé. «Se alguma vez derem por vocês sozinhas no escuro, elas indicam-vos o caminho de volta.»

« Mas eu não vejo imagens nenhuma», protestara Laurel, esfregando as luvas uma na outra e semicerrando os olhos para as estrelas que cintilavam no céu.

O pai sorrira-lhe então com carinho. «Isso é porque tu estás a olhar para as estrelas em si», disse-lhe «e não para os espaços entre elas. Tens de desenhar linhas na tua imaginação; só depois poderás começar a ver a imagem completa.»

Laurel viu-se ao espelho do hospital. Pestanejou, e a recordação do seu querido pai desvaneceu-se. Uma pontada súbita de desgosto mortal instalou-se em seu lugar: tinha saudades dele, estava a envelhecer, a mãe definhava a olhos vistos.

Mas que estado lastimoso era o seu. Laurel pegou no pente e fez o melhor possível por arranjar o cabelo. Já era alguma coisa. Encontrar imagens nas constelações nunca fora o seu ponto forte. Gerry era, dos irmãos, o que despertava a admiração geral ao conseguir dar sentido ao céu nocturno; já em miúdo, era capaz de identificar os padrões e as imagens onde Laurel não via senão estrelas dispersas.

A lembrança do irmão veio atormentar Laurel. Deveriam estar juntos naquela demanda, ora bolas! Pertencia-lhes a ambos. Pegou no telemóvel e verificou as chamadas não atendidas.

Nada. Ainda nada.

Percorreu a lista telefónica até chegar ao número do emprego de Gerry e carregou na tecla de chamada. Aguardou, roendo a unha do polegar e lastimando (e não era a primeira vez) a recusa terminante do irmão para arranjar um telemóvel, à medida que um telefone numa secretária atafalhada de papéis tocava e se fartava de tocar ao longe, em Cambridge. Por fim, um estalido e de seguida: «Olá, ligou para Gerry Nicolson. Neste momento, ando à caça de estrelas. Se quiser, pode deixar os seus dados.»

Contudo, nenhuma promessa de que ele se serviria deles para retribuir a chamada, constatou Laurel com ironia. Não deixou ficar mensagem. Por enquanto, teria de continuar por sua conta e risco.

Capítulo 14

Londres, Janeiro de 1941

Dolly entregou a milésima tigela de sopa e sorriu ao que quer que o jovem bombeiro lhe estivesse a dizer. As gargalhadas, as conversas, a música do piano estavam demasiado altas para poder ouvir com clareza, mas, a avaliar pela expressão dele, era qualquer coisa dentro do género atiradiço. Um sorriso nunca comprometia ninguém, e Dolly assim fez, e, quando ele pegou na sopa e foi à procura de um lugar onde se sentar, ela recebeu por fim a sua recompensa, com um intervalo na correnteza de bocas famintas a que dar de comer e uma oportunidade para se sentar e dar descanso aos pés.

Estavam a *matá-la*. Atrasara-se à saída de Campden Grove devido ao «desaparecimento» do saco das guloseimas de Lady Gwendolyn, mergulhando a velha senhora num estado de colossal desgraça. Os doces acabaram por aparecer, espalmados contra o colchão, debaixo do grande traseiro da grande dama; nessa altura, porém, Dolly já estava tão apertada de tempo que teve de ir a correr todo o caminho até Church Street com um par de sapatos de cetim feitos com o exclusivo objectivo de ser admirados. Chegara ofegante e com os pés doridos, vendo desde logo deitadas por terra as suas esperanças de entrar sorrateiramente a coberto do véu de soldados embriagados. Foi detectada em plena fuga pela chefe de equipa, a Sr.^a Waddingham, uma mulher com uma cara que mais parecia um focinho e um caso sério de eczema que a constrangia a

usar luvas e a um mau humor constante, estivesse bom ou mau tempo.

— Outra vez atrasada, Dorothy — disse-lhe ela, através de uns lábios mais apertados do que o rabo de um *basset*. — Preciso de si na cozinha a servir sopa; temos andado a noite toda sem mãos a medir.

Dolly conhecia a sensação. Para piorar ainda mais as coisas, uma olhadela bastou para lhe confirmar que a sua pressa fora em vão; Vivien não se encontrava lá. O que não fazia sentido, porque Dolly tivera o cuidado de verificar que fariam sempre o turno da noite juntas; ainda para mais, acenara a Vivien da janela de Lady Gwendolyn não havia nem uma hora, quando a vira sair do número 25 com a farda do Serviço Voluntário Feminino.

— Toca a despachar, rapariga — insistiu a Sr.^a Waddingham, incentivando-a com um gesto das mãos enluvadas. — Vá já para a cozinha. Era só o que faltava a guerra agora ter de esperar por causa de uma rapariga da sua laia, não acha?

Dolly conteve o impulso de lhe acertar um valente pontapé nas canelas, mas concluiu que não seria o mais apropriado. Conteve um sorriso (havia alturas em que a imaginação compensava amplamente a realidade) e, ao invés, presenteou a Sr.^a Waddingham com um obediente aceno de cabeça.

*

A cantina fora instalada na cripta da Igreja de Santa Maria, e a «cozinha» era um pequeno recesso varrido por correntes de ar, ao longo do qual tinha sido montada uma mesa de cavalete com uma saia e uma fiada de bandeiras do Reino Unido para formar um balcão. Havia um pequeno lava-louças ao canto e um fogão de parafina para manter a sopa aquecida; e, o melhor de tudo no que se referia a Dolly naquele momento, um banco da igreja de reserva encostado à parede.

Lançou uma última olhadela ao seu redor para se assegurar de que a sua ausência passaria despercebida: a sala estava cheia de militares satisfeitos, meia dúzia de condutores de ambulância entretidos a jogar ténis de mesa, e o resto das senhoras do Serviço Voluntário Feminino estavam ocupadas a dar às agulhas e à língua num canto ao fundo. A Sr.^a Waddingham achava-se entre elas, de costas voltadas para a cozinha, e Dolly decidiu arriscar-se à fúria do dragão. Duas horas em pé eram um autêntico suplício. Sentou-se e descalçou os sapatos; com um suspiro de doce alívio, pôs-se a arquear os pés calçados com meias para a frente e para trás.

Os membros do SVF não estavam autorizados a fumar na cantina (regulamento de prevenção contra incêndios), mas Dolly vasculhou a carteira e retirou um dos maços frescos e estaladiços que o Sr. Hopton, o merceeiro, lhe arranjava. Os soldados fumavam sempre (ninguém tinha coragem de os impedir) e uma nuvem constante e pardacenta de tabaco cingia o tecto; Dolly considerou que ninguém haveria de reparar se um pouco mais seguisse pelo mesmo caminho. Pôs-se à vontade no pavimento de tijoleira e acendeu o fósforo, entregando finalmente os seus pensamentos ao acontecimento deveras portentoso que se dera nessa tarde.

Tudo começara de forma bastante banal: Dolly fora despachada para a mercearia depois do almoço e, por muito constrangedor que fosse agora lembrar-se disso, a tarefa pusera-a de péssimo humor. Ultimamente, não era fácil encontrar guloseimas, dado o racionamento do açúcar e tudo o mais, mas Lady Gwendolyn não era pessoa para aceitar um não como resposta e Dolly vira-se obrigada a arrastar-se pelas ruas laterais de Notting Hill à procura do amigo do senhorio, tio de alguém, que — corria o rumor — ainda tinha contrabando desse género para venda. Duas horas mais tarde, acabara de regressar ao número 7 e ainda estava a tirar o lenço do pescoço e as luvas quando ouvira tocar à porta.

A julgar pelo dia que estava a ter, Dolly não se admiraria nada de se tratar de um bando de garotos maçadores a recolher restos de

metal para o fabrico de *Spitfires*; em lugar disso, deparou com um indivíduo baixo e asseado de bigode fino e uma mancha congénita a cobrir-lhe uma face. Trazia uma enorme pasta preta de crocodilo, a rebentar pelas costuras e cujo peso parecia causar-lhe algum desconforto. Um olhar de relance ao cabelo ralo penteado para o lado a disfarçar a calva bastava, no entanto, para reconhecer que não era pessoa para admitir contrariedades.

— Pemberly — anunciou ele em tom abrupto —, Reginald Pemberly, solicitador jurídico, para falar com Lady Gwendolyn Caldicott. — Aproximou-se para acrescentar, com uma descida circunspecta da voz: — É um assunto de certa urgência.

Dolly já ouvira falar no Sr. Pemberly («Uma autêntica doninha, não chega nem aos calcanhares do pai. Mas, como sabe manter um livro de contas em ordem, autorizei-o a tratar dos meus negócios...»), mas era a primeira vez que o tinha diante dos seus olhos. Franqueou-lhe a entrada, afastando-o do frio de enregelar, e correu escada acima a fim de verificar se Lady Gwendolyn tinha prazer em vê-lo. Nunca tinha prazer nenhum, muito pelo contrário, mas como, no que respeitava a assuntos de dinheiro, se mantinha sempre alerta (e apesar de sugar as bochechas com um ar de desdém intratável), acenou com a mão porcina para indicar que se dignava a receber o indivíduo nos seus aposentos.

— Boa tarde, Lady Gwendolyn — ofegou o solicitador (afinal de contas, eram três lanços de escadas). — Peço imensa desculpa por vir assim sem avisar, mas são os bombardeamentos, sabe. Fui atingido com certa gravidade em Dezembro passado e perdi todos os meus papéis e documentos. Uma maçada, como pode imaginar, mas agora estou a pôr tudo em ordem... Doravante, passarei a trazê-los sempre comigo. — Assentou uma palmada na pasta volumosa.

Dolly recebeu ordem para se retirar e passou a meia hora seguinte no seu quarto, armada de cola e tesoura, a actualizar o seu Livro de Ideias e a olhar para o relógio com ansiedade crescente à

medida que se aproximava a hora do turno do SVF. Por fim, a campainha de prata tilintou lá em cima e ela foi novamente chamada aos aposentos da senhora.

— Acompanhe o Sr. Pemberly à porta — ordenou-lhe Lady Gwendolyn, interrompendo-se para dar um soluço empanturrado —, e depois volte cá acima para me aconchegar os cobertores. — Dolly sorriu e assentiu com a cabeça, e estava à espera de que o solicitador içasse a pasta quando a patroa acrescentou, com a sua costumeira negligência: — Esta aqui é a Dorothy, Sr. Pemberly, a Dorothy Smitham. A rapariga de que lhe falei há pouco.

Depois disto, a conduta do solicitador sofrera uma mudança imediata.

— Muito gosto em conhecê-la — disse ele com grande deferência, afastando-se para dar passagem a Dolly e segurando-lhe a porta. Vieram todo o caminho escada abaixo a fazer conversa de circunstância e, uma vez chegados à porta da rua, quando estavam a fazer as despedidas, o solicitador virou-se para ela e, com um laivo de reverência, disse-lhe: — Você conseguiu um feito notável, minha jovem. Não me lembro de alguma vez ter visto Lady Gwendolyn tão *bem-disposta*, pelo menos depois daquele incidente desagradável com a irmã. Olhe que ela nem uma vez sequer me levantou a mão e muito menos a bengala, durante todo o tempo em que estivemos juntos. Magnífico. Não admira que mostre ter uma predilecção tão grande por si. — E, dito isto, surpreendeu Dolly com uma piscadela de olho.

«Um feito notável... pelo menos depois daquele incidente desagradável com a irmã... uma predilecção tão grande por si.» Sentada no pavimento de laje da cantina na cripta, Dolly lembrava estas palavras com um leve sorriso. Havia ali muito que assimilar. O Dr. Rufus aludira à possibilidade de Lady Gwendolyn alterar o testamento de modo a incluir Dolly, e a velha senhora por vezes tecia comentários nesse sentido, mas não era a mesma coisa, pois não?, do que falar de facto com o solicitador,

confessar-lhe o quanto gostava da sua jovem acompanhante, que era como se fosse da fam...

— Ora viva. — Uma voz familiar veio interromper os pensamentos de Dolly. — O que é que uma pessoa tem de fazer para que alguém o sirva aqui?

Dolly ergueu o olhar, assustada, e deparou-se com Jimmy debruçado sobre o balcão a espreitá-la. Ele riu-se e uma madeixa de cabelo preto caiu-lhe para os olhos.

— A fazer gazeta, é isso, Menina Smitham?

Dolly sentiu o sangue a esvair-se-lhe do rosto.

— O que é que tu estás aqui a fazer? — indagou ela, levantando-se apressadamente.

— Estava aqui na zona. A trabalhar. — Jimmy apontou para a máquina fotográfica pendurada ao ombro. — Lembrei-me de dar cá uma saltada e vir buscar a minha namorada.

Ela levou um dedo aos lábios para o calar, apagando o cigarro contra a parede.

— Combinámos encontrar-nos na Lyons Corner House — sussurrou ela, correndo para o balcão e ajeitando a saia. — Eu ainda não acabei o meu turno, Jimmy.

— E, ao que vejo, estás atarefadíssima. — Ele sorriu, mas Dolly não.

Olhou de relance para a sala animada atrás dele. A Sr.^a Waddingham continuava a tagarelar ao mesmo tempo que tricotava e não havia sinal de Vivien; não obstante, era arriscado.

— Vai tu andando — disse-lhe ela em voz baixa. — Eu irei ter contigo logo que possa.

— Eu não me importo de esperar; é da maneira que tenho oportunidade para ver a minha namorada em acção. — Inclinou-se sobre o balcão para a beijar, mas Dolly esquivou-se.

— Estou a trabalhar — disse-lhe ela à laia de justificação. — Estou fardada. Não seria admissível. — Jimmy não se mostrou inteiramente convencido com tão súbita observância do protocolo, e

Dolly enveredou por outro rumo. — Ouve — acrescentou ela, no tom mais ligeiro de que foi capaz. — Vai para ali e arranja um lugar... Toma, leva uma sopa. Entretanto, eu acabo isto, vou buscar o meu casaco e depois já nos podemos ir embora. Está bem assim?

— Por mim, está.

Ficou a vê-lo a afastar-se e só respirou de alívio depois de ele se sentar, quase ao fundo da sala. Os dedos tremiam-lhe de nervoso. O que teria passado pela cabeça de Jimmy, para ir ter com ela ali, quando ela fora tão explícita acerca de se encontrarem no restaurante? Se Vivien estivesse a trabalhar, como estava previsto, Dolly não teria tido outro remédio se não apresentá-los, e isso teria sido a desgraça de Jimmy. Uma coisa era no 400, com ele tão bonito e elegante disfarçado de Lorde Sandbrook, ali, porém, naquela noite, trajado com a sua roupa de todos os dias, todo sujo e esfarrapado ao fim de uma noite a trabalhar nas zonas bombardeadas... Dolly arrepiou-se só de pensar no que Vivien haveria de dizer se descobrisse que ela tinha um namorado daqueles. Pior ainda, o que aconteceria se Lady Gwendolyn descobrisse?

Até agora — e não fora fácil —, Dolly conseguira manter Jimmy em segredo de ambas, do mesmo modo que tivera o cuidado de não o sobrecarregar com conversas a respeito da sua vida em Campden Grove. Mas como haveria ela de manter os seus dois mundos separados se ele ganhava o hábito de fazer precisamente o contrário do que ela lhe pedia? Tornou a enfiar os pés dentro dos sapatos bonitos, mas dolorosos, e mordeu o lábio inferior. Era complicado, e ela nunca haveria de ser capaz de explicar isso ao namorado, não de maneira a que ele compreendesse, mas a verdade era que estava a tentar evitar que Jimmy saísse magoado. O lugar dele não era ali, na cantina, tal como não era no número 7 de Campden Grove ou atrás de um cordão vermelho no 400. Ao passo que o dela, sim.

Dolly mirou-o de relance, a comer a sua sopa. Tinham passado

momentos tão agradáveis juntos, os dois: na outra noite, no 400, e depois no quarto dela; mas as pessoas que pertenciam àquele lado da vida dela não podiam saber que eles tinham estado juntos daquela maneira, nem Vivien e muito menos Lady Gwendolyn. Dolly ardia de ansiedade dos pés à cabeça só de imaginar o que poderia acontecer se a sua velha amiga soubesse da existência de Jimmy. O desgosto que ela não teria se receasse correr o risco de perder Dolly, tal como perdera a irmã...

Com um sorriso atormentado, Dolly abandonou o balcão e foi buscar o casaco. Iria ter uma conversa com ele, arranjar uma forma delicada de o fazer compreender que era melhor para ambos se levassem as coisas com mais calma. Jimmy não iria ficar nada satisfeito, Dolly sabia; detestava fingimentos; era uma daquelas pessoas cheias de princípios, habituadas a encarar as coisas com uma rigidez assustadora. Mas ele acabaria por ceder; ela estava certa disso.

Dolly já estava animada quando chegou à arrecadação e tirou o casaco do cabide, mas a Sr.^a Waddingham apressou-se a desmanchar-lhe o prazer.

— Está cheia de pressa hoje, não é verdade, Dorothy? — Antes de ela ter tempo de lhe responder, a outra farejou o ar desconfiada e perguntou-lhe: — Será possível que até aqui dentro me cheire a tabaco?

*

Jimmy enfiou a mão discretamente no bolso das calças. Ainda lá estava, a caixa de veludo preto, tal como estivera nas últimas vinte vezes em que ele verificara. Estava a começar a tornar-se uma obsessão, não havia dúvida, mais um motivo para que quanto mais cedo enfiasse o anel no dedo de Dolly, melhor. Já imaginara a cena vezes sem conta, mas continuava nervoso como o diabo. O problema era que queria que o momento fosse perfeito, e Jimmy

não acreditava na perfeição, não em termos gerais, não depois de tudo quanto já vira, o mundo desfeito, tanta morte e tanto sofrimento. Mas Dolly, sim, acreditava, e por isso ele iria fazer o melhor possível.

Tentou fazer uma reserva num dos restaurantes chiques por que ela ansiava ultimamente, o Ritz ou o Claridge's, mas verificou que já estavam cheios e não houve explicações ou súplicas capazes de os convencer a ceder-lhe uma mesa. A princípio, Jimmy ficara desiludido, e as velhas emoções tão suas conhecidas de querer estar melhor na vida do que estava, ser mais rico do que era, vieram à tona. Ele, porém, pusera-as para trás das costas e concluía que fora melhor assim: afinal de contas, aqueles sítios finos não lhe diziam nada e, numa noite tão importante como aquela, Jimmy não queria ter a sensação de que fingia ser uma coisa que não era. Fosse como fosse, tal como dissera o patrão na brincadeira, com os racionamentos ao ponto que tinham chegado, o mais certo seria servirem-lhe no Claridge's a mesma *Woolton Pie*^[16] que lhe serviriam no Lyons Corner House, só que mais cara.

Jimmy tornou a olhar para o balcão, mas Dolly já lá não estava. Calculou que tivesse ido buscar o casaco e retocar o batom, ou qualquer outra das coisas que as raparigas consideravam imprescindíveis para ficarem bonitas. Preferia que ela não fizesse isso; Dolly não precisava de maquilhagem nem de roupas sofisticadas. Eram como máscaras, pensava Jimmy às vezes, que escondiam a essência das pessoas, precisamente aquilo que a tornava genuína e vulnerável e, por conseguinte, mais bonita aos olhos dele. As complexidades e as imperfeições de Dolly eram uma das razões por que ele a amava.

Ociosamente, coçou o braço e perguntou-se o que se teria passado para Dolly o tratar de uma maneira tão estranha quando o vira. Apanhara-a de surpresa, estava ciente disso, ao aparecer-lhe ao balcão assim sem mais nem menos, a chamá-la quando ela se julgava sozinha, escondida com um cigarro e um sorriso alheado e

sonhador estampado no rosto. Em geral, Dolly adorava que lhe fizessem surpresas — ela era a pessoa mais corajosa, mais audaz que ele conhecia, e não havia nada capaz de lhe meter medo —, mas não restava dúvida de que se mostrara assustadiça ao deparar-se com ele. Nem parecia a mesma rapariga que dançara a seu lado pelas ruas de Londres na outra noite e que o levara para o seu quarto.

A menos que tivesse alguma coisa atrás do balcão que não queria que ele visse — Jimmy pegou no maço de cigarros e levou um à boca —, uma surpresa para ele, talvez, alguma coisa que tencionasse mostrar-lhe no restaurante mais tarde. Ou talvez ele a tivesse apanhado a recordar a noite que tinham passado juntos: isso poderia explicar o facto de ter ficado tão assustada, quase envergonhada, quando levantara a cabeça e o vira diante dos seus olhos. Era impossível adivinhar e, desde que aquela estranha atitude não fosse uma das suas brincadeiras ao faz-de-conta (não logo naquela noite, por amor de Deus, Jimmy não podia deixar que aquela noite resvasse fora do seu controlo), calculava que não tivesse importância.

Enfiou uma mão no bolso e, em seguida, abanou a cabeça, porque era óbvio que a caixa do anel ainda estava precisamente onde a deixara havia dois minutos. A compulsão ameaçava tornar-se ridícula; precisava de arranjar maneira de se distrair até enfiar o malvado do anel no dedo de Dolly. Jimmy não trouxera nenhum livro e, assim, contentou-se com a pasta de cartolina preta em que guardava as suas fotografias. Não costumava trazê-la consigo quando não andava a trabalhar, mas viera directamente de uma reunião com o editor e não tivera tempo de ir deixá-la em casa.

Concentrou a sua atenção na sua fotografia mais recente, tirada em Cheapside no sábado anterior. Era de uma menina, dos seus quatro ou cinco anos, achava ele, de pé diante da cozinha do centro comunitário da igreja da zona. As suas roupas tinham sido destruídas no mesmo bombardeamento aéreo em que perdera a

família, e o Exército de Salvação não lhe conseguira uma indumentária de criança. Tinha vestido um enorme par de calças largas, um casaco de malha para adulto e um par de sapatos de sapateado. Eram vermelhos e ela adorava-os. As senhoras da Igreja de São João estavam em segundo plano, muito atarefadas a tentar arranjar bolachas para lhe dar, e, quando Jimmy a vira, ela andava entretida a sapatear, qual Shirley Temple, enquanto a senhora encarregada de tomar conta dela se mantinha atenta à porta, na esperança de que um dos membros da sua família aparecesse milagrosamente, são e salvo e pronto para levá-la para casa.

Jimmy tirara tantas fotografias de guerra, as suas paredes e a sua memória estavam pejadas de desconhecidos que se tinham recusado a ceder perante a destruição e a perda; ainda naquela semana, estivera em Bristol, Portsmouth e Gosport; contudo, havia qualquer coisa naquela menina — ele nem sequer sabia o nome dela — que Jimmy não conseguia esquecer. Que não queria esquecer. Uma carinha feliz com tão pouco depois de sofrer a maior perda que poderia seguramente atingir uma criança; uma ausência cujos efeitos se haveriam de propagar ao longo dos anos e afectá-la para toda a vida. Jimmy deveria saber como era: ainda dava por ele a varrer os rostos das vítimas dos bombardeamentos, à procura da mãe.

Pequenas tragédias individuais como a daquela menina não eram nada quando vistas à escala mais vasta da guerra; ela e os seus sapatos vermelhos poderiam ser facilmente varridos como pó para debaixo do tapete da história. Não obstante, aquela fotografia era real; captara um momento e conservara-o para o futuro, qual insecto em âmbar. Lembrava a Jimmy que o que ele fazia, registar a verdade da guerra, era importante. Às vezes precisava de que lhe lembrassem, em noites como aquela, quando olhava ao seu redor e sentia a falta de uma farda de forma tão gritante.

Jimmy apagou o cigarro na tigela da sopa que alguém antes dele lhe deixara prestimosamente a jeito. Deitou uma olhadela ao relógio

— tinham-se passado quinze minutos desde que se sentara — e interrogou-se a que se deveria a demora de Dolly. Precisamente quando estava a ponderar arrumar as suas coisas e ir à procura dela, sentiu uma presença nas suas costas. Virou-se, à espera de ver Dolly, mas não era ela. Era outra pessoa, alguém que ele nunca antes vira.

*

Por fim, Dolly conseguiu livrar-se da Sr.^a Waddingham e vinha de regresso à cozinha, a perguntar-se como seria possível que uns sapatos que faziam os pés tão bonitos fossem capazes de os magoar tanto, quando ergueu o olhar e teve a impressão de que o mundo parara de girar. Vivien chegara.

Estava junto a uma das mesas de cavalete.

Embrenhada a conversar.

Com Jimmy.

O coração de Dolly começou a martelar-lhe no peito, e ela escondeu-se atrás do pilar numa das extremidades do balcão da cozinha. Fez o possível por não ser vista, assegurando-se, porém, de que via tudo o que se passava. De olhos arregalados, espreitou em volta dos tijolos e, estarecida, apercebeu-se de que ainda era pior do que temera. Não só os dois estavam a conversar como, pela maneira como gesticulavam em direcção à mesa, para a pasta de Jimmy, aberta em cima dela — Dolly pôs-se em bicos dos pés e retraiu-se —, só lhe restava concluir, estavam a falar das fotografias dele.

Jimmy mostrara-lhas numa ocasião, e Dolly ficara perfeitamente horrorizada. Eram tenebrosas, não tinham nada que ver com as que ele costumava tirar em Coventry, de pores do Sol, e árvores, e casas encantadoras em prados ondulantes; nem tão-pouco eram como os noticiários de guerra a que ela e Kitty costumavam assistir no cinema, as imagens sorridentes de militares de volta a casa,

cansados e sujos mas triunfantes; crianças em fila a acenar em estações dos caminhos-de-ferro; mulheres robustas a oferecer laranjas a soldados bem-dispostos. As fotografias de Jimmy eram de homens com corpos desfeitos e rostos escuros e encovados e olhos que tinham visto coisas que ninguém deveria ver na vida. Dolly não soubera o que dizer; quem lhe dera que Jimmy nunca lhas tivesse mostrado.

O que lhe estaria a passar pela cabeça agora, a mostrá-las a Vivien? Ela, que era tão bonita e tão perfeita, precisamente a última pessoa neste mundo que deveria ser atormentada com fealdade daquela espécie. Dolly sentiu-se impelida a proteger a amiga; havia qualquer coisa nela que queria correr para junto de ambos, fechar a pasta de supetão e pôr um fim àquilo. O mais provável seria Jimmy querer beijá-la outra vez, ou pior, referir-se a ela como sendo sua noiva e levar Vivien a pensar que estavam comprometidos. O que não era verdade, pelo menos oficialmente — tinham falado a esse respeito, claro, quando eram muito miúdos, mas já passara muito tempo desde então. Agora eram mais velhos e a guerra mudava as coisas, mudava as pessoas. Dolly engoliu em seco; aquele era o momento que ela mais receara, e agora que acontecera, não tinha outro remédio se não esperar num limbo excruciante que chegasse ao fim.

Teve a sensação de se passarem horas antes de Jimmy finalmente fechar a pasta e Vivien virar costas. Dolly soltou um enorme suspiro de alívio e depois entrou em pânico. A amiga aproximava-se pelo corredor entre as mesas, com o sobrolho ligeiramente franzido à medida que se dirigia à cozinha. Dolly estivera tão desejosa de a ver, mas não assim, não antes de saber ao certo o que fora que Jimmy lhe dissera. Quando Vivien estava mesmo a chegar à cozinha, Dolly tomou uma decisão repentina. Baixou-se e escondeu-se atrás do balcão, a fingir que procurava qualquer coisa por baixo da saia verde e vermelha de Natal da mesa, com ar de quem andava embrenhada numa missão de guerra

de suma importância. Mal pressentiu que Vivien tinha passado por ela, Dolly agarrou na carteira e apressou-se a ir ter com Jimmy, que continuava à sua espera. Só pensava em levá-lo para longe da cantina antes de Vivien os ver juntos.

*

Afinal, acabaram por não ir para o Lyons Corner House. Havia um restaurante próximo da estação do comboio, um edifício simples com janelas entaipadas e um buraco causado por uma explosão, remendado com um letreiro que dizia: «Mais Aberto do Que o Habitual.» Quando lá chegaram, Dolly declarou que estava incapaz de dar mais um passo que fosse.

— Tenho os pés cheios de bolhas, Jimmy — lastimou-se ela, quase à beira das lágrimas. — Vamos entrar já aqui neste, está bem? Está um frio de rachar cá fora... Tenho a certeza de que esta noite vai nevar.

Estava quente lá dentro, graças a Deus, e o empregado arranjou-lhes um reservado bastante agradável ao fundo da sala junto de um radiador aceso. Jimmy pegou no casaco de Dolly para o pendurar ao pé da porta e ela retirou os ganchos que seguravam o chapéu do Serviço Voluntário Feminino, pousando-o ao lado do saleiro e do pimenteiro. Um dos ganchos passara toda a noite a magoar-lhe o couro cabeludo, e ela esfregou vigorosamente o sítio e descalçou os malditos sapatos. Jimmy parou ao voltar para a mesa e falou em voz baixa com o empregado que os sentara, mas Dolly estava demasiado preocupada com o que ele pudesse ter dito a Vivien para se perguntar o motivo. Sacudiu o maço para tirar um cigarro e fez tanta força para acender o fósforo que este se partiu. Tinha a certeza de que Jimmy lhe estava a esconder alguma coisa: vinha a comportar-se de forma estranha desde que tinham abandonado a cantina e agora, de regresso à mesa, mal se atrevia a encará-la sem desviar de imediato os olhos.

Logo que ele se sentou, o empregado trouxe-lhes uma garrafa de vinho e começou a encher-lhes dois copos até ao cimo. O barulho gorgolejante pareceu-lhe muito alto, embaraçosamente alto, poderia mesmo dizer-se, e Dolly olhou para lá de Jimmy para abarcar o resto da sala. Três empregados de mesa com ar de tédio cochichavam uns com os outros ao canto enquanto o *barman* limpava o balcão, já de si limpo. Só havia mais um casal a jantar, os dois a sussurrar por cima da mesa enquanto Al Jolson trauteava de um gramofone instalado no balcão. A mulher parecia excessivamente ansiosa, fazia lembrar Kitty com o seu novo pretendente — da RAF, ou, pelo menos, fora o que ela dissera —, a fazer deslizar uma mão pela camisa do indivíduo e a rir-se das suas piadas como uma adolescente.

O empregado pousou a garrafa na mesa e adoptou uma voz presumida, informando-os de que, devido às faltas, nessa noite não tinham *menu à la carte*, mas que o *Chef* teria todo o gosto em preparar-lhes o *menu du jour*^[17].

— Ótimo — disse Jimmy, mal se dignando a olhar para o homem. — Sim, obrigado.

O empregado foi-se embora, e Jimmy acendeu um cigarro, esboçando um leve sorriso a Dolly e desviando de imediato a sua atenção para qualquer coisa que pairava por cima da sua cabeça.

Dolly já não aguentava mais. Tinha o estômago às voltas e precisava de saber o que ele andara a dizer a Vivien, se mencionara o nome dela.

— Então — disse ela.

— Estava aqui a pensar...

— Há alguma coisa...

Interromperam-se ambos, puxaram ambos uma fumaça do respectivo cigarro. Miraram-se um ao outro através de uma neblina de fumo.

— Começa tu — disse Jimmy com um sorriso, estendendo as mãos e olhando-a bem de frente, de uma forma que, não estivesse

ela tão ansiosa, teria achado certamente excitante.

Dolly escolheu as palavras com cuidado.

— Eu vi-te — começou ela, dando um piparote no cigarro para deitar a cinza no cinzeiro — na cantina. Estavas à conversa. — A expressão dele era difícil de decifrar; observava-a atentamente. — Tu e a Vivien — acrescentou ela.

— Aquela era a Vivien? — admirou-se Jimmy, os olhos a arregalarem-se-lhe. — A tua nova amiga? Não me apercebi... Ela não me disse como se chamava. Ah, Doll, se tivesses aparecido mais cedo, poderias ter-nos apresentado.

Jimmy parecia-lhe sinceramente desiludido e Dolly soltou um suspiro hesitante de alívio. Ele não sabia que estivera a falar com Vivien. Talvez isso quisesse dizer que ela também não sabia com quem estivera a falar, nem o que estava ele a fazer na cantina naquela noite. Esforçou-se por aparentar descontração.

— Então, acerca do que é que vocês os dois conversaram?

— Da guerra. — Ele encolheu um ombro e deu uma passa nervosa no cigarro. — Tu sabes. O costume.

Estava a mentir-lhe, Dolly percebeu; Jimmy não tinha jeito para mentir. Nem tão-pouco a conversa lhe estava a agradar; dera-lhe uma resposta precipitada e agora evitava o olhar dela. Do que teriam eles estado a falar para ele se mostrar agora tão arredo? Teriam estado a falar dela? Oh, meu Deus, que teria ele dito?!

— A guerra — repetiu ela, fazendo uma pausa a fim de lhe dar uma oportunidade para se alongar. Jimmy não a aproveitou. Dolly presenteou-o com um sorriso. — É um assunto bastante geral.

O empregado chegou à mesa deles e fez deslizar um prato fumegante diante de cada um.

— Simulacro de filetes de peixe — anunciou ele em tom imponente.

— *Simulacro* de filetes de peixe? — retorquiu Jimmy.

Os lábios crisparam-se-lhe e ele perdeu ligeiramente a fachada.

— Alcachofras, creio eu, senhor — disse ele em voz sumida. — O

Chef cultivava-as no terreno dele.

*

Jimmy observava Dolly, sentada à sua frente. Não fora assim que ele planeava pedi-la em casamento, com um salto no vazio, depois de a ter levado a jantar alcachofras esmigalhadas e vinho azedo e de a pôr a arder de fúria. O silêncio instalou-se entre ambos e a caixa de veludo fazia sentir o seu peso no bolso das calças de Jimmy. Não queria ter uma discussão, queria enfiar-lhe o anel no dedo, não apenas porque isso estabeleceria um laço entre ambos — embora, naturalmente, ansiasse por isso —, mas porque honrava algo bom e verdadeiro. Pôs-se a brincar com a comida que tinha no prato.

Nem de propósito teria conseguido arranjar confusão maior do que aquela. Pior ainda, não fazia a menor ideia de como remediar a situação. Dolly estava zangada porque sabia que ele lhe estava a omitir alguma coisa, mas a senhora, Vivien, pedira-lhe para não ir contar o que lhe revelara. Mais do que isso, suplicara-lhe, e houvera qualquer coisa no seu olhar naquele momento que o convencera a fechar a boca e a assentir com a cabeça. Arrastou a alcachofra para uma lástima de molho branco.

Mas talvez ela não se referisse a Dolly. Ocorreu-lhe então uma coisa: elas eram amigas. O mais certo seria Dolly achar piada se ele lhe contasse e acenar com a mão num gesto evasivo, acrescentando que, obviamente, já sabia. Jimmy bebeu um gole de vinho, aproveitando para reflectir, tentando imaginar o que teria feito o pai em idêntica situação. A sua intuição dizia-lhe que o pai não teria cumprido a promessa feita a Vivien, mas visse-se o destino que tivera: perdera a mulher que amava. Jimmy não estava disposto a que lhe acontecesse o mesmo.

— A tua amiga — disse ele em tom descomprometido, como se não houvesse qualquer mal-estar entre ambos —, a Vivien... ela viu

uma das minhas fotografias.

Dolly concentrou a sua atenção nele, mas não fez qualquer comentário.

Jimmy engoliu, afastando o pai por completo do pensamento, as prelecções que dera ao filho quando este era mais novo, acerca de valentia e respeito. Hoje, porém, não lhe restava alternativa, teria de contar a verdade a Dolly e, sinceramente, que mal poderia daí advir?

— Aquela da menina cuja família morreu uma noite destas durante um bombardeamento aéreo sobre Cheapside. Foi uma desgraça, Doll, uma autêntica desgraça, ela estava a sorrir e tinha calçados... — Interrompeu-se para acenar com uma mão, como quem esquece o assunto; pela expressão de Dolly, percebeu que ela começava a perder a paciência. — Mas isso agora não vem ao caso... O que importa é que a tua amiga a conhecia. A Vivien reconheceu-a na fotografia.

— Como?

Era a primeira palavra que lhe saía da boca desde que lhes tinham servido o jantar, mas Jimmy não sabia que mais lhe havia de dizer e, embora não se tratasse propriamente de perdão incondicional, ele sentiu um certo alívio.

— Ela contou-me que tem um amigo, um médico, que dirige uma pequena clínica particular em Fulham. Ele converteu parte da clínica num hospital de acolhimento a órfãos de guerra, e ela às vezes vai lá dar-lhe uma ajuda. Foi lá que ela conheceu a Nella, a menina da fotografia. Foi levada para lá, estás a ver, quando não apareceu ninguém para a reclamar.

Dolly observava-o, à espera de que ele continuasse, mas não lhe ocorria mais nada.

— Só isso? — admirou-se ela. — Tu não lhe disseste nada a teu respeito?

— Nem o meu nome sequer. Não houve tempo para isso. — Ao longe, de algures na noite fria e escura de Londres, chegara-lhes

uma série de explosões. Jimmy interrogou-se subitamente quem estaria a ser atingido, quem estaria nesse momento a gritar de sofrimento e horror.

— E ela não te adiantou mais nada?

Ele abanou a cabeça.

— Sobre o hospital, não. Eu tencionava pedir-lhe se ela não se importava de que eu fosse lá um dia com ela, levar qualquer coisa à Nella...

— Mas não chegaste a perguntar?

— Não houve oportunidade.

— E foi só por isso que tens estado tão esquivo ... porque a Vivien te contou que ajuda o amigo médico no hospital?

Sentiu-se ridículo perante a incredulidade de Dolly. Esboçou-lhe um sorriso, encolheu-se ligeiramente e maldisse a sua insistência em levar tudo sempre tão a sério, por não se ter apercebido de que era óbvio que Vivien dramatizara a situação, tal como era óbvio que Dolly já sabia; que se estivera a afligir sem motivo. Sem grande convicção, respondeu-lhe:

— Ela suplicou-me que não contasse a ninguém.

— Ah, Jimmy — retorquiu Dolly, a rir, enquanto estendia uma mão por cima da mesa para lhe fazer uma leve carícia no braço. — A Vivien não se referia a *mim*. O que ela quis dizer foi para não contares a outras pessoas... a gente estranha.

— Eu sei. — Jimmy segurou na mão dela, sentiu-lhe os dedos macios por baixo dos seus. — Foi um disparate da minha parte não me ter apercebido disso. Hoje não estou em mim. — Subitamente, constatou que se encontrava à beira de qualquer coisa; que o resto da sua vida, da vida de ambos, juntos, começava do outro lado. — Aliás — disse ele, a voz a falhar-lhe ligeiramente —, há uma coisa que tenho andado para te perguntar, Doll.

*

Dolly sorria distraidamente enquanto Jimmy lhe acariciava a mão. Um amigo médico, um *amigo*... Kitty tinha razão: Vivien tinha um amante, e, de repente, tudo fez sentido. O sigilo, as ausências frequentes de Vivien da cantina do Serviço Voluntário Feminino, a expressão distante no seu rosto sempre que a via sentada à janela do número 7 de Campden Grove, a sonhar. Comentou:

— Pergunto-me como se terão conhecido — no preciso momento em que Jimmy estava a dizer: — Há uma coisa que tenho andado para te perguntar, Doll.

Era a segunda vez nessa noite que falavam em simultâneo e Dolly riu-se.

— Temos de perder este hábito — comentou ela. Sentia uma vivacidade e alegria inesperadas, como se fosse capaz de passar a noite inteira a rir. Talvez fosse do vinho. Bebera mais do que julgava. Por outro lado, o alívio de saber que Jimmy não se tinha denunciado deixava-a quase eufórica. — Eu estava só a dizer...

— Não... — Ele estendeu uma mão e encostou-lhe a ponta de um dedo aos lábios. — Deixa-me acabar, Doll. Eu tenho de acabar.

A expressão dele apanhou-a de surpresa. Não era frequente ver-lhe tanta determinação, urgência quase, e apesar de estar ansiosa para saber mais pormenores acerca de Vivien e do amigo médico, Dolly calou-se.

Jimmy fez deslizar a mão para lhe acariciar o rosto.

— Dorothy Smitham — declarou ele, sentindo um aperto algures no seu íntimo ao ouvir o tom em que proferiu o nome dela. Ela ficou derretida. — Eu apaixonei-me por ti na primeira vez em que te vi. Ainda te lembras, naquele café em Coventry?

— Tinhas ido entregar um saco de farinha.

Ele riu-se.

— Um autêntico herói. Sou eu.

Dolly sorriu e afastou o prato vazio para o lado. Acendeu um cigarro. Estava frio, reparou, o radiador deixara de funcionar.

— Bom, era um saco grande.

— Já te disse antes que não há nada que eu não fizesse por ti.

Dolly assentiu com a cabeça. Já dissera, de facto, muitas vezes. Era amoroso e ela não queria interrompê-lo, mas a verdade era que não sabia por quanto tempo mais conseguiria impedir as interrogações e os pensamentos sobre Vivien de vir à superfície.

— É a pura verdade, Dolly. Eu faria qualquer coisa que tu quisesses.

— Achas que serias capaz de pedir ao empregado para ver o que se passa com o aquecimento?

— Estou a falar a sério.

— Também eu. De repente, esta sala ficou um gelo. — Envolveu os braços em redor da cintura. — Não tens frio? — Jimmy não lhe respondeu, estava demasiado ocupado a vasculhar o bolso das calças à procura de qualquer coisa. Dolly avistou o empregado e tentou chamar-lhe a atenção. Ele deu a impressão de reparar nela, mas, em seguida, fez meia-volta e regressou à cozinha. Reparou que o outro casal já se fora embora e que já só estavam os dois no restaurante. — Acho que é melhor irmos andando — disse ela a Jimmy. — Já é tarde.

— É só um instante.

— Mas está frio.

— Esquece o frio.

— Mas, Jimmy...

— Estou a tentar pedir-te em casamento, Doll. — Jimmy surpreendeu-se a si próprio, via-se pela sua cara, e soltou uma gargalhada. — E não me estou a sair lá muito bem, ao que parece... É a primeira vez que faço isto. E não tenciono voltar a fazer. — Levantou-se da cadeira e foi ajoelhar-se diante dela, tomando fôlego. — Dorothy Smitham — interrogou-a ele —, concedes-me a honra de ser minha esposa?

Dolly aguardou uma resolução, que ele abandonasse o papel e desatasse a rir. Sabia que Jimmy estava a brincar; se fora ele que, em Bournemouth, insistira em que esperassem até terem

amealhado dinheiro suficiente... Não tardava, estaria a rir e a perguntar-lhe se queria sobremesa. Mas tardou. Deixou-se ficar onde estava, de olhar fixo nela.

— Jimmy? — chamou-o. — Se continuas aí, vais apanhar frieiras. Anda, toca a levantar.

Jimmy não se levantou. Sem desviar os olhos, ergueu a mão esquerda e mostrou-lhe um anel entre as pontas dos dedos. Era uma aliança de ouro com uma pequena pedra engastada em garra: antiga o suficiente para não ser nova, demasiado moderna para ser uma peça de antiquário. Jimmy trouxera um adereço, constatou ela, pestanejando-lhe. Não podia deixar de o admirar, estava a sair-se lindamente no seu papel. Quem lhe dera poder dizer o mesmo em relação a si própria, mas a verdade era que ele a apanhara desprevenida. Dolly não estava habituada que fosse Jimmy a dar o mote para as brincadeiras ao faz-de-conta (esse papel cabia-lhe a ela) e não estava certa de que isso lhe agradasse.

— Deixa-me ir lavar o cabelo que depois logo penso no assunto — gracejou ela.

O cabelo de Jimmy tinha-lhe caído para um dos olhos e ele sacudiu a cabeça para o afastar. Não se via o mais leve sorriso no seu rosto quando a fitou momentaneamente, como se estivesse a organizar as ideias.

— Estou a pedir-te em casamento, Doll — insistiu ele, e qualquer coisa no tom sincero e grave da sua voz, a sua total ausência de subterfúgios e segundos sentidos, levou Dolly a ter o primeiro indício de suspeita de que talvez estivesse de facto a falar a sério.

*

Dolly julgava que ele estava a brincar. Jimmy por pouco não se riu ao aperceber-se disto. Mas não riu; afastou o cabelo dos olhos e lembrou-se de como, há umas noites, subira a escada atrás dela, o olhar que ela lhe deitara à medida que o vestido vermelho

escorregava para o chão, ela erguia o queixo e enfrentava o olhar dele, e Jimmy se sentira jovem, forte e tão feliz de estar vivo naquele momento, naquele lugar, com ela. Jimmy lembrou-se de depois ter ficado sentado na cama, incapaz de adormecer de tão abençoado que se sentia por saber que uma rapariga como ela se dignava a apaixonar-se por ele, a sua certeza, ao vê-la a sonhar, de que haveria de a amar por toda a vida, a sua e a dela, até envelhecerem juntos, sentados nas poltronas confortáveis da sua quinta, os filhos já todos crescidos e saídos do ninho, a servir chávenas de chá um ao outro.

Jimmy sentia vontade de lhe falar em tudo isto, recordá-la, fazê-la ver o cenário com a mesma clareza que ele próprio o via, mas sabia que Dolly era diferente dele, que ela gostava de surpresas e não precisava de vislumbrar o final quando ainda mal tinham começado. Ao invés, depois de recolher os seus pensamentos como se fossem folhas, repetiu com a maior franqueza de que foi capaz:

— Estou a pedir-te que te cases comigo, Doll. Ainda não sou um homem rico, mas amo-te e não quero deixar passar outro dia que seja sem ser ao teu lado. — E, dito isto, ficou a ver a expressão da namorada a transfigurar-se, e, pelos cantos da boca e pelo ínfimo movimento das sobrancelhas dela, verificou que finalmente compreendera.

Enquanto Jimmy aguardava, Dolly soltou um suspiro, longo e demorado. Pegou no chapéu, de sobrolho ligeiramente franzido, à medida que se entretinha a dar-lhe voltas segurando-o pela aba. Sempre mostrara uma predilecção especial pela pausa dramática e, por conseguinte, Jimmy não ficou muito preocupado, acompanhando o contorno perfeito do seu perfil, tal qual como fizera na colina à beira-mar; quando ela disse:

— Oh, Jimmy! — como uma voz que nem parecia sua; quando ela se virou para ele e lhe viu uma lágrima fresca a escorrer-lhe pela face: — Mas do que tu te havias de lembrar; do que raio tu te havias de lembrar logo agora!

Antes de Jimmy ter tempo de lhe perguntar a que se devia aquela reacção, Dolly passou rapidamente por ele, batendo noutra mesa na pressa de fugir, desaparecendo no frio e na escuridão da Londres em guerra, sem se dignar a olhar para trás sequer. Foi só depois de alguns minutos decorridos, vendo que Dolly continuava sem regressar, que ele finalmente compreendeu o que se passava. E, de repente, teve a impressão de se ver a si próprio de cima, como se fosse o objecto de uma das suas fotografias, um homem que, sem saber como nem porquê, acabara de perder tudo, ajoelhado sozinho no chão sujo de uma espelunca onde fazia agora muito frio.

Capítulo 15

Suffolk, 2011

Posteriormente, Laurel haveria de se admirar como fora possível ter chegado tão longe sem se lembrar de pesquisar o nome da mãe no Google. No entanto, nada do que sabia a respeito de Dorothy Nicolson a levava a suspeitar por um instante sequer de que ela pudesse ter uma existência *on-line*.

Não esperou por chegar a Greenacres. Sentou-se no automóvel estacionado à porta do hospital, pegou no telemóvel e digitou «Dorothy Nicolson» na janela de busca. Precipitou-se, claro, enganou-se a digitar o nome e teve de repetir a tarefa. Ganhou coragem para o que quer que fosse descobrir e tornou a carregar na tecla de busca. Obteve 127 resultados. Um *site* de genealogia na América, uma Thelma Dorothy Smitham à procura de amigos no Facebook, uma lista telefónica da Austrália e depois, a meio da página, uma entrada relativa a um arquivo da BBC People's War^[18], com o seguinte subtítulo: «Uma telefonista londrina recorda a Segunda Guerra Mundial.» Com um dedo trémulo, Laurel seleccionou esta opção.

A página continha as recordações dos tempos da guerra de uma senhora chamada Katherine Frances Barker, que fora telefonista no Gabinete de Guerra, em Westminster, na época dos bombardeamentos aéreos alemães. Haviām sido enviadas, indicava uma nota de abertura, por Susanna Barker em nome da mãe. Havia, no topo, uma fotografia de uma senhora idosa com aspecto enérgico

e numa pose algo sedutora, instalada num sofá cor de framboesa e com apoios para a cabeça de croché. A anotação dizia:

Katherine «Kitty» Barker a descansar em casa. Quando a Segunda Guerra Mundial rebentou, Kitty mudou-se para Londres, onde trabalhou como telefonista até ao fim do conflito. Kitty gostaria de se ter alistado no WRNS^[19], mas as comunicações eram consideradas um serviço essencial e ela não teve autorização para sair.

O artigo em si era bastante longo e Laurel leu-o por alto, à espera de ver o nome da mãe destacar-se do texto. Uns parágrafos mais abaixo, encontrou-o.

Eu fui criada na região centro de Inglaterra e não tinha família em Londres, mas, durante a guerra, havia serviços encarregados de encontrar alojamento para quem trabalhava para o Gabinete de Guerra. Tive sorte comparada com outras pessoas, pois fiquei hospedada em casa de uma senhora muito distinta. A casa ficava no número 7 de Campden Grove, em Kensington, e, embora se possa pensar o contrário, os meus tempos de guerra foram extremamente felizes. Havia outras três raparigas do Gabinete de Guerra a morar na mesma casa que eu e dois membros do pessoal de Lady Gwendolyn Caldicott que tinham decidido lá continuar apesar da guerra, a cozinheira e uma rapariga chamada Dorothy Smitham, que era uma espécie de acompanhante da dona da casa. Eu e a Dorothy ficámos amigas, mas perdemos o contacto quando, em 1941, eu me casei com Tom, o meu marido. Era muito fácil travar amizade nos tempos de guerra — julgo que isto não será motivo de admiração para ninguém — e com frequência me tenho perguntado o que foi feito dos meus amigos dessa época. Espero que tenham sobrevivido.

Laurel não cabia em si de tanto entusiasmo. Era extraordinário, o

efeito de ver o nome da mãe, o seu nome de solteira, impresso. Sobretudo num documento como aquele, que se referia precisamente ao local e à época que despertavam a sua curiosidade.

Tornou a ler o parágrafo e o seu entusiasmo não esmoreceu. Dorothy Smitham existira de facto. Trabalhara para uma mulher que dava pelo nome Lady Gwendolyn Caldicott que morava em Campden Grove, número 7 (a mesma rua de Vivien e Henry Jenkins, reparou Laurel com um arrepio), e tivera uma amiga chamada Kitty. Laurel procurou a data de publicação da entrada: 25 de Outubro de 2008 — uma amiga que muito provavelmente ainda estaria viva e disposta a falar com a filha de Dorothy. Cada descoberta era mais uma estrela cintilante num grande céu escuro, contribuindo para formar a imagem que conduziria Laurel a casa.

*

Susanna Barker convidou Laurel para tomar chá nessa tarde. Encontrá-la revelara-se tão simples que Laurel, que não era pessoa para acreditar em facilidades, sentira um ímpeto de desconfiança congénita. Bastara-lhe inserir os nomes de Katherine Barker e Susanna Barker na lista telefónica *on-line* Numberway e, em seguida, começar a marcar cada um dos números que se lhe apresentavam. Acertou ao terceiro.

— A minha mãe joga golfe às quintas-feiras e vai conversar com os alunos da escola primária às sextas — explicou-lhe a Susanna. — Mas hoje estará livre às quatro. Dá-lhe jeito passar por cá a esta hora? — Laurel aproveitara a deixa com agrado e estava agora a seguir as indicações cuidadosas de Susanna, por uma rua estreita às curvas através de campos verdejantes nos arredores de Cambridge.

Uma mulher anafada e jovial de cabelo acobreado e frisado, como se tivesse apanhado chuva, esperava por ela junto ao portão. Usava

um alegre casaco de malha amarelo-vivo sobre um vestido castanho e segurava um chapéu-de-chuva com ambas as mãos numa atitude de cortesia ansiosa. Às vezes, pensou a actriz que Laurel tinha dentro de si («ouvidos, olhos e coração, tudo de uma vez»), um gesto era quanto bastava para se ficar a saber tudo o que havia a saber sobre uma dada pessoa. A mulher do chapéu-de-chuva era nervosa, fidedigna e agradecida.

— Ora viva! — gorjeou ela quando Laurel atravessou a rua para ir ao seu encontro. O seu sorriso deixou à mostra uma porção magnífica de dentadura brilhante. — Eu sou a Susanna Barker e tenho imenso prazer em conhecê-la.

— Laurel. Laurel Nicolson.

— Mas claro! Eu sei quem é! Entre, entre, faça favor. Está um tempo horrível, não está? A minha mãe diz que a culpa é minha porque matei uma aranha em casa. Que tola fui, já tinha idade para ter juízo. Mas traz sempre chuva, não é?

*

Kitty Barker era esperta como uma raposa e tinha uma língua afiada como a espada de um pirata.

— A filha da Dorothy Smitham — comentou ela, dando uma pancada com o punho miúdo no tampo da mesa. — Mas que surpresa maravilhosa! — Quando Laurel tentou apresentar-se e explicar como encontrara o nome de Kitty na Internet, a mão franzina acenou num gesto de impaciência e a respectiva dona vociferou: — Sim, sim, a minha filha já me contou... você disse-lhe pelo telefone.

Laurel, que em mais de uma ocasião fora ela própria acusada de ser brusca, decidiu considerar revigorante a eficiência da senhora.

Presumivelmente, aos noventa e dois anos, uma pessoa já não media as palavras nem perdia tempo. Sorriu e disse-lhe:

— Sr.^a Barker, a minha mãe nunca me falou muito da guerra

quando eu era pequena... imagino que quisesse pôr tudo isso para trás das costas... mas agora ela está doente e é muito importante para mim saber o mais possível acerca do passado dela. Julguei que talvez me pudesse falar um pouco a respeito de Londres durante a guerra, em particular sobre a vida da minha mãe nessa época.

Kitty Barker não se fez de rogada. Isto é, lançou-se com entusiasmo para satisfazer a primeira parte do pedido de Laurel, entregando-se a uma prelecção sobre os bombardeamentos aéreos enquanto a filha ia buscar chá e *scones*.

Laurel prestou-lhe atenção durante algum tempo, todavia, a concentração começou a falhar-lhe quando se tornou óbvio que Dorothy Smitham não passaria de uma actriz secundária na história. Examinou as recordações dos tempos de guerra na parede da sala de estar, cartazes que incitavam as pessoas a não fazer gastos supérfluos quando iam às compras, optando antes por adquirir hortaliças e vegetais.

Kitty continuava entretida a descrever as diversas formas de como uma pessoa se podia magoar acidentalmente durante o *blackout* e, quando Laurel viu o relógio passar da meia hora, desviou a sua atenção para Susanna Barker, que fitava a mãe totalmente absorta nas suas palavras enquanto mastigava em simultâneo. A filha de Kitty já deveria ter ouvido aquelas histórias vezes sem conta, calculava Laurel, e, subitamente, compreendeu perfeitamente a dinâmica — o nervosismo de Susanna, o seu desejo de agradar, a reverência com que se referia à mãe. Kitty era o oposto da mãe; criara a partir dos anos de guerra uma mitologia à qual a própria filha jamais seria capaz de escapar.

Talvez todos os filhos ficassem cativos, pelo menos em parte, do passado dos pais. Afinal de contas, o que poderia a pobre Susanna esperar alcançar algum dia que se comparasse com os relatos de heroísmo e sacrifício da mãe? Pela primeira vez, Laurel sentiu uma certa dose de gratidão para com os pais, por os terem poupado, a

ela e aos irmãos, a tão pesado fardo. (Pelo contrário, era a *ausência* de história por parte da mãe que mantinha Laurel aprisionada. A ironia era inescapável.)

Foi então que se deu um acontecimento feliz: quando Laurel já começava a perder a esperança de descobrir qualquer coisa importante, Kitty interrompeu o seu relato a meio para repreender Susanna por ter demorado muito tempo a servir o chá. Laurel aproveitou a oportunidade, tornando a desviar a conversa para Dorothy Smitham.

— Mas que história tão interessante, Sr.^a Barker — disse ela, recorrendo ao seu tom mais senhoril e teatral. — Fascinante... Exemplos de coragem extraordinária por todo o lado. Mas, então, e a minha mãe? Não se importa de me falar um bocadinho a respeito dela?

A interrupção era obviamente inabitual e um silêncio atónito tomou conta da sala. Kitty inclinou a cabeça como se tentasse adivinhar uma explicação para tamanho atrevimento, enquanto Susanna fazia o possível por evitar o olhar de Laurel enquanto servia o chá com mãos trémulas.

Laurel recusou deixar-se intimidar. A criança que havia no seu íntimo estava satisfeita por ter posto fim ao monólogo de Kitty. Simpatizara com Susanna, mas a mãe desta era uma autoritária de primeira apanha; Laurel aprendera a impor-se a gente da laia dela. Continuou alegremente:

— A minha mãe contribuiu para o esforço de guerra no nosso país?

— A Dolly fez a sua parte — admitiu Kitty, contrafeita. — Lá em casa, havia uma escala de serviço, e cada uma, por turnos, ia sentar-se no telhado com um balde de areia e uma bomba de estribo.

— Então, e que tal era a vida social dela?

— Ela fazia por gozar a vida, como, aliás, todas nós. Estávamos em guerra. Tínhamos de aproveitar todas as oportunidades que nos

surgiam para nos divertirmos.

Susanna ofereceu-lhe a travessa do leite e do açúcar, mas Laurel dispensou-a.

— Imagino que duas raparigas novas e bonitas como vocês duas tenham tido muitos namorados.

— Mas com certeza.

— Sabe se por acaso havia alguém especial na vida da minha mãe?

— Havia um rapaz, sim — confirmou-lhe Kitty, tomando um gole de chá preto. — Mas agora, por muitas voltas que dê à cabeça, não consigo lembrar-me do nome dele.

Todavia, Laurel teve uma ideia; ocorreu-lhe de forma repentina. Na quinta-feira anterior, durante a festa de anos, a enfermeira contara-lhe que a mãe insistia em perguntar por uma pessoa, admirada que não a tivesse vindo visitar. Na altura, Laurel julgara que se tratava de um mal-entendido, que a mãe estivesse a perguntar por Gerry; agora, porém, que observara até que ponto os pensamentos da mãe andavam à deriva entre o presente e o passado, Laurel compreendia que se enganara.

— Jimmy! — declarou ela. — O nome dele era Jimmy, não era?

— Sim! — exclamou Kitty. — Era isso mesmo. Agora me lembro, eu costumava arreliá-la dizendo-lhe que namorava com o Jimmy Stewart. Não que eu tenha chegado a conhecê-lo, saliente-se; limitava-me a imaginar qual seria o aspecto dele a partir do que ela me contava.

— Nunca chegou a conhecê-lo? — Era estranho. A mãe e Kitty tinham sido amigas, moravam na mesma casa, eram jovens: conhecerem os namorados uma da outra deveria ser obrigatório, não seria assim?

— Nunca o vi uma vez sequer. Ela era muito esquisita no que se referia ao namorado. Ele estava na RAF e andava demasiado ocupado para fazer visitas. — Kitty franziu os lábios numa expressão de astúcia. — Ou, pelo menos, era o que ela nos dizia.

— O que ela dizia, como?

— Bom, o meu Tom estava na RAF e nem por isso deixava de arranjar tempo para me vir visitar, se é que me faço entender. — Arreganhava maldosamente os dentes, e Laurel sorriu para lhe mostrar que sim, que se fazia entender na perfeição.

— A senhora acha que a minha mãe lhe poderia ter mentido? — insistiu ela.

— Mentir propriamente, não diria, mas que romanceava a verdade. Com a Dolly, nunca se podia saber ao certo. Tinha o que se pode chamar uma imaginação fértil.

Laurel sabia bem ao que ela se referia. Em todo o caso, causava-lhe estranheza que a mãe tivesse feito segredo do homem por quem estava apaixonada às amigas. As pessoas enamoradas, em geral, gostavam de proclamar a sua paixão aos quatro ventos, e a mãe nunca fora pessoa para esconder as emoções.

A menos que por algum motivo Jimmy se tivesse visto *obrigado* a manter a sua identidade em segredo. O país estava em guerra; talvez, na realidade, ele fosse espião. Isso explicaria seguramente o sigilo de Dolly, a impossibilidade de se casar com o homem que amava, o motivo da sua própria fuga. Inserir Henry e Vivien Jenkins na história já seria ligeiramente mais problemático, a menos que Henry tivesse ficado a saber da existência Jimmy e isso constituísse uma ameaça para a segurança nacional.

— A Dolly nunca levou o Jimmy lá a casa porque a velha dona da casa não autorizava visitas masculinas — afirmou Kitty, espetando sem querer uma agulha no balão da teoria rebuscada de Laurel. — A velha Lady Gwendolyn tivera em tempos uma irmã... Eram como unha e carne, as duas, quando eram novas; moraram juntas em Campden Grove e não havia sítio a que uma fosse que não levasse a outra atrás. Tudo isto se desfez quando a mais nova se apaixonou e se casou. Foi viver para longe com o marido e a irmã nunca lhe perdoou. Trancou-se no quarto, e lá passou décadas, recusando-se a receber quem quer que fosse. Tinha ódio às pessoas, a verdade

era essa, embora isso não se aplicasse obviamente à sua mãe. Eram muito chegadas as duas, lá isso eram; a Dolly era leal à velhota e cumpria à risca essa regra. Já quanto às outras, não tinha quaisquer escrúpulos em infringi-las, saliente-se... Não havia ninguém melhor do que ela para arranjar meias de *nylon* e batons no mercado negro... mas cumpria essa regra como se fosse uma questão de vida ou de morte.

Alguma coisa na forma como Kitty elaborou este último comentário deixou Laurel pensativa.

— Sabe, olhando em retrospectiva, acho que isso foi o princípio.

— Kitty franziu a testa do esforço de espreitar para o fundo do túnel das velhas recordações.

— O princípio do quê? — indagou Laurel, com um pressentimento a formigar-lhe nas pontas dos dedos.

— A sua mãe mudou. A Dolly era uma rapariga tão bem-disposta quando nós chegámos a Campden Grove, mas depois começou a ficar muito picuinhas em fazer todas as vontades à velha senhora.

— Bom, Lady Gwendolyn era a patroa dela. Não me admira que...

— Não era apenas isso. Ela começou a andar sempre de roda da velhota, como se fosse um membro da família. E também começou a ter um comportamento mais afectado, a tratar-nos como se já não nos considerasse à altura dela... E até arranjou novos amigos.

— A Vivien! — exclamou Laurel de repente. — Está a referir-se à Vivien Jenkins.

— Estou a ver que a sua mãe lhe falou *dela* — observou Kitty com um trejeito cáustico dos lábios. — Esqueceu-se completamente de nós, com certeza, mas não da Vivien Jenkins. Não que isso me surpreenda, naturalmente, não que isso me surpreenda... Era casada com um escritor, a tal Vivien, morava na casa em frente à nossa. De uma arrogância indescritível... Bonita, sem dúvida, isso ninguém negava, mas fria. Não se rebaixava ao ponto de parar para nos cumprimentar na rua. Uma péssima influência para a Dolly... Ela estava convencida de que a Vivien era o máximo.

— Elas davam-se muito?

Kitty pegou num *scone* e deitou-lhe uma colherada de geleia reluzente em cima.

— Dos pormenores, eu não estou a par — respondeu-lhe ela em tom sarcástico, espalhando o doce vermelho no *scone*. — Nunca fui convidada a juntar-me a elas, e, nessa altura, já a Dolly deixara de me confiar os seus segredos. Creio que foi por isso que só soube que alguma coisa se passava quando já era demasiado tarde.

— Demasiado tarde para o quê? O que é que se passou?

Kitty deixou cair um bocado de natas em cima do *scone* e mirou Laurel por cima dele.

— Passou-se alguma coisa entre as duas, a sua mãe e a Vivien, uma coisa grave. No início de 1941; eu lembro-me porque tinha conhecido o Tom há pouco tempo... Foi provavelmente por isso que não lhe dei tanta atenção como teria dado noutras circunstâncias. Depois disso, a Dolly começou a andar com uma má disposição terrível, sempre a responder torto, recusava-se a sair connosco, evitava o Jimmy. Nem parecia a mesma pessoa... Até deixou de ir à cantina.

— À cantina do Serviço Voluntário Feminino?

Kitty assentiu com a cabeça, já a postos para dar uma leve dentada no *scone*.

— Ela adorava lá trabalhar, estava constantemente a esquivar-se à patroa, a esgueirar-se de casa para ir fazer um turno... Mas, de um momento para o outro, deixou de lá ir. Disse que não voltaria a pôr lá os pés nem por todo o chá da China.

— Então, e porquê?

— Isso ela não nos dizia, mas eu sabia que tinha que ver com a *outra*, a que morava em frente. Sabe, eu vi-as juntas no dia em que se zangaram; vinha de regresso do emprego, um pouco mais cedo do que o habitual devido a uma bomba que caíra, mas que não rebentara, perto do meu gabinete, e vi a sua mãe a sair de casa dos Jenkins. Bom! A cara dela. — Kitty abanava a cabeça. — Esqueça

as bombas... Quem olhasse para a Dolly julgaria que quem estava prestes a explodir era *ela*!

Laurel bebeu um gole de chá. Só estava a ver um cenário que levasse uma mulher a zangar-se com a melhor amiga e com o namorado em simultâneo. Teriam Jimmy e Vivien um caso ilícito? Fora esse o motivo por que a mãe rompera o noivado e fugira de Londres para começar uma nova vida? Isso explicaria certamente a fúria de Henry Jenkins... mas não contra Dolly, claro; como também não explicava os recentes remorsos da mãe em relação ao passado. Não havia nada de que se arrepender em levantar-se depois de uma queda e começar uma nova vida; era, aliás, uma prova de coragem.

— O que é que acha que se passou? — sondou ela com delicadeza, pousando a chávena.

Kitty ergueu os ombros ossudos, mas o gesto tinha qualquer coisa de dissimulado.

— A Dolly nunca lhe contou nada a respeito desse assunto, pois não? — Subjacente à expressão de surpresa dela, pressentia-se uma nítida satisfação. Soltou um suspiro teatral. — Bom, suponho que ela sempre foi pessoa de ter segredos. Algumas mães e filhas não são tão chegadas como outras, pois não?

Susanna exibiu um sorriso radiante; a mãe deu uma dentada no *scone*.

Laurel tinha o forte pressentimento de que Kitty lhe estava a esconder alguma coisa. Sendo uma de quatro irmãs, porém, sabia o que fazer para lha arrancar. Não havia muitas confidências que a indiferença não fosse capaz de extrair.

— Já lhe tomei muito do seu tempo, Sr.^a Barker — declarou ela, dobrando o guardanapo e endireitando a colher de chá. — Obrigada por aceder a falar comigo. Foi extremamente prestável da sua parte. Caso se lembre de alguma coisa susceptível de explicar o que se passou entre a minha mãe e a Vivien, informa-me, não informa? — Laurel levantou-se e afastou a cadeira. Encaminhou-se para a porta.

— Sabe — disse Kitty, indo atrás dela —, há de facto uma coisa, agora me lembro.

Embora a custo, Laurel lá conseguiu conter um sorriso.

— Ai sim?! — exclamou ela. — E então, do que se trata?

Kitty apertou os lábios como se estivesse prestes a falar contra a sua vontade e não soubesse ao certo porque se via em tal situação. Vociferou a Susanna que fosse encher o bule e, depois de a filha voltar costas, tornou a conduzir Laurel para a mesa.

— Eu já lhe falei do mau humor da Dolly — começou ela. — Péssimo, na verdade. Um autêntico horror. E assim se manteve durante o resto da nossa estada em Campden Grove. Então, uma noite, umas semanas depois do meu casamento, o meu marido tinha regressado ao serviço, e eu combinei ir dançar com umas colegas do emprego. Estive quase para não convidar a Dolly... ela andava tão desmancha-prazeres ultimamente... mas acabei por convidar e, para grande surpresa minha, ela aceitou vir connosco.

»Chegou ao clube vestida a rigor e a rir-se como se tivesse andado a atacar o uísque. Trazia uma amiga com ela, uma rapariga com quem tinha sido criada em Coventry, uma Caitlin não-sei-das-quantas, toda nariz empinado a princípio, mas depois acabou por se descontrair... com a Doll de volta dela, não teve outro remédio. Era uma daquelas pessoas... cheias de vida... que uma pessoa ficava bem-disposta só de a ver bem-disposta a ela.

Laurel esboçou um leve sorriso, reconhecendo a mãe nesta descrição.

— E se ela estava bem-disposta naquela noite, deixe-me que lhe diga. Tinha um olhar eufórico, sempre a rir e a dançar e a dizer coisas estranhíssimas. Quando eram horas de nos irmos embora, agarrou-me por um braço e confessou-me que tinha um plano.

— Um plano? — Laurel sentiu cada cabelo da nuca eriçar-se-lhe.

— Contou-me que a Vivien Jenkins lhe tinha pregado uma partida terrível, mas que tinha um plano que iria pôr as coisas outra vez nos eixos. Ela e o Jimmy iriam viver felizes para sempre; cada um iria ter

o que merecia.

Era tal qual como a mãe contara a Laurel no hospital. Mas as coisas não lhe tinham corrido como previa e ela não se casara com Jimmy. Em lugar disso, Henry Jenkins zangara-se. Laurel sentia o coração apertado, mas fez o possível por se mostrar impassível.

— E ela explicou-lhe que plano era esse?

— Não e, para ser franca, na altura eu não lhe dei grande importância. A guerra teve o condão de modificar as pessoas; estavam constantemente a dizer e a fazer coisas que, noutras circunstâncias, jamais diriam ou fariam. Nunca sabíamos o que o dia seguinte nos traria, se iríamos sequer acordar para o ver... Este tipo de incerteza leva muita gente a perder os escrúpulos. E a sua mãe sempre teve uma propensão para o dramatismo. Eu imaginei que aquela conversa dela de se vingar não passasse disso mesmo... de conversa. Só mais tarde me perguntei se ela não estaria a falar mais a sério do que eu julgava.

Laurel avançava paulatinamente.

— Mais tarde?

— Ela levou sumiço por completo. Aquela noite no clube nocturno foi a última vez que a vi. Nunca mais tive notícias dela, nem uma palavra sequer, e ela não respondeu a nenhuma das minhas cartas. Pensei que tivesse sido atingida nalgum bombardeamento, até que, logo a seguir ao fim da guerra, recebi a visita de uma mulher já de uma certa idade. Muito reservada que ela era... Queria saber coisas a respeito da Dolly, se ela tinha «cometido algum acto reprovável» no passado.

Laurel teve uma súbita visão da penumbra fresca do quarto de hóspedes da avó Nicolson.

— Uma mulher alta com um rosto atraente e uma expressão que parecia que tinha andado a chupar limões?

Kitty arqueou uma única sobrancelha.

— É sua amiga?

— Minha avó. Paterna.

— Ah — Kitty arreganhou um grande sorriso —, a sogra! Ela não mencionou isso, só disse que era patroa da sua mãe e que queria tirar umas referências acerca dela. Então, os seus pais sempre se casaram... Ele devia estar apaixonadíssimo por ela.

— Porquê? O que foi que contou à minha avó?

Kitty pestanejou, toda ela inocência.

— Eu estava magoada. Tinha ficado preocupada com ela quando não recebi notícias, e depois fiquei a saber que ela tinha dado o salto sem uma palavra sequer. — Acenou vagamente com a mão. — É possível que tenha romanceado ligeiramente, dado mais namorados à Dolly do que ela de facto teve, uma queda para o álcool... nada por aí além.

Mas suficiente para explicar o azedume da avó Nicolson: os namorados já era mau que chegasse, mas uma queda para o álcool? Era quase um sacrilégio.

Laurel sentiu um impulso repentino de se ir embora daquele chalé atravancado de tralha, de ficar a sós com os seus pensamentos. Agradeceu a Kitty Barker e começou a reunir as suas coisas.

— Dê lembranças minhas à sua mãe, está bem? — pediu-lhe Kitty enquanto a acompanhava à porta.

Laurel garantiu-lhe que assim faria e vestiu o casaco.

— Eu nunca me cheguei a despedir dela como devia ser. Pensei muito nela, ao longo destes anos todos, sobretudo quando soube que ela tinha sobrevivido à guerra. Mas a verdade é que não havia grande coisa que eu pudesse fazer... A Dolly era muito determinada, uma daquelas raparigas que conseguiam sempre o que queriam. Se ela queria desaparecer, não haveria ninguém capaz de a impedir ou de descobrir o paradeiro dela.

Excepto Henry Jenkins, pensou Laurel à medida que a porta de Kitty Barker se fechava nas suas costas. Ele conseguira descobri-la e Dorothy assegurara-se de que qualquer que fosse o motivo que Jenkins tivesse para andar no encalço dela morrera com ele naquele dia em Greenacres.

*

Laurel sentou-se no *Mini* verde estacionado diante do chalé de Kitty Barker, com o motor ligado. O ventilador estava no máximo e ela incentivou o radiador para que se despachasse a aquecer o automóvel. Já passava das cinco da tarde e a escuridão começava a pairar lá fora. Os pináculos da Universidade de Cambridge resplandeciam contra o céu penumbroso, mas Laurel não reparou neles. Estava demasiado ocupada a imaginar a mãe, a jovem da fotografia que encontrara, num clube nocturno, a agarrar Kitty Barker pelos pulsos e a dizer-lhe em voz eufórica que tinha um plano, que ia voltar a pôr tudo nos eixos.

— O que foi, Dorothy? — murmurou Laurel para consigo, já a estender uma mão para pegar no maço de cigarros. — Que diabo foi que tu fizeste?

O telemóvel tocou enquanto ela ainda andava a vasculhar dentro da carteira, a esperança de que fosse Gerry a cristalizar-se num instante, a responder finalmente aos seus telefonemas.

— Laurel? É a Rose. O Phil tem uma reunião dos Toastmasters[20] esta noite, e eu lembrei-me de que talvez quisesse companhia. Eu podia levar o jantar, talvez um DVD?

Laurel, desalentada, hesitou enquanto tentava inventar uma desculpa. Sentia-se culpada por mentir, especialmente a Rose, mas ainda não estava preparada para partilhar aquela sua investigação com ninguém, ou, pelo menos, com as irmãs; assistir a uma comédia romântica à conversa com a irmã enquanto sentia os pensamentos num turbilhão, empenhados em deslindar o passado da mãe, teria sido um autêntico suplício. Uma pena — havia uma parte dela que não se faria rogada em entregar aquela confusão tremenda a outra pessoa e dizer-lhe: «Vê lá se consegues dar algum sentido a isto»; mas o fardo era dela e, embora fizesse tentações de, mais tarde, contar às irmãs, recusava-se a fazê-lo (aliás, *não podia* fazê-lo) antes de saber, de facto, o que havia a

contar.

Despenteou o cabelo, ainda a dar voltas à cabeça para arranjar um pretexto para se esquivar ao jantar (Santo Deus, que fome tinha, agora que dava por isso!), e, entretanto, reparou nas torres altivas da universidade, majestosas na escuridão distante.

— Lol? Estás aí?

— Sim. Sim, estou.

— A ligação não está lá muito boa. Eu estava a perguntar-te se queres que te faça o jantar?

— Não — apressou-se Laurel a responder, vislumbrando subitamente os contornos vagos de uma ideia bastante razoável. — Obrigada, Rosie, mas não. Não te importas que eu te ligue amanhã?

— Está tudo bem contigo? Onde é que estás?

A ligação começava a ficar com interferências e Laurel viu-se obrigada a gritar.

— Está tudo bem. É só que... — Rasgou um grande sorriso ao ver o seu plano ganhar nitidez e clareza. — Esta noite não vou estar em casa, vou chegar tarde...

— Oh!

— Lamento, Rose. Lembrei-me agora de que preciso de ir falar com uma pessoa.

Capítulo 16

Londres, Janeiro de 1941

Os últimos quinze dias haviam sido um verdadeiro suplício e Dolly não podia deixar de culpar Jimmy por isso. Se ao menos ele não tivesse estragado tudo com aquela insistência toda. Ela ia toda feita para ter uma conversa com ele acerca de os dois manterem uma atitude mais discreta e Jimmy lembrara-se de a pedir em casamento, e, desde então uma brecha abrira-se dentro dela que se recusava a fechar. De um lado, encontrava-se Dolly Smitham, a jovem ingénua de Coventry que considerava que casar-se com o namorado e viverem felizes para sempre numa quinta à beira de um riacho era tudo quanto desejava da vida; do outro, achava-se Dorothy Smitham, amiga da glamorosa e abastada Vivien Jenkins, herdeira e acompanhante de Lady Gwendolyn Caldicott — uma mulher adulta que não precisava de inventar fantasias elaboradas quanto ao futuro porque sabia exactamente as aventuras fabulosas que a esperavam.

O que não queria dizer que Dolly não tivesse ficado transtornada por sair do restaurante daquela maneira, deixando os empregados embasbacados a olhar para ela; contudo, tivera a sensação premente de que, se continuasse ali, acabaria por dizer que sim, só para que Jimmy se levantasse do chão. E em que situação isso a teria deixado? Dividir um apartamento acanhado com Jimmy e o Sr. Metcalfe, com a preocupação constante de não saber de onde viria o próximo jarro de leite? Em que situação a deixaria com Lady

Gwendolyn? A velha senhora mostrara-se de uma amabilidade extrema para com Dolly, ao ponto de esta acabar por a considerar quase como se fosse da família; como reagiria ela se se visse abandonada pela segunda vez? Não, Dolly tomara a decisão correcta. O Dr. Rufus concordara quando a vira lastimar-se por causa disso durante o almoço; era jovem, dissera ele, tinha a vida toda pela frente, não fazia sentido estar a comprometer-se tão cedo.

Kitty (obviamente) reparara que qualquer coisa de estranho se passava e reagira fazendo desfilar o seu novo namorado da RAF pela porta do número 7 a cada oportunidade que lhe surgia, exibindo a sua aliança pelintra de noivado e fazendo-lhe perguntas acintosas acerca do paradeiro de Jimmy. Em comparação, o serviço na cantina era quase um alívio. Ou, pelo menos, teria sido se Vivien alguma vez lá pusesse os pés para lhe levantar o ânimo. Mal tinham falado uma com a outra depois da noite em que Jimmy lá aparecera de surpresa. Vivien fora entregar uma caixa com roupa doada, e Dolly já se preparava para ir ter com ela para a cumprimentar quando a Sr.^a Waddingham a recambiara para a cozinha sob pena de morte. Bruxa. Quase mais valia inscrever-se no Labour Exchange só para se ver livre da mulher de uma vez para sempre. Não que tivesse grandes esperanças disso. Dolly recebera uma carta do Ministério do Trabalho, todavia, quando Lady Gwendolyn ficara a par do sucedido, apressara-se a tomar medidas para que os funcionários ao mais alto nível compreendessem que Dolly era indispensável no seu actual cargo e não podia de forma alguma ser dispensada para ir fabricar bombas.

Nesse momento, dois bombeiros com a cara toda suja de fuligem chegaram ao balcão e Dolly compôs um sorriso, pondo uma covinha em cada face à medida que enchia duas tigelas de sopa.

— Têm tido uma noite muito atarefada, rapazes? — perguntou-lhes.

— O diabo do gelo nas mangueiras — respondeu-lhe o mais baixo dos dois. — A menina devia ver como está aquilo lá fora.

Estamos a apagar um incêndio numa casa e, logo de seguida, vemos pedaços de gelo pendurados precisamente na porta atingida pela água.

— Que horror! — exclamou Dolly, e os homens concordaram, arrastando-se em seguida pela sala e sentando-se pesadamente a uma mesa de cavalete, deixando-a uma vez mais entregue a si própria na cozinha.

Apoiou um cotovelo no balcão e pousou o queixo na mão. Não havia dúvida de que ultimamente Vivien andava muito ocupada com aquele médico dela. Dolly sentira uma certa desilusão quando Jimmy lhe contara (teria preferido saber do romance directamente por Vivien), mas compreendia a necessidade de segredo. Henry Jenkins não era o género de homem que apreciasse que a mulher andasse a ter aventuras ilícitas; bastava olhar para ele para perceber isso. Se alguém ouvisse a confidência da amiga, ou reparasse em algo suspeito e fosse contar ao marido, a amiga ver-se-ia metida num grande sarilho. Não admirava que ela tivesse insistido tanto com Jimmy para que não repetisse a ninguém o que lhe contara.

— Sr.^a Jenkins? Está a ouvir-me, Sr.^a Jenkins?

Dolly levantou rapidamente o olhar. Teria Vivien chegado quando ela estava distraída?

— Oh, Menina Smitham... — A voz perdeu alguma da jovialidade — ... É só a menina.

Maud Hoskins, impecável como sempre, estava ao balcão, um camafeu a apertar-lhe a blusa no pescoço, justa como o colarinho de um vigário. Não havia sinal de Vivien e Dolly sentiu o coração cair-lhe aos pés.

— Sou só eu, Sr.^a Hoskins.

— Sim — fungou a idosa com ar de desdém —, bem vejo que sim. — Olhou ao seu redor como uma galinha atarantada, fazendo um estalido com o bico e acrescentando: — Ora esta agora, calculo que não a tenha visto... a Sr.^a Jenkins, quero eu dizer?

— Deixe-me pensar. — Dolly bateu com a ponta de um dedo nos lábios repetida e pensativamente enquanto tornava a enfiar os pés nos sapatos atrás do balcão. — Não, não, creio que não.

— Mas que maçada. Sabe, tenho uma coisa para ela. Deve ter-se esquecido cá dela da última vez que cá esteve e eu guardei-a, à espera de me cruzar com ela. Mas há dias que não a vejo por cá.

— Ai sim? Não dei por nada.

— A semana toda. Espero que não tenha acontecido nada de cuidado.

Dolly ponderou contar à Sr.^a Hoskins que via Vivien todos os dias, sã como um pêro, da janela do quarto de Lady Gwendolyn, mas acabou por concluir que isso acarretaria mais perguntas do que respostas.

— Tenho a certeza de que está tudo bem.

— Oxalá tenha razão. Tão bem quanto se possa esperar em tempos tão exigentes como os que vivemos.

— É verdade.

— Só que é de facto uma maçada. Eu vou para a Cornualha, para casa da minha irmã, e espero poder devolver-lhe isto antes de me ir embora. — A Sr.^a Hopkins olhou à sua volta, hesitante. — Calculo que será melhor...

— Deixá-la comigo? Com certeza. — Dolly estampou o seu sorriso mais cativante na cara. — Não se preocupe que eu cá me encarregarei de que lhe chegue às mãos.

— Oh... — A Sr.^a Hoskins espreitou-a por detrás dos óculos apurados. — Eu não tencionava... Não sei se será boa ideia deixá-la aqui.

— Sr.^a Hoskins, por favor. Eu tenho todo o gosto em poder ajudá-la. Estou certa de que em breve irei ver a Vivien.

A idosa fez uma inspiração curta e seca, reparando que Dolly se referia a Vivien pelo nome próprio.

— Bom — disse ela, um tom de admiração a insinuar-se-lhe na voz. — Se está assim tão certa...

— Estou.

— Obrigada, Menina Smitham. Obrigada, é muito gentil da sua parte. Assim, sei que posso ficar descansada. É uma peça bastante valiosa, julgo eu. — A Sr.^a Hoskins abriu a carteira e retirou um pequeno embrulho de papel de seda. Passou-o por cima do balcão para a mão estendida de Dolly. — Eu embrulhei-o para ficar mais protegido. Tenha cuidado com ele, por favor... Seria extremamente desagradável se fosse parar às mãos erradas, não lhe parece?

*

Dolly só desembulhou o papel quando chegou a casa. Fora preciso um grande esforço de contenção da sua parte para não o rasgar mal a Sr.^a Hoskins virou costas, mas conseguiu. Guardou o embrulho dentro da carteira, e este lá ficou durante o resto do seu turno na cantina e o regresso apressado a Campden Grove.

Quando por fim fechou a porta do seu quarto, a curiosidade de Dolly era já uma dor física. Saltou para cima da cama, sem se descalçar sequer, e vasculhou a carteira à procura do embrulho de papel de seda. Ao abri-lo, caiu-lhe qualquer coisa no colo. Dolly pegou nela e revirou-a entre os dedos, um delicado medalhão oval pendurado num fino fio de ouro rosa. Um dos elos, reparou ela, estava ligeiramente aberto, permitindo que o respectivo parceiro se soltasse. Dolly inseriu o elo aberto no seguinte e depois, com a unha do polegar, fechou-o cuidadosamente.

Pronto — estava arranjado. E muito bem, ademais; alguém dificilmente daria com o sítio onde estivera a abertura. Dolly sorriu, satisfeita, enquanto dirigia a sua atenção para o medalhão. Era do género que se usava para guardar fotografias, constatou ela, esfregando com o polegar o delicado motivo em espiral gravado na sua bonita face. Quando finalmente conseguiu abri-lo, deparou com uma fotografia de quatro crianças, duas raparigas e dois rapazes, sentados numa escada de madeira e de olhos semicerrados ao sol

radioso. A imagem fora cortada ao meio para encaixar na moldura d ptica.

Dolly reconheceu Vivien de imediato, a mais pequena das raparigas. De p  com um braço apoiado no corrimão da escada, a outra mão pousada no ombro de um dos rapazes, um garoto pequeno de ar simples. Eram os irmãos dela, concluiu Dolly, em casa, na Austrália, e o retrato fora obviamente tirado algum tempo antes de Vivien ser mandada para Inglaterra. Antes de ela reencontrar o tio havia muito perdido e de ter sido criada até   idade adulta numa torre da grande propriedade da família, precisamente onde mais tarde haveria de conhecer e de se casar com o atraente Henry Jenkins. Dolly teve um arrepio de prazer. Era tal como nos contos de fadas; tal e qual como no livro de Henry Jenkins, na verdade.

Sorriu perante a imagem de Vivien em criança. «Quem me dera tê-la conhecido naquela época», disse Dolly em voz baixa, o que era uma tolice, porque era obviamente de longe melhor conhecê-la agora, ter a oportunidade de ser uma das metades de Dolly e Viv de Campden Grove. Observou atentamente o rosto da menina, identificando a versão infantil das feições que tanto admirava na mulher adulta, e causou-lhe estranheza poder gostar tanto de alg m que conhecia havia tão pouco tempo.

Fechou o medalhão e reparou que havia uma inscrição em caracteres elaborados no verso. «Isabel», leu ela em voz alta. A mãe de Vivien, talvez? Dolly não se lembrava de saber como se chamava a mãe da amiga, mas fazia sentido. Parecia-lhe o tipo de fotografia que uma mãe haveria de acarinhar: a prole toda reunida, a sorrir para o fotógrafo de passagem. Dolly ainda era muito nova para pensar em ter filhos, mas sabia que, quando os tivesse, haveria de trazer uma fotografia como aquela sempre consigo.

Uma coisa era certa, se em tempos pertencera   mãe, aquele medalhão deveria ser extremamente importante para Vivien. Dolly iria ter de o pôr a salvo. Reflectiu momentaneamente e, logo de

seguida, a sua expressão rasgou-se num sorriso — já sabia onde o iria guardar, no sítio mais seguro possível. Dolly abriu o fecho e enfiou o fio por baixo do cabelo, pendurando-o ao pescoço. Soltou um suspiro de satisfação, e de alegria, também, quando viu o medalhão desaparecer sob o decote da blusa e o metal frio tocar-lhe na pele quente.

Dolly descalçou os sapatos e atirou o chapéu para a banquetta da janela, recostando-se nas almofadas com os pés cruzados. Acendeu um cigarro e soprou anéis de fumo em direcção ao tecto, imaginando o entusiasmo que Vivien não sentiria quando lhe devolvesse o medalhão. O mais certo seria envolver Dolly nos seus braços, dar-lhe um abraço apertado e chamar-lhe «minha querida», ao mesmo tempo que os seus lindos olhos escuros se lhe toldavam de lágrimas. Convidaria Dolly para se sentar a seu lado no sofá e conversariam sobre tudo e mais alguma coisa. Dolly tinha o pressentimento de que, ao fim de algum tempo juntas, Vivien seria mesmo capaz de lhe falar do tal indivíduo, o amigo médico.

Puxou o medalhão de entre os seios e contemplou a sua bonita superfície espiralada. A pobre Vivien deveria estar destroçada, a pensar que o tinha perdido irremediavelmente. Dolly interrogou-se se não seria melhor ir avisá-la de imediato de que o medalhão se achava em segurança — quem sabe enfiar-lhe uma carta através da ranhura da porta da rua? —, mas depressa concluiu que não era boa ideia. Não tinha papel de carta seu, apenas com o monograma de Lady Gwendolyn, e isso não lhe parecia lá muito correcto. Seria melhor ir falar pessoalmente com ela. O problema agora era saber o que haveria ela de vestir.

Dolly virou-se de barriga para baixo e pegou no seu Livro de Ideias que tinha escondido debaixo da cama. *Mrs. Beeton's Book of Household Management* não despertara o interesse de Dolly quando a mãe lho oferecera, mas nos tempos que corriam o papel valia o seu peso em ouro, e as páginas do livro tinham demonstrado ser o repositório ideal para as suas fotografias preferidas da *The*

Lady. Dolly andava havia mais de um ano a recortá-las e a colá-las por cima das regras e das receitas da Sr.^a Beeton. Folheou as páginas, prestando a máxima atenção ao que as mulheres da alta sociedade usavam, comparando as imagens com artigos em que reparara no quarto de vestir do último piso. Deteve-se ao chegar a uma fotografia recente. Era de Vivien, fotografada numa tarde de angariação de fundos no Ritz, deslumbrante, com um delicado vestido de fina seda. Dolly fez deslizar o dedo pensativamente ao longo dos contornos do corpete e da saia — havia um igualzinho lá em cima; com algumas alterações, seria perfeito. Sorriu para consigo ao imaginar a sensação que não causaria, toda elegante a atravessar a rua, quando fosse da sua conveniência, para tomar chá com Vivien Jenkins.

*

Três dias decorridos, com uma atitude prestativa pouco habitual nela, Lady Gwendolyn deixou cair o saco das guloseimas e ordenou a Dolly que corresse os cortinados à prova de luz e a deixasse fazer a sua sesta em paz e sossego. Eram quase três da tarde e Dolly não precisou de que lhe dissessem duas vezes. Aguardou até ter a certeza de que a velha senhora adormecia e, em seguida, enfiou-se no vestido amarelo que tinha pendurado no quarto, já a postos, esgueirando-se de imediato de casa para ir ao encontro de Vivien.

Quando pisou o degrau superior de tijoleira, já a preparar-se para tocar à campainha, Dolly imaginou a cara da amiga quando abrisse a porta e deparasse com ela ali; o sorriso agradecido de alívio quando se sentassem as duas a tomar chá e ela lhe mostrasse o medalhão. A sua expectativa era tanta que só lhe apetecia dançar.

Deteve-se um instante a dar um último jeito ao cabelo, a desfrutar do momento à medida que sentia o coração a acelerar, e, por fim, tocou à campainha.

Aguardou, à escuta do ruge-ruge indiciador do outro lado da

porta, e em seguida esta abriu-se de rompante para o interior e uma voz disse:

— Olá, querida...

Dolly recuou abruptamente um passo. Diante dela, achava-se Henry Jenkins, mais alto visto de perto do que lhe parecera ao longe, atraente como todos os homens poderosos. A sua atitude tinha qualquer coisa de quase brutal, mas desvaneceu-se rapidamente, e Dolly concluiu que deveria ter sido apenas a sua surpresa a colorir os factos. O que era certo era que, em todas as suas muitas fantasias, Dolly nunca contemplara semelhante cenário. Henry Jenkins tinha um cargo importante no Ministério da Informação e raramente estava em casa durante o dia. Dolly abriu a boca e tornou a fechá-la; sentia-se intimidada pela sua presença, altura e expressão tão carregada.

— Sim? — indagou ele. Tinha a tez ruborizada e Dolly perguntou-se se não teria estado a beber. — É de restos de tecido que vem à procura? Porque eu já vos dei tudo o que tinha para dar.

Dolly lá conseguiu falar.

— Não, não, queira desculpar — disse ela. — Não estou aqui por causa dos tecidos. Vim à procura da Vivien... da Sr.^a Jenkins. — Pronto, estava a recuperar a compostura. Sorriu-lhe. — Sou amiga da sua mulher.

— Estou a ver. — A surpresa dele era notória. — Amiga da minha mulher. E posso saber como se chama a amiga da minha mulher?

— Dolly... isto é, Dorothy. Dorothy Smitham.

— Muito bem, Dorothy Smitham, nesse caso, talvez seja melhor entrar, não acha? — Recuou um passo e fez um gesto convidativo com a mão.

Ocorreu a Dolly, ao transpor a porta da casa de Vivien, que, ao fim de tanto tempo a morar em Campden Grove, era a primeira vez que punha os pés no número 25. Ao que lhe era dado a ver, a disposição era em tudo idêntica à do número 7, um *hall* de entrada com um lanço de escadas que conduzia ao primeiro andar e uma

porta à esquerda. À medida que seguia Henry Jenkins para a sala de estar, porém, verificou que as semelhanças se ficavam por aí. A decoração do número 25 datava obviamente do presente século e, em contraste com o mobiliário de mogno cheio de curvas e das paredes atafalhadas de Lady Gwendolyn, aquela casa era toda ela luz e contornos rectilíneos.

A casa era um deslumbramento: o soalho era de *parquet*, e um conjunto de lustres tubulares de vidro fosco pendia do tecto. Ao longo das paredes, estavam dispostas fotografias dramáticas de arquitectura contemporânea, e o sofá verde-lima tinha uma pele de zebra estendida num dos braços. Tão elegante, tão moderno — Dolly teve o cuidado de que não lhe entrasse nenhuma mosca para a boca tal era o seu espanto.

— Sente-se. Faça favor — sugeriu-lhe Henry Jenkins, indicando-lhe uma poltrona em forma de concha junto à janela. Dolly assim fez, ajeitando a bainha do vestido antes de cruzar as pernas. De repente, sentiu-se constrangida com a indumentária que trazia. Era bastante elegante, para a sua época, todavia, ali sentada, naquela sala esplêndida, mais parecia uma peça de museu. Achara-se tão elegante no quarto de vestir de Lady Gwendolyn, à medida que se virava para um lado e para o outro diante do espelho; agora, a única coisa que via eram os seus debruns e adornos antiquados: tão diferente, na verdade (como era possível que não tivesse reparado antes?), das linhas sóbrias do vestido de Vivien.

— Eu oferecia-lhe um chá — disse-lhe Henry Jenkins tocando ao de leve nas pontas do bigode de uma forma estranha que, no entanto, tinha o seu quê de sedutor —, mas ficámos sem empregada esta semana. Uma grande desilusão... a rapariga foi apanhada a roubar.

Ele não tirava os olhos, apercebeu-se Dolly com um arroubo de entusiasmo, das suas pernas cruzadas. Sorriu-lhe, com ligeiro embaraço (afinal de contas, tratava-se do marido de Vivien), mas não sem uma certa satisfação.

— Lamento — disse ela, lembrando-se em seguida de um comentário que ouvira a Lady Gwendolyn. — Hoje em dia é extremamente difícil arranjar empregados de jeito, não é?

— Sem dúvida. — Henry Jenkins achava-se de pé junto à lareira deveras extraordinária, decorada com azulejos a preto e branco, qual tabuleiro de xadrez. Contemplou Dolly com um ar intrigado e perguntou-lhe: — Mas, então, conte-me lá: de onde é que conhece a minha mulher?

— Conhecemo-nos no Serviço Voluntário Feminino e chegámos à conclusão de que temos muito em comum.

— A dedicação das senhoras é impressionante, sem dúvida. — Sorriu, ainda que não completamente à vontade, e a sua pausa, os olhares que lhe lançava, causou a Dolly a nítida impressão de que havia algo que fazia tenções de descobrir, que estava à espera de que ela adiantasse mais alguma coisa. Não fazia ideia do que pudesse ser e, por conseguinte, retribuiu-lhe o sorriso e não disse nada. Henry Jenkins deitou uma olhadela ao relógio de pulso.

— Veja-se o dia de hoje, por exemplo. Ao pequeno-almoço, a minha mulher informou-me de que tinha uma reunião que acabaria às duas. Eu voltei para casa mais cedo para lhe fazer uma surpresa, mas já são três e um quarto, e nem sinal dela. Presumo que tenha sofrido algum contratempo, mas uma pessoa não pode deixar de ficar preocupada.

As palavras dele deixavam transparecer irritação e Dolly compreendia bem o motivo: era um homem importante que deixara trabalho essencial de guerra por fazer de modo a poder estar com a mulher e agora ela deixava-o plantado à espera e andava a passear pela cidade.

— Tinha algum encontro combinado com a minha mulher? — perguntou-lhe ele de repente, como se só então lhe tivesse ocorrido que a demora de Vivien também poderia estar a causar transtorno a Dolly.

— Ah, não — apressou-se ela a responder. A ideia parecia

insultá-lo e desejava tranquilizá-lo. — A Vivien não sabe da minha visita. Eu vim devolver-lhe uma coisa que ela perdeu.

— Ai sim?

Dolly retirou o fio da carteira e estendeu-o delicadamente sobre os dedos. Tinha pintado propositadamente as unhas com os restos de verniz carmesim *Coty* de Kitty.

— O medalhão dela — disse ele em voz sumida, tirando-lho da mão. — Tinha-o ao pescoço quando nos conhecemos.

— É um fio muito bonito.

— A Vivien usa-o desde miúda. Compre-lhe eu o que lhe comprar, por muito bonito e requintado que seja, ela não troca esse fio por nada deste mundo. Nem mesmo quando usa um colar de pérolas o tira. Não estou lembrado de alguma vez a ter visto sem ele e, no entanto — estava a inspeccionar o fio —, uma vez que está intacto, deve tê-lo tirado. — Deitou uma olhadela de viés a Dolly e ela retraiu-se ligeiramente perante a intensidade do seu olhar. Seria assim que ele olharia para Vivien, interrogou-se ela, quando lhe levantava o vestido, afastando o medalhão para a beijar? — Disse-me que o encontrou? — prosseguiu ele. — E onde, posso saber?

— Eu... — Dolly sentiu o rubor aflorar-lhe às faces perante aqueles pensamentos. — Lamento, mas não sei... Sabe, não fui eu quem o encontrou, deram-mo a mim para que eu o entregasse à Vivien. Dada a nossa amizade.

Ele assentiu lentamente com a cabeça.

— Pergunto-me, Sr.^a Smitham...

— *Menina* Smitham.

— Menina Smitham. — Os lábios contraíram-se-lhe, o laivo de um sorriso que ainda a fez corar mais. — Correndo o risco de parecer impertinente, pergunto-me porque foi que não devolveu isto à minha mulher na cantina do Serviço Voluntário Feminino? Com certeza teria sido mais conveniente para uma senhora ocupada, como calculo que seja.

«Uma senhora ocupada.» A expressão agradou a Dolly.

— Não é impertinência nenhuma, Sr. Jenkins. A verdade é que eu sei o quanto o fio significa para a Vivien e quis devolver-lho o quanto antes. Os nossos turnos nem sempre coincidem, compreende?

— Que estranho! — O punho fechou-se-lhe pensativamente em volta do medalhão. — A minha mulher apresenta-se ao serviço todos os dias.

Antes de Dolly ter tempo de esclarecer que ninguém trabalhava na cantina todos os dias, que havia um livro de turno e uma Sr.^a Waddingham que geria o serviço com pulso de ferro, uma chave rodou na fechadura.

Vivien chegara a casa.

Tanto Dolly como Henry dirigiram a sua atenção para a porta fechada da sala de estar, à escuta dos passos dela no *parquet* do *hall* de entrada. O coração de Dolly pôs-se a gorjear à medida que ela imaginava a alegria da amiga assim que Henry lhe mostrasse o fio, quando ele lhe explicasse que fora Dolly quem lho trouxera; a gratidão que tomaria conta dela e, sim, porque não o amor e o sorriso radiante que se lhe haveria de espriar no rosto ao dizer: «Henry, meu querido. Estou tão contente por teres finalmente conhecido a Dolly. Há tanto tempo que ando para te convidar para vires cá tomar chá, minha querida, mas temos andado tão ocupadas, não é verdade?» E depois o comentário jocoso de Vivien sobre a tirana que dirigia a cantina, as duas a desatar na gargalhada e, a rematar, a sugestão de Henry para que jantassem os três, talvez no seu clube...

A porta da sala de estar abriu-se e Dolly empoleirou-se na beira da poltrona. Henry levantou-se apressadamente para abraçar a mulher. O abraço foi demorado, romântico, como se ele lhe estivesse a sentir o cheiro, e Dolly apercebeu-se, com uma pontada de inveja, da paixão que Henry Jenkins tinha pela mulher. Ela já sabia, claro, tendo lido *A Musa Relutante*, mas vê-los à sua frente naquela sala tirou-lhe qualquer dúvida que ainda pudesse alimentar. O que teria Vivien na cabeça, a envolver-se com um médico,

quando tinha um marido como Henry, que a amava tanto?

O médico. Dolly olhou para a cara de Henry, de olhos fechados enquanto encostava a cabeça de Vivien firmemente contra o peito; a enlaçava num abraço que se poderia esperar de quem não a visse havia meses e receasse o pior; e, subitamente, apercebeu-se de que ele sabia. A inquietação pela demora de Vivien, as perguntas pertinentes que fizera a Dolly, o tom de frustração com que se referia à sua amada esposa... Ele *sabia*. Isto é, suspeitava. E tivera esperanças de que Dolly lhe pudesse confirmar as suspeitas, de uma maneira ou de outra. «Oh, Vivien», pensou ela, entrelaçando os dedos com o olhar fixo nas costas da amiga, «tem cuidado.»

Henry largou-a por fim, levantando o queixo da mulher para a olhar nos olhos.

— Como foi o teu dia, meu amor?

Vivien esperou que ele a soltasse por completo e depois tirou o chapéu do SVF.

— Atarefado — respondeu ela, alisando o cabelo na nuca. Pousou o chapéu numa mesinha ali próximo, lado a lado com uma fotografia do dia do casamento. — Andamos a encaixotar cachecóis e a procura é enorme. Estamos a demorar muito mais do que o previsto. — Fez uma pausa, ajeitando com extremo cuidado a aba do chapéu. — Não fazia ideia de que chegarias a casa tão cedo; se soubesse, teria feito por ter saído a tempo de te encontrar.

Henry sorriu, um sorriso pesaroso, pareceu a Dolly, e disse:

— Queria fazer-te uma surpresa.

— Eu não sabia.

— Nem terias como saber. É por isso que se lhe chama surpresa, não é? Para apanhar as pessoas desprevenidas? — Agarrou-a por um cotovelo e deslocou ligeiramente o corpo da mulher de modo a ela ficar de frente para a sala. — Por falar em surpresas, querida, temos uma visita. A Menina Smitham está cá em casa.

Dolly levantou-se, o coração a martelar-lhe o peito. Finalmente, o seu momento chegara.

— A tua amiga veio ver-te — continuou Henry. — Temos estado a ter uma conversa esplêndida a respeito da tua dedicação ao Serviço Voluntário Feminino.

Vivien pestanejou em direcção a Dolly, com um ar perfeitamente inexpressivo, e em seguida disse:

— Eu não sei quem é esta mulher.

Dolly susteve a respiração. A sala começou a andar à roda.

— Mas, querida — disse-lhe Henry —, claro que sabes. Ela veio devolver-te isto. — Ele tirou o fio do bolso e depositou-o nas mãos da mulher. — Deves tê-lo tirado e esquecido dele nalgum lado.

Vivien revirou-o, abriu o medalhão e olhou para as fotografias no interior.

— Onde foi que encontrou o meu fio? — questionou-a ela, com uma frieza tal que Dolly sentiu um arrepio.

— Eu... — Tinha a cabeça às voltas. Não compreendia o que se estava a passar, a que se devia aquele comportamento de Vivien; depois de todos os olhares que tinham trocado, breves, era certo, mas carregados de lealdade; depois de tantas vezes que se tinham observado das respectivas janelas; depois de todos os planos que Dolly imaginara para o futuro de ambas. Seria possível que Vivien não tivesse reparado, que não tivesse consciência da importância que tinham uma para a outra, que também não andasse a sonhar com a Dolly e a Viv?

— Ficou esquecido na cantina. A Sr.^a Hoskins encontrou-o e pediu-mo que to devolvesse, tendo em conta que... — «Tendo em conta que somos almas gémeas, melhores amigas.» — Tendo em conta que somos vizinhas.

As sobrancelhas perfeitas de Vivien arquearam-se de forma repentina e ela olhou fixamente para Dolly. Houve um momento de consideração e, em seguida, o rosto dela iluminou-se, ainda que subtilmente.

— Sim. Agora me lembro. Esta mulher é criada de Lady Gwendolyn Caldicott.

A palavra «criada» foi acompanhada por uma olhadela significativa a Henry, e a alteração na atitude do marido foi imediata. Dolly recordou-se da forma como ele se referira à criada do casal, a rapariga que fora recentemente despedida, acusada de roubar. Olhou para a preciosa peça de joalharia e perguntou-lhe:

— Então, afinal, não é tua amiga?

— Claro que não — retorquiu Vivien, como se a mera ideia fosse para ela uma abominação. — Tu conheces todas as minhas amigas, meu querido. Estás farto de saber isso.

Henry fitou a esposa com ar perplexo e, em seguida, assentiu rigidamente com a cabeça.

— Eu também achei estranho, mas ela insistiu tanto. — Simultaneamente, virou-se para Dolly, a dúvida e a contrariedade a cristalizarem-se-lhe num sobrolho franzido que lhe repuxava a testa. Estava desiludido com ela, via Dolly; pior do que isso, à sua desilusão não era alheio um certo desprezo. — Menina Smitham — disse ele —, estou-lhe muito agradecido por ter devolvido o fio da minha mulher, mas agora creio que está na altura de se retirar.

Dolly não sabia o que dizer. Só poderia estar a sonhar, com certeza; não era nada daquilo que imaginara, o que merecia, o que esperava da vida. A todo o momento, iria acordar e, ao invés, dar por ela a rir-se na companhia de Vivien e Henry, enquanto saboreavam os três um uísque e se sentavam a conversar acerca das agruras da vida, e ela e Vivien, juntas no sofá, virar-se-iam uma para a outra na risota à custa da Sr.^a Waddingham da cantina, e Henry haveria de sorrir afectuosamente ao vê-las assim, e comentar que duas que elas lhe tinham saído, que dois encantos de raparigas incorrigíveis.

— Menina Smitham?

Dolly ainda conseguiu assentir com a cabeça, agarrar na carteira e passar por ambos de fugida, a caminho do *hall* de entrada.

Henry Jenkins foi atrás dela, hesitando por breves instantes antes de abrir a porta da rua. O braço dele impediu-lhe a passagem e

Dolly não teve outro remédio se não ficar onde estava e esperar que ele a deixasse sair. Parecia estar a decidir o que haveria de dizer.

— Menina Smitham? — Dirigiu-se a ela como se falasse com uma criança tola; pior, uma simples criada que se esquecera do seu lugar, se entregara a fantasias e sonhos ambiciosos de uma vida muito acima do que a sua condição lhe permitia aspirar. Dolly não tinha coragem de o encarar; sentia as forças faltarem-lhe. — Seja uma linda menina e ponha-se a andar daqui — aconselhou-a. — Trate bem de Lady Gwendolyn e veja se não se torna a meter em sarilhos.

Começava a anoitecer, e Dolly viu Kitty e Louisa no passeio oposto, de regresso do emprego. Kitty olhou para ela e a sua boca abriu-se num O de espanto quando percebeu o que se passava. Dolly, porém, não teve oportunidade de sorrir, acenar ou fazer uma cara bem-disposta. Como poderia, quando tudo estava perdido? Quando todos os seus desejos, todas as suas esperanças, haviam sido recebidos com semelhante desprezo e crueldade?

Capítulo 17

Universidade de Cambridge, 2011

A chuva amainara e uma Lua cheia rompeu prateada através das nuvens estriadas. Tendo já feito uma visita à Biblioteca da Universidade de Cambridge, Laurel estava agora sentada à porta da Capela do Clare College, à espera de ser atropelada por algum ciclista. Não por um ciclista qualquer; ela tinha um ciclista particular em mente. As Vésperas estavam quase a terminar, havia meia hora que estava a ouvi-las do banco sob a cerejeira, deixando-se transportar pelo grande órgão e pelas vozes do coro. A todo o instante, porém, o ofício chegaria ao fim e um mar de gente irromperia pelas portas da capela, cada um a reclamar a respectiva bicicleta da trintena amontoada no estacionamento metálico e passar por ela a toda a velocidade em várias direcções. Um deles, esperava Laurel, seria Gerry; era algo que sempre haviam partilhado, o amor pela música — o género de música que fazia as pessoas vislumbrar respostas para dúvidas que não sabiam que tinham —, e, mal chegara a Cambridge e vira letreiros à entrada da faculdade a anunciar as Vésperas, Laurel percebera que seria a melhor hipótese de encontrar o irmão.

E, tal como previra, uns minutos depois de «Rejoice in the Lamb», de Benjamin Britten, ter chegado à sua assombrosa conclusão, à medida que as pessoas começavam a surgir aos pares e em pequenos grupos através das portas da capela, uma delas saiu sozinha. Uma silhueta alta e esgalgada cuja aparição ao cimo das

escadas arrancou um sorriso a Laurel, porque era seguramente uma das bênçãos mais simples da vida conhecer alguém tão bem ao ponto de se conseguir distingui-lo de imediato ao fundo de um pátio escuro. A silhueta montou numa bicicleta e fez pressão com um pé, vacilando ligeiramente antes de ganhar velocidade.

Laurel chegou-se para a estrada à medida que o irmão se aproximava, acenando e chamando-o pelo nome. Gerry por um triz não a deitou ao chão, parando em seguida e fitando-a de olhos semicerrados através da penumbra luarenta. A sua expressão rasgou-se no mais desarmante dos sorrisos e Laurel perguntou-se porque não vinha visitá-lo mais vezes.

— Lol! — exclamou ele. — Que estás aqui a fazer?

— Queria ver-te. Tentei telefonar-te; deixei-te mensagens.

Gerry abanava a cabeça.

— O gravador estava constantemente a piscar, aquela maldita luzinha vermelha na parte da frente insistia em piscar. Julguei que o gravador estivesse avariado... Tive de o desligar da tomada.

A explicação era tão plausível à luz da pessoa de Gerry que, por maior que tivesse sido a exasperação por não poder contactá-lo, por muito que se tivesse apoquentado com a eventualidade de ele estar zangado com ela, Laurel não foi capaz de conter um sorriso.

— Bom — disse ela —, pelo menos foi da maneira que arranjei um pretexto para vir até cá e fazer-te uma visita. Já jantaste?

— Jantar?

— Comer. Um hábito maçador, bem sei, mas eu ainda o mantenho várias vezes ao dia.

Gerry despenteou a cabeleira escura e emaranhada, como se fizesse um esforço por se lembrar.

— Anda daí! — disse-lhe a irmã. — Eu pago.

Gerry levou a bicicleta à mão ao lado dela e conversaram sobre música durante o caminho até à pequena *pizzaria* construída num buraco aberto no muro virado para o Arts Theatre. Precisamente o mesmo sítio, constatou Laurel, aonde, na adolescência, fora para

assistir à peça *A Festa de Anos*, de Harold Pinter.

O interior do restaurante estava mal iluminado, com velas a tremular dentro de frascos de vidro em cima de toalhas de mesa aos quadrados vermelhos e brancos. Estava à cunha, mas Gerry e Laurel arranjaram uma mesa ao fundo, mesmo ao lado do forno das *pizzas*. Laurel despiu o casaco e um jovem de cabelo louro e comprido a cair-lhe numa elaborada madeixa por cima dos olhos veio tomar nota do pedido das *pizzas* e do vinho. Regressou escassos minutos mais tarde, com uma garrafa de *chianti* e dois copos sem pé.

— Então — disse Laurel, servindo vinho a ambos —, posso ter a ousadia de perguntar em que tens andado a trabalhar?

— Ainda hoje terminei um artigo sobre os hábitos alimentares das galáxias adolescentes.

— São comilonas, elas?

— Muito, ao que parece.

— E já passaram dos trinta, calculo eu.

— Ligeiramente. À volta de entre três e cinco mil milhões de anos após o Big Bang.

Laurel observava o irmão à medida que este prosseguia, alongando-se entusiasticamente sobre o *Very Large Telescope* do ESO, no Chile («É o equivalente a um microscópio para um biólogo»), e explicando-lhe que ténues manchas no céu eram na realidade galáxias distantes, e que tudo indicava que algumas («É incrível, Lol») não apresentavam rotação do gás — «Nenhuma das teorias actuais contempla semelhante fenómeno» —, e ela assentia com a cabeça e reagia, não sem uma certa dose de culpa, porque na verdade não estava a prestar a mínima atenção ao que ele dizia. Laurel estava a pensar na maneira como, quando Gerry se entusiasmava, as suas palavras se atropelavam umas às outras, como se a boca do irmão se visse em dificuldades para acompanhar o ritmo da sua magnífica mente; o facto de só respirar quando era absolutamente imprescindível; a forma como abria as mãos com

expressividade e os dedos compridos se lhe retesavam, mas com precisão, como se tivessem estrelas em equilíbrio nas pontas. Eram as mãos do pai, constatou Laurel, atenta aos seus movimentos; as maçãs do rosto do pai e os olhos doces atrás dos óculos. Na verdade, havia muito de Stephen Nicolson no seu filho único. As gargalhadas de Gerry, porém, haviam sido herdadas da mãe.

O irmão interrompera o discurso e estava agora a beber vinho. Por muito nervosa que Laurel se sentisse por causa da demanda que tinha em curso, em particular a conversa que sabia que a esperava, havia uma descomplicação na companhia de Gerry que a fazia ansiar por algo que não sabia exprimir ao certo. Sentia o eco de uma recordação de como as coisas haviam sido entre ambos e queria prolongar a sensação um pouco mais antes de estragar o ambiente com confissões. Indagou:

— E o que é que se segue? O que poderá eventualmente rivalizar com os hábitos alimentares das galáxias adolescentes?

— Estou a criar O Mapa Mais Recente de Tudo.

— Continuas a apostar em objectivos modestos e exequíveis, ao que vejo.

Gerry arreganhou um sorriso.

— Devia ser fácil... Não se dá o caso de eu pretender incluir o espaço todo, apenas o céu. Uns meros quinhentos e sessenta milhões de estrelas, galáxias e outros objectos, e fica o caso arrumado.

Laurel estava a contemplar este número quando as *pizzas* chegaram, e o aroma a alho e a manjerição recordou-lhe de que estava sem comer desde o pequeno-almoço. Comeu com a voracidade de uma galáxia adolescente, com a certeza quase absoluta de que nunca nada na vida lhe havia sabido tão bem como aquela *pizza*. Gerry perguntou-lhe pelo trabalho e, entre garfadas, Laurel falou-lhe do documentário e da nova versão de *Macbeth* que andava a filmar. — Ou, melhor dizendo, irei filmar. Tirei uns dias de folga.

Gerry estendeu uma manápula.

— Espera... dias de folga?

— Sim.

O irmão inclinou a cabeça.

— O que é que se passa?

— Porque é que toda a gente insiste em fazer-me essa pergunta?

— Porque tu nunca tiras dias de folga.

— Que disparate!

Gerry arqueou as sobrancelhas.

— Estás a entrar comigo? Já me têm dito que às vezes as piadas me escapam.

— Não, não estou a entrar contigo.

— Nesse caso, tenho de te informar de que todas as provas empíricas vão contra a tua afirmação.

— Provas empíricas? — escarneceu Laurel. — Por favor. Diz o roto ao nu. Quando foi a última vez que tiraste dias de folga?

— Em Junho de 1985, para o casamento do Max Seerjay, em Bath.

— Pronto, aí tens.

— Eu não disse que era diferente de ti quanto a isso. Tu e eu somos muito parecidos, ambos casados com o trabalho: é por isso que eu sei que se passa alguma coisa. — Limpou a boca com o guardanapo de papel e recostou-se à parede de tijolo cor de carvão.

— Uns dias de folga anómalos, uma visita anómala... Só posso concluir que as duas coisas estão relacionadas.

Laurel soltou um suspiro.

— Expiração para empatar. Todas as provas de que eu precisava. Queres fazer o favor de explicar o que se passa, Lol?

A irmã dobrou o guardanapo ao meio uma e outra vez ainda. Era agora ou nunca; durante todo aquele tempo, ansiara por que Gerry a acompanhasse na aventura; agora chegara o momento de o cooptar. Disse-lhe:

— Lembras-te daquela vez em que foste passar a noite a minha

casa em Londres? Mesmo antes de vires para cá?

Gerry deu-lhe uma resposta afirmativa com uma citação de *Monty Python e o Cálice Sagrado*:

— «Por favor! Isto é suposto ser um acontecimento feliz.»

Laurel sorriu-lhe.

— «Não vamos agora pôr-nos com quezílias e discussões a respeito de quem matou quem.» Adoro esse filme. — Deslocou uma azeitona de um lado do prato para o outro, a fazer tempo, a tentar encontrar as palavras adequadas. Tarefa impossível, porque de facto não as havia, o melhor seria dizer a primeira coisa que lhe viesse à cabeça, e pronto. — Naquela noite, lá em cima no telhado, tu perguntaste-me uma coisa; perguntaste-me se tinha acontecido alguma coisa quando éramos miúdos. Alguma coisa que envolvesse violência.

— Estou lembrado.

— Estás?

Gerry assentiu com a cabeça, um único aceno, eficiente.

— E ainda te lembras do que eu te respondi?

— Disseste-me que não te recordavas de nada do género.

— Sim, pois foi. Eu disse isso — concordou ela em voz sumida.

— Mas menti-te, Gerry. — Escusou-se a acrescentar que fora para o seu próprio bem ou que na altura lhe parecera a atitude mais correcta. Ambas as coisas eram verdade, mas que importância teria isso agora? Não pretendia desculpar o seu comportamento, de forma alguma; mentira e merecia quaisquer recriminações que daí adviessem: não apenas por esconder a verdade ao irmão, mas pelo que dissera aos dois polícias. — Menti.

— Isso sei eu — ripostou ele, acabando de comer a crosta.

Laurel pestanejou.

— Tu sabes? Como?

— Desviaste o olhar do meu quando te perguntei e trataste-me por «G». Nunca fazes isso a menos que estejas atrapalhada. — Encolheu os ombros com desprendimento. — A melhor actriz do

país, talvez; mas nem por isso estás à altura dos meus poderes de dedução.

— E ainda há quem te acuse de seres distraído.

— Ai sim? Não fazia ideia. Estou destroçado. — Trocaram um sorriso, ainda que contido, tendo Gerry acrescentado: — Queres dizer-me a verdade agora, Lol?

— Quero. Muito. Ainda a queres ouvir?

— Quero. Muito.

Ela assentiu com a cabeça.

— Então, está bem. — E, assim, começou pelo princípio: uma rapariga numa casa em cima de uma árvore num dia de Verão de 1961, um desconhecido no caminho de acesso a casa, um rapazinho minúsculo ao colo da mãe. Teve especial cuidado em descrever o amor que a mãe tinha àquele rapazinho, as vezes em que se detinha no degrau só para lhe sorrir e inspirar o seu aroma leitoso e lhe fazer cócegas nos pés gordos e cerosos; mas depois o homem de chapéu entrara em cena e os projectores tinham incidido sobre ele. O seu passo furtivo ao transpor o portão adjacente à casa, o facto de o cão ter pressentido antes de qualquer outra pessoa que o mal se aproximava, o latido dele a advertir a mãe, que se virou e deparou com o homem e, como a rapariga na casa da árvore constatou, apanhou um susto.

Quando chegou à parte da história que metia facas e sangue e o rapazinho a chorar sentado na gravilha, pensou Laurel, à medida que ouvia a sua própria voz a sair-lhe do corpo e observava a expressão do irmão adulto à sua frente, que estranho que era estarem a ter aquela conversa tão íntima em público e, não obstante, o quanto o ruído e o bulício daquele lugar eram necessários à sua capacidade narrativa. Ali, naquela *pizzaria* de Cambridge, rodeados de estudantes na risota e na brincadeira, académicos jovens e inteligentes com a vida ainda toda pela frente, Laurel sentiu-se segura e protegida, de alguma forma mais confortável e em condições de proferir palavras de que não se

julgava capaz no silêncio do alojamento do irmão na faculdade, palavras como:

— Ela matou-o, Gerry. Ao homem... Henry Jenkins era como ele se chamava... morreu naquele dia no acesso a nossa casa.

Gerry ouvia-a com toda a atenção, o olhar fixo na toalha da mesa, o rosto absolutamente inexpressivo. Então, um músculo contraiu-se-lhe no queixo escurecido da barba e ele esboçou um ligeiro aceno de cabeça, mais em reconhecimento de que a história chegara ao fim do que em reacção ao seu conteúdo. Laurel aguardou, bebeu o resto de vinho que tinha no copo e serviu mais a ambos.

— Pronto — disse ela. — É tudo. Foi isto que eu vi.

Por fim, Gerry ergueu o olhar para ela. Em seguida, disse-lhe:

— Acho que isso explica tudo.

— Explica o quê?

Os dedos tremiam-lhe de energia nervosa ao falar.

— Às vezes, em miúdo, eu costumava ver uma coisa, pelo canto do olho, uma sombra escura que me assustava sem motivo aparente. É difícil descrever. Eu virava-me e não havia lá nada, apenas a sensação horrível de que já não fora a tempo de a apanhar. O meu coração punha-se aos pulos, e eu não fazia ideia do porquê. Uma vez, contei à mãe; ela levou-me ao oftalmologista.

— Foi por isso que começaste a usar óculos?

— Não, eu uso óculos porque sou míope. Os óculos não resolveram o problema da sombra, mas não há dúvida de que passei a ver as caras das pessoas menos desfocadas.

Laurel sorriu.

Gerry, não. O cientista que havia nele estava aliviado, Laurel via que sim, por ter arranjado uma explicação para algo que até aí fora inexplicável, mas a parte dele que era filho de uma mãe muito amada não se contentava com tão pouco.

— Às vezes as boas pessoas fazem coisas más — observou ele, levando as mãos à cabeça. — Santo Deus! Mas que coisa tão *cliché* que acabei de dizer.

— Mas não deixa por isso de ser verdade — contrapôs Laurel, desejosa de o consolar. — Fazem mesmo. E às vezes com fortes motivos para isso.

— Que motivos? — Gerry olhou para ela, e era outra vez uma criança, ansioso pelas explicações da irmã mais velha. Laurel teve pena dele: num momento, estava todo feliz a contemplar as maravilhas do universo, no momento seguinte, a irmã confessava-lhe que a mãe matara um homem. — Quem era o tal homem, Lol? Porque foi que ela o matou?

Da forma mais directa ao seu alcance (com Gerry, era preferível apelar à lógica), Laurel contou-lhe o que sabia a respeito de Henry Jenkins, que se tratava de um escritor, fora casado com uma amiga da mãe, Vivien, durante a guerra. Contou-lhe também o que Kitty Barker lhe dissera, que Dorothy e Vivien tinham tido uma zanga terrível no início de 1941.

— E tu achas que essa zanga está relacionada com o que aconteceu em Greenacres, em 1961 — concluiu ele. — Caso contrário, não a terias trazido à liça.

— Acho. — Laurel recordou-se do que Kitty lhe contara acerca da noite em que saíra com a mãe, a forma como ela se comportara, as coisas que dissera. — Creio que a mãe ficou transtornada com o que quer que se tenha passado entre ambas e que fez qualquer coisa para castigar a amiga. Estou convencida de que o plano dela... fosse lá qual fosse... acabou mal, muito pior do que ela esperava, mas que nessa altura já era tarde de mais para consertar a situação. A mãe fugiu de Londres e o Henry Jenkins ficou enfurecido ao ponto de, vinte anos depois, ainda andar à procura dela. — Laurel admirou-se de uma pessoa ser capaz de delinear teorias tão medonhas num tom tão franco e pragmático. A quem a visse de fora, sabia Laurel, haveria de parecer calma, ponderada e empenhada em chegar ao fulcro da questão; não deixava transparecer um laivo sequer da profunda angústia que lhe corroía as entranhas. No entanto, baixou a voz para acrescentar: — Chego

mesmo a perguntar-me se ela não terá a sua quota-parte de responsabilidade na morte da Vivien.

— Santo Deus, Lol!

— Se ela não se terá visto obrigada a viver este tempo todo com a culpa, e a mulher que nós conhecemos não será o resultado disso mesmo; se ela terá passado o resto da vida a expiar o pecado.

— Sendo a mãe ideal para todos nós.

— Sim.

— O que estava a resultar lindamente até o Henry Jenkins chegar para ajustar contas.

— Sim.

Gerry ficou-se em silêncio; uma leve ruga sulcava-lhe a pele entre os olhos; estava em reflexão.

— E então? — instou-o Laurel, chegando-se mais a ele. — O cientista és tu... A teoria tem pernas para andar?

— É plausível — admitiu Gerry, com um aceno vagaroso da cabeça. — Não custa a acreditar que os remorsos podem actuar como catalisador da mudança. Nem que um marido se tente vingar de uma desfeita que façam à esposa. E se o que ela fez à Vivien foi assim tão grave, compreendo porque achou que não lhe restava alternativa se não reduzir o Henry Jenkins ao silêncio de uma vez por todas.

O coração de Laurel caiu-lhe aos pés. Havia uma parte ínfima dela, apercebeu-se então, que se agarrara à esperança de que o irmão talvez se risse, descobrisse falhas na teoria com a ponta aguçada da sua mente brilhante, e a aconselhasse a dormir uma noite repousante de sono e a pôr Shakespeare de parte durante uns tempos.

Não fez nada disto. O lógico nele tomara as rédeas e ele disse:

— Pergunto-me o que terá ela feito à Vivien para lhe causar tamanhos remorsos.

— Não faço ideia.

— Fosse lá o que fosse, julgo que tens razão — prosseguiu ele.

— O resultado deve ter sido pior do que ela previa. A mãe nunca teria feito mal à amiga de propósito.

Laurel ofereceu-lhe uma resposta cautelosa, recordando-lhe a determinação com que a mãe cravara a faca no peito de Henry Jenkins.

— Ela seria incapaz de lhe fazer mal, Lol.

— Sim, eu diria o mesmo... pelo menos, a princípio. Mas tu já pensaste que nós talvez estejamos para aqui a arranjar desculpas para o comportamento dela apenas porque é nossa mãe, uma pessoa que conhecemos e a quem temos amor?

— É provável que sim — admitiu Gerry —, mas não faz mal. Nós conhecemo-la *mesmo*.

— Acho que sim. — Algo que Kitty Barker lhe dissera andava a bailar no pensamento de Laurel, acerca da guerra e da maneira como esta exacerbava as paixões; a ameaça de invasão, o medo e a escuridão, noites a fio quase sem pregar olho. — Mas e se naquela época ela era uma pessoa diferente? E se a pressão dos bombardeamentos a afectou? E se mudou depois de se casar com o pai e nos ter? Depois de lhe ser dada uma segunda oportunidade.

— Ninguém muda a esse ponto.

Vinda sabe-se lá de onde, a história do crocodilo veio à memória de Laurel. «Foi por isso que preferiu ser uma senhora, mãezinha?», perguntara ela, e Dorothy respondera-lhe que deixara de se comportar como um crocodilo quando fora mãe. Seria levar as coisas demasiado longe concluir que a história era uma metáfora, que já nessa altura a mãe poderia estar a confessar-lhe que sofrera outro tipo de mudança? Ou estaria Laurel a deturpar um conto que se destinava apenas a entreter uma criança? Imaginou Dorothy naquela tarde, a virar-se para o espelho, a endireitar as alças do seu lindo vestido, à medida que Laurel, então com oito anos e uns olhos muito arregalados, lhe perguntava como fora que se dera uma transformação tão radical. «Ora, ora», retorquira a mãe. «Não te posso contar os meus segredos todos, pois não? Pelo menos, não

todos de uma vez. Torna a perguntar-me um destes dias. Quando fores mais velha.»

E era precisamente isto que Laurel tencionava fazer. De repente, ficara cheia de calor, os outros comensais riam-se na sala de jantar à cunha, e o forno das *pizzas* libertava ondas gigantescas de ar quente e tostado. Laurel abriu a carteira e retirou duas notas de vinte libras e outra de cinco, enfiando-as debaixo da conta e rejeitando as tentativas de Gerry para contribuir para o jantar.

— Eu disse que quem pagava era eu — insistiu ela. Escusou-se a acrescentar que era o mínimo que podia fazer, depois de trazer a sua obsessão tenebrosa para o mundo estrelado de Gerry. — Anda — disse-lhe, pegando no casaco. — Vamos dar um passeio.

*

As conversas no restaurante esmoreciam atrás deles à medida que atravessavam o amplo pátio quadrangular de King's College em direcção ao rio Cam. A margem estava sossegada, e Laurel ouvia os barcos de fundo chato, empurrados à vara, a baloiçar suavemente na superfície iluminada pelo luar prateado. Uma campainha soou ao longe, e algures num quarto da faculdade alguém ensaiava violino. A música bonita e melancólica fez tanger uma corda do coração de Laurel e, subitamente, ela compreendeu que fizera mal em ir para ali.

Gerry não se abrira muito desde que tinham abandonado o restaurante. Caminhava agora em silêncio ao lado da irmã, empurrando a bicicleta com uma mão. Levava a cabeça baixa, o olhar cravado no chão à sua frente. Laurel deixara o fardo do passado aliciá-la a partilhá-lo; convencera-se a si própria de que Gerry deveria saber, que também ele se achava ligado ao acto monstruoso que testemunhara. À época, porém, ele não passava de um bebé, uma pessoa minúscula, e agora era um homem doce, o preferido da mãe, incapaz de considerar que ela pudesse em

tempos ter cometido um acto terrível. Laurel já se preparava para dizer isto mesmo, para lhe pedir desculpa e aligeirar o melhor possível o seu próprio interesse obsessivo pelo caso, quando Gerry lhe perguntou:

— Então e agora, o que é que se segue? Tens alguma pista?

Laurel olhou para ele de relance.

Detivera-se sob a luz amarelada de um candeeiro da rua e estava a ajeitar os óculos na cana do nariz.

— O quê? Não vais deixar o assunto morrer assim sem mais nem menos, pois não? É óbvio que temos de descobrir o que foi que aconteceu. Faz parte da nossa vida, Lol.

Laurel não se lembrava de alguma vez o ter amado tanto como nesse momento.

— Há uma coisa — disse ela, com a voz entrecortada. — Agora que falas nisso. Fui visitar a mãe hoje de manhã e, a dada altura, ela ficou muito desorientada e pediu à enfermeira que mandasse chamar o Dr. Rufus.

— Não é assim tão estranho como isso, tendo em conta que está num hospital, não achas?

— O facto em si não, só que o médico se chama Cotter e não Rufus.

— Terá sido um lapso?

— Não me parece. Ela disse isto com bastante convicção. E além disso... — A imagem vaga de um jovem de nome Jimmy, por quem a mãe em tempos estivera apaixonada, veio à memória de Laurel.

— Não é a primeira vez que ela menciona pessoas que conheceu. Suspeito de que o passado ande sempre às voltas na cabeça dela; creio que a mãe quase *quer* que saibamos o que se passou.

— E tu fizeste-lhe alguma pergunta a esse respeito?

— Acerca do Dr. Rufus, não, mas, de outras coisas, sim. Ela respondeu-me com bastante sinceridade, mas a conversa deixou-a transtornada. Eu vou voltar a falar com ela, claro, mas se houver outra alternativa, estou ansiosa por a experimentar também.

— De acordo.

— Estive há bocado na biblioteca para averiguar se havia alguma maneira de descobrir elementos sobre um médico que exercia em Coventry e talvez também em Londres, nas décadas de 1930 e 1940. Como eu só tinha o apelido e não fazia ideia de qual era a especialidade dele, a bibliotecária aconselhou-me a começar por consultar a base de dados da revista médica *Lancet*.

— E?

— Encontrei um Dr. Lionel Rufus. Gerry, estou quase certa de que é ele: morava em Coventry naquela época e publicou artigos na área da psicologia da personalidade.

— Tu achas que ela era doente dele? Que a mãe naquele tempo pudesse sofrer de alguma doença?

— Não faço ideia, mas tenciono descobrir.

— Deixa que eu encarrego-me disso — prontificou-se Gerry de súbito. — Conheço pessoas a quem posso perguntar.

— A sério?

O irmão assentia com a cabeça e as palavras atropelaram-se-lhe entusiasticamente ao dizer:

— Tu volta para Suffolk. Mal eu saiba alguma coisa, entro em contacto contigo.

Isto excedia as expectativas de Laurel; não, não excedia nada, era *exactamente* o que ela desejara. Gerry estava disposto a ajudá-la; juntos, acabariam por descobrir a verdade do sucedido.

— Espero que tenhas noção de que podes descobrir uma coisa terrível. — Não o queria intimidar, mas não podia deixar de o prevenir. — Algo capaz de pôr em causa tudo o que julgávamos que sabíamos acerca da mãe.

Gerry sorriu.

— Tu não és actriz? Não é este o momento em que é suposto dizeres-me que as pessoas não são uma ciência... que as personagens são multifacetadas e que uma nova variável não põe em causa o teorema todo?

— Só te estou a avisar. Vai-te preparando, maninho.

— Eu estou sempre preparado — retorquiu ele, arreganhando um sorriso. — E continuo do lado da mãe.

Laurel arqueou as sobrancelhas, com pena de não possuir a confiança dele. Mas vira o que acontecera naquele dia em Greenacres, sabia do que a mãe era capaz.

— Não é uma atitude lá muito científica da tua parte — observou ela em tom severo —, sobretudo agora que tudo aponta para uma única conclusão.

Gerry pegou-lhe na mão.

— Será possível que as galáxias adolescentes comilonas não te tenham ensinado nada, Lol? — indagou ele em voz baixa, e Laurel sentiu uma onda de preocupação e amor protector invadi-la, porque lhe viu nos olhos o quanto ele precisava de que tudo acabasse por se resolver a bem, e, lá no fundo, ela sabia que isso era altamente improvável. — Nunca descartes a possibilidade de chegares a uma resposta que nenhuma das actuais teorias prevê.

Capítulo 18

Londres, final de Janeiro de 1941

Dolly não se lembrava de alguma vez na vida ter sido tão humilhada. Sabia que, nem que chegasse aos cem anos de vida, seria incapaz de esquecer os olhares que Henry e Vivien Jenkins lhe tinham lançado à saída, expressões deleitadas de escárnio que lhes distorciam o encanto atroz do rosto. Quase tinham conseguido convencer Dolly de que ela não passava de facto da criada de uma vizinha, que viera devolver um velho vestido emprestado do guarda-roupa da patroa. Quase. Dolly, porém, era feita de melhor têmpera do que essa. Tal como o Dr. Rufus não se cansava de lhe dizer: «Como tu, há poucas, Dorothy, podes ter a certeza.»

No seu almoço mais recente, dois dias após o sucedido, ele recostara-se na sua cadeira no Savoy e fitara-a por cima do charuto. «Explica-me uma coisa, Dorothy», disse-lhe ele, «porque é que tu achas que essa mulher, essa tal Vivien Jenkins, te tratou com tanto desprezo?» Dolly abanou a cabeça, pensativa, e depois respondeu-lhe: «Eu acho que quando ela nos viu aos dois, a mim e ao Sr. Jenkins, sentados na sala de estar...» Dolly desviou o olhar, ligeiramente embaraçada ao recordar-se dos olhares com que o marido de Vivien a presenteara. «Bom, sabe, nesse dia, eu tinha tomado especial cuidado com a minha aparência, e suspeito que isso foi de mais para a Vivien.» O Dr. Rufus assentiu com a cabeça em sinal de concordância e em seguida semicerrou os olhos, enquanto coçava o queixo. «E como foi que *tu* te sentiste, Dorothy,

depois de ela te ter humilhado a esse ponto?» Ao ouvir esta pergunta, Dolly receou não ser capaz de conter as lágrimas. Mas conteve; armou-se de um sorriso, cravando as unhas nas palmas das mãos e, cheia de orgulho da sua capacidade de autodomínio, disse: «Fiquei mortificada, Dr. Rufus, e muito, muito magoada. Não me lembro de alguma vez ter sido tão maltratada, e logo por uma pessoa que considerava minha amiga. Senti-me verdadeiramente...»

— Pare... pare já com isso! — No quarto banhado pelo sol do número 7 de Campden Grove, Lady Gwendolyn soltou o pequeno pé e gritou: — Se não tem cuidado, ainda me arranca um dedo, sua rapariga tola!

Cheia de remorsos, Dolly reparou no minúsculo triângulo branco onde estivera a unha rosada da velha senhora. A culpa era de Vivien, que não lhe saía do pensamento. Dolly aplicara a lima com demasiada força e rapidez.

— Peço imensa desculpa, Lady Gwendolyn — disse ela. — Vou passar a ser mais cuidadosa...

— Já estou farta de ouvir isso. Vá buscar as minhas guloseimas, Dorothy. Passei a noite cheia de azia. Malditas receitas do racionamento: guisado de jarretes de vitela com couve roxa ao jantar! Não admira que tenha passado a noite às voltas na cama a sonhar com coisas pavorosas.

Dolly fez como lhe mandavam, aguardando pacientemente que a velha senhora vasculhasse o saco até desencantar o maior caramelo redondo, às riscas pretas e brancas, que lá havia.

Todavia, a mortificação não tardara a dar lugar à indignação e à vergonha até explodir em autêntica fúria. Afinal, pouco faltara para Vivien e Henry Jenkins a acusarem de ladra, mentirosa, quando a sua única intenção fora devolver o precioso fio de Vivien. A ironia era tão imensa que chegava a ser insuportável: que tivesse sido Vivien — logo ela, que andava a enganar o marido pelas costas, a contar mentiras a todas as pessoas que se interessavam pelo seu

bem-estar, suplicando às que não a conheciam de parte alguma que não delatassem os seus segredos — a julgar Dolly com frieza e olhar sério, precisamente a amiga que saíra em sua defesa vezes sem conta sempre que ouvia alguém criticá-la.

Bom — Dolly franziu o sobrolho com determinação enquanto guardava a lima no estojo e arrumava o toucador —, isso acabara-se. Já tinha um plano architectado. Não contara nada a Lady Gwendolyn, ainda não, mas quando a velha senhora soubesse do sucedido — que a sua jovem amiga sofrera uma traição, à semelhança dela própria —, Dolly estava certa de que lhe daria a sua bênção. Quando a guerra chegasse ao fim, iria dar uma festa de arromba, um acontecimento memorável, um grande baile com máscaras, lanternas e devoradores de fogo. A festa contaria com a presença da nata da sociedade, teria direito a fotografias na *The Lady* e haveria de ser falada durante anos e anos. Dolly já estava a imaginar os convidados à chegada a Campden Grove, vestidos a rigor, a desfilarem mesmo à frente do número 25, onde Vivien Jenkins, que não seria incluída, os ficaria a ver, sentada à janela.

Entretanto, fazia o possível por se furtar ao casal. Havia pessoas, vinha Dolly a descobrir, que era preferível *não* conhecer. Henry Jenkins não era difícil de evitar — mesmo quando tudo corria bem, Dolly raramente o via — e conseguira afastar-se de Vivien abandonando o Serviço Voluntário Feminino. Na verdade, fora um alívio para ela: de uma única penada, vira-se livre da jurisdição da Sr.^a Waddingham e ficara com mais tempo disponível para se dedicar a satisfazer as vontades de Lady Gwendolyn. E ainda bem que assim fora, como os acontecimentos futuros viriam a comprovar. Numa manhã, a uma hora em que, em circunstâncias normais, estaria a trabalhar na cantina, Dolly estava a massajar as pernas de Lady Gwendolyn para lhe aliviar as câibras quando a campainha da porta da rua tocou. A velha senhora virara o punho na direcção da janela e pedira a Dolly que desse uma espreitadela para ver quem decidira vir incomodá-las daquela vez.

A princípio, Dolly receara que fosse Jimmy — ele já passara por lá várias vezes, durante o dia, graças a Deus, quando não estava lá mais ninguém, e ela conseguira evitar uma cena —, mas não era ele. Quando Dolly espreitara pela janela de Lady Gwendolyn, com fita adesiva entrecruzada nas vidraças para as proteger das explosões das bombas, avistara Vivien Jenkins lá em baixo, a olhar por cima do ombro, como se ter ido bater à porta do número 7 fosse equivalente a rebaixar-se e tivesse vergonha de ser vista ali. Dolly sentira-se ruborizar porque compreendera imediatamente o motivo da vinda de Vivien; tencionava informar Lady Gwendolyn do hábito que «a criada» tinha de roubar. Dolly já estava a imaginar Vivien, instalada numa pose insinuante na poltrona empoeirada de chita à cabeceira da velha senhora, cruzando as pernas compridas e elegantes e inclinando-se para a frente com tom de conspiração, a fim de deplorar as qualidades da criadagem nos tempos que corriam. «É difícil arranjar uma pessoa digna de *confiança*, não é, Lady Gwendolyn? Bom, nós próprios tivemos uma má experiência dessas há pouco tempo...»

Enquanto Dolly observava Vivien à porta, ainda a inspeccionar a rua atrás dela, a grande senhora vociferou-lhe da cama:

— Então, Dorothy... Não vou ficar a vida toda à espera. Quem é?
— Dolly contivera a apreensão e comunicara-lhe, no seu tom mais jovial, que era só uma mulher de aspecto humilde a recolher roupas para as obras de caridade. Quando Lady Gwendolyn soprara e lhe dissera: — Não a deixe entrar! Não a quero com os dedos todos sujos de gordura a mexerica no *meu* quarto de vestir —, Dolly não se fizera rogada em obedecer.

*

Pumba! Dolly sobressaltou-se. Quase sem dar por isso, gravitara para a janela e pusera-se a olhar abstraidamente para o número 25. *Pumba, pumba!* Deu meia-volta e viu Lady Gwendolyn a olhar

fixamente para ela. A velha senhora tinha as bochechas empoladas ao máximo de modo a acomodar o caramelo enorme e estava a bater com a bengala no colchão para atrair a atenção dela.

— Diga, Lady Gwendolyn.

A velha senhora envolveu os braços em redor do corpo e fingiu que tremia.

— Está com frio.

Um aceno de cabeça e mais outro.

Dolly disfarçou o suspiro com um sorriso complacente (tinha acabado de lhe afastar os cobertores quando ela se queixara de estar cheia de calor) e acercou-se à cabeceira da cama.

— Vamos então ver se a pomos confortável, está bem?

Lady Gwendolyn fechou os olhos e Dolly começou a puxar-lhe os cobertores, o que se revelou mais difícil do que parecia à primeira vista. As reviravoltas da velha senhora com a bengala tinham enroscado a roupa de cama e o cobertor estava preso debaixo da outra perna. Dolly contornou a cama até ao outro lado e puxou com quanta força tinha para o conseguir soltar.

Mais tarde, haveria de recordar o sucedido e culpar a poeira pelo que se passara. Na altura, porém, estava demasiado atarefada a tentar desprender o cobertor para ter reparado. Por fim, este soltou-se e Dolly sacudiu-o, puxando-o o mais para cima que conseguia a fim de prender a beira debaixo do queixo da patroa. Quando estava a fazer uma dobra no debrum, Dolly espirrou com uma força invulgarmente dramática. *Aaa-tchimmMMM!*

Lady Gwendolyn apanhou um susto e arregalou os olhos.

Dolly pediu desculpa, esfregando a comichão do nariz. Pestanejou para desanuviar a vista e, por entre as pestanas, reparou que a grande dama tinha começado a esbracejar; as mãos adejavam como dois pássaros espavoridos.

— Lady Gwendolyn? — chamou-a, chegando-se mais a ela. A cara da velha senhora estava agora vermelha como uma beterraba.

— Minha querida Lady Gwendolyn, o que é que se passa?

Um som aflitivo saiu da garganta de Lady Gwendolyn e a pele dela passou a beringela. Dolly não sabia o que havia de fazer, estava desesperada. Sem pensar duas vezes, enfiou os dedos na garganta de Lady Gwendolyn, tentando tirar de lá o caramelo.

Não conseguia chegar-lhe. Talvez se lhe desse umas palmadas nas costas ou a apertasse pela cintura?

Tentou ambas as coisas, com o coração apertado, a pulsação a martelar-lhe os ouvidos. Tentou levantar Lady Gwendolyn, mas era muito pesada e o macacão de seda, demasiado escorregadio...

— Isso já passa — ouviu-se Dolly a dizer enquanto se esforçava por manter o autodomínio. — Não se preocupe que já passa.

E repetia isto continuamente, puxando Lady Gwendolyn com todas as suas forças enquanto esta se debatia e se agitava entre os braços dela:

— Isso já passa, não tarda, isso já passa, isso já passa.

Até que por fim Dolly perdeu o fôlego, calou-se e, então, apercebeu-se de que a velha senhora ficara mais pesada, que já não se contorcia nem arquejava, que se instalara à sua volta uma quietude antinatural.

De repente, tudo era silêncio no quarto imponente, à excepção da respiração de Dolly e do rangido sinistro da cama à medida que ela se libertava da patroa morta e deixava o corpo ainda morno descair para a sua posição habitual.

*

O médico, quando chegou, ficou-se aos pés da cama e declarou que se tratava «de um caso evidente de morte natural». Olhou para Dolly, que segurava a mão fria de Lady Gwendolyn à medida que limpava os olhos com um lenço de assoar, e acrescentou:

— Ela sempre teve um coração fraco. Teve escarlatina em miúda.

Dolly contemplou o rosto de Lady Gwendolyn, particularmente

severo na morte, e assentiu com a cabeça. Não mencionara o caramelo nem o espirro; não valia a pena. Não alterava nada, não agora, e teria feito figura de parva a balbuciar acerca de pó e doces. Fosse como fosse, no tempo que o médico demorara a percorrer as ruas destroçadas pelos bombardeamentos aéreos da noite da véspera, o caramelo já teria derretido.

— Pronto, pronto, minha querida — disse o médico, acariciando-lhe a mão. — Eu sei que a menina gostava muito dela. E ela de si, atrever-me-ia a acrescentar. — E, dito isto, tornou a pôr o chapéu na cabeça, pegou na maleta e disse que deixaria o nome da agência funerária preferida da família Caldicott na mesinha da entrada.

*

A última vontade e o testamento de Lady Gwendolyn foram lidos na biblioteca do número 7 de Campden Grove, a 29 de Janeiro de 1941. Em bom rigor, a leitura era perfeitamente dispensável, pelo menos em público; na opinião do Sr. Pemberly, uma carta discreta para cada pessoa mencionada teria sido quanto bastava (o solicitador sofria de um medo de palco terrível), mas Lady Gwendolyn, que tinha instinto dramático, fizera questão. Não surpreendera Dolly, que, na qualidade de beneficiária, fora convidada a estar presente na leitura. A aversão que a velha senhora tinha ao sobrinho único não era segredo para ninguém, e não haveria seguramente melhor forma de o castigar a partir da sepultura do que sonegar-lhe a esperada herança e obrigá-lo a sujeitar-se à humilhação pública de ver a fortuna ir parar a mãos alheias.

Dolly vestiu-se com esmero, tal como seria o desejo de Lady Gwendolyn, ansiosa por encarnar na perfeição o papel da herdeira merecedora, sem parecer demasiado forçada.

Sentia-se nervosa, ansiosa por que o Sr. Pemberly se despachasse. O pobre homem avançou pelos primeiros artigos por

entre gaguejos e balbucios, a mancha congénita a ruborizar-se-lhe enquanto avisava os presentes (Dolly e Lorde Wolsey) de que os desejos da sua cliente, tendo sido ratificados por ele próprio, eram finais e vinculatórios. O sobrinho de Lady Gwendolyn era um indivíduo corpulento como um buldogue, e Dolly esperava que estivesse a ouvir com atenção os desmentidos posteriores. Calculava que haveria de ficar tudo menos satisfeito quando se apercebesse da partida que a tia lhe pregara.

Dolly tinha razão. Quando se procedeu por fim à leitura do testamento, a fúria de Lorde Peregrine Wolsey foi de tal ordem que ele parecia à beira de uma apoplexia. Era um cavalheiro impaciente, mesmo nos seus melhores dias, e ainda o Sr. Pemberly não tinha acabado o preâmbulo e já ele estava a fumegar pelas orelhas. Dolly ouvia-o a soprar e a bufar a cada nova frase que não começava por: «Eu deixo e lego a meu sobrinho, Peregrine Wolsey...» Por fim, o solicitador respirou fundo, tirou um lenço de assoar do bolso para limpar a testa húmida e passou à tarefa de distribuir a generosidade da cliente.

— «Eu, Gwendolyn Caldicott, revogando todos os testamentos que anteriormente fiz, deixo e lego à esposa de meu sobrinho, Peregrine Wolsey, todo o meu guarda-roupa, e ao meu próprio sobrinho, o conteúdo do quarto de vestir do meu falecido pai.»

— *O quê?! —* vociferou o indivíduo com tamanho repente que cuspiu o charuto. — Mas que diabo significa isto?

— Por favor, Lorde Wolsey — tartamudeou o Sr. Pemberly, a mancha de nascença escurecendo ainda mais para uma tonalidade de púrpura inflamado. — Eu peço-lhe, por f-f-favor, que t-t-tenha um p-p-pouco mais de p-p-paciência e me deixe t-t-terminar.

— Pois fique sabendo que vou *processá-lo*, seu verme nojento. Eu sei que isto tudo foi obra sua, que andou a cochichar ao ouvido da minha tia...

— Lorde Wolsey, por f-f-favor, peço-lhe e-e-encaracidamente.

O Sr. Pemberly retomou a leitura, encorajado por um amável

aceno de cabeça de Dolly.

— «Eu deixo e lego todos os meus restantes bens e propriedades, móveis, imóveis e mistos, incluindo a minha residência situada no número 7 de Campden Grove, Londres, com a excepção dos artigos mencionados anteriormente, ao Albergue de Animais de Kensington.» — O solicitador ergueu o olhar. — O representante não pôde comparecer hoje... — Momento em que Dolly deixou de ouvir fosse o que fosse para além das campainhas ensurdecedoras da traição que lhe soavam nos ouvidos.

*

Lady Gwendolyn tinha, naturalmente, deixado uma disposição para «a minha jovem acompanhante, Dorothy Smitham», mas Dolly estava num estado de aflição e angústia tal que não ouviu aquando da leitura. Só mais tarde, nessa noite, na privacidade do seu quarto, à medida que se debruçava sobre a carta que o Sr. Pemberly lhe depositara nas mãos trémulas enquanto se esquivava às ameaças de Lorde Wolsey, constatou que a sua herança consistia numa pequena selecção de casacos do quarto de vestir do piso superior. Dolly reconheceu de imediato os artigos mencionados. Com a excepção de um casaco de peles branco bastante coçado, já tinham sido todos doados, dentro da caixa de chapéus que com tanto gosto entregara à recolha de roupa usada do Serviço Voluntário Feminino organizada por Vivien Jenkins.

Dolly estava lívida. Fervia, ardia, lançava faíscas. Depois de tudo quanto fizera pela velha patroa, das afrontas que tivera de suportar — aquelas sessões de arranjar pés e limpar ouvidos, as borrifadelas regulares de veneno de que fora vítima. Não se sujeitara a tudo isso por gosto — Dolly jamais se atreveria a dizer tal coisa —, mas a verdade era que se sujeitara e por algum motivo fora. Desistira de tudo por causa de Lady Gwendolyn; julgara que era como se fossem família; fora levada a acreditar que tinha uma grande herança à sua

espera, pelo Sr. Pemberly recentemente, mas também pela própria Lady Gwendolyn. Dolly não imaginava o que poderia ter acontecido para a fazer mudar de ideias.

A menos que... A resposta chegou como a queda de um machado, rápida e irrefutável. As mãos começaram a tremer-lhe e a carta do solicitador caiu ao chão. Mas era óbvio, tudo fazia perfeito sentido. Vivien Jenkins, aquela mulher despeitada, afinal, sempre viera visitar Lady Gwendolyn; era a única explicação plausível. Deveria ter ficado sentada à janela, a fazer tempo à espera de que uma oportunidade lhe surgisse, uma das raras ocasiões nos últimos quinze dias em que Dolly não tivera outro remédio senão sair de casa para fazer um recado. Vivien ficara à espera e, por fim, atacara; sentada na compainha de Lady Gwendolyn, a encher a cabeça da patroa com mentiras mal-intencionadas acerca de Dolly, logo ela, cuja maior preocupação sempre fora defender os interesses da grande dama.

*

A primeira incitativa do Albergue de Animais de Kensington, enquanto proprietário do número 7 de Campden Grove foi entrar em contacto com o Gabinete de Guerra e insistir para que se arranjassem alojamentos alternativos para as funcionárias actualmente a residir na casa. A residência iria ser imediatamente transformada em hospital e centro de recolha. A decisão não afectou Kitty e Louisa, tendo ambas casado com pilotos da RAF, no início de Fevereiro, com dias de diferença; as outras duas raparigas mantiveram-se tão indistinguíveis na morte como tinham sido em vida, atingidas por uma bomba quando iam as duas alegremente de braço dado a caminho de um baile em Lambeth, a 30 de Janeiro.

O que deixava apenas Dolly. Não era fácil arranjar um quarto em Londres, muito menos para quem se habituara ao melhor que a vida tinha para oferecer, e Dolly foi ver três alojamentos sórdidos antes

de regressar à pensão de Notting Hill, onde estivera alojada havia dois anos, nos seus tempos de caixeira, em que Campden Grove não passava de um nome no mapa e não um repositório para os maiores sonhos e desilusões da sua vida. A Sr.^a White, a viúva que era proprietária do número 24 de Rillington Place, mostrou-se encantada por tornar a ver Dolly (embora «ver» fosse uma descrição um tanto ou quanto optimista: sem óculos, a velhota era cega como um morcego) e mais encantada ainda por lhe poder comunicar que o seu antigo quarto estava disponível — logo que ela lhe entregasse a fiança e a caderneta de senhas de racionamento, bem entendido.

Não era de admirar que o quarto ainda estivesse disponível. Haveria poucas pessoas, Dolly estava certa disso, mesmo na Londres em guerra, desesperadas por encontrar um tecto ao ponto de entregarem bom dinheiro para poder dormir entre as suas paredes. Na verdade, era mais uma decisão tardia do que propriamente um quarto; o que restava quando um quarto da casa original fora subdividido em duas metades iguais. A janela ficara para a outra metade, deixando uma área muito esconsa e muito escura, mais um armário do que outra coisa, do lado do estuque de Dolly. Havia espaço para uma cama estreita, uma mesa-de-cabeceira, um lavatório minúsculo e pouco mais. Ainda assim, a falta de luz e de ventilação mantinham o preço acessível, e Dolly não tinha muitos pertences — tudo o que possuía estava dentro da mala que trouxera na sua debandada de casa dos pais, ia para três anos.

Uma das primeiras coisas que fizera à chegada fora dispor os seus dois livros, *A Musa Relutante* e o Livro de Ideias de Dorothy Smitham, na única prateleira por cima do lavatório. Havia uma parte dela que nunca mais quisera tornar a ver o livro de Jenkins, mas tinha tão poucos pertences, e gostava tanto de coisas especiais, que Dolly não suportava a ideia de se livrar dele. Ainda não. Ao invés, virou o livro, de modo a deixar a lombada contra a parede. Uma vez que a exposição continuava a ser bastante pobre, Dolly

acrescentou a *Leica* que Jimmy lhe oferecera pelos anos. A fotografia não era o seu forte — exigia demasiada calma e paciência para o gosto de Dolly —, mas o quarto era tão despido e desolado que teria ficado muito orgulhosa de ostentar uma cómoda, caso tivesse uma. Por fim, tirou o casaco de peles que herdara, pendurou-o num cabide e em seguida no gancho atrás da porta: era da maneira que o veria onde quer que se encontrasse dentro do quarto minúsculo. Aquele velho casaco branco tornara-se uma espécie de símbolo de todos os sonhos de Dolly que se tinham desfeito em farrapos. Pôs-se a olhar para ele e sentiu-se a ferver por dentro, dirigindo toda a sua fúria contra Vivien Jenkins para o pêlo emaranhado do casaco, entranhando-o o mais possível.

Dolly arranjou emprego numa fábrica de munições ali próxima, porque a Sr.^a White não teria hesitado em pô-la na rua caso se atrasasse nos pagamentos semanais e também porque era o tipo de trabalho que requeria apenas um mínimo de atenção. O que deixava o resto da mente de Dolly livre para se dedicar às humilhações que sofrera. À noite, de regresso a casa, fazia um esforço por engolir meia dúzia de garfadas do fricassé de carne de vaca enlatada da Sr.^a White e depois deixava as outras raparigas na risota à custa dos namorados e aos gritos com Lorde Haw-Haw^[21] na telefonía, enquanto ela se estendia na cama estreita, a fumar os últimos maços de cigarros que lhe restavam e a pensar em tudo quanto perdera: a família, Lady Gwendolyn e Jimmy... tal como pensava em Vivien, e no tom em que esta dissera: «Eu não conheço esta mulher» — uma frase que teimava em vir-lhe ao pensamento — e via Henry Jenkins a indicar-lhe a porta da rua, e voltava a sentir ondas frias e quentes de vergonha e fúria a percorrer-lhe o corpo.

E assim continuou, dia após dia a mesma rotina, até que certa noite, em meados de Fevereiro, as coisas mudaram de feição. A maior parte do dia fora igual a todos os outros: Dolly fizera um duplo turno na fábrica e depois do trabalho fora jantar ao British Restaurant ali perto, porque se sentia simplesmente incapaz de

suportar outra noite a comer os cozinhados intragáveis da Sr.^a White. Deixou-se ficar sentada na mesa de canto até o restaurante fechar, a observar os outros clientes através do fumo do cigarro, sobretudo os casais que roubavam beijos por cima das mesas e se riam juntos como se o mundo fosse um sítio bonito. Dolly recordava-se vagamente de também se ter sentido assim, toda ela gargalhadas, felicidade e esperança.

No regresso a casa, ao encurtar caminho por uma rua estreita enquanto ouvia a sirene dos bombeiros ao longe, Dolly tropeçara por entre o *blackout* — tinha deixado a sua lanterna esquecida em Campden Grove quando se viera embora (culpa de Vivien) — e caiu num buraco fundo provocado por uma explosão. Fizera uma entorse num tornozelo e sangrava de um joelho através de uma malha nas suas melhores meias, mas o seu orgulho era o que se achava mais maltratado. Fora a coxear todo o caminho até à pensão da Sr.^a White (Dolly recusava-se a chamar-lhe «lar» — não era o seu lar, esse fora-lhe roubado — culpa de Vivien) ao frio e no escuro e, quando chegara, a porta já estava fechada a sete chaves. O recolher obrigatório era algo que a Sr.^a White levava muito a peito; não para impedir a entrada de Hitler (apesar de alimentar sérios receios de que o número 24 de Rillington Place ocupasse um lugar de destaque na lista do exército invasor), mas antes para fazer das noites sórdidas um exemplo entre os seus hóspedes.

Dolly cerrou os punhos e foi a coxear até à rua lateral. O joelho ardia-lhe agora a sério e ela retraiu-se ao trepar o muro, servindo-se da velha tranca de ferro para apoiar o pé. O *blackout* dificultava-lhe a visão e não havia luar digno desse nome, mas, sem saber bem como, lá conseguiu trepar por entre o pandemónio do jardim das traseiras e chegar à janela da arrecadação que tinha o trinco fraco. O mais silenciosamente de que foi capaz, Dolly empurrou-o com o ombro até a fechadura ceder, a fim de ela poder abrir a janela e entrar em casa.

O corredor cheirava a gordura rançosa e carnes baratas e

mofentas, e Dolly susteve a respiração ao subir pelas escadas imundas. Quando chegou ao primeiro andar, reparou numa fina réstia de luz por baixo da porta do quarto da Sr.^a White. Ninguém sabia ao certo o que se passava atrás daquela porta, apenas que rara era a noite em que a luz da Sr.^a White se apagava antes da chegada da última hóspede. Ao que Dolly sabia, tanto poderia estar a comungar com os mortos como a enviar mensagens radiofónicas codificadas aos alemães, e, para ser franca, tanto se lhe dava. Desde que mantivesse a senhoria ocupada enquanto os seus hóspedes vadios entravam à socapa em casa às tantas da noite, tudo correria às mil maravilhas. Dolly seguiu pelo corredor fora, tomando especial cuidado para evitar as tábuas do soalho que rangiam, abriu a porta do quarto e trancou-se a salvo lá dentro.

Só então, com as costas firmemente pressionadas contra a porta, é que Dolly por fim se rendeu à dor latejante que toda a noite se viera a acumular dentro do seu peito. Sem sequer deixar cair a carteira no chão, desatou a chorar com o à-vontade próprio de uma criança; lágrimas ardentes e abundantes de vergonha, dor e raiva. Baixou o olhar para as roupas sujas, o joelho em mau estado, o sangue que se misturara com terra e se espalhara por todo o lado; pestanejou por entre as lágrimas escaldantes para abarcar o quarto esconso e tenebroso, a manta toda esburacada, o lavatório manchado de castanho em volta do ralo; e, com uma certeza avassaladora, constatou a ausência na sua vida de qualquer coisa que fosse boa, preciosa ou verdadeira. E tinha igual certeza de que a culpada de tudo era Vivien Jenkins — a culpada de *tudo*: da perda de Jimmy, da pobreza de Dolly, do seu emprego enfadonho na fábrica. Nem mesmo o percalço daquela noite — o joelho magoado e as meias estragadas, a porta da pensão trancada, a humilhação de se ver obrigada a forçar a entrada numa casa onde pagava bom dinheiro para ficar hospedada — teria acontecido se Dolly nunca tivesse posto os olhos em Vivien, se não se tivesse oferecido para lhe devolver o fio, se não se tivesse esforçado por ser amiga de uma

mulher tão pouco merecedora.

O olhar choroso de Dolly recaiu então na prateleira que continha o Livro das Ideias. Viu a lombada do livro metida para dentro e a angústia subiu por ela acima ao ponto de transbordar. Dolly pegou no livro. Sentou-se de pernas cruzadas com ele no chão, os dedos a virar atabalhoadamente as páginas à procura de um capítulo, a cerca de um terço do livro, onde ela com tanto carinho colecionara e colara as fotografias dos acontecimentos sociais de Vivien Jenkins. Eram fotografias sobre as quais em tempos se debruçara atentamente, memorizando e inspirando cada pormenor. Mal podia acreditar quão estúpida fora, até que ponto se deixara enganar.

Com todas as forças que tinha, Dolly arrancou as páginas do livro. Rasgando-as como uma gata assanhada, transformou a imagem daquela mulher nos fragmentos mais ínfimos de que foi capaz; cada gota de raiva foi canalizada para a tarefa. A maneira dissimulada como Vivien Jenkins olhava para a objectiva — *rasga* —, sem nunca sorrir tão abertamente como poderia — *rasga* —, vê lá se gostas de ser tratada como se fosses lixo — *rasga*.

Dolly já se preparava para continuar a rasgar — por vontade dela, passaria a noite inteira naquilo — quando houve algo que atraiu a sua atenção. Ficou petrificada, o olhar concentrado no bocado de papel que tinha entre as mãos, a respirar pesadamente — sim, ali estava.

Numa das fotografias, o medalhão escorregara por baixo da blusa de Vivien e estava claramente visível, empoleirado de banda no folho de seda. Dolly tocou-lhe com a ponta do dedo e susteve a respiração à medida que tornava a sentir a queimadura do dia em que devolvera a jóia.

Deixando cair o fragmento a seu lado no chão, Dolly recostou a cabeça no colchão e fechou os olhos.

Sentia a cabeça às voltas. O joelho doía-lhe. Estava esgotada.

Ainda de olhos fechados, puxou do maço de cigarros e acendeu um, fumando com desalento.

Estava tudo muito presente. Dolly reviu tudo mentalmente — a surpresa ao ser recebida por Henry Jenkins, as perguntas que ele lhe fizera, a suas nítidas suspeitas acerca do paradeiro da mulher.

Qual teria sido o desfecho da conversa, caso esta se tivesse prolongado um pouco mais? Naquele dia, sentira-se fortemente tentada a corrigi-lo, a explicar-lhe como funcionavam os turnos da cantina. E se tivesse feito isso? E se lhe tivesse sido dada a oportunidade de dizer: «Olhe que não, Sr. Jenkins, receio bem que isso não seja possível. Não faço ideia do que ela lhe dirá, mas a Vivien não se apresenta ao serviço na cantina mais do que, sei lá, uma vez por semana.»

Mas Dolly não dissera nada disto, pois não? Desperdiçara a única oportunidade que tivera para confirmar a Henry Jenkins que não andava a imaginar coisas; que a mulher andava de facto mais ocupada com outros assuntos do que seria do seu agrado. Desperdiçara a única oportunidade que tivera para atolar Vivien Jenkins no esplêndido sarilho que ela própria arranjava. Pois agora era tarde de mais para lhe ir contar, não era? Era pouco provável que Henry Jenkins se dignasse a atendê-la, não agora que — graças a Vivien — ele a tomava por uma criada ladrona, não agora nas míseras circunstâncias em que se encontrava, e ainda para mais sem provas.

Era inútil — Dolly soltou uma longa e desmoralizada correnteza de fumo. A menos que conseguisse apanhar Vivien abraçada a um homem que não fosse o seu marido, a menos que conseguisse tirar uma fotografia aos dois juntos, uma imagem que confirmasse os receios de Henry Jenkins, não valia a pena. E Dolly não tinha tempo para se andar a esconder em vielas escusas, a insinuar-se em hospitais desconhecidos e a arranjar maneira de os apanhar no momento certo, no lugar certo. Talvez se ela soubesse onde e quando Vivien se iria encontrar com o médico, mas que hipóteses tinha ela de...

Dolly sufocou um grito e endireitou-se repentinamente. Era tão

simples que até dava vontade de rir. E riu-se *mesmo*. Passara todo aquele tempo a ferver em lume brando perante tamanha injustiça, desejosa de arranjar uma maneira de remediar a situação, enquanto a oportunidade ideal estivera sempre diante do seu nariz.

Capítulo 19

Greenacres, 2011

— Ela diz que quer voltar para casa.

Laurel esfregou os olhos com uma das mãos e tateou a mesa-de-cabeceira com a outra. Por fim, lá encontrou os óculos.

— Ela quer o quê?

A voz de Rose chegou-lhe uma vez mais da extremidade oposta da linha, desta feita mais vagarosa e cheia de paciência, como se estivesse a falar com alguém para quem o inglês fosse uma segunda língua.

— Disse-me esta manhã. Quer voltar para casa. Para Greenacres. — Nova pausa. — Em vez de ficar no hospital.

— Ah. — Ainda a segurar no telefone, Laurel pôs os óculos e semicerrou os olhos para a janela do quarto. Santo Deus, mas estava um dia de sol. — Ela quer voltar para casa. Então, e o médico? O que é que ele acha disso?

— Vou falar com ele quando acabar de fazer a ronda dos doentes, mas... ah, Lol — baixou a voz —, as enfermeiras disseram-me que ele acha que chegou o momento.

Sozinha no quarto da sua meninice, a ver o sol matinal a espalhar-se pelo papel de parede desbotado, Laurel, soltou um suspiro. Chegara o momento. Era escusado perguntar o que pretendiam as enfermeiras dizer com aquilo.

— Bom, nesse caso...

— Sim.

— É para casa que ela deve ir.

— Sim.

— E nós tratamos dela aqui. — Ao ver que não obtinha resposta, Laurel insistiu: — Rose?

— Estou aqui. Estás a falar a sério, Lol? Também vais ficar com ela em casa, acompanhá-la?

Laurel falou por entre o cigarro que estava a tentar acender.

— É óbvio que estou a falar a sério.

— Estás com uma voz estranha. Estás... *a chorar*, Lol?

Sacudiu o fósforo para o apagar e tirou o cigarro da boca.

— Não, não estou a chorar. — Nova pausa, e Laurel teve a impressão de ouvir a irmã a dar nós aos colares de contas, um sinal claro da sua aflição. — Rose, está tudo bem comigo. Vai ficar tudo bem connosco. Vamos ajudar-nos uma à outra, vais ver.

Rose emitiu um leve ruído sufocado, eventualmente de concordância, talvez de dúvida, e depois mudou de assunto.

— Então, ontem à noite, chegaste bem a casa?

— Cheguei. Embora bastante mais tarde do que tinha previsto. — Na verdade, eram três da madrugada quando ela por fim entrara na quinta. Depois do jantar, acompanhara o irmão ao alojamento dele e tinham passado grande parte da noite a especular a respeito da mãe e de Henry Jenkins. Decidiram que, enquanto Gerry procurava informações sobre o Dr. Rufus, fazia sentido Laurel tentar descobrir o que pudesse acerca da furtiva Vivien. Afinal de contas, ela era o elo de ligação entre a mãe e Henry Jenkins, assim como o motivo provável de ele se ter lançado no encalço de Dorothy Nicolson em 1961.

Na altura, a tarefa afigurara-se-lhe perfeitamente exequível; agora, porém, à luz do dia, Laurel já não estava tão certa disso. Todo o plano parecia feito da matéria insubstancial dos sonhos. Deitou uma olhadela ao pulso despido, perguntando-se vagamente onde teria deixado o relógio.

— Que horas são, Rose? A luz está tão forte.

— Pouco passa das dez.

«Dez?!» Oh, meu Deus, tinha adormecido.

— Rosie, agora tenho de desligar, mas vou directamente para o hospital. Esperas por mim?

— Até ao meio-dia, quando terei de ir buscar a filha mais nova da Sadie à creche.

— Está bem. Nesse caso, vou já ter contigo... Assim, conversamos as duas com o médico.

*

Quando Laurel chegou, Rose já estava acompanhada pelo médico. A enfermeira da recepção informou-a de que estavam à espera dela e indicou-lhe a cafetaria adjacente. Rose deveria andar à procura dela, porque começou a acenar-lhe mesmo antes de ela pôr os pés na cafetaria. Laurel abriu caminho por entre as mesas e, ao aproximar-se de ambos, verificou que Rose estivera a chorar, e não era pouco. Havia lenços de papel amarrotados espalhados pelo tampo da mesa e manchas pretas esborratadas por baixo dos olhos da irmã. Laurel sentou-se ao lado dela e cumprimentou o médico.

— Eu tenho estado aqui a dizer à sua irmã — começou ele, precisamente no mesmo tom de profissional de saúde atencioso que Laurel teria empregado para desempenhar idêntico papel no momento de transmitir más mas inevitáveis notícias — que, na minha opinião, já esgotámos todas as opções de tratamento. Não será com certeza uma surpresa para si, creio eu, se lhe disser que se trata apenas de uma questão de lhe aliviar o sofrimento e assegurar o maior conforto possível.

Laurel assentiu com a cabeça.

— A minha irmã disse-me que a nossa mãe quer ir para casa, Dr. Cotter. É possível?

— Isso não levantaria problema algum — sorriu. — Naturalmente, se ela desejar permanecer no hospital, nós estaremos também em

condições de lhe satisfazer esse desejo... Na verdade, a maioria dos nossos doentes permanece connosco até ao fim...

O fim. A mão de Rose procurou a de Laurel por baixo da mesa.

— Mas se estão dispostas a tratar dela em casa...

— Estamos — apressou-se Rose a dizer. — Claro que estamos.

— ... Então, nesse caso, creio que será esta a melhor altura para conversarmos a esse respeito.

Os dedos de Laurel ansiaram por um cigarro. Ela disse:

— A nossa mãe não tem muito tempo de vida. — Era mais uma afirmação do que uma pergunta, uma função da mente de Laurel ao processar o facto, mas o médico, mesmo assim, respondeu-lhe.

— Já tenho tido algumas surpresas — admitiu ele —, mas, em resposta à sua pergunta, não, não tem muito tempo.

*

— Londres — disse Rose, enquanto percorriam lado a lado o linóleo sarapintado do corredor do hospital em direcção ao quarto da mãe. Já lá iam quinze minutos desde que se haviam despedido do médico, mas Rose ainda agarrava um lenço de papel dentro do punho fechado. — É uma reunião de trabalho, é isso?

— Trabalho? Que trabalho? Já te disse, Rose, que tirei uns dias de folga.

— Não gosto nada de te ouvir dizer essas coisas, Lol. Deixas-me nervosa quando dizes essas coisas. — Rose levantou uma mão para cumprimentar uma enfermeira que se cruzou com elas.

— Que género de coisas?

— Que estás a ter uns dias de folga. — Rose deteve-se e teve um arrepio; a sua cabeleira farta e rebelde estremeceu com ela. Trazia vestido um macacão de ganga e, no peitilho, um alfinete em forma de ovo estrelado, que era novidade para Laurel. — Não é natural; não é normal. Tu sabes que não gosto de quebras na rotina... Deixam-me preocupada.

Laurel não conseguiu conter uma gargalhada.

— Não há motivo para preocupação, Rosie. Vou apenas dar uma saltada a Euston para consultar um livro.

— Um livro?

— Para uma pesquisa que ando a fazer.

— Ah! — Rose retomou a caminhada. — Pesquisa! Eu sabia que tu eras incapaz de fazer folga do trabalho. Ah, Lol, que alívio! — exclamou ela, abanando uma mão diante do rosto manchado de lágrimas. — Assim, já me sinto muito melhor.

— Bom, nesse caso — disse Laurel, com um sorriso —, fico feliz por ter contribuído para isso.

A ideia de começar a pesquisa sobre Vivien na Biblioteca Britânica partira de Gerry. Uma busca, noite avançada, no Google conduziu-os apenas a *sites* galeses de *râguebi* e a outros becos sem saída, assim como a curiosas ondulações longínquas da rede, mas a biblioteca, insistira Gerry, não os desapontaria. «Três milhões de novos artigos todos os anos, Lol», comentara o irmão enquanto preenchia os dados da inscrição. «Isso corresponde a dez quilómetros de prateleiras; terão forçosamente de ter alguma coisa.» Gerry entusiasmara-se ao descrever o serviço *on-line* — «Eles enviam-te directamente para casa cópias do que quer que tu encontres» —, mas Laurel decidira (perversamente, retorquira Gerry com um sorriso) que era de longe mais simples dirigir-se pessoalmente à biblioteca — Laurel já fizera de detective em séries televisivas, sabia que em certas ocasiões o melhor a fazer era sair para o terreno em busca de provas. E se a informação que ela encontrasse a conduzisse mais longe? Seria muito melhor estar no próprio local do que ser obrigada a fazer outro pedido *on-line* e esperar que este fosse atendido; era de longe melhor agir do que esperar.

Chegaram à porta de Dorothy e Rose abriu-a com um empurrão. A mãe estava a dormir na cama, aparentemente mais magra e frágil do que estivera na manhã da véspera, e subitamente ocorreu a

Laurel que a sua decadência acelerava a olhos vistos. As irmãs deixaram-se ficar algum tempo sentadas, a ver o peito de Dorothy a oscilar suavemente, até que Rose tirou um pano do pó da carteira e começou a limpar as fotografias emolduradas expostas.

— Creio que é melhor embalá-las — sugeriu ela em voz baixa. — Assim, ficam prontas para irem para casa.

Laurel assentiu com a cabeça.

— Têm tanto significado para ela, estas fotografias. Sempre tiveram, não foi, Laurel?

A irmã tornou a assentir, mas não lhe respondeu. A menção às fotografias pusera-a a pensar naquela em que Dorothy e Vivien apareciam juntas, na Londres dos tempos da guerra. Estava datada de Maio de 1941, o mês em que a mãe começara a trabalhar na pousada da avó Nicolson e Vivien Jenkins morrera durante um bombardeamento aéreo. Onde teria sido tirada aquela fotografia?, perguntava-se ela. E por quem? Seria o fotógrafo algum conhecido das raparigas... Henry Jenkins, talvez? Ou o namorado da mãe, Jimmy? Laurel franziu a testa. Ainda lhe faltava tanto para completar o quebra-cabeças.

Nesse momento, a porta abriu-se e os barulhos do mundo exterior penetraram no quarto atrás da enfermeira da mãe: pessoas a rir, campainhas a chamar, telefones a tocar. Laurel observou a enfermeira a movimentar-se com eficiência pelo quarto, a medir a pulsação de Dorothy, a tirar-lhe a temperatura, a tomar notas na tabela aos pés da cama. Quando chegou ao fim da sua tarefa, presenteou Laurel e Rose com um sorriso amável e disse-lhes que iria guardar o almoço da mãe para o caso de ela acordar mais tarde e ter fome. Laurel agradeceu-lhe e a enfermeira foi-se embora, fechando a porta atrás de si e deixando o quarto mergulhar uma vez mais num término tranquilo e silencioso no qual só lhes restava esperar. Mas esperar por quê? Não admirava que Dorothy quisesse voltar para casa.

— Rose? — disse Laurel de repente, ao ver a irmã a endireitar as

molduras limpas.

— Hum?

— Quando a mãe te pediu que lhe fosses buscar aquele livro, o que trazia a fotografia lá dentro, fez-te impressão andares a vasculhar no malão dela? — Mais concretamente, haveria lá mais alguma coisa capaz de ajudar Laurel a deslindar o mistério? Tentou descobrir alguma maneira de perguntar a Rose sem que esta suspeitasse da investigação.

— Nem por isso. Para ser franca, não pensei muito nisso. Fui lá o mais depressa que pude, com receio de que, se me demorasse, ela fosse atrás de mim até ao sótão. Felizmente, foi sensata e ficou na cama, onde eu a deixara... — Rose sufocou um grito.

— O que foi? Que se passa?

Rose suspirou de alívio, afastando o cabelo da testa.

— Nada, não é nada — disse ela, sacudindo a mão. — Só que eu não fazia a mínima ideia onde tinha encafuado a chave. Ela estava a fazer-se de difícil, percebes; ficou toda alvoroçada quando viu que eu tinha encontrado o livro. Ficou satisfeita, creio eu... Isto é, deve ter ficado, se foi ela que me pediu para ir buscá-lo... mas também estava impertinente, quase irascível; tu bem sabes do que a mãe é capaz.

— Mas entretanto lembraste-te, não foi?

— Ah, sim, claro... Está outra vez na mesa-de-cabeceira dela. — Abanou cabeça e sorriu com ar ingénuo. — Sinceramente, às vezes não sei por onde anda a minha cabeça.

Laurel retribuiu-lhe o sorriso. Pobre, inocente Rose.

— Desculpa, Lol... Tu estavas a perguntar-me qualquer coisa... acerca do malão?

— Ah, não, não era nada de especial. Estava só a fazer conversa.

Foi então que Rose viu as horas e anunciou que tinha de se ir embora para ir buscar a neta à creche.

— Mas passo por cá mais logo e acho que a Iris ficou de vir cá amanhã de manhã. Entre todas, devemos ter tudo pronto para a

mudança no sábado... Sabes, sinto um certo entusiasmo. — A expressão dela, porém, não tardou a ensombrar-se. — Imagino que seja um sentimento muito pouco adequado, tendo em conta as circunstâncias.

— Não me parece que haja regras no que toca a estas coisas, Rosie.

— Pois não, acho que tens razão. — Rose debruçou-se para beijar a irmã na face e, em seguida, foi-se embora, deixando atrás de si um rasto do seu perfume a alfazema.

*

O ambiente fora diferente com Rose no quarto, outro corpo a mexer-se, a afadigar-se, a respirar. Sem ela, Laurel ganhou ainda maior consciência de até que ponto a mãe vinha a ficar enfraquecida e silenciosa. O seu telemóvel apitou a anunciar a chegada de uma mensagem e Laurel apressou-se a ver quem era, agarrando-se com gratidão à corda salva-vidas que a ligava ao mundo exterior. Era um *e-mail* pró-forma da Biblioteca Britânica, a confirmar que o livro que Laurel requisitara estaria disponível na manhã seguinte e lembrando-a de se munir de um documento de identificação para preencher o formulário para o cartão de leitor. Laurel leu-o duas vezes com atenção e em seguida, com relutância, tornou a guardar o telemóvel na carteira. A mensagem proporcionara-lhe um momento bem-vindo de distração; agora estava de volta ao ponto de partida, ao torpor estuporificante do quarto do hospital.

Já não aguentava mais. O médico dissera-lhe que o mais provável seria a mãe passar a tarde inteira a dormir devido à medicação para as dores, mas, mesmo assim, Laurel foi buscar o álbum de fotografias. Sentou-se à cabeceira da mãe e começou pelo princípio, pela fotografia de Dorothy em jovem, a trabalhar para a avó Nicolson na pousada à beira-mar. Foi avançando através dos

anos, narrando uma vez mais a história da família, ouvindo o som tranquilizador da sua própria voz, com a vaga sensação de que, se continuasse a falar naquele tom de normalidade, conseguiria de alguma forma manter a vida no quarto.

Por fim, chegou à fotografia de Gerry no seu segundo aniversário. Fora tirada logo pela manhã, enquanto arrumavam as cestas do piquenique na cozinha, antes de partirem para o regato. A adolescente Laurel — que franja, meu Deus! — tinha Gerry empoleirado numa anca e Rose fazia-lhe cócegas na barriga, para o incitar a rir e gorjear; o dedo apontado de Iris conseguira ficar no retrato (zangada com qualquer coisa, sem dúvida) e a mãe aparecia ao fundo, uma mão na cabeça à medida que inspeccionava o conteúdo da cesta. Em cima da mesa — o coração de Laurel teve um sobressalto; era a primeira vez que reparava em tal coisa — achava-se a faca. Mesmo ao lado do vaso das dalias. «Não se esqueça, mãe», Laurel deu por ela a pensar. «Guarde a faca na cesta e nunca terá de voltar a casa. Assim, não se passará nada. Eu irei descer da casa da árvore antes de o homem aparecer no caminho e ninguém ficará a saber que ele passou por nossa casa naquele dia.»

Mas era uma lógica infantil. Quem poderia garantir que Henry Jenkins não haveria de voltar se não encontrasse ninguém em casa? E talvez da próxima visita as coisas corressem ainda pior. A morte poderia calhar à pessoa errada.

Laurel fechou o álbum. Perdera a ânimo para narrar o passado. Ao invés, ajeitou o lençol da mãe em volta do peito e disse-lhe:

— Ontem à noite estive com o Gerry, mãe.

De nenhures, qual som trazido pelo vento:

— Gerry...

Laurel olhou de relance para os lábios da mãe. Estavam imóveis, embora ligeiramente afastados. Os olhos, esses, estavam fechados.

— Isso mesmo — prosseguiu ela, mais entusiasmada —, o Gerry, fui visitá-lo a Cambridge. Está ótimo, o mesmo rapaz inteligente de

sempre. Anda a fazer um mapa do céu, a mãe sabia? Alguma vez lhe passou pela cabeça que o nosso menino haveria de fazer uma coisa tão extraordinária? Disse-me que estão a ponderar enviá-lo durante algum tempo para os Estados Unidos, para fazer pesquisa, uma oportunidade fantástica.

— Oportunidade... — a mãe exalou a palavra. Tinha os lábios secos e Laurel pegou no copo de água, enfiando-lhe na boca, com todo o cuidado, a palhinha flexível.

A mãe bebeu com rigidez, apenas uns goles. Abriu ligeiramente os olhos.

— Laurel — disse ela baixinho.

— Estou aqui, não se aflija.

As pálpebras delicadas de Dorothy tremularam do esforço de se manterem abertas.

— Parecia... — A sua respiração era superficial. — Parecia inofensivo.

— O quê, mãe?

Dos seus olhos, começaram não tanto a cair, mas mais a escorrer lágrimas. As rugas profundas do rosto pálido brilharam. Laurel tirou um lenço de papel da caixa e limpou o rosto da mãe ao de leve, com a mesma ternura que faria a uma criança assustada.

— O que era que parecia inofensivo, mãe? Diga lá.

— Era uma oportunidade, Laurel. Eu tirei... eu tirei...

— Tirou o quê? — Uma jóia, uma fotografia, *a vida a Henry Jenkins*?

Dorothy agarrou a mão de Laurel com mais firmeza e abriu o mais que podia os olhos lacrimosos. Quando prosseguiu, a sua voz deixava transparecer um novo tom de desespero, assim como de determinação; como se tivesse esperado muito tempo por poder tocar naquele assunto e, não obstante o esforço que lhe exigia, estava decidida a levá-lo até ao fim.

— Era uma oportunidade, Laurel. Nunca pensei poder prejudicar alguém. Eu só queria... eu achava que merecia... que se fizesse

justiça. — Dorothy soltou então o ar de forma tão roufenha que provocou arrepios na espinha da filha. A mãe começou então desbobinar as palavras, a fazer lembrar o fio de uma teia de aranha. — Tu acreditas na justiça, que, se somos roubados, devemos poder apropriar-nos de qualquer coisa?

— Não sei, mãe. — Custava-lhe imenso ver a mãe, a idosa doente que afugentara monstros e lágrimas à custa de beijos, atormentada pela culpa e pelos remorsos. Estava desejosa de a poder confortar; tal como também queria saber o que a mãe fizera. Acrescentou com brandura: — Julgo que depende do que foi que nos roubaram e do que é que tencionamos apropriar-nos como recompensa.

A intensidade da expressão da mãe dissipou-se. À claridade que entrava pela janela, podiam ver-se as lágrimas que escorriam dos seus olhos.

— Tudo — disse ela. — Eu sentia que tinha perdido tudo.

*

Nessa tarde, Laurel foi sentar-se a fumar no chão do sótão de Greenacres. Sentia a macieza, a solidez, das tábuas desbotadas por baixo dela e uma réstia do sol do final da tarde penetrava através da minúscula janela de quatro vidraças no cimo do telhado, incidindo como um projector no malão trancado da mãe. Laurel puxou uma fumaça vagarosa do cigarro. Fazia já meia hora que ali estava sentada, tendo por única companhia o cinzeiro, a chave do malão e a sua própria consciência. Não tivera dificuldade em encontrar a chave, escondida no sítio que Rose lhe indicara, mesmo ao fundo da gaveta da mesa-de-cabeceira da mãe. Tudo o que Laurel tinha agora a fazer era inseri-la no cadeado, girá-la e descobrir o que por lá houvesse.

Mas descobrir o quê? Mais acerca da oportunidade que Dorothy vislumbrara? O que fora que a mãe roubara ou fizera?

Não que se desse o caso de esperar encontrar uma confissão por escrito lá dentro; nada que se comparasse. A verdade, porém, era que lhe parecia um sítio importante, embora bastante óbvio, onde procurar pistas do mistério da mãe. Já que ela e Gerry estavam na disposição de calcorrear o país de uma ponta à outra e incomodar outras pessoas para recolher informações capazes de os ajudar a preencher as lacunas, seria seguramente de uma negligência gritante deixarem de fazer tudo o que podiam dentro da sua própria casa. Na realidade, não era uma invasão mais grave da privacidade da mãe do que as investigações que tinham começado por fazer noutros locais, ou era? Abrir o malão não era pior do que ir falar com Kitty Barker, ou andar à procura dos apontamentos do Dr. Rufus, ou ir no dia seguinte à biblioteca em busca de Vivien Jenkins. A sensação que lhe deixava é que era *pior*.

Laurel olhou para o cadeado. Com a mãe fora de casa, estava prestes a convencer-se de que não era nada por aí além — afinal de contas, a mãe deixara Rose ir-lhe buscar o livro, e não tinha preferências (excepto no que tocava a Gerry, e isso aplicava-se a todas as irmãs); por conseguinte, a mãe não se importaria que Laurel também visse o que havia no seu malão. Uma lógica ténue, talvez, mas não tinha mais nada a que se agarrar. E uma vez Dorothy regressada a Greenacres, tudo acabaria por redundar em nada. Ser-lhe-ia completamente impossível, sabia Laurel, levar a cabo a busca com a mãe no piso de baixo. Era agora ou nunca.

— Desculpe, mãe — disse ela, livrando-se do cigarro com uma achatadela decidida —, mas eu preciso de saber.

Levantou-se com cuidado, sentindo-se como uma gigante ao dirigir-se para a zona em declive do sótão. Ajoelhou-se para introduzir a chave e abrir o cadeado com um estalido. Era o grande momento, sentia Laurel no seu íntimo; mesmo que nunca chegasse a abrir a tampa, o crime já fora cometido.

Já que estava perdido por cem, mais valia perdê-lo por mil, não era? Laurel levantou-se e começou a abrir a tampa do velho malão;

todavia, não olhou para o interior. As dobradiças tesas de cabedal rangeram devido à falta de uso e Laurel susteve a respiração. Era outra vez uma criança, a violar uma regra intransigível. Sentia-se aturdida. E agora a tampa estava aberta, o máximo até aonde ia. Laurel afastou a mão e as dobradiças acusaram o peso. Com uma respiração profunda e determinada, atravessou o Rubicão e espreitou para o interior do malão.

Havia qualquer coisa por cima, um envelope, velho e ligeiramente amarelecido, que fora endereçado a Dorothy Nicolson da Quinta Greenacres. O selo era verde-azeitona e apresentava uma jovem rainha Isabel vestida a rigor para a coroação; ao ver aquela imagem da rainha, Laurel teve uma recordação fugaz, como se fosse importante, embora não soubesse precisar o motivo. O envelope não trazia remetente e Laurel mordeu o lábio ao abri-lo, retirando um cartão bege do interior. Trazia uma única palavra escrita em viés a preto: «Obrigado.» Laurel voltou-o e não encontrou mais nada. Agitou o cartão para trás e para a frente, intrigada.

Haveria seguramente muitas pessoas que teriam tido motivos para agradecer à mãe ao longo dos anos, mas não de uma forma tão anónima como aquela — um envelope sem remetente, um cartão sem assinatura —, era estranho, sem dúvida; o facto de Dorothy o ter guardado a sete chaves, mais estranho ainda. Uma prova, concluiu Laurel, de que a mãe deveria saber perfeitamente por quem fora enviado; mais, que o que quer que a pessoa em questão agradecia à mãe era segredo.

Tudo aquilo era deveras misterioso — o suficiente para pôr o coração de Laurel a bater mais depressa —, mas não necessariamente relevante para a investigação. (Por outro lado, poderia tratar-se de facto da pista crucial, mas Laurel não estava a ver maneira de averiguar isso com certeza, não naquele momento; não, a menos que ela perguntasse directamente à mãe, coisa que não tencionava fazer. Pelo menos por enquanto.) Tornou a guardar o cartão dentro do envelope, e inseriu-o na extremidade mais

afastada do malão, onde ficou ao lado de uma estatueta de madeira; o Sr. Punch, constatou Laurel com um leve sorriso, a lembrar-se das férias que costumavam passar na pousada da avó Nicolson.

Havia outro objecto dentro do malão, tão grande que ocupava o espaço quase todo. Pareceu-lhe ser um lençol, contudo, quando Laurel pegou nele, o puxou para fora e o estendeu a todo o comprimento, percebeu que se tratava de um casaco, de uma pele já bastante coçada que em tempos deveria ter sido branca. Laurel segurou-o à altura dos ombros o mais longe possível do corpo, deixando-o pendurado, como alguém poderia fazer ao tentar decidir se haveria de comprar um casaco numa loja.

O roupeiro ao fundo do sótão tinha uma porta espelhada. Costumavam brincar lá dentro quando era miúdas, ou, pelo menos, Laurel tivera esse hábito; as irmãs tinham medo de lá entrar, o que fizera do roupeiro o lugar ideal para ela se esconder sempre que precisava de liberdade para desaparecer dentro das histórias que inventava.

Laurel levou o casaco para junto do roupeiro e enfiou os braços nas mangas. Mirou-se ao espelho, voltando-se devagar de um lado para o outro. O casaco ficava-lhe mesmo abaixo do joelho. Era abotoado à frente e tinha um cinto. Era um belo modelo, por muito estragada que a pele pudesse estar; a atenção ao pormenor, o corte. Laurel estava disposta a apostar que alguém pagara bom dinheiro por aquele casaco quando era novo. Interrogou-se se aquela pessoa teria sido a mãe e, a ser assim, como fora possível que uma jovem que trabalhava como criada se poderia ter permitido a semelhante luxo.

Enquanto observava o seu reflexo, sentiu regressar uma recordação longínqua. Não era a primeira vez que Laurel vestia aquele casaco. Fora num dia chuvoso, na sua meninice. Tinham andado a manhã toda a fazer perder as estribeiras à mãe, numa correria escada acima, escada abaixo, e Dorothy mandara-as de castigo para o sótão, para irem brincar às máscaras. As irmãs

Nicolson tinham um caixote enorme cheio de máscaras, onde a mãe lhes guardava chapéus, camisas e cachecóis velhos, coisas engraçadas que ia encontrando e que, por artes de magia infantil, poderiam ser transformadas em coisas bonitas.

Enquanto as irmãs se disfarçavam com as suas peças preferidas, Laurel desencantara um saco a um canto do sótão, com qualquer coisa branca e felpuda a espreitar pela abertura. Fora buscar o casaco e não hesitara em vesti-lo. Depois, pusera-se precisamente diante daquele espelho, a admirar a sua pessoa, a pensar no ar imponente que lhe dava; qual Rainha das Neves malévola, mas deslumbrante.

Laurel era uma criança e, por conseguinte, não reparou nos bocados puídos de pele, nem nas manchas escuras ao redor da bainha; reconheceu, isso sim, a autoridade sumptuosa inerente ao casaco. Passou umas horas maravilhosas a mandar as irmãs para dentro de jaulas, a ameaçar atizar os lobos contra elas se não acatassem as suas ordens, a cacarejar gargalhadas maléficas. Quando a mãe finalmente as chamou para o almoço, Laurel apegara-se de tal maneira ao casaco e ao curioso poder que se recusou simplesmente a despi-lo.

A expressão de Dorothy ao ver a filha mais velha chegar à cozinha naqueles preparos foi difícil de discernir. Não ficou satisfeita, mas também não gritou. Foi pior do que isso. Pálida como a cal e com a voz trémula, disse-lhe: «Despe isso. Despe já isso.» Quando Laurel hesitou em obedecer, a mãe dirigiu-se apressadamente a ela e começou a puxar-lhe o casaco dos ombros, a tartamudear qualquer coisa a respeito de estar calor a mais, de o casaco lhe estar comprido de mais, de o escadote do sótão ser demasiado íngreme para alguém trepar por ele com uma coisa daquelas vestida. Laurel tivera muita sorte em não ter tropeçado e morrido da queda. Nesse momento, olhou para Laurel, o casaco de peles numa trouxa debaixo do braço, e a sua expressão foi quase acusadora, uma mistura de angústia e traição, a rasar o medo. Por

um instante terrível e fugaz, Laurel julgou que a mãe iria desatar a chorar. Mas não chorou; mandou a filha sentar-se à mesa e em seguida desapareceu, levando o casaco com ela.

Laurel não tornara a ver o casaco de peles. Perguntara por ele à mãe alguns meses decorridos, numa ocasião em que precisara de uma indumentária para uma peça de teatro da escola, mas Dorothy limitara-se a responder, sem sequer se dignar a olhar para ela: «Aquele velharia? Deitei-o fora. Não servia se não para atrair as ratazanas no sótão.»

Não obstante, ali estava ele agora, escondido no malão da mãe, ao fim de décadas e décadas, guardado a sete chaves. Laurel expirou pensativamente, enfiando as mãos dentro dos bolsos do casaco. Um deles tinha um buraco no cetim do forro, e os dedos dela escorregaram por ele dentro. Tocou em qualquer coisa; parecia-lhe a aresta de um bocado de cartão. Laurel agarrou o que quer que fosse e puxou-o através do buraco.

Era um cartão branco, simples, rectangular, com qualquer coisa escrita. Os dizeres estavam desbotados e Laurel viu-se obrigada a levá-lo para junto do pouco sol que ainda havia para os conseguir ler. Era um bilhete de comboio, constatou ela, um bilhete de ida de Londres para a estação mais próxima da pousada da avó Nicolson. A data carimbada no bilhete era de 23 de Maio de 1941.

Capítulo 20

Londres, Fevereiro de 1941

Jimmy atravessou Londres o mais depressa que pôde, com uma ligeireza no passo pouco habitual nele. Havia semanas que não tinha qualquer contacto com Dolly — ela recusara-se a recebê-lo quando a fora visitar a Campden Grove e não respondera às suas cartas —, agora, porém, finalmente, isto. Sentia a carta dentro do bolso, o mesmo em que levava a aliança naquela noite fatídica — oxalá não fosse um mau presságio. A carta chegara à redacção do jornal no início da semana, um simples bilhete a suplicar-lhe que se fosse encontrar com ela no parque dos bancos nos Jardins de Kensington, o mais próximo da estátua de Peter Pan. Havia um assunto sobre o qual precisava de falar com Jimmy, algo que esperava ser do seu agrado.

Dolly mudara de ideias e queria casar-se com ele. Só podia ser isso. Jimmy fazia o possível por ser prudente, detestava tirar conclusões precipitadas, ainda para mais tendo sofrido tanto depois de ela o rejeitar, mas não era capaz de impedir os pensamentos — ou, melhor dizendo, as suas esperanças — de se encaminharem nesse sentido. Que mais poderia ser? Algo que seria do agrado dele: ao que se lembrava, só havia uma coisa capaz disso. Só Deus sabia a falta que tinha de boas notícias.

A casa onde moravam fora destruída numa explosão dez dias antes. Jimmy vira-se completamente apanhado de surpresa. Nos últimos tempos tinha havido uma trégua, sob um dado aspecto, mais

sinistra do que os piores bombardeamentos aéreos — toda aquela paz e calma não haviam passado de um estratagema para pôr os nervos da população em franja —, todavia, a 18 de Janeiro, uma bomba desgarrada caíra em cheio no telhado do apartamento de Jimmy. Regressara a casa ao fim de uma noite de trabalho e, mal virara a esquina, deparara-se com uma devastação reveladora. Santo Deus! Sustivera a respiração e corra em direcção às chamas e às ruínas. Deixara de ouvir o que quer que fosse para além da sua própria voz e o funcionamento do seu próprio corpo, a respirar e a bombear sangue, à medida que procurava entre os destroços, gritando pelo nome do pai, amaldiçoando-se por não ter arranjado um local mais seguro, por não ter estado presente no momento em que o velhote mais precisava dele. Quando Jimmy encontrara a gaiola amolgada de *Finchie*, soltara um grito assustador e animalesco de mágoa e desgosto, um grito de que jamais se julgara capaz. E naquele instante vivera a terrível experiência de, subitamente, habitar o cenário de uma das suas fotografias, com a diferença de que a casa em ruínas era a *sua* casa, os pertences inutilizados eram os *seus* pertences, o ente querido morto era o *seu* pai, e ficara então com a certeza de que, por muitos louvores que os editores lhe tecessem, falhara redondamente na tentativa de captar a verdade inerente àquele momento; o medo, o pânico e a assustadora *realidade* de, de um momento para o outro, ter perdido tudo.

Dera meia-volta e deixara-se cair pesadamente de joelhos, e fora então que vira a Sr.^a Hamblin, a vizinha do lado, a acenar-lhe desorientada do fundo da rua. Fora ter com ela, abraçara-a e oferecera-lhe o seu ombro para ela soluçar, e chorara também, lágrimas ardentes de impotência e raiva e desgosto. E, por fim, ela levantara a cabeça e perguntara-lhe: «Já esteve com o seu pai?», ao que Jimmy lhe respondera: «Não consegui encontrá-lo», e ela apontara para o fundo da rua. «Ele foi com a Cruz Vermelha, creio eu. Um médico novo muito simpático ofereceu-lhe uma chávina de

chá, e o Jimmy sabe como ele se pela por chá, ele...»

Jimmy não precisara de ouvir mais nada. Largara numa corrida em direcção ao centro comunitário da igreja onde sabia que a Cruz Vermelha estaria. Entrara de rompante pela porta e vira o pai quase de imediato. O velhote estava sentado a uma mesa com uma chávena de chá à sua frente e *Finchie* empoleirado no antebraço. A Sr.^a Hamblin conseguira levá-los para o abrigo a tempo e Jimmy teve a impressão de que nunca na vida se sentira tão grato a alguém. Ter-lhe-ia dado o mundo se pudesse e, por isso, era uma grande pena não ter nada de jeito para lhe oferecer. Perdera todas as suas poupanças na explosão, juntamente com tudo o resto. Ficara apenas com a roupa que tinha no corpo e a máquina fotográfica que trazia consigo. E graças a Deus que assim fora — caso contrário, o que haveria de ser dele?

Jimmy afastou o cabelo dos olhos enquanto caminhava. Tinha de afastar o pai do pensamento, o quarto atravancado onde estavam temporariamente alojados. O velhote fazia-o sentir-se vulnerável e hoje não se queria sentir frágil. Não se podia dar a esse luxo. Hoje tinha de fazer por se manter no controlo da situação, circunspecto, talvez até um pouco arredio. Talvez fosse uma demonstração abominável de orgulho da sua parte, mas queria que Dolly o visse e compreendesse que tinha cometido um erro. Desta feita, não se aperaltara com o *smoking* do pai — mesmo que quisesse, não podia —, mas fizera um esforço por se apresentar o melhor possível.

Saiu da rua e entrou no jardim, atravessando o relvado que dera lugar às hortas vitorianas, percorrendo os caminhos que lhe pareciam agora despídos sem os seus gradeamentos de ferro, e preparou-se para tornar a vê-la. Dolly sempre tivera uma espécie de poder sobre ele, uma forma de, com um simples olhar, o vergar à sua vontade. Aqueles olhos, brilhantes e risonhos, que o tinham observado por cima de uma chávena de chá num café de Coventry; a curva dos lábios dela quando sorria, ligeiramente trocista por vezes, mas, santo Deus, tão excitante, tão cheia de vida. Só de

pensar em Dolly, Jimmy já se sentia aquecer, e fez por recuperar o autodomínio, concentrando-se em recordar-se do quanto ela o magoara, para não falar na vergonha por que o fizera passar — a cara dos empregados quando viram Jimmy sozinho no restaurante, ainda com a aliança na mão; nunca se haveria de esquecer da maneira como olharam para ele, a risota que não deveria ter sido depois de ele se ir embora. Jimmy tropeçou na berma do caminho. Santo Deus! Tinha de manter a compostura, conter o optimismo e o desejo, salvaguardar-se contra a eventualidade de uma nova desilusão.

Fez o melhor que podia, mas estava apaixonado por ela havia demasiado tempo, calculou ele (mais tarde, de regresso a casa, ao rememorar os acontecimentos desse dia), e o amor fazia dos homens uns tolos, era mais que sabido. O que é facto é que, sem que fosse de todo essa a sua intenção e contra tudo o que a prudência lhe aconselhava, quando Jimmy Metcalfe se aproximou do local do encontro, estugou o passo numa corrida.

*

Dolly estava sentada num banco, exactamente onde dissera que estaria. Jimmy viu-a primeiro e deteve-se abruptamente, recuperando o fôlego e ajeitando o cabelo, os punhos da camisa, a postura, enquanto olhava para ela. O seu entusiasmo inicial depressa deu lugar ao espanto. Só haviam passado três semanas (apesar de as circunstâncias da separação lhe darem a impressão de que tinham sido três anos), mas ela mudara. Era Dolly, era linda, mas havia qualquer coisa que não batia certo, percebeu Jimmy, mesmo ao longe. Sentiu-se repentinamente deslocado; vinha preparado para ser duro, arrogante se coagido nesse sentido, mas vê-la ali sentada, com os braços em volta do corpo, o olhar cabisbaixo, mais pequena do que a imagem que guardava na memória — era a última coisa de que estava à espera e foi

apanhado desprevenido.

Dolly viu-o então e esboçou-lhe um sorriso que lhe iluminou timidamente o semblante. Jimmy retribuiu-lhe o sorriso e encaminhou-se para junto dela, interrogando-se o que teria acontecido; se alguém a teria magoado, lhe fizera algo tão grave ao ponto de lhe roubar o ânimo, ciente de imediato de que seria capaz de matar quem quer que tivesse tido semelhante ousadia.

Dolly levantou-se ao vê-lo aproximar-se e eles abraçaram-se, os ossos dela finos e frágeis como os de um passarinho nas mãos dele. Não vinha agasalhada como devia ser; estivera a nevar, e o velho casaco de peles coçado não era suficientemente quente. Deixou-se ficar abraçada a ele por muito tempo, e Jimmy — que estivera tão magoado, tão furioso por causa da maneira como ela o tratara, da recusa de se explicar; que prometera a si próprio deixar a amargura sobrepor-se a tudo o mais quando a visse naquele dia — deu por ele a acariciar-lhe o cabelo, tal como faria a uma criança perdida e vulnerável.

— Jimmy — disse Dolly por fim, o rosto ainda encostado à camisa dele. — Oh, Jimmy...

— Vá lá — disse ele. — Então o que é isso? Não chores.

Dolly, porém, chorou, lágrimas suaves e luminosas que pareciam não ter fim, e agarrou-o pela zona das costelas, deixando-o preocupado e curiosamente excitado, também. Santo Deus, mas o que se passaria com ele?

— Oh, Jimmy! — repetiu ela. — Estou tão arrependida, tão envergonhada.

— Do que é que estás para aí a falar, Dolly? — Segurou-a pelos ombros e, com relutância, ela encarou o seu olhar.

— Eu cometi um erro, Jimmy — confessou ela. — Um entre tantos. Nunca te deveria ter tratado assim. Naquela noite, no restaurante, o que eu fiz... Ir-me embora daquela maneira, sem mais nem menos. Estou tão arrependida.

Jimmy não tinha um lenço, mas tinha um pano de limpar os

óculos e serviu-se dele para lhe secar delicadamente o rosto.

— Não estou à espera de que me perdoes — disse ela. — E também sei que não podemos fazer o tempo voltar para trás, sei bem disso, mas tinha de te dizer isto. Sentia-me tão culpada e precisava de te pedir desculpa pessoalmente para que tu compreendesses que estou a falar a sério. — Pestanejou por entre as lágrimas e acrescentou: — É mesmo a sério, Jimmy, estou imensamente arrependida.

Nessa altura, ele assentiu com a cabeça. Deveria ter dito alguma coisa, mas a surpresa e a emoção eram tão grandes que o deixavam sem palavras. Pareceu-lhe ser suficiente, porque ela sorriu, agora mais abertamente, em resposta. Jimmy detectou-lhe um rasgo da sua antiga vitalidade no sorriso e a sua única vontade foi petrificá-la naquele momento para ela não lhe poder tornar a fugir. Era o género de pessoa que precisava das atenções alheias, constatava ele. Não por uma questão de expectativa egoísta, mas de feitio; à semelhança de um piano ou de uma harpa, fora feita para funcionar melhor com uma determinada afinação.

— Pronto — disse ela, soltando um suspiro de alívio. — Já disse o que tinha a dizer.

— Pois já — ecoou ele, a voz entrecortada, e, incapaz de se conter, fez deslizar o dedo pelo contorno do lábio superior.

Dolly franziu os lábios para lho beijar ao de leve e em seguida fechou os olhos. As pestanas escuras e molhadas contrastavam com as faces.

Deixou-se ficar assim por muito tempo, como se também ela quisesse impedir o mundo de seguir o seu rumo. Quando por fim se afastou, ergueu um olhar tímido para ele.

— Então? — disse-lhe.

— Então... — Jimmy puxou de um cigarro e ofereceu-lho. Dolly aceitou-o de bom grado.

— Leste-me os pensamentos, estou sem um único para amostra.

— Nem parece teu.

— Não? Bom, nesse caso, devo ter mudado.

Dolly disse isto em tom descomprometido, mas enquadrava-se tão bem com o que ele vira à sua chegada que Jimmy franziu o sobrolho. Acendeu os dois cigarros e em seguida apontou no sentido de onde viera.

— Talvez fosse melhor irmos andando — sugeriu ele. — Se continuamos para aqui a segredar, ainda nos acusam de espionagem.

Arrepiaram caminho até aonde outrora tinham estado as grades, a conversar como desconhecidos educados acerca de trivialidades. Quando chegaram à rua, detiveram-se, cada um à espera de que o outro decidisse o que estava para vir. Dolly tomou a iniciativa, virando-se para ele para lhe dizer:

— Ainda bem que vieste, Jimmy. Eu não merecia, mas fico-te agradecida. — A voz dela denotava um tom conclusivo que a princípio lhe escapou. Contudo, quando Dolly esboçou um sorriso corajoso e lhe acenou em despedida, compreendeu que ela se ia embora. Que lhe pedira desculpa. Fizera o que achou que o deixaria feliz, e agora ia à vida dela.

E, nesse instante, a verdade surgiu diante de Jimmy com uma clareza ofuscante. A única coisa que algum dia o faria feliz seria casar-se com ela, levá-la consigo, tomar conta dela e remediar a situação.

— Doll, espera...

Ela pendurara a carteira ao ombro e já se preparava para lhe virar costas, mas olhou para trás quando ele a chamou.

— Anda comigo — pediu-lhe. — Eu só entro ao serviço mais logo. Vamos comer qualquer coisa.

*

Em tempos que já lá iam, Jimmy teria encarado a situação de outra maneira, planeado tudo ao mínimo pormenor e feito o possível

por que tudo saísse na perfeição, agora, porém, já não. O orgulho, a perfeição, que fossem para o diabo. Não havia tempo para isso. Já sabia por experiência própria que a vida era feita de momentos efêmeros — uma bomba desgarrada, e estava tudo acabado. Esperou apenas que a empregada de mesa viesse tomar nota do pedido e em seguida encheu-se de coragem e disse-lhe:

— A minha proposta, Doll, mantém-se. Amo-te. Sempre te amei. O que eu mais quero na vida é casar-me contigo.

Ela ficou a olhar para ele, os olhos arregalados de surpresa. E quem lhe poderia levar a mal por isso?

— Queres? Mesmo depois...?

— Mesmo depois. — Jimmy estendeu um braço por cima da mesa e Dolly colocou as suas mãos miúdas dentro da dele. Sem o casaco branco, reparou que tinha arranhadelas nos braços finos e pálidos. Tornou a olhar-lhe para o rosto, mais decidido do que nunca a tomar conta dela. — Não tenho nenhuma aliança para te oferecer, Doll — confessou-lhe, entrelaçando os seus dedos nos dela. — O meu apartamento foi bombardeado e nós ficámos sem nada. Cheguei mesmo a pensar que também tinha ficado sem o meu pai. — Dolly acenou ao de leve com a cabeça, aparentemente ainda estupefacta, e Jimmy prosseguiu. Tinha a vaga sensação de que se estava a desviar do assunto, a falar de mais, a deixar por dizer o que queria, mas parecia incapaz de se conter. — Graças a Deus, não fiquei. É um sobrevivente, o meu pai. Quando consegui encontrá-lo, estava com a Cruz Vermelha, a consolar-se com uma chávena de chá quente. — Jimmy esboçou um breve sorriso perante aquela recordação e em seguida abanou a cabeça. — Seja como for... o que eu quero dizer é que a aliança se perdeu. Mas logo que eu possa, compro-te uma.

Dolly engoliu em seco e, quando por fim falou, a sua voz era suave, triste.

— Oh, Jimmy — disse ela —, que má opinião deves ter a meu respeito para achares que eu iria dar importância a uma ninharia

dessas.

Foi a vez de Jimmy revelar surpresa.

— Não dás?

— Claro que não. Não preciso de uma aliança para me ligar a ti.

— Apertou-lhe as mãos e as lágrimas bailaram-lhe nos olhos. — Eu também te amo, Jimmy. Sempre te amei. O que terei de fazer para te convencer disso?

*

Comeram em silêncio, levantando ocasionalmente o olhar da refeição para sorrir um ao outro. Quando por fim terminaram, Jimmy acendeu um cigarro e disse:

— Imagino que a tua velha patroa há-de querer que saias vestida de noiva de Campden Grove.

Ao ouvi-lo dizer isto, a alegria de Dolly esvaiu-se.

— Doll? O que foi?

Foi nessa altura que ela lhe contou tudo, que Lady Gwendolyn falecera, e que ela, Dolly, já não trabalhava em Campden Grove, mas que estava novamente a morar no quarto minúsculo de Rillington Place. Que fora deixada sem nada e fazia longos turnos numa fábrica de munições para pagar a pensão.

— Mas eu julgava que Lady Gwendolyn fazia tenções de te deixar parte dos bens em testamento — comentou Jimmy. — Não foi isso que tu me disseste, Doll?

Ela desviou o olhar para a janela, uma expressão amargurada a varrer a felicidade de há momentos.

— Sim — confirmou ela. — Foi isso que ela me prometeu, mas isso foi anteriormente. Antes de as coisas mudarem.

Pelo aspecto transtornado do rosto dela, Jimmy percebeu que o que quer que se tivesse passado entre Dolly e a patroa era responsável pelo desânimo que ele lhe pressentira anteriormente.

— Que coisas, Doll? O que foi que mudou?

Ela estava relutante em repetir a história, bastava ver a maneira como se esquivava ao seu olhar para perceber isso, mas Jimmy fazia questão de saber. Era uma atitude egoísta, mas amava-a, ia casar-se com ela e recusava-se a deixá-la sossegada. Ficou sentado em silêncio, deixando claro que esperaria o tempo que fosse preciso, e Dolly deve ter percebido que ele não aceitaria um não como resposta, porque finalmente soltou um suspiro.

— Uma mulher meteu-se entre nós duas, Jimmy, uma mulher poderosa. Ela embirrou comigo e não descansou enquanto não me estragou a vida. — Desviou o olhar da janela e fitou-o. — Eu estava completamente sozinha. Não tive hipóteses contra a Vivien.

— A Vivien? A da cantina? Mas eu julgava que vocês eram amigas?

— Também eu — disse Dolly, com um sorriso pesaroso. — E éramos, acho eu, pelo menos no princípio.

— O que foi que se passou?

Dolly teve um arrepio por baixo da blusa branca fina e lançou uma olhadela à mesa; havia uma certa contenção no seu semblante, e Jimmy interrogou-se se o que estava prestes a contar-lhe não seria para ela motivo de vergonha.

— Eu fui devolver-lhe uma coisa a casa, um fio de ouro que ela tinha perdido, mas quando toquei à campainha, não a apanhei em casa. O marido convidou-me a entrar... Eu já te falei dele, Jimmy, é o tal escritor. Ele convidou-me a entrar e a esperar por ela, e eu assim fiz. — Baixou a cabeça, sacudindo ligeiramente as ondas do cabelo. — Talvez tivesse feito mal, não sei, porque quando a Vivien chegou e me viu, ficou furiosa. Eu vi perfeitamente pela cara dela, estava desconfiada de que nós... Bom, tu podes imaginar. Eu tentei explicar-me, estava segura de que conseguiria fazê-la ver a razão, mas depois... — Voltou a sua atenção uma vez mais para a janela e uma tênue réstia de sol incidiu-lhe na maçã do rosto alta. — Bom... digamos que estava enganada.

O coração de Jimmy entrara em sobressalto; sentia indignação,

mas também medo.

— O que foi que tu fizeste, Doll?

A garganta dela mexeu-se, um ligeiro movimento ascendente e descendente como se engolissem em seco, e Jimmy receou que ela fosse começar a chorar. Todavia, não chorou, virou-se de frente para ele e a expressão dela, tão triste, tão magoada, fez que qualquer coisa no seu íntimo se quebrasse. A voz dela pouco mais era do que um suspiro.

— Ela inventou mentiras horríveis a meu respeito, Jimmy. Fez-me passar por falsa diante do marido, mas depois, não contente com isso, foi dizer a Lady Gwendolyn que eu era uma ladra e indigna de confiança.

— Mas isso, isso... — Ele estava estupefacto, escandalizado por ela. — Isso é desprezível.

— O pior de tudo, Jimmy, é que a mentirosa é ela. Há meses que tem um caso ilícito com um homem. Lembras-te de na cantina ela te ter falado no tal médico amigo dela?

— O indivíduo que dirige o hospital das crianças?

— É tudo fachada... Quero eu dizer, o hospital é mesmo um hospital e o médico também, mas é amante dela. Ela usa isso como pretexto para não levantar suspeitas sempre que vai visitá-lo.

Dolly estava a tremer, reparou Jimmy, e quem lhe poderia levar a mal por isso? Quem não haveria de ficar transtornado ao descobrir que uma amiga a atraíra de uma forma tão cruel.

— Lamento imenso, Dolly.

— Não é caso para teres pena de mim — disse ela, esforçando-se tanto por aparentar coragem que lhe fez doer a alma. — É duro, mas eu prometi a mim própria que não iria permitir que ela me rebaixasse.

— Assim é que é, linda menina!

— Só que...

A empregada chegou para levantar os pratos, olhando de relance de um para o outro enquanto fingia que se atrapalhava com a faca

de Jimmy. Julgava que estavam a discutir, apercebeu-se ele; o facto de se terem quedado em silêncio ao darem pela aproximação dela, de Dolly ter virado apressadamente a cabeça à medida que Jimmy se esforçava por responder à conversa fiada do costume da empregada («O *Big Ben* não se atrasou um segundo que fosse, sabia?», «Desde que a Catedral de São Paulo continue de pé.»). Agora, olhava furtivamente para Dolly, que fazia o possível por esconder o rosto. Mas Jimmy conseguia ver-lhe o perfil e o lábio inferior começara a tremer-lhe.

— É tudo — disse ele, tentando despachar a empregada. — É tudo, obrigado.

— Não querem pudim? Eu posso dizer-vos...

— Não, não, é tudo.

Ela fungou:

— Como queiram — e deu meia-volta, rodando sobre os calcanhares.

— Dolly? — chamou-a Jimmy quando se viram uma vez mais a sós. — Estavas a dizer alguma coisa?

Os dedos faziam uma ligeira pressão contra os lábios para conter as lágrimas.

— É só que eu gostava muito de Lady Gwendolyn, Jimmy. Gostava dela como se fosse minha mãe. E quando penso que ela partiu deste mundo convencida de que eu era uma mentirosa e ladra... — Interrompeu-se e as lágrimas começaram a deslizar-lhe pelo rosto.

— Pronto, já passou. Vá lá, por favor, não chores. — Chegou a cadeira mais para perto dela, secando com um beijo cada nova lágrima que brotava. — Lady Gwendolyn sabia que tu gostavas muito dela. Tu todos os dias lhe davas provas disso mesmo. E sabes uma coisa?

— O quê?

— Tens razão. *Não* vais deixar que a Vivien te rebaixe. E eu vou encarregar-me de que assim seja.

— Oh, Jimmy. — Pôs-se a brincar com o botão solto da camisa dele, contorcendo a linha que o segurava. — É uma atitude muito generosa da tua parte, mas como? Como é que eu alguma vez serei capaz de derrotar uma pessoa como ela?

— Vivendo uma vida longa e feliz.

Dolly pestanejou.

— Comigo. — Jimmy sorriu, prendendo-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha. — E a melhor maneira de a derrotarmos é casarmos um com o outro, amalharmos dinheiro e irmos viver para o campo ou para a beira-mar, como tu preferires, como sempre foi o nosso sonho; vamos derrotá-la vivendo felizes para sempre. — Beijou-lhe a ponta do nariz. — Não é verdade?

Passou um instante e, por fim, ela assentiu com a cabeça devagar, pouco convencida, ao que quis parecer a Jimmy.

— Não é verdade, Dolly?

Desta feita, ela sorriu. Um sorriso ligeiro, porém, que se esvaiu tão depressa quanto tinha surgido. Ela soltou um suspiro, apoiando a face na mão.

— Não julgues que é ingratidão da minha parte, Jimmy. Eu só queria que pudéssemos fazer isso o quanto antes, irmo-nos já embora e começar uma nova vida. Às vezes penso que é a única forma de me sentir melhor.

— Não tardará muito, Doll. Tenho tido imenso trabalho, não há dia que não tire fotografias, e o meu editor está muito confiante quanto ao meu futuro. Creio que...

Dolly sufocou um grito e agarrou-lhe no pulso. Jimmy ficou a meio da frase.

— Fotografias! — exclamou ela, quase sem fôlego. — Oh, Jimmy, tu acabaste de me dar uma ideia, uma maneira de podermos ter tudo, já... a beira-mar e tudo o mais de que tens estado a falar.... e, ao mesmo tempo, podemos dar uma lição à Vivien. — Os olhos brilhavam-lhe. — É isso que tu queres, não é? Irmo-nos embora os dois, começarmos uma nova vida?

— Tu sabes que sim, mas o problema é o dinheiro, Doll, eu não tenho...

— Não estás a prestar atenção ao que te digo. Não percebes que é exactamente isso que te estou a dizer, eu sei como é que havemos de arranjar dinheiro.

Os olhos dela estavam agora fixos nele, refulgentes, quase eufóricos, e, apesar de se ter escusado a contar-lhe o resto da ideia, algo no íntimo dele começou a esmorecer. Jimmy recusou-se a permitir que assim fosse. Não iria deixar que nada estragasse um dia tão feliz.

— Tu ainda te lembras — disse ela, tirando-lhe um cigarro do maço em cima da mesa — de dizeres que por mim serias capaz de tudo?

Jimmy observou-a a acender o fósforo. Lembrava-se de facto; e falara a sério. Todavia, qualquer coisa no brilho dos olhos dela, nos dedos a atrapalharem-se com a caixa dos fósforos, deixou-o com maus presságios. Não sabia o que Dolly se preparava para dizer, apenas que tinha a forte impressão de que preferia não ouvir.

Dolly puxou uma fumaça demorada do cigarro, expirando em seguida uma longa baforada.

— Vivien Jenkins é uma mulher muito rica, Jimmy. Isto, para além de ser uma mentirosa e uma trapaceira que fez de tudo e mais alguma coisa para me prejudicar, para virar as pessoas que me eram queridas contra mim e ficar com a herança que Lady Gwendolyn me prometera. Mas eu conheço-a e sei que tem um ponto fraco.

— Hã?

— Um marido dedicado que ficaria de coração desfeito se descobrisse que ela o anda a enganar.

Jimmy assentiu com a cabeça como se fosse uma máquina programada para reagir assim.

— Eu sei que pode parecer absurdo, Jimmy — prosseguiu Dolly —, mas ouve-me até ao fim. E se alguém comprasse uma fotografia

incriminadora, em que a Vivien aparecesse com outro homem?

— Então, e depois? — A voz saía-lhe tão sumida que nem parecia dele.

Dolly olhou para ele, um sorriso nervoso a bailar-lhe nos lábios.

— Tenho a impressão de que ela pagaria bom dinheiro para ficar com essa fotografia. Apenas o suficiente para um jovem casal de namorados, que bem merece um descanso, poder ir para longe daqui.

Nesse momento, enquanto se esforçava por tentar encontrar um sentido no que Dolly lhe dizia, ocorreu a Jimmy que tudo aquilo não passava de mais uma das brincadeiras dela. Que, a todo o instante, ela iria despir a personagem, desatar na gargalhada e dizer: «Jimmy, é claro que eu estou a brincar! Por quem me tomas?»

Mas não despiu. Em lugar disso, estendeu o braço por cima do assento de cabedal, pegou-lhe na mão e aflorou-lhe um beijo.

— Dinheiro, Jimmy — sussurrou-lhe ela, segurando-lhe a mão contra a face quente. — Tal como tu costumavas dizer. Dinheiro suficiente para nos casarmos e vivermos felizes para sempre... Não foi isso que sempre quiseste?

Era, claro, ela bem sabia que sim.

— Ela merece, Jimmy. Tu próprio disseste isso... Ela merece pagar pelo que fez. — Dolly puxou uma fumaça, falando apressadamente através do fumo. — Foi ela quem me convenceu a romper contigo, sabias? Envenenou-me contra ti, Jimmy. Não descansou enquanto não me afastou de ti. Será possível que não vejas o sofrimento que ela nos causou?

Jimmy não sabia o que sentir. A sugestão dela repugnava-o. E ainda o repugnava mais não ter coragem de lhe dizer isso mesmo.

— E imagino que queres que seja eu a tirar essa tal fotografia, é isso?

Dolly sorriu-lhe.

— Ah, não, Jimmy, não é nada disso. Isso seria deixar as coisas muito ao sabor do acaso, seria demasiado arriscado esperar até os

apanharmos em flagrante. A minha ideia é muito mais simples do que essa, uma brincadeira de crianças, em comparação.

— Bom, então — disse ele, o olhar fixo no rebordo metálico do tampo da mesa. — O que é, Doll? Conta-me lá.

— Quem vai tirar a fotografia sou *eu*. — Deu uma puxadela ao botão e este escorregou-lhe dos dedos. — E tu vais aparecer *nela*.

Capítulo 21

Londres, 2011

A viagem pela auto-estrada decorreu sem problemas e, às onze da manhã, Laurel já percorria Euston Road, à procura de um lugar para estacionar. Encontrou um junto à estação da linha interurbana e aproveitou logo para lá deixar o *Mini* verde. Perfeito — a Biblioteca Britânica ficava a dois passos dali e ela já avistara o toldo azul e preto de um Caffè Nero na esquina. Ao fim de uma manhã inteira sem cafeína, o cérebro de Laurel ameaçava derreter.

Vinte minutos mais tarde, uma Laurel muito mais concentrada atravessava o átrio cinzento e branco da biblioteca em direcção ao Gabinete de Registo do Leitor. A jovem com um crachá que dizia «Bonny» não deu mostras de a reconhecer e, depois de ter apanhado um vislumbre do seu reflexo ao transpor as portas de vidro, Laurel tomou isso por um elogio. Depois de ter passado uma noite às voltas na cama, os seus pensamentos a enredarem-se de tanto cogitar acerca do que a mãe poderia ter roubado a Vivien Jenkins, tornara a deixar-se adormecer nessa manhã e a conceder apenas dez minutos a si própria em Greenacres entre sair da cama e enfiar-se no automóvel. A sua rapidez fora louvável, mas não podia alegar que a transição a deixara nas melhores condições. Despenteou o cabelo para lhe dar um pouco de vida, e quando Bonny lhe perguntou: «Posso ajudá-la?», Laurel respondeu-lhe:

— Espero bem que sim, minha querida. — Mostrou-lhe o papel em que Gerry anotara o seu número de leitora. — Creio que deverá

haver um livro reservado para mim na Sala de Leitura de Humanidades.

— Deixe-me então verificar — disse-lhe Bonny, digitando qualquer coisa no teclado. — Vou só precisar de um documento de identificação e de um comprovativo de morada para concluir a sua inscrição.

Laurel entregou-lhe ambos e Bonny sorriu-lhe.

— Laurel Nicolson. Tal como a actriz.

— Sim — assentiu Laurel. — Nem mais.

Bonny tratou do cartão de leitor e encaminhou Laurel na direcção da escadaria em curva.

— A sala que pretende fica no segundo piso. Dirija-se directamente ao balcão; o livro já lá deverá estar à sua espera.

E ela assim fez. Isto é, encontrou um cavalheiro extremamente prestável, com um colete de tricô vermelho e uma barba branca emaranhada, à sua espera. Laurel explicou do que andava à procura, entregou-lhe o impresso que lhe havia sido dado no rés-do-chão e, num abrir e fechar de olhos, ele dirigiu-se às prateleiras e depositou um volume fino forrado a cabedal preto em cima do balcão. Laurel leu o título em voz baixa e sentiu um arrepio de entusiasmo: *Henry Jenkins. Vida, Amor e Perda de Um Escritor*.

Encontrou um lugar vago a um canto e instalou-se, abrindo a capa e inalando o glorioso aroma poeirento das infinitas possibilidades encerradas entre aquelas páginas. Não era um livro particularmente extenso, fora publicado por uma editora de que Laurel nunca ouvira falar e tinha um aspecto nitidamente pouco profissional — qualquer coisa no tamanho e tipo dos caracteres, na ausência de margens, e nas fotografias, escassas e de fraca reprodução; e, como se não bastasse, parecia dever bastante da sua extensão a excertos dos romances de Henry Jenkins. Mas era um ponto de partida, e Laurel estava desejosa de começar. Percorreu o índice e o seu coração pôs-se a bater mais depressa quando ela encontrou o capítulo intitulado «Vida de casado», que despertara a sua atenção quando

o vira na listagem da Internet.

Laurel, porém, não seguiu directamente para a página 97. Nos últimos tempos, de cada vez que fechava os olhos, a silhueta escura do desconhecido de preto surgia diante dela, ofuscando-lhe a retina, enquanto subia o caminho de acesso banhado de sol. Estava agora ali a sua oportunidade de ficar a saber mais a respeito dele, de acrescentar cor e pormenor à silhueta que a fazia retrair-se, eventualmente até descobrir o motivo para o acto que a mãe cometera naquele dia. Anteriormente, Laurel já sentira receio, ao procurar Henry Jenkins na Internet, mas aquilo, aquele livro de aparência insignificante, amedrontava-a de uma maneira diferente. As informações que continha haviam sido publicadas há muito tempo (em 1963, constatou, ao verificar a página dos direitos de autor), o que significava que, tendo em conta o desgaste natural, o mais provável seria haver muito poucos exemplares em circulação, a maioria perdida em locais sombrios e pouco visitados. Aquele exemplar em particular passara décadas escondido entre quilómetros e quilómetros de outros livros esquecidos; se Laurel encontrasse alguma coisa lá dentro que não fosse do seu agrado, bastar-lhe-ia tornar a fechá-lo e devolvê-lo. E ficava o caso arrumado. Hesitou, uma breve hesitação, e encheu-se de coragem. Com os dedos cheios de formigueiro, apressou-se a abri-lo no prólogo. Com uma profunda inspiração de súbito e estranho entusiasmo, começou a ler acerca do desconhecido que aparecera no acesso a sua casa.

Quando Henry Ronald Jenkins tinha seis anos, viu a polícia agredir um homem da sua aldeia no Yorkshire, quase até à morte, na High Street. O homem, murmuraram entre si os aldeões reunidos à sua volta, residia em Denaby, uma aldeia próxima — um «inferno na terra» situado no vale de Craggs e considerada por muitos a «pior aldeia inglesa». O jovem Jenkins nunca haveria de esquecer o sucedido e, no seu romance de

estreia, A Misericórdia dos Diamantes Negros, publicado em 1928, deu vida a uma das personagens mais notáveis da ficção britânica do período entre guerras, um homem de uma verdade e dignidade surpreendentes, cuja situação dramática gerou enorme simpatia quer por parte dos leitores, quer da crítica.

No primeiro capítulo d'A Misericórdia dos Diamantes Negros, polícias com botas munidas de protectores de aço atacam o desafortunado protagonista, Walter Harrison, um indivíduo analfabeto, mas trabalhador, cujos desgostos a nível pessoal o impelem a manifestar-se em prol da mudança social e que acabam por conduzi-lo à sua morte prematura. Jenkins referiu-se ao acontecimento verídico e à sua profunda influência no seu trabalho — «e na minha alma» — no decorrer de uma entrevista radiofónica que, em 1935, deu à BBC: «Nesse dia, enquanto via os polícias fardados a desancarem o homem ao pontapé, tomei consciência de que na nossa sociedade existem os fracos e os poderosos, e que a bondade não constitui um factor determinante em relação a qual dos campos se pertence.» Este tema haveria de encontrar expressão em muitos dos romances posteriores de Henry Jenkins. A Misericórdia dos Diamantes Negros foi considerado uma obra-prima e, graças às críticas abonatórias aquando do lançamento, tornou-se uma sensação editorial. As suas primeiras obras, em particular, foram elogiadas pela sua verosimilitude e pelos retratos impiedosos da vida da classe operária que apresentavam, incluindo descrições intransigentes da pobreza e da violência física.

O próprio Jenkins também fora criado numa família da classe operária. O pai era um capataz subalterno nas minas de carvão Fitzwilliams; era um indivíduo austero que abusava do álcool — «mas só aos sábados» — e que dirigia a família «como se fossem os seus subordinados nas minas». Jenkins foi o único dos seis irmãos a abandonar a aldeia e as expectativas do seu nascimento. Acerca dos pais, Jenkins afirmou: «A minha mãe era

uma mulher bonita, mas também vaidosa e desiludida com a vida que lhe calhara em sorte; não fazia ideia, pequena ou concreta que fosse, do que fazer para melhorar a sua situação, e as frustrações tornaram-na amarga. Tinha o hábito de irritar o meu pai, atormentando-o com a primeira coisa que lhe viesse à cabeça; ele era um homem de grande força física, mas muito fraco sob outros aspectos para ser casado com uma mulher como ela. Não se podia dizer que o nosso lar fosse feliz.» Quando o entrevistador da BBC lhe perguntara se as vidas dos pais lhe tinham proporcionado material para os seus romances, Jenkins rira-se e dissera: «Mais do que isso, eles deram-me um claro exemplo da existência a que eu queria mais do que tudo fugir.»

E fugiu mesmo. Após um início de vida tão humilde, Jenkins, graças à sua inteligência precoce e tenacidade, conseguiu livrar-se das minas de carvão e tomar o mundo literário de assalto. Quando o The Times lhe pediu que falasse sobre a sua ascensão vertiginosa, Jenkins concedeu o mérito a um professor primário da escola da sua aldeia, Herbert Taylor, por ter reconhecido as suas aptidões intelectuais, ainda em criança, e o ter encorajado a concorrer a bolsas de estudo para alguns dos melhores colégios particulares. Aos dez anos, Jenkins foi admitido na pequena mas prestigiada Escola Nordstrom, no Oxfordshire. Abandonou a casa paterna em 1911, apanhando o comboio sozinho para uma viagem rumo ao Sul desconhecido. Henry Jenkins nunca mais regressaria ao Yorkshire.

Enquanto alguns antigos alunos de colégios particulares, sobretudo os alunos provenientes de um meio social diferente do da maioria, falam de uma experiência escolar atroz, Jenkins nunca se deixou tentar pelo assunto, limitando-se a afirmar: «Ser admitido num colégio como o Nordstrom mudou o rumo da minha vida no melhor sentido possível.» O director da instituição, Jonathan Carlyon, disse de Jenkins: «Era um aluno

extraordinariamente aplicado. Passou os exames finais com notas brilhantes e entrou na Universidade de Oxford no ano seguinte para frequentar a faculdade da sua primeira escolha.» Embora reconhecendo-lhe a inteligência, o seu amigo de Oxford e romancista, tal como ele, Allen Hennessy, mencionou jocosamente uma ampla panóplia de talentos por onde escolher: «Nunca conheci um homem mais carismático do que o Jenkins», disse ele. «Se havia alguma rapariga com quem engraçávamos, descobríamos, enquanto o diabo esfregava um olho, que não era aconselhável apresentá-la ao Harry Jenkins. Bastava ele presenteá-la com um dos seus famosos olhares, para as nossas hipóteses se desfazerem em fumo.» O que não é o mesmo que dizer que Jenkins abusasse dos seus supostos poderes: «Ele era bem-parecido e encantador, apreciava a atenção feminina, mas nunca foi um playboy», opinou Roy Edwards, o editor de Jenkins na Macmillan.

Fosse qual fosse o efeito que Jenkins exercesse sobre o sexo oposto, a sua vida pessoal não se pautou pelas mesmas facilidades que a sua carreira de romancista. Em 1930, viu terminar o seu noivado com a Menina Eliza Holdstock, sucedido sobre o qual se recusou a entrar em pormenores publicamente, até finalmente se casar com Vivien Longmeyer, sobrinha do seu professor da Nordstrom, em 1938. Apesar dos vinte anos de diferença de idade entre ambos, Jenkins considerava este casamento «a coroa de glória da minha vida», e o casal instalou-se em Londres, onde desfrutou de uma vida doméstica feliz no ano prévio ao início da Segunda Guerra Mundial. Nos meses que antecederam a declaração de guerra, Jenkins começou a trabalhar para o Ministério da Informação; era um cargo no qual ele se destacava, facto que não constituiu surpresa para quem o conhecia bem. Tal como Allen Hennessy declarou: «Tudo o que [Jenkins] fazia, fazia na perfeição. Era atlético, inteligente, encantador... O mundo foi feito para homens como ele.»

Por muito que isto seja verdade, no entanto, o mundo nem sempre é generoso para homens como Jenkins. A morte da sua jovem esposa durante um bombardeamento durante as últimas semanas dos ataques aéreos a Londres causou-lhe um desgosto tão grande que a vida de Jenkins começou a descarrilar. Nunca mais publicou nenhum livro; na realidade, permanece um mistério se terá continuado a escrever ou não, mais um a juntar a tantos outros pormenores da última década da sua vida. Quando faleceu, em 1961, a estrela de Henry Ronald Jenkins declinara a tal ponto que o acontecimento quase passou despercebido nos mesmos jornais que outrora o haviam apelidado de «génio». No início da década de 1960, correu o rumor de que Jenkins era responsável por actos de indecência pública que lhe granjearam a alcunha de «Intruso dos Piqueniques de Suffolk»; todavia, estas alegações nunca foram comprovadas. Independentemente de Jenkins ser ou não acusado de tal obscenidade, o facto de este homem, outrora grandioso, ter sido alvo de semelhante especulação constitui um indício claro da sua queda em desgraça. O rapaz a quem o professor em tempos se referira como «capaz de alcançar tudo aquilo a que se propõe», morreu sem nada e sem ninguém. A questão que permanece em aberto para os admiradores de Henry Jenkins é explicar como um homem que tivera tudo poderia ter conhecido tal fim; um fim que apresenta nítidas similitudes com o da sua personagem Walter Harrison, cujo destino também contemplou uma morte discreta e solitária ao fim de uma vida em que o amor se entretencia com a perda.

Laurel recostou-se na cadeira da biblioteca e soltou o suspiro que estivera a conter. A biografia não continha muito que ela não tivesse descoberto já através do Google, e o alívio foi extraordinário. Sentiu-se cinco quilos mais leve. Melhor ainda, apesar da referência ao fim vergonhoso de Jenkins, não houvera qualquer menção a Dorothy

Nicolson ou a uma quinta chamada Greenacres. Graças a Deus. Laurel não tivera consciência plena de até que ponto estivera nervosa com receio do que poderia encontrar. Verificou que a coisa mais desconcertante relativamente ao prólogo era o retrato que tecia de um homem que subira na vida a pulso e cujo êxito não era mais do que o resultado de trabalho árduo e talento considerável. Laurel estivera com certa esperança de desvendar qualquer coisa que justificasse o sentimento de ódio acérrimo que ganhara ao homem que lhes aparecera em casa.

Interrogou-se se se poderia dar o caso de o biógrafo se ter enganado. Era possível; tudo era possível. Contudo, apesar de o seu ânimo se elevar momentaneamente, Laurel revirou os olhos. Francamente, a sua própria arrogância não conhecia limites — ter um palpite era uma coisa, agora presumir que sabia mais sobre Henry Jenkins do que o indivíduo que investigara e escrevera a história da sua vida, já era outra completamente diferente.

Havia uma fotografia de Henry Jenkins no frontispício do livro e ela folheou-o até a encontrar, decidida a olhar para lá das carapaças ameaçadoras com que os seus preconceitos o tinham revestido e a ver o escritor carismático e encantador descrito no prólogo. Era mais novo naquela fotografia do que na que Laurel vira *on-line* e teve de reconhecer que era atraente. Na verdade — ocorreu-lhe à medida que lhe observava as feições cinzeladas —, de certa forma, fazia-lhe lembrar um colega actor por quem em tempos estivera terrivelmente apaixonada. Tinham sido os dois escolhidos para o elenco de uma peça de Tchékov, nos anos 60, e tinham-se envolvido num romance ardente e tempestuoso. Não dera resultado — os romances entre actores raramente davam —, mas, enquanto durara, fora intenso e fascinante.

Laurel fechou o livro. Sentia as faces quentes e uma doce sensação nostálgica a brotar do seu íntimo. Ora esta. Isto não estava nos seus planos. E bastante desconfortável também, tendo em conta as circunstâncias. Engolindo um pequeno nó de

inquietação, Laurel recordou-se do seu objectivo e encaminhou-se para a página 97. Após uma respiração profunda para se concentrar, começou a ler o capítulo intitulado «Vida de casado».

Se até ao momento Henry Jenkins fora infeliz nos seus relacionamentos íntimos, as coisas estavam destinadas a mudar para melhor. Na Primavera de 1938, o antigo director do seu colégio, o Sr. Jonathan Carlyon, convidou Jenkins a regressar à Escola Nordstrom e a discursar perante os alunos do último ano acerca das agruras da vida literária. Foi aí, enquanto dava um passeio pela propriedade ao entardecer, que Jenkins conheceu a sobrinha do director, Vivien Longmeyer, então com dezassete anos e uma autêntica beleza. Jenkins escreveu sobre este encontro em A Musa Relutante, um dos seus romances de maior êxito e que representa um afastamento claro dos temas cruentos das suas primeiras obras.

O que terá Vivien Jenkins sentido ao ver os pormenores do seu namoro e primeiros tempos de casada relatados de uma forma tão pública permanece envolto em mistério, tal como, aliás, a própria mulher. A jovem Sr.^a Jenkins mal começara a deixar a sua marca no mundo quando a sua vida foi tragicamente ceifada durante os bombardeamentos aéreos a Londres. O que se sabe, graças à clara adoração do marido pela sua «musa relutante», é que ela era uma mulher de extraordinária beleza e encanto, a respeito de quem os sentimentos de Jenkins ficaram desde logo claros.

Em seguida, surgia um excerto letárgico, retirado d'A *Musa Relutante*, no qual Henry Jenkins descrevia em termos arrebatadores o encontro e o namoro com a sua jovem noiva. Uma vez que ainda recentemente sofrera ao longo de todo o livro, Laurel passou à frente, recuperando o fio à meada no momento em que o biógrafo voltava a concentrar a sua atenção nos factos da vida de

Vivien:

Vivien Longmeyer era filha da única irmã de Jonathan Carlyon, Isabel, que fugira de Inglaterra com um soldado australiano após a Primeira Guerra Mundial. Neil e Isabel Longmeyer instalaram-se numa pequena comunidade de Tamborine Mountain, no Sudeste de Queensland, cuja sobrevivência tinha por base a madeira de cedro, e Vivien foi a terceira dos quatro filhos do casal. Durante os primeiros oito anos da sua vida, Vivien Longmeyer levou uma modesta existência colonial até ser enviada para Inglaterra, a fim de ser educada pelo tio materno na escola que ele fundara nas grandes propriedades ancestrais da família.

O primeiro relato sobre Vivien Longmeyer chega-nos por intermédio da Menina Katy Ellis, uma conceituada educadora, que foi encarregue de acompanhar a criança durante a travessia entre a Austrália e a Inglaterra, em 1929. Katy Ellis faz menção à criança nas suas memórias, Nascida para Ensinar, sugerindo que foi este encontro com a criança a centelha que instigou nela o interesse de toda uma vida pela educação dos jovens que passavam por situações traumáticas.

«Quando me pediu que acompanhasse a menina, a tia australiana avisou-me desde logo de que a criança era simplória e que eu não deveria ficar surpreendida se ela decidisse não comunicar comigo durante a viagem. Eu era jovem e, por conseguinte, ainda não estava preparada para censurar a senhora por uma falta de compaixão que raiava a insensibilidade, mas tinha confiança suficiente nas minhas impressões para não me deixar intimidar pela avaliação dela. Vivien Longmeyer não era simplória, bastava-me olhar para ela para perceber isso; todavia, eu também compreendia o que fora que levara a tia a descrevê-la assim. A Vivien tinha um hábito, que chegava a ser perturbador, de passar muito tempo sentada, o rosto — não

inexpressivo, longe disso — radiante de pensamentos eléctricos, mas virados para o seu íntimo e de uma forma que fazia que quem a estivesse a observar se sentisse excluído.

«Eu própria fora uma criança imaginativa, muitas vezes repreendida pelo meu pai, um ministro protestante severo, por sonhar acordada e escrever nos meus diários — um hábito que mantenho até hoje —, e, a mim, parecia-me muito claro que a Vivien possuía uma vida interior animada na qual desaparecia. Mais, parecia-me natural e compreensível que uma criança que sofrera a perda simultânea da sua família, do seu lar e do país onde nascera se esforçasse necessariamente por salvaguardar as certezas da identidade que lhe restassem, por mais pequenas que estas fossem, interiorizando-as.

«No decorrer da longa viagem marítima, consegui ganhar a confiança da Vivien, ao ponto de estabelecer com ela uma relação que se manteve por muitos anos. Correspondemo-nos por carta com afectuosa regularidade até à sua morte trágica e prematura durante a Segunda Guerra Mundial, e, não obstante eu nunca a ter ensinado ou aconselhado em qualquer competência oficial, apraz-me dizer que ficámos amigas. A Vivien não tinha muitos amigos: era o género de pessoa por cujo amor os outros ansiavam, mas que não estabelecia relações com ligeireza ou facilidade. Olhando em retrospectiva, considero um ponto alto da minha carreira ter conseguido que ela se abrisse comigo em pormenor a respeito do mundo privado que construía para si própria. Era um local ‘seguro’ onde ela se recolhia sempre que se sentia assustada ou sozinha, e eu tive a honra de poder espreitar para lá do véu.»

A descrição de Katy Ellis do recolhimento de Vivien num «mundo privado» enquadra-se em relatos da Vivien adulta: «Era atraente, o tipo de pessoa para quem dava gosto olhar, mas de quem nunca se chegava a poder dizer que se conhecia a fundo»; «Ela dava-nos a sensação de que era de longe mais profunda do

que poderia parecer à primeira vista»; «Sob um dado aspecto, era a sua própria auto-suficiência que a tornava magnética — ela dava a impressão de não precisar das outras pessoas». Talvez tivesse sido o «ar estranho, quase etérico» de Vivien a atrair Henry Jenkins naquela noite na Escola Nordstrom. Ou talvez tivesse sido antes o facto de ela, tal como ele, ter sobrevivido a uma infância marcada pela violência trágica e de, pouco depois, ter sido enviada para um mundo habitado por pessoas provenientes de meios completamente alheios ao dela. «Nós somos ambos intrusos, cada um a seu modo», disse Henry Jenkins à BBC. «O nosso lugar é ao lado um do outro. Eu tive esta certeza mal a vi pela primeira vez. Vê-la avançar pela nave na igreja em direcção a mim, sublime com o seu vestido de renda branca, foi, de certa forma, a conclusão de uma viagem que começou com a minha chegada à Escola Nordstrom.»

Surgia então uma fotografia pouco nítida do casal, tirada no dia do casamento à saída da capela do colégio. Vivien tinha o olhar fixo em Henry, o véu de renda a ondular à brisa, enquanto ele, de braço dado com a noiva, fitava directamente a objectiva. Os convidados reunidos à volta de ambos nos degraus da capela a abençoá-los com arroz tinham uma aparência feliz, todavia, a fotografia despertou tristeza em Laurel. As fotografias antigas costumavam produzir esse efeito nela; afinal de contas, era filha da sua mãe e havia qualquer coisa que dava seriamente que pensar nos rostos sorridentes de pessoas que ainda não faziam ideia do que o destino lhes reservava. Ainda para mais num caso como este, em que Laurel sabia exactamente os horrores que se escondiam ao virar da esquina. Testemunhara em primeira mão a morte violenta que Henry Jenkins haveria de sofrer, tal como sabia que a jovem Vivien Jenkins, tão esperançosa na fotografia do seu casamento, haveria de morrer três escassos anos após esta ter sido tirada.

Não restava dúvida de que Henry Jenkins adorava a esposa ao ponto da adulação. Ele não fazia segredo do quanto ela significava para ele, chamando-lhe alternadamente a sua «graça» e a sua «salvação», expressando o sentimento, em mais do que uma ocasião, de que, sem ela, a sua vida não seria digna de ser vivida. Estas suas alegações acabariam por se revelar tristemente premonitórias, uma vez que, após a morte de Vivien num bombardeamento aéreo ocorrido a 23 de Maio de 1941, o mundo de Henry Jenkins entrou em colapso. Apesar de estar ao serviço do Ministério da Informação e de ter informações pormenorizadas a respeito da elevada mortalidade entre os civis em resultado dos bombardeamentos, Jenkins sentiu-se incapaz de aceitar que a morte da mulher pudesse advir de uma causa tão mundana. Em retrospectiva, as alegações algo extravagantes de Jenkins — de que houvera jogo sujo na morte de Vivien, de que ela fora aliciada por vigaristas suspeitos, que de outro modo nunca teria visitado o local atingido pelos bombardeamentos aéreos — foram os primeiros indícios de uma loucura que acabaria por levar a melhor sobre ele. Recusou-se a aceitar a morte da esposa como um simples acidente de guerra, jurando «apanhar os responsáveis e levá-los perante a justiça». Jenkins foi hospitalizado na sequência de um esgotamento nervoso em meados da década de 1940, mas, infelizmente, a mania haveria de se manter até ao fim da vida, fazendo-o regressar às franjas da sociedade civilizada e, por fim, à sua morte solitária, em 1961, um homem empobrecido e desfeito.

Laurel fechou abruptamente o livro como se quisesse encurralar o assunto entre as capas. Recusava-se a continuar a ler a respeito da certeza de Henry Jenkins de que as causas da morte da mulher não eram tão simples quanto pareciam, e muito menos sobre a sua jura de encontrar o responsável. Tinha a sensação bastante premente e desagradável de que ele acabara por fazer isso mesmo e que ela,

Laurel, testemunhara o resultado. Porque a mãe, com o seu «plano perfeito», era a pessoa que Henry Jenkins culpava pela morte da mulher, não era? A «vigarista suspeita» que tinha tentado tirar qualquer coisa a Vivien, que havia sido responsável por atrair Vivien ao local da sua morte, um sítio onde, de outro modo, ela jamais teria posto os pés.

Com um arrepio involuntário, Laurel espreitou por cima do ombro. Subitamente, sentia-se exposta, como se houvesse olhos ocultos a observá-la. E o estômago, também, era como se se tivesse desfeito em líquido. Era culpa, apercebeu-se ela, culpa por associação. Pensou na mãe no hospital, o arrependimento que expressara, a conversa de «tirar» qualquer coisa, de estar grata por ter tido uma «segunda oportunidade» — eram estrelas, todas elas, que surgiam no céu nocturno; Laurel não gostava dos padrões que começava a discernir, mas não podia negar que lá estavam.

Baixou o olhar para a capa aparentemente inócua da biografia. A mãe tinha todas as respostas, mas não fora a única; Vivien também as tivera. Até àquele momento, Vivien fora um simples murmúrio — um rosto sorridente numa fotografia, um nome na capa de um velho livro, uma fantasia que escorregara através das frestas da história e caíra no esquecimento.

Mas ela era importante.

Laurel teve a súbita convicção ardente de que fosse o que fosse que tivesse corrido mal no plano de Dorothy se prendia directamente com Vivien. Que algo intrínseco ao carácter da outra mulher fazia dela a pior pessoa com quem alguém se podia envolver.

O relato de Katy Ellis sobre a infância de Vivien era bastante benévolo, mas Kitty Barker descrevera-lhe uma mulher «arrogante», uma «péssima influência», uma pessoa superior e fria. Teria o sofrimento na infância de Vivien quebrado alguma coisa dentro dela, endurecido o seu carácter e acabado por a transformar no género de mulher — bonita e rica — cujo poder residia precisamente na sua

frieza, na sua interiorização, na sua inacessibilidade? As informações na biografia de Henry Jenkins, a incapacidade de ele conviver com a morte dela e de ter passado décadas à procura dos responsáveis, sugeriam, indubitavelmente, uma mulher cuja natureza demonstrava ser muito sedutora para os outros.

Com um leve sorriso a despontar-lhe nos lábios, Laurel tornou a abrir a biografia e foi folheando as páginas até encontrar o que procurava. Ali estava. Atrapalhando-se um pouco com a caneta de tanto que era o seu entusiasmo, anotou o nome «Katy Ellis» e o título das memórias, *Nascida para Ensinar*. Vivien poderia não ter tido — ou mesmo precisar de — muito amigos, mas escrevera cartas a Katy Ellis, cartas em que (seria esperar de mais?) talvez lhe tivesse confessado as suas verdades mais profundas. Havia boas probabilidades de essas cartas ainda existirem algures; muitas pessoas não guardavam a correspondência, mas Laurel estava disposta a apostar que a Menina Katy Ellis, educadora conceituada e autora das suas próprias memórias, não se achava entre elas.

Porque, quanto mais voltas Laurel dava, mais clara a situação ficava: Vivien era a solução do enigma. Conhecer melhor esta figura evasiva era a única forma de deslindar o plano de Dorothy; mais crucial ainda, aquilo que falhara. E agora — Laurel sorriu — apanhara-a pela própria sombra.

Terceira Parte

VIVIEN

Capítulo 22

Tamborine Mountain, Austrália, 1929

Vivien foi castigada em primeiro lugar porque tivera a grande infelicidade de ser apanhada em flagrante em frente da loja do Sr. McVeigh, na Main Street. O pai não queria fazer aquilo, isso saltava à vista. Era um homem de bom coração a quem a Grande Guerra levava toda a dureza que algum dia pudesse ter tido e, verdade fosse dita, sempre admirara a vivacidade surpreendente da filha mais nova. Mas regras eram regras, e o Sr. McVeigh não se calava com aquela conversa de que quem dá o pão dá a educação e que só se perdiam as que caíam ao chão. E a quantidade de gente que se estava a juntar ali à volta e o diabo do calor que fazia... Ainda assim, bater num filho seu era algo que estava fora de questão, não com a sua mão e muito menos diante de rufiões como o rapaz Jones. E, assim, ele fizera a única coisa que podia: proibira-a em público de ir dar o passeio. O castigo fora escolhido à pressa e mais tarde viria a ser fonte de profundo arrependimento e de frequentes discussões, noite avançada, com a mulher, mas não havia como voltar atrás. Fora dito na presença de demasiadas pessoas. As palavras saíram-lhe da boca e, quando chegaram aos ouvidos de Vivien, esta, apesar dos seus oito anos, percebeu que não havia nada a fazer se não baixar a cabeça, cruzar os braços e mostrar a todos que não se ralava com isso, que, também, nunca quisera ir.

E foi assim que se apanhou em casa sozinha, no dia mais quente do Verão de 1929, enquanto a família partia rumo ao Piquenique

Anual dos Lenhadores do Cedro, em Southport. Houvera instruções precisas da parte do pai ao pequeno-almoço, uma lista das coisas que podia fazer e outra ainda mais longa das que não podia, uma dose considerável de angústia da mãe a retorcer as mãos quando julgava que ninguém a estava a ver, uma colherada preventiva de óleo de rícino para toda a miudagem — duas para Vivien porque iria seguramente precisar de duas vezes mais — e depois, com uma agitação entusiástica de preparativos de última hora, o resto da família apertara-se dentro do *Lizzie Ford* e arrancara pelo caminho de cabras fora.

A ausência da família mergulhou a casa no silêncio. E na escuridão também, de certa forma. E os grãos de pó pairavam imóveis sem os corpos em redor dos quais costumavam orbitar. A mesa da cozinha, à volta da qual havia escassos minutos tinham estado a rir e a discutir, já não tinha pratos em cima, mas antes um sortido variado de frascos de compota que a mãe deixara a arrefecer e o papel de carta que o pai ali pusera para que Vivien redigisse um pedido de desculpas ao Sr. McVeigh e a Paulie Jones. Até agora escrevera: «Caro Sr. McVeigh», riscara o «caro» e pusera «A» por cima, e depois ficara sentada a olhar para a página em branco, perguntando-se quantas palavras seriam precisas para a preencher. Ansiosa por que estas aparecessem antes de o pai voltar para casa.

Quando se tornou óbvio que as palavras não se iriam escrever sozinhas, Vivien pousou a caneta de tinta permanente, esticou os braços acima da cabeça, baloiçou ligeiramente os pés descalços e varreu o aposento com o olhar: as pinturas com molduras pesadas na parede, o mobiliário de mogno escuro, o canapé de palhinha com a sua manta de croché. Aquilo era o Dentro de Casa, pensou ela com desagrado, o sítio dos adultos e dos trabalhos da escola, onde se lavavam os dentes e o corpo, do «Pouco barulho» e do «Deixem-se de correrias», de pentes e rendas e da mãe a tomar chá com a tia Ada, e das visitas do reverendo e do médico. Era mortífero e

enfado, um local que ela fazia o possível por evitar, e no entanto — Vivien mordeu o interior da bochecha, reparando numa coisa —, hoje, o Dentro de Casa era seu e de mais ninguém, muito provavelmente pela única vez na vida.

Vivien começou por ler o diário da irmã Ivy, em seguida passou em revista os jornais especializados de Robert e examinou a colecção de estatuetas de mármore de Pippin; por fim, dirigiu a sua atenção para o guarda-roupa da mãe. Enfiou os pés dentro do forro fresco de sapatos que remontavam à época longínqua em que ela ainda não era nascida, acariciou o tecido sedoso da melhor blusa da mãe contra a pele, pôs ao pescoço fiadas e mais fiadas de contas brilhantes que retirou do guarda-jóias de noqueira pousado na cómoda *duchesse*. Na gaveta, revirou as moedas egípcias que o pai trouxera da guerra, a cópia cuidadosamente dobrada dos seus documentos de dispensa, um maço de cartas atado com uma fita e um papel intitulado Certificado de Casamento, com os verdadeiros nomes do pai e da mãe impressos, a mãe quando ainda era Isabel Carlyon de Oxford, Inglaterra, e não um membro da família.

As cortinas de renda esvoaçaram e o cheiro doce e fragrante de Fora de Casa penetrou pela janela de guilhotina aberta — eucalipto, murta-limão e mangas demasiado maduras que começavam a fermentar na árvore premiada do pai. Vivien tornou a dobrar os papéis e a guardá-los dentro da gaveta e apressou-se a levantar. O céu estava limpo, azul como o oceano e esticado como a pele de um tambor. As folhas das figueiras brilhavam à luz intensa do sol, os frangipânis resplandeciam em tons de rosa e amarelo, os pássaros chamavam uns pelos outros na floresta densa atrás da casa. Ia ser um fedor, constatou Vivien com satisfação, e mais logo haveria tempestade. Vivien adorava tempestades; as nuvens carregadas e as primeiras gotas gordas, o cheiro enferrujado da terra vermelha sedenta, e a chuva fustigante contra as paredes enquanto o pai se punha a andar para trás e para a frente pela varanda com o cachimbo na boca e um brilho nos olhos, esforçando-se por conter o

entusiasmo enquanto as palmeiras se lastimavam e vergavam ao vento.

Vivien voltou para trás. Já chegava de explorações; nem pensar em perder mais um segundo que fosse Dentro de Casa. Demorou-se na cozinha apenas o suficiente para embalar o almoço que a mãe lhe deixara e desencantar do armário mais meia dúzia de bolachas *Anzac*.^[22] Um carreiro de formigas marchava em volta do lavatório e pela parede acima. Elas sabiam que vinha lá chuva. Sem se dignar sequer a olhar para o pedido de desculpas por escrever, Vivien foi a saltitar até à varanda. Nunca andava, a menos que não pudesse evitar.

Estava calor lá fora, não havia vento e o ar estava abafado. Sentiu de imediato os pés a esquentar contra as tábuas de madeira. Estava um dia perfeito para ir para o mar. Interrogou-se por onde andariam os outros agora, se já teriam chegado a Southport, se as mães, os pais e a miudagem já andariam a nadar, a rir e a preparar os almoços, ou se a família teria preferido apanhar um barco de recreio. Havia um cais novo, de acordo com Robert, que andara à escuta das conversas do pai com os seus antigos camaradas do exército, e Vivien imaginou-se a saltar de cabeça da popa, mergulhando como uma noz-macadâmia, tão depressa que ficava com a pele toda arrepiada e o nariz cheio de água fria do mar.

Podia sempre ir até à Queda-d'Água das Bruxas para dar umas braçadas, mas, num dia como aquele, a piscina de rocha não chegava aos calcanhares do oceano salgado; para além do mais, não tinha permissão para sair de casa, e uma das linguarudas da cidade haveria seguramente de dar por ela. Pior ainda, se Paulie Jones lá estivesse, a bronzear a sua enorme pança branca como uma grande baleia velha, Vivien não estava segura de se conseguir conter. Ele que se atrevesse a chamar simplório ao Pippin outra vez e logo veria como elas lhe mordiam. Vivien desafiava-o a fazer isso. Desafiava-o não uma, mas *duas* vezes.

Ao descerrar os punhos, o seu olhar recaiu no alpendre. O Velho

Mac andava por lá a fazer uns consertos e, em geral, valia a pena visitá-lo, mas o pai proibira Vivien de o importunar com as suas perguntas. Estava a trabalhar, e o pai não estava disposto a gastar dinheiro que lhe fazia falta para ele se entreter a beber chá feito numa lata à fogueira, à conversa fiada com uma menina que tinha os seus próprios afazeres à sua espera. O Velho Mac sabia que ela estava em casa hoje, estava sempre pronto a ajudá-la, mas a menos que ela se sentisse maldisposta ou se magoasse, o alpendre estava-lhe vedado.

O que lhe deixava apenas um sítio para ir.

Vivien desceu as escadas largas de corrida, atravessou o relvado, contornou os canteiros do jardim, onde a mãe insistia teimosamente em criar rosas enquanto o pai lhe recordava afectuosamente de que não estavam em Inglaterra, e depois, fazendo três rodas exímias de seguida, encaminhou-se para o regato.

*

Vivien ia àquele regato desde que aprendera a andar, ziguezagueando por entre os eucaliptos prateados e apanhando acácias e escovas-da-garrafa, com cuidado para não pisar as formigas voadoras ou as aranhas à medida que se afastava cada vez mais das pessoas, dos edifícios, dos professores e das regras. Não havia sítio em todo o mundo de que gostasse mais; pertencia-lhe a ela e ela a ele.

Hoje, estava mais ansiosa do que nunca por chegar ao fundo. Por detrás da primeira escarpa rochosa, onde o declive do terreno se acentuava e os ninhos das formigas se erguiam, agarrou com força no embrulho do almoço e largou a correr, deliciando-se a sentir o coração a martelar contra a caixa torácica, a euforia amedrontada das pernas a dar, a dar, por baixo dela, quase a tropeçar, a escorregar às vezes, à medida que se desviava de galhos, saltava por cima de rochas, derrapava nos montes de folhas secas.

Os assobiadores-dourados chilreavam por cima da sua cabeça, os insectos zumbiam, a queda-d'água na Ravina do Homem Morto gorjeava e tagarelava. Fragmentos de luz e cor agitavam-se à sua passagem veloz, qual caleidoscópio. O matagal resumava sempre de vida; as árvores falavam umas com as outras em línguas ressequidas e ancestrais, milhares de olhos invisíveis piscavam de galhos e troncos caídos, e Vivien sabia que, se parasse e encostasse um ouvido ao solo duro, ouviria a terra a chamar por ela, a entoar-lhe melodias de tempos remotos. Mas não parou; estava desejosa de chegar ao regato que serpenteava através da ravina.

Mais ninguém sabia, mas aquele regato era mágico. Havia uma curva em particular onde as margens se dilatavam num círculo escarpado; o leito por baixo fora formado havia milhões de anos, quando a terra se deslocara por entre suspiros e grandes lajes de rocha se tinham juntado num concerto denteado, de modo que o que era raso em volta da margem se aprofundava e escurecia repentinamente no centro. E fora aí que Vivien fizera a sua descoberta.

Andava entretida à pesca com os frascos de vidro que surripiara da cozinha à mãe e que agora tinha escondidos dentro do tronco apodrecido por detrás dos fetos. Vivien guardava todos os seus tesouros dentro daquele tronco. Havia sempre alguma coisa à espera de ser encontrada nas águas do regato: enguias e girinos, baldes velhos e ferrugentos dos tempos da caça ao ouro. Numa ocasião, chegou mesmo a descobrir uma dentadura falsa.

No dia em que encontrara as luzes, Vivien tinha estado estendida de barriga para baixo na rocha, um braço todo enfiado dentro de água, a tentar apanhar o maior girino que alguma vez vira. Tentara apanhá-lo e falhara, tentara apanhá-lo e falhara, até que enfiara o braço ainda mais fundo até ficar com a cara quase a rasar a água. E foi então que reparara nelas, várias, todas cor de laranja e brilhantes, a cintilar mesmo no fundo do lago. A princípio, julgara que era o sol e semicerrara os olhos em direcção aos retalhos de

céu distante para se certificar. Mas não era. O céu reflectia-se de facto na água, mas aquilo era outra coisa. Aquelas luzes eram profundas, por debaixo do musgo e dos juncos escorregadios que cobriam o leito do regato. Eram outra coisa. Eram outro lugar.

Vivien pensara muito naquelas luzes. Não era muito dada a leituras — isso era mais coisa de Robert e da mãe —, mas tinha jeito para fazer perguntas. Sondara o Velho Mac e depois o pai e, por fim, cruzara-se com Jackie Preto, o batedor amigo do pai, que sabia mais do que ninguém acerca do matagal. Ele interrompera o que estava a fazer e assentara uma mão ao fundo das costas, arqueando o seu físico enxuto.

— Tu viste umas luzinhas no fundo do lago, foi isso?

Vivien assentiu com a cabeça e ele olhou fixamente para ela, sem pestanejar. Por fim, um sorriso aflorou-lhe aos lábios.

— Alguma vez tocaste no fundo daquele lago?

— Não. — Ela enxotou uma mosca do nariz. — É muito fundo.

— Eu cá também não. — Ele coçou-se por baixo da aba do seu grande chapéu e preparou-se para recomeçar a escavar. Antes de cravar a pá no solo, virou a cabeça. — E como é que podes estar tão certa de que tem fundo, se nunca verificaste por ti própria?

E fora então que Vivien compreendera: o seu regato tinha um buraco que chegava ao outro lado do mundo. Era a única explicação possível. Ouvira o pai falar em abrir um buraco até à China, e agora ela encontrara-o. Um túnel secreto, uma maneira de chegar ao núcleo da Terra — o sítio de onde toda a magia, a vida e o tempo haviam brotado — e, mais além ainda, até às estrelas, que brilhavam no céu distante. A questão que se colocava era: que fim iria ela dar a isso?

Explorá-lo, aí estava.

Vivien deteve-se na grande laje de rocha plana que fazia de ponte entre o matagal e o regato. Hoje a água estava tranquila, densa e turva nos baixios em volta das margens. Uma película de lodo trazida pela correnteza depositara-se à superfície como uma pele

gordurosa. O sol incidia-lhe a pique e o terreno estava abrasador. Os galhos dos eucaliptos altaneiros rangiam sob o calor.

Vivien encafuou o almoço por baixo dos fetos densos que se abobadavam sobre a rocha; qualquer coisa na vegetação rasteira fresca esgueirou-se sem se deixar ver.

A princípio, sentiu a água fria em volta dos tornozelos despídos. Foi vadeando os baixios, os pés a agarrar as rochas escorregadias, de súbito, aguçadas nalguns sítios. O plano dela era começar por apanhar as luzes de relance, certificar-se de que ainda estavam onde deviam estar, e depois nadar o mais fundo possível para as ver melhor. Andava havia semanas a praticar suster a respiração e trouxera uma das molas de madeira da roupa da mãe para o nariz, porque Robert era da opinião que, se ela conseguisse impedir que o ar lhe escapasse pelas narinas, aguentaria mais tempo sem respirar.

Quando chegou à crista onde o leito de rocha se despenhava, Vivien perscrutou a água escura. Foram precisos alguns segundos, umas quantas espreitadelas e muita inclinação, mas depois... ali estavam elas!

Arreganhou os dentes num sorriso e, por um triz, não perdeu o pé. Por cima da crista, um casal de martins-pescadores riu-se à socapa.

Vivien apressou-se a regressar à margem do lago, escorregando ocasionalmente de tanta precipitação. Correu pela rocha plana, os pés molhados a chapinhar, e vasculhou o embrulho à procura da mola da roupa.

Foi enquanto se decidia pela melhor maneira de a prender que reparou numa coisa preta que trazia agarrada ao pé. Uma sanguessuga, uma criatura gorda e monstruosa. Vivien debruçou-se, segurou-a entre polegar e o indicador e puxou com quanta força tinha. A malvada escorregadia recusava-se a arredar dali.

Vivien sentou-se e fez nova tentativa, no entanto, por mais que espremesse e puxasse, a sanguessuga nem se mexia. O corpo

escorregava-lhe entre os dedos, molhado e viscoso. Encheu-se de coragem, fechou os olhos com força e deu-lhe uma última puxadela.

Vivien praguejou com todas as palavras tabu («Merda! Raios partam! Maricas! Paneleiro!») que fora recolhendo ao longo de oito anos passados à escuta das conversas no alpendre do pai. A sanguessuga soltara-se, mas um rio de sangue corria agora em seu lugar.

Sentia-se tonta e foi um alívio já estar sentada. Era capaz de ver o Velho Mac a cortar a cabeça às galinhas sem problemas; levava a ponta do dedo do irmão Pippin todo o caminho até ao consultório do Dr. Farrell, na ocasião em que o machado lhe escapara da mão e lha decepara; tirava as vísceras aos peixes mais depressa e melhor do que Robert quando acampavam à beira do rio Nerang. Diante do seu próprio sangue, porém, ficava sem reacção.

Voltou a coxear para a margem e enfiou o pé dentro de água, abanando-o de um lado para o outro. De cada vez que o tirava cá para fora, o sangue ainda corria. Não havia outro remédio se não esperar.

Sentou-se na laje de rocha e desembrulhou o almoço. Uma fatia de alcatra do assado do jantar da véspera, a gordura fria a brilhar à superfície; batata-doce e inhame, que comeu à mão; uma fatia de pão e pudim de manteiga com a compota fresca da mãe barrada por cima; três bolachas *Anzac* e uma laranja sanguínea, recém-apanhada da árvore.

Um bando de corvos materializou-se nas sombras enquanto ela comia, cravando nela os seus olhares impávidos e frios. Quando acabou, Vivien atirou os restos para o matagal e uma profusão de asas pesadas abateu-se sobre eles. Sacudiu as migalhas do vestido e bocejou.

O pé deixara finalmente de sangrar. Vivien queria explorar o buraco no fundo do lago, mas, subitamente, ficara cansada; muito cansada, como a menina das histórias que a mãe de quando em vez lhes lia, a ela e aos irmãos, com uma voz longínqua que a cada

palavra se afastava mais e mais deles. Causava uma sensação de estranheza a Vivien, aquela voz da mãe; era elegante e, embora Vivien a admirasse por isso, também tinha ciúmes daquela parte da mãe que lhes era desconhecida.

Vivien tornou a bocejar, um bocejo tão grande que lhe fez arder os olhos.

E se se deitasse no chão, só por um bocadinho?

Rastejou até à beira da rocha e escondeu-se entre os fetos, tão fundo que, quando se virou de costas e se ajeitou ligeiramente para a esquerda, o último retalho de céu desapareceu. Sentia as folhas frescas e macias por baixo dela, ouvia os grilos a estridular na vegetação rasteira e, algures, uma rã ofegava pela tarde fora.

O dia estava quente e Vivien era pequena e, por conseguinte, não seria de estranhar que tivesse adormecido. Sonhou com as luzes do lago e o tempo que demoraria a chegar à China a nado, e um cais muito comprido de tábuas quentes de madeira, os irmãos a mergulhar da extremidade oposta. Sonhou com a tempestade que lá vinha e o pai na varanda, a pele inglesa da mãe, cheia de sardas ao fim de um dia passado à beira-mar, e a mesa do jantar nessa noite, com toda a família reunida à sua volta.

O sol ardente descreveu um arco sobre a superfície da Terra, a luz percorreu e perscrutou o matagal, a humidade retesou mais ainda a pele do tambor, e umas gotículas de suor apareceram na raiz do cabelo da menina. Os insectos zuniam e zoavam, a criança adormecida mexeu-se quando um feto lhe fez cócegas na face e então...

— *Vivien!*

... ouviu subitamente chamar pelo seu nome, a escorregar pela encosta, cortando caminho através da vegetação rasteira para chegar até ela.

Acordou sobressaltada.

— *Viv-i-en?!*

Era a tia Ada, a irmã mais velha do pai.

Vivien endireitou-se, afastando madeixas de cabelo da testa molhada com as costas da mão. As abelhas do matagal zumbiam ali perto. Ela bocejou.

— Minha menina, se estás aí... por amor de Deus, aparece!

Em geral, Vivien era tudo menos obediente, todavia, a voz habitualmente imperturbável da tia deixava transparecer uma aflição tal que a curiosidade levou a melhor sobre ela e rebolou de debaixo dos fetos, levando as coisas do almoço consigo. O dia toldara-se: as nuvens escondiam o céu azul e a ravina estava agora envolta em sombras.

Com uma olhadela melancólica por cima do ombro ao regato e a promessa de voltar o mais depressa possível, Vivien partiu rumo a casa.

*

A tia Ada estava sentada nas escadas das traseiras, a cabeça entre as mãos, quando Vivien irrompeu do matagal. Algum sexto sentido a deveria ter avisado de que tinha companhia, porque lançou uma olhadela de viés, pestanejando a Vivien com a mesma expressão perplexa que poderia ter afivelado se deparasse com um espírito do matagal no relvado diante dela.

— Anda cá, rapariga — disse a tia por fim, fazendo-lhe sinal com uma mão enquanto se levantava a custo.

Vivien acercou-se dela lentamente. Tinha uma estranha sensação de queda a pique no estômago para a qual não tinha nome, mas que um dia mais tarde viria a reconhecer como sendo pavor. As faces da tia Ada estavam ruborizadas, e notava-se-lhe um certo descontrolo; parecia estar prestes a pôr-se aos gritos ou a puxar as orelhas a Vivien, mas não fez nada disso, desatando, ao invés, num pranto de lágrimas ardentes e a dizer:

— Pelo amor de Deus, vai para dentro de casa e limpa essa porcaria da cara. O que haveria a tua pobre mãe de pensar?

*

Vivien estava outra vez Dentro de Casa. Desde o sucedido que passava muito tempo Dentro de Casa. A primeira semana negra, quando as caixas de madeira, ou as urnas, como lhes chamava a tia Ada, foram trazidas para a sala de estar; as longas noites durante as quais as paredes do quarto dela desapareciam na escuridão; os dias enfadonhos e sufocantes em que os adultos sussurravam e davam estalidos com a língua, admirados com a rapidez de tudo aquilo, e transpiravam em roupas já molhadas da chuva que se precipitava do lado de fora das janelas fumegantes.

Vivien fizera um ninho contra a parede, encafuara-se entre o aparador e as costas da poltrona do pai, e nunca mais de lá saía. Palavras e frases zumbiam como mosquitos no ar abafado por cima da sua cabeça — «O *Lizzie Ford*... direito à beira do precipício... carbonizado... praticamente irreconhecível» — mas Vivien tapou os ouvidos e, ao invés, pensou no túnel no lago e na grande sala dos motores ao centro, a partir de onde o mundo girava.

Durante cinco dias, recusara-se a sair dali, e os adultos tinham-lhe feito a vontade, levando-lhe pratos de comida e abanando a cabeça com terna compaixão até que, por fim, sem qualquer sinal ou aviso prévio, a linha invisível da indulgência foi rebobinada e ela se viu uma vez mais arrastada para o mundo.

Por essa altura, a estação húmida já ia bem avançada, mas houvera um dia em que o sol brilhara e Vivien sentira o seu velho eu a dar ténues sinais de vida, a insinuar-se entre o clarão do pátio das traseiras e a encontrar o Velho Mac no alpendre. Falara muito pouco, assentando-lhe uma manápula nodosa no ombro e apertando-lho com força, e em seguida entregara-lhe um martelo para ela o ajudar a consertar a vedação. À medida que o dia se aproximava do fim, Vivien pensara em fazer uma visita ao regato, mas não fizera, e depois a chuva voltou e a tia Ada chegou trazendo umas caixas atrás, e a casa foi toda desmantelada. Os sapatos

preferidos da irmã, os de cetim, que tinham passado toda a semana no tapete, no mesmo sítio onde ela os descalçara depois de a mãe lhe dizer que eram bons de mais para o piquenique, foram enfiados numa caixa juntamente com os lenços de assoar do pai e o seu velho cinto. Quando Vivien deu por ela, havia uma tabuleta a dizer «Vende-se» no relvado da frente e ela estava a dormir num chão que lhe era estranho enquanto os primos a miravam com curiosidade das suas camas.

*

A casa da tia Ada era diferente da de Vivien. A tinta das paredes não estava a lascar, não havia formigas a deambular pelos assentos dos bancos, nem se viam cascatas de flores a transbordar dos vasos no jardim. Era uma casa onde não se admitiam derramamentos de espécie alguma. Um sítio para tudo e tudo no seu devido sítio, gostava a tia Ada de dizer, com uma voz esganiçada que fazia lembrar a corda de um violino demasiado apertada.

Enquanto a chuva continuava a cair lá fora, Vivien ganhara o hábito de se estender por debaixo do sofá da sala boa, encostada à tábua em volta. Havia uma banda descaída de forro de juta, invisível da porta, e encafuar-se atrás dela era equivalente a ficar também ela invisível. Era reconfortante, aquela base de sofá rasgada, recordava-lhe a sua própria casa, a família, a feliz desordem esfarrapada em que viviam. Deixava-a mais do que nunca à beira das lágrimas. Na maior parte das vezes, porém, Vivien concentrava-se apenas em respirar, a inspirar a porção mais pequena de ar que conseguia, expirando-a quase sem mexer o peito. Era capaz de passar horas — dias inteiros — assim, a água da chuva a rumorejar pela caleira lá fora, de olhos fechados e com a caixa torácica imóvel; por vezes, quase se convencia a si própria de que fora capaz de parar o tempo.

A maior virtude da sala, porém, era a sua designação como área terminantemente proibida. A regra fora apresentada a Vivien na sua primeira noite na casa — a sala boa estava destinada a ser usada apenas para receber as visitas, apenas pela própria tia e, mesmo assim, só quando o estatuto dos convidados assim o exigia —, e Vivien assentira solenemente com a cabeça, sempre que era encorajada a isso, para mostrar que sim, que compreendia. E compreendera, de facto, na perfeição. Ninguém se servia da sala, o que significava que, uma vez a limpeza de pó diária feita, podia confiar que estaria sozinha entre as suas paredes.

E assim fora, até hoje.

O reverendo Fawley achava-se havia quinze minutos sentado na poltrona junto à janela enquanto a tia Ada se atarefava de volta do chá e do bolo. Vivien estava escondida debaixo do sofá, mais concretamente, imobilizada debaixo da depressão formada pelo traseiro da tia.

— Não preciso de lhe lembrar o que Deus Nosso Senhor teria aconselhado, Sr.^a Frost — declarou o reverendo no tom enjoativo que em geral reservava para o menino Jesus. — «Não vos esqueçais de acolher os forasteiros, pois ao fazê-lo, é bem possível que estejais a acolher anjos sem o saberdes.»

— Se a rapariga é um anjo, então eu sou a rainha de Inglaterra.

— Sim, pois bem — o tinido piedoso de uma colher de chá contra a porcelana —, a criança sofreu uma grande perda.

— Mais açúcar, senhor reverendo?

— Não... Obrigado, Sr.^a Frost.

A base do sofá abateu mais ainda com o suspiro da tia.

— Todos nós sofremos uma grande perda, senhor reverendo. De cada vez que penso no meu querido irmão e na morte que teve... uma queda de uma altura daquelas, todos eles, o *Lizzie Ford* a despenhar-se pelo precipício... O Harvey Watkins, que foi quem os encontrou, disse que estava de tal maneira carbonizado que ele nem sabia para o que é que estava a olhar. Foi uma tragédia...

— Uma tragédia terrível.

— Em todo o caso — os sapatos da tia Ada deslocaram-se no tapete e Vivien viu o dedo do pé de um deles a coçar o joanete preso dentro do outro —, eu não a posso ter aqui. Já tenho seis filhos e agora a minha mãe também vem morar cá para casa. Eu bem sei como ela tem andado desde que o médico lhe amputou a perna. Eu sou uma boa cristã, senhor reverendo, todos os domingos vou à missa, contribuo com a minha parte para o bazar e a angariação de fundos da Páscoa, mas isto não aguento.

— Compreendo.

— O senhor bem sabe que a rapariga não é fácil.

Houve uma pausa na conversa durante a qual se bebeu chá e se considerou a natureza particular da falta de facilidade de Vivien.

— Se tivesse sido um dos outros — a tia Ada pousou a chávena no pires —, até o simplório do pobre Pippin... mas isto não aguento. Perdoe-me, senhor reverendo, eu sei que é pecado dizer isto, mas não consigo olhar para a rapariga sem a culpar pelo que aconteceu. Ela deveria ter ido com eles. Se não se tivesse metido em sarilhos e ficado de castigo... Eles saíram do piquenique mais cedo, sabe, porque o meu irmão não gostava de a deixar tanto tempo sozinha... Ele sempre foi bom de mais... — Dito isto, irrompeu num grande pranto angustiado e Vivien pensou que feios os adultos eram às vezes, que fracos. Tão habituados a levar a sua avante que não percebiam nada de coragem.

— Pronto, pronto, Sr.^a Frost. Pronto, pronto.

Os soluços eram abundantes e laboriosos, como os de Pippin quando queria chamar a atenção da mãe. A cadeira do reverendo rangeu e, em seguida, os seus pés aproximaram-se. Entregou qualquer coisa à tia Ada, deveria ter sido, porque ela disse: «Obrigada» por entre as lágrimas, e, em seguida, deu uma assoadela ranhosa ao nariz.

— Não, fique com ele — disse o reverendo, regressando à cadeira. Sentou-se com um suspiro profundo. — Embora uma

pessoa não possa deixar de se preocupar com o que será da criança.

A tia Ada emitiu umas leves fungadelas em sinal de que se recompunha e depois aventurou-se:

— Eu lembrei-me talvez da igreja da escola no caminho para Toowoomba?

O reverendo cruzou os tornozelos.

— Estou convencida de que as freiras tratam bem as alunas — prosseguiu a tia Ada. — Firmes mas justas, e um pouco de disciplina não lhe faria mal nenhum... O David e a Isabel sempre foram demasiado brandos.

— A Isabel — disse o reverendo subitamente, inclinando-se para a frente. — Então é a família da Isabel? Não há ninguém que pudéssemos contactar?

— Receio bem que ela nunca se tenha alongado muito sobre eles... Mas agora que fala nisso, ela tinha um irmão, creio eu.

— Um irmão?

— Professor numa escola, em Inglaterra. Próximo de Oxford, estou em crer.

— Bom, nesse caso.

— Nesse caso?

— Sugiro que comecemos por aí.

— O senhor está a querer dizer... que entremos em contacto com ele? — A voz da tia Ada pareceu mais aliviada.

— Tentar não custa nada, Sr.^a Frost.

— Enviamos-lhe uma carta?

— Eu próprio me encarregarei de o fazer.

— Oh, senhor reverendo...

— Para ver se convenço o indivíduo por meio da compaixão cristã.

— A fazer o que é correcto.

— A cumprir o seu dever para com a família.

— O seu dever para com a família. — A voz da tia Ada deixava

transparecer uma ligeireza renovada. — E que espécie de homem não faria isso? Eu própria ficaria com ela, claro, se não fosse a minha mãe, os meus seis filhos e a falta de espaço. — Levantou-se e a base do sofá suspirou de alívio. — Posso servir-lhe outra fatia de bolo, senhor reverendo?

*

Verificou-se que existia de facto um irmão, que foi *de facto* induzido pelo reverendo a tomar a atitude correcta e, assim, a vida de Vivien sofreu nova mudança. No fim, tudo acabou por acontecer com uma rapidez notável. A tia Ada conhecia uma mulher que conhecia um indivíduo, cuja irmã ia atravessar o oceano até um sítio chamado Londres, para falar com um homem a respeito de um cargo de preceptora. Tomaram-se decisões e acertaram-se pormenores na correnteza de conversas entre adultos que parecia flutuar constantemente acima da cabeça de Vivien.

Arranjou-se um par de sapatos praticamente novo, o cabelo dela foi obrigado a conformar-se a duas tranças, o resto enfiado num vestido engomado com uma fita em volta da cintura. O tio conduziu-os pela montanha abaixo até à estação dos caminhos-de-ferro para apanharem o comboio com destino a Brisbane. A chuva continuava a cair, acompanhada de calor, ainda por cima, e Vivien entreteve-se a fazer desenhos com o dedo na janela.

A praça em frente do Railway Hotel estava cheia quando chegaram, mas deram com a Menina Katy Ellis precisamente onde combinara encontrar-se com eles, junto ao relógio da bilheteira.

Vivien nunca imaginara por um instante sequer que existissem tantas pessoas no mundo. Havia-as por todo o lado, todas diferentes umas das outras, atarefadas a correr de um lado para o outro como formigas-touro na confusão húmida onde havia pouco estivera um tronco podre. Chapéus-de-chuva pretos e grandes recipientes de madeira e cavalos com olhos castanhos profundos e

narinas dilatadas.

A senhora clareou a voz e Vivien apercebeu-se de que tinha falado com ela. Vasculhou a memória a tentar lembrar-se do que lhe fora dito. Cavalos e chapéus-de-chuva, formigas-touro molhadas, gente a correr de um lado para o outro... o nome dela. A senhora perguntara-lhe se se chamava Vivien.

Assentiu com a cabeça.

— Tu vê lá se tens modos — repreendeu-a a tia Ada, endireitando a gola de Vivien. — É o que os teus pais haveriam de querer. Sempre que te fizerem uma pergunta, respondes: «Sim, senhora.»

— A menos que não concordes, caso em que «não, senhora» serve perfeitamente. — A mulher rasgou um grande sorriso indicando que estava a brincar. Vivien olhou alternadamente para o par de rostos esperançosos que a fitavam do alto. As sobrancelhas da tia Ada juntaram-se enquanto ela aguardava.

— Sim, senhora — disse Vivien.

— E estás bem esta manhã?

A obediência nunca lhe surgira com naturalidade; noutros tempos, Vivien ter-lhe-ia respondido o que muito bem lhe apetecesse e gritado que não estava nada bem, que não queria ir com ela, que não era justo e que não a podiam obrigar a... Mas agora não. Já percebera que era muito mais fácil limitar-se a dizer o que as pessoas desejavam ouvir. E, fosse como fosse, que diferença fazia isso? As palavras eram coisas desajeitadas; não lhe ocorria nenhuma capaz de descrever o buraco negro sem fundo que se rasgara dentro dela, a dor que lhe consumia as entranhas de cada vez que julgava ouvir os passos do pai a aproximar-se pelo corredor, sentia o cheiro da água-de-colónia da mãe ou, pior ainda, via qualquer coisa que simplesmente não podia deixar de partilhar com Pippin...

— Sim, senhora — disse ela à mulher alegre de cabelo ruivo e uma saia comprida e elegante.

A tia Ada entregou a um carregador a mala de Vivien, acariciou a

cabeça da sobrinha e recomendou-lhe que se portasse bem. A Menina Katy Ellis verificou cuidadosamente os bilhetes e interrogou-se se o vestido que guardara na mala para a sua entrevista em Londres seria tão apropriado quanto julgava. E, à medida que o comboio assobiava a sua despedida iminente, uma menina de tranças esmeradas e uns sapatos emprestados subiu as escadas de metal. O fumo inundou o cais, as pessoas acenaram e gritaram, um cão vadio apareceu a correr e a ladrar por entre a multidão. Ninguém reparou na menina quando ela transpôs a soleira umbrosa; nem sequer a tia Ada, que, segundo algumas opiniões, poderia estar a despachar a sobrinha órfã rumo a um futuro incerto. E assim, quando a essência da luz e vida que fora Vivien Longmeyer se contraiu por motivos de salvaguarda e desapareceu dentro dela, o mundo continuou a girar e ninguém deu por nada.

Capítulo 23

Londres, Março de 1941

Vivien deu um encontrão no homem porque não estava a prestar atenção ao caminho. E, além disso, ia muito depressa — demasiado depressa, como era seu hábito. E, assim, chocaram um contra o outro na esquina da Fulham Road com a Sydney Street, em Londres, num dia cinzento de Março.

— Peço desculpa — disse ela, à medida que a surpresa se transformava em remorso. — Não reparei que vinha aí. — O indivíduo tinha uma expressão ligeiramente atordoada, e, a princípio, Vivien julgou que o magoara. Acrescentou, à laia de explicação mais pormenorizada: — Eu ando muito depressa. Sempre fui assim. — «À velocidade da luz e das pernas», costumava o pai dizer quando ela era pequena e gostava de correr pelo matagal. Vivien afastou a recordação.

— A culpa foi minha — disse o homem com um aceno evasivo da mão. — Eu tenho tendência a passar despercebido... Há alturas em que sou praticamente invisível. Nem imagina os aborrecimentos que isto me causa.

O comentário dele apanhou-a desprevenida e Vivien sentiu um sorriso aflorar-lhe aos lábios. Foi má ideia, pois ele inclinou a cabeça e pôs-se a perscrutá-la, semicerrando ligeiramente os olhos escuros.

— Nós já fomos apresentados.

— Não. — Deixou o sorriso cair abruptamente. — Não me parece.

— Sim, tenho a certeza.

— Está enganado. — Assentiu, indicando, esperava ela, que o assunto estava arrumado, e disse-lhe: — Bom dia. — Depois seguiu o seu caminho.

Passaram-se instantes. Estava quase a chegar a Cale Street quando:

— A cantina do Serviço Voluntário Feminino, em Kensington — gritou o homem atrás dela. — A senhora reparou na minha fotografia e falou-me do hospital do seu amigo.

Vivien deteve-se.

— O hospital das crianças órfãs, não é isso?

Vivien sentiu o rubor assomar-lhe às faces, deu meia-volta e apressou-se a ir ter com o homem.

— Pare com isso! — sibilou-lhe, levando um dedo aos lábios ao chegar junto dele. — Não fale nisso.

O homem franziu o sobrolho, nitidamente confuso, e Vivien olhou de relance por cima do ombro dele, depois por cima do seu próprio ombro e, em seguida, arrastou-o para trás de uma vitrina danificada por uma bomba, longe dos olhares indiscretos que passavam na rua.

— Creio que deixei bem claro que não deveria repetir o que lhe contei...

— Então, sempre se lembra...

— Claro que me lembro. Tenho ar de tola, por acaso? — Lançou uma olhadela à rua e esperou que uma mulher com um cesto das compras passasse do seu ripaço. Quando a mulher finalmente desapareceu, Vivien sussurrou-lhe: — Eu pedi-lhe que não falasse a ninguém no hospital.

Ele afinou a voz pelo sussurro dela.

— Não pensei que isso a incluísse a si.

A frase seguinte de Vivien ficou-lhe entalada antes de a poder dizer. O homem tinha um aspecto sério, mas qualquer coisa no tom dele lhe dizia que estava a fazer troça dela. Todavia, preferiu fingir

que não dava por nada; serviria apenas para o encorajar, e isso era a última coisa que ela queria.

— Bom, mas incluía — respondeu-lhe. — Também me incluía.

— Estou a ver. Bom. Agora percebo. Grato pela explicação. — Com um sorriso a bailar-lhe nos lábios, acrescentou: — Espero sinceramente não ter estragado tudo ao revelar o seu segredo.

Vivien apercebeu-se de que o agarrava por um pulso e soltou-o como se a queimasse, recuando um passo por entre os escombros, ajeitando um caracol aprumado que lhe escorregara para a testa. O gancho de rubis que Henry lhe oferecera pelo aniversário de casamento era lindo, mas não segurava tão bem o cabelo como os ganchos vulgares de metal.

— Tenho de ir andando — disse ela em tom categórico e, sem mais uma palavra sequer, apressou-se a voltar para a rua.

Lembrara-se dele mal o vira, obviamente. No momento em que tinha ido de encontro a ele, dado um passo atrás e encarado o homem, soubera de imediato de quem se tratava, e sentira esse reconhecimento propagar-se como electricidade através dela. Continuava sem explicar o que acontecera, nem mesmo a si própria: o sonho que tivera após o encontro de ambos naquela noite, na cantina. Santo Deus, fora de tal ordem que a levara a suster o fôlego quando os seus ecos lhe vieram ao pensamento no dia seguinte. Não que tivesse cariz sexual; fora mais poderoso do que isso e, de longe, mais perigoso. O sonho despertara nela uma ânsia profunda e inexplicável por um local e um tempo longínquos, um desejo que Vivien julgara ter havia muito ultrapassado, e cuja ausência sentia como a morte de um ente querido quando acordara na manhã seguinte e constatara que teria de continuar a sua vida sem ele. Tentara de tudo para se abstrair dele, daquele sonho, daquelas sombras famintas que se recusavam a desvanecer-se; naquela manhã, ao pequeno-almoço, não conseguira olhar Henry nos olhos com receio de que ele descobrisse o que lá havia escondido; logo ela, que tinha tanto jeito para lhe esconder coisas.

— Espere um instante, por favor!

Oh, meu Deus, era ele outra vez; vinha atrás dela. Vivien continuou a andar, agora mais depressa, o queixo um pouco mais empertigado. Não queria que ele a apanhasse; era o melhor para todos os envolvidos. E, no entanto.... Havia uma parte dela — a mesma parte curiosa e estouvada que a governara em criança e a metera em tantos sarilhos, a parte que fazia a tia Ada perder as estribeiras e que o pai acalentara, a pequena parte oculta que se recusava a morrer, fosse lá de que maneira fosse — que queria saber o que o homem do sonho tinha a dizer.

Vivien amaldiçoou essa parte de si própria. Atravessou a rua e estugou o passo, os sapatos a martelar com frieza no passeio. Mulher tola. Ele visitara a sua mente naquela noite pela simples razão de que o seu cérebro se lembrara de atirar a imagem dele para o pandemónio inconsciente de onde brotavam os sonhos.

— Espere — insistiu o homem, agora já mais próximo. — Meu Deus, a senhora não estava a brincar quando disse que andava depressa. Devia considerar concorrer aos Jogos Olímpicos. Uma campeã como a senhora... fazia jeito ao moral da nação, não acha?

Vivien deu por abrandar ligeiramente o passo à medida que o indivíduo se acercava dela, mas não olhou para ele, limitando-se a ouvi-lo quando disse:

— Lamento que tenhamos entrado com o pé esquerdo. Não tive intenção de a provocar lá atrás, só que fiquei tão contente por encontrá-la desta forma tão inesperada.

Ela olhou-o de viés.

— Ai sim? Então, porquê?

O homem deteve-se e havia qualquer coisa na seriedade da sua expressão que a impeliu a parar também. Olhou para um lado e para o outro da rua, confirmando que não vinha ninguém a segui-la, enquanto ele lhe dizia:

— Não é preciso afligir-se, é só... Desde o nosso encontro que tenho pensado muito no hospital, na Nella... a menina da fotografia.

— Eu sei quem é a Nella — retorquiu Vivien. — Ainda esta semana estive com ela.

— Então, ainda continua no hospital?

— Continua.

A sua concisão, reparou Vivien, fê-lo retrair-se (bom sinal), mas logo de seguida sorriu-lhe, presumivelmente a tentar apaziguá-la.

— Olhe, eu gostaria de a visitar, é só isso. Não tive intenção de a incomodar e prometo que vou fazer o possível por não lhe causar transtorno. Se um dia destes me levasse lá, ficar-lhe-ia muito agradecido.

Vivien sabia que lhe deveria dizer que não. A última coisa de que precisava (ou queria) era levar um homem como ele atrás quando fosse visitar o Dr. Tomalin ao hospital. Como estava, a situação já era perigosa quanto bastasse; Henry começava a andar desconfiado. Mas ele tinha um olhar tão ansioso cravado nela e, bolas!, o seu rosto era tão cheio de luz e bondade, e esperança até, e a sensação voltava a atormentá-la, o desejo tremeluzente do sonho.

— Por favor! — Estendeu uma mão na direcção dela; no sonho, Vivien segurara-lha.

— Vai ter de acompanhar a minha passada — respondeu ela com brusquidão. — E é só desta vez.

— O quê? Quer dizer agora? É para lá que vai?

— Sim. E já estou muito atrasada. — Não acrescentou: «graças a si», mas esperava que tivesse ficado implícito. — Tenho... um encontro combinado.

— Eu não lhe vou causar transtorno. Prometo.

Vivien não pretendia encorajá-lo, contudo, pelo sorriso arreganhado que ele lhe rasgou, apercebeu-se de que de facto tinha.

— Eu levo-o lá hoje — avisou-o ela —, mas depois não quero tornar a pôr-lhe a vista em cima.

— Já percebeu que eu não sou mesmo invisível, não é verdade?

Vivien não sorriu.

— Vai voltar para de onde quer que tenha vindo e esquecer tudo o que lhe contei naquela noite na cantina.

— Tem a minha palavra. — Estendeu-lhe uma mão para que ela lhe apertasse. — Eu chamo-me...

— Não. — Disse isto de forma precipitada e, pela cara dele, reparou que o apanhara de surpresa. — Não quero saber. Os amigos é que se apresentam entre si e nós não somos amigos.

Ele pestanejou e depois assentiu com a cabeça.

A voz dela era fria. Estava satisfeita; já fizera disparates que chegassem.

— Mais uma coisa — concluiu ela. — Depois de eu o levar a visitar a Nella, confio em que nunca mais o tornarei a ver.

*

Jimmy não estivera a brincar, não inteiramente — Vivien Jenkins andava como se tivesse um alvo pintado nas costas. Mais concretamente, como alguém que tentasse a todo o custo levar duas passadas de avanço sobre o indivíduo que, com relutância, prometera levar a um encontro com o amante. Viu-se obrigado a dar uns passos de corrida para conseguir acompanhar-lhe o ritmo enquanto ela se precipitava através do viveiro de ruas junto ao rio, e foi-lhe de todo impossível fazer conversa em simultâneo. E ainda bem; quanto menos falassem um com o outro, melhor. Tal como Vivien salientara, eles não eram amigos, nem nunca haveriam de ser. Estava satisfeito por ela ter deixado isso bem claro — fora uma chamada de atenção deveras oportuna para Jimmy, que tinha o hábito de se dar bem com quase toda a gente, para que ele percebesse que tinha tanta vontade de conhecer Vivien Jenkins como ela de o conhecer a ele.

Por fim, acabara por concordar com o plano de Dolly porque esta lhe prometera que ninguém sairia magoado.

— Será possível que não vejas como é simples? — dissera-lhe ela, apertando-lhe a mão com força no Lyons Corner House, junto a Marble Arch. — Tu dás-lhe um encontrão sem querer... ou pelo menos aparentemente... e enquanto te pões a falar da grande coincidência que foi e mais isto e mais aqueloutro, dizes-lhe que gostarias de visitar a menina, aquela da explosão da bomba, a que ficou órfã.

— A Nella — lembrara-lhe ele, reparando que a luz do Sol não se reflectia no rebordo metálico da mesa.

— Ela vai concordar... Quem teria coragem de dizer que não? Sobretudo tendo em conta que tu lhe disseste que ficaste muito comovido com a tragédia da criança... O que é verdade, não é, Jimmy? Tu próprio me disseste que gostarias de a visitar para saber como ela estava.

Jimmy concordou, mas continuava sem a encarar.

— Assim, tu vais com ela, arranjas maneira de marcarem outro encontro e, em seguida, eu apareço e tiro-vos uma fotografia aos dois com um ar, sabes, íntimo. Depois, enviamos-lhe uma carta... anónima, é claro... informando-a do que eu tenho em meu poder, e ela não terá outro remédio se não fazer tudo o que for preciso para que o caso continue em segredo. — Dolly apagou o cigarro esmagando-o com violência no cinzeiro. — Estás a ver? Tão simples que só pode ser infalível.

Simples, talvez, infalível, até, mas nem por isso mais correcto.

— É extorsão, Doll — lembrou-lhe ele em voz baixa e, seguidamente, virando a cabeça para olhar para ela: — É *roubo*.

— Não — Dolly estava irredutível —, é *justiça*! É o que ela merece depois do que me fez, *nos* fez, Jimmy... Isto, para não falar no que anda a fazer ao marido. E, para além do mais, ela tem dinheiro a rodos... nem sequer vai sentir a falta da ninharia que lhe vamos exigir.

— Mas o marido, ele...

— ... nunca haverá de saber. É aqui que está a beleza da coisa,

Jimmy... é tudo dela. A casa onde eles moram em Campden Grove, os rendimentos de que vive... A avó da Vivien deixou-lhe o dinheiro com a condição de ela ficar dona e senhora de tudo, mesmo *depois* do casamento. Devias ter ouvido os comentários de Lady Gwendolyn a respeito disso... dizia que lhe tinha saído o tiro pela culatra, ao tal escritor, e de que maneira.

Jimmy escusara-se a responder-lhe e Dolly devia ter sentido a sua relutância, porque começou a entrar em pânico. Os seus olhos, já grandes por natureza, arregalaram-se numa expressão de súplica e ela entrelaçou os dedos, à laia de oração.

— Será possível que não vejas? — insistiu ela. — A ela não lhe vai fazer diferença, mas nós vamos poder viver juntos, como marido e mulher. Felizes para sempre, Jimmy.

Ele continuava sem saber o que dizer e, por isso, não disse nada, entretendo-se a brincar com um fósforo à medida que a tensão entre os dois aumentava, e deixou os seus pensamentos seguir à deriva, como acontecia sempre que estava perturbado, como uma cornucópia de fumo, alheando-se do assunto entre mãos. Jimmy deu por si a pensar no pai. O quarto onde moravam os dois até conseguirem arranjar um sítio melhor, e o hábito que o pai ganhara de ficar sentado à janela a vigiar a rua, questionando-se em voz alta se a mãe de Jimmy saberia agora onde os encontrar, se seria eventualmente esse o motivo da demora dela, e perguntando todas as noites ao filho se não poderiam, por favor, voltar para o outro apartamento. Havia ocasiões em que chorava, e Jimmy ficava de coração partido ao ouvir o velhote a soluçar contra a almofada e a repetir vezes sem conta, a ninguém em particular, que só queria que as coisas voltassem a ser como eram dantes. Quando tivesse filhos, Jimmy esperava conseguir encontrar as palavras certas para acalmar os filhos sempre que eles desatassem a chorar, como se o mundo estivesse à beira do fim, mas, sem saber explicar ao certo como nem porquê, isso era mais difícil quando era o próprio pai a chorar. Havia tanta gente a chorar contra a almofada nos tempos

que corriam — Jimmy pensou em todas as almas perdidas que fotografara desde o início da guerra, os desalojados e os enlutados, e em seguida olhou para Doll, que entretanto acendera outro cigarro e o fumava avidamente, tão diferente da rapariga à beira-mar que seria com os olhos, e ocorreu-lhe que haveria provavelmente muita gente nas mesmas circunstâncias do pai, ansiosa por voltar atrás.

Ou por seguir em diante. O fósforo partiu-se-lhe entre os dedos. Não se podia voltar atrás, pois não, isso não passava de uma ilusão, mas havia uma forma de sair do presente, que era seguir em diante. Jimmy recordou-se de como se sentira nas semanas após Dolly lhe dizer que não se podia casar com ele, o enorme vazio que se estendera tenebrosamente à sua frente, a solidão que o mantinha acordado à noite, a ouvir os soluços do pai e o bater infundável e amargurado do seu próprio coração, e interrogou-se se a proposta de Dolly seria assim tão condenável quanto poderia parecer.

Em circunstâncias normais, Jimmy teria respondido que sim, era: em tempos, tivera ideias muito claras acerca do que era certo e do que era errado; agora, porém, com a guerra, com tudo a desmoronar-se à sua volta, bom — Jimmy abanou a cabeça, indeciso —, as coisas já não eram tão simples. Havia alturas, reflectiu, em que as ideias rígidas não traziam qualquer proveito.

Dispôs os restos do fósforo perfeitamente alinhados e, entretanto, ouviu Dolly suspirar a seu lado. Olhou para ela e viu-a deixar-se abater na cadeira de cabedal e esconder a cara entre as mãos pequenas. Tornou a reparar nos arranhões nos braços, na magreza dela.

— Desculpa, Jimmy — disse ela por entre os dedos. — Peço imensa desculpa. Não te devia ter pedido isso. Foi só uma ideia. Eu só... eu só queria... — A voz dela era agora sumida, como se não suportasse ouvir-se a si própria a dizer aquela terrível e simples verdade. — Ela fez-me sentir como se eu não *existisse*, Jimmy.

Dolly adorava brincar ao faz-de-conta e ninguém melhor do que ela para desaparecer sob a pele de uma personagem imaginária.

Todavia, Jimmy conhecia-a bem e, naquele momento, a sua manifesta sinceridade trespassou-o até ao âmago. Vivien Jenkins tinha feito a sua linda Doll — que era tão esperta e alegre, cujas gargalhadas o enchiam a ele de vida, que tinha tanto a oferecer ao mundo — sentir-se como se não *existisse*. Jimmy não precisou de ouvir mais nada.

*

— Despache-se. — Vivien Jenkins parara e estava à espera dele no degrau de um edifício de tijolo em tudo idêntico aos adjacentes, à excepção da placa de latão na porta: «Dr. M. Tomalin, Médico.» Estava a ver as horas no elegante relógio de pulso de ouro rosa que usava como se fosse uma pulseira e o cabelo escuro apanhou um reflexo de sol quando ela dirigiu o olhar para a rua atrás dele. — Eu não tenho tempo a perder, senhor... — susteve a respiração abruptamente, lembrando-se do acordo entre ambos — ... bom, você, seja lá quem for. Já estou atrasada que chegue.

Jimmy seguiu atrás dela, entrando no que outrora deveria ter sido o *hall* de entrada de uma casa majestosa, mas que agora servia de recepção. Uma mulher cujo cabelo cinzento-peltre estava penteado num patriótico coque vitoriano de aspecto decidido ergueu o olhar de detrás da secretária com pernas trabalhadas aonde estava sentada.

— Este cavalheiro está aqui para ver a Nella Brown — anunciou Vivien.

A atenção da outra mulher deslocou-se para Jimmy e ela observou-o, impávida, durante um instante, por cima dos óculos em forma de meia-lua. Ele sorriu; ela não. Apercebeu-se de que explicações mais pormenorizadas eram não apenas necessárias como também esperadas. Jimmy deu um passo na direcção da secretária. Subitamente, sentia-se como uma personagem de Charles Dickens, o rapaz da forja a vergar-se perante a aristocracia.

— Eu conheço a Nella — disse ele —, mais ou menos. Isto é, conhecemo-nos na noite em que a família dela morreu. Sou fotógrafo. Para os jornais. Vim até cá cumprimentá-la... ver como ela tem passado. — Decidiu então calar-se. Olhou para Vivien, na esperança de que ela se intrometesse na conversa e abonasse a seu favor, mas ela não se dignou a isso.

Um relógio fez tiquetaque algures, um avião sobrevoou o céu e, por fim, a recepcionista soltou um suspiro lento e reflexivo.

— Estou a ver — disse ela, como se estivesse relutante em deixá-lo entrar. — Um fotógrafo. Para os jornais. E como foi que disse que se chamava?

— Jimmy — respondeu-lhe ele, lançando nova olhadela a Vivien. Esta desviou o olhar. — Jimmy Metcalfe. — Poderia ter mentido (provavelmente seria o melhor que teria feito), mas na altura não se lembrou disso. Não tinha grande prática no que se referia à falsidade. — Só queria ver como a Nella se está a dar.

A mulher fitou-o, os lábios muito juntos e retesados, e por fim esboçou um curto aceno de cabeça.

— Nesse caso, está bem, Sr. Metcalfe, faça o favor de me acompanhar. Mas aviso-o desde já que não admito que ninguém venha causar perturbação no meu hospital nem nos doentes ao meu cuidado. O mais leve sinal de sarilhos e está na rua.

Jimmy sorriu-lhe, agradecido. E levemente receoso também.

Ela empurrou a cadeira ordenadamente para debaixo da secretária, ajeitou a cruz de ouro que trazia pendurada num fio em volta do pescoço e depois, sem olhar para trás sequer, lançou-se pela ampla escada acima com uma clareza de propósitos que exigia que Jimmy a seguisse. Vivien não os acompanhou. Jimmy voltou-se e viu-a junto a uma porta ao fundo a arranjar o cabelo a um espelho oval.

— Não vem connosco? — indagou ele. A sua intenção era que fosse um sussurro, todavia, a configuração do *hall* de entrada e a abóbada do tecto criaram um eco tremendo.

Vivien abanou a cabeça.

— Tenho mais que fazer... combinei falar com outra pessoa. — Corou. — Vá... vá! Não posso estar para aí a conversar consigo, já estou atrasada.

*

Jimmy demorou-se cerca de uma hora no dormitório, a ver a menina a dançar sapateado, até que tocou uma campainha e Nella disse:

— É hora do almoço. — E ele achou que chegara a altura de se despedir. Ela veio de mão dada com ele ao longo do corredor e, quando chegaram à escada, olhou para Jimmy. — Quando é que me vem visitar outra vez? — Ele hesitou (não estava a contar com aquilo), contudo, ao olhar para a expressão séria e sincera da menina, teve uma recordação súbita e premente da mãe a ir-se embora, seguida de uma percepção fulminante como um raio, demasiado rápida para ele a conseguir identificar, mas que tinha qualquer coisa que ver com a inocência das crianças, a facilidade com que confiavam nos adultos e o pouco que era preciso para elas enfiarem as suas mãozinhas macias dentro das deles e presumir que estes nunca as haveriam de desiludir. Jimmy disse-lhe:

— Então, e se for daqui a uns dias? — E então ela sorriu, acenou-lhe e foi a sapatear alegremente pelo corredor fora até à sala de jantar.

*

— Foi o melhor que tinhas a fazer — observou Dolly nessa noite, quando Jimmy lhe estava a contar o que se passara. Ela ouvira avidamente toda a história, os olhos a arregalarem-se-lhe quando ele mencionara o espelho à porta do consultório do médico, a maneira como Vivien corara (de culpa, concordaram ambos) ao

constatar que Jimmy a vira a arranjar-se («Eu avisei-te, Jimmy, não avisei? Ela anda a encontrar-se com aquele médico nas costas do marido.» Agora Dolly sorria. — Oh, Jimmy, estamos quase lá!

Jimmy não estava tão certo disso. Acendeu um cigarro.

— Não sei, Doll. A situação está complicada... Eu prometi à Vivien que não voltava a pôr os pés no hospital...

— Pois foi. E prometeste à Nella que voltarias.

— Então, já estás a ver o meu dilema.

— Qual dilema? Tu não podes quebrar a promessa que fizeste a uma criança. E órfã, ainda por cima.

Não ia, claro que não ia, mas era óbvio que não explicara devidamente a Dolly até que ponto Vivien fora peremptória.

— Jimmy? — insistiu ela. — Tu não vais desapontar a Nella, pois não?

— Não, não. — Acenou com a mão que segurava no cigarro. — Eu vou voltar lá. Mas a Vivien é que não há-de ficar nada satisfeita. Ela deixou isso muito claro.

— Tu arranjias maneira de a convencer. — Dolly envolveu-lhe delicadamente o rosto com as mãos. — Acho que ainda não percebeste, Jimmy, a maneira como tu acalentas o coração das pessoas. — Aproximou a cara da dele até os seus lábios lhe tocarem na orelha. Na brincadeira, acrescentou: — Olha só como me estás a acalentar agora.

Jimmy sorriu, ainda que distraidamente, quando ela o beijou. Estava ocupado a imaginar a cara de desagrado de Vivien Jenkins quando o visse outra vez no hospital, contrariando as suas ordens expressas. Estava ainda a tentar descortinar como haveria de lhe explicar o seu regresso (seria suficiente dizer simplesmente que Nella lhe tinha pedido para voltar?) quando Dolly se tornou a recostar na cadeira e insistiu:

— Acho que é o melhor que tens a fazer.

Jimmy assentiu com a cabeça. Ela tinha razão; ele sabia que sim.

— Visita a Nella, cruza-te com a Vivien, marca uma hora e um

local e deixa o resto por minha conta. — Inclinou a cabeça e sorriu-lhe; parecia mais nova quando fazia aquilo. — Simples?

Jimmy retribuiu-lhe com um leve sorriso forçado.

— Simples.

*

E, de facto, assim parecera; o problema foi que Jimmy não se cruzou com Vivien. Foi ao hospital sempre que teve oportunidade durante os quinze dias seguintes, espremendo as visitas a Nella entre as suas obrigações para com o trabalho, o pai e Doll. Contudo, embora tivesse visto Vivien por duas vezes ao longe, nenhuma das ocasiões lhe deu a oportunidade para se redimir da má opinião que ela tinha a respeito dele e, sem saber bem como, convencê-la a marcarem um encontro. Da primeira vez, ela ia a sair do hospital no momento em que Jimmy contornara a esquina de Highbury Street. Ela detivera-se à porta, olhando para um lado e para o outro enquanto punha um lenço para ocultar o rosto de quem quer que a pudesse reconhecer. Ele estugara o passo, mas, quando chegara ao hospital, já era tarde de mais e ela já se precipitara a passo rápido em sentido contrário, a cabeça baixa para evitar olhares curiosos.

Da segunda vez, Vivien não fora tão cuidadosa. Jimmy acabara de chegar à recepção do hospital e estava à espera para informar Myra (a recepcionista de cabelo cinzento-peltre; entretanto, tinham ficado amigos) de que ia subir para visitar Nella, quando reparou que a porta atrás da secretária estava entreaberta. Espreitara para dentro do consultório do Dr. Tomalin, e foi nessa altura que vislumbrara Vivien, a rir-se baixinho para uma pessoa escondida atrás da porta. Entretanto, uma mão masculina pousou-lhe no antebraço despido, e Jimmy sentiu o estômago dar uma reviravolta.

Oxalá tivesse levado a máquina fotográfica. Não conseguia entrever muito do médico, mas via Vivien com clareza: a mão do

homem no braço dela, a expressão de felicidade no rosto dela...

Logo naquele dia, não ter o equipamento consigo... Não precisariam de mais nada. Jimmy ainda se estava a admoestar quando Myra apareceu vinda sabia-se lá de onde, fechou a porta e perguntou-lhe que tal lhe estava a correr o dia.

Então, finalmente, ao princípio da terceira semana, quando Jimmy contornava o cimo da escada e se encaminhava pelo corredor em direcção ao dormitório de Nella, viu uma figura familiar a andar à sua frente. Deixou-se ficar onde estava, prestando uma atenção desmedida e exagerada ao cartaz «Plantar para a Vitória» na parede, admirando a criança com os seus pés cavos, munida de pá e enxada, enquanto mantinha os dois ouvidos bem atentos aos passos que se afastavam. Quando Vivien contornou a esquina, ele lançou-se a correr atrás dela, o coração a começar a martelar-lhe o peito à medida que a via avançar de longe. Ela chegou a uma porta na parede, uma pequena porta em que Jimmy nunca reparara, e abriu-a. Ele seguiu no encalço dela, admirando-se por ver atrás da porta um lanço de escadas estreitas que conduziam ao piso superior. Subiu-as, depressa mas sem fazer barulho, até que uma fresta de luz à sua frente lhe revelou a porta por onde ela saíra. Fez o mesmo, encontrando-se num piso da velha casa, com o tecto mais baixo do que os dos andares inferiores e com menos aspecto de hospital. Ouvia os passos dela ao longe, mas não tinha a certeza da direcção que ela tomara, até que olhou para a esquerda e viu a sombra de Vivien deslizar pelo papel de parede azul e dourado descolorido. Sorriu para consigo — o rapaz que ele era no íntimo estava a apreciar bastante a perseguição — e lançou-se na peugada dela.

Jimmy tinha o pressentimento de que sabia aonde ela se dirigia: estava a escapulir-se para um encontro secreto com o Dr. Tomalin, na privacidade do sótão da velha casa, escondidos num sítio onde nunca ninguém se haveria de lembrar de ir à procura deles. Excepto Jimmy. Espreitou com a cabeça pela esquina e viu Vivien parar.

Desta feita, não se esquecera da máquina fotográfica. Seria de longe melhor tirar uma fotografia genuinamente incriminatória do que se sujeitar à confusão de montar um falso encontro que poderia, em papel fotográfico, revelar-se ambíguo. E, assim, Vivien seria também culpada de uma indiscrição autêntica e, de alguma forma, isso deixou Jimmy muito mais à vontade. Restava o problema de enviar a carta (chantagem, não era? Mais valia chamar as coisas pelos nomes); Jimmy continuava a achar a ideia absolutamente repugnante, mas esforçou-se por endurecer o coração.

Viu-a abrir a porta e, quando Vivien entrou, foi sorrateiramente atrás dela, retirando a tampa da objectiva. Entalou o pé na porta, mesmo a tempo de a impedir de fechar. E, posto isto, empunhou a máquina para tirar uma fotografia.

O que observou através do visor, porém, impeliu-o a baixá-la de imediato.

Capítulo 24

Greenacres, 2011

As irmãs Nicolson (à excepção de Daphne, que estava em Los Angeles a fim de gravar um anúncio para a televisão, mas que prometeu apanhar o voo nocturno «logo que me possam dispensar») levaram Dorothy para casa no sábado de manhã. Rose estava preocupada porque não conseguira entrar em contacto com Gerry, mas Iris — que gostava de assumir uma posição de autoridade — anunciou que já telefonara para a faculdade dele e que a tinham informado de que o irmão andava a tratar de um assunto «de extrema importância»; tinham-se comprometido a deixar-lhe um recado. Laurel pegara no telemóvel de forma automática enquanto Iris fazia esta declaração, revirando-o na palma da mão, admirada por ainda não ter sabido nada a respeito do Dr. Rufus, mas resistiu a ligar-lhe. Gerry tinha lá os seus hábitos de trabalho, os seus ritmos, e sabia por experiência própria que era inútil telefonar-lhe para o número do gabinete.

À hora do almoço, Dorothy já estava instalada no seu quarto, quase a dormir, com o cabelo branco pousado como uma aura na almofada *bordeaux*. As irmãs trocaram um olhar e chegaram a um acordo tácito para a deixar ficar sossegada. O tempo desanuviara e ficara extemporaneamente ameno, e elas saíram para o jardim e foram sentar-se no baloiço à sombra da árvore a comer pãezinhos que Iris insistira em fazer sozinha, enxotando as moscas e desfrutando do que deveria ser seguramente o último surto de calor

do ano.

O fim-de-semana decorreu com tranquilidade. Instalaram-se em volta da cama de Dorothy, a ler para si próprias ou a conversar umas com as outras em voz baixa, chegando mesmo a dada altura a experimentar jogar *Scrabble* (mas por pouco tempo — Iris era incapaz de levar uma partida até ao fim sem perder as estribeiras perante a sabedoria fenomenal de Rose no que respeitava a palavras traiçoeiras de duas letras), todavia, a maior parte do tempo passaram-no em silêncio, revezando-se a fazer companhia à mãe enquanto esta dormia. Terem trazido a mãe para casa fora a decisão mais acertada, pensou Laurel. Afinal, Greenacres era a casa de Dorothy, aquela velha casa engraçada e calorosa que a mãe descobrira por acaso e que reconhecera de imediato como sendo sua. «Sempre sonhei com uma casa como esta», costumava ela dizer-lhes, com um sorriso a rasgar-se-lhe no rosto enquanto entravam em casa vindas do jardim. «Durante algum tempo, julguei que tinha perdido a oportunidade, mas tudo acabou por se resolver. Mal a vi, soube que tinha de ser minha...»

Laurel interrogou-se se aquele dia tão longínquo teria vindo à lembrança da mãe, à medida que percorriam o caminho de acesso a casa, no sábado; se ela se teria recordado do velho agricultor que lhes oferecera chá, a ela e ao pai, quando lhe foram bater à porta em 1947, os pássaros que os tinham observado por detrás da lareira entaipada, e a jovem que ela fora à época, agarrando com mão firme a segunda oportunidade que a vida lhe dava com o olhar fixo no futuro, a tentar fugir do que quer que fosse que tivesse sido antes. Ou teria Dorothy, à medida que serpenteavam pelo acesso, reflectido nos acontecimentos ocorridos naquele dia de 1961 e na impossibilidade de se escapar verdadeiramente ao passado? Ou estaria Laurel a ser sentimental, e as lágrimas que a mãe derramara no assento ao lado do condutor do automóvel de Rose, as lágrimas suaves e silenciosas, teriam sido simplesmente resultado da idade avançada e tendência para o choro?

Fosse qual fosse o caso, a mudança do hospital para casa deixara-a visivelmente cansada e passara a maior parte do fim-de-semana a dormir, comendo pouco e falando menos ainda. Laurel, sempre que era a sua vez de se sentar à sua cabeceira, desejava que a mãe se mexesse, abrisse os olhos fatigados e reconhecesse a filha mais velha, a fim de retomarem a conversa de há uns dias. Precisava de saber o que fora que a mãe tirara a Vivien Jenkins — era essa a chave do mistério. Henry sempre tivera razão, ao insistir que houvera jogo sujo na morte da esposa, que ela fora aliciada por vigaristas suspeitos. (Vigaristas suspeitos, no plural, reparara Laurel — seria apenas uma questão estilística, ou a mãe teria contado com a ajuda de um cúmplice? Teria sido Jimmy, o homem que amara e perdera? Fora esse o *motivo* do rompimento de ambos?) Teria porém de esperar até segunda-feira, porque Dorothy não se mostrava com disposição para falar. Aliás, ao ver a velha senhora a dormir tranquilamente e os cortinados a ondular à brisa leve, Laurel ficou com a impressão de que a mãe já transpusera um qualquer portal invisível rumo ao sítio onde os fantasmas do passado não a podiam afligir.

Só numa ocasião, às primeiras horas da manhã de segunda-feira, é que ela recebeu a visita dos terrores que a vinham a perseguir nas últimas semanas. Rose e Iris tinham ido passar a noite nas respectivas casas e, por conseguinte, fora Laurel a acordar sobressaltada no escuro e a cambalear pelo corredor fora, tacteando a parede pelo caminho à procura do interruptor da luz. Lembrou-se das noites em que a mãe fizera o mesmo por ela; ser acordada em plena noite por um grito no escuro e precipitar-se pelo corredor para afugentar os monstros da filha, acariciar-lhe o cabelo e murmurar-lhe ao ouvido: «Sossega, minha avezinha... sossega, já passou.» Não obstante os sentimentos contraditórios que Laurel nos últimos tempos vinha a nutrir pela mãe, considerava um privilégio poder fazer o mesmo por ela, sobretudo tratando-se dela, que saíra de casa de uma forma tão intempestiva, que não estivera presente

aquando da morte do pai, que dedicara toda a vida exclusivamente a si própria e à sua arte e a mais ninguém.

Laurel enfiou-se na cama com a mãe, envolvendo-a num abraço firme mas delicado. O algodão da camisa de dormir branca e comprida de Dorothy estava húmido devido à agitação do pesadelo e o corpo frágil tremia-lhe.

— A culpa foi minha, Laurel — dizia ela. — A culpa foi minha.

— Pronto, pronto — aquietou-a a filha. — Pronto, está tudo bem.

— A culpa de ela ter morrido foi minha.

— Eu sei, eu sei que sim. — Henry Jenkins veio uma vez mais à memória de Laurel, a sua insistência de que Vivien morrera porque fora atraída para um local aonde de outro modo nunca teria ido, e atraída, ainda para mais, por uma pessoa da sua confiança. — Pronto, pronto, mãe. Isso já passou.

A respiração de Dorothy acalmou para um ritmo lento e regular, e Laurel pensou na natureza do amor. O facto de continuar a senti-lo com tanta intensidade, apesar das coisas que vinha a descobrir a respeito da mãe, parecia-lhe extraordinário. Parecia que as más acções não faziam desaparecer o amor; já a desilusão, se Laurel deixasse, era suficiente para a esmagar. Por si só, desilusão parecia uma palavra inofensiva, mas a vergonha e o desamparo que lhe estavam intrínsecos eram de cortar a respiração. Não que Laurel esperasse a perfeição. Não era nenhuma criança. Tal como não partilhava da confiança cega de Gerry, segundo a qual, só porque Dorothy Nicolson era sua mãe, haveria de, como por milagre, se revelar inocente de qualquer espécie de malfeitoria. Nem por sombras. Laurel era uma pessoa realista, compreendia que a mãe era um ser humano e que, por conseguinte, fizera coisas na vida que não abonavam a seu favor; tivera ódio a outras pessoas e desejara-lhes mal, e cometera erros para os quais não havia remédio... Tal como a própria Laurel, aliás. Mas a imagem que Laurel começava a formar acerca do que acontecera de facto no passado de Dorothy, o que ela vira a mãe fazer...

— Ele veio atrás de mim.

Laurel deixara-se levar pelos seus pensamentos e a voz sumida da mãe assustou-a.

— O que foi, mãe?

— Eu tentei esconder-me, mas ele descobriu onde eu estava.

Referia-se a Henry Jenkins, percebeu Laurel. Dava a ideia de que se estavam a avizinhar cada vez mais ao que acontecera naquele dia de 1961.

— Ele foi-se embora, mãe, ele já não volta.

Um sussurro:

— Eu matei-o, Laurel.

Laurel suspendeu a respiração. Sussurrou-lhe em resposta:

— Eu sei que sim.

— És capaz de me perdoar, Laurel?

Era uma pergunta que Laurel não havia feito a si própria, muito menos respondido. Ao ver-se perante ela naquele momento, na escuridão tranquila do quarto da mãe, tudo o que conseguiu dizer foi:

— Sossegue agora. Vai ficar tudo bem, mãe. Eu gosto muito de si.

*

Umas horas mais tarde, quando o Sol começava a despontar acima das copas das árvores, Laurel passou o testemunho a Rose e encaminhou-se para o *Mini* verde.

— Outra vez para Londres? — indagou Rose, acompanhando-a pelo carreiro do jardim.

— Hoje vou a Oxford.

— Ah, Oxford. — Rose contorceu o colar de contas. — Mais pesquisas, é isso?

— É.

— E já estás mais perto do que andas à procura?

— Sabes, Rosie — disse-lhe Laurel, sentando-se ao volante e

esticando-se para fechar a porta. — Acho que estou. — Sorriu, acenou à irmã em despedida e pôs o automóvel em marcha-atrás, aliviada por poder escapulir-se antes de Rose ter oportunidade de lhe fazer alguma pergunta que a obrigasse a esquivar-se à verdade.

O recepcionista da Sala de Leitura da Biblioteca Britânica parecera-lhe satisfeito quando ela, na sexta-feira, lhe pedira se lhe conseguia encontrar «umas memórias um tanto ou quanto obscuras», e ainda mais quando Laurel cogitara sobre o que deveria fazer para descobrir qual fora o destino da correspondência da Menina Katy Ellis depois da morte desta. Encarara o ecrã do computador com olhar determinado e sobrolho franzido, interrompendo-se de quando em vez para rabiscar umas coisas no seu bloco de notas, e Laurel sentira as suas esperanças a aumentar e a decrescer ao ritmo das sobrancelhas dele, até que se tornou óbvio que a sua atenção enlevada estava a ser um empecilho, e ele lhe sugeriu que era capaz de levar algum tempo e que teria todo o gosto em continuar a busca enquanto ela aproveitava para tratar de outro assunto. Laurel acusara o toque e fora até lá fora fumar um cigarro (pronto, três) e dar umas passadas neuróticas, até que voltara apressadamente para a Sala de Leitura, a fim de ver como ele se estava a sair.

Estava a sair-se bastante bem, por acaso. Estendeu-lhe um papel por cima da secretária com um sorriso de exaustão satisfeita digno de um maratonista, e disse-lhe:

— Encontrei-a. — Ou o depósito secreto dos seus documentos particulares, pelo menos. Verificou-se que tinham sido localizados nos arquivos da Biblioteca do New College, em Oxford; Katy Ellis estudara lá enquanto candidata a doutoramento, e, após a sua morte, em 1983, o seu espólio havia sido doado à biblioteca. Também estava disponível um exemplar das memórias, mas Laurel calculava que seria muito mais provável encontrar o que procurava nos documentos principais.

Laurel deixou o seu *Mini* verde no estacionamento comunitário em

Thornhill e apanhou o autocarro para Oxford. O motorista indicou-lhe que deveria descer na High Street, e ela assim fez, mesmo em frente a Queen's College; seguiu as indicações no curto trajecto até à Biblioteca Bodleiana e ao longo de Holywell Street, e chegou por fim à entrada principal do New College. Nunca se cansava de admirar a beleza extraordinária da universidade — cada pedra, cada torreão, cada agulha a apontar para o céu, esboroados e consolidados sob o peso do passado —, mas hoje Laurel não tinha tempo para apreciar as vistas; enfiou as mãos nos bolsos das calças, baixou a cabeça para se proteger do frio e apressou-se a atravessar o relvado quadrangular em direcção à biblioteca.

Uma vez lá dentro, foi recebida por um jovem com cabelo desgrenhado preto-azeviche. Laurel explicou-lhe quem era e ao que vinha, mencionando que um funcionário da Biblioteca Britânica o contactara na sexta-feira anterior a marcar uma hora.

— Sim, sim — confirmou o jovem (cujo nome, como veio a descobrir, era Ben, e que estava, entusiasticamente, verdade fosse dita, a fazer um estágio de um ano na biblioteca) —, quem o atendeu fui eu. A senhora está aqui para consultar o espólio de uma das nossas ex-alunas.

— Os papéis pertencentes a Katy Ellis.

— É isso mesmo. Eu trouxe-lhe o arquivo da torre dos documentos.

— Ótimo. Muito obrigada.

— Não tem de quê... Nunca perco uma oportunidade de subir à torre. — Sorriu e inclinou-se ligeiramente para ela, ostentando um ar conspirativo. — Sobe-se por uma escada em espiral, sabe, à qual se tem acesso através de uma porta escondida entre os painéis do Salão. Dentro do género de Hogwarts.

Laurel lera a saga *Harry Potter*, obviamente, e não era menos susceptível ao encanto dos velhos edifícios do que qualquer outra pessoa, mas o horário de funcionamento era restrito e as cartas de Katy Ellis estavam mesmo à mão de semear, e a combinação dos

dois factos causava-lhe um certo pânico ao pensar em desperdiçar outro minuto que fosse a falar com Ben, quer de arquitectura, quer de ficção. Sorriu com uma falta de compreensão fingida (Hogwarts?), ele reagiu com uma tomada de consciência compadecida (Muggle), e seguiram em diante.

— A colecção está à sua espera na sala de leitura do arquivo — comunicou-lhe. — Talvez seja melhor eu acompanhá-la até lá. O percurso é um pouco labiríntico para quem não o conhece.

Laurel foi atrás dele por um corredor de pedra, Ben sempre a discorrer animadamente acerca da história do New College, até que por fim, muitas curvas e contracurvas depois, chegaram a uma sala com mesas dispostas e janelas com vista para uma imponente muralha medieval coberta de hera.

— Já cá estamos — anunciou ele, parando junto a uma mesa com cerca de vinte caixas de fósforos empilhadas. — Fica bem a trabalhar aqui?

— Ficarei, com certeza.

— Óptimo. Há luvas ao pé das caixas de fósforos. Por favor, use-as quando estiver a manusear os documentos. — Se precisar de mim, estarei mesmo ali... — indicou um monte de papéis numa secretária no canto ao fundo — ... a transcrever — acrescentou, à laia de explicação. Laurel não lhe perguntou o quê com receio de que ele lhe respondesse e, assim, com um aceno de cabeça, Ben foi à vida dele.

Laurel aguardou um momento e depois assobiou baixinho no silêncio da biblioteca de pedra. Finalmente, achava-se a sós com as cartas de Katy Ellis. Sentou-se à secretária e arregaçou as mangas — não metafórica mas literalmente; parecia-lhe um gesto adequado ao momento —, em seguida, pôs os óculos de ver ao perto, calçou as luvas brancas e lançou-se à caça de respostas.

As caixas eram idênticas — cartão castanho, sem ácido, cada uma sensivelmente do tamanho de uma enciclopédia. Estavam intituladas e numeradas com um código que Laurel não

compreendia na totalidade, mas que lhe parecia indicar um complexo catálogo de artigos. Ponderou pedir uma explicação a Ben, mas receava que isso pudesse desencadear uma prelecção entusiástica acerca da história da organização dos registos. Dava a impressão de que as caixas haviam sido organizadas por ordem cronológica... Laurel decidiu acreditar que tudo acabaria por fazer sentido à medida que fosse avançando.

Abriu a tampa da primeira caixa e encontrou vários envelopes lá dentro. O de cima continha uma vintena de cartas atadas com fita adesiva branca e sustidas por uma placa rígida. Laurel mirou a enorme pilha de caixas. Tudo levava a crer que Katy Ellis tivesse sido uma correspondente prolífica, mas com quem se correspondera ela? Ao que parecia, as cartas tinham sido arrumadas por ordem de recepção, mas haveria seguramente um método mais prático de encontrar o que procurava do que simplesmente por tentativas.

Laurel tamborilou com os dedos, a pensar, e em seguida espreitou por cima dos óculos para a mesa. Sorriu ao descobrir o que lhe escapara — o ficheiro —, apressou-se a pegar nele e a dar-lhe uma vista de olhos para verificar que continha, tal como esperara, uma lista de remetentes e destinatários. Era quanto bastava. Com a respiração suspensa, Laurel fez deslizar o dedo pela coluna dos remetentes, começando por hesitar no J, à procura de Jenkins, depois no L, de Longmeyer, e por fim no V, de Vivien.

Nenhuma das opções constava da lista.

Laurel tornou a verificar, desta feita com mais cuidado. O resultado foi o mesmo. Na lista do ficheiro não surgia qualquer referência a cartas de Vivien Longmeyer ou de Vivien Jenkins. E, não obstante, Katy Ellis referia-se a essas cartas no excerto de *Nascida para Ensinar* citado na biografia de Henry Jenkins. Laurel retirou da carteira a fotocópia que tirara na Biblioteca Britânica. Ali estava — a preto e branco: «No decorrer da longa viagem marítima, consegui ganhar a confiança da Vivien, ao ponto de estabelecer uma relação que se manteve por muitos anos. Correspondemo-nos

por carta com afectuosa regularidade até à sua morte trágica e prematura durante a Segunda Guerra Mundial...» Laurel rilhou os dentes e verificou a lista uma vez mais.

Nada.

Não fazia sentido. Katy Ellis dissera-lhe que existiam cartas — uma vida inteira delas, «com afectuosa regularidade». Onde estavam elas? Laurel olhou de relance para as costas curvadas de Ben e concluiu que não tinha outro remédio.

— Essas foram todas as cartas que recebemos — disse-lhe ele, depois de Laurel lhe explicar o que se passava. Ela salientou as frases das memórias e Ben franziu o nariz e concordou que era estranho, mas não tardou a animar-se. — E se ela tiver destruído as cartas antes de morrer? — Ele não tinha como saber, mas estava a desfazer os sonhos de Laurel como uma folha seca entre os dedos. — Isso às vezes acontece — continuou —, sobretudo nos casos de pessoas que tencionam doar a correspondência. Assim, asseguram-se de que não entra no espólio nada que não queiram que seja tornado público. Sabe se poderá haver algum motivo para ela ter feito isso?

Laurel reflectiu no assunto. Era possível, calculou. As cartas de Vivien poderiam conter algo que Katy Ellis considerasse sensível ou incriminatório; santo Deus, naquele ponto, tudo era possível! Laurel sentia o cérebro dorido. perguntou-lhe então:

— Poderão estar guardadas noutro local?

Ben abanou a cabeça.

— A Biblioteca do New College foi a única beneficiária do espólio de Katy Ellis. Tudo o que ela deixou encontra-se aqui.

A sua única vontade foi atirar os arquivos organizados com tanto esmero pela sala, dando um verdadeiro espectáculo diante do pobre Ben. Ter chegado tão perto e ver as suas expectativas frustradas naquele ponto... era de desmoralizar qualquer um. Ben sorriu-lhe em sinal de solidariedade e Laurel já se preparava para se voltar a sentar à secretária quando teve uma ideia.

— Diários — apressou-se a dizer.

— Desculpe?

— Diários. Kate Ellis tinha diários... Ela faz referência a eles nas memórias. Sabe se fazem parte do espólio?

— Sei, fazem sim — confirmou ele. — Eu trouxe-lhos da torre.

Indicou-lhe uma pilha de livros no chão junto à mesa e Laurel sentiu-se tentada a beijá-lo. Conteve-se, porém, optando, ao invés, por se sentar e pegar no primeiro volume encadernado a couro. Tinha a data de 1929, o ano, recordava-se Laurel, em que Katy Ellis acompanhara Vivien Longmeyer na longa viagem marítima da Austrália até Inglaterra. A primeira página continha uma fotografia a preto e branco, cuidadosamente inserida em cantos dourados, agora sarapintada da passagem dos anos. Era o retrato de uma jovem trajada com uma saia comprida e uma blusa cerimoniosa, cabelo — era difícil precisar, mas Laurel tinha a impressão de ser ruivo — com risco ao lado e frisado em caracóis apumados. Tudo na sua indumentária era modesto e recatado com pretensões intelectuais, mas os olhos irradiavam determinação. Empertigara o queixo para a objectiva e ostentava não propriamente um sorriso, mas sobretudo um ar de quem estava satisfeita consigo própria. Laurel chegou à conclusão de que simpatizava com a Menina Katy Ellis, e ainda mais quando leu a breve anotação ao fundo da página: «Uma pequena e insolente vaidade, mas a autora anexa aqui a sua fotografia, tirada nos Estúdios Hunter & Gould, em Brisbane, enquanto testemunho de uma jovem prestes a lançar-se numa grande aventura no ano de Nosso Senhor de mil novecentos e vinte e nove.»

Laurel foi para a primeira página de caligrafia esmerada, uma entrada datada de 18 de Maio de 1929 e intitulada «Primeira Semana — Nova Vida». Sorriu perante o tom levemente pomposo de Katy Ellis e susteve a respiração quando o nome de Vivien lhe apareceu pela frente. No meio da sua descrição superficial do navio — os camarotes, os outros passageiros e (mais em pormenor) as

refeições. Laurel leu o seguinte:

A minha companheira de viagem é uma menina de oito anos que dá pelo nome de Vivien Longmeyer. É uma criança deveras invulgar, desconcertante até. Bastante agradável em termos de aparência — cabelo escuro, penteado com risco ao meio e duas tranças (feitas por mim) a cair-lhe pelas costas, uns grandes olhos castanhos e lábios carnudos de um tom cereja-escuro que ela insiste em manter fechados dando a impressão ou de petulância, ou de força de carácter — ainda não decidi qual dos dois. É orgulhosa e voluntariosa por natureza, já percebi eu pela maneira como aqueles olhos escuros se cravam fixamente nos meus, e, naturalmente, a tia forneceu-me toda a sorte de relatórios acerca da língua afiada da menina e a prontidão dos seus punhos; até agora, porém, não lhe detectei qualquer sinal da proverbial fisicalidade, nem ela tão-pouco proferiu mais de meia dúzia de palavras, afiadas ou de outro género, pelo menos à minha frente. Desobediente, lá isso é, sem dúvida alguma; desprovida de boas maneiras, seguramente; e, no entanto, de alguma forma, num daqueles inexplicáveis desvios da personalidade humana, a criança é curiosamente simpática. Atrai-me para ela, mesmo quando está simplesmente sentada no convés a ver o mar que passa; não se trata apenas de mera beleza física, embora as suas feições morenas sejam indubitavelmente atraentes — trata-se de um aspecto intrínseco, que lhe vem do íntimo e que transparece de forma involuntária, de modo que não podemos deixar de olhar para ela.

Tenho ainda a acrescentar que ela apresenta uma estranha quietude. Quando outras crianças poderiam andar a correr pelo convés, ela prefere esconder-se a um canto e sentar-se quase sem se mexer. É uma imobilidade pouco natural e para a qual eu não estava preparada.

Aparentemente, Vivien Longmeyer continuou a fascinar Katy Ellis, pois, juntamente com outros comentários relativos à viagem e apontamentos para planos de aulas que tencionava usar quando chegasse a Inglaterra, as entradas do diário ao longo das semanas seguintes continham relatos similares. Katy Ellis observava Vivien à distância, interagindo com ela apenas o estritamente necessário durante a viagem, até que, por fim, numa entrada datada de 5 de Julho de 1929 e intitulada «Sétima Semana», parecia ter havido progressos.

A manhã está quente e corre uma leve brisa de norte. Estávamos as duas sentadas no convés de proa depois do pequeno-almoço quando aconteceu uma coisa deveras curiosa. Eu disse à Vivien que fosse ao camarote buscar o caderno de exercícios para fazermos umas revisões da matéria dada — antes da nossa partida, eu prometi à tia que as aulas da Vivien não seriam descuradas durante a travessia (ela receia, julgo eu, que, se o tio inglês considerar o intelecto da menina pouco satisfatório, a recambie para a Austrália). As nossas aulas são uma farsa interessante e resumem-se sempre ao mesmo: eu desenho e aponto para o livro, explicando-lhe vários princípios até ficar com o cérebro dorido da eterna demanda pela clareza da explanação; e a Vivien contempla com tédio apático os frutos do meu trabalho.

Apesar de tudo, fiz uma promessa e tenciono cumpri-la. Esta manhã, e não foi caso único, a Vivien recusou-se a fazer o que eu lhe mandei. Nem sequer se dignou a olhar para mim. E eu vi-me forçada a repetir, não duas mas três vezes, e num tom cada vez mais severo. A criança continuou a ignorar-me até que, finalmente (a sentir a pressão das lágrimas a apertar-me a garganta), lhe pedi que me explicasse por que motivo se comportava tantas vezes como se não me conseguisse ouvir.

Talvez a minha falta de controlo tenha comovido a criança,

pois nessa altura soltou um suspiro e fez-me saber o motivo. Olhou-me de frente e explicou-me que, tendo em conta que eu não passava de uma personagem de um sonho dela, um produto da sua imaginação, achava que não valia a pena prestar atenção ao que eu dizia, a menos que o assunto da minha «tagarelice» (a palavra é dela) fosse do seu interesse.

Outra criança poderia ter passado por atrevida e levado um puxão de orelhas por dar semelhante resposta, mas a Vivien não é outra criança. Para começar, não mente — a tia, apesar de não se fazer rogada em tecer críticas à sobrinha, admitiu que nunca ouvira uma mentira sair-lhe da boca («Tão sincera que chega a ser mal-educada, a rapariga.») — e, por conseguinte, fiquei intrigada. Esforcei-me por manter a voz calma, interrogando-a, com a mesma descontracção como se lhe estivesse a perguntar as horas, o que queria ela dizer com eu ser uma personagem de um sonho. Ela pestanejou com aqueles seus grandes olhos castanhos e disse: «Eu adormeci à beira do regato que há ao pé de minha casa e ainda não acordei.» Tudo o que aconteceu desde então, disse-me ela — as notícias do acidente de automóvel da família, o seu envio como um embrulho indesejado para Inglaterra, esta longa viagem por mar tendo apenas uma professora por companhia —, não era mais do que um grande pesadelo.

Eu perguntei-lhe porque não acordava ela, como era possível alguém conseguir dormir durante tanto tempo, e ela respondeu-me que era a magia do matagal. Que adormecera debaixo de uns fetos na margem do regato encantado (aquele que tem umas luzinhas, disse ela, e um túnel que atravessa uma grande sala das máquinas e chega mesmo até ao outro lado do mundo) — e que era por isso que ainda não acordara. Perguntei então à Vivien como faria ela para saber se entretanto acordara, e ela inclinou a cabeça como se eu fosse uma simplória: «Quando eu abrir os olhos e vir que estou em casa outra vez.» Obviamente,

acrescentou o seu rosto miúdo e firme.

Laurel foi folheando os diários até que, duas semanas mais tarde, Katy Ellis retomou o assunto:

Tenho andando a sondar — delicadamente — este mundo de sonho da Vivien, pois parece-me deveras interessante que uma criança possa optar por interpretar um acontecimento traumático dessa forma. Pelo pouco que lhe vou conseguindo arrancar aqui e ali, concluo que ela inventou uma terra de sombras à sua volta, um sítio tenebroso através do qual terá de demandar até conseguir voltar ao seu eu adormecido no «mundo real» da margem do regato na Austrália. Disse-me que há alturas em que se convence de que está quase a acordar; se ficar sentada, muito, muito quieta, diz ela, é capaz de vislumbrar para lá do véu; consegue ver e ouvir a família a tratar da sua vida de sempre, sem saber que ela se encontra do outro lado a observá-los. Pelo menos agora percebo o motivo da profunda quietude e imobilidade que a criança apresenta.

A teoria da menina relativamente ao seu sonho acordado é uma coisa. Compreendo muito bem que alguém se sinta tentado a refugiar-se num mundo seguro e imaginário. O que me preocupa mais é a aparente satisfação da Vivien perante o castigo. Ou talvez satisfação não seja a palavra mais indicada, porque não se trata de facto disso, mais resignação, quase alívio, de cada vez que é repreendida. Testemunhei um pequeno incidente um destes dias em que ela foi injustamente acusada de tirar o chapéu de uma senhora de idade do convés da proa. Ela estava inocente do delito, algo que eu tinha a certeza, pois vira a maldita cloche levantar com a brisa e voar borda fora. Todavia, eu vi — e fiquei tão surpresa que por momentos não soube como reagir — a Vivien a prontificar-se para ser castigada, recebendo uma forte reprimenda; quando a mulher ameaçou bater-lhe com

um cinto, a menina parecia disposta a acatar. A expressão dos olhos dela à medida que era repreendida era quase de alívio. Nessa altura, porém, eu enchi-me de brio e intervim, a fim de parar com o tamanho atropelo da justiça, informando-os, com a maior frieza, de que sabia do verdadeiro destino do chapéu e pondo a Vivien a salvo. Todavia, a expressão que eu vira nos olhos da menina continuou a perturbar-me durante muito tempo. Por que motivo, interrogava-me eu, haveria uma criança de aceitar um castigo de boa vontade, sobretudo por um delito que não cometera?

Umás páginas mais adiante, Laurel leu o seguinte:

Creio ter encontrado a resposta para uma das minhas dúvidas mais prementes. Por vezes, tenho ouvido a Vivien gritar durante o sono; os episódios são em geral breves, acabando mal a menina se vira para o outro lado, contudo, numa noite destas, a situação atingiu um ponto crítico, e eu levantei-me da cama para a ir consolar. Falava muito depressa enquanto se agarrava aos meus braços — nunca a tinha visto tão efusiva — e, pelo que dizia, consegui perceber que está convencida de que a culpa da morte da família lhe cabe em certa medida a ela própria. Uma ideia ridícula, quando avaliada à luz dos critérios da percepção adulta, pois, ao que sei, eles morreram num acidente de automóvel num momento em que ela se encontrava a muitos quilómetros de distância, mas a infância não é um lugar de lógica e critérios, e (não posso deixar de pensar que a tia da menina terá tido um papel nisto) a ideia acabou por se consolidar.

Laurel desviou o olhar do diário de Katy Ellis. Ouviu Ben a fazer uns ruídos como quem se preparava para fechar a loja e lançou uma olhadela, consternada, ao relógio. Faltavam dez para a uma — bolas!; fora avisada de que biblioteca fechava uma hora para almoço. Laurel não perdia nenhuma referência a Vivien, sentindo

que estava a chegar algures, mas não teria tempo para ler tudo. Leu por alto o resto da viagem marítima até chegar finalmente a uma entrada — em que a caligrafia parecia mais trémula do que as anteriores — escrita, apercebeu-se Laurel, quando Katy Ellis seguia no comboio para York, o local onde iria trabalhar como preceptora.

O revisor vem já aí, por isso vou tomar nota depressa antes que me esqueça do estranho comportamento da menina a meu cargo, quando ontem desembarcámos em Londres. Mal descemos da prancha de embarque, e eu estava a olhar de um lado para o outro a tentar decidir aonde nos deveríamos dirigir de seguida, quando ela se lembrou de se pôr de gatas — sem querer saber do vestido que eu tivera o cuidado de lhe limpar com uma esponja húmida e arranjar, para ela estar apresentável quando fosse conhecer o tio — e encostou o ouvido ao chão. Não sou pessoa para me envergonhar com facilidade e, por conseguinte, não foi esta emoção ridícula que me fez dar um grito quando a vi assim, mas antes o receio de que a criança fosse atropelada pelos pés da multidão ou pelos cascos de algum cavalo que se empinasse.

Não fui capaz de me conter, gritei-lhe em pânico:

— Mas o que é que está a fazer? Levante-se!

Ao que (o que não deveria ser motivo de surpresa) não obtive resposta.

— O que está a menina aí a fazer? — insisti.

Ela abanou a cabeça e disse rapidamente:

— Não consigo ouvir nada.

— Ouvir o quê? — indaguei eu.

— O barulho das rodas a girar.

Foi então que me lembrei de que ela me tinha falado a respeito de uma sala das máquinas no centro da Terra, o túnel que a poderia conduzir de regresso a casa.

— Já não consigo ouvi-las.

Começava a aperceber-se, claramente, do carácter definitivo da situação em que se encontrava, pois, tal como eu, haveria de estar muitos anos sem ver a sua terra natal, se é que algum dia a voltaria a ver, e, seguramente, não a versão para a qual tanto ansiava regressar. Apesar de ter o coração desfeito com pena daquela criança teimosa, não lhe ofereci palavras inúteis de encorajamento, pois é seguramente muito melhor para ela conseguir com o tempo libertar-se das suas fantasias. Aliás, parecia-me que não havia nada a fazer ou dizer, excepto pegar-lhe delicadamente na mão e levá-la para o local de encontro que a tia combinara com o tio inglês, e que eu entretanto localizara. Todavia, as palavras da Vivien deixaram-me apreensiva, porque eu podia imaginar a perturbação que lhe deveria ir no íntimo e, como se não bastasse, sabia que se aproximava o momento de eu me despedir dela e a deixar seguir o seu caminho.

Talvez me sentisse agora mais tranquila se tivesse sentido maior cordialidade da parte do tio. Infelizmente, não senti. O seu novo tutor é director da Escola Nordstrom, no Oxfordshire, e talvez tenha sido o orgulho profissional (masculino?) a erguer uma barreira entre nós, pois pareceu-me empenhado em ignorar a minha presença, demorando-se apenas para lançar uma vista de olhos à criança antes de lhe dizer para ir com ele, que não tinham tempo a perder.

Não, não me pareceu o género de pessoa capaz de receber em sua casa com o afecto e compreensão de que uma menina tão sensível como esta e com uma história recente tão trágica irá necessitar.

Escrevi à tia australiana a fim de a pôr ao corrente das minhas apreensões, mas não alimento grandes esperanças de que ela acorra em auxílio da sobrinha e exija o seu regresso imediato. Prometi escrever com regularidade à Vivien para o Oxfordshire e tenciono fazê-lo. Não fosse o meu novo emprego ficar tão longe e de bom grado acolheria a criança debaixo da minha asa

protectora. Contra a minha vontade e contra as teorias mais abalizadas da profissão que escolhi — observar, mas não absorver —, ganhei-lhe um profundo afecto. Espero sinceramente que o tempo e as circunstâncias — quem sabe o desenvolvimento de uma bela amizade ali próximo? — conpirem para sarar a profunda ferida que os recentes desgostos rasgaram no íntimo da criança. Talvez seja a força das emoções que me leva a exagerar e a pensar demasiado no futuro, a tornar-me vítima das minhas piores fantasias, mas não consigo deixar de temer por ela. A Vivien corre o risco de desaparecer na segurança das entranhas do mundo de sonho que criou e, assim, à medida que se for aproximando da idade adulta, tornar-se uma presa fácil para gente interessada em tirar proveito dos maus-tratos que ela sofreu. Interrogo-me (dada a minha predisposição para desconfiar dele, talvez) qual terá sido a motivação do tio para aceitar a tutela da criança. Dever? É possível. Afecto às crianças? Dificilmente. Com a beleza que ela irá seguramente alcançar e a enorme fortuna que sei que irá herdar ao atingir a maioridade, receio que estes atributos possam despertar a cobiça alheia.

Laurel recostou-se na cadeira e fitou abstraída a muralha medieval do lado de fora da janela. Entreteve-se a roer a unha do polegar enquanto aquelas palavras insistiam em rondar-lhe o pensamento: «Receio que estes atributos possam despertar a cobiça alheia.» Vivien Jenkins tinha uma herança. Isso vinha alterar tudo. Era uma mulher rica com o tipo de personalidade, ou pelo menos era esse o receio da sua confidente, que fazia dela a vítima perfeita para quem se pudesse querer aproveitar disso.

Laurel tirou os óculos, fechando os olhos para esfregar as marcas doridas que estes lhe provocaram na cana do nariz. Dinheiro. Era uma das motivações mais antigas, não era? Suspirou. Era tão ignóbil, tão previsível, mas só podia ser isso. A mãe não lhe parecia

de modo algum o tipo de pessoa capaz de desejar mais do que o que tinha, muito menos de fazer maquinações para o tirar a alguém, mas isso era agora. Havia décadas a separar a Dorothy Nicolson que Laurel conhecia da jovem ambiciosa que em tempos fora; uma jovem de dezanove anos que perdera a família no bombardeamento aéreo de Coventry e se vira obrigada a lutar pela vida na Londres dos tempos da guerra.

Os remorsos de que a mãe dava agora mostras, aquela sua conversa de erros e segundas oportunidades e perdão, encaixava-se na teoria. E o que era que ela costumava dizer à Iris — ninguém gosta de uma menina que está sempre à espera de receber mais do que os outros? Poderia esta ter sido uma lição que a sua própria experiência lhe ensinara? Quanto mais Laurel pensava no assunto, mais inevitável a conclusão lhe parecia. A mãe precisava de dinheiro e tentara tirá-lo a Vivien Jenkins, mas as coisas não lhe poderiam ter corrido pior. Perguntou-se uma vez mais se Jimmy teria estado envolvido, se fora o fracasso do plano o motivo da ruptura entre ambos. E perguntou-se ainda que papel desempenhara o plano na morte de Vivien. Henry considerava Dorothy responsável pela morte da esposa: ela poderia ter fugido para uma vida de penitência, mas o marido desgostoso de Vivien recusara-se a abandonar a busca e acabara por descobrir o seu paradeiro. Laurel vira o resultado disso com os seus próprios olhos.

Ben estava agora atrás dela, a pigarrear discretamente, à medida que o ponteiro dos minutos do relógio de parede passava da hora certa. Laurel fingiu que não o ouvia, interrogando-se o que teria corrido mal no plano da mãe. Teria Vivien dado pelo que se estava a passar e posto um ponto final à situação, ou teria sido outra coisa, alguma coisa pior que fizera tudo ir por água abaixo? Inspeccionou a pilha de diários, procurando as lombadas relativas ao ano de 1941.

— Por mim, eu deixava-a ficar aqui — disse-lhe Ben —, só que a chefe do arquivo seria bem capaz de me esfolar vivo. — Engoliu em

seco. — Ou pior.

Ora bolas! Raios a partissem! Já não lhe bastava ter um peso no coração, o estômago às voltas, para ainda agora ter de esperar pacientemente durante cinquenta e sete minutos enquanto o livro, susceptível de conter as respostas que procurava, apodrecia numa sala fechada à chave.

Capítulo 25

Londres, Abril de 1941

Jimmy manteve o pé entalado na porta do sótão do hospital, a espreitar Vivien através da fresta. Estava desorientado. Aquilo não era a cena idílica de um encontro extraconjugal que ele esperava. Havia crianças por todo o lado, umas a brincar com *puzzles* no chão, outras a fazer a roda ou o pino. Estava no antigo quarto das crianças, apercebeu-se Jimmy; aqueles meninos seriam presumivelmente os doentes órfãos do Dr. Tomalin. Através de uma sorte de consciencialização tácita, a atenção colectiva foi atraída para Vivien, e todos os olhares se concentraram nela. Jimmy viu-os a correr em peso para ela, os braços abertos como aeroplanos. E ela também se mostrava radiante, um grande sorriso estampado no rosto enquanto se ajoelhava e estendia os braços para acolher o maior número possível de crianças.

Começaram então a falar todos ao mesmo tempo, de forma precipitada e com uma certa agitação, acerca de voar e navios e cordas e fadas, e Jimmy compreendeu que estava a testemunhar uma conversa com raízes num momento anterior. Vivien, porém, parecia perceber a que se referiam e assentia com a cabeça pensativamente e não com aquela atitude fingida que os adultos assumem quando interagem com as crianças — ela ouvia-os e ponderava o que diziam, e o seu sobrolho levemente franzido era um sinal claro de que estava à procura de soluções. Não parecia a mesma pessoa que falara com ele na rua; mais descontraída, não

tão na defensiva. Depois de cada um ter dito de sua justiça e as crianças terem sossegado (como às vezes também acontece, todas de uma só vez), ela ergueu as mãos e disse:

— E se começássemos já e fôssemos resolvendo cada problema à medida que for surgindo?

As crianças concordaram ou, pelo menos, foi isso que Jimmy presumiu, pois, sem um único queixume, tornaram a dispersar, muito dinâmicas à medida que arrastavam cadeiras e outros objectos aparentemente aleatórios: cobertores, vassouras, bonecas com vendas nos olhos, para a zona desimpedida no centro do quarto e começavam a reuni-los numa espécie de estrutura construída com todo o cuidado. Foi então que percebeu do que se tratava, contendo uma gargalhada de prazer inesperado. Estava a ser construído um navio diante dos seus próprios olhos: lá estavam a proa e o mastro e uma prancha, com uma das extremidades apoiada num escabelo, a outra, num banco corrido de madeira. Jimmy viu então uma bandeira a ser hasteada, um lençol de cama dobrado em triângulo, com finas cordas a segurar os cantos com firmeza e orgulho.

Vivien sentara-se entretanto num caixote virado de pernas para o ar e desencantara um livro algures; da carteira, calculava Jimmy. Abriu-o, fez deslizar os dedos pelas margens internas, vincando-lhe a lombada, e em seguida disse:

— Vamos começar com o Capitão Gancho e os Meninos Perdidos... Então, e agora, onde é que está a Wendy?

— Estou aqui — anunciou uma menina dos seus onze anos, com um braço ao peito.

— Muito bem — disse Vivien. — Mantém-te atenta para quando for a tua vez de entrares em cena. Já não falta muito.

Um rapaz com um papagaio feito à mão empoleirado no ombro e um gancho feito de cartolina brilhante na mão dirigiu-se então a Vivien com uma atitude brincalhona que lhe deu vontade de rir.

Estavam a ensaiar uma peça de teatro, constatou Jimmy: *Peter*

Pan. A mãe levava-o a vê-la uma vez, quando era pequeno. Tinham feito a viagem até Londres e depois tomado chá no Liberty's, um chá todo chique, durante o qual Jimmy ficara sentado sem abrir a boca, sentindo-se deslocado, deitando olhadelas à expressão melancólica da mãe enquanto esta espreitava por cima do ombro para o cabide dos casacos. Mais tarde, os pais tinham tido uma discussão por causa de dinheiro (e por que outro motivo poderia ser?), e Jimmy, no seu quarto, ouvira qualquer coisa cair ao chão e partir-se. Fechara os olhos e recordara-se da peça, do seu momento preferido, quando Peter abria os braços de par em par e se dirigia a todos que, na assistência, pudessem estar a sonhar com a Terra do Nunca: «Vocês acreditam em fadas, meninos e meninas?», gritava ele. «Se acreditam, batam palmas; não deixem a Sininho morrer.» E Jimmy sentira-se impelido a levantar-se da cadeira, as pernas a tremer-lhe, todo esperançoso, enquanto juntava as mãos e gritava em resposta: «Sim!», com toda a confiança enfática de que, ao fazê-lo, estava a devolver a vida a Sininho e a salvar o que de mais mágico havia no mundo.

— Nathan, tens a lanterna?

Jimmy pestanejou ao dar por ele de volta ao presente.

— Nathan? — insistiu Vivien. — Estamos a precisar da lanterna.

— Já está acesa — disse um rapazinho de cabelo ruivo encaracolado e com um aparelho ortopédico num dos pés. Estava sentado no chão, a apontar a lanterna à vela.

— Ah, sim — disse Vivien. — Tens razão. Bom, então... está bem.

— Mas nós mal a vemos — disse outro rapaz que estava de pé, assentando as mãos nas ancas. Estava ocupado a içar a vela, semicerrando os olhos a tentar descortinar a luz mortiça.

— De pouco ou nada vale se não conseguirmos ver a Sininho — declarou o rapaz que fazia de Capitão Gancho. — Assim, não vai dar resultado.

— Ai isso é que vai — retorquiu Vivien com determinação. — Claro que vai. O poder da sugestão é uma coisa tremenda. Se todos

dissermos que conseguimos ver a fada, a assistência também conseguirá.

— Mas nós não a conseguimos ver.

— Bom, pois não, mas se *dissermos* que conseguimos...

— Está a dizer-nos para mentirmos?

Vivien olhou de relance para o tecto, à procura de palavras com que se explicar, e as crianças começaram a implicar umas com as outras.

— Desculpem — disse Jimmy, ainda à porta. Ninguém parecia ouvi-lo e, por isso, repetiu, desta vez mais alto. — Desculpem!

Todos se viraram para ele. Vivien susteve a respiração quando o viu e em seguida franziu o sobrolho. Jimmy reconhecia que lhe dava um certo gozo fazê-la zangar-se, em mostrar-lhe que nem sempre podia levar a sua avante.

— Tenho estado aqui a pensar... — disse ele. — E se usassem uma luz de fotógrafo? É parecida com uma lanterna, mas mais forte.

As crianças, sendo crianças, não reagiram com qualquer espécie de desconfiança, ou mesmo surpresa, por um desconhecido se ter vindo juntar a elas no quarto do sótão e ter metido a sua colherada numa conversa tão específica como aquela. Ao invés, fez-se silêncio à medida que todos ponderavam a sugestão, leves ruídos sussurrados enquanto a discutiam e depois:

— Sim! — gritou um dos rapazes, levantando-se repentinamente todo entusiasmado.

— Perfeito! — adiantou outro.

— Mas nós não temos nenhuma — obstou o rapaz melancólico de óculos.

— Eu podia arranjar-vos uma — propôs Jimmy. — Trabalho num jornal; temos um estúdio cheio de luzes.

Mais palrice e aplausos entusiásticos por parte das crianças.

— Mas como é que fazemos para que se pareça com uma fada, a voar, e tudo o mais? — inquiriu o mesmo rapaz taciturno, a sua voz esganiçada fazendo-se ouvir acima dos outros.

Jimmy saiu da soleira e entrou no quarto. Todas as crianças tinham agora a atenção concentrada nele; Vivien fitava-o com ar furibundo, o exemplar de *Peter Pan* fechado no colo. Jimmy ignorou-a.

— Acho que terão de a projectar a partir de um sítio alto. Sim, acho que isso daria resultado e, se tivessem o cuidado de a fazer incidir sempre sobre o palco, o foco seria mais estreito e não daria uma luminosidade ampla, geral, e talvez se arranjassem uma espécie de funil...

— Mas nenhum de nós tem altura que chegue para a manejar. — Outra vez o miúdo dos óculos. — De lá de cima, não. — Órfão ou não, Jimmy começava a ganhar-lhe uma certa antipatia.

Vivien vinha a assistir à conversa com uma expressão firme no rosto, insistindo para que Jimmy, percebia este, se lembrasse do que ela lhe dissera (deixar a sugestão cair no esquecimento e ir-se embora), mas ele era simplesmente incapaz de fazer isso. Já estava a imaginar como a luz iria brilhar e tinha uma infinidade de ideias para que resultasse como devia ser. Se pusessem um escadote ao fundo ou, então, se a atassem a uma vassoura... pondo-lhe um reforço qualquer... e a segurassem como se fosse uma cana de pesca, ou então...

— Eu faço isso! — declarou ele de repente. — Eu manejo a luz.

— Não! — insurgiu-se Vivien, pondo-se de pé.

— Sim! — gritaram as crianças.

— Você não pode fazer isso. — Lançou-lhe um olhar duro como pedra. — Você *não* vai fazer isso!

— Pode, sim! E vai! *Tem* de ser ele! — gritaram as crianças em conjunto.

Foi então que Jimmy reparou em Nella, sentada no chão; ela acenou-lhe e em seguida deitou uma olhadela aos companheiros, um brilho de indisfarçável orgulho e sentido de posse no olhar. Como poderia ele dizer que não? Jimmy exibiu as palmas das mãos a Vivien num gesto de desculpa não inteiramente sincero e depois

rasgou um sorriso às crianças.

— Então, fica resolvido — disse ele. — Podem contar comigo. Acabam de descobrir uma nova Sininho.

*

Mais tarde, custar-lhe-ia a acreditar que aquilo acontecera, no entanto, quando Jimmy se oferecera para fazer de Sininho na peça do hospital, não pensara, nem por sombras, no encontro que ficara de marcar com Vivien Jenkins. Deixara-se simplesmente arrastar pela sua visão grandiosa de como poderiam representar a fada com a sua luz de fotógrafo. Dolly também não se importou.

— Oh, Jimmy, és tão esperto — disse ela, puxando uma fumaça entusiástica do cigarro. — Eu sabia que tu acabarias por ter alguma ideia.

Jimmy aceitou o elogio e deixou-a acreditar que fazia tudo parte do seu plano. Ela andava feliz ultimamente e era um enorme alívio para ele ter a sua velha Doll de volta.

— Tenho andado a pensar na beira-mar — confessara-lhe ela umas noites antes, quando o deixara entrar furtivamente pela janela da despensa da Sr.^a White, e estavam os dois deitados na cama estreita dela, com o lavatório à frente. — Não estás já imaginar-nos, Jimmy? A envelhecermos juntos, os nossos filhos à nossa volta, um dia, os netos a visitar-nos nos seus automóveis voadores. Podíamos arranjar um daqueles baloiços para dois... Que tens a dizer a isto, meu belo rapaz?

Jimmy disse que sim, por favor. E, em seguida, tornou a beijá-la no pescoço à mostra, pondo-a a rir, e agradeceu a Deus pela intimidade e o afecto de que agora desfrutavam. Sim, ele desejava o que ela lhe descrevera; desejava tanto que chegava a doer-lhe. Se lhe agradava pensar que ele e Vivien estavam a trabalhar juntos e a travar amizade, então era uma fantasia em que Jimmy não se importava nada de alinhar.

A realidade, como ele bem sabia, era bastante diferente. Ao longo das semanas seguintes, Jimmy apresentou-se a todos os ensaios marcados que pôde e a hostilidade de Vivien nunca deixou de o surpreender. Mal podia acreditar que se tratava da mesma pessoa que conhecera na cantina naquela noite, que reparara na sua fotografia de Nella e lhe falara do seu trabalho no hospital; agora, era como se fosse demasiado importante para trocar mais de meia dúzia de palavras com ele. Jimmy tinha a certeza absoluta de que, pudesse ela, e tê-lo-ia ignorado completamente. Já fora a contar com uma certa frieza — Dolly preparara-o de antemão para a crueldade de que Vivien Jenkins era capaz quando implicava com alguém; o que o apanhou de surpresa foi o facto de o seu ódio ser tão pessoal. Mal se conheciam e, além disso, ela não tinha maneira de saber do seu namoro com Dolly.

Um dia, estavam os dois a rir-se de qualquer coisa engraçada que uma das crianças fizera e Jimmy mirou-a de relance, como um adulto poderia mirar outro, sem outra intenção que partilhar o momento. Vivien pressentiu o olhar dele e encarou-o, todavia, logo que o viu a sorrir, deixou a sua expressão de felicidade esmorecer. Sob um dado aspecto, convinha-lhe que ela lhe tivesse aversão — a ideia de chantagem não caía bem a Jimmy, mas sentia-se mais à vontade e mais justificado no que se referia ao plano quando Vivien o tratava como se não existisse; não obstante, sem ganhar a confiança dela, já para não falar no afecto, não iria conseguir que o plano desse resultado.

Assim, Jimmy continuou a insistir. Forçou-se a pôr de lado o ressentimento que sentia perante a hostilidade de Vivien, a sua deslealdade para com Doll, a forma como ela se livrara da sua namorada tão cheia de vida e a deixara tão em baixo, e concentrou-se, ao invés, na maneira como ela tratava os órfãos do hospital; como ela criava um mundo em que eles podiam desaparecer ao transpor a porta do sótão, deixando os problemas para trás, lá em baixo, nos dormitórios e enfermarias do hospital. O modo como eles

a contemplavam, presos de fascínio, quando o ensaio chegava ao fim e ela lhes entretencia histórias acerca de túneis que conduziam ao centro da Terra e regatos escuros e mágicos sem fundo e luzinhas debaixo de água que incentivavam as crianças a aproximarem-se só mais um bocadinho...

E, finalmente, à medida que os ensaios prosseguiam, Jimmy começou a suspeitar de que a antipatia de Vivien Jenkins por ele se começava a desvanecer; que ela já não lhe tinha tanta aversão como a princípio. Continuava a evitar dirigir-lhe a palavra, reconhecendo as suas contribuições com meros acenos de cabeça; todavia, por vezes Jimmy apanhava-a a olhar para ele quando o julgava distraído, e parecia-lhe que a expressão dela era não tanto zangada, mas sobretudo pensativa, curiosa até. Talvez tivesse sido isso que o levou a cometer um erro. Começara a aperceber-se de... bom, não propriamente de cordialidade, mas pelo menos de um crescente degelo entre ambos, e, certo dia, em meados de Abril, quando as crianças tinham saído de corrida para o almoço e ele e Vivien tinham ficado a arrumar o navio, Jimmy perguntou-lhe se tinha filhos.

Deveria ter sido o início de uma conversa amena, mas Vivien ficou petrificada dos pés à cabeça, e Jimmy percebeu de imediato que, mesmo sem saber como, cometera um erro e que era tarde de mais para voltar atrás.

— Não. — A palavra, quando saiu, foi tão aguçada como uma pedra no sapato. Vivien clareou a voz. — Eu não posso ter filhos.

Jimmy só queria um túnel muito fundo até ao centro da Terra por onde pudesse cair e cair e cair... Tartamudeou um «peço desculpa», que arrancou um ligeiro aceno de cabeça a Vivien, e depois acabou de dobrar a vela e saiu do quarto, deixando a porta fechar-se nas suas costas à laia de repreensão.

Ele sentira-se como um palerma insensível. Não que se tivesse esquecido do motivo por que ali estava — o tipo de pessoa que ela era, o que fizera a Doll —, apenas que, bom, Jimmy não gostava de

magoar ninguém. Uma vez que lhe bastava lembrar-se de como ela se retesara quando lhe fizera aquela pergunta para se retrair também. Estava constantemente a dar voltas ao assunto, repreendendo-se por tamanha falta de tacto. Nessa noite, quando andava na rua a fotografar os últimos estragos causados pelos bombardeamentos, de máquina fotográfica apontada às mais recentes almas a ingressar nas fileiras dos desalojados e enlutados, metade do seu cérebro mantinha-se ocupado a tentar arranjar maneira de a compensar.

*

No dia seguinte, Jimmy chegou cedo ao hospital e esperou que Vivien atravessasse a rua, a fumar ansiosamente. Ter-se-ia sentado nos degraus da porta, mas a sua intuição dizia-lhe que, se o visse ali, ela daria meia-volta e seguiria por outro caminho.

Quando Vivien apareceu a descer apressadamente a rua, ele deitou o cigarro fora e foi ao encontro dela. Entregou-lhe uma fotografia.

— O que é isto? — interrogou-o ela.

— Nada de especial — respondeu-lhe ele, à medida que ela a virava entre as mãos. — Tirei-a a pensar em si... ontem à noite. Fez-me lembrar a sua história, sabe, o regato com as luzes lá muito no fundo e as pessoas... a família do outro lado do véu.

Vivien contemplou a fotografia.

Jimmy tirara-a ao romper do dia; a luz do Sol incidia nos vidros das ruínas, fazendo-os reluzir e cintilar, por detrás da coluna de fumo, distinguíam-se os vultos disformes da família que acabara de sair do abrigo Anderson que lhes salvara a vida. Jimmy não fora dormir depois de a tirar, seguira directamente para a redacção do jornal a fim de a revelar para ela.

Vivien não disse uma única palavra e a expressão dela levou-o a pensar que talvez estivesse prestes a chorar.

— Sinto-me muito culpado — confessou-lhe ele. — Por causa do que lhe disse ontem. Transtornei-a. Peço desculpa.

— Não podia adivinhar. — Guardou a fotografia com todo o cuidado dentro da carteira.

— Mesmo assim...

— Não podia adivinhar. — E então esboçou um ténue sorriso ou, pelo menos, foi o que lhe pareceu; era difícil de dizer, porque ela se apressou a virar-se para a porta e a entrar no hospital.

Nesse dia, o ensaio passou a correr. As crianças tomaram o quarto do sótão de assalto e encheram-no de luz e barulho, e depois a campainha para o almoço tocou e elas desapareceram tão depressa quanto tinham chegado; uma parte de Jimmy sentira-se tentada a ir atrás delas, a fim de evitar o embaraço de ficar a sós com Vivien, mas sabia que não teria perdoado tamanha fraqueza a si próprio e, por conseguinte, deixou-se ficar a ajudá-la a dismantelar o navio.

Sentiu-a a observá-lo à medida que empilhava as cadeiras, mas não olhou para ela; não sabia o que lhe veria no rosto e não se queria sentir pior do que já sentia. A voz dela, quando falou, soava diferente.

— O que é que estava a fazer na cantina naquela noite, Jimmy Metcalfe?

Ao ouvir isto, Jimmy olhou então de relance para ela; Vivien, entretanto, dirigira a atenção para o cenário que estava a pintar para a peça com palmeiras e areia. Havia uma estranha formalidade no facto de ela empregar o seu nome completo e, por alguma razão que não sabia explicar, provocou-lhe um arrepio não de todo desagradável ao longo da espinha. Não lhe podia falar de Dolly, disso sabia bem, mas também não era mentiroso. Respondeu-lhe:

— Fui encontrar-me com uma pessoa.

Vivien olhou para ele e o mais ténue dos sorrisos aflorou-lhe aos lábios.

Jimmy nunca sabia qual a melhor altura para se calar.

— Tínhamos combinado encontrar-nos noutro sítio — acrescentou ele —, mas eu antecipei-me e fui ter à cantina.

— Porquê?

— Porquê?

— Porque é que não se ateve ao plano original?

— Não sei. Pareceu-me que era o melhor a fazer.

Vivien continuava a perscrutá-lo, a sua expressão sem dar qualquer indício do que lhe ia no pensamento, e em seguida virou-se para a fronde em que estava a trabalhar.

— Fico contente — disse ela, com um certo nervosismo na voz de outro modo límpida. — Fico muito contente por ter decidido fazer isso.

*

Nesse dia, as coisas entre ambos mudaram. Não era tanto o que ela dizia, embora fosse tudo bastante amável, mas antes uma sensação inexplicável que se apoderava de Jimmy sempre que Vivien olhava para ele, um pressentimento de conexão entre os dois que o tornara a invadir quando posteriormente se recordou da conversa. Nada de especialmente significativo, todavia, no seu conjunto, alguma coisa significava. Jimmy percebera isso na altura, tal como percebera mais tarde, quando Dolly lhe pediu o habitual relatório dos progressos do dia, e ele omitiu essa parte. Doll teria ficado satisfeita, ele sabia que sim — veria ali uma prova de que ele estava mais próximo de ganhar a confiança de Vivien —, mas preferiu não lhe dizer nada. A conversa com Vivien era dele; parecia-lhe haver ali um certo progresso, mas não do género que Dolly tivesse apreciado. Não queria partilhá-la; não queria estragá-la.

No dia seguinte, Jimmy chegou ao hospital a passo ligeiro. Contudo, quando abriu a porta e ofereceu uma magnífica laranja madura a Myra (que fazia anos nesse dia), ela informou-o de que

Vivien não estava lá.

— Ela não se sente bem. Telefonou esta manhã a dizer que não se conseguiu levantar da cama. Perguntou se o Jimmy não poderia encarregar-se do ensaio.

— Posso, com certeza — disse Jimmy, questionando-se, subitamente, se a ausência de Vivien estaria de algum modo relacionada com o que se passara entre ambos; se talvez estivesse arrependida de ter baixado a guarda. Olhou para o chão de sobrolho franzido e depois espreitou Myra por entre o cabelo. — Está doente, é isso?

— Não me pareceu nada bem, a pobre querida. Mas não é caso para fazer esse ar tão abatido... Ela há-de ficar boa. Fica sempre. — Myra segurou a laranja ao alto. — Eu guardo metade para ela, está bem? Dou-lha no próximo ensaio.

Só que Vivien também não compareceu ao ensaio seguinte.

— Continua de cama — disse Myra a Jimmy, quando ele vinha a entrar no hospital no fim dessa semana. — E é o melhor que tem a fazer.

— É grave?

— Creio que não. Ela tem pouca sorte, a pobre rapariga, mas não tarda, andará a pé outra vez... Não aguenta ficar muito tempo longe das suas crianças.

— Isto já alguma vez aconteceu?

Myra sorriu, mas o gesto foi contido por algo mais, um elemento de tomada de consciência e de gentil preocupação.

— Toda a gente se sente indisposta de vez em quando, Sr. Metcalfe. A Sr.^a Jenkins tem tido a sua dose de contrariedades, mas não temos todos? — Ela hesitou e, quando retomou a palavra, a sua voz denotava suavidade, mas também firmeza. — Ouça, meu caro Jimmy, eu já percebi que se interessa pelo bem-estar da Sr.^a Jenkins, e isso é muito simpático da sua parte. Deus sabe que ela é um anjo, por tudo o que ela faz pelas crianças. Mas estou certa de que não será nada de cuidado e que o marido será perfeitamente

capaz de tratar dela. — Sorriu uma vez mais, de uma forma maternal. — Agora veja se a esquece, estamos entendidos?

Jimmy prometeu que sim e encaminhou-se escada acima. Todavia, o conselho de Myra deu-lhe que pensar. Vivien estava doente, por conseguinte, era natural que pensasse nela — porque estaria Myra tão empenhada em que Jimmy a esquecesse? E o tom em que dissera «o marido dela» também lhe parecera mordaz. Era o género de coisa que poderia ter dito a alguém como o Dr. Tomalin, um indivíduo que cobiçava a mulher do próximo.

*

Jimmy não tinha um exemplar da peça, mas dirigiu o ensaio o melhor que pôde. Os miúdos portaram-se bem com ele, debitando fluentemente os respectivos papéis, raras vezes discutindo, e estava tudo a correr bem. Já se começava mesmo a sentir bastante satisfeito consigo próprio, até que acabaram de arrumar o cenário e se reuniram no chão em volta do caixote virado ao contrário em que ele estava sentado a pedir-lhe que lhes contasse uma história. Jimmy disse-lhes que não sabia nenhuma e, quando se recusaram a acreditar nele, fez uma tentativa falhada de lhes contar uma de Vivien, até que se lembrou — mesmo a tempo de evitar uma revolta — do *Estrela Rouxinol*. As crianças ouviram-no de olhos arregalados e Jimmy apercebeu-se, como nunca até aí, do quanto tinha em comum com os doentes do hospital do Dr. Tomalin.

Com tanta actividade, acabou por se esquecer dos comentários de Myra, e só depois de se despedir das crianças, quando já ia a descer a escada, é que Jimmy se pôs a matutar qual a melhor maneira de a convencer de que estava a imaginar coisas. Quando chegou ao átrio, colocou-se diante da secretária dela. Contudo, antes de ter tempo de lhe dirigir uma palavra, tranquilizadora ou o que fosse, Myra disse-lhe:

— Ah, já aqui está, Jimmy. O Dr. Tomalin deseja cumprimentá-lo.

— No mesmo tom de reverência de que poderia ter feito uso se o rei em pessoa tivesse decidido passar lá a tarde e expressado o desejo de o conhecer. Chegou-se a ele para lhe tirar um fiapo da gola.

Jimmy aguardou, consciente do amargor crescente na garganta, a mesma sensação que costumava ter em miúdo sempre que se imaginava a enfrentar o homem que lhes roubara a mãe. Os minutos pareceram-lhe intermináveis até que por fim a porta junto à secretária se abriu e um cavalheiro de ar solene saiu por ela. O antagonismo de Jimmy dissipou-se, deixando-o extremamente confuso. O outro homem tinha cabelo branco, cuidadosamente aparado, e uns óculos de lentes tão grossas que os olhos azul-claros pareciam pires por detrás delas; não teria menos de oitenta anos.

— Então, você é que é o Jimmy Metcalfe — declarou o médico, enquanto se aproximava para lhe apertar a mão. — Espero que esteja a dar-se bem no nosso hospital.

— Sim, obrigado, meu senhor. Muito bem. — Jimmy sentia-se atrapalhado, a tentar dar um sentido a tudo aquilo. A idade do indivíduo não o impedia de ter um caso amoroso com Vivien Jenkins, não inteiramente, mas, ainda assim...

— Com rédea curta, imagino eu — prosseguiu o médico —, entre a Myra e a Sr.^a Jenkins. Neta de um velho amigo meu, sabe, a jovem Vivien.

— Não sabia.

— Não? Bom, agora já sabe.

Jimmy assentiu com a cabeça e forçou um sorriso.

— Bom, adiante. Está a fazer um trabalho fantástico com as crianças. Muito gentil da sua parte. Fico-lhe muito grato. — E, dito isto, despediu-se dele com um aceno de cabeça rígido e regressou ao seu gabinete, a coxear ligeiramente da perna esquerda.

— O doutor gosta de si — observou Myra, arregalando os olhos à medida que ele fechava a porta.

Jimmy sentia a cabeça às voltas do esforço de tentar destrinçar

as certezas das suspeitas.

— A sério?

— Ah, sem dúvida.

— Como é que sabe?

— Reconheceu a sua existência. Não tem tempo para a maioria dos adultos. Prefere as crianças, sempre preferiu.

— Há muito tempo que o conhece?

— Há trinta anos que trabalho para ele. — Enfunou-se de orgulho, ajeitando a cruz de modo a ficar direita no decote em V da blusa. — Uma coisa lhe digo — acrescentou ela, mirando Jimmy por cima dos óculos de meia-lua —, o doutor não tolera a presença de muitos adultos neste hospital. Você é o único que até hoje o vi esforçar-se por aceitar.

— Excepto a Vivien, claro. — Jimmy estava a investigar. Myra seria seguramente capaz de o esclarecer. — A Sr.^a Jenkins, quero eu dizer.

— Ah, sim — Myra fez rodopiar uma mão —, claro. Mas também, ele conhece-a desde criança... Não tem nada que ver uma coisa com a outra. É como se fosse avô dela. Na verdade, seria capaz de apostar que você lhe tem a agradecer a ela por ele ainda agora ter vindo falar consigo. Ela deve ter intercedido por si. — Myra conteve-se então. — Seja como for, o doutor gosta de si. É maravilhoso. Bom... Não tem fotografias para tirar para o meu jornal de amanhã de manhã?

Jimmy fingiu que lhe fazia continência, arrancando-lhe um sorriso, e foi à sua vida.

Foi todo o caminho para casa a sentir a cabeça às voltas.

Dolly estava enganada: por muitas certezas que aparentasse, enganara-se redondamente. Não havia nenhum caso amoroso entre Vivien e o Dr. Tomalin; o velho senhor era «como se fosse avô dela». E ela — Jimmy abanou a cabeça, horrorizado com as coisas que pensara, o mau juízo que fizera dela — não era adúltera nenhuma, era apenas uma mulher, uma *boa* mulher, a propósito,

que dispensava o seu tempo para proporcionar uns momentos de felicidade a um grupo de órfãos que tinham ficado sem nada.

Era estranho, talvez, quando tudo em que ele acreditara piamente tivesse acabado por se revelar mentira, mas Jimmy sentia uma estranha exuberância. Mal podia esperar por contar a Doll; agora já não precisavam de levar o plano em diante; Vivien não tinha culpa de nada.

— Só de ser desagradável para mim — ripostou Dolly quando ele lhe fez saber isto mesmo. — Mas parece-me que, agora que são tão bons amigos, isso já não te interessa para nada.

— Pára com isso, Doll — disse-lhe Jimmy. — Não é nada disso que julgas. Olha... — Estendeu os braços por cima da mesa para lhe pegar nas mãos, adoptando um tom ligeiro e amável que sugeria que tudo aquilo tivera a sua piada, mas que chegara a altura de arrumar o assunto. — Eu sei que ela te tratou mal e não me agrada nada que tenha feito isso. Mas este plano... não vai dar resultado. Ela não tem culpa de nada... Se lhe enviasses a carta, haveria de se faltar de rir. O mais provável seria mostrá-la ao marido e ele também se haveria de rir.

— Ai isso é que não vai! — Dolly afastou as mãos e cruzou os braços. Era teimosa, ou talvez estivesse simplesmente desesperada, por vezes, era difícil fazer a destrinça. — Nenhuma mulher quer que o marido suspeite sequer de que anda a ter um caso com outro homem. Ela dar-nos-ia o dinheiro de qualquer modo.

Jimmy tirou um cigarro do maço e acendeu-o, perscrutando Doll por detrás da chama. Em tempos que já lá iam, teria feito o possível por convencê-la. A adoração que sentia por ela cegava-o para os seus defeitos. Agora, porém, já não era a mesma coisa. Havia uma fissura que trespassava o coração de Jimmy, uma fina linha que surgira na noite em que Dolly lhe dissera que não se queria casar com ele e depois o deixara ajoelhado no restaurante. A ruptura fora sanada desde então e mantinha-se quase sempre invisível; contudo, tal como a jarra que a mãe deitara ao chão no dia em que tinham

ido ao Liberty's e que o pai tornara a colar, as falhas haveriam sempre de se notar a uma certa luz. Jimmy amava Dolly, isso nunca haveria de mudar — para Jimmy, a lealdade era tão natural como respirar —, porém, ao olhar para ela à sua frente, pensou que nesse momento não gostava lá muito dela.

*

Vivien regressou. Estivera menos de uma semana fora e, quando Jimmy voltou ao canto do sótão, abriu a porta e a viu rodeada por uma horda de crianças palradoras, algo completamente inesperado aconteceu. Ficou contente por vê-la. Contente, era pouco; o mundo parecia-lhe um sítio mais bonito do que fora há um instante atrás.

Deixou-se ficar onde estava.

— Vivien Jenkins — disse ele, levando-a a erguer o olhar e a encará-lo.

Ela sorriu-lhe e Jimmy retribuiu-lhe de forma idêntica. E foi então que percebeu que estava metido em sarilhos.

Capítulo 26

Biblioteca do New College, Oxford, 2011

Laurel passou os cinquenta e sete minutos seguintes, todos eles excruciantes, a calcorrear os jardins do New College. Quando as portas finalmente se tornaram a abrir, ela, por um triz, não bateu um recorde da biblioteca, fazendo lembrar a si própria uma consumista nos saldos do Boxing Day^[23] à medida que empurrava outras pessoas com a pressa de chegar ao balcão; Ben mostrou-se seguramente impressionado.

— Que fixe! — exclamou ele, metendo-se em seguida com ela: — Não a deixei cá dentro por engano, pois não?

Laurel assegurou-lhe de que não e apressou-se a folhear o primeiro diário de Katy de 1941, à procura de qualquer coisa que lhe explicasse como fora que o plano da mãe tinha saído gorado. Não havia muitas referências a Vivien nos primeiros meses do ano, para além das ocasionais indicações que Katy lhe escrevera ou recebera uma carta dela, e afirmações discretas do género «parece que está tudo na mesma com a Sr.^a Jenkins», mas depois, a 5 de Abril de 1941, as coisas começaram a animar.

O correio trouxe-me hoje notícias da minha jovem amiga Vivien. Era uma carta longa para o que é habitual nela e eu fiquei imediatamente alerta para o facto de que qualquer coisa no tom dela se alterara. A princípio, fiquei satisfeita, pois parecia que ela tinha recobrado um certo ânimo; e interroguei-me se uma nova

paz não teria finalmente despontado na sua vida. Mas, infelizmente, não, pois a carta não dava notícia de um compromisso renovado para com o lar e a família; pelo contrário, ela descreveu-me com grande extensão e abundância de pormenores o trabalho voluntário a que se dedica no hospital para crianças órfãs do Dr. Tomalin, em Londres, pedindo-me encarecidamente, como sempre, aliás, que destruísse a carta depois de a ler e para me conter de fazer referências ao seu trabalho na minha resposta.

Eu irei com certeza atender o seu pedido, mas tenciono implorar-lhe uma vez mais, nos termos mais veementes de que for capaz, para pôr um fim ao seu envolvimento com aquele local, pelo menos até eu conseguir arranjar uma solução permanente para os problemas dela. Já não basta ela insistir em fazer donativos para cobrir as despesas correntes do hospital? Será possível que não se interesse por acautelar a própria saúde? Ela não me dará ouvidos, bem sei; apesar dos seus vinte anos, a Vivien continua a ser a mesma criança teimosa que conheci no barco, recusando-se a ouvir os meus conselhos quando estes não lhe agradam. Mas irei escrever-lhe, em qualquer dos casos. Jamais me perdoaria se o pior acontecesse e eu não tivesse feito tudo ao meu alcance para a orientar no rumo certo.

Laurel franziu o sobrolho. Que pior? Era óbvio que havia qualquer coisa que lhe escapava — porque diabo teria Katy Ellis, professora e amiga de criaturas traumatizadas em tantos sítios, feito tanta questão de que Vivien abandonasse o seu trabalho voluntário no hospital para órfãos do Dr. Tomalin? A menos que o próprio Dr. Tomalin representasse um perigo. Seria isso? Ou estaria o hospital eventualmente localizado numa área apetecível para os bombardeiros alemães? Laurel ponderou a questão durante alguns momentos até decidir que era impossível saber ao certo qual era o

receio de Katy sem embarcar numa linha tangencial de investigação que ameaçava absorver-lhe o pouco tempo que lhe restava. A questão era intrigante, mas irrelevante, suspeitava ela, para a missão em que estava envolvida, com vista a descobrir mais acerca do plano da mãe. Prosseguiu a leitura:

O motivo da melhoria do ânimo da Vivien foi-me revelado na segunda página da carta. Parece que conheceu uma pessoa, um jovem, e embora faça um esforço enorme para o apresentar nos termos mais descomprometidos ao seu alcance — «Agora conto com a ajuda de outro voluntário no meu projecto com as crianças, um indivíduo que parece saber tanto sobre os seus limites como eu sei a respeito de como transformar luzes em fadas» —, eu conheço bem a minha jovem amiga e suspeito de que a sua despreocupação aparente é um número de circo para me entreter, destinado a esconder algo mais profundo. Exactamente o que esse algo poderá ser, não sei, apenas que nem parece dela dedicar tantas linhas a falar de um indivíduo que conhece há tão pouco tempo. Estou atenta. A minha intuição nunca me enganou e tenciono escrever-lhe de imediato a exortá-la à devida prudência.

E Katy Ellis deveria ter feito precisamente isso, pois a entrada seguinte do seu diário continha uma longa citação de uma carta que Vivien Jenkins lhe enviara, evidentemente em resposta às suas apreensões.

As saudades que eu tenho de si, minha querida Katy — já lá vai quase um ano desde o nosso último encontro; parece que foi há dez. A sua carta deixou-me desejosa de que estivéssemos as duas sentadas à sombra daquela árvore em Nordstrom, aquela à beira do lago onde costumávamos fazer piqueniques quando nos vinha visitar. Ainda se lembra da noite em que saímos à socapa da casa grande e fomos pendurar lanternas de papel nas árvores

do bosque? Dissemos ao meu tio que deviam ter sido os ciganos, e ele passou o dia seguinte a calcorrear os terrenos da escola com uma caçadeira ao ombro e o pobre do cão artrítico atrás — querido e velho Dewey. Um cão de caça tão fiel.

A Katy depois repreendeu-me por andar a pregar partidas, mas, se bem me lembro, foi a própria Katy a descrever em grande pormenor à mesa do pequeno-almoço os barulhos «terríveis» que tinha ouvido durante a noite, quando o «povo cigano» devia estar a fazer a sua «descida» aos terrenos consagrados de Nordstrom. Oh, não foi fantástico, nadar à luz da Lua gorda e prateada? Eu adoro nadar — é como se nos deixássemos cair da borda do mundo, não é? Creio que nunca deixei de acreditar que poderia descobrir o buraco no leito do regato que me levará de volta a casa.

Ah, Katy — pergunto-me que idade terei de atingir para a Katy deixar de se preocupar comigo. Que fardo não deve ser. Acha que, quando eu for velha, a fazer tilintar as minhas agulhas de tricô, a baloiçar na minha cadeira, ainda vai continuar a chamar-me a atenção para manter as saias limpas e o nariz assoado? Que bem que tratou de mim ao longo dos anos, e como eu por vezes lhe dificultei a tarefa, e como sou afortunada por a ter tido a si à minha espera naquele dia terrível na estação dos caminhos-de-ferro!

É tão sensata como sempre nos seus conselhos e, por favor, minha querida, fique descansada que eu sou igualmente sensata nas minhas acções. Já não sou nenhuma criança e conheço bem as minhas responsabilidades — não está descansada, pois não? Já a imagino a ler estas linhas enquanto abana a cabeça, a pensar na pessoa imprudente que eu sou. Para apaziguar os seus receios, deixe-me assegurar-lhe de que mal tenho falado com o homem em questão (a propósito, ele chama-se Jimmy — vamos tratá-lo pelo nome, está bem? —, «o homem» tem uma conotação algo sinistra); aliás, tenho feito sempre o possível por

desencorajar qualquer contacto, chegando mesmo a rasar, sempre que considero necessário, a falta de educação. Apresento desde já as minhas desculpas por isso, minha querida Katy, bem sei que não gostaria de ver a sua jovem protegida a ganhar reputação de mal-educada e eu, pela parte que me toca, detesto fazer seja o que for susceptível de trazer má reputação ao seu nome!

Laurel sorriu. Gostava de Vivien; a resposta era espirituosa sem rasar a indelicadeza para com a mãe-galinha Katy e a sua tendência cansativa para a preocupação. Até a própria Katy escrevera a seguir ao excerto: «É com grande agrado que saúdo o regresso da minha jovem amiga atrevida. Tenho sentido saudades dela nestes últimos anos.» Já o mesmo não se podia dizer quanto à descoberta do nome do jovem voluntário que colaborava com Vivien no hospital. Teria sido o mesmo Jimmy por quem a mãe estivera apaixonada? Seria o facto de ele estar trabalhar com Vivien e o Dr. Tomalin mera coincidência? Seguramente que não. Laurel sentiu um fragor premonitório à medida que uma ideia do plano dos namorados começava a ganhar forma na sua mente.

Era evidente que Vivien não fazia a mais pequena ideia da relação entre aquele jovem simpático no hospital e Dorothy, a rapariga que em tempos fora sua amiga — o que não deveria ser motivo de surpresa, supunha Laurel. Kitty Barker mencionara o zelo extremo da mãe em manter o namorado longe de Campden Grove. Tal como lhe explicara a tendência que as emoções tinham para se exacerbar e os princípios morais para se esbater, durante uma guerra, criando, ocorreu a Laurel nesse momento, o ambiente perfeito para um casal de namorados desafortunados se deixar arrastar numa *folie à deux*^[24]

As entradas do diário relativas à semana seguinte não continham qualquer referência quer a Vivien Jenkins, quer «à questão do jovem»; Katy Ellis dedicou-as, ao invés, às suas apreensões

imediatas no que respeita às políticas administrativas divisionárias e às conversas na rádio sobre uma eventual invasão. A 19 de Abril, ela menciona a sua preocupação por Vivien ainda não lhe ter escrito, como ficara combinado; porém, no dia seguinte, refere um telefonema do Dr. Tomalin, informando-a de que Vivien não estava bem de saúde. Ora, mas que interessante: parecia que afinal os dois se conheciam e que não era uma objecção quanto ao carácter do médico o motivo que levava Katy a opor-se com tanta firmeza ao hospital. Quatro dias mais tarde, o seguinte:

Recebi hoje uma carta que me deixou extremamente aborrecida. É-me totalmente impossível transmitir o tom de forma resumida, nem tão-pouco saberia por onde começar ou terminar no que se refere à citação das partes que me deixam transtornada. Assim, só por esta vez, vou contrariar o desejo expresso da minha jovem (e exasperante!) amiga, e não vou deitar a carta para a lareira acesa.

Laurel nunca na vida tinha virado uma página tão depressa. Ali estava ela, escrita em fino papel branco e com uma caligrafia um tanto ou quanto atabalhoada — a carta de Vivien Jenkins para Katy Ellis, datada de 23 de Abril de 1941. Um mês antes da sua morte, reparou Laurel com amargura.

Querida Katy, estou a escrever-lhe no restaurante da estação do comboio, porque me senti dominada pelo receio de que, se não registasse tudo o quanto antes, acabaria por desaparecer e, amanhã, quando acordasse, iria descobrir que não passara de imaginação minha. Nada do que lhe comunico lhe irá agradar, mas a Katy é a única pessoa com quem posso desabafar, e eu preciso de desabafar com alguém. Perdoe-me, pois, minha querida Katy, aceite as minhas mais sinceras desculpas pela ansiedade que sei que esta confidência lhe irá causar. Só lhe peço que, se tiver de pensar mal de mim, pense com delicadeza

e que se lembre de que ainda continuo a ser a sua Pequena Companheira de Bordo.

Hoje aconteceu uma coisa. Eu ia a sair do hospital do Dr. Tomalin e tinha parado no degrau da rua para ajeitar o lenço de pescoço — juro-lhe, Katy, e sabe bem que não tenho o hábito de mentir, que a minha hesitação não foi propositada; mesmo assim, quando ouvi a porta abrir-se atrás de mim, soube, sem precisar de me virar, que era o jovem (creio que já lhe falei nele por alto nas minhas cartas — o Jimmy?) que ali estava.

Katy Ellis sublinhara a frase e fizera uma anotação na margem, escrita com uma caligrafia tão miúda e regular que Laurel podia bem imaginar o esgar rígido de censura da autora: «Falou-me nele por alto! As ilusões dos apaixonados nunca deixam de me espantar!» Apaixonados. O estômago de Laurel embrulhou-se-lhe de preocupação à medida que ela tornava a concentrar a sua atenção na carta de Vivien. Ter-se-ia Vivien apaixonado por Jimmy? Fora isso que fizera o plano «inofensivo» ir por água abaixo?

Mais do que certo, era ele; o Jimmy viera atrás de mim até à porta e trocámos algumas palavras acerca de um episódio cómico que se passou com as crianças. Ele deu-me vontade de rir — ele é mesmo engraçado, Katy —, eu gosto de pessoas engraçadas, a Katy não gosta? — o meu pai era um homem muito engraçado, não descansava enquanto não nos punha a todos a rir — e depois perguntou-me, com a maior das naturalidades, se me podia acompanhar, uma vez que íamos os dois na mesma direcção, ao que, contra tudo o que ditava a sensatez, eu lhe respondi: «Sim.»

Bom, enquanto a Katy abana a cabeça (já estou a imaginá-la sentada àquela pequena secretária de que me falou, encostada à janela — tem primaveras frescas numa jarra a um canto? Tem sim, que eu sei), deixe-me explicar por que razão aceitei. Há

semanas que eu tenho andado a seguir os seus conselhos e feito tudo ao meu alcance por o ignorar, mas, um dia destes, ele ofereceu-me uma coisa — um presente para me pedir desculpa por um pequeno mal-entendido que surgiu entre nós e em cujo motivo não vale a pena estar aqui agora a entrar. O presente era uma fotografia. Escuso-me a descrevê-la aqui, mas confesso-lhe que, através daquela imagem, era como se, de algum modo, ele me tivesse perscrutado a alma e exposto o mundo que lá tenho albergado desde miúda.

Levei a fotografia comigo para casa e guardei-a como uma criança zelosa, indo buscá-la a cada oportunidade que se me apresentava, debruçando-me sobre os mais pequenos pormenores e depois tornando a fechá-la à chave no armário secreto na parede por detrás do retrato da minha avó no quarto — tal como uma criança poderia guardar um objecto precioso, pela simples razão de que, ao escondê-lo, ao guardá-lo só para ela, o seu valor fosse de alguma forma incrementado. Ele ouviu-me contar histórias às crianças do hospital, claro, e não estou a sugerir que houve algo «mágico» na escolha do presente, mas, não obstante, comoveu-me.

A palavra «mágico» aparecia sublinhada e era alvo de outra anotação pela pena de Katy Ellis:

É precisamente o que ela sugere: eu conheço a Vivien e sei que ela de facto acredita naquele mundo. Uma das coisas que o meu trabalho me tem ensinado com maior certeza é que o sistema de crenças adquirido na infância nunca é completamente esquecido; pode ficar latente durante algum tempo, mas torna a manifestar-se sempre em momentos de carência a fim de reclamar a alma a que deu forma.

Laurel recordou a sua própria infância, questionando-se se o que Katy dizia seria mesmo verdade. Acima de qualquer sistema teísta,

os pais tinham-lhe inculcado os valores da família; a mãe, em particular, mantivera-se fiel a eles — apercebera-se demasiado tarde, confessara-lhes com tristeza, do valor da família. E Laurel via-se forçada a reconhecer que, quezílias amistosas à parte, os Nicolson podiam contar uns com os outros em momentos de necessidade, tal como lhes haviam ensinado na infância.

Talvez tenha sido também a minha recente indisposição a deixar-me mais imprevidente do que é meu hábito — após uma semana às escuras no quarto, com aviões alemães a atroar por cima da minha cabeça, o Henry sentado à minha cabeceira todos os serões, a segurar-me na mão e ansioso por que eu recuperasse depressa, é um verdadeiro alívio ver-me fora de casa outra vez, a respirar o ar fresco da Primavera londrina. (Já agora um aparte: não lhe parece extraordinário, Katy, que, apesar de o mundo inteiro estar envolvido nesta loucura a que nós chamamos guerra, as flores, as abelhas e as estações continuem a fazer o que têm a fazer, sábias mas incansáveis, à espera de que a humanidade recupere o juízo e se recorde da beleza da vida? É estranho, mas o meu amor e a minha ânsia pelo mundo são sempre aprofundados no decorrer da minha ausência dele; é maravilhoso, não acha, que uma pessoa seja capaz de passar do desespero à alegria ávida, e que, mesmo durante estes dias tenebrosos, consigamos encontrar felicidade nas coisas mais simples?)

Adiante, seja lá por que motivo for, ele pediu-me para me acompanhar e eu disse-lhe que sim e, assim, lá fomos, e eu permiti-me a rir. Ri-me porque ele me contou histórias engraçadas e o ambiente entre nós era tão leve e descontraído. Apercebi-me de há quanto tempo não desfrutava dos prazeres mais simples: companhia e conversa numa tarde soalheira. Sinto-me impaciente por estes prazeres, Katy, já não sou nenhuma criança — sou uma mulher e quero coisas, coisas que

não poderei ter; mas é humano, não é, ansiar por aquilo que nos está vedado?

Que coisas? O que era que estava vedado a Vivien? Laurel teve a sensação, e já não era a primeira vez, de que lhe escapava uma parte importante do *puzzle*. Folheou as entradas do diário respeitantes à quinzena seguinte até que Katy tornou a fazer referência a Vivien, na esperança de que tudo se esclarecesse.

Ela continua a vê-lo — no hospital, o que por si só já é grave, mas também noutros locais, quando é suposto estar a trabalhar na cantina do Serviço Voluntário Feminino ou a fazer compras para a casa. Diz-me que não é caso para me preocupar, que «ele é um amigo e nada mais». Apresenta como prova uma referência à noiva do jovem: «Ele está noivo de uma rapariga, Katy, estão os dois muito apaixonados e fazem tenções de ir morar para o campo quando a guerra terminar; vão arranjar uma casa grande e enchê-la de filhos; por isso, como vê, não corro o risco de faltar aos votos matrimoniais, como parece ser seu receio.»

Laurel sentiu uma vertigem ao reconhecer a descrição. Era a Dorothy que Vivien se referia — a mãe. A intersecção entre passado e presente, entre história aprendida e experiência vivida, assoberbou-a momentaneamente. Tirou os óculos e esfregou a testa, concentrando-se uns instantes na muralha de pedra do lado de fora da janela.

Posto o que deixou Katy prosseguir:

Ela sabe perfeitamente que não se trata de receio; a rapariga está a deturpar propositadamente as minhas apreensões. Eu também sou tudo menos inocente; sei que o noivado deste jovem não constitui um obstáculo ao coração humano. Desconheço quais sejam os sentimentos dele, mas, quanto aos da Vivien, não tenho a mínima dúvida.

Mais preocupações exageradas da parte de Katy. No entanto, Laurel continuava alheia aos seus motivos: Vivien dava a entender que os receios de Katy eram resultado das suas opiniões rígidas acerca do que constituía um comportamento conjugal decoroso. Faria Vivien da infidelidade um hábito? Não havia muito em que se basear, mas Laurel *quase* conseguia ler nas cogitações mais românticas e floreadas de Vivien sobre a vida um espírito de amor livre... quase.

Foi então que Laurel se deparou com uma entrada, dois dias mais tarde, que a levou a interrogar-se se a intuição de Katy sempre lhe dissera que Jimmy representava uma ameaça para Vivien.

Terríveis notícias de guerra — Westminster Hall foi atingido ontem à noite, assim como a Abadia e o Parlamento; chegaram a pensar que o Big Ben tinha sido arrasado! Ao invés de pegar no jornal ou ouvir a telefonia, esta noite decidi-me a fazer uma limpeza ao armário da sala de estar a fim de arranjar espaço para os meus novos apontamentos educativos. Confesso que tenho uma certa tendência para a acumulação — um traço de que seguramente não me orgulho; preferia que a minha casa fosse tão eficiente como é o meu cérebro — e fui lá desencantar uma colecção deveras surpreendente de ninharias. Entre elas, uma carta que recebi há três anos do tio da Vivien. Para além da descrição da «agradável obediência» da sobrinha (o meu aborrecimento ao ler esta expressão esta noite foi tão grande como foi na altura — o pouco que ele conhecia da verdadeira Vivien!), juntara uma fotografia dela, que ainda estava enfiada dentro da carta. Tinha dezassete anos quando fora tirada e era uma autêntica beleza — ao receber a carta, recordo-me de ter pensado que ela parecia uma personagem de um conto de fadas, o Capuchinho Vermelho, talvez; uns olhos grandes e lábios em botão de rosa, e a mesma expressão inocente e directa da infância. Recordo-me de ter desejado também que não

houvesse nenhum Lobo Mau à sua espera na floresta.

O facto de a carta e a fotografia me terem vindo parar à mão logo hoje deu-me que pensar. Não me enganei da última vez que tive um dos meus «pressentimentos». Não agi na altura, para meu eterno remorso, mas desta feita não irei ficar de braços cruzados e deixar que a minha amiga cometa outro erro com consequências nefastas. Uma vez que não lhe posso expressar as minhas apreensões por escrito, como gostaria, vou dar uma saltada a Londres e ver com os meus próprios olhos.

Uma saltada que evidentemente deu — e sem demora —, pois a entrada seguinte foi escrita quatro dias mais tarde:

Estive em Londres e as coisas correram pior do que eu receava. É óbvio para mim que a minha querida Vivien está apaixonada pelo tal jovem, o Jimmy. Ela não me confessou, claro, é demasiado circunspecta para isso, mas eu conheço-a desde miúda e, por conseguinte, eu vi isso perfeitamente em cada expressão animada que ela fazia, ouvia isso em cada frase que ficava por dizer. Pior ainda, parece que abandonou a prudência de uma vez por todas; tem estado com frequência em casa do jovem, onde ele mora com o pai doente. Ela insiste em que «é tudo inocente», ao que eu lhe respondi que isso era coisa que não existia e que, fosse ela instada a justificar aquelas visitas, tais distinções não abonariam nada a seu favor. Garantiu-me que não «abdicava dele» — criança teimosa —, ao que eu reuni toda a firmeza que possuo e lhe lembrei: «Minha querida, a menina é casada.» Recordei-lhe ainda a promessa que fizera ao marido na igreja de Nordstrom, de que haveria de o amar, honrar e lhe obedecer até que a morte os separasse, etc., etc. Ah, mas não me hei-de esquecer com facilidade do olhar com que ela me presenteou nesse momento — a desilusão nos olhos dela quando me disse que eu não compreendia.

Compreendo muito bem o que é amar o fruto proibido, e fiz-lhe saber isso mesmo, mas ela é jovem, e os jovens têm tendência a presumir que são os proprietários exclusivos dos sentimentos profundos. Lamento dizer que nos despedimos de más relações — eu fiz uma derradeira tentativa para a convencer a deixar de trabalhar no hospital; recusou-se. Lembrei-lhe de que tinha de pensar na saúde; ela não fez caso das minhas apreensões. Desiludir uma alma como a dela — aquele rosto que se nos revela como se tivesse saído do pincel de um pintor exímio — é sentir-me tão culpada como se tivesse expurgado do mundo tudo o que é bom. Apesar de tudo, não vou desistir — ainda não joguei a minha última cartada. Arrisco-me à indignação eterna da Vivien, mas, à medida que o comboio se afastava de Londres, decidi que vou escrever a este Jimmy Metcalfe e explicar-lhe até que ponto a está a prejudicar. Talvez ele, ao contrário da Vivien, passe a usar da devida prudência.

O Sol começava a descer no horizonte e a sala de leitura estava a ficar cada vez mais fria e escura; Laurel tinha a vista turva do esforço de ler a caligrafia regular mas miúda de Katy Ellis durante as últimas duas horas, sem descanso. Recostou-se na cadeira e fechou os olhos, a voz de Katy a revoltear-lhe no espírito. Teria ela chegado a escrever a carta a Jimmy?, questionava-se Laurel. Fora isso que comprometera o plano da mãe? Teria, o que quer que Katy tivesse alegado na carta — algo que ela obviamente considerava ser capaz de o convencer a abdicar da amizade de Vivien, uma vez que esta se recusava a isso — sido suficiente para motivar a ruptura entre a mãe e Jimmy? Num livro, pensou Laurel, seria exactamente assim que as coisas se passariam. Havia uma certa justiça narrativa de a separação entre um casal de jovens namorados ter como causa precisamente o plano que tinham tentado passar à prática com o fito de comprar uma vida de felicidade em comum. Era isso que ia no pensamento da mãe naquele dia no hospital, quando

dissera a Laurel que se deveria casar por amor, que não deveria ficar à espera, que não havia nada mais importante do que isso? Teria Dorothy esperado de mais e desejado de mais, e, entretanto, viera outra mulher e ficara-lhe com o namorado?

Laurel suspeitava de que era alguma peculiaridade de Vivien Jenkins que fazia dela a pessoa menos indicada para Dorothy e Jimmy a escolherem como alvo para semelhante plano. Seria apenas porque Vivien era precisamente o tipo de mulher por quem Jimmy seria capaz de se apaixonar? Ou estaria a intuição de Laurel a dizer-lhe outra coisa? Katy Ellis — que era bem filha do ministro protestante seu pai — estava obviamente receosa da eventualidade de Vivien faltar aos votos matrimoniais, mas havia ali algo para além disso. Laurel perguntava-se se Vivien teria estado doente. Katy poderia ter uma predisposição para a ansiedade, mas a sua preocupação com a saúde de Vivien era do género reservado a uma amiga que sofria de uma doença crónica, não a uma jovem enérgica de vinte anos. A própria Vivien fizera referência às suas «ausências» do mundo exterior, quando o marido Henry se sentava à sua cabeceira e lhe acariciava a mão enquanto ela convalescia. Teria Vivien Jenkins sofrido de alguma doença que a tornava mais vulnerável ao mundo do que teria sido noutras circunstâncias? Teria tido um esgotamento de qualquer ordem, emocional ou físico, que a deixara susceptível a uma recaída?

Ou — Laurel endireitou-se repentinamente à secretária — teria talvez sofrido uma série de abortos depois do casamento com Henry? Isto explicaria seguramente o desvelo extremo do marido; e, até certo ponto, a ânsia de Vivien por sair de casa logo que se restabelecia, de abandonar o cenário doméstico da sua infelicidade e fazer mais do que as suas forças realmente lhe permitiam. Poderia mesmo explicar a apreensão específica de Vivien trabalhar com crianças no hospital. Seria isso? Teria Katy receado que, ao rodear-se de lembranças constantes da sua própria infertilidade, a amiga estivesse a contribuir para a sua desdita? Vivien escrevera na carta

que era próprio da natureza humana, e seguramente da sua, desejar precisamente aquilo que não podia ter. Laurel tinha a certeza de que estava na pista certa — até mesmo o recurso frequente a eufemismos por parte de Katy se achava em consonância com *aquela* assunto, *naquela* época.

Laurel lamentou não ter mais sítios onde pudesse procurar mais respostas. Ocorreu-lhe que a máquina do tempo de Gerry lhes viria mesmo a calhar agora. Infelizmente, tinha de se contentar com os diários de Katy. Havia mais algumas entradas que relatavam o fortalecimento da amizade entre Vivien e Jimmy, apesar das apreensões constantes de Katy, e depois, de repente, a 20 de Maio, uma entrada onde se lia que Vivien lhe escrevera a comunicar-lhe que decidira pôr um ponto final aos seus encontros com Jimmy, que chegara a altura de ele dar início a uma nova vida, e que ela lhe desejara muitas felicidades e se despedira dele.

Laurel susteve a respiração, a perguntar-se se Katy sempre teria enviado a tal carta a Jimmy e se o que quer que ela lhe tivesse escrito seria a causa daquela mudança de ideias abrupta. Contrariamente ao que seria de prever, lamentou a sorte de Vivien Jenkins; apesar de Laurel saber que a relação entre Vivien e Jimmy não se resumia a uma mera amizade, não podia deixar de sentir pena da jovem que se dera por tão feliz com tão pouco. Laurel calculava que a sua simpatia poderia advir em parte de saber o destino que estava reservado a Vivien; mas até mesmo Katy, que se mostrara tão empenhada em que a relação terminasse, agora que isso acontecera, parecia ambivalente.

Eu andava preocupada com a Vivien e queria que o caso dela com o tal jovem acabasse; agora sofro sob o fardo de ver o meu desejo atendido. Recebi uma carta em que me relata tudo nos mais ínfimos pormenores, mas num tom que não é remotamente difícil de decifrar. Escreve em resignação. Limita-se a dizer-me que eu tinha razão; que a amizade chegou ao fim; e que eu não

preciso de me preocupar mais, pois tudo se acabou por resolver pelo melhor. Mágoa ou fúria, eu aceitaria com naturalidade. É o tom derrotista da carta que desperta as minhas apreensões. Não posso deixar de ver nisso um mau presságio. Vou esperar pela sua próxima carta na esperança de lhe ver melhoras, e, entretanto, manter-me-ei firme na minha certeza de que o que fiz foi pelo bem dela.

Mas não haveria próxima carta. Vivien Jenkins morreu três dias depois, um acontecimento registado por Katy Ellis, com o desgosto que se poderia imaginar.

*

Meia hora mais tarde, Laurel percorria a passo ligeiro o relvado do New College em direcção à paragem do autocarro, a reflectir em tudo o que descobrira, quando o seu telemóvel começou a chamá-la do bolso. Apesar de não reconhecer o número, decidiu atender.

— Lol? — disse a voz.

— Gerry?! — Laurel teve de fazer um esforço por conseguir ouvir por entre o barulho do outro extremo da linha. — Gerry? Onde é que tu estás?

— Em Londres. Numa cabina telefónica de Fleet Street.

— E ainda há alguma cabina telefónica que funcione na cidade?

— Parece que sim. A menos que isto seja o Tardis^[25], e, nesse caso, estou metido em grandes sarilhos.

— Que estás a fazer em Londres?

— Ando na peugada do Dr. Rufus.

— Hã?! — Laurel pressionou uma mão contra a outra orelha para conseguir ouvi-lo melhor. — E então? Conseguiste apanhá-lo?

— Consegui. Os diários dele, pelo menos. Quanto ao doutor, morreu de uma infecção lá para o fim da guerra.

O coração de Laurel batia acelerado; ignorou o fim prematuro do

médico. Na demanda de soluções para aquele mistério, não havia tempo para grandes demonstrações de empatia.

— E então? O que foi que descobriste?

— Não sei por onde começar.

— Pelo mais importante. E, por favor, despacha-te.

— Espera aí. — Ouviu-o deixar cair outra moeda no telefone. — Ainda aí estás?

— Sim, claro.

Laurel parou debaixo da luz alaranjada de um candeeiro da rua e ouviu Gerry dizer:

— Elas nunca foram amigas, Lol. A mãe e esta Vivien Jenkins... de acordo com o Dr. Rufus, elas nunca foram amigas.

— O quê?! — Laurel julgou ter ouvido mal.

— Mal se conheciam.

— A mãe e a Vivien Jenkins? Do que é que estás para aí a falar? Eu vi o livro, a fotografia... Claro que eram amigas.

— A mãe *queria* que fossem amigas... pelo que eu li, era quase como se ela quisesse *ser* a própria Vivien Jenkins. Ficou obcecada com a ideia de que eram inseparáveis... «duas almas gémeas» foram as palavras que ele empregou, mas aquilo era tudo da cabeça dela.

— Mas... eu não...

— E depois aconteceu qualquer coisa... não percebi ao certo o quê... mas a Vivien Jenkins fez qualquer coisa que deixou claro à mãe que elas não eram de modo algum amigas chegadas.

Laurel recordou-se da discussão de que Kitty Barker lhe falara, qualquer coisa que se passara entre ambas e que pusera Dorothy de péssimo humor e instigara o seu desejo de vingança.

— O que foi, Gerry? — indagou ela. — Tu sabes o que foi que a Vivien fez? Ou tirou.

— Ela... espera um instante. Bolas, estou sem moedas. — Chegou-lhe um barulho violento de sacudidelas de bolsos, uma atrapalhão com o auscultador do telefone. — Não tarda, a ligação

está a cair, Lol...

— Liga-me outra vez. Arranja mais moedas e torna a telefonar-me.

— Já é tarde, tenho de me ir embora. Mas tornamos a falar em breve. Eu vou a Greenac...

O sinal soou em tom monótono e Gerry desapareceu da linha.

Capítulo 27

Londres, Maio de 1941

Jimmy ficara um pouco envergonhado da primeira vez que levara Vivien a sua casa para conhecer o pai. O pequeno quarto onde moravam já era pobre quanto bastasse aos seus próprios olhos, todavia, visto através dos dela, as meias-medidas que ele tomara a fim de o tornar mais confortável revelavam-se-lhe completamente em vão. Estivera ele de facto convencido de que estender um pano da louça velho em cima da arca de madeira fazia dela uma mesa de jantar? Ao que parecia, sim. Vivien, no que lhe dizia respeito, saiu-se às mil maravilhas, fingindo que não havia nada de minimamente estranho em beber chá preto por chávenas desirmanadas, empoleirada aos pés da cama do velhote com um pássaro a seu lado e, não obstante uma ou outra coisa, o encontro tinha corrido bastante bem.

Uma dessas coisas fora a insistência do pai em estar constantemente a chamar a Vivien a «tua jovem senhora» e depois a perguntar a Jimmy — em voz bem nítida e estridente — quando é que os dois se tencionavam casar. Jimmy corrigira o pai pelo menos três vezes até que acabara por encolher os ombros à laia de pedido de desculpas a Vivien e decidir levar o assunto para a brincadeira. Que alternativa lhe restava? Era apenas a confusão de um velhote — ele só vira Doll uma vez, em Coventry, antes da guerra —, e não vinha daí mal algum ao mundo. Vivien não se mostrou incomodada e o pai de Jimmy ficou todo contente. Aliás, não cabia em si de

contente. Divertiu-se à grande e à francesa com Vivien. Nela, ao que parecia, encontrara a assistência por que toda a vida ansiara.

Havia momentos em que Jimmy via os dois juntos na risota na sequência de alguma das anedotas do pai, a tentar ensinar um novo truque a *Finchie* ou em animada discussão acerca da melhor maneira de prender a isca no anzol, e sentia o coração a transbordar de gratidão. Havia muito tempo, reflectiu ele — anos —, que não via o pai sem a ruga da preocupação entre as sobrancelhas do esforço de se tentar lembrar de quem era e onde estava.

Ocasionalmente, Jimmy apanhava-se a tentar visualizar Doll no lugar de Vivien, a imaginar que era ela que ia encher a chávena de chá do pai, a misturar-lhe o leite condensado tal qual como ele gostava, a contar histórias que faziam o velhote abanar a cabeça de prazer e surpresa... contudo, sem saber ao certo porquê, não era capaz. Até se admoestou por ter essa veleidade. As comparações eram irrelevantes, estava farto de saber, e não faziam justiça a nenhuma das duas. Doll já o teria vindo visitar se pudesse. Não era uma senhora livre de obrigações; fazia longos turnos na fábrica de munições que a deixavam muito cansada e era perfeitamente natural que preferisse ocupar os raros serões que tinha livres a pôr a conversa em dia com as amigas.

Vivien, por outro lado, parecia apreciar genuinamente o tempo que passava no pequeno quarto de ambos. Jimmy cometera o erro de lhe agradecer uma vez, como se ela lhe tivesse feito um grande e especial favor. Vivien, porém, limitara-se a olhar para ele como se tivesse enlouquecido e a dizer-lhe: «Porquê?» Ele sentira-se um tolo diante da perplexidade dela e mudara de assunto com uma piada. No entanto, mais tarde, dera por ele a ponderar que talvez estivesse a ver a situação da perspectiva errada e que Vivien apenas se dava com ele para poder fazer companhia ao pai. Parecia-lhe uma explicação tão boa como outra qualquer.

Por vezes, ainda reflectia nisto, interrogando-se porque fora que ela aceitara quando lhe pedira se a podia acompanhar naquele dia,

no hospital. Não precisava de se perguntar porque fora que lhe pedira aquilo: ter Vivien de volta depois de ela ter estado doente, a forma como tudo se iluminara à sua volta quando ela abrira a porta do quarto do sótão e ele a vira ali, inesperadamente. Apressara-se a ir atrás dela quando se fora embora, abrindo a porta da rua numa precipitação tal que ainda a apanhara no degrau, a apertar o lenço de pescoço. Não estava a contar que ela lhe dissesse que sim; só sabia que passara o ensaio todo a pensar nisso. Queria passar tempo com ela, não porque Dolly lhe tinha pedido que fizesse isso, mas porque apreciava a sua companhia.

— Tem filhos, Jimmy? — questionara-o Vivien enquanto caminhavam lado a lado. Andava agora mais devagar do que era seu costume, ainda fragilizada da doença que a obrigara a ficar em casa. Ele sentira-lhe uma certa reticência ao longo do dia: rira-se com as crianças, como sempre, mas via-se-lhe uma expressão no olhar, uma prudência ou reserva a que ele não estava acostumado. Jimmy sentiu-se triste por ela, embora não soubesse ao certo porquê.

Abanara a cabeça dizendo-lhe:

— Não. — E sentira o rubor subir-lhe às faces recordando-se do momento em que lhe fizera a mesma pergunta.

Desta feita, porém, quem tinha as rédeas da conversa era ela e insistiu.

— Mas um dia há-de querer tê-los.

— Sim.

— Só um ou dois?

— Para começar. E depois mais seis.

Vivien sorriu ao ouvir isto.

— Eu sou filho único — adiantou ele à laia de explicação. — Tive uma infância solitária.

— Nós éramos quatro irmãos. Tive uma infância barulhenta.

Jimmy soltou então uma gargalhada e ainda se estava a rir quando se apercebeu de algo em que até aí não reparara.

— As histórias que a Vivien conta no hospital — disse ele, à medida que viraram a esquina, a pensar na fotografia que tirara de propósito para lhe oferecer —, aquelas sobre a casa palustre de madeira, na floresta encantada, a família do outro lado do véu... é a sua família, não é?

Vivien confirmou com um aceno de cabeça.

Jimmy não sabia ao certo o que o levava a falar-lhe do pai naquele dia — qualquer coisa na expressão dela quando lhe falara na família, as histórias que a ouvira contar e que crepitavam de magia e desejo e faziam o tempo desaparecer; a necessidade que subitamente o assaltara de deixar alguém aproximar-se. Fosse qual fosse o motivo, o certo era que lhe *contara*, e Vivien fizera-lhe perguntas, e Jimmy recordou-se do primeiro dia em que a vira com as crianças, da atenção com que ela as ouvia. Quando ela lhe dissera que gostaria de conhecer o pai, Jimmy presumira que se tratara de uma daquelas coisas que as pessoas têm o hábito de dizer quando estão a pensar no comboio que têm de apanhar e sem saber se conseguirão chegar à estação a tempo. Contudo, no ensaio seguinte, ela insistiu no assunto.

— Trouxe uma coisa para ele — acrescentou ela. — Uma coisa de que ele é capaz de gostar.

E trouxera, de facto. E, na semana seguinte, quando Jimmy finalmente concordou levá-la a conhecer o pai, presenteara o velhote com uma bela lula:

— Para o *Finchie*. — Tinha-a encontrado na praia, explicou-lhes, durante uma visita que ela e Henry tinham feito à família do editor do marido.

— Ela é um encanto de rapariga, Jimmy — dissera o pai em voz alta. — Muito bonita... Parece que acabou de sair de uma pintura. E bondosa, ainda por cima. Tencionas esperar até irmos para a beira-mar para te casares, é isso?

— Não sei, pai — respondeu-lhe Jimmy, olhando de relance para Vivien, que fingia estar muito interessada nas fotografias afixadas na

parede. — Vamos aguardar para ver, está bem?

— Vê lás se te apressas, Jimmy. Olha que eu e a tua mãe já não somos novos.

— Esteja descansado, pai. O senhor será o primeiro a saber... Está prometido.

Mais tarde, quando foi levar Vivien à estação do metropolitano, esclareceu-a a respeito da confusão do pai, na esperança de que não a tivesse deixado demasiado constrangida.

Vivien mostrou-se surpreendida.

— Não tem nada de pedir desculpa pelo seu pai, Jimmy.

— Pois não, eu sei. Eu só... só não queria que se sentisse pouco à vontade.

— Pelo contrário. Há muito tempo que não me sentia tão à vontade.

Avançaram mais uns metros em silêncio e, por fim, Vivien perguntou-lhe:

— Sempre vai morar para a beira-mar?

— É esse o meu plano. — Jimmy retraiu-se. Plano. A palavra saíra-lhe sem pensar e maldisse-se a si próprio. Descrever a Vivien precisamente o mesmo cenário futuro que, para ele, era indissociável do estratagema de Dolly causava-lhe uma enorme estranheza.

— E vai casar-se.

Jimmy assentiu com a cabeça.

— Isso é maravilhoso, Jimmy. Fico feliz por si. Ela é boa rapariga?... Ora, claro que é. Que pergunta tão tola a minha.

Jimmy esboçou um sorriso desmaiado, esperando que o assunto morresse ali, mas Vivien insistiu:

— E então?

— Então?

Ela riu-se.

— Fale-me dela.

— Que quer saber?

— Não sei ao certo... as coisas do costume, acho eu... Como foi que se conheceram?

Jimmy retrocedeu em pensamento até ao café em Coventry.

— Eu vinha carregado com um saco de farinha.

— E ela não teve forças para lhe resistir — Vivien provocou-o delicadamente. — Nesse caso, é óbvio que ela tem uma predilecção por farinha. E de que mais é que ela gosta? Como é que *ela* é?

— Brincalhona — disse Jimmy, com um nó na garganta. — Cheia de vida, cheia de sonhos. — A conversa não lhe estava a agradar rigorosamente nada, mas deu pelo seu pensamento invadido por imagens de Doll; a rapariga que ela fora, a mulher que era agora. — Perdeu a família durante o bombardeamento da cidade.

— Oh, Jimmy. — Vivien fez um ar abatido. — Pobre rapariga. Deve estar destroçada.

A simpatia dela era profunda e sincera e Jimmy não conseguia suportá-la. A vergonha de estar a enganá-la, o papel que ele vinha a desempenhar; a angústia de participar num jogo duplo; tudo isto o impelia agora a ser honesto com ela. Talvez, lá bem no fundo, tivesse até esperança de que a verdade fosse suficiente para sabotar o plano de Doll.

— Por acaso, eu acho que a Vivien a conhece.

— O quê?! — Ela lançou-lhe um olhar, aparentemente alarmada com a ideia. — De onde?

— Chama-se Dolly. — Jimmy susteve a respiração, lembrando-se de como as coisas tinham corrido mal entre ambas. — Dolly Smitham.

— Não. — O alívio de Vivien era notório. — Não, não creio que conheça ninguém com esse nome.

Agora Jimmy estava confuso. Sabia que as duas eram amigas... ou que tinham sido em tempos; Dolly falara-lhe nisso. — Vocês trabalharam as duas na cantina do Serviço Voluntário Feminino. Ela morou na casa em frente à sua, em Campden Grove. Era acompanhante de Lady Gwendolyn.

— Oh! — A expressão de Vivien acusou a lembrança e: — Oh, Jimmy! — exclamou ela, parando para lhe agarrar num braço, os olhos escuros arregalados de pânico. — Ela sabe que nós trabalhamos juntos no hospital?

— Não — mentiu ele, cheio de aversão a si próprio.

O alívio dela era palpável; um sorriso aflorou-lhe aos lábios, mas esmoreceu de imediato perante uma nova preocupação. Soltou um suspiro de pesar, pressionando os dedos ao de leve contra os lábios.

— Meu Deus, Jimmy, o ódio que ela não me deve ter! — Os olhos dela perscrutaram os dele. — Foi uma situação terrível... Não sei se lhe cheguei a falar nisso; ela em tempos fez-me um grande favor, devolveu-me um medalhão que eu tinha perdido, mas eu... receio bem que tenha sido bastante incorrecta com ela. Tinha tido um mau dia, acontecera um imprevisto; não me estava a sentir bem e fui indelicada com ela. Ainda tentei ir lá a casa, para lhe pedir desculpa e explicar-me; bati à porta do número 7, mas ninguém atendeu. Depois a velha senhora morreu e foram-se todos embora; sucedeu tudo muito depressa. — Entretanto, Vivien deixara cair os dedos para o medalhão; estava agora às voltas com ele, a revirá-lo na concavidade da garganta. — É capaz de lhe dizer isto por mim, Jimmy? De lhe dizer que eu não fiz por mal?

Jimmy prometeu que assim faria. Ouvir a explicação de Vivien deixara-o extremamente satisfeito. Confirmava a versão de Dolly; mas também provava que tudo aquilo, a aparente frieza de Vivien, fora um lamentável mal-entendido.

Prosseguiram um pouco mais em silêncio, cada um entregue aos seus pensamentos, até que Vivien por fim disse:

— Do que é que está à espera para se casar, Jimmy? Estão apaixonados, não estão? Você e a Dolly?

A satisfação dele desvaneceu-se. Só pedia a Deus que ela arrumasse o assunto de vez.

— Sim, estamos.

— Então, porque é que não se casam já?

As palavras que ele desencantou para disfarçar a mentira foram banais.

— Nós queremos que o nosso casamento seja perfeito.

Ela assentiu com a cabeça, reflectindo, e depois disse:

— O que poderia haver de mais perfeito do que casar com a pessoa que se ama?

Talvez tenha sido a vergonha que o aturdia a impeli-lo a justificar-se prontamente; talvez fossem as recordações latentes do pai à espera em vão do regresso da mãe, mas Jimmy ecoou a pergunta:

— O que poderá haver de mais perfeito do que o amor? — E em seguida soltou uma gargalhada amarga. — Saber que se ganha o suficiente para manter a esposa feliz, logo para começar. Ter um tecto debaixo do qual morar, comida na mesa, pagar o aquecimento. A quem, como eu, o dinheiro nunca sobra, já não é pouco. Não é tão romântico como a sua ideia, admito, mas a vida é assim, não é?

O rosto de Vivien empalidecera; ele magoara-a, via que sim, mas por esta altura já o temperamento de Jimmy estava ao rubro, e, apesar de estar zangado consigo próprio e não com ela, não lhe pediu desculpa.

— Tem razão — disse ela por fim. — Desculpe, Jimmy. Falei sem pensar; foi uma falta de consideração da minha parte. E, para além do mais, não é nada da minha conta. É que você pintou-me uma imagem tão vívida... a quinta, a beira-mar... é tudo tão maravilhoso. Eu acabei por me deixar contagiar pelos seus planos.

Jimmy escusou-se a responder-lhe; estivera atento a ela enquanto a ouvia, mas agora desviou o olhar. Algo na expressão dela inspirava à sua imaginação uma imagem nítida e focada dos dois, ele e Vivien, a correr em direcção ao mar, que lhe deu vontade de a interromper, ali mesmo, no meio da rua, segurar-lhe o rosto nas mãos em concha e pregar-lhe um beijo ardente e prolongado. Santo Deus! O que se passaria com ele?

Jimmy acendeu um cigarro e foi fumando enquanto caminhavam.

— Então, e a Vivien? — tartamudeou ele, envergonhado e a tentar fazer as pazes. — Qual vai ser o seu futuro? Quais são os seus sonhos?

— Oh... — Ela acenou com uma mão. — Eu não perco muito tempo a pensar no futuro.

Chegaram à estação de metropolitano e ensaiaram uma despedida constrangida. Jimmy sentia-se desconfortável, para não dizer culpado, sobretudo porque teria de estugar o passo para ir ter com Dolly ao Lyons, como ficara combinado. Em todo o caso...

— Deixe-me ir consigo até Kensington — gritou ele a Vivien. — Para poder ficar descansado de que chega a casa sã e salva.

Ela lançou-lhe uma olhadela por cima do ombro.

— Vai apanhar a bomba que traz o meu número escrito?

— Farei o possível por isso.

— Não — respondeu-lhe ela. — Não, obrigada. Prefiro ir sozinha.

— E, ao ouvir isto, teve um vislumbre da velha Vivien, a mesma que se adiantara a ele na rua e nem sequer se dignara a oferecer-lhe um sorriso.

*

Dolly ficou sentada a fumar enquanto tentava avistar Jimmy através da vitrina do restaurante. De quando em vez, desviava o olhar do vidro, sacudindo o pêlo branco da manga do casaco. Estava demasiado calor lá dentro, admitia, para estar de casaco de peles, mas Dolly não gostava de o despir. Fazia-a sentir-se importante — poderosa, mesmo —, algo de que ela precisava mais do que nunca. Ultimamente, andava com a terrível sensação de que as coisas lhe escorregavam por entre os dedos e que começava a perder o domínio da situação. O medo chegava a provocar-lhe náuseas — mas o pior de tudo era a incerteza crescente que todas as noites a assaltava.

O plano, quando o concebera, parecera-lhe infalível — uma

maneira simples de dar uma lição a Vivien Jenkins e, em simultâneo, assegurar o seu futuro ao lado de Jimmy —, todavia, à medida que o tempo passara e se fora aproximando o momento de Jimmy marcar um encontro com Vivien para ela lhes tirar uma fotografia, à medida que Dolly se apercebia da distância que se vinha a instalar entre ambos, o esforço que ele fazia para a conseguir olhar de frente, começava a perceber que cometera um erro trágico; que jamais deveria ter pedido a Jimmy para fazer aquilo. Nos seus momentos de maior desânimo, Dolly chegava mesmo a questionar-se se ele ainda a amaria da mesma maneira, se a acharia tão excepcional como antes. E esta dúvida deixava-a genuinamente assustada.

Tinham tido uma discussão tremenda numa daquelas noites. Começara por uma coisa sem importância, um comentário que ela fizera a respeito da sua amiga Caitlin, da maneira como ela se comportara quando recentemente tinham ido dançar com Kitty e as colegas. Era o género de coisa que ela costumava dizer com frequência, mas, por algum motivo, desta vez dera azo a uma autêntica discussão. Dolly mostrara-se chocada com a rispidez com que Jimmy falara com ela, as coisas que lhe dissera — que, se as amigas a desiludiam assim tanto, talvez devesse escolher melhor as companhias, que, quem sabe, pudesse até pensar em ir visitá-lo a ele e ao pai ao invés de sair com pessoas que obviamente não lhe agradavam — e aquilo parecera-lhe tão descabido, tão indelicado, que desatara a chorar em plena rua. Em geral, quando Dolly chorava, Jimmy apercebia-se do quanto ela estava magoada e apressava-se a remediar a situação, desta vez, porém, não. Limitara-se a gritar: «Santo Deus!» e virara-lhe as costas, os braços descaídos ao longo do corpo e os punhos cerrados.

Dolly conteve então os soluços, à escuta e à espera no escuro, e, durante alguns instantes, não ouviu nada, julgou que estava de facto sozinha, que se calhar daquela vez o tinha feito perder as estribeiras e que Jimmy a deixara definitivamente.

Não deixou, acabou por voltar, todavia, em lugar de lhe pedir desculpa, como ela esperava, disse-lhe, com uma voz praticamente irreconhecível:

— Tu terias feito melhor se te tivesses casado comigo. Terias feito bem melhor se te tivesses casado comigo quando te pedi.

Ao ouvir isto, Dolly sentiu um gemido assomar-lhe aflitivamente à boca e deu por ela a gritar:

— Não, Jimmy, tu é que devias ter-me pedido mais cedo!

Acabaram por fazer as pazes à porta da pensão da Sr.^a White. Despediram-se com um beijo de boas-noites, comedido, educado, e concordaram que se tinham deixado levar pelas emoções, apenas e só. Dolly, porém, sabia que era mais do que isso. Nessa noite, passou horas acordada, a pensar nas últimas semanas, a recordar cada vez que se tinham encontrado, as coisas que Jimmy lhe dissera, a forma como se comportara, e, entretanto, à medida que os acontecimentos se desenrolavam na sua mente, percebera o que se passava. A culpa era do plano, daquilo que lhe pedira para fazer. Em vez de remediar as coisas entre ambos, como ela esperava, o seu plano sagaz corria o risco de estragar tudo...

Agora, no restaurante, Dolly apagou o cigarro e retirou a carta da carteira. Puxou-a do envelope e tornou a lê-la. Uma oferta de emprego de uma pousada chamada Mar Azul. Fora Jimmy quem descobrira o anúncio no jornal e o recortara para ela. «Parece ser ótimo», dissera-lhe. «Um local deslumbrante à beira-mar... gaivotas, ar salgado, gelados... E eu posso procurar um emprego de... Bom, haveremos de arranjar uma solução.» Dolly não se estava bem a imaginar a varrer a areia que os veraneantes pálidos deixavam atrás de si, mas Jimmy não a largara enquanto ela não respondera ao anúncio, e havia uma parte dela que gostava de o ver assim tão enérgico. Por fim, acabara por pensar: e porque não? Servia para manter Jimmy manso e, se lhe oferecessem o emprego, podia sempre enviar uma resposta confidencial a dizer que já não estava interessada. Na altura, Dolly julgara que não iria precisar de

se sujeitar a um emprego assim, não quando finalmente tivesse a fotografia de Vivien...

A porta do restaurante abriu-se e Jimmy entrou. Viera a correr, percebeu logo — ansioso por a ver, esperava. Dolly acenou-lhe e observou-o à medida que atravessava a sala até à mesa; o cabelo escuro caído para a cara, dando-lhe um aspecto atraente e desleixado de uma forma um tanto ou quanto perigosa.

— Olá, Doll — disse ele, cumprimentando-a com um beijo na cara. — Não achas que está calor de mais para andares de casaco de peles?

Dolly sorriu-lhe e abanou a cabeça.

— Estou bem assim. — Chegou-se para o lado no banco do reservado, mas ele preferiu sentar-se de frente para ela, levantando a mão para chamar a empregada.

Dolly aguardou até que mandassem vir chá, mas depois já não aguentou mais.

— Tive uma ideia. — A expressão de Jimmy retesou-se e ela sentiu uma pontada de auto-recriminação, apercebendo-se do quanto ele se tornara desconfiado. Chegou-se a ele para lhe acariciar uma mão. — Oh, Jimmy, não é nada do que estás a pensar... — Calou-se, mordendo o lábio. — Na verdade — baixou a voz —, tenho andado a pensar naquela outra coisa, *no plano*.

Jimmy empertigou o queixo, na defensiva, e Dolly apressou-se a continuar:

— Só pensei que talvez fosse melhor esquecermos o assunto... marcar o encontro, tirar a fotografia.

— A sério?

Ela assentiu com a cabeça e, pela expressão de Jimmy, percebeu que tomara a decisão correcta.

— Eu nunca te deveria ter pedido para fazeres isso — as palavras atropelavam-se-lhe agora umas atrás das outras —, não estava a pensar como deve ser. Tudo o que se passou com Lady Gwendolyn, a minha família... deixou-me um pouco desnorteada, acho eu.

Jimmy veio sentar-se ao lado dela e tomou-lhe o rosto entre as mãos. Os seus olhos escuros indagaram os dela.

— É óbvio que sim, minha pobre querida.

— Eu nunca te deveria ter pedido para fazeres aquilo — repetiu ela à medida que ele a beijava. — Não foi justo. Descul...

— Chiu — interrompeu-a ele, o alívio a aquecer-lhe a voz. — Deixa lá isso agora. Pertence ao passado. O melhor que temos a fazer é pôr isso para trás das costas e seguir em diante.

— Também acho.

Jimmy afastou-se para olhar bem para ela, em seguida abanou a cabeça e soltou uma gargalhada de surpresa e prazer em simultâneo. Era um som delicioso que vibrou ao longo da coluna de Dolly.

— Eu também acho — disse ele. — Vamos começar pela tua ideia. Ias dizer-me qualquer coisa quando eu cheguei, não ias?

— Ah, sim — confirmou Dolly, entusiasmada. — O espectáculo que vocês andam a ensaiar... Eu fiquei de ir trabalhar nesse dia, mas acho que vou fazer gazeta para ir assistir.

— A sério?

— Claro. Adorava conhecer a Nella e as outras crianças, e, afinal de contas, quando é que voltarei a ter a oportunidade de ver o meu namorado a fazer de Fada Sininho?

*

A primeira e única representação de *Peter Pan* pelos jovens actores do Hospital do Dr. Tomalin para Órfãos de Guerra foi um êxito retumbante. As crianças voaram e lutaram e fizeram magia a partir de um sótão poeirento e de meia dúzia de lençóis velhos; os que estavam demasiado doentes para poder participar foram levados para a assistência, de onde gritaram, aplaudiram e aclamaram; e Sininho, sob a mão firme de Jimmy, saiu-se admiravelmente. Depois da peça, os miúdos fizeram uma surpresa a

Jimmy, tirando o cartaz pintado com uma bandeira do barco pirata e substituindo-o por outro que dizia *Estrela Rouxinol*, e, em seguida, representaram uma versão da história que ele lhes contara, um acto que vinham a ensaiar havia semanas em segredo. Depois de o elenco ter sido chamado mais uma vez (entre muitas) ao palco, o Dr. Tomalin fez um discurso e indicou a Vivien e a Jimmy que fizessem também uma vénia. Jimmy reparou em Dolly na assistência, a acenar-lhe; ele retribuiu-lhe o sorriso e lançou-lhe uma piscadela de olho.

Estivera apreensivo ao levá-la a ver a peça, embora agora não soubesse bem porquê. Calculava que, quando ela lhe sugerira aquilo, sentira a culpa a invadi-lo dada a sua proximidade com Vivien, um receio de que as coisas corressem mal entre as duas. Logo que ficou claro que não seria capaz de a demover de ir, Jimmy entrara em modalidade de controlo de danos. Não lhe confessara a sua amizade com Vivien; em lugar disso, concentrara-se em explicar-lhe que lhe chamara a atenção por ela ter sido tão incorrecta com Dolly quando esta lhe fora devolver o medalhão.

— Tu falaste-lhe em mim?

— Claro! — disse Jimmy, chegando-se a Dolly para lhe pegar nas mãos quando estavam a sair do restaurante e mergulhar no *blackout*. — Tu és minha namorada. Como poderia deixar de lhe falar em ti?

— E o que foi que ela te respondeu? Admitiu o que fez? Ela confessou-te que me tratou pessimamente mal?

— Sim. — Jimmy deteve-se enquanto Dolly acendia um cigarro. — Diz que se sentiu muito mal com o que fez, mas que tinha apanhado um choque nesse dia, embora isso não sirva de desculpa.

Ao luar, ele viu o lábio inferior de Dolly tremer de emoção.

— Foi horrível, Jimmy — lastimou-se ela num sussurro. — As coisas que ela me disse. A maneira como me fez sentir.

Ele prendeu-lhe o cabelo atrás da orelha.

— Ela quis pedir-te desculpa; ao que parece, tentou fazer isso,

mas quando foi bater à porta de Lady Gwendolyn, ninguém atendeu.

— Ela foi lá falar *comigo*?

Jimmy confirmou com um aceno de cabeça e reparou que a expressão suavizava. Assim, sem mais nem menos, toda a amargura desaparecera. A transição foi de tirar o fôlego e, no entanto, ele não deveria ter ficado surpreendido. As emoções de Dolly eram papagaios de fios compridos; mal um afundava, já outra cor brilhante estava a apanhar a brisa.

Mais tarde, foram dançar e, pela primeira vez em semanas, sem aquele maldito plano a pairar-lhes por cima da cabeça, Jimmy e Dolly passaram um bom momento juntos, tal como nos velhos tempos. Riram-se, brincaram um com o outro e, quando chegou a altura de lhe dar as boas-noites e se escapulir pela janela da despensa da Sr.^a White, Jimmy começava a pensar que, afinal, não seria tão má ideia quanto isso levar Dolly a ver a peça.

*

E tivera razão. Após um início vacilante, o dia correra de longe melhor do que ele sonhara. Quando os dois chegaram, Vivien estava a acabar de prender a bandeira no navio. Jimmy reparara-lhe na expressão de surpresa quando se virara e deparara com Dolly, a forma como o sorriso lhe começara a descair antes de ela o compor, e sentiu uma pontada inicial de apreensão. Descera com todo o cuidado enquanto Jimmy pendurava o casaco branco de Doll. E quando as duas se cumprimentaram, Jimmy susteve a respiração. Todavia, a saudação correra bem. Ficou satisfeito e orgulhoso com a maneira como Dolly se comportou. Fez o possível por pôr o passado para trás das costas e mostrar-se amistosa com Vivien. Reparou que Vivien também estava aliviada, embora mais reservada do que o habitual e talvez menos calorosa. Quando lhe perguntou se Henry vinha assistir ao espectáculo, ela olhou para ele como se tivesse acabado de receber um insulto, lembrando-lhe de

seguida que o marido tinha um cargo muito importante no ministério.

Graças a Deus, estava lá Dolly, que sempre tivera jeito para desanuviar o ambiente.

— Olha, Jimmy — disse-lhe ela, dando o braço a Vivien à medida que as crianças iam chegando. — E se nos tirasses uma fotografia às duas? Para ficarmos com uma recordação deste dia.

Vivien começara por objectar, alegando que não gostava de ser fotografada, mas Doll insistiu tanto, e Jimmy não queria ver o seu empenho ir por água abaixo.

— Prometo que não vai doer — disse ele com um sorriso, e, por fim, Vivien cedeu com um aceno de cabeça relutante...

Os aplausos chegaram finalmente ao fim e o Dr. Tomalin anunciou às crianças que Jimmy tinha uma coisa para elas. As suas palavras foram recebidas com outra rodada de aplausos. Jimmy acenou-lhes e começou a distribuir cópias de uma fotografia. Tirara-a quando Vivien estivera doente: mostrava o elenco completo vestido a rigor para a peça, reunido no convés do navio.

Jimmy imprimira uma também para Vivien. Avistou-a a um canto ao fundo do sótão, a arrumar o vestuário usado na peça dentro de um cesto de verga. Uma vez que o Dr. Tomalin e Myra estavam entretidos a conversar com Dolly, ele encarregou-se de lha levar.

— Então — disse-lhe ao chegar a seu lado.

— Então.

— Críticas entusiásticas nos jornais de amanhã, diria eu.

Ela riu-se.

— Sem dúvida.

Entregou-lhe uma fotografia.

— Isto é para si.

Vivien pegou nela, sorrindo ao ver as caras das crianças. Inclinou-se para pousar o cesto no chão e, ao fazê-lo, a blusa abriu-se ligeiramente e Jimmy reparou numa nódoa negra que se estendia do ombro à clavícula.

— Não é nada — apressou-se ela a dizer, reparando na direcção

do olhar dele, os dedos a movimentarem-se ligeiramente para ajeitar o tecido. — Caí, no *blackout*, quando ia a caminho do abrigo. Apareceu-me um marco do correio pela frente... e ainda dizem que aquela tinta se vê no escuro.

— Tem a certeza? Está com um aspecto feio.

— Eu faço nódoas negras com facilidade. — Os olhares de ambos encontraram-se e, por uma fracção de segundos, Jimmy teve a impressão de detectar lá qualquer coisa, mas depois ela sorriu. — Para não mencionar que ando muito depressa. Estou constantemente a ir contra as coisas... às vezes, até contra as pessoas.

Jimmy retribuiu-lhe o sorriso, recordando-se do dia em que se tinham encontrado; todavia, à medida que uma das crianças pegava em Vivien pela mão e a levava consigo, os seus pensamentos deslocaram-se para as suas doenças frequentes, a sua impossibilidade de ter filhos e o que ele sabia acerca das pessoas que tinham tendência para fazer nódoas negras, e Jimmy sentiu um nó de preocupação a apertar-se no seu estômago.

Capítulo 28

Vivien sentou-se na beira da cama e pegou na fotografia que Jimmy lhe dera, a que fora tirada durante os bombardeamentos, com o fumo, os vidros a brilhar e a família por detrás. Ela sorriu ao contemplá-la e, em seguida, estendeu-se na cama, fechando os olhos, desejosa de que a sua mente deslizasse pela margem, mergulhando na sua terra de sombras. O véu, as luzes cintilantes ao fundo do túnel cheio de água e, para lá dele, a sua família, à sua espera em casa.

Ficou deitada na cama e esforçou-se por os ver, e depois esforçou-se mais ainda.

Não valia a pena. Abriu os olhos. Ultimamente, tudo o que Vivien via de cada vez que fechava os olhos era Jimmy Metcalfe. A madeixa de cabelo escuro caída para a testa, o trejeito dos lábios quando se preparava para dizer qualquer coisa engraçada, a maneira como as sobrancelhas se uniam sempre que falava do pai...

Levantou-se repentinamente e foi até à janela, deixando a fotografia atrás de si, em cima da colcha. Passara uma semana desde a peça de teatro e Vivien andava inquieta. Sentia saudades dos ensaios com as crianças e não suportava os dias intermináveis divididos entre a cantina e a grande casa silenciosa. E era de facto silenciosa, demasiado silenciosa. Deveria haver crianças a correr pelas escadas, a escorregar pelos corrimões, aos pulos no sótão. Agora até Sarah, a empregada, se fora embora — depois do que

acontecera, Henry fizera questão de que a despedissem, apesar de Vivien não se ter importado nada de que Sarah continuasse a trabalhar lá em casa. Não se dera conta de como estava habituada a ouvir o barulho do aspirador a bater contra os rodapés, os rangidos do velho soalho, a percepção intangível de que havia mais alguém a respirar, a movimentar-se e a observar no mesmo espaço que ela habitava.

Uma homem montado numa bicicleta velha e vacilante passou lá em baixo na rua, o cesto do guiador atafalhado de ferramentas de jardinagem sujas, e Vivien deixou as cortinas de dia transparentes cair sobre o vidro com fita adesiva entrecruzada. Sentou-se na beira de uma poltrona ali próxima e tentou pôr os pensamentos em ordem. Andava havia dias vai não vai para escrever a Katy; Vivien sentia um distanciamento entre ambas desde a vinda da amiga a Londres e estava empenhada em remediar a situação. Não de modo a fazer cedências — Vivien nunca fora pessoa para pedir desculpa quando sabia que a razão estava do seu lado —, mas antes para se explicar.

Queria fazer Katy compreender, como não conseguira aquando do encontro das duas, que a sua amizade com Jimmy era pura e verdadeira; acima de tudo, que era inocente. Que ela não fazia tenções de deixar o marido ou de pôr a sua saúde em perigo, nem tão-pouco nenhum dos outros cenários nefastos contra os quais Katy a prevenira. Queria falar-lhe no velho Sr. Metcalfe e de como era capaz de o pôr a rir, do à-vontade que sentia ao lado de Jimmy quando conversavam ou se punham a ver as suas fotografias, da credulidade dele na bondade das pessoas e na sensação que lhe transmitia de que seria incapaz de magoar alguém. Queria convencer Katy de que os seus sentimentos por Jimmy eram apenas e só de amizade.

Mesmo que isso não correspondesse exactamente à verdade.

Vivien lembrava-se do momento em que tomara consciência de que estava apaixonada por Jimmy Metcalfe. Fora num dia em que

estava sentada à mesa do pequeno-almoço com Henry, e o marido lhe estava a falar de um trabalho qualquer que andava a fazer para o ministério, e ela ia assentindo com a cabeça, mas tinha o pensamento ocupado com um episódio ocorrido no hospital — qualquer coisa engraçada que Jimmy fizera enquanto tentava animar um novo doente — e ela se rira, a contragosto, e graças a Deus deveria ter sido num ponto da história de Henry a que ele também achava piada, porque lhe sorriu e se acercou dela para a beijar, dizendo-lhe: «Eu sabia que tu serias da mesma opinião que eu, querida.»

Vivien sabia também que a paixão era unilateral e não lhe passava pela cabeça algum dia confessar a Jimmy os seus sentimentos por ele. Mesmo que, por alguma casualidade, ele lhos retribuísse, Jimmy não tinha futuro ao lado de Vivien. Ela não tinha nada para lhe oferecer. O destino de Vivien estava selado. O seu estado de saúde não lhe causava transtorno ou angústia, agora já não; aceitara, havia já tempo, a vida que lhe restava e não precisava certamente de confissões ilícitas sussurradas ou manifestações físicas do amor para se sentir preenchida.

Muito pelo contrário. Vivien aprendera muito cedo, na infância, numa estação dos caminhos-de-ferro apinhada de gente, a preparar-se para embarcar num navio rumo a um país longínquo, que a única coisa sobre a qual tinha controlo era a vida que se desenrolava na sua mente. Quando estava na casa de Campden Grove, ouvir Henry assobiar na casa de banho, enquanto aparava o bigode e se admirava de perfil, era suficiente para saber que o que tinha no seu íntimo só a ela lhe pertencia.

Não obstante, ver Jimmy acompanhado por Dolly Smitham na peça fora para ela um choque. Já tinham falado numa ou noutra ocasião a respeito da noiva dele, mas Jimmy mostrava-se reservado sempre que o assunto vinha à baila e, por conseguinte, Vivien deixara de lhe fazer perguntas a respeito dela. Habitudara-se a pensar nele como alguém que não tinha uma vida fora do hospital,

ou família para além do pai. Ao vê-lo com Dolly, porém — a ternura com que ele lhe segurava na mão, o olhar dele sempre atento a ela —, fora obrigada a encarar a verdade. Vivien poderia amar Jimmy, mas Jimmy amava Dolly. Além disso, Vivien percebia porquê. Dolly era bonita e divertida e dotada de um entusiasmo e de uma audácia tais que cativava as pessoas. Jimmy descrevera-a uma vez como sendo cheia de vida, e Vivien compreendia o que ele queria dizer com isso. Era óbvio que estava apaixonado por ela; não admirava que estivesse tão empenhado em providenciar-lhe o mastro para a sua viagem gloriosa através de mares agitados — ela era precisamente o tipo de mulher capaz de inspirar devoção a um homem como Jimmy.

E era exactamente isto que Vivien tencionava dizer a Katy: que Jimmy estava noivo, que a noiva era uma mulher encantadora e que não havia motivo para que ele e Vivien não fossem...

O telefone tocou na mesinha a seu lado e Vivien lançou-lhe uma olhadela, surpreendida. Ninguém ligava para o número 25 de Campden Grove durante o dia; os colegas de Henry contactavam-no no emprego e Vivien não tinha muitos amigos, pelo menos não do género de fazer telefonemas. Levantou o auscultador, hesitante.

A voz do outro lado era masculina e desconhecida. Não apanhou o nome do cavalheiro, ele disse-o muito depressa.

— Está lá? — repetiu ela. — Quem fala, por favor?

— O Dr. Lionel Rufus.

Vivien não se lembrava de conhecer ninguém que desse por aquele nome e perguntou-se se não se trataria eventualmente de um colega do Dr. Tomalin.

— Em que posso ajudá-lo, Dr. Rufus? — Ocorria por vezes a Vivien que a sua voz era agora idêntica à da mãe, ali, naquela outra vida; a voz da mãe quando lhes lia histórias e se tornava sincopada, perfeita e distante, nada como a sua voz autêntica.

— Estou a falar com a Sr.^a Vivien Jenkins?

— Sim?

— Sr.^a Jenkins, gostaria de saber se me dá licença de que fale consigo a respeito de um assunto delicado. Trata-se de uma jovem com quem julgo que se terá cruzado uma vez por outra. Ela morou na casa em frente à sua durante algum tempo, trabalhava como acompanhante de Lady Gwendolyn.

— Refere-se à Dolly Smitham?

— Sim. Bom, o que eu tenho para lhe dizer não é algo que em circunstâncias normais discutiria com... há questões de confidencialidade a ter em consideração... todavia, neste caso, creio que será do seu interesse. Talvez seja melhor sentar-se, Sr.^a Jenkins.

Vivien já estava sentada e, por conseguinte, ajeitou-se ligeiramente na poltrona e, em seguida, ouviu com toda a atenção um médico que não conhecia de parte alguma contar-lhe uma história em que mal podia acreditar.

Ouviu, quase sem o interromper e, quando o Dr. Rufus finalmente se despediu, Vivien deixou-se ficar com o auscultador na mão durante muito tempo. Repetia mentalmente as palavras dele, a tentar entretecer os fios uns nos outros de modo a formar um padrão com sentido. Ele falara-lhe de Dolly («É boa rapariga, embora, por vezes, se deixe levar pelos caprichos de uma imaginação demasiado fértil») e do jovem namorado («Jimmy, creio eu... Nunca o conheci pessoalmente»); e falou-lhe do desejo que ambos tinham de ficar juntos, do dinheiro de que, no entendimento de ambos, precisavam para começar uma nova vida. E depois expusera-lhe o plano que os dois tinham maquinado, o papel que lhe iriam atribuir no mesmo, e quando Vivien se interrogou em voz alta porque a tinham escolhido a ela, ele mencionara-lhe o desespero de Dolly ao ver-se «repudiada» por alguém que tanto admirava.

Inicialmente, a conversa deixou Vivien atordoada — e ainda bem que assim fora, pois a mágoa que aquelas notícias lhe tinham causado, a revelação de mentiras que tomara por verdades puras,

poderia de outro modo ter sido devastadora. Disse a si própria que o indivíduo estava enganado, que se tratava de uma partida de muito mau gosto ou, então, de um equívoco — mas depois recordara-se da amargura que detectara na expressão de Jimmy quando lhe perguntara porque era que ele e Dolly não se casavam e se iam embora de vez; a maneira como ele a repreendera, lembrando-lhe de que os ideais românticos eram um luxo reservado a quem os podia pagar; e então compreendera.

Deixou-se ficar sentada, quieta, à medida que todas as suas esperanças se desmoronavam ao seu redor. Vivien tinha muito jeito para desaparecer por detrás da tempestade das emoções — tinha grande experiência na matéria —, mas aquilo era diferente; fazia-lhe doer numa parte de si própria que havia muito tinha escondido à cautela. Vivien percebeu então com clareza, de uma forma que até aí lhe estivera vedada, que não era apenas por Jimmy que ela ansiava, era também pelo que ele representava. Uma vida diferente; liberdade e o futuro que desistira de imaginar, um futuro que se desenrolava à sua frente sem obstáculos. E ainda, de alguma estranha forma, o passado — não o passado dos seus pesadelos, mas antes a oportunidade de se reconciliar com os acontecimentos de então...

Só quando ouviu o relógio dar as horas lá em baixo é que Vivien se lembrou de onde estava. O quarto arrefecera e sentia as faces húmidas das lágrimas que não dera por ter chorado. Uma rajada de vento soprou vinda de algures e a fotografia de Jimmy voou da cama para o chão. Vivien olhou para ela, questionando-se se até mesmo aquele presente especial fizera parte do plano, uma artimanha para ganhar a sua confiança de modo a permitir a consecução do resto do estratagema: a fotografia, a carta — Vivien endireitou-se. Sentia uma câibra no estômago. Subitamente, apercebeu-se de que havia mais em jogo para além da sua desilusão mortificante. Muito mais. Um comboio tenebroso estava prestes a entrar em movimento e ela era a única capaz de o deter.

Tornou a pôr o auscultador no seu devido sítio e consultou o relógio de pulso. Duas da tarde. O que significava que dispunha de três horas até ter de estar em casa a fim de se arranjar para o jantar aonde ficara de ir com Henry.

Agora não havia tempo para lamentar as perdas; Vivien sentou-se à escrivaninha e fez o que tinha a fazer. Vacilou ligeiramente ao dirigir-se à porta, o único sinal visível no tormento que lhe ia na alma, o medo crescente, e depois foi a correr buscar o livro. Rabiscou uma dedicatória enviesada no frontispício, tornou a pôr a tampa na caneta e, por fim, sem um instante de hesitação, apressou-se escada abaixo e pôs-se a caminho.

*

A Sr.^a Hamblin, a senhora que vinha fazer companhia ao pai quando Jimmy estava a trabalhar, atendeu a porta. Sorriu ao ver Vivien e disse-lhe:

— Ah, é a menina, minha querida. Uma vez que fica a tomar conta dele, se não se importa, vou aproveitar para dar uma saltada à mercaria. — Enfiou um saco de rede debaixo do braço e coçou uma asa do nariz à medida que corria para a porta. — Ouvi dizer que o merceiro tem bananas escondidas debaixo do balcão para quem lhe souber pedir com jeitinho.

Vivien ganhara enorme carinho ao pai de Jimmy. Havia alturas em que pensava que o seu próprio pai poderia ter sido tal qual como ele, se tivesse tido a oportunidade de atingir aquela idade provecta. O Sr. Metcalfe fora criado numa quinta, juntamente com uma enorme pandilha de irmãos, e muitas das histórias que contava diziam muito a Vivien; e tinham seguramente influenciado as ideias de Jimmy no que se referia à vida que pretendia levar. Hoje, porém, o pai não estava num dos seus melhores dias.

— O casamento — disse ele, agarrando-lhe uma mão, alarmado. — Não faltámos ao casamento, pois não?

— O senhor não faltou de certeza — tranquilizou-o ela com doçura. — Um casamento sem si? Mas que ideia é essa! Não passaria pela cabeça de ninguém. — O coração de Vivien compadeceu-se dele. Estar velho, confuso e assustado; quem lhe dera a ela poder fazer mais por lhe facilitar a vida. — Então é que tal uma chávena de chá?

— Sim — acedeu ele. — Ah, sim, por favor. — Tão grato como se ela lhe tivesse concedido o maior dos seus desejos. — Parece-me uma ótima ideia.

Quando Vivien estava a misturar a gota de leite condensado, tal qual como ele gostava, ouviu-se uma chave a rodar na fechadura. Jimmy entrou pela porta e se ficou surpreendido ao vê-la ali disfarçou bem. Sorriu-lhe calorosamente e Vivien retribuiu-lhe o sorriso, consciente da cinta de aço que se apertava em volta do seu peito.

Ficou lá mais algum tempo, a conversar com os dois, prolongando a visita tanto quanto se atrevia. Finalmente, porém, eram horas de se ir embora; Henry estaria à sua espera.

Jimmy acompanhou-a ao metropolitano, como sempre fazia, todavia, quando lá chegaram, Vivien não entrou de imediato na estação, como era seu hábito.

— Trouxe uma coisa para si — disse ela, metendo uma mão dentro da carteira. Retirou um exemplar de *Peter Pan* e entregou-lho.

— Quer que eu fique com isto?

Ela confirmou com um aceno de cabeça. Jimmy ficou comovido, mas também, reparou ela, perplexo.

— Eu escrevi-lhe uma dedicatória — acrescentou ela.

Jimmy abriu o livro e leu as palavras dela em voz alta.

— «Um verdadeiro amigo é uma luz na escuridão. Vivien.» — Ele sorriu a olhar para o livro e depois, por entre o cabelo, para ela. — Vivien Jenkins, este livro é o presente mais bonito que eu algum dia recebi.

— Ainda bem. — Doeu-lhe o peito. — Assim, ficamos quites. — Hesitou, ciente de que, depois de fazer o que se preparava para fazer, as coisas entre ambos nunca mais voltariam a ser como dantes. Lembrou-se então de que já não eram; o telefonema do Dr. Rufus garantira que assim fosse. A sua voz impassível continuava a ecoar-lhe na cabeça, as coisas que lhe dissera com a maior das naturalidades. — E tenho também outra coisa para si.

— Eu não faço anos. Sabe disso, não sabe?

Vivien entregou-lhe o papel.

Jimmy virou-o, leu o que lá vinha escrito, e depois olhou para ela, chocado.

— O que vem a ser isto?

— Eu acho que o papel fala por si.

Jimmy deitou uma olhadela por cima do ombro; baixou a voz.

— Quero dizer, *porque* é que me deu isto?

— É o pagamento. Pelo trabalho extraordinário que fez no hospital.

Ele devolveu-lhe o cheque como se fosse veneno.

— Eu não exigi dinheiro por isso; só quis ajudar. Eu não quero o seu dinheiro.

Por uma fracção de segundos, a dúvida deflagrou com uma centelha de esperança no peito de Vivien; contudo, ela aprendera a conhecê-lo bem e reparou na pressa com que ele desviou o olhar do seu. Vivien não se sentiu justificada com a vergonha dele, apenas mais triste.

— Eu sei que sim, Jimmy, e que nunca exigiu dinheiro por isso. Mas eu quero que fique com ele. Tenho a certeza de que terá destino a dar-lhe. Aproveite-o para ajudar o seu pai — sugeriu-lhe ela. — Ou a sua encantadora Dolly... Se isso o faz sentir mais tranquilo, encare isso como minha forma de a recompensar pela grande amabilidade dela ao devolver-me o medalhão. Aproveite-o para se casar, para ter um casamento perfeito, tal como é vosso desejo, para se irem embora e comecem uma nova vida... a beira-

mar, as crianças, um lindo futuro à vossa frente.

A voz dele estava impávida.

— Julguei que me tinha dito que não pensava no futuro.

— Referia-me ao meu.

— O que é que a leva a fazer isto?

— O facto de gostar de si. — Pegou-lhe nas mãos, segurando-lhas com firmeza. Eram umas mãos quentes, inteligentes, carinhosas. — Eu acho que o Jimmy é um bom homem, Jimmy, um dos melhores que conheci até hoje, e quero que seja feliz na vida.

— Isso soa-me mesmo a despedida.

— A sério?

Ele assentiu com a cabeça.

— Então, se calhar, é porque é. — Ela aproximou-se então dele e, após uma muito breve hesitação, beijou-o, ali mesmo, no meio da rua; um beijo delicado, ao de leve, posto o que lhe agarrou a camisa e se deixou ficar com a testa encostada ao peito dele, confiando aquele momento à sua memória. — Adeus, Jimmy Metcalfe — disse por fim. — E desta vez... desta vez nunca mais nos haveremos de encontrar.

*

Jimmy ficou sentado na estação durante muito tempo a olhar para o cheque. Sentia-se atraído, furioso com ela, mesmo sabendo que estava a ser extremamente injusto. Só que... porque haveria Vivien de lhe ter oferecido semelhante coisa? E porquê logo agora, quando o plano de Dolly já tinha sido abandonado e se estavam a tornar verdadeiros amigos? Teria algo que ver com a misteriosa doença dela? As palavras dela deixavam transparecer um certo tom conclusivo; Jimmy ficara preocupado.

Dia após dia, enquanto se esquivava às perguntas do pai sobre quando é que a sua encantadora namorada os viria visitar outra vez, Jimmy olhava para o cheque e interrogava-se que destino lhe

haveria de dar. Havia uma parte dele que tinha vontade de rasgar aquela coisa nefanda em quantos bocadinhos conseguisse; mas não rasgou. Não era parvo; sabia que era a resposta a todas as suas preces, mesmo deixando-o a arder de vergonha e frustração, uma estranha mágoa inominável.

Na tarde em que combinara encontrar-se com Dolly para irem outra vez tomar chá ao Lyons, Jimmy ponderou se haveria ou não de levar o cheque com ele. Fartou-se de dar voltas e mais voltas ao assunto; tirava-o de dentro do *Peter Pan*, enfiava-o no bolso e depois tornava a guardá-lo dentro do livro, escondendo o maldito papel longe da vista. Via que horas eram. E depois voltava a fazer o mesmo. Começava a fazer-se tarde. Sabia que Dolly estaria já à sua espera; ela telefonara-lhe para a redacção do jornal e dissera-lhe que tinha uma coisa importante para lhe mostrar. Deveria estar naquele instante atenta à porta, os olhos grandes e brilhantes, e Jimmy nunca haveria de ser capaz de lhe explicar que perdera uma coisa rara e preciosa.

Sentindo-se como se as sombras do mundo se estivessem a fechar em volta dele, Jimmy guardou o *Peter Pan* no bolso e foi ao encontro da noiva.

*

Dolly estava à espera dele no mesmo lugar em que estivera quando lhe apresentara o plano. Reparou nela de imediato porque trazia aquele seu horrível casaco de peles vestido; já não estava frio para usar peles, mas Dolly recusava-se a largá-lo. Na ideia de Jimmy, o casaco estava a tal ponto associado àquele estratagema abominável que lhe bastava olhar para ele para sentir as náuseas a tomar conta dele.

— Desculpa lá o atraso, Doll. Eu...

— Jimmy. — Os olhos dela brilhavam. — Consegui.

— Conseguieste o quê?

— Olha. — Retirou uma fotografia quadrada de dentro de um envelope que segurava entre os dedos de ambas as mãos e fê-la deslizar pelo tampo da mesa até ele. — Até a revelei sozinha.

Jimmy pegou nela e, por breves instantes, antes de se conseguir conter, sentiu um arroubo de ternura. Fora tirada no hospital no dia da peça. Via-se Vivien nitidamente, e Jimmy também, ao lado dela, uma mão a tocar-lhe no braço. Estavam a olhar um para o outro; ele lembrava-se daquele momento, fora quando reparara na nódoa negra que ela tinha... E foi então que compreendeu para o que estava a olhar. — Doll...

— É perfeita, não é? — Exibia um sorriso rasgado, orgulhoso, como se lhe tivesse feito um grande favor; quase como se estivesse à espera de que ele lhe agradecesse.

Mais alto do que era sua intenção, Jimmy respondeu-lhe:

— Mas nós tínhamos decidido não fazer isso... Tu disseste que tinha sido um erro, que nunca me deverias ter pedido para fazer aquilo.

— A ti, Jimmy. Eu nunca te deveria ter pedido *a ti*.

Jimmy lançou nova olhadela à fotografia e, em seguida, fixou-se outra vez em Doll. O olhar dele era uma luz implacável que revelava todas as rachas no seu lindo vaso. Ela não lhe mentira; ele simplesmente percebera mal. Dolly nunca tivera qualquer interesse nas crianças, na peça ou tão-pouco em fazer as pazes com Vivien. Limitara-se a ver ali uma oportunidade.

— Eu faria melhor se... — A expressão dela perdeu o alento. — Mas porque é que estás com esse ar? Julguei que fosses ficar contente. Por acaso não mudaste de ideias, pois não? Eu tive tanto cuidado a escrever a carta, Jimmy, não a insulto, longe disso, e ela é a única pessoa que irá ver a fotog...

— Não. — Jimmy conseguiu recuperar a voz. — Ai isso é que não vai.

— Jimmy?

— Era sobre isso que eu te queria falar. — Encafuou a fotografia

no envelope e devolveu-lho com brusquidão. — Livra-te disso, Doll. Nós agora já não precisamos disso para nada.

— Não precisamos como? — Os olhos dela semicerraram-se de desconfiança.

Jimmy tirou o *Peter Pan* do bolso, pegou no cheque e estendeu-lho por cima da mesa. Dolly virou-o cautelosamente.

O rubor subiu-lhe às faces.

— O que é isto?

— Foi ela que mo deu... para nós. Pela ajuda na peça do hospital e para te agradecer por lhe teres devolvido o medalhão.

— A sério? — Vieram-lhe lágrimas aos olhos, não de tristeza mas de alívio. — Mas, Jimmy... são dez mil libras.

— Pois são. — Ele acendeu um cigarro enquanto Dolly olhava embasbacada para o cheque.

— Mais do que eu jamais me teria atrevido a exigir-lhe.

— Pois é.

Dolly precipitou-se então para ele para o beijar, mas Jimmy não sentiu nada.

*

Nessa tarde, Jimmy deu um longo passeio por Londres. Doll ficara com o exemplar do *Peter Pan* — sentia-se avesso a separar-se dele, mas ela arrancara-lho da mão e suplicara-lhe que a deixasse levá-lo para casa. E que motivo lhe poderia ele adiantar que explicasse a sua relutância em entregá-lo nas mãos dela? O cheque, porém, ficara com ele, e pesava-lhe agora como um fardo dentro do bolso à medida que deambulava pelas ruas devastadas da cidade. Sem a máquina fotográfica, não conseguia descortinar as pequenas vinhetas poéticas da guerra, via simplesmente um caos terrível. De uma coisa ele tinha a certeza: seria incapaz de tocar num cêntimo que fosse daquele dinheiro e estava convencido de que, se Doll tocasse, nunca mais na vida seria capaz de olhar para

ela.

Estava a chorar quando chegou ao quarto, lágrimas ardentes de frustração que limpou com as costas da mão, porque aquilo estava tudo errado, e ele não sabia por onde começar para pôr as coisas outra vez nos eixos. O pai reparou que ele vinha transtornado e perguntou-lhe se uma das crianças da vizinhança se tinha metido com ele na escola —quereria ele que o pai fosse lá metê-los na ordem? O coração de Jimmy teve um sobressalto, tal era o seu desejo impossível de voltar para trás, de ser criança outra vez. Deu um beijo no cocuruto ao pai e disse-lhe que ficasse descansado e, nesse momento, reparou na carta que estava em cima da mesa, dirigida ao Sr. J. Metcalfe com uma caligrafia miúda e regular.

O remetente era de uma mulher chamada Katy Ellis, e estava a escrever a Jimmy, explicava-lhe, por causa da Sr.^a Vivien Jenkins. À medida que Jimmy lia a carta, o seu coração começou a bater violentamente de fúria, de amor e, por fim, de determinação. Katy Ellis tinha alguns motivos bastante convincentes para desejar que ele se afastasse de Vivien, mas tudo o que Jimmy sentia era a necessidade desesperada que tinha de ir atrás dela. Por fim, compreendeu tudo o que anteriormente lhe causara confusão.

*

Quanto à carta que Dolly Smitham escreveu a Vivien Jenkins e à fotografia dentro do envelope: caíram no esquecimento. Uma vez que Dolly já não precisava nem de uma, nem de outra, não foi à procura do envelope e, por conseguinte, não deu por que tinha desaparecido. Mas desaparecera, de facto. Fora arrastado pela manga do grosso casaco branco quando ela agarrara o cheque e se inclinara entusiasticamente para beijar Jimmy. Detivera-se na beira da mesa, vacilara uns segundos, até que, por fim, caíra e fora enfiar-se bem fundo na estreita fresta entre o banco e a parede.

O envelope ficou completamente escondido da vista de quem

passava, e talvez assim tivesse continuado, a apanhar pó, a servir de repasto às baratas, a desintegrar-se ao longo do constante fluxo e refluxo das estações, até muito depois de os nomes que continha não passarem de ecos de vidas em tempos vividas. Todavia, o destino tem coisas engraçadas, e não foi isso que aconteceu.

Nessa noite, enquanto Dolly dormia, enroscada na sua cama estreita em Rillington Place, a sonhar com a cara da Sr.^a White quando Dolly lhe anunciara que ia deixar a pensão, um *Luftwaffe Heinkel 111* de regresso a Berlim lançou uma bomba-relógio que se despenhou silenciosamente através do ameno céu nocturno. O piloto teria preferido atingir Marble Arch, mas estava cansado e com fraca pontaria e, assim, a bomba aterrou no sítio onde antigamente se achava o gradeamento de ferro, mesmo em frente do Lyons Corner House. Explodiu às quatro horas da madrugada seguinte, no momento em que Dolly, que acordara cedo, demasiado excitada para conseguir dormir, estava sentada na cama, a folhear o exemplar do *Peter Pan* que trouxera para casa do restaurante, e a escrever o seu nome — Dorothy — com todo o cuidado no cimo da dedicatória. Fora amoroso da parte de Vivien oferecer-lho — Dolly ficava triste de pensar até que ponto a julgara mal, sobretudo quando a fotografia de Jimmy, os dois juntos depois da peça, escorregou de entre as páginas onde estava enfiada. Estava contente por agora serem amigas. A bomba arrasou o restaurante e metade da casa vizinha. Houve vítimas, mas não tantas como se chegou a rezear, e a equipa de ambulâncias do Quartel 39 respondeu prontamente, passando as ruínas a pente fino à procura de sobreviventes. Uma bombeira prestável chamada Sue, cujo marido, Don, voltara traumatizado da batalha de Dunkirk e cujo filho único fora levado para uma localidade de Gales com um nome que ela era incapaz de pronunciar, estava a chegar ao fim do turno quando reparou em qualquer coisa a espreitar por entre os escombros.

Sue esfregou os olhos e bocejou, pensou em deixar ficar aquilo

onde estava, mas depois acabou por se baixar para o apanhar. Era uma carta, constatou ela, endereçada e selada, mas que ficara por enviar. Como seria de prever, não a leu, mas o envelope não estava fechado e a fotografia escorregou-lhe para a palma da mão. Via agora com perfeita nitidez à medida que a aurora nascia luminosa na orgulhosa Londres a arder em fogo lento; a fotografia era de um homem e de uma mulher, amantes — bastou-lhe olhar para eles para perceber isso. A maneira como o rapaz tinha os olhos fixos na bonita jovem; não conseguia desviá-los dela. Ele não sorria como ela, mas tudo na sua expressão dizia a Sue que o homem da fotografia amava aquela mulher do fundo do coração.

Sorriu para consigo, um pouco triste, a recordar-se de como ela e Don em tempos costumavam olhar um para o outro, e em seguida fechou a carta e guardou-a no bolso. Enfiou-se no fiel *Daimler* castanho ao lado da colega de turno, Vera, e regressaram ao quartel. Sue acreditava no poder de manter o optimismo e de ajudar o próximo; meter a carta dos amantes no correio seria a sua primeira boa acção do novo dia que despontava. A caminho de casa, deitou o envelope no marco e, durante o resto da sua longa e, em grande parte, feliz vida, lembrou-se ocasionalmente daqueles dois amantes, esperando que as coisas lhes tivessem corrido bem.

Capítulo 29

Greenacres, 2011

Outro dia estival em pleno Outono e uma neblina dourada de calor pairava por cima dos campos. Depois de passar toda a manhã sentada com a mãe, Laurel foi substituída por Rose e deixou as duas com a ventoinha de pé alto a girar devagarinho em cima da cómoda enquanto se aventurava fora de portas. A sua ideia inicial fora dar uma saltada até ao regato para desentorpecer as pernas, mas a casa da árvore chamara-lhe a atenção e, ao invés, decidira subir até lá. Seria a primeira vez em cinquenta anos que entrava na casa da árvore.

Santo Deus, mas a porta era muito mais baixa do que ela tinha memória. Laurel trepou pela escada, o traseiro espetado numa posição pouco feliz, e depois sentou-se de pernas cruzadas, a inspeccionar o interior da casa. Sorriu ao reparar no espelho de Daphne ainda pousado de lado na trave-mestra. A acção do tempo provocara rupturas e lascas na superfície de mercúrio, de modo que, quando Laurel contemplou o seu reflexo, a imagem apareceu-lhe em furta-cores, como se se visse através de água. Estar naquele lugar de recordações da infância e ver o seu rosto adulto enrugado a devolver-lhe o olhar causava-lhe uma sensação deveras estranha. Como Alice a cair pela toca do coelho; ou melhor, a cair *outra vez*, cinquenta anos volvidos, descobrindo que a única coisa que mudara fora ela própria.

Laurel tornou a pôr o espelho onde estava e permitiu-se deitar

uma olhadela pela janela, tal como fizera naquele dia; pouco lhe faltava para ouvir *Barnabé* a ladrar, ver a galinha de uma asa só às voltas na terra, a luz ofuscante do Verão prolongado a reflectir-se nas pedras do acesso. Estava praticamente convencida de que, se desse uma espreitadela à casa, iria ver o *hula hoop* de Iris a bambolear-se ao sabor da brisa contra a parede em que estava apoiado. E, por conseguinte, escusou-se a olhar. Por vezes, a distância dos anos — tudo o que estava contido no fole da sua concertina — causava dores físicas. Laurel preferiu afastar-se da janela.

Levara a fotografia de Dorothy e Vivien consigo para a casa da árvore, a que Rose descobrira dentro do *Peter Pan*, e tirou-a do bolso. Juntamente com o guião da própria peça, de que nunca se separara desde o seu regresso de Oxford; tornara-se uma espécie de talismã, o ponto de partida para aquele mistério que se empenhava em deslindar e — esperava ela —, com um pouco de sorte, a chave para a sua solução. As duas mulheres não tinham sido amigas, dissera-lhe Gerry, e, no entanto, alguma relação de amizade deveria ter existido entre ambas, pois que outra explicação haveria para aquela fotografia?

Decidida a encontrar uma pista, Laurel perscrutou-as com toda a atenção. Estavam de braço dado enquanto sorriam ao fotógrafo. Onde fora tirada?, interrogou-se ela. Numa sala algures, isso era óbvio; uma sala com um telhado inclinado — um sótão, talvez? Não se via mais ninguém na fotografia, contudo, uma pequena sombra escura e desfocada atrás das duas mulheres poderia ser outra pessoa a passar de fugida — Laurel chegou a fotografia mais perto do rosto —, uma pessoa baixa, a menos que a perspectiva lhe estivesse a pregar alguma partida. Uma criança? Talvez. Embora isso não fosse de grande ajuda, havia crianças por todo o lado. (Ou não houvera, na Londres dos tempos da guerra? Muitas tinham sido dali levadas, sobretudo nos primeiros anos, durante o período dos bombardeamentos aéreos.)

Laurel soltou um suspiro de frustração. Não valia a pena; por muito que se esforçasse, nunca passaria de conjecturas e suposições — cada alternativa era tão plausível como outra, e nada do que descobrira até ao momento lhe dava um indício concreto quanto às circunstâncias em que aquela fotografia fora tirada. Talvez excepto o livro em que estivera todas aquelas décadas aconchegada. Significaria isso alguma coisa? Teriam os dois objectos formado sempre um par? Teriam a mãe e Vivien ido assistir a uma peça juntas? Ou tudo não passaria de mais uma coincidência exasperante?

Concentrou a sua atenção em Dorothy, pondo os óculos e dirigindo a fotografia para a luz que entrava pela janela aberta, a fim de conseguir descortinar melhor cada pormenor granuloso. Ocorreu a Laurel que havia qualquer coisa na expressão da mãe que não batia certo; estava tensa, como se a extrema boa disposição que exibia ao fotógrafo não fosse de todo genuína. Não que fosse antipatia — isso não; não se ficava com a impressão de que não gostasse da pessoa que estava atrás da objectiva —, mas antes que a felicidade fazia parte da actuação. Que era motivada por outra emoção para além de simples alegria.

— Ei!

Laurel sobressaltou-se e soltou um grito a fazer lembrar o pio de uma coruja. Olhou para a entrada da casa. Gerry achava-se ao cimo da escada, a rir-se.

— Oh, Lol! — disse ele, abanando a cabeça. — Tu devias ver a tua cara.

— Pois. Muito engraçada, tenho a certeza.

— Era mesmo.

Laurel ainda tinha o coração aos pulos.

— Para uma criança, admito que sim. — Dirigiu o olhar para o caminho de acesso vazio. — Como foi que aqui chegaste? Não ouvi nenhum carro.

— Temos andado a trabalhar num sistema de teletransporte...

Sabes como é, dissolver a matéria em nada e em seguida transmiti-la. Até agora as coisas têm-me corrido bastante bem, embora receie que me possa ter esquecido de metade do cérebro em Cambridge.

Laurel sorriu com paciência exagerada. Por muito encantada que estivesse por ver o irmão, não se sentia com disposição para brincadeiras.

— Não? Pronto, está bem. Apanhei o autocarro e vim a pé desde a aldeia. — Gerry entrou na casa e sentou-se ao lado da irmã. Parecia um gigante trinca-espigas e desgrenhado, esticando o pescoço comprido para abarcar cada canto da casa. — Meu Deus, há quanto tempo eu não vinha cá acima. Agrada-me imenso o jeito que deste à casa.

— Gerry...

— Quero eu dizer, é como o teu apartamento de Londres, só que é menos pretensioso, não achas? Mais natural.

— Já acabaste?

O irmão fingiu ponderar, batendo com a ponta do indicador ao de leve no queixo, e, por fim, afastou o cabelo rebelde da testa.

— Sou capaz disso.

— Ótimo. Nesse caso, és capaz de ter a delicadeza de me contar o que foi que descobriste em Londres? Não pretendo ser inoportuna, mas estou a tentar resolver um mistério de família bastante importante.

— Então, está bem. Se pões as coisas nesses termos... — Gerry trazia uma sacola de lona verde a tiracolo e passou a correia por cima da cabeça, os seus dedos compridos a vasculharem o seu interior até encontrarem um pequeno caderno de apontamentos. Laurel sentiu uma súbita consternação ao vê-lo, mas mordeu a língua e escusou-se a fazer comentários acerca do seu estado lastimoso: bocados de papel a sair por todos os lados, *post-its* enrolados em cima e em baixo, uma nódoa circular de café na capa. O homem tinha um doutoramento e muito mais, presumia-se que soubesse tirar apontamentos como devia ser, oxalá fosse um ás a

encontrá-los quando voltasse a precisar deles.

— Enquanto estás aí a folhear... — disse ela, decidida a manter a boa disposição. — Tenho andado a pensar naquilo que me disseste no outro dia, ao telefone.

— Hum? — O irmão continuou a procurar entre a papelada.

— Tu disseste que a Dorothy e a Vivien não eram amigas, que mal se conheciam.

— É verdade.

— Eu só... Lamento, mas não compreendo como isso seja possível. Achas que se poderá dar o caso de teres percebido mal? Olha... — mostrou-lhe a fotografia, as duas mulheres de braço dado, a sorrir para a objectiva — ... o que tens a dizer a isto?

Gerry tirou-lha da mão.

— Eu tenho a dizer que eram duas jovens muito bonitas. A qualidade da película sofreu grandes progressos desde então. O preto e branco tem um acabamento muito mais problemático do que a cor...

— Gerry — admoestou-o Laurel.

— E — ele devolveu-lhe — eu tenho a dizer que tudo o que esta fotografia me diz é que, por um instante, há setenta anos, a nossa mãe deu o braço a outra mulher e sorriu para uma objectiva.

Maldita lógica científica enfadonha. Laurel fez uma careta.

— Então, e que me dizes a isto? — Foi buscar o velho exemplar do *Peter Pan* e abriu-o no frontispício. — Tem uma dedicatória, apontando um dedo às linhas manuscritas. — Olha.

Gerry pousou os papéis no colo e pegou no livro. Leu a dedicatória.

— «À Dorothy. Um verdadeiro amigo é uma luz na escuridão. Vivien.»

Foi mesquinho da sua parte, reconhecia, mas, nesse momento, Laurel não pôde conter uma ligeira sensação de triunfo.

— Isso já é um pouco mais difícil de refutar, não é?

Ele enfiou a almofada do polegar na cova do queixo e franziu a

testa, ainda a olhar fixamente para a página.

— Isso, admito, é um pouco mais espinhoso. — Chegou o livro mais perto, arqueou as sobrancelhas num esforço de concentração e, em seguida, inclinou o livro para a luz. Nesse momento, Laurel viu um sorriso rasgar-se na cara do irmão.

— O que foi? — indagou ela. — Que se passa?

— Bom, eu não estava à espera de que tu reparasses, claro... Vocês, os das humanidades, nunca têm bom olho para os pormenores.

— E então, Gerry?

O irmão devolveu-lhe o livro.

— Vê bem com atenção. A mim, parece-me que o texto da dedicatória não foi escrito com a mesma caneta que o nome por cima.

Laurel aproximou-se da janela da casa da árvore e deixou que a luz do Sol incidisse directamente na página. Ajeitou os óculos de ver ao perto e fixou o olhar na inscrição.

Bom, mas que detective de trazer por casa que ela saíra. Laurel mal podia acreditar que só agora desse por aquilo. O texto sobre a amizade fora escrito com uma caneta e as palavras «À Dorothy», em cima, embora também a tinta preta, haviam sido escritas com outra, ligeiramente mais fina. Era possível que Vivien tivesse começado a escrever com uma e que depois mudasse para outra (a tinta da primeira poderia ter falhado), mas não era provável, pois não?

Laurel teve a sensação desencorajante de que estava a agarrar o vazio, sobretudo quando, à medida que continuou a observar, começou a aperceber-se de ligeiras variações de estilo nas caligrafias. A voz saiu-lhe sumida e entrecortada.

— Não estás a sugerir que a mãe foi capaz de ter escrito o seu próprio nome no livro, pois não? Para fingir que tinha sido uma prenda da Vivien?

— Eu não estou a sugerir nada. Estou simplesmente a dizer que

foram usadas duas canetas diferentes. Mas sim, é uma possibilidade a ter em conta, sobretudo à luz do que o Dr. Rufus observou.

— Pois — disse Laurel, fechando o livro. — O Dr. Rufus... Conta-me tudo o que descobriste, Gerry. Tudo o que ele escreveu acerca desta... — ela agitou os dedos — doença obsessiva da mãe.

— Logo para começar, não se tratava de uma doença obsessiva, apenas de uma vulgar obsessão.

— E faz alguma diferença?

— Bom, faz. A primeira é uma definição clínica, a outra é um mero traço de personalidade. Não há dúvida de que o Dr. Rufus considerava que ela tinha lá os seus problemas... já lá chego... mas nunca foi doente dele. O Dr. Rufus conheceu-a em miúda... A mãe e a filha dele eram amigas de infância em Coventry. Ele simpatizava com ela, pareceu-me a mim, e interessava-se muito pela sua vida.

Laurel olhou de relance para a fotografia que tinha na mão, a sua jovem e linda mãe.

— Não me admiro nada de que simpatizasse.

— Encontravam-se regularmente para almoçar...

— ... e ele, por um mero acaso, deu-lhe para apontar quase tudo quanto ela lhe dizia? Mas que amigo que ele me saiu.

— O que para nós, veio mesmo a propósito.

Laurel teve de admitir que assim era.

Gerry fechou o seu caderno de apontamentos e lançou uma olhadela ao *post-it* colado na capa.

— Assim, de acordo com o Dr. Rufus, ela sempre foi uma rapariga extrovertida, brincalhona, divertida e com uma imaginação muito fértil... Tudo o que nós sabemos que a mãe é. As origens dela foram bastante modestas, mas estava ansiosa por levar uma vida deslumbrante. O Dr. Rufus começou a interessar-se por ela quando andava a fazer uma investigação sobre o narcisismo...

— *Narcisismo!?*

— ... em particular, sobre o papel da imaginação como

mecanismo de defesa. Reparou que algumas das coisas que a mãe dizia e fazia em adolescente correspondiam à lista de traços em que andava a trabalhar. Nada de muito problemático, apenas um certo nível de egocentrismo, necessidade de ser admirada, uma tendência para se considerar excepcional, sonhos de ser bem-sucedida e popular...

— Isso condiz tal e qual com todos os adolescentes que tenho conhecido...

— Exactamente, e é uma escala móvel. Alguns traços narcísicos são vulgares e normais, outras pessoas aproveitam esses mesmos traços de formas que são generosamente recompensadas pela sociedade.

— Como, por exemplo?

— Ah, agora, assim de repente, não sei... os actores... — Ofereceu-lhe um sorriso irónico. — Agora a sério, apesar do que Caravaggio gostaria de nos fazer crer, não se trata de passar o dia inteiro a olhar para o espelho.

— Também me parece que não. Caso contrário, a Daphne estaria com um grande problema.

— Mas é um facto que as pessoas com tendência para tipos de personalidade narcísica são susceptíveis a alimentar ideias obsessivas e fantasias.

— Como amizades imaginárias com pessoas por quem têm admiração?

— Sim, precisamente. Em muitos casos, é apenas uma ilusão inofensiva que acaba por passar, sem que o objecto da paixão se aperceba disso sequer; noutros, porém, se a pessoa é obrigada a enfrentar o facto de que a fantasia não corresponde à realidade... se por acaso há alguma coisa que parte o espelho, por assim dizer... bom, digamos apenas que são o tipo de pessoa que leva as rejeições muito a peito.

— E que tentam vingar-se?

— Não iria tão longe. Embora o mais provável é que vissem nisso

um acto de justiça e não de vingança.

Laurel acendeu um cigarro.

— Os apontamentos do Rufus não entram em grandes pormenores, mas parece que, no início dos anos 40, quando a mãe tinha os seus dezanove anos, desenvolveu duas grandes fantasias: a primeira dizia respeito à patroa... Estava convencida de que a velha aristocrata a considerava como se fosse sua filha e lhe iria deixar a maior parte das propriedades ancestrais...

— E ela fez isso?

Gerry inclinou a cabeça e aguardou pacientemente que Laurel dissesse:

— Não, claro que não. Continua...

— A segunda era a sua amizade imaginária com Vivien. Elas *conheciam-se*, sem dúvida, mas não eram nem de perto nem de longe tão chegadas como a mãe julgava.

— E depois aconteceu qualquer coisa que veio estragar a fantasia?

Gerry confirmou com um aceno de cabeça.

— Não consegui descobrir muitos pormenores, mas o Rufus escreveu que a mãe se sentiu «menosprezada» pela Vivien Jenkins; as circunstâncias não ficaram claras, mas eu creio que a Vivien negou abertamente que a conhecia. A mãe ficou magoada e constrangida, para não falar em zangada, mas... — reflectiu por momentos — ... pronto, até que, um mês depois, mais coisa menos coisa, o Rufus foi avisado de que ela tinha maquinado um plano para «pôr as coisas outra vez nos eixos».

— A mãe disse-lhe isso?

— Não, acho que não... — Gerry deu uma vista de olhos ao *post-it*. — Ele não especifica como foi que descobriu, mas eu fiquei com a impressão de que... qualquer coisa na maneira como se exprimia... que a informação não lhe chegou directamente através da mãe.

Laurel retraiu o canto da boca, a ponderar. A expressão «pôr as

coisas outra vez nos eixos» trouxe-lhe à memória a sua visita a Kitty Barker, em especial o relato da velha senhora da noite em que ela e a mãe tinham saído para dançar. O comportamento extravagante de Dolly, o «plano» de que não se cansava de falar, a amiga que tinha trazido com ela... uma rapariga com quem fora criada em Coventry. Laurel puxou uma fumaça pensativa. A filha do Dr. Rufus, só podia ser, que depois foi contar ao pai o que ouvira.

Nesse momento, Laurel teve pena da mãe: rejeitada por uma amiga, denunciada por outra. Ainda se lembrava bem da intensidade voraz dos seus próprios sonhos acordados e das suas fantasias de adolescente; fora um autêntico alívio para ela quando enveredara pela carreira de actriz e as pudera canalizar para as suas criações artísticas. Dorothy, porém, não tivera essa oportunidade...

— Então, e o que foi que aconteceu, Gerry? — inquiriu ela. — A mãe limitou-se a esquecer a fantasia, voltar a ser o que era, assim, como por artes mágicas? — A expressão «artes mágicas» trouxe à memória de Laurel a história do crocodilo que a mãe lhe contara. Não era exactamente aquele género de mudança que ela pretendia sugerir com a história, pois não? Uma transição da jovem Dolly das recordações londrinas de Kitty Barker para a Dorothy Nicolson de Greenacres.

— Sim.

— Isso pode acontecer?

O irmão encolheu os ombros.

— *Pode* acontecer porque aconteceu *de facto*. A mãe é a prova disso mesmo.

Laurel abanou a cabeça, a olhar para o irmão, presa de espanto.

— Vocês, os cientistas, acreditam cegamente no que as provas vos dizem.

— Com certeza. É por isso que se lhes chama provas.

— Mas como, Gerry... — Laurel não se contentava com tão pouco. — Como foi que ela se libertou desses... traços?

— Bom, se consultares as teorias do nosso fiel amigo Lionel Rufus, tudo leva a crer que, embora haja pessoas que acabem por desenvolver um distúrbio de personalidade genuíno, a maioria acaba simplesmente por ultrapassar os traços da adolescência quando atinge a idade adulta. O que mais importa destacar na situação da mãe, no entanto, é a teoria dele, segundo a qual um acontecimento traumático grave... sabes, um choque, perda ou luto... algo alheio à esfera pessoal imediata do narcisista pode, nalguns casos, «curá-lo».

— Trazê-los novamente à realidade, é isso que queres dizer? Obrigá-los a olhar para fora ao invés de para dentro?

— Precisamente.

Fora o que haviam conjecturado quando se tinham encontrado naquela noite em Cambridge: que a mãe se envolvera em qualquer coisa que corra pessimamente mal e que se tornara uma pessoa melhor por causa disso.

— Calculo que o mesmo se passe com todos nós — disse Gerry.
— Vamos crescendo e mudando consoante as experiências com que a vida nos presenteia.

Laurel assentiu pensativamente com a cabeça e acabou de fumar o cigarro. Gerry estava a arrumar o caderno e tudo indicava que tinham chegado ao fim do caminho, mas foi então que algo lhe ocorreu.

— Tu há bocado disseste que o Dr. Rufus andava a estudar a imaginação enquanto mecanismo de defesa. Defesa contra o quê, Gerry?

— Imensas coisas, embora o Dr. Rufus se mostrasse particularmente convencido de que as crianças que se sentem deslocadas no seio da família... sabes, as crianças que os pais mantêm à distância ou consideram esquisitas ou diferentes... são susceptíveis de desenvolver traços narcísicos como forma de autodefesa.

Laurel ponderou na relutância da mãe em contar pormenores à

família a respeito do seu passado em Coventry. Sempre partira do princípio de que essa atitude materna se prendesse com o desgosto da perda; agora, porém, questionava-se se o seu silêncio não se devia em parte a outra coisa. «Eu costumava meter-me em sarilhos quando era miúda...», recordava-se Laurel de ouvir a mãe dizer (habitualmente, quando a própria Laurel se portava mal). «Sempre me senti diferente dos meus pais.» E se a jovem Dorothy Smitham nunca tivesse sido feliz em casa? E se ela toda a vida se tivesse sentido uma intrusa e a solidão a tivesse motivado a criar fantasias grandiosas, numa tentativa desesperada por preencher o vazio afectivo que ia no seu íntimo? E se tudo tivesse dado para o torto e os sonhos dela se tivessem desmoronado e ela tivesse sido obrigada a conviver com esse facto, até finalmente lhe ter sido oferecida uma segunda oportunidade, uma oportunidade para pôr o passado para trás das costas e começar de novo, para ser, desta feita, a pessoa que sempre quisera ser, rodeada por uma família que a adorava?

Não admirava que tivesse ficado tão transtornada quando Henry Jenkins, ao fim de todo aquele tempo, lhe aparecera à frente. Deveria ter visto nele o autor da morte dos seus sonhos. E a sua chegada levava o passado a entrar em rota de colisão com o presente como num autêntico pesadelo. Talvez tivesse sido o pânico a impeli-la a empunhar a faca. Pânico misturado com o medo de perder a família que criara e que adorava. Nada disto deixava Laurel mais descansada a respeito do que vira, mas contribuía seguramente para ajudar a explicar o sucedido.

Mas, então, qual fora o «acontecimento traumático grave» que a mudara àquele ponto? Fora algo relacionado com Vivien, com o plano da mãe, Laurel seria capaz de apostar a vida por isso. Mas o quê, exactamente? Haveria alguma forma de descobrir mais para além do que Laurel já sabia? Mais algum lugar onde pudesse procurar?

Laurel lembrou-se uma vez mais do malão trancado no sótão, o

sítio onde a mãe escondera o livro da peça e a fotografia. Pouco mais havia lá dentro, apenas o velho casaco branco, a estatueta de madeira do Senhor Punch e o cartão de agradecimento. O casaco fazia parte da história — o bilhete com data de 1941 deveria seguramente ter sido o mesmo que a mãe comprara quando fugira de Londres —, enquanto a proveniência da estatueta era impossível de averiguar... Mas o que dizer do cartão com o selo da Coroação da Rainha no envelope? Algo naquele cartão despertara em Laurel uma leve sensação de *déjà-vu* quando o encontrara — perguntou-se se não valeria a pena lançar-lhe outra olhadela.

*

Mais tarde, quando o calor do dia começava a amainar e anoitecia lá fora, Laurel deixou os irmãos entretidos com os álbuns de fotografias e escapuliu-se para o sótão. Retirara a chave da gaveta da mesa-de-cabeceira da mãe sem a mais leve pontada de remorso. Talvez o facto de saber exactamente o que a esperava dentro do malão atenuasse a bisbilhotice. Isso, ou então a sua bússola moral estava irremediavelmente moribunda. Fosse qual fosse o caso, não se demorou, limitando-se a pegar no que fora buscar e a descer apressadamente a escada.

Dorothy ainda estava a dormir quando Laurel foi devolver a chave, o lençol a cobrir-lhe completamente o corpo e o rosto pálido em contraste com a almofada. A enfermeira estivera lá em casa e já se fora embora havia uma hora e Laurel ajudara-a a dar banho à mãe. Enquanto lhe vestia a manga do pijama, pensara: «Estes são os braços que me embalaram»; ao segurar-lhe na mão velha, muito velha, dera por ela a tentar lembrar-se da sensação inversa, dos seus dedos miúdos resguardados na palma da mãe. Até o tempo, aquele calor extemporâneo, as lufadas de ar matizadas de sol que desciam pela chaminé lhe provocavam uma nostalgia inexplicável. «Não há nada de inexplicável nisso», dizia uma voz na cabeça de

Laurel. «A tua mãe está a morrer... é mais do que natural que te sintas nostálgica.» Laurel não gostava daquela voz e enxotou-a.

Rose espreitou pela porta e disse, baixinho:

— A Daphne acabou de telefonar. O avião dela chega a Heathrow amanhã ao meio-dia.

Laurel assentiu com a cabeça. Ainda bem que assim era. Quando a enfermeira se preparava para se ir embora, dissera-lhes, com uma gentileza que Laurel apreciara, que era altura de chamar a família a casa. «Já não lhe resta muito caminho a percorrer», afirmara ela. «A sua longa viagem está quase no fim.» E se fora longa, a sua viagem... Dorothy vivera toda uma vida antes de Laurel nascer; uma vida que a filha só agora começava a vislumbrar.

— Precisas de alguma coisa? — perguntou-lhe Rose, inclinando a cabeça e fazendo com que as ondas prateadas do cabelo lhe caíssem sobre um dos ombros. — Apetece-te um chá?

— Não, obrigada — respondeu. E a irmã foi-se embora. Começou a ouvir sinais de movimento lá em baixo, na cozinha: o murmúrio da chaleira, chávenas dispostas em cima da bancada, os talheres a chocalhar dentro da gaveta. Eram barulhos reconfortantes da vida em família e Laurel sentiu-se agradecida por a mãe estar em casa para os poder ouvir. Aproximou-se da sua cama e sentou-se numa cadeira, acariciando o rosto de Dorothy ao de leve com as pontas dos dedos.

Ver as suaves oscilações do peito da mãe provocava-lhe uma certa tranquilidade. Laurel interrogou-se se, mesmo a dormir, ela seria capaz de ouvir o que se passava; se estaria nesse instante a pensar: «Os meus filhos estão lá em baixo, os meus filhos crescidos, felizes, saudáveis e a desfrutar da companhia uns dos outros.» Era difícil de saber. O sono da mãe era agora sem dúvida mais descansado; desde a outra noite que não tivera mais pesadelos. Apesar de os seus momentos de lucidez desperta serem raros, quando aconteciam, eram radiosos. Parecia ter superado a inquietação — a culpa, supunha Laurel — que viera atormentá-la

nas últimas semanas e ultrapassado o lugar onde reinava a contrição.

Laurel sentiu-se grata por ela; independentemente do que tivesse acontecido no passado, era-lhe insuportável pensar na mãe, que vivera grande parte da vida na bondade e no amor (remorsos, quem sabe?), tragada pela culpa nos seus derradeiros momentos. Não obstante, havia uma parte egoísta de Laurel que desejava saber mais; *tinha de* falar com a mãe antes de esta falecer. Não aguentava pensar que Dorothy Nicolson pudesse morrer sem ambas terem conversado a respeito do que sucedera naquele dia de 1961, e no que sucedera antes disso, em 1941, «o acontecimento traumático» que a transformara. Mais do que certo, numa altura daquelas, seria apenas perguntando-lhe directamente que Laurel conseguiria obter as respostas que tanto desejava. «Torna a perguntar-me um destes dias. Quando fores mais velha», dissera-lhe a mãe em resposta à pergunta de Laurel sobre como se transfigurara de crocodilo em pessoa; bom, Laurel queria perguntar-lhe agora. Por ela própria, mas, acima de tudo, para poder oferecer à mãe o consolo e o genuíno perdão por que ela seguramente ansiava.

— Fale-me da sua amiga, mãe — pediu-lhe Laurel baixinho no quarto tranquilo e escuro.

Dorothy mexeu-se e Laurel repetiu, um pouco mais alto.

— Fale-me da Vivien.

Não contava com uma resposta (a enfermeira dera-lhe morfina antes de se ir embora) e não a obteve. Laurel recostou-se na cadeira e, ao invés, retirou o velho cartão do envelope.

A mensagem não mudara; continuava a dizer: «Obrigada.» Não tinham aparecido novas palavras desde a última vez que o vira, nenhuma pista quanto à identidade do remetente, nenhuma solução para o enigma que ela se empenhava em resolver.

Laurel virou e revirou o cartão, interrogando-se se seria apenas por falta de melhores alternativas que estava convicta de que era importante. Tornou a guardá-lo dentro do envelope e, ao fazê-lo, o

selo chamou-lhe a atenção.

Sentiu a mesma lembrança a arrepiá-la, como da última vez.

Havia indubitavelmente qualquer coisa que lhe escapava, qualquer coisa relacionada com o selo... Era difícil acreditar que já lá iam quase sessenta anos. Sacudiu o envelope, pensativa. Talvez a sua certeza quanto à importância do cartão se prendesse não tanto com o mistério da mãe, mas sobretudo com o facto de representar um acontecimento que se avultara de forma tão preponderante na sua mente de oito anos. Ainda se recordava de assistir pelo televisor que os pais tinham alugado propositadamente para a ocasião; toda a família se reunira...

— Laurel? — A voz anciã era fina como um penacho de fumo.

Laurel pôs o cartão de lado e apoiou os cotovelos no colchão enquanto pegava na mão da mãe.

— Estou aqui, mãezinha.

Dorothy esboçou um sorriso ténue. Fitou a filha mais velha com olhos vidrados.

— Estás aqui — ecoou ela. — Pareceu-me ouvir... Pareceu-me que dissesse...

«Torna a perguntar-me um destes dias. Quando fores mais velha.» Laurel sentiu-se à beira de um precipício; sempre acreditara nas encruzilhadas da vida: esta, sabia ela, seria uma delas.

— Perguntei-lhe a respeito daquela pessoa sua amiga, mãe — disse ela. — Em Londres, durante a guerra.

— O Jimmy. — O nome saiu-lhe de repente, acompanhado por uma expressão de pânico e perda. — Ele... ele não...

O rosto da mãe era uma máscara de angústia e Laurel apressou-se a aquietá-la.

— Não é o Jimmy, mãe... Eu referia-me à Vivien...

Dorothy não proferiu uma única palavra. Laurel ouvia-lhe o maxilar a contrair-se de coisas por dizer.

— Mãe, por favor.

E talvez Dorothy tenha dado pelo tom de desespero na voz da

filha mais velha, porque soltou um suspiro de mágoa antiga, as pestanas tremularam-lhe, e ela balbuciou:

— A Vivien... era fraca. Uma vítima.

Todos os cabelos da nuca de Laurel se eriçaram em alerta. Vivien era uma vítima, era a vítima de Dorothy; aquilo soava-lhe a confissão.

— O que foi que aconteceu à Vivien, mãe?

— O Henry era um bruto...

— Henry Jenkins?

— Um homem violento... batia-lhe... — A velha mão de Dorothy agarrou a de Laurel, os dedos nodosos a tremer.

Laurel sentiu o rubor subir-lhe ao rosto à medida que a percepção a atingia. Lembrou-se das perguntas levantadas nos diários de Katy Ellis. Vivien não era doente nem infértil; era casada com um homem violento. Uma besta sedutora que agredia a mulher atrás de portas fechadas e depois exibia um sorriso ao mundo; que a maltratava ao ponto de a obrigar a ficar dias de cama enquanto ele se mantinha de vigília à sua cabeceira.

— Era segredo. Ninguém sabia...

Isto não era propriamente verdade, pois não? Katy Ellis soubera: as referências eufemísticas à saúde e ao bem-estar de Vivien; a preocupação excessiva por causa da amizade entre Vivien e Jimmy; a carta que tencionava escrever a comunicar-lhe o motivo porque tinha de se afastar. Katy ansiava desesperadamente por que Vivien não despertasse a cólera do marido. Fora por isso que aconselhara a sua jovem amiga a afastar-se do hospital do Dr. Tomalin? Teria Henry ciúmes do lugar que o médico ocupava no coração de Vivien?

— O Henry... Eu tinha medo...

Laurel olhou de relance para o rosto pálido da mãe. Katy fora amiga e confidente de Vivien... era compreensível que tivesse conhecimento daquele sórdido segredo conjugal; mas como fora que a mãe descobrira? Teria a violência de Henry extravasado? Fora isso que frustrara o plano dos jovens namorados?

E foi então que uma ideia súbita, terrível, se apoderou de Laurel. Henry matara Jimmy. Ele descobrira a amizade entre Vivien e Jimmy e matara-o. Fora por isso que a mãe não se casara com o homem que amava. As respostas precipitaram-se com uma cascata de dominós: fora assim que ela ficara a saber do carácter violento de Henry, fora essa a razão do seu medo.

— Então, foi *isso* — apressou-se Laurel a dizer. — A mãe matou o Henry por causa do que ele fez ao Jimmy.

A resposta chegou-lhe com uma suavidade tal, que poderia ter sido a correnteza das asas da borboleta branca ao voar através da janela aberta e a elevar-se em direcção à luz. Laurel, porém, ouviu-a.

— Sim.

Uma simples palavra, mas, para Laurel, era música. Encerrada entre três simples letras achava-se a resposta para a pergunta de uma vida.

— A mãe teve medo quando ele chegou aqui, a Greenacres, que lhe viesse fazer mal, porque tinha corrido tudo mal e a Vivien morrera.

— Sim.

— Receou que ele também fizesse mal ao Gerry.

— Ele disse... — Os olhos da mãe abriram-se de repente; a sua mão agarrou com mais força a da filha. — Ele disse que ia destruir tudo quanto eu amava...

— Oh, mãe!

— Tal como eu... tal como eu lhe fizera a ele.

Quando a mãe lhe largou a mão, exausta, Laurel sentiu-se à beira das lágrimas; foi dominada por uma sensação quase esmagadora de alívio. Finalmente, após semanas de busca, após anos e anos de dúvidas, tudo fora esclarecido: o que ela vira; a ameaça que sentira quando avistara o homem de chapéu preto a subir o caminho de acesso a sua casa; o sigilo posterior para o qual não encontrava explicação.

Dorothy Nicolson matara Henry Jenkins quando este viera a Greenacres em 1961 porque ele era um monstro violento que tinha o hábito de bater na mulher; matara o namorado de Dorothy e passara duas décadas a tentar encontrar-lhe o rasto. Quando descobrira onde ela morava, ameaçara destruir a família que ela amava.

— Laurel...

— Sim, mãezinha?

Mas Dorothy não disse mais nada. Os seus lábios movimentaram-se silenciosamente enquanto vasculhava os recantos poeirentos da sua mente, tentando deitar a mão a fios perdidos que talvez nunca chegasse a conseguir agarrar.

— Pronto, mãe. — Laurel acariciou-lhe a testa. — Está tudo bem. Agora já está tudo bem.

Laurel ajeitou-lhe os lençóis e deixou-se ficar algum tempo a contemplar o rosto da mãe, agora tranquilo, adormecido. Durante todo aquele tempo, apercebeu-se ela, a busca em que se empenhara fora motivada por uma necessidade imperiosa de saber que a sua família feliz, toda a sua infância, os olhares de amor raro e duradouro que o pai e a mãe trocavam, não eram uma mentira. E agora, por fim, sabia.

Doía-lhe o peito com uma mistura intrincada de amor, respeito e, sim, finalmente, aceitação.

— Amo-a, mãe — sussurrou ela ao ouvido de Dorothy, sentindo, ao fazê-lo, que a busca chegara ao fim. — E também a perdoo.

Na cozinha, a voz de Iris começava a ganhar a exaltação do costume e Laurel sentiu um ânsia súbita por se reunir aos irmãos. Aconchegou delicadamente os cobertores à mãe e pregou-lhe um beijo na testa.

O cartão de agradecimento estava pousado no assento da cadeira atrás dela e Laurel pegou nele, com a intenção de o guardar no seu quarto. O seu pensamento já estava lá em baixo, a preparar uma chávena de chá e, por conseguinte, mais tarde não soube dizer

o que foi que a levou a reparar nas leves marcas pretas no envelope.

Mas reparou, de facto. Os seus passos vacilaram a meio caminho da porta do quarto da mãe e ela deteve-se. Aproximou-se do candeeiro aceso, pôs os óculos de ver ao perto e chegou o envelope para junto de si. E em seguida sorriu, devagar, estupefacta.

Estivera tão absorta no selo que, por um triz, não deixara escapar a verdadeira pista que se revelava os seus olhos. A carta fora carimbada. A marca do carimbo postal era velha, de há décadas, e não era de leitura fácil, mas, ainda assim, estava suficientemente nítida para se perceber a data — 3 de Junho de 1953 — e, melhor ainda, de onde fora enviada: Kensington, Londres.

Laurel lançou uma olhadela à silhueta da mãe adormecida. Era o mesmo sítio onde a mãe morara durante a guerra, uma casa em Campden Grove. Mas quem lhe enviara um cartão de agradecimento, mais de uma década decorrida, e porquê?

Capítulo 30

Londres, 23 de Maio de 1941

Vivien lançou uma olhadela ao relógio de pulso, à porta do café e, por fim, à rua, lá fora. Jimmy combinara encontrar-se com ela às duas horas, mas entretanto já passara quase meia hora e ainda não havia sinal dele. Poderia ter tido algum contratempo no trabalho, ou talvez com o pai, mas a intuição de Vivien dizia-lhe que não. O recado dele dizia urgente — *precisava* de a ver — e fizera-o chegar a ela por métodos deveras crípticos; Vivien não acreditava que ele se tivesse deixado atrasar. Mordeu o lábio inferior e tornou a ver as horas. O seu olhar desviou-se para a chávena cheia de chá que servira havia quinze minutos, a lasca na beira do pires, a folha de chá seca no fundo da colher. Olhou uma vez mais através da vitrina, não viu ninguém seu conhecido e, em seguida, inclinou o chapéu, a fim de ocultar o rosto.

O recado de Jimmy fora para ela uma surpresa, uma maravilhosa e emocionante surpresa. Quando entregara o cheque a Jimmy, Vivien ficara convencida de que nunca mais o tornaria a ver. Não se tratara de uma artimanha, de uma forma de o aliciar a manter-se ansiosamente em contacto com ela; Vivien prezava demasiado a vida dele, já para não falar na sua, para descer a esse ponto. A sua intenção fora precisamente o contrário. Depois de ouvir a história do Dr. Rufus, depois de tomar consciência das repercussões — para todos eles —, caso Henry descobrisse a amizade que ela travara com Jimmy, o trabalho que ela vinha a realizar no hospital do Dr.

Tomalin, afigurara-se-lhe a única alternativa. A alternativa perfeita, aliás. Proporcionava dinheiro a Dolly, e a Jimmy o género de insulto mais susceptível de ofender um homem como ele, um homem honrado, bondoso e, assim, ser suficiente para o manter à distância — para o manter a salvo — de uma vez para sempre. Fora uma imprudência da sua parte deixá-lo aproximar-se tanto, já sabia com o que contava; Vivien era a responsável pela situação em que se encontrava.

De certa forma, oferecer um cheque a Jimmy também proporcionara a Vivien o que ela mais desejava no mundo. Sorria agora, ligeiramente, ao pensar nisso. O seu amor por Jimmy era abnegado: não porque ela fosse uma boa pessoa, mas porque não podia ser de outra maneira. Henry jamais teria permitido que eles representassem algo um para o outro e, assim, Vivien deixara que o seu amor se transfigurasse no desejo de querer para Jimmy a melhor vida que ele pudesse ter, mesmo estando ela própria arredada dela. Jimmy e Dolly eram agora livres de concretizar os seus sonhos: abandonar Londres, casar-se, viver felizes para sempre. E, ao oferecer-lhes o dinheiro que tão ciosamente Henry controlava, Vivien acabava por o atingir também a ele, da única forma ao seu alcance. Ele haveria de descobrir, obviamente. As rígidas regras da sua herança não eram facilmente contornáveis, mas Vivien não tinha grande interesse no dinheiro e nas coisas que ele podia comprar — endossava fosse qual fosse a quantia que Henry lhe exigia e não tinha grandes despesas. Não obstante, o marido fazia questão de saber rigorosamente quanto se gastava e no quê; Vivien haveria de pagar caro por aquilo, tal como pagara aquando do donativo para o hospital do Dr. Tomalin, mas valera a pena. Ah, sim, agradava-lhe sobremaneira saber que o dinheiro por que ele tanto ansiava iria parar a outras mãos.

O que não significava que despedir-se de Jimmy não tivesse sido uma das decisões mais angustiantes que já tomara na vida, porque fora, de facto. Perante a certeza de que o tornaria a ver, a alegria

que lhe pulsava sob a pele quando o imaginava a entrar pela porta, a madeixa de cabelo escuro caída para os olhos, o sorriso que sugeria coisas secretas, que lhe davam a sensação de ser compreendida — reconhecida, mesmo antes de ele abrir a boca —, mal podia acreditar que conseguira arranjar coragem para levar aquilo por diante.

Agora, no café, ergueu o olhar à medida que uma das empregadas se acercava da sua mesa e lhe perguntava se desejava pedir uma refeição. Vivien disse-lhe que não, que por agora estava bem com o chá. Ocorreu-lhe que Jimmy poderia ter lá estado e ter-se ido embora entretanto, que talvez tivesse havido um desencontro; todavia, quando perguntou isto mesmo à empregada, a rapariga abanou a cabeça.

— Eu conheço a pessoa a quem se refere — disse ela. — Um indivíduo bem-parecido que anda sempre com uma máquina fotográfica. — Vivien assentiu com a cabeça. — Há uns dias que não o vejo... Lamento.

A empregada de mesa foi à sua vida e Vivien tornou a virar-se e a espreitar pela vitrina, varrendo a rua de cima a baixo à procura de Jimmy, bem como de quem quer que a pudesse estar a vigiar. A princípio, ficara chocada com o que o Dr. Rufus lhe contara pelo telefone, todavia, pelo caminho até casa de Jimmy, Vivien julgara ter compreendido: a mágoa de Dolly quando se sentira rejeitada, o impulso de vingança, o seu desejo ardente de se reinventar e começar uma nova vida. Havia pessoas, disse Vivien tinha a certeza, que considerariam aquele estratagema inconcebível, mas ela não se contava entre elas. Não lhe custava particularmente a acreditar que alguém fosse capaz de chegar àquele extremo se achasse que os fins lhe permitiriam evadir-se, sobretudo alguém como Dolly, a quem a perda da família deixara à deriva.

O aspecto da história do Dr. Rufus que lhe doía mais fundo era o papel de Jimmy. Vivien recusava-se a acreditar que tudo quanto haviam partilhado fora fingido. Sabia que não fora. Fosse lá o que

fosse que levara Jimmy a encontrar-se com ela na rua naquele dia, os sentimentos entre ambos eram genuínos. Vivien sabia isso do fundo do coração e o seu coração nunca se enganava. Soubera isso logo naquela primeira noite na cantina, quando reconhecera Nella na fotografia, e soltara uma exclamação de surpresa, e Jimmy levantara a cabeça e os olhares dos dois se haviam cruzado. E sabia também porque ele não se afastara. Ela entregara-lhe o cheque — todo o dinheiro que Dolly queria e mais ainda —, mas ele nem por isso se afastara. Recusara-se a deixá-la ir embora.

Jimmy mandara-lhe recado por uma mulher que Vivien não conhecia, uma baixinha engraçada que fora bater à porta do número 25 de Campden Grove com uma lata na mão a pedir donativos para o Fundo do Hospital dos Soldados. Vivien já se preparava para ir buscar a carteira quando a mulher abanara a cabeça e lhe segredara que Jimmy *precisava* de a ver, que iria ter com ela ali, àquele café da estação dos caminhos-de-ferro às duas da tarde de sexta-feira. Dito isto, a mulher fora-se embora e Vivien sentira a esperança tremular no seu íntimo, sem poder fazer nada para a apagar.

Contudo — Vivien consultou o relógio —, agora eram quase três; ele já não vinha. Tinha a certeza disso. Havia já meia hora que tinha a certeza.

Henry estaria em casa daí a uma hora e ela tinha coisas a tratar antes de ele chegar, coisas com que ele contava. Vivien levantou-se e empurrou a cadeira para debaixo da mesa. A sua desilusão era agora cem vezes pior do que da última vez que se despedira dele. Mas não podia continuar à espera; já ali ficara mais tempo do que a prudência aconselhava. Vivien pagou o bule de chá e, lançando uma última olhadela ao café, ajeitou o chapéu e apressou-se a regressar a Campden Grove.

— Foste dar um passeio, foi isso?

Vivien retesou-se no *hall* de entrada; olhou por cima do ombro, através da porta aberta da sala de estar. Henry estava refastelado na poltrona, de perna cruzada, os sapatos pretos a brilhar, enquanto a observava por cima de um grosso relatório do ministério.

— Eu... — Sentiu os pensamentos fugirem-lhe. O marido chegara mais cedo. Ele esperava que Vivien o fosse receber à porta quando chegava, servir-lhe um uísque e perguntar-lhe como lhe correra o dia. — Está um dia tão bonito. Não consegui resistir.

— Foste até ao parque?

— Sim. — Ela sorriu, a tentar sossegar o coração alvoroçado. — As tulipas estão em flor.

— Ai sim?

— Sim.

Henry tornou a levantar o relatório, ocultando a cara, e Vivien respirou de alívio. Deixou-se ficar onde estava, mas por um mero instante, apenas por via das dúvidas. Com o cuidado de não fazer movimentos precipitados, pendurou o chapéu no bengaleiro, tirou o lenço e foi-se embora o mais discretamente que era capaz.

— Estiveste com alguma pessoa amiga? — A voz de Henry deteve-a quando ela assentou o pé no primeiro degrau.

Vivien virou-se devagar; o marido estava encostado à ombreira da porta da sala de estar, numa pose descontraída, a acariciar o bigode. Estivera a beber; havia qualquer coisa na atitude dele, uma lassidão que ela reconheceu e que lhe provocou um espasmo de pânico no estômago. Outras mulheres, sabia Vivien, consideravam Henry atraente, aquela sua expressão lúgubre e sarcástica, a maneira como o seu olhar se fixava insistentemente nelas; Vivien, porém, não. Nunca considerara. Desde que se tinham conhecido, quando ela se julgava sozinha na margem do lago de Nordstrom e, ao olhar, se deparara com ele encostado à casa da piscina, a observá-la enquanto fumava; desejo, claro, mas algo mais para além disso. Deixara-a arrepiada. Ela via o mesmo acontecer agora

às outras.

— Não, Henry, porquê? — disse-lhe ela, no tom mais ligeiro possível. — Claro que não. Tu bem sabes que o trabalho na cantina não me deixa tempo livre para os amigos.

A casa estava tranquila e silenciosa, não havia nenhuma cozinheira lá em baixo a estender a massa para a tarte do jantar, nenhuma criada atrapalhada com o fio do aspirador. Vivien sentia a falta de Sarah; a pobre rapariga bem chorara, contrita e envergonhada, quando Vivien os apanhara aos dois naquela tarde. Henry ficara lívido, ao ver o seu prazer estragado e a sua dignidade enxovalhada. Castigara a obediência de Sarah mandando-a embora; castigara o sentido de oportunidade de Vivien obrigando-a ficar.

E, assim, ali estavam eles, só os dois. Henry e Vivien Jenkins, um homem e a esposa. «O Henry foi um dos meus melhores alunos», dissera-lhe o tio, quando a informara da conversa que os dois tinham tido no seu escritório cheio de fumo. «É um cavalheiro muito distinto. Tens muita sorte por ele se interessar por ti.»

— Acho que vou lá para cima descansar um pouco — disse ela, após uma pausa que lhe pareceu interminável.

— Estás cansada, querida?

— Estou. — Vivien forçou um sorriso. — Os bombardeamentos. Londres inteira está cansada, calculo eu.

— Sim. — Ele aproximou-se dela com lábios que sorriam e olhos que diziam o contrário. — Calculo que esteja.

*

O punho de Henry começou por atingi-la no ouvido esquerdo e o zumbido foi ensurdecador. A força da pancada foi tal que a cara dela embateu na parede do *hall* e ela tombou no chão. Nessa altura, já o marido estava em cima dela, a agarrá-la pelo vestido, a abaná-la, o seu rosto atraente contorcido de fúria enquanto a agredia. E gritava,

também, a saliva a sair-lhe da boca, a salpicar a cara de Vivien, o pescoço, os olhos dele a brilhar à medida que lhe dizia e repetia que ela era sua e toda a vida haveria de ser, ela era o prémio dele, e nunca haveria de deixar outro homem tocar-lhe, preferia vê-la morta a deixá-la ir-se embora.

Vivien fechou os olhos; sabia que Henry ficava desvairado quando ela se recusava a olhar para ele. Como seria de esperar, ele sacudiu-a com mais força, agarrou-a pelo pescoço, gritou-lhe ao ouvido.

Vivien perscrutou a sua memória, à procura do regato, das luzes cintilantes...

Nunca se virava a ele, mesmo quando os punhos dele a atingiam com força nos flancos, e aquela parte retraída dela, a essência de Vivien Longmeyer que ela escondera havia tanto tempo, se debatia por se libertar. O tio poderia ter fechado o negócio no seu escritório fumarento, mas Vivien tivera as suas próprias razões para ser tão dócil. Katy fizera o possível para a convencer a mudar de ideias, mas Vivien sempre fora teimosa. Aquilo era a penitência dela, sabia que sim, era o que ela merecia. Logo para começar, os seus próprios punhos haviam sido a razão por que fora castigada; a razão por que a tinham deixado em casa; a razão por que a família se apressara a regressar do piquenique e acabara por morrer.

A mente dela era agora líquida; ela estava no túnel, a nadar, fundo, fundo, os braços e as pernas fortes a impulsioná-la pela água em direcção a casa...

A mente de Vivien não se importava de ser castigada; limitava-se a perguntar quando chegaria o castigo ao fim. Quando acabaria ele com ela. Porque, um dia, Henry haveria de fazer isso, não lhe restava dúvidas. Vivien susteve a respiração, à espera, desejosa de que fosse agora. De cada vez que acordava e dava por ela ainda ali, na casa de Campden Grove, o poço de desespero que tinha dentro de si ficava mais profundo.

A água estava agora mais quente; já não faltava muito para

chegar. Ao longe, as primeiras luzes cintilantes. Vivien nadou ao encontro delas...

O que aconteceria, interrogou-se ela, quando o marido a matasse? Conhecendo Henry como conhecia, sabia que ele teria os recursos para arranjar um bode expiatório. Ou, então, faria as coisas de maneira a dar a impressão de que se tratara de um acidente — uma queda infeliz, azar durante um dos bombardeamentos aéreos. No lugar errado, no momento errado, diriam as pessoas, abanando a cabeça, e Henry ficaria para sempre visto como o marido dedicado e desgostoso. O mais provável seria escrever um livro acerca disso, acerca dela, a versão imaginária de Vivien, tal qual como o outro, *A Musa Relutante*, acerca daquela horrenda rapariga maleável em que Vivien não se reconhecia, que venerava o marido escritor e que sonhava com vestidos e festas.

As luzes eram agora vivas, mais próximas, e Vivien era capaz de lhes distinguir os padrões cintilantes. Olhou para lá delas; era isso que ela buscava, o que estava para além das luzes...

O *hall* de entrada resvalou. Henry estava saciado. Pegou nela e Vivien sentiu o corpo desfalecer como uma boneca de trapos, mortiço nos braços dele. *Devia ser ela a tomar a tarefa a seu cargo.* Arranjar pedras ou tijolos, qualquer coisa pesada, e enfiá-los dentro dos bolsos; dirigir-se ao lago Serpentine, um passo de cada vez, até ver as luzes.

Henry beijava-lhe a cara, sufocando-a com beijos molhados. A sua respiração entrecortada, o cheiro a brilhantina do cabelo e a álcool transformados em suor.

— Pronto, já passou — dizia-lhe ele. — Eu amo-te, tu bem sabes que sim, mas tu fazes-me zangar... Não me devias fazer zangar assim.

Luzes minúsculas, tantas luzes, e do outro lado Pippin. O irmão virou-se para ela e, pela primeira vez, teve a impressão de que ele a via...

Henry levou-a ao colo escada acima, um noivo repulsivo com a

sua noiva, e em seguida deitou-a cuidadosamente na cama. *Podia ser ela a fazer aquilo.* Tudo lhe parecia agora tão claro. Ela, Vivien, era a última coisa de que poderia privá-lo. Henry descalçou-lhe os sapatos e ajeitou-lhe o cabelo de modo a cair-lhe uniformemente por cima de cada ombro.

— A tua cara — disse ele, tristonho. — A tua linda cara. — Beijou-lhe as costas de uma mão e pousou-lha. — Agora, descansa — acrescentou. — Quando acordares, vais ver que te sentes melhor. — Chegou-se a ela, os lábios a aflorar-lhe o ouvido. — E não te preocupes com o Jimmy Metcalfe. Eu já lhe tratei da saúde; está morto, a apodrecer no fundo do Tamisa. Nunca mais se torna a intrometer entre nós. — Passos pesados; a porta a fechar-se; a chave a rodar na fechadura.

Pippin ergueu uma mão, um aceno tímido, um leve gesto de reconhecimento, e Vivien encaminhou-se para junto dele...

*

Acordou passada uma hora, no seu quarto no número 25 de Campden Grove, com o sol da tarde que entrava pela janela a incidir-lhe no rosto. Vivien tornou a fechar os olhos de imediato. Tinha uma dor latejante nas têmporas, atrás das órbitas, ao cimo do pescoço. Sentia a cabeça toda como se fosse uma ameixa madura que se despenhara algures de um sítio alto em cima da tijoleira. Manteve-se imóvel como uma tábua, a tentar lembrar-se do que acontecera e porque tinha tantas dores.

A sua memória foi despertando em ondas, todo o episódio, misturado, como sempre, com impressões da salvação aquífera da sua mente. Eram as recordações que mais lhe custava suportar — as vagas sensações de supremo bem-estar, de eterno desejo, mais febris do que lembranças genuínas e, no entanto, de longe mais poderosas.

Vivien retraiu-se enquanto, muito devagar, ia movimentando cada

parte do corpo, a tentar avaliar os estragos. Fazia parte do processo; quando chegasse a casa, Henry estaria à espera de a ver «bem arranjada»; não ficava satisfeito quando ela demorava muito a recompor-se. As pernas pareciam-lhe ter escapado ilesas — isso era bom sinal, coxear levantava perguntas inoportunas; os braços estavam magoados, mas não partidos. Era o queixo que lhe doía, o ouvido continuava a zunir e ardia-lhe o rosto. Era estranho. Em geral, Henry poupava-lhe a cara, agredindo-a sempre do pescoço para baixo. Ela era o prémio, nada lhe podia tocar a não ser Henry, e ele não gostava de ser confrontado com provas; recordava-lhe o quanto ela o fazia zangar, até que ponto por vezes o desiludia. Preferia que as nódoas negras ficassem em segurança por baixo da roupa, onde só ela as pudesse ver, para a lembrar do quanto ele a amava — Henry seria incapaz de bater numa mulher que não amasse ao ponto da loucura.

Vivien afastou Henry do pensamento. Havia outra coisa a tentar vir à superfície, uma coisa importante; ela ouvia-a como um mosquito solitário em plena noite, o seu zumbido que se aproximava e tornava a afastar-se, mas não conseguia apanhá-la. Deixou-se ficar muito quieta à medida que o zumbido se acercava, e depois... Vivien sentiu que lhe faltava o ar; lembrou-se e teve uma tontura. O seu próprio sofrimento empalideceu perante aquela lembrança. «E não te preocupes com o Jimmy Metcalfe. Eu já lhe tratei da saúde; está morto, a apodrecer no fundo do Tamisa. Nunca mais se torna a intrometer entre nós.»

Não conseguia respirar. Jimmy... Ele faltara ao encontro de hoje. Vivien estivera à espera dele, mas ele não aparecera. Jimmy seria incapaz de a deixar ficar pendurada; se pudesse, teria ido.

Henry sabia o nome dele. Descobrira, sabia-se lá como, e «tratara-lhe da saúde». E já antes houvera outros, pessoas que se tinham atrevido a entropor-se entre Henry e os objectos do seu desejo. Ele nunca exercia vingança pelas suas próprias mãos, não seria decoroso — Vivien era a única pessoa a conhecer a crueldade

dos punhos de Henry. Mas Henry tinha os seus acólitos, e Jimmy não comparecera ao encontro.

Chegou-lhe então um barulho penetrante, o som terrível de um animal em sofrimento, e Vivien apercebeu-se de que era ela. Enroscou-se de lado e pressionou as mãos contra a cabeça para aliviar as dores, e ficou com a impressão de que nunca mais se voltaria a mexer.

*

Quando acordou, o sol perdera a força e o quarto adquirira a tonalidade azul do entardecer. Vivien sentia os olhos a arder. Chorara enquanto dormia, mas entretanto as lágrimas já tinham secado. Estava vazia por dentro, desolada. Tudo o que havia de bom no mundo desaparecera, Henry encarregara-se disso.

Como teria ele descoberto? O marido tinha espiões, Vivien sabia, mas tomara as suas precauções. Trabalhara no hospital do Dr. Tomalin durante cinco meses sem incidentes; cortara relações com Jimmy exactamente para prevenir aquele género de desgraças; logo que o Dr. Rufus a informara das intenções de Dolly, Vivien compreendera...

Dolly.

Claro, fora Dolly. Vivien obrigou a sua mente a concentrar-se nos pormenores da sua conversa com o Dr. Rufus, esforçando-se por se lembrar; ele contara-lhe que Dolly fazia tentações de enviar uma fotografia de Vivien e Jimmy com uma carta a ameaçá-la contar ao marido acerca do «caso amoroso», a menos que Vivien comprasse o seu silêncio.

Vivien julgara que o cheque seria suficiente, mas não, afinal Dolly deveria ter enviado a carta, e nela, juntamente com a fotografia, citava o nome de Jimmy. Mas que rapariga tão tola! Convencera-se de que inventara um estratagema inteligente; o Dr. Rufus dissera-lhe que Dolly acreditava que era inofensivo, estava convencida de que

não iria prejudicar ninguém; mas ela não fazia ideia de com quem estava a lidar. Henry, que ficava com ciúmes se Vivien parava para dar os bons-dias ao velhote que vendia jornais à esquina da rua; Henry, que não a autorizava a ter amigos ou filhos com receio de que lhe roubassem o tempo que passava com ele; Henry, que tinha contactos no ministério e conseguia descobrir o que pretendia a respeito de quem quer que fosse; e que já não era a primeira vez que se servia do dinheiro dela para «tratar da saúde» a outras pessoas.

Vivien sentou-se na cama a medo — dores lancinantes atrás das órbitas, dentro do ouvido, na coroa da cabeça. Inspirou fundo e obrigou-se a levantar, aliviada por constatar que ainda conseguia andar. Vislumbrou o seu reflexo no espelho e examinou o rosto: tinha sangue seco numa das faces e o olho começara a inchar. Virou a cabeça devagar de um lado para o outro, sentindo tudo a doer-lhe. Os sítios doridos ainda não estava negros; no dia seguinte, estaria com pior aspecto.

Quanto mais tempo passava de pé, melhor conseguia suportar a dor. A porta do quarto estava trancada, mas Vivien tinha uma chave secreta. Dirigiu-se lentamente ao esconderijo por detrás do retrato da avó, debateu-se uns momentos até se lembrar da combinação e, em seguida, fez girar o mostrador. Chegou-lhe uma vaga lembrança de um dia, umas semanas antes do seu casamento, em que o tio de Vivien a trouxera a Londres para visitar os advogados da família e, mais tarde, a casa. A pessoa que tomava conta da casa tinha-a chamado de parte quando estavam as duas sozinhas no quarto e indicara-lhe o retrato, com o cofre por trás. «Uma senhora precisa de um sítio onde esconder os seus segredos», sussurrara-lhe ela e, apesar de Vivien não apreciar o olhar matreiro da velhota, sempre desejara ter um sítio só dela e guardara o conselho na memória.

A porta do cofre abriu-se e ela retirou a chave que mandara fazer da última vez. Tirou também a fotografia que Jimmy lhe oferecera; era estranho, mas sentia-se melhor com ela junto de si. Com todo o

cuidado, Vivien fechou a porta e endireitou o quadro.

*

Encontrou o envelope na secretária de Henry. Ele nem sequer se dera à maçada de o esconder. Vinha dirigido a Vivien, com o carimbo postal da antevéspera e fora aberto com um corta-papéis. Henry abria sempre a correspondência dela — e nisto residira a terrível falha do grande estratagema de Dolly.

Vivien já sabia o que a carta dizia, mas, mesmo assim, sentiu o coração alvoroçado ao passar os olhos pelo conteúdo. Era tudo tal e qual como ela esperava; a carta escrita num tom quase amável; Vivien deu graças a Deus por a tola da rapariga não ter assinado, ter-se limitado a escrever «Uma Amiga» no fim.

As lágrimas vieram-lhe aos olhos quando Vivien viu a fotografia, mas ela conteve-as. E quando a memória lhe atirou ecos tentadores de momentos preciosos no sótão do Dr. Tomalin, de Jimmy, e da maneira como ele a fazia sentir, como se ela tivesse um futuro por que ansiar, ela reprimiu-os. Sabia melhor do que ninguém que não havia retrocesso possível.

Vivien virou o envelope ao contrário e teve vontade de chorar lágrimas de desespero. Pois ali, Dolly escrevera: «Uma Amiga, Rillington Place, n.º 24, Notting Hill.»

*

Vivien fez um esforço por correr, mas a cabeça latejava-lhe e os pensamentos fugiam-lhe, e ela era obrigada a parar em cada candeeiro da rua que lhe aparecia pela frente, recompondo-se à medida que ia avançando pelas ruas escuras como breu em direcção a Notting Hill. Demorara-se em Campden Grove apenas o suficiente para lavar a cara, esconder a fotografia incriminatória e rabiscar uma carta apressada. Deitou-a no primeiro marco do

correio por que passou e seguiu o seu caminho. Só lhe restava fazer mais uma coisa, o seu derradeiro acto de penitência antes de tudo ficar como devia ser.

Mal se apercebeu deste facto, tudo o resto ganhara uma nitidez gloriosa. Vivien desfez-se da desolação como quem se desfaz de um casaco velho e avançou para as luzes brilhantes. Era tudo tão simples, na verdade. Ela fora a causadora da morte da família, fora a causadora da morte de Jimmy, mas agora ia assegurar-se de que Dolly Smitham se salvava. Depois, e só depois, se encaminharia para o Serpentine e encheria os bolsos de pedras. Vivien já estava a antever o fim e era deslumbrante.

«À velocidade da luz e das pernas», costumava o pai dizer. E, apesar da cabeça latejante, apesar de às vezes se ter de agarrar aos gradeamentos para não cair, Vivien era uma boa corredora e recusou-se a desistir. Imaginou que era um canguru, aos pulos através do matagal; um dingo, a esgueirar-se por entre as sombras; um lagarto, a escapulir-se no escuro...

Viam-se aviões ao longe e, de quando em quando, Vivien lançava uma olhadela ao céu escuro, tropeçando. Uma parte dela desejava que eles a sobrevoassem, que deixassem cair a sua carga, se se atrevessem; mas ainda não, ainda não, ela ainda tinha trabalho a fazer.

*

Já era noite quando Vivien chegou a Rillington Place, e ela esquecera-se da lanterna em casa. Estava em dificuldades para descobrir o número correcto quando uma porta bateu atrás dela; vislumbrou uma silhueta a descer os degraus de uma casa próxima.

Vivien chamou-a:

— Desculpe?

— Sim? — Uma voz feminina.

— Não se importa de me dar uma ajuda, por favor? Ando à

procura do número 24.

— Está com sorte. É mesmo aqui. Lamento, de momento não há quartos livres, mas em breve haverá. — A mulher acendeu então um fósforo e, ao aproximá-lo do cigarro, Vivien viu-lhe a cara.

Mal podia acreditar na sua sorte e, a princípio, julgou que estava ter visões.

— Dolly? — disse ela, correndo em direcção à mulher bonita de casaco branco. — É você, graças a Deus! Sou eu, Dolly. É a...

— Vivien? — A voz de Dolly denotava surpresa.

— Receei não vir a tempo de a encontrar, de ter chegado demasiado tarde.

Dolly mostrou-se de imediato desconfiada.

— Demasiado tarde para quê? Que se passa?

— Nada — Vivien soltou uma gargalhada repentina. Sentia a cabeça às voltas e vacilou. — Isto é, tudo.

Dolly puxou uma fumaça do cigarro.

— Está bêbada, por acaso?

Qualquer coisa se mexeu na escuridão atrás de ambas; ouviram-se passos. Vivien sussurrou-lhe:

— Precisamos de conversar... *rápido*.

— Não posso. Ia mesmo a...

— Dolly, *por favor*. — Vivien voltou a olhar por cima do ombro, aterrorizada perante a possibilidade de ver um dos homens de Henry vir direito às duas. — É importante.

A outra mulher não lhe respondeu de imediato, talvez desconfiada daquela visita inesperada. Por fim, a contragosto, pegou em Vivien por um braço e disse-lhe:

— Venha. Vamos lá para dentro.

Vivien soltou um suspiro de alívio hesitante quando a porta se fechou atrás de ambas; ignorou a olhadela curiosa que uma mulher idosa de óculos lhe deitou e seguiu Dolly escada acima, ao longo de um corredor que cheirava a comida requeimada. O quarto ao fundo era pequeno, escuro e bafiento.

Quando entraram, Dolly ligou o interruptor e uma lâmpada despida acendeu-se por cima delas.

— Peço desculpa pelo calor que faz aqui dentro — disse ela, despindo o pesado casaco de peles branco que trazia vestido. Pendurou-o num cabide atrás da porta.— Não tem janelas, infelizmente... Facilita o *blackout*, mas já não dá tanto jeito para a ventilação. E também não há nenhuma cadeira, lamento. — Voltou-se e viu Vivien à luz. — Meu Deus! Que lhe aconteceu?

— Nada. — Vivien esquecera-se do aspecto tenebroso com que deveria estar. — Um acidente quando vinha a caminho daqui. Fui contra um candeeiro da rua. Uma tolice minha, com a mania das pressas, como sempre.

Dolly parecia pouco convencida, mas não insistiu no assunto, indicando a Vivien que se sentasse na cama. Era estreita e baixa e a manta apresentava a variedade de marcas habituais da idade e do uso. Todavia, Vivien não era esquisita; sentar-se proporcionava-lhe um descanso apetecido. Sentou-se pesadamente no colchão fino, precisamente no momento em que a sirene dos raides aéreos começava a tocar.

— Ignore-a — apressou-se a dizer quando Dolly se preparava para se ir embora. — Fique aqui. Isto é mais importante.

Dolly puxou uma fumaça nervosa e, em seguida, cruzou os braços em frente ao peito, na defensiva. A voz dela retesou-se.

— É por causa do dinheiro? Quer que lho devolva?

— Não, não, esqueça o dinheiro. — Vivien esforçou-se por reorganizar os pensamentos dispersos, de modo a recuperar a lucidez de que tanto precisava. Anteriormente, tudo lhe parecera tão simples-. Agora, porém, sentia a cabeça pesada, as têmporas num tormento. E a sirene que não parava de gemer!

Dolly disse-lhe:

— Eu e o Jimmy...

— Sim — interrompeu-a Vivien, e o seu espírito desanuviou-se subitamente. — Sim, o Jimmy. — Calou-se então, debatendo-se

para encontrar as palavras certas para anunciar a terrível verdade em voz alta. Dolly, observando-a mais de perto, começou a abanar a cabeça, como se já adivinhasse o que Vivien se preparava para lhe dizer. O gesto deu coragem a Vivien e ela disse: — O Jimmy, Dolly... — mesmo quando a sirene se calou —, ele foi-se embora. — As palavras ecoaram no quarto, novamente em silêncio.

Foi-se embora.

Uma pancada apressada na porta e um grito:

— Doll... estás aí? Nós vamos para o Andy. — Dolly não lhe respondeu; os seus olhos procuraram os de Vivien; levava o cigarro à boca e fumava febrilmente, os dedos trémulos. A pessoa tornou a bater, contudo, ao ver que não obtinha resposta, precipitou-se pelo corredor fora e depois pelas escadas.

Um sorriso vacilou, esperançoso, inseguro, no rosto de Dolly quando esta se sentou ao lado de Vivien.

— Você deve estar a fazer confusão. Eu ainda ontem o vi e vou estar outra vez com ele esta noite. Nós vamos juntos, ele não teria ido sem mim...

Ela não compreendera e Vivien de momento não adiantou mais nada, prisioneira da fonte de profunda simpatia que brotara do seu íntimo. Era óbvio que Dolly não compreendia; as palavras seriam como lascas de gelo, derretendo perante o ardor da sua incredulidade. Vivien sabia melhor do que ninguém o que era receber aquelas terríveis notícias, descobrir, assim sem mais nem menos, que os nossos amores mais preciosos tinham morrido.

Todavia, nesse instante, um avião sobrevoou a zona, um bombardeiro, e Vivien percebeu de que não havia tempo a perder com comiserações, que tinha de fazer por se explicar, convencer Dolly de que o que dizia era verdade, levá-la a compreender que, se queria salvar a pele, tinha de se ir embora de imediato.

— O Henry — começou Vivien —, o meu marido... Eu sei que ele pode não parecer, mas é um homem ciumento, um homem violento. Foi por isso que eu tive de me livrar de si, Dolly, naquele dia em que

me foi devolver o medalhão; ele não me deixa ter amigos... — Houve uma tremenda explosão algures, não muito longe dali, e um assobio varreu o ar sobranceiro a elas. Vivien interrompeu-se momentaneamente, sentindo todos os músculos do corpo tensos e doridos, e depois prosseguiu, agora mais depressa, mais resoluta, atendo-se meramente ao essencial. — Ele recebeu a carta e a fotografia e sentiu-se humilhado. Você fê-lo passar por cornudo, Dolly, e, por conseguinte, ele mandou os homens dele para reparar a situação... É assim que ele vê as coisas: mandou os homens dele para a castigar a si e ao Jimmy.

Dolly estava branca como a cal. Estava em estado de choque, isso saltava à vista, mas Vivien sabia que a ouvia porque as lágrimas lhe começaram a correr pelas faces. Vivien continuou:

— Eu combinei encontrar-me hoje num café com o Jimmy, mas ele não apareceu. A Dolly conhece bem o Jimmy, ele seria incapaz de faltar a um encontro, sobretudo depois de se ter comprometido que ia... Assim, eu voltei para casa e o Henry já lá estava, e furioso, Dolly, nem imagina a fúria dele. — Levou a mão abstraidamente ao queixo latejante de dores. — Ele contou-me o que acontecera, que os homens dele tinham matado o Jimmy por ele se aproximar de mim. Eu não sabia ao certo como fora que ele descobrira, mas depois encontrei o envelope. Ele abriu-o... abre-me sempre a correspondência... e viu-nos juntos na fotografia. Correu tudo mal, compreende... O seu plano não poderia ter corrido pior.

Quando Vivien mencionou o plano, Dolly agarrou-lhe um braço; tinha os olhos desvairados e a sua voz era um murmúrio.

— Mas eu... não sei como... a fotografia... nós combinámos que não havia necessidade, agora já não. — Procurou o olhar de Vivien e pôs-se a abanar freneticamente a cabeça. — Nada disto era suposto acontecer, e agora o Jimmy...

Vivien acenou como a indicar que dispensava mais explicações. Quer Dolly tivesse tido a intenção de enviar a fotografia quer não, isso agora não vinha a propósito; Vivien não fora ali para lhe atirar

os erros à cara. Não havia tempo para culpas; se Deus quisesse, Dolly teria tempo de sobra para se recriminar depois.

— Ouça o que lhe digo — insistiu ela. — É muito importante que me ouça. Eles sabem onde você mora e, não tarda, *virão* atrás de si.

As lágrimas corriam pelas faces de Dolly.

— A culpa é minha — dizia ela. — A culpa é toda minha.

Vivien pegou nas mãos finas da mulher a seu lado. O desgosto de Dolly era natural, era instintivo, mas não ajudava.

— Dolly, por favor. A culpa é tanto sua como minha. — Levantou a voz a fim de se fazer ouvir acima dos bombardeiros. — Seja como for, nada disso agora importa. Não tarda, eles estarão aí. O mais provável é que já venham a caminho. É por isso que eu aqui estou.

— Mas eu...

— Você tem de sair de Londres e tem de ser já, e não deve voltar. Eles não vão desistir de andar à sua procura, nunca... — Ouviu-se uma detonação e o edifício estremeceu de alto a baixo; fora mais próxima do que a anterior e, apesar de o quarto não ter janelas, uma luz sinistra atravessou cada poro da pele do edifício. Dolly tinha os olhos arregalados de medo. O barulho não dava tréguas; o assobio à medida que as bombas caíam, a explosão quando aterravam, as baterias antiaéreas a ripostar. Vivien viu-se obrigada a gritar para se fazer ouvir enquanto perguntava a Dolly se não tinha pessoas de família, amigos, se não havia nenhum sítio onde se pudesse refugiar em segurança. Mas Dolly não lhe respondeu. Abanou a cabeça e continuou a chorar desalmadamente, as palmas das mãos comprimidas contra a cara. Vivien recordou-se então do que Jimmy lhe contara a respeito da família de Dolly; na altura, isso fizera despertar a sua simpatia por ela, sabendo que também ela sofrera uma perda tão devastadora.

A casa era abanada e sacudida por todos os lados, a tampa do ralo por um triz não saltou do lavatório medonho e diminuto, e Vivien foi tomada por uma sensação crescente de pânico.

— Pense, Dolly — implorou-lhe ela ao mesmo tempo que se ouviu uma detonação ensurdecedora —, faça um esforço.

Chegaram então mais aviões, caças para além de bombardeiros, e as baterias antiaéreas respondiam impiedosamente. Vivien sentia a cabeça a latejar com aquela barulheira toda e imaginou as carcaças dos aviões a sobrevoar o telhado do prédio; mesmo com o tecto e o sótão por cima, a única coisa que via à sua frente era os seus bojos de baleia.

— Dolly? — gritou-lhe.

Dolly tinha os olhos fechados. Apesar do clamor das bombas e das armas, do bramido dos aviões, o seu rosto iluminou-se por breves instantes, numa expressão quase pacífica, e, então, levantou repentinamente a cabeça e disse:

— Eu candidatei-me a um emprego. Há umas semanas. Quem o encontrou foi o Jimmy... — Pegou numa folha de papel que estava em cima da mesinha ao lado da cama e entregou-a a Vivien.

Vivien deu uma vista de olhos à carta, uma oferta de emprego para a Menina Dorothy Smitham numa pousada chamada Mar Azul.

— Sim — disse ela —, é perfeito. É para lá que deve ir.

— Mas eu não quero ir sozinha. Nós...

— Dolly...

— Nós tínhamos combinado ir os *dois*. Não era assim que devia ser. Ele disse que esperava por mim...

Dolly começou outra vez a chorar. Vivien permitiu-se mergulhar no desgosto da outra mulher; era tão tentador deixar-se simplesmente ir abaixo, desistir e render-se, submergir... Mas não valia de nada, sabia que tinha de ser corajosa; Jimmy já morrera e, caso não lhe desse ouvidos, não tardaria, Dolly estaria a levar o mesmo destino. Henry não era dado a procrastinações. Os seus acólitos já deveriam vir a caminho. Dominada pela urgência, pregou uma bofetada a Dolly, sem muita força, mas incisiva. Deu resultado, e Dolly engoliu as lágrimas, compôs a expressão e soltou um soluço.

— Dorothy Smitham — disse-lhe Vivien em tom severo —, você

tem de sair de Londres, e quanto antes, melhor.

Dolly abanava a cabeça.

— Não me sinto com coragem para isso.

— Eu sei que *tem*. Você é uma sobrevivente.

— Mas o Jimmy...

— Já chega. — Vivien segurou-lhe no queixo e obrigou-a a encará-la. — Você ama o Jimmy, eu bem sei... — *Eu também o amava...* — e ele também a ama a si... meu Deus, eu sei que sim. Mas tem de me dar ouvidos.

Dolly engoliu e assentiu com a cabeça, chorosa.

— Vá para a estação do comboio esta noite e compre um bilhete. Você deve... — A lâmpada tremeluziu quando outra bomba explodiu nas proximidades com um estrondo violento; Dolly arregalou os olhos, mas Vivien manteve a calma, recusando-se a desistir. — Metia-se no comboio e só sai na última paragem. Não olhe para trás. Aceite o emprego, comece uma nova vida, seja feliz.

A expressão dos olhos de Dolly alterara-se à medida que Vivien falava; tinha conseguido concentrar-se e Vivien percebia que ela agora lhe estava a dar atenção, que ouvia cada palavra que ela dizia e, mais do que isso, que começava a compreender.

— Tem de ir. Aproveite esta segunda oportunidade, Dolly; encare isto como uma oportunidade. Depois de tudo por quanto passou, depois de tudo o que perdeu...

— Assim farei — apressou-se Dolly a responder. — Assim farei. — Levantou-se, puxou uma pequena mala de debaixo da cama e pôs-se a enchê-la de roupa.

Vivien sentia agora um cansaço imenso; os seus próprios olhos tinham começado a chorar de pura exaustão. Estava preparada para aceitar o fim. Havia muito, muito tempo que estava preparada. Lá fora, aviões a atroar por todo o lado; as baterias antiaéreas disparavam e os projectores rasgavam o céu nocturno. As bombas caíam, e a terra estremecia tanto que reverberava através dos alicerces por baixo delas.

— Então, e a Vivien? — perguntou-lhe Dolly, fechando a mala e levantando-se. Estendeu uma mão para que Vivien lhe devolvesse a carta da pousada.

Vivien sorriu-lhe; doía-lhe a cara e o cansaço chegava-lhe aos ossos; sentiu-se afundar debaixo de água, em direcção às luzes.

— Não se preocupe comigo. Eu fico bem. Vou para casa.

Ao dizer estas palavras, deu-se uma enorme explosão e viu-se luz por todo o lado. Tudo parecia abrandar. O rosto de Dolly iluminou-se, as feições petrificadas de choque; Vivien olhou de relance para o alto. À medida que a bomba atravessava o telhado do número 24 de Rillington Place e o telhado se despenhava em cima do tecto e a lâmpada do quarto de Dolly se desfazia em milhares de ínfimos estilhaços, Vivien fechou os olhos e congratulou-se. As suas preces haviam sido atendidas. Já não seria preciso ir para o Serpentine. Viu as luzes a cintilar no escuro, o fundo do regato, o túnel que conduzia ao centro do mundo. E, não tardou, estava dentro dele, a nadar, cada vez mais fundo, e o véu estava mesmo diante dela, e Pippin estava lá, a acenar-lhe, e ela via-os a todos. E eles também a viam, e Vivien Longmeyer sorriu. Ao fim de tanto, tanto tempo, chegara ao fim. Fizera o que tinha a fazer. Finalmente, estava de regresso a casa.

Quarta Parte

DOROTHY

Capítulo 31

Londres, 2011

Laurel dirigira-se de imediato a Campden Grove; não sabia explicar ao certo porquê, apenas que estava convicta de que era isso que tinha a fazer. Lá bem no fundo, supunha que esperava bater à porta e descobrir que a pessoa que enviara o cartão de agradecimento à mãe ainda estava viva e morava lá. Na altura, parecera-lhe lógico; agora, porém, parada no átrio do número 7 — actualmente um edifício de apartamentos para alugueres de curta duração a turistas —, com o cheiro a desodorizante do ambiente de limão e a viajantes cansados a chegar-lhe às narinas, sentiu-se um tanto ou quanto ridícula. A senhora que estava na recepção, um espaço diminuto e atravancado, tornou a afastar o telefone do ouvido e a olhar para ela a fim de lhe perguntar se estava tudo bem, e Laurel assegurou-lhe que sim. Voltou a concentrar o olhar na tapete suja e a enredar-se nos seus pensamentos.

Laurel não estava bem, nem por sombras; na verdade, estava deveras consternada. Sentira-se tão exultante na noite da véspera quando a mãe lhe falara a respeito de Henry Jenkins, acerca do homem que ele fora. Tudo fizera sentido e Laurel ficara com a certeza de que tinham chegado ao fim; que finalmente compreendia o que se passara naquele dia. Fora então que reparara no carimbo no selo e o seu coração tivera um sobressalto; estava segura de que era importante — mais do que isso, a descoberta tocara-lhe de uma forma pessoal, como se ela, Laurel, fosse a única pessoa

capaz de desatar aquele derradeiro nó. Agora, porém, ali estava ela, enfiada naquele alojamento de três estrelas, em busca de uma agulha num palheiro, sem sítio algum onde procurar, sem nada que procurar e ninguém com quem falar que tivesse vivido durante a guerra. Qual era o significado daquele cartão? Quem fora que o enviara? Teria isso alguma importância? Laurel começava a pensar que não.

Acenou à recepcionista, que lhe murmurou «Adeus» sem largar o auscultador do telefone, e foi lá para fora. Acendeu um cigarro e pôs-se a fumá-lo, irritadiça. Ficara de ir buscar Daphne a Heathrow mais tarde; pelo menos, assim, não dava a viagem por completamente perdida. Lançou uma olhadela às horas. Ainda tinha uma larga espera à sua frente. O tempo estava ameno e agradável, o céu azul e límpido, estriado apenas pelos rastos perfeitos dos aviões a jacto de gente bem-sucedida — Laurel calculou que o melhor a fazer seria comprar uma sanduíche e ir dar um passeio pelo parque em volta do Serpentine. Ao puxar uma fumaça do cigarro, recordou-se da última vez que estivera em Campden Grove. O dia em que estivera à porta do número 25 e vira o rapazinho.

Laurel dirigiu o olhar para a casa. A casa de Vivien e Henry: o local onde ele lhe infligira maus-tratos em segredo; o local onde Vivien os suportara. De uma forma curiosa, depois de tudo o que lera nos diários de Katy Ellis, Laurel sabia mais da vida naquela casa do que da que se achava nesse momento atrás dela. Acabou de fumar o cigarro, a pensar, e inclinou-se para deitar a beata no cinzeiro da entrada dos apartamentos. Quando se tornou a endireitar, já tomara uma decisão.

*

Bateu à porta do número 25 de Campden Grove e aguardou. As decorações do Halloween já tinham desaparecido da janela e, no seu lugar, viam-se agora pendurados recortes coloridos de mãos

infantis — em, pelo menos, quatro tamanhos diferentes. Era bom. Era bom que lá houvesse agora uma família a morar. Que as terríveis recordações do passado estivessem a ser substituídas por novas recordações. Ouvia barulhos no interior — não havia dúvida de que havia gente em casa —, contudo, como ninguém veio atender, tornou a bater. Deu meia-volta no patamar de ladrilho e dirigiu o olhar em frente, para o número 7, a tentar imaginar a mãe em nova, criada de uma senhora distinta, a subir aquelas escadas.

A porta atrás dela abriu-se e Laurel deparou-se com a mulher bonita que vira da última vez que ali estivera, com um bebé pendurado ao ombro.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela, com os olhos azuis a pestanejar. — É... *a senhora*.

Laurel estava habituada a que a reconhecessem, mas detectou uma ligeira diferença no tom em que aquela mulher disse aquilo. Sorriu e a mulher corou, limpando a mão às calças de ganga e estendendo-a a Laurel em seguida.

— Desculpe — disse-lhe ela. — Mas que maneiras são as minhas? Eu sou a Karen e este aqui é o Humphrey... — assentou umas palmadinhas no traseiro almofadado e um emaranhado de caracóis louros mexeu-se ligeiramente no ombro dela, um olho azul a olhar para Laurel com timidez — ... e claro que eu sei quem a senhora é. É uma enorme honra conhecê-la, Menina Nicolson.

— Laurel, por favor.

— Laurel. — Karen mordeu ao de leve o lábio inferior, um gesto nervoso de agrado, e, em seguida, abanou a cabeça com ar incrédulo. — O Julian comentou comigo que a tinha visto, mas eu julguei... Ele às vezes... — sorriu. — Deixe lá... Está aqui. O meu marido vai ficar nas suas sete quintas quando a conhecer.

«A senhora é a amiga do papá.» Laurel teve uma sensação inabalável de que havia ali mais do que parecia à primeira vista.

— Sabe, ele nem sequer me avisou de que a Laurel vinha.

Laurel escusou-se a mencionar que não telefonara

antecipadamente; ainda não sabia que pretexto usaria para justificar a sua vinda. Ao invés, sorriu.

— Entre, por favor. Eu vou só chamar o Marty ao sótão.

Laurel seguiu Karen para o *hall* atravancado, contornou o carrinho de bebê em forma de módulo lunar e atravessou um mar de bolas, papagaios de papel e sapatos minúsculos desirmanados até a uma sala de estar amena e soalheira. Havia estantes brancas do chão ao tecto, livros em todo o sítio e mais algum, desenhos infantis na parede lado a lado com fotografias de pessoas felizes e sorridentes. Laurel não tropeçou por um triz num corpo miúdo no chão; era o rapaz que vira da última vez, agora deitado de costas com os joelhos dobrados. Tinha um braço suspenso por cima da cabeça a animar um avião de *Lego* e estava a fazer ruídos de motor em surdina, completamente perdido na veracidade do voo do seu avião.

— Julian — disse-lhe a mãe. — Juju... vai num instante lá acima, meu amor, e diz ao papá que temos uma visita.

O rapaz olhou então para elas, pestanejando de volta à realidade; viu Laurel e a luz do reconhecimento brilhou-lhe nos olhos. Sem uma única palavra, sem sequer uma pausa vacilante no barulho do motor com que estava entretido, colocou o avião numa nova rota, levantou-se apressadamente e correu pela escada alcatifada acima.

Karen insistiu em pôr a chaleira ao lume, e, assim, Laurel instalou-se num sofá confortável com marcas de caneta de feltro na capa de guingão vermelha e branca e sorriu ao bebê, que estava sentado num tapete no chão, com o pezinho rechonchudo aos pontapés a uma roca.

Uma série de rangidos apressados chegou até ela, vinda das escadas, e um homem alto, atraente num estilo desmazelado, com cabelo castanho para o comprido e óculos de armação preta, surgiu à porta da sala de estar. O filho piloto entrou logo atrás dele. O homem estendeu uma manápula e rasgou um grande sorriso quando viu Laurel, abanando a cabeça muito admirado, como se ela fosse uma aparição que se tivesse materializado em sua casa.

— Santo Deus! — exclamou ele, quando as palmas das mãos de ambos se tocaram, e Laurel provou ser de carne e osso. — Ainda pensei que o Julian estivesse a pregar-me uma partida, mas, afinal, está mesmo aqui.

— Estou mesmo aqui.

— Eu sou o Martin — apresentou-se ele. — Pode tratar-me por Marty. E perdoe-me a minha incredulidade, só que... eu dou aulas de teatro no Queen Mary College, está a ver, e a senhora foi o tema da minha tese de doutoramento.

— A sério? — «A senhora é a amiga do papá.» Bom, o enigma estava explicado.

— *Interpretações Contemporâneas das Tragédias de Shakespeare*. É muito menos árida do que possa parecer pelo título.

— Imagino que sim.

— E agora... ei-la aqui. — Sorriu-lhe, franziu ligeiramente o sobrolho e, em seguida, tornou a sorrir. Riu-se, uma bela gargalhada. — Desculpe. É que é uma coincidência tão extraordinária.

— Falaste à Menina Nicolson... Laurel... — Karen corou ao entrar na sala — ... no avô? — Fez deslizar um tabuleiro com o serviço de chá para cima de uma mesa de centro, desbravando uma floresta de materiais de desenho infantis e sentou-se ao lado do marido no sofá. Sem sequer uma olhadela enviesada, estendeu uma bolacha a uma menina de caracóis castanhos que pressentira a chegada de guloseimas e aparecera vinda do nada.

— O meu avô — explicou-lhe Marty. — Foi ele quem me entusiasmou pelo meu trabalho. Eu sou fã, mas ele é religioso. Nunca perdeu uma única das suas peças.

Laurel sorriu, satisfeita, mas a fazer por disfarçar; estava encantada com aquela família e a sua casa deliciosamente desarrumada.

— Alguma deverá com certeza ter perdido.

— Nunca.

— Conta à Laurel aquilo do pé dele — sugeriu-lhe Karen, esfregando afectuosamente o braço do marido.

Marty riu-se.

— Houve um ano em que o meu avô partiu um pé e obrigou o médico a dar-lhe alta do hospital mais cedo para poder assistir a *Como lhe Aprover*. Ele costumava levar-me com ele quando eu ainda era tão pequeno que precisava de três almofadas só para conseguir ver a cadeira à minha frente.

— Parece-me um homem de excelente gosto. — Laurel estava a namoriscar não apenas com Marty mas com a família toda; sentia o seu valor reconhecido. Ainda bem que Iris não estava ali para assistir.

— Era, sem dúvida — disse Marty com um sorriso. — Eu gostava muito dele. Já faleceu vai para dez anos, mas não passa um único dia em que eu não sinta a falta dele. — Ajeitou os óculos de armação preta na cana do nariz e disse: — Mas já chega de falar a nosso respeito. Desculpe... A culpa foi da minha surpresa ao vê-la... Ainda nem sequer lhe perguntámos o motivo da sua visita. Imagino que não terá sido para ouvir falar no meu avô.

— Na verdade, trata-se de uma história bastante comprida — adiantou-lhe Laurel, pegando na chávena de chá que lhe era oferecida e misturando-lhe um pouco de leite. — Tenho andado a investigar a história da minha família, em particular do lado materno, e acontece que em tempos ela... — Laurel hesitou — ... foi amiga das pessoas que moravam nesta casa.

— E quando terá sido isso, saberá por acaso?

— No final da década de 1930, nos primeiros anos da guerra.

Um nervo repuxou a sobrelha de Marty.

— Mas que extraordinário!

— Como é que se chamava a amiga da sua mãe? — perguntou-lhe Karen.

— Vivien — respondeu-lhe Laurel. — Vivien Jenkins.

Marty e Karen trocaram um olhar e Laurel olhou para um e depois

para o outro.

— Eu disse alguma coisa estranha? — indagou.

— Não, estranha não, só que... — Marty sorriu, olhando para as mãos à medida que organizava os seus pensamentos — ... esse nome é muito conhecido aqui.

— A sério? — O coração de Laurel começara a entrar em alvoroço. Eles eram descendentes de Vivien, isso era óbvio. Uma criança cuja existência Laurel desconhecia, um sobrinho...

— Trata-se de uma história bastante peculiar, na verdade, uma daquelas que entraram na lenda da família.

Laurel assentiu com a cabeça em grande expectativa, desejosa de que ele continuasse enquanto bebia um gole de chá.

— O meu bisavô Bertie herdou esta casa, está a ver, durante a Segunda Guerra Mundial. Ao que consta, ele era uma pessoa doente e muito pobre; trabalhara toda a vida, mas os tempos eram difíceis... afinal de contas, o país estava em guerra... e morava num apartamento acanhado próximo de Stepney, onde uma vizinha idosa tratava dele, quando um dia, sem que nada o fizesse esperar, recebeu a visita de um advogado todo elegante a informá-lo de que ele herdara esta casa.

— Não estou a perceber — admitiu Laurel.

— Nem ele, na altura — disse Marty. — Mas o advogado foi muito claro quanto ao assunto. Uma mulher chamada Vivien Jenkins, de quem o meu bisavô nunca ouvira falar, fizera dele o único beneficiário do seu testamento.

— Ele não a conhecia?

— Nunca na vida tinha ouvido falar nela.

— Mas isso é muito estranho.

— Sou da mesma opinião. E, a princípio, ele recusou-se a pôr aqui os pés. Sofria de demência; não gostava de mudanças; pode imaginar o choque que não foi para ele... E, como tal, continuou onde estava e a casa ficou vazia, até que o filho, o meu avô, voltou da guerra e conseguiu convencer o velhote de que não era uma

vigarice.

— Então, o seu avô conhecia a Vivien?

— Sim, mas nunca falara dela. Era uma pessoa bastante aberta, o meu avô, mas havia certos assuntos sobre os quais nunca se pronunciava. A Vivien era um deles; o outro era a guerra.

— Creio que não é um caso raro — opinou Laurel. — Tendo em conta todos os horrores por que aqueles pobres homens passaram.

— Sim. — O rosto dele abateu-se num esgar de tristeza. — Mas, no caso do meu avô, foi mais do que isso.

— Ai sim?

— Ele foi obrigado a alistar-se quando estava na prisão.

— Ah, agora compreendo.

— Ele foi bastante parco quanto aos pormenores, mas eu fiz as minhas indagações. — Marty afivelou um ar um tanto ou quanto envergonhado e baixou a voz ao prosseguir: — Encontrei um cadastro da polícia que dizia que, numa noite de 1941, o meu avô foi pescado do Tamisa, quase morto de pancada.

— Por quem?

— Não sei ao certo, mas foi enquanto estava no hospital que a polícia o foi buscar. Tinham enfiado na cabeça que ele estava envolvido numa tentativa de chantagem qualquer e levaram-no para ser interrogado. Um mal-entendido, ele sempre jurou a pés juntos e, se conhecesse o meu avô, sabia que ele não mentia, mas os polícias não acreditaram nele. De acordo com o cadastro, quando o encontraram, ele trazia um cheque ao portador, mas recusava-se a dizer quem lho tinha dado. Enfiaram-no na prisão; como não tinha dinheiro para pagar a um advogado, claro, e como a polícia não tinha provas para o manter preso, alistaram-no. É curioso, mas ele costumava dizer que eles lhe salvaram a vida.

— *Salvaram-lhe* a vida? Mas como?!

— Não faço ideia, também nunca consegui perceber isso. Talvez fosse uma piada... Era um brincalhão, o meu avô. Mandaram-no para França em 1942.

— E ele nunca tinha estado no exército?

— Não, ele assistia aos combates... esteve em Dunkirk, a propósito... mas não andava armado. Levava uma máquina fotográfica. Era fotógrafo de guerra. Venha comigo que eu mostro-lhe algumas das fotografias dele.

*

— Meu Deus! — exclamou Laurel, enquanto examinava as fotografias a preto e branco que revestiam a parede. — O seu avô chamava-se James Metcalfe.

Marty sorriu cheio de orgulho.

— Nem mais. — Endireitou a moldura de uma fotografia.

— Eu estou a reconhecer estas. Vi-as numa exposição no Victoria & Albert, há cerca de uma década.

— Isso foi logo a seguir à morte dele.

— O trabalho dele é incrível. Sabe, quando eu era miúda, a minha mãe tinha uma das fotografias dele na parede, uma pequena... Aliás, ainda tem. Costumava dizer-nos que a ajudava a lembrar-se da família; do que lhes aconteceu. Morreram todos no bombardeamento aéreo a Coventry.

— Lamento saber isso — afirmou Marty. — Deve ter sido terrível. Nem consigo imaginar tal coisa.

— As fotografias do seu avô ajudam a dar uma ideia. — Laurel observou cada imagem por sua vez. Eram de facto excepcionais; pessoas cujas casas haviam sido destruídas durante os bombardeamentos, soldados nos campos de batalha. Havia uma de uma menina com uma indumentária estranha, sapatos de sapateado e calças grandes de mais para ela. — Gosto desta aqui — disse ela.

— Essa é a minha tia Nella — disse Marty, sorridente. — Bom, nós tratávamo-la por tia, embora ela não fosse da família. Era uma órfã de guerra, a fotografia foi tirada na noite em que a família dela morreu. O meu avô manteve-se sempre em contacto com ela e,

quando regressou da guerra, ele pôs-se à procura dela e descobriu que fora adoptada por uma família. A amizade dos dois durou até ao fim da vida.

— Que coisa tão bonita!

— Ele era assim, uma pessoa muito leal. Sabe, antes de se casar com a minha avó, foi à procura de uma antiga namorada só para ter a certeza de que ela estava bem. Nada o teria impedido de se casar com a minha avó, claro... eles estavam apaixonadíssimos um pelo outro... mas ele disse que era uma coisa que não podia deixar de fazer. Os dois tinham-se separado durante a guerra e, após o regresso, ele só a vira uma vez e, ainda assim, de longe. Ela estava na praia com o marido, e o meu avô não os quis incomodar.

Laurel ouvia ao mesmo tempo que assentia com a cabeça, quando, subitamente, as peças se ajustaram como num caleidoscópio: Vivien Jenkins deixara a casa à família de James Metcalfe. James Metcalfe, com o seu velho pai doente... Bom, só podia ser Jimmy, não era? Tinha de ser. O Jimmy da mãe e o homem por quem Vivien se apaixonara, contra quem Katy a prevenira, receosa do que Henry seria capaz, caso descobrisse. O que significava que a mãe fora a mulher cujo paradeiro Jimmy procurara antes de se casar. Laurel sentiu as forças a faltarem-lhe, e não apenas porque era à mãe que Marty se referia; havia qualquer coisa a puxar pela sua própria memória.

— O que foi? — perguntou-lhe Karen, apreensiva. — Parece que viu um fantasma.

— E-eu a-acabei — balbuciou Laurel. — Eu acabei de ter uma ideia do que poderia ter acontecido ao seu avô, Marty. Eu acho que sei a razão por que ele foi agredido; quem foi que o deixou às portas da morte.

— Ai sim?

Ela confirmou com um aceno de cabeça, sem saber por onde começar. Havia tanto que dizer.

— Vamos voltar para a sala — sugeriu Karen. — Vou fazer mais

chá. — Arrepiou-se, toda entusiasmada. — Ah, pode ser tolice minha, admito, mas não acham que é maravilhoso solucionar um mistério?

Estavam a preparar-se para sair do escritório quando Laurel reparou numa fotografia que lhe cortou a respiração.

— É tão bonita, não é? — comentou Marty, sorrindo ao dar conta da direcção do olhar dela.

Laurel assentiu com a cabeça e já tinha na ponta da língua «É a minha mãe», quando Marty lhe disse:

— É ela, é a Vivien Jenkins. A mulher que deixou esta casa ao Bertie.

Capítulo 32

O fim da linha, Maio de 1941

Vivien fez o resto da viagem a pé. O comboio viera apinhado de soldados e londrinos de ar exausto — não havia lugares sentados, mas um passageiro oferecera-lhe o seu. Havia vantagens, constatou ela, em estar com aspecto de quem tinha acabado de ser resgatada de um local atingido por uma bomba. Havia um jovem sentado à sua frente, uma mala no colo e um frasco bem seguro entre as mãos. Continha, imagine-se só, um peixinho dourado, e de cada vez que o comboio abrandava, ou ganhava velocidade, ou parava com um solavanco num desvio à espera de um alerta, a água agitava-se dentro do frasco, e ele levantava-o para se certificar de que o peixe não entrava em pânico. Os peixes entravam em pânico? Vivien estava certa de que não, embora a ideia de estar encurralada dentro de um frasco de vidro fizesse qualquer coisa dentro dela contrair-se a tal ponto que ficava sem poder respirar.

Quando não estava atento ao peixe, o rapaz entretinha-se a observar Vivien, os seus grandes olhos azuis sombrios a avaliar-lhe as mazelas, o casaco branco e grosso apesar de a Primavera já estar no fim. Ela sorriu-lhe ligeiramente quando os olhares de ambos se cruzaram, ao fim de cerca de uma hora de viagem, e ele fez o mesmo, mas apenas ao de leve. Vivien interrogou-se, por entre os outros pensamentos que lhe inundavam o espírito e se digladiavam pela sua atenção, quem seria o rapaz e porque estaria ele a viajar sozinho em plena guerra, mas coibiu-se de lhe fazer

perguntas — estava demasiado nervosa para falar com alguém, com receio de se denunciar.

Havia um autocarro que servia a cidade de meia em meia hora — quando se estavam a aproximar-se da estação, ouvira duas senhoras de idade a gabar-lhe a admirável pontualidade —, mas Vivien decidira ir a pé. Não conseguia libertar-se da sensação de que apenas estando em constante movimento se conseguiria manter a salvo.

Um automóvel abrandou atrás dela e Vivien sentiu cada nervo do seu corpo retesar-se. Perguntou-se se algum dia deixaria de ter medo. Não até Henry morrer, disso tinha a certeza, pois só então seria completamente livre. O motorista era um homem trajado com uma farda que ela não reconheceu. Imaginou o aspecto que não deveria ter aos olhos dele: uma mulher com um casaco de Inverno, com a cara num estado lastimável, uma mala na mão, a caminho da cidade, sozinha.

— Boa tarde — cumprimentou-a ele.

Sem virar a cabeça, ela acenou-lhe em resposta. Tinham passado quase vinte e quatro horas, constatou, desde a última vez que falara em voz alta. Era uma superstição disparatada, mas não era capaz de se abstrair da sensação de que, caso abrisse a boca, estaria tudo perdido, que, sem saber bem como, Henry conseguiria ouvi-la, ou, então, um dos seus amigalhaços, e nessa altura viria no encalço dela.

— Vai para a cidade? — indagou o homem ao volante.

Vivien tornou a acenar com a cabeça, mas sabia que mais tarde ou mais cedo teria de lhe responder, quanto mais não fosse para lhe assegurar de que não era uma espia alemã. A última coisa de que precisava era de se ver arrastada para a esquadra da polícia local por algum voluntário arrogante da Defesa Civil, ansioso por desmascarar a invasão.

— Eu posso dar-lhe boleia, se quiser — prontificou-se ele. — O meu nome é Richard Hardgreaves.

— Não. — A sua voz estava rouca da falta de uso. — Obrigada, mas gosto de andar a pé.

Foi a vez dele de acenar com a cabeça. Lançou uma olhadela através do pára-brisas para a direcção em que seguia e depois tornou a voltar-se para Vivien.

— Vai visitar alguém na povoação?

— Vou entrar para um novo emprego — respondeu-lhe ela. — Na pousada Mar Azul.

— Ah! A pousada da Sr.^a Nicolson. Bom, nesse caso, vemo-nos na cidade, com certeza, Menina...?

— Smitham — disse ela. — Dorothy Smitham.

— Menina Smitham — repetiu ele com um sorriso. — Encantado. — E, dito isto, despediu-se dela com um ligeiro aceno e prosseguiu o seu caminho.

Dorothy esperou que o automóvel desaparecesse para lá da crista de uma colina verdejante e, em seguida, derramou lágrimas de alívio. Falara e não sucedera nada de trágico. Uma conversa com um desconhecido, a quem dera o seu novo nome, e nem por isso o céu lhe desabara em cima, nem a terra se rasgara para a engolir. Com uma respiração prolongada e cautelosa, permitiu-se alimentar a ténue réstia de esperança de que talvez tudo acabasse por correr bem. De que lhe seria concedida uma segunda oportunidade. O ar cheirava a sal e mar e um bando de gaivotas movimentava-se em círculos no céu distante. Dorothy Smitham pegou na mala e seguiu em frente.

*

No final, fora a velhota de Rillington Place quem lhe dera a ideia. Quando Vivien abriu os olhos no meio do prédio bombardeado, rodeada de poeira por todos os lados, e tomara consciência de que, por estranho que pudesse parecer, ainda estava viva, começara a chorar. Ouvia sirenes, assim como as vozes de homens e mulheres

bondosos e destemidos que acorriam ao local para apagar as chamas, ajudar os feridos e levar os mortos. Porquê, interrogou-se ela, não se encontraria ela entre eles — porque não lhe daria a vida uma trégua?

Nem sequer estava muito ferida — Vivien tinha prática em avaliar a gravidade dos ferimentos. Caíra-lhe qualquer coisa em cima, uma porta, ao que parecia, mas havia uma brecha e ela conseguiu libertar-se. Sentou-se, estonteada, às escuras. Estava frio, um frio de enregelar, e ela tremia. Não conhecia bem o quarto, mas sentiu uma coisa felpuda debaixo da mão — um casaco! — e puxou-o para o soltar de debaixo da porta. Descobriu uma lanterna no bolso do casaco e, quando apontou o seu fino feixe de luz, constatou que Dolly estava morta. Pior do que morta, fora esmagada por tijolos e reboco do tecto e um grande baú de metal que se despenhara do sótão.

Vivien sentiu náuseas, de choque, de dores e da terrível desilusão de ter falhado na missão a que se propusera; levantou-se a custo. O tecto desaparecera e ela via agora o céu e as estrelas; estava a contemplá-las, com dificuldade em manter o equilíbrio, a perguntar-se quanto tempo faltaria para Henry conseguir dar com ela quando ouviu a velhota a gritar:

— Menina Smitham, a Menina Smitham está viva!

Vivien virou-se na direcção da voz, atordoada, porque sabia que Dolly estava tudo menos viva. Já se preparava para dizer isto mesmo, indicando em vão o corpo de Dolly, mas não conseguiu proferir uma única palavra, apenas um som áspero e superficial, e a velhota continuava a gritar que a Menina Smitham estava viva, enquanto apontava para Vivien, e foi então que ela deu pelo engano da proprietária.

Era uma oportunidade. Apesar das dores de cabeça e da confusão que lhe ia no espírito, Vivien compreendeu de imediato que lhe fora dada uma oportunidade. Aliás, no rescaldo alarmante de uma explosão em cheio, tudo lhe parecia de uma simplicidade

notável. Uma nova identidade, uma nova vida, era tão fácil de adquirir como o casaco que encontrara às escuras. Ninguém sairia prejudicado; não restava ninguém a quem prejudicar — Jimmy morrera, ela fizera tudo o que podia pelo Sr. Metcalfe. Dorothy Smitham não tinha família e não havia ninguém para chorar a morte de Vivien — e, assim, ela aproveitou-a. Tirou a aliança de casamento e agachou-se no escuro, enfiando-a no dedo de Dolly. Havia barulho por todo o lado: os gritos das pessoas, o vaivém das ambulâncias, os escombros que ainda se soltavam e depositavam na escuridão fumegante, mas Vivien só ouvia o coração que lhe martelava o peito — não de medo, mas de determinação. A proposta de emprego ainda estava agarrada na outra mão de Dolly e Vivien encheu-se de coragem, pegou na carta da Sr.^a Nicolson e enfiou-a no bolso do casaco branco. Já lá havia outras coisas, um pequeno objecto duro e um livro, constatou ela, quando os dedos lhe tocaram de raspão, mas não se demorou a ver de qual se tratava.

— Menina Smitham? — Um homem de capacete encostara a escada à beira do piso em ruínas e trepara por ela de modo a colocar-se ao nível dos pés dela. — Não se aflija, menina, que nós vamos tirá-la daí. Não tarda, vai ver que fica tudo bem.

Vivien olhou para ele e, por uma vez sem excepção, interrogou-se se poderia ser verdade.

— A minha amiga — disse ela com voz rouca, acendendo a lanterna para indicar o corpo no chão. — Ela está...?

O homem lançou uma olhadela a Dolly, a cabeça esmagada debaixo do baú de metal, os membros estendidos numa posição inconcebível.

— Santo Deus! — exclamou ele. — Eu diria que sim. É capaz de me dar o nome dela? Há alguém que precisemos de contactar?

Vivien assentiu com a cabeça.

— O nome dela é Vivien. Vivien Jenkins, e tem um marido que precisa de ser informado de que ela não irá voltar para casa.

*

Dorothy Smitham passou os restantes anos de guerra a fazer camas e a limpar o que os hóspedes da pousada da Sr.^a Nicolson sujavam. Manteve a cabeça baixa, esforçou-se por não fazer nada capaz de chamar demasiado a atenção, nunca aceitou convites para bailes. Esfregava, lavava e varria e, à noite, quando fechava os olhos para dormir, tentava não ver o olhos de Henry a fitá-la no escuro.

Durante o dia, mantinha os seus próprios olhos bem abertos. A princípio, via-o por toda a parte: a passada familiar altiva de um homem que percorria o cais, as feições maduras e grosseiras de um desconhecido que passava por ela, uma voz que se exaltava na multidão e que a deixava arrepiada. Com o tempo, começou a vê-lo cada vez menos, o que foi para ela um alívio, mas nunca baixou a guarda, porque Dorothy sabia que um dia ele acabaria por encontrá-la — era apenas uma questão de onde e quando — e fazia tenções de estar preparada para o receber.

Enviou um único postal. Ao fim de seis meses, mais coisa menos coisa, na pousada Mar Azul, escolheu a imagem mais bonita que encontrou — um grande navio de passageiros, do género que as pessoas apanhavam para viajar de um extremo do mundo ao outro — e escreveu no verso: «O tempo aqui está magnífico. Estamos todos bem. Por favor, destrua depois de ler», e endereçou-o à sua querida amiga — a sua única amiga —, a Menina Katy Ellis, no Yorkshire.

*

A vida ganhou ritmo. A Sr.^a Nicolson mantinha a rédea curta, o que convinha a Dorothy na perfeição: havia qualquer coisa de profundamente terapêutico em ser obrigada a manter-se dentro de padrões militares de excelência doméstica e a necessidade

premente de puxar o lustro aos corrimões das escadas («Sem desperdícios, Dorothy... E estamos em guerra, não sei se sabe?») até ficarem um brinco.

E foi então que num dia de 1944, cerca de um mês após os desembarques do Dia D, estava ela a chegar a casa vinda da mercearia quando se deparou com um homem de farda sentado à mesa da cozinha. Era mais velho, claro, e em pior estado, mas ela reconheceu de imediato o rapaz de ar entusiástico da fotografia que a mãe tinha emoldurada, qual relíquia, em cima da lareira da sala de jantar. Dorothy já lhe esfregara o vidro muitas vezes e conhecia-lhe tão bem o olhar sincero, os contornos das maçãs do rosto, a covinha no queixo, que corou quando o viu ali sentado, como se tivesse andado todos aqueles anos a espreitá-lo pelo buraco da moldura.

— É o Stephen — disse-lhe ela.

— Sou. — Ele apressou-se a levantar para a ajudar com o saco de papel da mercearia.

— Eu sou a Dorothy Smitham. Trabalho para a sua mãe. Ela sabe que aqui está?

— Não — respondeu ele. — A porta lateral estava aberta e eu aproveitei para entrar.

— Ela está lá em cima. Deixe estar que eu vou...

— Não... — Ele disse isto precipitadamente, o rosto contraído num sorriso envergonhado. — Isto é, é muito amável da sua parte, Menina Smitham, e eu não quero que fique com má impressão minha. Adoro a minha mãe... afinal, devo-lhe a vida... mas, se não se importar, prefiro ficar aqui uns momentos sentado a desfrutar da paz e do sossego, antes que o meu verdadeiro serviço militar comece...

Dorothy riu-se e a sensação apanhou-a de surpresa. Apercebeu-se de que era a primeira vez que se ria desde que chegara de Londres. Muitos anos mais tarde, quando os filhos lhes pediam que lhes contasse (outra vez!) a história de como se tinham apaixonado,

Stephen e Dorothy Nicolson falavam-lhes da noite em que tinham ido até à beira do cais em ruínas e começado lá a dançar. Stephen levava o velho gramofone e tinham posto música a tocar, esquivando-se aos buracos nas tábuas de madeira ao som de «By the Light of the Silvery Moon». Depois, Dorothy escorregara e caíra ao tentar equilibrar-se em cima do parapeito (pausa para conselho paternal: «Nunca devem tentar equilibrar-se em parapeitos altos, queridos»), e Stephen, sem sequer descalçar os sapatos, atirara-se à água para a ir salvar — «E foi assim que eu pesquei a vossa mãe», costumava ele dizer, e de todas as vezes os filhos desatavam na risota, ao imaginar a mãe a ser puxada por uma cana de pesca — e depois os dois tinham-se sentado na areia, porque era Verão e a noite estava amena, e tinham comido amêijoas de um copo de papel e passado horas na conversa, até que o Sol irrompera rosado no horizonte e tinham regressado ao Mar Azul, certos, sem precisarem de trocar uma única palavra, de que estavam apaixonados um pelo outro. Era uma das histórias preferidas dos filhos, a imagem que lhes dava dos pais a caminhar pelo cais, encharcados até aos ossos, a mãe como um espírito livre, o pai como um herói — mas, lá no fundo, Dorothy sabia que, sob um certo aspecto, se tratava de uma fantasia. Apaixonara-se pelo marido muito antes disso. Apaixonara-se por ele naquele dia em fora dar com ele na cozinha e ele a pusera a rir.

A lista dos atributos de Stephen, tivesse ela alguma vez sido convidada a escrevê-la, teria sido muito longa. Era corajoso e protector, era divertido; era paciente com a mãe, mesmo sendo ela o género de mulher cuja conversa mais amigável destilava ácido suficiente para fazer descascar a tinta das paredes. Tinha umas mãos fortes e fazia coisas habilidosas com elas: era capaz de consertar praticamente tudo, e sabia desenhar (embora não tão bem quanto gostaria). Era atraente e tinha uma maneira de olhar para ela que deixava a pele de Dorothy a arder de desejo; era um sonhador, mas não ao ponto de se perder nas suas fantasias. Apreciava

música e tocava clarinete, canções de *jazz* que Dorothy adorava, mas que punham os nervos da mãe em franja. Às vezes, enquanto Dorothy ficava sentada de pernas cruzadas no assento da janela do quarto dele a vê-lo tocar, a Sr.^a Nicolson levava a vassoura para o piso de baixo e punha-se a bater com a ponta do cabo no tecto, o que fazia Stephen tocar ainda mais alto e mais ao estilo *jazz*, e Dorothy ria-se tanto que tinha de tapar a boca com as mãos. Transmitia-lhe segurança.

No primeiro lugar da lista, porém, aquilo que ela mais estimava acima de tudo o resto, era a sua força de carácter. Stephen Nicolson tinha a força das suas convicções: nunca se deixava vergar aos caprichos do amor e Dorothy apreciava isso; havia um certo risco, acreditava ela, no amor que levava as pessoas a agir de forma atípica.

E, para além disso, tinha um grande respeito pelos segredos alheios.

— Tu não falas muito sobre o teu passado — observara ele certa noite, quando estavam os dois sentados na areia.

— Pois não.

O silêncio prolongou-se entre ambos sob a forma de um ponto de interrogação, mas ela não adiantou mais nada.

— E porquê?

Dorothy soltou um suspiro, mas este foi apanhado pela brisa marítima nocturna e levado dali em surdina. Sabia que a mãe lhe andara a segredar ao ouvido; mentiras horríveis acerca do seu passado, destinadas a convencê-lo de que seria melhor para ele esperar mais um tempo, sair com outras mulheres, pensar em assentar com uma boa rapariga da terra, alguém que não tivesse «hábitos de Londres» entranhados. Tal como sabia que Stephen respondera à mãe que gostava de mistérios, que se soubéssemos tudo o que havia a saber a respeito de uma pessoa antes de atravessarmos a rua para a cumprimentar, a vida seria muito monótona. Dorothy disse-lhe:

— Pela mesma razão, suspeito eu, que tu não falas muito sobre a guerra.

Stephen pegou-lhe na mão e beijou-lha.

— Parece-me fazer todo o sentido.

Dorothy sabia que um dia lhe haveria de contar o que se passara, mas tinha de avançar com cautela. Stephen era o género de homem que haveria de ir direito a Londres para ajustar contas com Henry. E Dorothy não queria perder mais ninguém às mãos de Henry Jenkins.

— Tu és um bom homem, Stephen Nicolson.

Ele abanava a cabeça; ela sentia-lhe a testa movimentar-se contra a dela.

— Não — insistia. — Sou só um homem.

Dorothy não o contrariou, mas pegou-lhe na mão e encostou a face delicadamente no ombro dele, no escuro. Já conhecera outros homens antes, tanto bons como maus, e Stephen Nicolson era um bom homem. O melhor de todos eles. Fazia-lhe lembrar outro homem que em tempos conhecera.

*

Dorothy pensava em Jimmy, naturalmente, da mesma maneira que continuava a pensar nos irmãos e nos pais. Ele fora residir com eles naquela casa de madeira subtropical, sendo bem recebido pelos Longmeyer da sua imaginação. Não lhe era difícil imaginá-lo lá, para além do véu; Jimmy sempre lhe recordara os homens da sua família. A sua amizade fora uma luz na escuridão, dera-lhe esperança e, quem sabe, se tivessem tido oportunidade para se conhecerem com mais tempo e mais a fundo, não se teria consolidado no tipo de amor que ela encontrava em Stephen. Mas Jimmy pertencia a Vivien e Vivien morrera.

Certa vez, tivera a impressão de o ver. Foi uns anos depois do casamento, e ela e Stephen estavam a passear de mãos dadas à beira-mar quando ele se inclinou para a beijar no pescoço. Dorothy

riu-se e esquivou-se-lhe, adiantando-se a ele e espreitando por cima dos ombros para lhe dizer qualquer coisa provocadora. E fora então que reparara num vulto na praia, muito ao longe, a observá-los. Susteve a respiração ao reconhecê-lo, à medida que Stephen a apanhava e a pegava ao colo. Mas era apenas a sua imaginação a pregar-lhe partidas, pois, quando se tornou a virar para ele, já tinha desaparecido.

Capítulo 33

Greenacres, 2011

A mãe pedira-lhes aquela canção e queria ouvi-la na sala de estar. Laurel oferecera-se para lhe levar um leitor de CD para o quarto, de modo a que ela não fosse obrigada a deslocar-se, mas a sugestão foi rapidamente posta de lado, e Laurel achou que não valia a pena insistir. Não com a mãe, não naquela manhã em que os seus olhos tinham uma expressão tão transcendental. Fazia agora dois dias que estava assim, desde que Laurel regressara de Campden Grove e lhe contara o que descobrira.

O trajecto longo e demorado de Londres, mesmo com Daphne a falar sobre Daphne todo o caminho, não fora suficiente para fazer esmorecer o entusiasmo de Laurel e, mal se apanhara a sós com a mãe, fora sentar-se à sua cabeceira. Tinham conversado, finalmente, acerca de tudo quanto sucedera, de Jimmy, de Dolly, de Vivien, bem como da família Longmeyer na Austrália; a mãe confessou a Laurel a culpa que toda a vida a atormentara por ter ido visitar Dolly na noite do bombardeamento e ter insistido com ela para que voltasse para dentro de casa. «Se não fosse eu, ela não teria morrido. Vinha a sair quando eu cheguei.» Laurel lembrou a mãe de que a sua intenção fora salvar a vida de Dolly, que a fora avisar do perigo que corria e que não tinha nexos algum sentir-se culpada pelos sítios fortuitos onde as bombas alemãs caíam.

A mãe pedira a Laurel que lhe fosse buscar a fotografia de Jimmy — que não era uma cópia mas sim o original —, um dos poucos

vestígios do passado que não trancara a sete chaves. Sentada ao lado da mãe, Laurel contemplara-a com um novo olhar: a luz da alvorada depois de um bombardeamento, os vidros partidos a cintilar como luzinhas em primeiro plano, um grupo de pessoas a sair do abrigo antiaéreo ao fundo, por entre o fumo.

— Foi um presente — disse a mãe num fio de voz. — Representou tanto para mim quando ele me deu. Ter-me-ia sido impossível separar-me dela.

As duas tinham chorado durante a conversa e, de quando em vez, enquanto a mãe encontrava uma reserva de energia que lhe permitia falar — em tom vacilante mas determinado — acerca do que vira e sentira, Laurel perguntava-se se a tensão causada pelas antigas recordações, algumas delas extremamente dolorosas, não se revelaria demasiado para ela; todavia, quer fosse da alegria de ouvir as notícias que a filha lhe trazia de Jimmy e da sua família, ou do alívio de se ter finalmente libertado dos seus segredos, a mãe parecia ter recuperado o ânimo. A enfermeira avisara-os de que seria por pouco tempo, que não se deixassem iludir e que o declínio, quando chegasse, seria rápido; contudo, ela também sorria e aconselhara-os a desfrutar da companhia da mãe enquanto podiam. E assim fizeram; rodearam-na de amor, de barulho e do rebuliço alegre e agitado da vida em família de que Dorothy Nicolson sempre tanto gostara.

Agora, enquanto Gerry levava a mãe ao colo para o sofá, Laurel percorreu os discos na estante, à procura do álbum em questão. Passou-os rapidamente em revista, no entanto, deteve-se um instante ao chegar à Banda de Jazz de Chris Barber, esboçando um sorriso. O disco pertencera ao pai; Laurel ainda se lembrava do dia em que ele o trouxera para casa. Fora buscar o clarinete e passara horas entretido a acompanhar o solo de Monty Sunshine, ali mesmo, no meio da alcatifa, interrompendo-se de quando em vez para abanar a cabeça, maravilhado com o puro virtuosismo do talento de Monty. Nessa noite, passara todo o jantar metido consigo, sentado à

cabeceira da mesa com uma aura de perfeita satisfação a iluminar-lhe o rosto, enquanto as conversas barulhentas das filhas lhe passavam completamente ao lado.

Inspirada pela agradável emoção desta lembrança, Laurel pôs Monty Sunshine de parte e continuou a percorrer os discos até encontrar o que procurava. «By the Light of the Silvery Moon», de Ray Noble e Snooky Lanson. Virou-se para trás, para onde Gerry estava a instalar a mãe, a tapar-lhe delicadamente o corpo frágil com uma manta, e ficou à espera, a pensar na dádiva que era ter o irmão em Greenacres nos últimos dias. Era a única pessoa a quem ela confiara a verdade acerca do passado. Tinham estado juntos na noite da véspera, a beber vinho tinto na casa da árvore e a ouvir uma estação londrina que Gerry desencantara na Internet, enquanto iam partilhando tolices a respeito dos primeiros amores, da velhice e de tudo o que havia de permeio.

Quando falaram do segredo da mãe, Gerry opinara que não via qualquer motivo para contarem às irmãs. «Nós estivemos lá naquele dia, Lol; faz parte da nossa história. A Rose, a Daphne e a Iris...» Encolheu os ombros e bebeu um gole de vinho. «Bom, se calhar, só iria transtorná-las, não achas?» Laurel não estava tão certa disso. Haveria seguramente histórias mais fáceis de contar; era muito para assimilar, sobretudo para uma pessoa como Rose. Contudo, ao mesmo tempo, ultimamente, Laurel vinha a reflectir muito acerca dos segredos, da dificuldade de os manter e do hábito que eles tinham de ficar tranquilamente escondidos sob a superfície para depois, quando menos se esperava, virem à tona através de uma frincha na determinação de quem os guardava. Calculava que seria melhor deixar passar algum tempo e ver o que acontecia.

Gerry olhou para ela de relance e sorriu-lhe, fazendo-lhe sinal do sítio onde se empoleirara, junto à cabeça da mãe, para ela pôr a música a tocar. Laurel retirou o disco do invólucro de papel e enfiou-o no gira-discos, colocando a agulha na margem exterior. O crescendo da abertura de piano inundou o silêncio da sala e Laurel

instalou-se na outra extremidade do sofá, pousando uma mão nos pés da mãe e fechando os olhos.

De repente, tinha outra vez nove anos. Estavam em 1954, numa noite de Verão. Laurel trazia vestida uma camisa de dormir de manga curta, e a janela por cima da cama estava aberta na esperança de atrair a brisa fresca nocturna. Tinha a cabeça na almofada, o cabelo comprido e liso espalhado atrás dela em leque e os pés estavam assentes no parapeito. Os pais tinham recebido uns amigos ao jantar e Laurel estava assim deitada no escuro havia horas, à escuta das ondas suaves das conversas e dos risos que por vezes se elevavam acima dos suspiros balbuciados das irmãs adormecidas. Ocasionalmente, o cheiro a tabaco dissipava-se escada acima e através da porta aberta; copos tilintavam na sala de jantar e Laurel deliciava-se na certeza de que o mundo dos adultos era quente, luminoso e girava tranquilamente para lá das paredes do quarto dela.

Passado um bocado, chegou até ela o barulho de cadeiras a arrastar, passos no corredor, e Laurel imaginou os homens a despedirem-se com apertos de mão, as senhoras a beijarem-se na face enquanto diziam: «Adeus», e «Oh, que noite tão agradável!», e trocavam promessas de repetir a ocasião. Portas de automóveis bateram, motores afastaram-se aos sussurros através do acesso iluminado pelo luar; e, por fim, o silêncio e a quietude regressaram a Greenacres.

Laurel esperou em vão por ouvir os passos dos pais nas escadas, sinal de que se iam deitar, e vacilou à beira do sono, ainda sem coragem de se abandonar e deixar cair. Até que, por fim, através das tábuas do soalho, chegou-lhe o riso de uma mulher, fresco e saciante, como um copo de água quando se tem sede, e Laurel despertou por completo. Sentou-se na cama e ouviu mais gargalhadas, desta feita do pai, a que rapidamente se seguiu o barulho de qualquer coisa a ser arrastada. Laurel não tinha autorização para andar a pé àquela hora da noite, a menos que

estivesse maldisposta, tivesse de ir à casa de banho ou acabado de ter um pesadelo, mas sentia-se incapaz de voltar a fechar os olhos e adormecer, não agora. Estava qualquer a acontecer lá em baixo e ela tinha saber o que era. A curiosidade poderia ter matado o gato, mas as meninas pequeninas em geral saíam-se muito melhor.

Levantou-se da cama sem fazer barulho e atravessou o corredor alcatifado em bicos dos pés, a camisa de dormir a ondular-lhe contra os joelhos despidos. Calada que nem um rato, esgueirou-se escada abaixo, detendo-se no patamar ao ouvir música, suaves compassos que ecoavam do outro lado da porta da sala de estar fechada. Laurel desceu o último lanço de corrida e ajoelhou-se com todo o cuidado, pressionando primeiro uma mão e depois um olho contra a porta. Espreitou através do buraco da fechadura e de imediato susteve a respiração. A poltrona do pai tinha sido afastada para um canto, deixando um amplo espaço livre no meio da sala, e ele e a mãe estavam os dois de pé no tapete, os corpos entrelaçados num abraço. A mão do pai assentava grande e firme nas costas da mãe e a face dele estava encostada à dela, à medida que oscilavam ao ritmo da música. O pai tinha os olhos fechados e, ao reparar na expressão do rosto dele, Laurel engoliu em seco e o rubor subiu-lhe ao rosto. Era quase como se ele estivesse em sofrimento e, de alguma forma, o contrário também. Era o papá dela e, no entanto, não era, e vê-lo assim fez despertar em Laurel um sentimento de insegurança, uma certa inveja até, que escapava de todo à sua compreensão.

O ritmo da música acelerou e Laurel viu os corpos dos pais afastarem-se um do outro. Estavam a dançar, a dançar a sério, como se fosse num filme, de mãos dadas e a arrastar os pés, e a mãe às voltas e mais voltas debaixo do braço do pai. A mãe tinha as faces rosadas e as ondas do cabelo mais soltas do que era habitual, a alça do vestido cor de pérola descaíra-lhe ligeiramente do ombro, e Laurel, com os seus nove anos, soube que nem que vivesse até aos cem anos haveria de ver alguém mais bonito do que ela.

*

— Lol.

Laurel abriu os olhos. A música chegara ao fim e o disco girava sozinho em cima da mesa. Gerry achava-se de pé junto à mãe, que entretanto adormecera, a acariciar-lhe o cabelo ao de leve.

— Lol — chamou-a ele outra vez, e havia qualquer coisa na sua voz, uma urgência que lhe chamou a atenção.

— O que foi?

Gerry contemplava fixamente o rosto da mãe e Laurel seguiu-lhe o olhar. Quando lá chegou, compreendeu. Dorothy não estava a dormir; partira.

*

Laurel estava sentada no baloiço por baixo da árvore, a movimentá-lo devagar com o pé. Os Nicolson tinham passado grande parte da manhã a discutir os preparativos do funeral, e Laurel estava agora a puxar o lustro ao medalhão que a mãe toda a vida usara. Tinham decidido — por unanimidade — sepultá-lo com ela; a mãe nunca fora muito dada a posses materiais, mas tivera uma estima particular àquele medalhão, recusando-se a tirá-lo fosse por que motivo fosse. «Contém os meus tesouros mais preciosos», costumava ela dizer, abrindo-o para mostrar as fotografias dos filhos lá dentro. Em miúda, Laurel adorava ver as dobradiças minúsculas a funcionar e ouvir o estalido agradável do fecho ao prender.

Abriu-o e fechou-o, observando as caritas jovens e sorridentes dos irmãos e dela própria, retratos que já vira vezes sem conta; e, ao fazê-lo, reparou que um dos vidros ovais tinha uma falha de lado. Laurel franziu o sobrolho, fazendo deslizar o dedo pela falha. A ponta da unha enfiou-se nela e o vidro deslocou-se — estava mais solto do que lhe parecera à primeira vista — caindo-lhe no colo. Sem o vidro, o fino papel fotográfico perdeu a firmeza, empolando-

se no meio e permitindo a Laurel ver por baixo. Chegou o medalhão mais perto da vista, enfiou um dedo na ranhura e puxou a fotografia.

Era tal qual como julgara. Havia outra fotografia por baixo, de outras crianças, crianças de tempos mais recuados. Verificou o outro lado também, agora mais depressa, à medida que retirava o vidro e soltava a fotografia de Iris e Rose. Mais outra velha fotografia: mais duas crianças. Laurel olhou para os quatro e sufocou um grito: das roupas que usavam, a sugestão de calor intenso pela maneira como semicerravam os olhos para a objectiva, a particular impaciência obstinada no rosto da menina mais pequena — Laurel sabia quem eram aquelas crianças. Eram os Longmeyer de Tamborine Mountain, os irmãos da mãe, antes de perderem a vida no terrível acidente que a haveria de despachar de barco para Inglaterra, protegida sob a asa de Katy Ellis.

Laurel ficou tão absorta na descoberta, a perguntar-se como haveria de fazer para saber mais informações a respeito daquela família distante de que acabara de tomar conhecimento, que só deu pelo automóvel que subia o acesso quando este já estava a chegar ao portão. Tinham tido visitas nesse dia, pessoas que passavam lá por casa para apresentar as suas condolências, cada uma delas a aumentar o rol de histórias acerca de Dorothy, capazes de arrancar um sorriso aos filhos e de pôr Rose a chorar ainda mais, esgotando a enorme reserva de lenços de papel que lhe tinham comprado propositadamente para a ocasião. À medida que Laurel via o automóvel vermelho aproximar-se, porém, verificou que desta feita era o carteiro.

Foi ter com ele para o cumprimentar; ele já ouvira a notícia, obviamente, e deu-lhe as suas condolências. Laurel agradeceu-lhe e sorriu-lhe enquanto o carteiro lhe narrava uma história acerca da habilidade surpreendente de Dorothy Nicolson com um martelo.

— Ninguém diria — contou-lhe ele — que uma senhora bonita como ela seria capaz de pregar as estacas da vedação no seu devido sítio, mas não havia dúvida de que sabia o que estava a

fazer. — Laurel foi abanando a cabeça ao ritmo do espanto dele, todavia, enquanto levava a correspondência consigo de volta ao baloiço, os seus pensamentos estavam com os lenhadores do cedro de Tamborine Mountain.

Entre o correio, vinha a conta da electricidade, um panfleto relativo às eleições autárquicas e um envelope volumoso. Laurel arqueou as sobancelhas ao reparar que lhe estava endereçado. Não havia muitas pessoas que soubessem que ela estava a Greenacres para além de Claire, que nunca enviava cartas se pudesse resolver o assunto com um telefonema. Virou o envelope e verificou que o remetente era Martin Metcalfe, Campden Grove, n.º 25.

Intrigada, Laurel rasgou-o e retirou o conteúdo. Era um opúsculo, o guia oficial do museu da exposição do avô, James Metcalfe, no Victoria & Albert, havia dez anos. «Lembrei-me de que isto era capaz de lhe agradar. Cumprimentos, Marty», dizia o cartão anexo à capa. «*P. S.* Vem visitar-nos da próxima vez que estiver em Londres?» Laurel fazia tenções disso: gostava de Karen, de Martin e dos filhos, o rapazinho com o avião de *Lego* e um olhar distante; ainda que de uma forma estranha e confusa, era como se fossem da sua família, reunidos por aqueles trágicos acontecimentos de 1941.

Folheou o opúsculo, admirando uma vez mais o magnífico talento de James Metcalfe, a maneira quase inexplicável como ele captava mais do que uma mera imagem com a sua máquina fotográfica, conseguindo narrar uma história completa a partir dos elementos díspares de um único momento. E histórias importantes, ainda para mais — eram um registo, aquelas fotografias, de uma experiência histórica que sem elas seria quase impossível de conceber. Perguntou-se se Jimmy teria tido noção disto à época; se, ao captar pequenos exemplos individuais de sofrimento e perda em filme, se apercebera do extraordinário memorial que oferecia ao futuro.

Laurel sorriu ao ver a fotografia de Nella e depois deteve-se ao

chegar a uma fotografia solta, presa no fim, uma cópia da mesma que vira em Campden Grove, a fotografia da mãe. Laurel soltou-a, aproximando-a da vista e apreciando uma vez mais as belas feições maternas. Estava a devolvê-la ao seu sítio quando reparou na última fotografia do opúsculo, um auto-retrato de James Metcalfe, tirado, dizia a legenda, em 1954.

A imagem provocou-lhe uma sensação estranha e a princípio atribuiu-a ao papel crucial que Jimmy desempenhara na vida da mãe, às coisas que a mãe lhe contara a respeito da amabilidade dele e da alegria que fazia despertar nela quando era praticamente a única luz na sua vida. Depois, porém, a uma observação mais atenta, Laurel teve a certeza de que o motivo da estranheza era outro, algo mais forte, mais pessoal.

E por fim, de súbito, recordou-se.

Laurel recostou-se no baloiço e contemplou o céu, um sorriso amplo e incrédulo a rasgar-se-lhe no rosto. Tudo se iluminou. Compreendeu porque fora que o nome de Vivien a tinha impressionado tanto ao ouvi-lo da boca de Rose, no hospital; compreendeu como Jimmy soubera que devia enviar o cartão de agradecimento para Vivien em nome de Dorothy Nicolson, para a Quinta Greenacres; compreendeu porque tinha leves sobressaltos de *déjà-vu* sempre que via o selo da Coroação da Rainha.

Deus fosse louvado! — Laurel não conseguiu conter uma gargalhada —, compreendeu até o enigma do homem à saída do palco. A misteriosa citação, tão sua conhecida e, no entanto, impossível de identificar. Não vinha nada da peça, fora isso que lhe causara tantas dificuldades — andara a vasculhar na parte errada no cérebro. A citação vinha de uma conversa muito antiga, de que se esquecera por completo, até hoje...

Capítulo 34

Greenacres, 1953

A melhor coisa de ter oito anos, para Laurel, era ser finalmente capaz de fazer a roda a preceito. Passara o Verão todo a praticar e o seu recorde até ao momento era de trezentas e trinta e seis de seguida, desde o cimo do acesso até ao sítio onde estava o velho tractor do pai. Naquela manhã, porém, colocou um novo desafio a si própria: iria ver quantas rodas eram precisas para contornar a casa a toda a volta e ia fazê-las o mais depressa de que fosse capaz.

O problema era o portão lateral. Sempre que lá chegava (ao fim de quarenta e sete, por vezes quarenta e oito, rodas), fazia uma marca na terra onde as galinhas tinham debicado a relva, corria a abri-lo e, em seguida, apressava-se a voltar para a marca. Todavia, quando tornava a erguer as mãos, a preparar-se para fazer nova roda, o portão já se voltara a fechar com um rangido. Laurel pensou em encostar-lhe qualquer coisa para o segurar no seu devido sítio, mas as galinhas eram umas malvadas, sempre atentas à mínima oportunidade para debandar até à horta.

Apesar disso, não estava a ver outra maneira de conseguir terminar o circuito de rodas em volta da casa. Clareou a voz, como fazia a professora, a Menina Plimpton, sempre que tinha uma informação a dar, e disse:

— Ouçam bem o que vos digo, minhas malvadas — de dedo apontado, por via das dúvidas —, eu vou deixar este portão aberto, mas só por um instante. Se alguma de vocês tiver a brilhante ideia

de se esgueirar por ele quando eu voltar costas, sobretudo para a horta do papá, deixem-me que vos lembre de que a mamã está a fazer Galinha da Coroação esta tarde e é bem capaz de andar à cata de voluntárias.

A mãe não teria nem *sonhado* em deitar alguma das suas meninas para a panela — as galinhas com a sorte de nascer na quinta dos Nicolson tinham uma morte por velhice assegurada —, mas Laurel não viu nenhum motivo para lhes fazer saber isso mesmo.

Foi buscar as botas de trabalho do pai junto à porta da rua e levou-as para o portão, encostando-lhe uma e depois a outra para que não se fechasse. O *Senhor Polícia*, o gato, que tinha estado a observar os procedimentos do degrau da porta, miava agora a dar mostras das suas reservas quanto ao plano, mas Laurel fingiu que não era nada com ela. Satisfeita ao ver que o portão se mantinha aberto, reiterou a sua advertência às galinhas e, dando uma olhadela ao relógio, esperou que o ponteiro dos segundos chegasse ao meio-dia e gritou: «Partida!» e desatou a fazer rodas.

O plano resultou às mil maravilhas. Rodou e fartou-se de rodar, as tranças compridas a arrastar na poeira e depois a chicotearem-lhe nas costas como a cauda de um cavalo: através da capoeira das galinhas, do portão aberto (hurra!) e de volta ao sítio onde começara. Oitenta e nove rodas, três minutos e quatro segundos exactos.

Laurel sentiu-se vitoriosa — até reparar que aquelas raparigas malvadas tinham feito *precisamente* aquilo que lhes dissera para não fazerem. Corriam agora ao desvario pela horta do pai, arrancando as espigas de milho e debicando-as como se não lhes dessem três refeições substanciais por dia.

— Ei! — gritou-lhes Laurel. — Vocês aí, toca a voltar para a capoeira.

Elas ignoraram-na e Laurel precipitou-se para elas, a esbracejar e a bater com os pés no chão, sendo acolhida com o mais perfeito

desprezo.

A princípio, Laurel não viu o homem. Não até ele dizer: «Ora viva!» E ela erguer a cabeça e deparar com ele onde o *Morris* do pai costumava estar estacionado.

— Olá — respondeu-lhe ela.

— Pareces estar zangada.

— Estou *mesmo* zangada. As galinhas fugiram da capoeira, estão a comer o milho todo, e quem vai levar com as culpas sou eu.

— Santo Deus! — gracejou ele. — O caso parece sério.

— E é. — O lábio inferior de Laurel ameaçava tremer, mas ela não o autorizou.

— Bom, agora... é um facto pouco conhecido, mas acontece que eu falo a língua das galinhas com bastante fluência. E se víssemos o que é que podemos fazer para as tirar daí?

Laurel concordou e, juntos, enxotaram as galinhas da horta, o homem a fingir que cacarejava e Laurel a observá-lo por cima do ombro, muito espantada. Quando a última ave foi capturada e conferida, fechada a salvo na capoeira, ele chegou mesmo ao ponto de a ajudar a retirar as provas dos caules de milho do pai.

— Veio visitar os meus pais? — inquiriu Laurel, apercebendo-se subitamente de que o homem poderia ter outro objectivo para além de a ajudar.

— Nem mais — confirmou ele. — Eu conheci a tua mãe, há muito tempo. Éramos amigos. — Sorriu-lhe, um sorriso que levou Laurel a concluir que simpatizava com ele, e não apenas por causa das galinhas.

Esta descoberta deixou Laurel um tanto ou quanto embaraçada.

— Pode entrar e esperar por eles, se quiser. Eu fiquei de arrumar a casa.

— Então está bem. — Ele foi atrás dela, tirando o chapéu quando transpôs a porta. Varreu a sala com o olhar, reparando, Laurel teve a certeza, na demão de tinta que o pai acabara de dar às paredes. — Os teus pais não estão em casa?

— O pai está lá em baixo no campo e a mamã foi alugar um televisor para assistirmos à coroação.

— Ah, claro! Bom, eu fico bem aqui, podes ir lá às tuas limpezas à vontade.

Laurel assentiu com a cabeça, mas não se mexeu.

— Eu vou ser actriz, sabe? — Sentiu-se dominada por um impulso repentino de contar ao homem tudo a respeito de si própria.

— E não és já?

Laurel tornou a assentir.

— Bom, nesse caso, vou ter me manter atento a ti. Achas que vais actuar nos teatros de Londres?

— Ah, claro — disse Laurel, franzindo os lábios num gesto reflexivo, como os adultos faziam. — Eu diria que isso é quase certo.

O homem continuava a sorrir, mas a sua expressão entretanto alterara-se, e a princípio Laurel receou que isso se devesse a qualquer coisa que ela tivesse dito ou feito. Foi então que se apercebeu de que ele já não estava a olhar para ela, mas para trás dela, para a fotografia do casamento dos pais que estava na mesa do *hall* de entrada.

— Acha-a bonita? — perguntou-lhe Laurel.

Ele não lhe respondeu. Dirigira-se à mesa e segurava agora a moldura na mão, olhando fixamente para ela como se não acreditasse no que via.

— Vivien — disse ele em voz baixa, tocando no rosto da mãe.

Laurel franziu o sobrolho, interrogando-se o que queria ele dizer com aquilo.

— Essa é a minha mamã — declarou ela. — O nome dela é Dorothy.

O homem olhou para Laurel, com a boca aberta como se se preparasse para dizer qualquer coisa, mas arrependeu-se. Tornou a fechá-la e um sorriso aflorou-lhe aos lábios, um sorriso curioso, como se tivesse acabado de descobrir a solução de um enigma e a

descoberta o deixasse feliz e triste ao mesmo tempo. Voltou a pôr o chapéu e Laurel percebeu que se ia embora.

— A mamã já não demora — disse-lhe ela, confusa. — Foi só à aldeia aqui perto.

Ele, porém, não mudou de ideias, dirigindo-se à porta e passando por baixo da pérgula de glicínias em direcção ao sol radioso. Estendeu uma mão e disse a Laurel:

— Bom, amiga guardadora de galinhas, foi um prazer conhecerte. Aproveita bem a coroação, está bem?

— Vou fazer por isso.

— A propósito, o meu nome é Jimmy, e vou ficar à tua espera nos palcos de Londres.

— Eu chamo-me Laurel — disse ela, apertando-lhe a mão. — Vemo-nos por lá.

Ele riu-se.

— Não tenho grandes dúvidas disso. Pareces-me mesmo o género de pessoa que sabe ouvir com os ouvidos, os olhos e o coração em simultâneo.

Laurel acenou presumidamente com a cabeça.

O homem já se preparava para sair quando se deteve a meio do caminho e voltou atrás por uma última vez.

— Antes que eu me vá embora, Laurel... Os teus pais, achas que eles são felizes?

Laurel franziu o nariz, sem perceber ao certo aonde ele queria chegar.

Ele explicou-se melhor.

— Eles dizem piadas um ao outro, riem-se, dançam e brincam juntos?

Laurel revirou os olhos.

— Ah, sim — respondeu ela —, estão sempre a fazer isso.

— E o teu pai é uma boa pessoa?

Ela coçou a cabeça e assentiu com a cabeça.

— E engraçado também. Está sempre a pôr a mamã a rir-se e a

fazer chá para ela, e sabia que ele lhe salvou a vida? Foi assim que eles se apaixonaram... A mamã caiu por um grande despenhadeiro abaixo e estava sozinha, cheia de medo e em perigo de vida, até que o meu papá se atirou à água, mesmo havendo lá tubarões e crocodilos e piratas também, de certeza, e salvou-a.

— A sério?

— Sim. E depois foram comer amêijoas.

— Bom, nesse caso, Laurel — disse-lhe o homem, o Jimmy —, acho que o teu pai deve ser mesmo o género de homem que a tua mãe merece.

Em seguida, ele baixou o olhar para as botas, com aquele seu ar triste e feliz ao mesmo tempo, acenou-lhe em despedida, e Laurel ficou a vê-lo afastar-se, mas apenas por breves instantes, porque depois começou a pensar quantas rodas seriam precisas para percorrer o caminho que levava ao regato. E quando a mãe chegou a casa e as irmãs também (com um televisor dentro de uma caixa no porta-bagagens), já se tinha esquecido do homem simpático que um dia fora lá a casa e a ajudara a enxotar as galinhas para dentro da capoeira.

Agradecimentos

Devo um agradecimento a um trio inestimável de leitores iniciais, Julia Kretschmer, Davin Patterson e Catherine Milne, à minha brilhante e incansável equipa editorial, incluindo a minha editora, Maria Rejt, Sophie Orme, Liz Cowen e Ali Blackburn da Pan Macmillan, no Reino Unido; Christa Munns e Clara Finlay da Allen & Unwin, na Austrália; as editoras Lisa Keim, Kim Goldstein e Isolde Sauer da Atria, nos Estados Unidos; a Lisa Paterson, uma revisora extraordinária; bem como à minha editora e grande amiga, Annette Barlow, que alegremente atravessou os limites do razoável comigo.

Estou imensamente grata aos meus editores em todo o mundo pelo seu constante apoio, assim como a todas as pessoas talentosas que contribuem para transformar as minhas histórias em livros e as fazer chegar ao público. Obrigada a todos os livreiros, bibliotecários e leitores que continuam a acreditar no meu trabalho; a Wenona Byrne, pelas inúmeras coisas suplementares que faz; a Ruth Hayden, artista e fonte de inspiração; e à minha família e amigos, por me permitirem desaparecer no meu mundo imaginário e depois, como se nada tivesse acontecido, regressar para junto deles. Um agradecimento especial, como sempre, à minha agente, Selwa Anthony, e aos meus filhos preciosos, Oliver e Louis, e, em primeiro lugar, por tudo e mais alguma coisa, ao meu marido, Davin.

*

Durante a investigação e a escrita de *Amores Secretos* consultei inúmeras fontes. Entre as que se revelaram mais úteis, constam: os arquivos *on-line* da BBC, *WW2 People's War*, o Museu da Guerra Imperial, em Londres; o Museu e Arquivo Postal Britânico; *Black Diamonds: The Rise and Fall of an English Dynasty*, de Catherine Bailei; *Nella Last's War: The Second World War Diaries of Housewife, 49*, organizado por Richard Broad e Suzie Fleming; *Debs at War 1939–1945: How Wartime Changed Their Lives*, de Anne De Courcy; *Wartime Britain 1939–1945*, de Juliet Gardiner; *The Thirties: An Intimate History*, de Juliet Gardiner; *Walking the London Blitz*, de Clive Harris; *Having it so Good: Britain in the Fifties*, de Peter Hennessy; *Few Eggs and No Oranges: The Diaries of Vere Hodgson 1940–45*; *How We Lived Then: A History of Everyday Life during the Second World War*, de Norman Longmate; *Never Had It So Good: 1956–63*, de Dominic Sandbrook; *The Fortnight in September*, de RC Sheriff; *Our Longest Days: A People's History of the Second World War*, dos escritores de Observação das Massas, organizado por Sandra Koa Wing; *London at War 1939–1945*, de Philip Ziegler.

O meu obrigada ainda a Penny McMahon do Museu e Arquivo Postal Britânico, por responder às minhas perguntas acerca de carimbos postais; aos amáveis funcionários da Transport for London, que me deixaram vislumbrar como era uma estação do metropolitano na década de 1940; a John Welham, por partilhar comigo os seus conhecimentos notáveis sobre uma ampla panóplia de temas históricos; a Isobel Long, por me prestar informações a respeito do fascinante mundo dos arquivos e da gestão de registos; a Clive Harris, que me continua a providenciar respostas perspicazes para as minhas questões relativas aos tempos da guerra e cuja visita guiada a pé pela Londres atingida pelos bombardeamentos aéreos constituiu a fonte de inspiração para o mundo desta história; e ao Herbert e à Rita, que me contagiaram com o seu amor ao teatro.

Uma fascinante história de segredos e mistérios, de um crime obscuro e de um amor eterno. Mais um livro inesquecível de uma das autoras de maior sucesso dos nossos tempos



Laurel, atriz de sucesso, regressa à casa da família para celebrar o nonagésimo aniversário da mãe, Dorothy, que sofre de Alzheimer.

Esse dia recorda-lhe um outro, há muito esquecido. Naquele fatídico aniversário do seu irmão, Laurel estava escondida na casa da árvore, a fantasiar com um amor adolescente e um futuro grandioso em Londres, quando assistiu a um crime terrível, que mudaria a sua vida para sempre. Foi com terror que Laurel viu a mãe cravar a faca do bolo de aniversário no peito de um desconhecido. O regresso ao local onde tudo aconteceu é a última oportunidade para Laurel descobrir o temível segredo daquele dia e encontrar as respostas que só o passado da sua mãe lhe pode dar. Pista após pista, Laurel irá desvendar a história secreta de três desconhecidos que a Segunda Guerra Mundial uniu em Londres: Dorothy, Vivien e Jimmy, e cujos destinos ficaram para sempre ligados.

«Protagonistas extraordinariamente complexos, paixão, mistério e um final surpreendente»

Booklist

**«Uma história evocadora sobre segredos em tempos de guerra e fidelidade familiar...
A trama desenvolve-se com uma doçura fascinante, mas com uma pitada de inquietação»**

Marie Claire

«História, mistério e memória. Um romance em que passado e presente se entrelaçam com o mistério para cativar irremediavelmente o leitor»

ABC

«Com uma sólida tradição de bestsellers, esta autora traz debaixo do braço mais uma história complexa e envolvente»

El Periodico

Kate Morton cresceu nas montanhas do Sudoeste de Queensland, na Austrália. Licenciou-se em Teatro e, mais recentemente, em Literatura Inglesa. Kate vive com o marido e os dois filhos em Brisbane, num palacete do século XIX repleto de mistérios. *As Horas Distantes* é o seu terceiro romance, depois do sucesso internacional obtido com *O Segredo da Casa de Riverton* e *O Jardim dos Segredos*. Os seus livros estão publicados em 31 países.

Título original: *The Secret Keeper*

Edição em digital: Julho de 2018

© 2010, Kate Morton

© 2018, Penguin Random House, Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edif. Office 123 — Sala 3.6

1069-152 Lisboa

Tradução: Alice Rocha

Revisão: Florbela Barreto e Helena Barbedo

Capa: José Manuel Reis

Imagem superior da capa: © Margarita Kareva / Trevillion Images

Imagem inferior da capa: © Syda Productions

ISBN: 978-989-665-429-0

Composição digital: leerendigital.com

Suma de letras é uma chancela de:

Penguin
Random House
Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

- [1] Acrónimo de British Academy of Film and Television Arts — Academia Britânica das Artes Cinematográficas e Televisivas. (N. da T.)
- [2] Senhor Punch é uma famosa personagem do teatro de marionetas, que aparece habitualmente ao lado da mulher, Judy, e cujas actuações se encontram associadas à cultura tradicional das praias inglesas. (N. da T.)
- [3] Diminutivo por que eram conhecidos os pequenos abrigos antiaéreos prefabricados que os britânicos instalavam nos jardins de suas casas durante a Segunda Guerra Mundial. Esta alcunha deriva do facto de terem sido introduzidos por Sir John Anderson, à época (1939-1941) *home secretary*, o equivalente ao ministro da Administração Interna. Daí os abrigos serem também denominados Anderson. (N. da T.)
- [4] Acrónimo de Air Raid Precautions (Precauções contra Raides Aéreos), uma organização criada em 1924 no Reino Unido e que, no decorrer da Segunda Guerra Mundial, se empenhou na protecção dos civis em caso de ataque aéreo. Era composta na sua maioria por voluntários que distribuíam máscaras de gás, abrigos antiaéreos prefabricados, asseguravam a manutenção dos abrigos públicos e patrulhavam as ruas durante os *blackouts*, de modo a garantir que não havia luzes acesas susceptíveis de atrair a atenção do inimigo. (N. da T.)
- [5] «Alegria de viver.» Em francês, no original. O nome do hotel, Bellevue, significa, literal e ironicamente, «bela vista». (N. da T.)
- [6] Famoso jogador inglês de críquete da época (1901-1995). (N. da T.)
- [7] Festival galês de literatura, música e teatro cujas origens remontam ao século xii. (N. da T.)
- [8] Literalmente, Noite da Fogueira, celebrada todos os anos a 5 de Novembro. Nesta data, em 1605, foi descoberta a Conjura da Pólvora, arquitectada por um grupo de católicos com o intuito de assassinar o rei Jaime I e destruir a Câmara dos Lordes, em Londres. Em sinal de agradecimento pelo fracasso do regicídio, foram acesas fogueiras por toda a cidade, costume que continua ainda hoje a ser observado. (N. da T.)
- [9] Literalmente, Património Inglês. Trata-se de uma organização parcialmente subsidiada por fundos governamentais, orientada para a conservação de monumentos antigos e edifícios históricos em Inglaterra. (N. da T.)
- [10] A alcunha por que Lady Gewndolyn trata a irmã Penélope é inspirada numa fábula bastante popular, também conhecida por *Chicken Little*, cujas origens se perdem no tempo e que tem por protagonista uma galinha que vive sob o medo de que o mundo está prestes a acabar e repete continuamente: «O céu está a desabar!», uma expressão que entrou na língua inglesa. (N. da T.)
- [11] Literalmente, Bolsa de Trabalho, o equivalente a um centro de emprego dos nossos dias. (N. da T.)
- [12] Jogo de cartas vitoriano, jogado com um baralho a que foi retirada uma carta e cujo objectivo é evitar ficar com uma carta sem par no fim (daí o nome, Solteirona). (N. da T.)
- [13] Acrónimo de Royal Air Force, a Real Força Aérea britânica. (N. da T.)
- [14] «O Livro da Sr.^a Beeton de Gestão do Lar» — um famoso guia vitoriano da autoria de Isabella Beeton, publicado em 1861. (N. da T.)
- [15] Termo depreciativo por que eram conhecidos os soldados alemães, e os alemães em geral, sendo que também significa «bacio» ou «penico». (N. da T.)

- [16] Prato composto por um sortido de vegetais e criado no Hotel Savoy, de Londres. Trata-se de uma das inúmeras receitas recomendadas aos britânicos pelo Ministério da Alimentação durante a Segunda Guerra Mundial, com vista a manterem uma dieta saudável apesar dos racionamentos a que estavam sujeitos muitos bens alimentares, como era o caso da carne. (N. da T.)
- [17] «Ementa do dia»; em francês, no original. (N. da T.)
- [18] Literalmente, «A Guerra das Pessoas» — arquivo da BBC de memórias da Segunda Guerra Mundial, compilado a partir das contribuições do público. (N. da T.)
- [19] Acrónimo de Women's Royal Naval Service, o Serviço Feminino da Marinha Real Britânica. (N. da T.)
- [20] A Toastmasters International é uma organização sem fins lucrativos cujo propósito é ajudar os membros dos clubes a melhorar as suas aptidões em termos de comunicação, oratória e liderança (*toastmaster* é uma espécie de mestre-de-cerimónias). Foi fundada em 1932, na Califórnia, e actualmente encontra-se disseminada por todo o mundo. (N. da T.)
- [21] Alcinha de vários locutores do programa radiofónico de propaganda nazi em língua inglesa *Germany Calling* («Daqui Fala a Alemanha»), transmitido a partir da Alemanha entre 1939 e 1945 e destinado aos ouvintes britânicos e norte-americanos. (N. da T.)
- [22] Acrónimo de Australian and New Zealand Army Corps — Corpo do Exército da Austrália e da Nova Zelândia estabelecido na Primeira Guerra Mundial. Consta que estas bolachas eram enviadas pelas esposas dos soldados australianos e neozelandeses que combatiam na Europa, porque não se estragavam com facilidade e aguentavam o transporte marítimo, e, desde então, ficaram conhecidas por este nome. (N. da T.)
- [23] Comemorado a 26 de Dezembro, dia de Santo Estêvão, ou num dos dias da semana posteriores ao Natal. O nome deriva do facto de, antigamente, ser a data em que tradicionalmente os patrões ofereciam presentes aos empregados, presentes esses que vinham em caixas (*boxes*). (N. da T.)
- [24] Em francês, no original — «loucura a dois». (N. da T.)
- [25] Acrónimo de *Time and Relative Dimension in Space* (Tempo e Dimensão Relativa no Espaço), uma máquina do tempo que aparece na série de ficção científica britânica *Dr. Who*. (N. da T.)

Índice

Amores secretos

Primeira Parte. Laurel

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Segunda Parte. Dolly

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Terceira Parte. Vivien

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Quarta Parte. Dorothy

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Agradecimentos

Sobre o livro

Sobre Kate Morton

Créditos

Nota da tradução